

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS



VIAGENS HISTÓRICAS

História e atualização do conceito e práticas de História ao Vivo
(1986-2019).

DÉBORA MARIA BARREIRA MONTEIRO

Dissertação orientada pela Professora Doutora Teresa Vale, especialmente elaborada
para a obtenção do grau de mestre em História da Arte e Património.

2019

Agradecimentos e Dedicatória

Consideramos de uma enorme importância frisar que o desenvolvimento da presente dissertação não teria sido possível sem o apoio, contributo e colaboração de várias pessoas, a quem manifestamos novamente a nossa gratidão e deixamos o nosso agradecimento.

A Raquel Alves Coelho pela disponibilidade e prontidão em ajudar, ora com entrevistas, conversas, emails, documentos e bibliografias. Foi incansável e a sua ajuda foi absolutamente fundamental para que conseguíssemos compreender tudo o que engloba o conceito de *Living History* e a sua evolução em Portugal.

A Paula Bárcia, que nos cedeu um enorme conjunto de preciosos documentos inéditos (editados e não editados), sem os quais não teríamos conseguido a informação necessária para a exposição da história desta matéria em Portugal. Agradecemos a forma como nos recebeu para longos momentos de conversa onde, generosamente, partilhou com detalhe o seu conhecimento profundo e as múltiplas experiências vividas no percurso da História Viva em Portugal. Também a sua leitura prévia deste trabalho permitiu o rigor das informações nele presentes e, por isso, estamos muitíssimo gratos.

Às Dras. Susana Morais e Rita Alves (da Parques de Sintra – Monte da Lua), a Felisa Pérez (da COOLture Tours), ao Dra. Paulo Cuiça (do Museu de Lisboa), a Paula e José Belmar (da Easy Dream), pela colaboração neste trabalho, através de entrevistas nas quais disponibilizaram as informações referentes às instituições de que fazem parte e aos projetos de História Viva que têm vindo a praticar. Estamos igualmente gratos à Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves, mais especificamente ao Dr. Tiago Veiga, pelo convite a praticar ações de História Viva no museu e pelo constante interesse em inovar.

Um especial agradecimento às Dras. Ana Catarina Miranda, Susana Gonçalves Pereira e Alexandra Fernandes (do Palácio Marquês de Pombal) e a Ana Gaspar, não só pela disponibilidade para ajudar como pelo interesse continuo em acompanhar e apoiar o desenvolvimento do projeto proposto na dissertação, sobretudo no que diz respeito ao Palácio Marquês de Pombal e à família que o habitou.

Como não poderia faltar, um agradecimento também à minha orientadora, Professora Doutora Teresa Vale, pela prontidão a ajudar e pela sinceridade nos seus reparos, inclusive pela forma direta como se referia aos pontos mais problemáticos, o que nos permitiu melhorar o desenvolvimento do trabalho de forma eficaz.

Dedico este trabalho aos meus pais, Ana Paula Monteiro e António Monteiro.

Resumo

O presente trabalho pretende abordar a história da História ao Vivo, desde os seus primórdios em Inglaterra, até Portugal, na atualidade. “Viagens Históricas” não será nada mais, nada menos, que o título do projeto a ser proposto na respetiva dissertação: visitas guiadas nas quais os guias turísticos interpretam personalidades históricas da época, no Palácio Marquês de Pombal, local onde as visitas terão lugar.

A ideia surgiu do facto de ser uma amante de História da Arte e por trabalhar desde muito cedo na área artística, como atriz, cantora e bailarina, formada especificamente em Teatro Musical. Sendo muito ligada ao teatro e nutrindo, simultaneamente, um grande fascínio e paixão pela História da Arte, gostaria de conciliar os dois numa perspetiva de trabalho. Assim surgiu a ideia deste projeto, inspirado em algumas iniciativas já existentes e que será criado com base no conceito de “História Viva”, o recurso a formas lúdicas com fim didático, um apelo e uma motivação ao conhecimento de uma determinada matéria, através de imagens vivas, atrativas e que facilmente perduram na memória dos que as viveram, algo que compreenderemos melhor adiante e que terá grande ênfase no trabalho final.

Não obstante, conheceremos algumas das iniciativas semelhantes que têm vindo a ser concretizadas mais recentemente, no Palácio Nacional de Queluz, por parte da Sons & Ecos, entre outros, de forma mais sucinta. Contudo, o grande objetivo do trabalho será abordar a história da História ao Vivo sobretudo em Portugal, propondo uma denominação atual e uma sistematização específica do conceito, segundo a sua evolução ao longo de mais de 30 anos em Portugal. Por fim, com base no conceito, proporemos o projeto “Viagens Históricas”, para as visitas guiadas no Palácio Marquês de Pombal, em que os guias turísticos irão interpretar personalidades históricas da época, dando a visita na primeira pessoa.

Palavras-chave: História da Arte, História Viva, Serviços Educativos, Património, Cultura.

Abstract

The present work intends to approach the Living History's History, from its primordial times in England, until its recent forms in Portugal nowadays. "Historical Travels" is the elected title of the project suggested in the presente dissertation: guided tours in which the tour guides interpret historical personalities of a certain historical period, in Palácio Marquês de Pombal, the venue of the visit.

The idea arose from being a lover of Art History and working since early in the artistic area, as an actress, singer and dancer, specifically graduated in Musical Theatre. Being very attached to the theatre and simultaneously fostering great fascination and passion for Art History, I wanted to merge both areas in a work perspective. Thus, the idea of this project, inspired by some existing initiatives, is based on the concept of "*Living History*", the use of ludic activities with a didactic purpose, an appeal and a motivation to learn a certain subject through images that are alive and attractive, that easily endure in the memory of those who have experienced them – this topic will be analyzed further down in the dissertation since it greatly influenced the final project, something we will understand better forward and that will have great emphasis on the final work degree.

Nevertheless, we'll learn about some of the similar initiatives that have been carried out recently, by the Palácio Nacional de Queluz, by Sons & Ecos, among others, more succinctly. However, this work's main objective will be to address the Living History's History, especially in Portugal, proposing a modern denomination and a specific systematization of the concept, considering its evolution over more than 30 years in Portugal. Finally, based on this concept, we will suggest the "Historical Travels" project for the guided tours in the Palácio Marquês de Pombal, where the tour guides will interpret historical personalities of the time, guiding the visit using first-person interpretation.

Key Words: Art History, Living History, Educational Services, Heritage, Culture.

Índice

Agradecimentos e Dedicatória.....	1
Introdução.....	6
1. Génese do conceito de História ao Vivo e a sua Introdução em Portugal.....	10
1.1. Em que consiste o conceito de História Viva.....	14
1.2. As origens, circunstâncias, motivações e divulgação do surgimento do conceito	20
1.3. Chegada a Portugal em 1986.....	30
2. A importância e ação da APOM, do Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses e de outras instituições precursoras na realização de ações baseadas no conceito de História ao Vivo.....	36
3. Consolidação de uma prática pedagógica e a evolução do conceito, desde 1986 até 2019.....	64
3.1. Estratégias de educação patrimonial e de entretenimento lúdico: A História Viva; A Recriação Histórica; Visitas com Oficina; Visitas Encenadas.....	69
4. A criação de uma indústria sobre ações de História ao Vivo, conceito alargado.....	82
4.1. O exemplo do Palácio Nacional de Queluz.....	90
4.2. O exemplo da empresa Sons & Ecos.....	107
5. O futuro do conceito de História Viva.....	117
6. O Palácio Marquês de Pombal: breve história das iniciativas de História Viva que lá se realizam.....	136
6.1. Proposta de visita guiada com base no conceito.....	140

7. Conclusão.....	143
8. Fontes e Bibliografia.....	147
8.1. Bibliografia Geral.....	147
8.2. Bibliografia Específica.....	149
8.3. Webgrafia (consultada entre outubro de 2018 e agosto de 2019).....	155
8.4. Registos de Áudio e Audiovisuais.....	157
8.5. Arquivos Pessoais.....	157
9. Anexos.....	159
9.1. Anexo Fotográfico.....	159
9.2. Anexo Documental.....	222

Introdução

O presente trabalho centra-se na história e evolução do conceito original de *Living History*: as suas origens, a sua introdução em Portugal e respetiva tradução para “História ao Vivo”, as primeiras intervenções, a evolução do conceito, práticas atuais e projeções futuras, com grande foco numa proposta de teorização e sistematização atual do conceito, que entendemos como História Viva.

No decorrer da dissertação, é nosso objetivo dar uma visão dos primórdios da História ao Vivo em Portugal, desde a sua introdução, sob a ação da Associação Portuguesa de Museologia (APOM) em 1986 até 2009 e de 2009 até 2019, ano em que concluímos o trabalho de investigação, reflexão e reunião de informação sobre esta prática. Utilizamos igualmente o ano 2009 como um ponto de charneira porque nesse mesmo ano, Raquel Alves Coelho redige a sua Dissertação de Mestrado sobre este tema, um texto extremamente bem sistematizado sobre esta prática tão pouco documentada, sobretudo em Portugal. Pretendemos, portanto, fazer uma atualização do estado da História Viva nos dez anos que se passaram e nos quais, tanto quanto nos apercebemos, não surgiu mais documentação ou informação sobre este tema.¹ Esta é uma das questões que se mantém igual desde cerca do ano 2000 e que Raquel menciona na sua dissertação. Assim, é esta uma das razões que nos levou a conduzir o trabalho da forma que veremos adiante, de modo a sistematizarmos o máximo de informação sobre o conceito e prática de História Viva em Portugal, atualizando e teorizando o seu conceito.

Podemos afirmar que um dos nossos principais objetivos é defender a História Viva como um conceito que existe como tal, que tem regras-base fundamentais a seguir e que tem, sobretudo, grande importância como estratégia a desenvolver pelas entidades vocacionadas para o ensino e divulgação do património histórico e cultural: um dos meios ao alcance dos serviços de ação educativa, entre outros recursos destinados aos públicos dos museus, dos monumentos, das autarquias, incumbidos de divulgar lugares de memória, promovendo a cultura de um país com oito décadas de História, com a dupla responsabilidade de a manter viva e ao alcance de todos segundo os preceitos e o rigor que lhe são intrínsecas.

¹ Podemos verificar que a documentação sobre esta matéria em Portugal é muito escassa, muito dispersa e de difícil acesso, no sentido em que muita dessa informação ou documentação é difícil de localizar ou encontrar, em parte por não terem sido publicados ou porque os que foram editados foram distribuídos em contextos restritos e/ou por meras ocasiões efémeras.

Apesar de, ao longo dos capítulos, mencionarmos e analisarmos várias ações e algumas autarquias, o nosso foco foi direcionado especialmente para o Palácio Nacional de Queluz, para a empresa de recriação histórica Sons & Ecos e para o Palácio Marquês de Pombal. Esta escolha deve-se ao facto de todos eles criarem e praticarem projetos de História Viva, sendo totalmente diferentes entre si na forma como funcionam internamente, como veremos adiante. Note-se que foi determinante para a realização deste trabalho, a colaboração das entidades acima referidas, bem como a de profissionais desta área: sobretudo Raquel Alves Coelho e Paula Bárcia (que fez parte dos projetos primórdios em Portugal).

Pretendemos, com o estudo, investigação e reflexão a que nos propusemos, sistematizar de forma linear toda a informação que possuímos e as conclusões às quais nos levaram – da génese em Portugal à evolução do conceito até 2019, passando pela recolha e organização cronológica das principais intervenções de História ao Vivo, realizadas sob orientação da APOM nos anos subsequentes ao da sua introdução em Portugal, fazendo de igual forma uma atualização e comparação com os primórdios, com 2009 e de 2009 até 2019 – terminando numa reflexão assente nos projetos hoje realizados em torno de lugares históricos: os riscos e os benefícios da origem de uma indústria de lazer; o trabalho de pesquisa histórica com os museus e bibliotecas e a defesa desta ideia enquanto atividade científica; uma reflexão sobre o hoje e o futuro da História Viva no nosso país. Como a História Viva trata de transportar o público para o passado, numa viagem na qual irão conhecer pessoalmente, ver, sentir e compreender o passado e as personalidades que nele viviam segundo um quotidiano específico de cada pessoa e época, terminamos a dissertação com a proposta de um projeto, as “Viagens Históricas”, a ser posto em prática no Palácio Marquês de Pombal, e que, como verificaremos, será possível adaptar a qualquer Museu, Palácio ou local histórico ao ar livre.

Desta forma, é importante entender que para a realização de um projeto de História Viva, é necessário, em primeiro lugar, a escolha de um tema com base num testemunho do passado: uma época histórica, um monumento, uma peça de um museu, etc., que se pretende dar a conhecer, dando-lhe vida. Tal implica um longo período de investigação sobre o objeto a focar, de modo a animá-lo, seguindo o rigor histórico de que está imbuído. Se pretendemos focar uma determinada época histórica, há que escolher o local apropriado ao período a recriar. Esse local deverá ser, o mais possível, um cenário histórico que espelhe essa mesma época. Após a escolha do tema e do local onde se realizará a ação, é necessário selecionar a população alvo a que esta se destina.

Definidos estes elementos primordiais, dá-se início a um momento fundamental do projeto: a pesquisa histórica sobre a época, o local, factos marcantes, costumes, figuras históricas, linguagem, vestuário, literatura, música, jogos, objetos, materiais, alimentação – tudo o que virá a servir para retratar com rigor a realidade desse tempo, num determinado local de acordo com o tema a desenvolver.

Realizada a investigação inerente ao projeto segue-se a organização do dossier que servirá de suporte a todos os participantes: atores, professores, alunos, etc. Esse documento escrito poderá servir de base para a criação de um catálogo que informe, documente e ilustre o que a ação pretende comunicar, para que os visitantes possam tirar o maior proveito daquilo que podemos considerar similar a uma exposição temporária. Um instrumento que conduza o público e que perdure para utilizações futuras.

Como nos explica Raquel Alves Coelho na sua dissertação, tratando-se de trabalhos realizados para escolas, esta documentação, depois de organizada e adequada aos níveis de ensino que se pretende abranger, deverá ser entregue aos professores envolvidos para que possam preparar, na escola, os alunos que nela irão participar. Contudo, será proveitoso criar também cadernos atrativos com textos, jogos e imagens a distribuir pelos alunos, em papel ou suporte digital.² O objetivo é fazer com que todos os participantes ingressem no espírito da época e do tema a explorar e se entusiasmem com o conhecimento dos mesmos.

Antes de passarmos, então, para a génese do conceito e a sua introdução em Portugal, eis um breve resumo de uma prática que vai para além do ensino da História. É aprender a rever nas coisas a nossa identidade, criar laços, sentir que nos pertencem provocando o desejo de estar próximo, de nos envolvermos com elas e de as protegermos: *“A educação como aprendizagem permanente, a partir da transmissão dos saberes, do exemplo e da experiência, tem, por isso, um papel crescente e fundamental no combate pela «sociedade de cultura», pela «cultura da paz» e pela defesa e salvaguarda de um Património comum, da humanidade, dos povos e das pessoas. Seguindo o ensinamento de John Dewey, que o nosso António Sérgio cultivou, trata-se de entender a formação cívica não como uma antecâmara para a vida, mas como uma vivência quotidiana da liberdade e da responsabilidade, e da lenta, gradual e permanente*

² Vide COELHO, Raquel da Assunção Bernardo Alves, *História Viva. A Recriação Histórica como Veículo de Divulgação do Património Histórico e Artístico Nacional (1986-2009). Conceitos e Práticas.*, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2009.

*construção educativa (...)*³ É este desejo de salvaguarda de um património comum – que é também o ensino da cidadania baseada no conhecimento da História e da tradição – que se pretende estender através de laços de afeto, criados através de viagens ao passado, de forma a ser possível vivê-lo, senti-lo, conhecê-lo e, acima de tudo, compreendê-lo.

³ Cf. MARTINS, Guilherme d'Oliveira, *Património, Herança e Memória – A cultura como criação*, Gradiva, Lisboa, 2009, p. 17.

1. Génese do conceito de História ao Vivo e a sua Introdução em Portugal

«A técnica de “História ao Vivo”, sendo uma forma de expressão dramática, é um pouco especial: com ela se faz a recriação pormenorizada de uma época da História, de preferência ligada a um testemunho do passado, como um edifício, monumento ou sítio histórico, a que se pretende insuflar vida.»⁴

Apesar do conceito vulgarmente conhecido como História ao Vivo ser já bastante divulgado e praticado em diversas partes do mundo, inclusive em Portugal, durante a investigação e o tempo de pesquisa para a realização do presente trabalho, constatámos que tanto em Portugal, como em Inglaterra e América do Norte, a informação sobre esta matéria se encontrava muito dispersa e de difícil acesso relativamente aos primeiros anos em que se começou a praticar ações segundo o conceito de História ao Vivo. A partir dos anos 90 do século XX, tanto no Reino Unido como nos Estados Unidos a técnica de *Living History* encontrou lugar no meio museológico e alicerçares firmes para a consolidação do conceito.

Inicialmente, muitas das publicações existentes eram distribuídas em meios privados ou editadas por pequenas editoras que faziam uma distribuição restrita dos poucos exemplares impressos. Ao longo do tempo, o acesso a bibliografia sobre o tema, fora de Portugal, tornou-se mais facilmente alcançável, sobretudo através de *sites* como o do English Heritage⁵, que se dedica intensamente a esta matéria. Desde livros muito específicos sobre alimentação e receitas, passando por publicações sobre sítios históricos como castelos, palácios e legados arqueológicos de Inglaterra, até à vida comum em diferentes épocas, encontram-se com facilidade textos escritos por investigadores e historiadores ingleses, acessíveis tanto para a infância como para leitores adultos,

⁴ Cf. BÁRCIA, Paula, *Manual de História ao Vivo*, Terramar e Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Lisboa, 1990, p. 7.

⁵ <https://www.english-heritage.org.uk/>

existindo também uma oferta diversificada de publicações para o desenvolvimento de projetos de recriação histórica.

Em Portugal, desde 1986 até a atualidade não se observa o mesmo desenvolvimento em termos de materiais editados. Houve durante os primeiros dez anos de História ao Vivo em Portugal algumas edições resultantes de pesquisas muito completas e inovadoras, de que são exemplo publicações do Grupo de Trabalho de Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos⁶, que conheceremos adiante, embora outros de igual valor não tenham sido publicados, mas apenas distribuídos em contextos mais circunscritos. Existem também ainda algumas publicações da Associação Portuguesa de Museologia (APOM), nomeadamente no âmbito de colóquios e conferências realizados, onde ficaram registados os princípios teóricos da técnica de História ao Vivo.⁷

⁶ Passamos a mencionar os respetivos documentos: AA.VV. (Coord. PROENÇA, Maria Cândida, PINTO, Maria José), *A Escola e os Descobrimentos – História Local*, Grupo de Trabalho Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Lisboa, 1991. ; BÁRCIA, Paula, *Baús Pedagógicos: Utilização e Conteúdo*, Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Editorial do Ministério da Educação, s.d. ; BÁRCIA, Paula, *Manual de História ao Vivo*, Ministério da Educação, Lisboa, 1990. ; BÁRCIA, Paula, MOTA, Maria Manuela, VIANA, Teresa, *A Propósito do Século XVI*, Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Lisboa, 1989. ; BÁRCIA, Paula, *Brites e Joane vão de Aventura na Corte de D. Manuel*, Editorial Vega, 1991. ; BÁRCIA, Paula, *Brites e Joane vão de Aventura em S. Tomé*, Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Lisboa, 1996. ; BÁRCIA, Paula, *Brites e Joane vão de Aventura em Macau*, Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Lisboa, 2000. ; BÁRCIA, Paula, “História ao Vivo”, «Forma: “Sobre os Descobrimentos Portugueses”», n.º 36, Direcção-Geral de Extensão Educativa - Publicação para formadores e animadores/monitores, Editorial do Ministério da Educação, Algueirão, Março de 1990, pp.27, 28. ; BÁRCIA, Paula, *Lisboa à Beira-Rio – Quatro Percursos para Descobrir a Lisboa do Passado*, Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Lisboa, 1998. ; BÁRCIA, Paula, *Manual de História ao Vivo*, Terramar e Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Lisboa, 1990. ; BÁRCIA, Paula, COELHO, Paula, MOTA, Maria Manuela, (Revisão científica: CRUZ, Maria Augusta Lima), *A Propósito da Embaixada dos Meninos Japoneses à Europa e da sua Passagem Por Portugal (Seleccção de Textos) – Documentação de Apoio ao Projecto de “História ao Vivo” realizado no Palácio Nacional da Vila, em Sintra, em Maio / Junho de 1993*, Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Lisboa, 1993. ; COELHO, Raquel da Assunção Bernardo Alves, *op. cit. Conceitos e Práticas.*, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2009. ; Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, «A Escola e os Descobrimentos», Dossiers, Publimédia, Suplemento para distribuição com o «Expresso», Lisboa, 11 de Janeiro de 1992.

⁷ Relativamente ao trabalho desenvolvido pela APOM, enunciamos as principais publicações: Associação Portuguesa de Museologia, *Actas do Colóquio APOM/86 – «Viver o Passado: Museus e Monumentos ao serviço da Comunidade»*, Faro, 1 – 4 de Maio 1987; Associação Portuguesa de Museologia, *Actas do Colóquio APOM/87 – «A Escola vai ao Museu»*, Lisboa – Palácio Galveias, 30 de Abril – 3 de Maio 1987; Associação Portuguesa de Museologia, Catálogo da Exposição: «História ao Vivo: Propostas de Animação Cultural Segundo a Técnica “Living History”», 8 vols., APOM, Lisboa, 1987; Associação Portuguesa de Museologia, Catálogo da Exposição: «O Palácio de Estói: Véspera da Inauguração dos Jardins do Palácio – 30 de Abril 1909», APOM, Lisboa, 1987; Associação Portuguesa de Museologia, Catálogo da Exposição: «Uma Povoação Rural: Celebração do Maio em Santa Bárbara de Nexe», APOM, Lisboa, 1987; Associação Portuguesa de Museologia, Catálogo da Exposição: «Nós e os Romanos: Um Dia na Vila Romana de Milreu, Estói, Algarve», APOM, Lisboa, 1987; Associação Portuguesa de Museologia, Catálogo da

Passada esta fase inicial de sensivelmente dez anos até 2009, a matéria teórica sobre o tema deixou de existir, ou pelo menos, se existe alguma, foi novamente distribuída apenas em meios extremamente restritos aos quais não tivemos acesso ou conhecimento. Em 2009, é redigida a Dissertação de Mestrado “*História Viva. A Recriação Histórica como Veículo de Divulgação do Património Histórico e Artístico Nacional (1986-2009). Conceitos e Práticas*”, por Raquel Alves Coelho, através da qual se tornou possível ter toda a informação relacionada com a história e conceito de História ao Vivo extremamente bem sistematizada, assim como um apanhado de várias empresas, práticas e projetos realizados ao longo dos anos, sobretudo em Portugal. Contudo, nos dez anos seguintes não surgiu nada mais de significativo, como seria necessário para recuperar ainda alguns aspetos do conceito de História ao Vivo, que permanecem desrespeitados por algumas ações praticadas, como poderemos verificar ao longo do trabalho.

Antes de avançarmos para o ponto seguinte, será também importante frisar que o termo «História ao Vivo» foi a solução de tradução encontrada, pelos mentores da estratégia em Portugal (nos anos 1980), para «*Living History*», como era, e é, designado em Inglaterra. Dado que esse nome foi registado para uso exclusivo desse grupo de trabalho, que incluía membros da APOM, Raquel Alves Coelho adotou na sua dissertação a designação «História Viva», para se referir ao mesmo conceito, sem usar o nome que havia sido registado por um grupo do qual não fazia parte. Atualmente, passados dez anos da apresentação do seu trabalho, a autora utiliza essencialmente a expressão «recriação histórica» para tudo o que diga respeito a «História Viva», dado que houve uma evolução no trabalho desenvolvido neste ramo. Porém, consideramos que o termo «História Viva» pode abranger todas as ações que se realizem com bases didáticas e fundamentos historicamente corretos, dentro do possível em cada situação. Assim sendo, utilizaremos o termo «História Viva» como tradução ao termo inglês «*Living History*», considerando o termo «Recriação Histórica», entre outros tipos de ações relacionadas com a História Viva, como aprofundaremos adiante. Sempre que referirmos o termo “História ao Vivo”,

Exposição: «Faro 1573: O Povo Recebe o Rei», APOM, Lisboa, 1987; Associação Portuguesa de Museologia, Catálogo da Exposição: «O Castelo de S. Filipe Depois da Reconquista, 1640, Setúbal», APOM, Lisboa, 1987; Associação Portuguesa de Museologia, Catálogo da Exposição: «Acordar História Adormecida: Museu da Fundação Ricardo Espírito Santo e Silva», APOM, Lisboa, 1987; Associação Portuguesa de Museologia, Catálogo da Exposição: «Um Ataque de Corsários ao Funchal», APOM, Lisboa, 1987. É também de salientar a comunicação de Maria Manuela Mota onde são enunciados os traços basilares para o funcionamento e diálogo profícuos entre o Museu e a Escola: MOTA, Maria Manuela, «O Museu e o Ensino da História», *IX Encontro de Professores de História (Caldas da Rainha, 15, 16 e 17 de Maio de 199): Comunicações*, Produzido por: Património Histórico – Grupo de Estudos, Gráfica da Ponte, Caldas da Rainha, 1995, pp. 99-109.

este deve ser entendido apenas como o conceito original, referindo-se a práticas adjacentes à época em que este conceito surgiu.

Para a realização do presente trabalho, no que se refere a Portugal, baseámo-nos em documentos originais dos arquivos pessoais de Paula Bárcia, como livros não editados e dossiês documentais, gentilmente cedidos pelas principais mentoras da História ao Vivo em Portugal – Dra. Manuela Mota e Dra. Paula Bárcia. Foram absolutamente fundamentais as entrevistas que nos concederam as mentoras, bem como a Dra. Raquel Alves Coelho, profissional desta área há cerca de trinta anos. A informação recolhida através das visitas guiadas com recurso a ações de História Viva a que atentamos, bem como a experiência que começamos a desenvolver por trabalhar no meio, tornaram-se fulcrais para a compreensão da evolução do conceito, bem como da sua história. Recorremos de igual forma à informação disponível na internet.

No respeitante à realidade sobre esta prática fora de Portugal existe, como suprarreferido, bastante bibliografia editada sobre os diversos temas que o conceito engloba, com fins teóricos e práticos.

Para o desenvolvimento do primeiro ponto do trabalho foi-nos fundamental o apoio de Paula Bárcia e Raquel Alves Coelho, que nos cederam documentação que já não está disponível para o público, sobretudo os livros *20 Years of Living History in Britain*⁸ e *Living History – Reconstructing the Past With Children*⁹. Através destas obras, especialmente da primeira, pudemos ler depoimentos de vários especialistas que estiveram envolvidos na introdução e consolidação da *Living History* como prática museológica no Reino Unido. Para complementar estas informações, procedemos à consulta de vários *sites* na internet, através dos quais pudemos inteirar-nos do desenvolvimento e práticas atuais em torno desta matéria.

Assim pudemos recolher informação sobre *Living History* em Inglaterra, onde surgiu o conceito, e em Portugal, nosso objeto de estudo com o fim de reunir, sistematizar e atualizar o percurso realizado até 2019. Para melhor compreensão do tema em questão, no decorrer do trabalho sentimos a necessidade de nos aproximarmos das práticas e orientações seguidas nos Estados Unidos da América, uma vez que a bibliografia inglesa remete muitas vezes para o desenvolvimento desta técnica praticada nos EUA. Seria

⁸ PEACHEY, Stuart, *20 Years of Living History in Britain*, Stuart Press – Historical Management Associates, Ltd., Bristol, 1997.

⁹ FAIRCLOUGH, John, REDSELL, Patrick, *Living History – Reconstructing the Past With Children*, English Heritage, - Historic Buildings & Monuments Commission for England, 1985.

nosso objetivo desenvolver o trabalho realizado no Canadá e Austrália, países com um excelente desenvolvimento da matéria, mas optamos por não nos alargar por outros territórios do mundo para não nos dispersarmos em relação ao nosso tema central: a história, sistematização, teorização e evolução do conceito de História ao Vivo, bem como a atualização do seu conceito em Portugal.

1.1. Em que consiste o conceito de História Viva

«Iniciativas (...) que recorrem a formas lúdicas com um fim didático. São um apelo e uma motivação ao conhecimento de uma determinada matéria, através de imagens vivas, atractivas e que facilmente perduram na memória dos que a viveram.»¹⁰

A prática de ações segundo o conceito de História Viva é o recurso a formas lúdicas com fim didático, um apelo e uma motivação ao conhecimento de uma determinada matéria, através de imagens vivas, atrativas e que facilmente perduram na memória dos que as viveram. A História Viva recorre ao trabalho de atores ou animadores formados para o efeito, responsáveis por estudar os respetivos personagens não só através dos livros e/ou dossiês que reúnam toda a informação recolhida durante a fase de pesquisa e investigação como através de um guião, em que não se definem falas rigorosas mas sim algumas diretrizes, uma vez que não se trata propriamente de representar mas sim de improvisar encarnando personagens de uma determinada época, da forma o mais natural possível. Por essa razão, o guião menciona apenas horários, tarefas, características das personagens, hábitos e a linguagem do tempo a retratar.

Consoante as figuras que se pretende recriar e em que circunstâncias, haverá lugar a uma distribuição de papéis pelos atores. A entidade organizadora deverá colaborar na construção dos personagens e verificar a interpretação de cada ator, de modo a que o seu desempenho corresponda o mais possível à figura que representará. Por se tratar de um trabalho de improvisação, os atores têm de estar muito bem documentados e à vontade

¹⁰ Cf. COELHO, Raquel da Assunção Bernardo Alves, *op. cit.*, p.9.

com toda a informação respeitante ao seu personagem, de modo a serem capazes de representar uma época cujos costumes, linguagem, gestos, são muito próprios e diferentes daquela em que vivem.

Nos primeiros anos da introdução do conceito de História Viva em Portugal (História ao Vivo, na altura), defendia-se que numa ação do género não existia público, por não se tratar de um espetáculo ou de uma peça de teatro. Assim, quem assistia teria de se vestir e encarnar um personagem da época retratada. Através da intensa pesquisa realizada no decorrer do presente trabalho, e segundo opinião de vários especialistas na matéria, podemos afirmar que uma ação de História Viva ou de Recriação Histórica pode atingir os resultados pretendidos quer o público assista simplesmente como visitante, quer se vista e entre na época reproduzida, encarnando uma figura.

É através de pequenos pormenores como este que é possível entender que existem várias formas de História Viva. Por exemplo, numa visita ao Palácio Marquês de Pombal, o público é surpreendido pela Marquesa Leonor de Daun (Marquesa de Pombal) na Cascata dos Poetas, a ler um poema (século XVIII), o que de alguma forma acrescenta informação ao guia que os conduz pelos espaços. Ou que numa visita guiada ao Museu da Cidade, numa sala representativa do século XVI, se encontra um grupo de músicos, vestidos à época, a interpretar a obra “Puestos Estan Frente a Frente”,¹¹ ou qualquer outra obra da mesma época.

Estes pequenos apontamentos são igualmente considerados uma forma de História Viva, a que o público pode ter acesso de modo a que lhes sejam transmitidos conhecimentos sobre o vestuário, linguagem, gestos, música, entre outras informações, sem que participem ativamente na ação. Estando esses quadros animados bem integrados no espaço e no discurso do guia do museu, são como uma espécie de miragem ou sonho que ali se concretiza de modo a dar vida a um determinado momento ou dado histórico. Esta ilustração viva vem, sem dúvida, firmar na memória do público que a viu, através de imagens, os conhecimentos transmitidos pelo monitor do museu ou pelos textos do manual escolar. Este tipo de animação com base na História não deixa de ser enriquecedora para os visitantes da exposição, apesar de não a integrarem como personagens e torna-se mais viável para as escolas, por não exigir uma preparação prévia tão complexa como acontecia nas ações de História ao Vivo (ou seja, segundo os seus preceitos originais) em que cada aluno encarnava uma personagem.

¹¹ *Vide idem.*, p. 17.

Tendo conhecimento das dificuldades em financiar ações de grande envergadura como as realizadas pela APOM e pelo Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses – em que era necessário pagar a atores e animadores, bailarinos, músicos, construir centenas de adereços e outros elementos cenográficos, guarda-roupa, entre outros –, é atualmente mais exequível para um museu promover atividades com quadros vivos que envolvam poucos recursos humanos. Durante o trabalho empregamos a designação “quadros vivos” referindo-nos precisamente à recriação de cenas históricas com o recurso à dramatização, com base em pesquisa realizada a partir de textos, pinturas e outros documentos da época a recriar.

O conceito de “tableaux vivants”, muito comum nos séculos XVIII e XIX, teve origem na prática de reconstituição com recurso ao drama, em que uma ou mais pessoas imitavam os gestos e modos de vestir, de forma a reproduzir determinadas cenas ou personagens históricas, literárias ou pictóricas, mantendo-se estáticas durante alguns segundos. Em finais do século XVIII, no Palácio Real de Versalhes, Madame de Genlis (“Gouverneur” dos filhos do Duque de Orleães), encenou alguns “tableaux vivants” a partir de pinturas de Jacques-Louis David. O objetivo destas dramatizações não se resumia ao divertimento, mas servia sobretudo a educar e informar os jovens sobre a vida dos seus antepassados e dos seus direitos.

O recurso à técnica dos “tableaux vivants” mantém-se ativa nos nossos dias. Ludovica Rambelli, em 2008, levou à cena no Malatheatre, em Nápoles, um espetáculo com duração de 40 minutos intitulado «Caravaggio XXI», em que um grupo de atores reproduziu 21 quadros vivos a partir de 21 pinturas de Michelangelo Merisi da Caravaggio¹². Também no Palácio Nacional de Queluz, desde os primórdios da História

¹² «A show of large visual impact, that puts on the stage a lot Caravaggio' paints, with the tableaux vivants technology. The Malatheatre company, between light and darkness, gives life to the models of road and to the subjects of the damned genius. The most attractive works of Michelangelo Merisi from Caravaggio realized under the eyes of the onlookers, using the tableaux vivants technology. With little materials and simple objects, the actors of the Malatheatre company, under the direction of Ludovica Rambelli, give life to the models of road and to the sacred subjects and profanes immortalized from the large genius damned of the art. Between atmospheres of lights and music, the production of the models in pose culminates with the creative instant of the last accomplishment of every painting, it is composed under the look kidnapped of the onlookers, that participate to the event and work in the space, choosing whatever point of view allow them to pick the metamorphosis of the plots “caravaggiesche” from paint to paint». – Cf. COELHO, Raquel da Assunção Bernardo Alves, *op. cit.*, pp. 18 e 19, informação retirada originalmente do site http://metacafe.com/watch/2309000/caravaggio_xxi_21_tableaux_vivants_from_paintings_of_michelangelo_merisi_da_caravaggio/ (cf.: <http://www.malatheatre.com/>, esta informação já não se encontra disponível atualmente). A título de curiosidade, e para melhor se entender o conceito em questão, veja-se a definição (hist.) do *Oxford English Dictionary* para “Tableaux Vivants”: «*Figures posed, silent and immobile, for twenty and thirty seconds, in imitation of well-known Works of art or dramatic scenes from history and literature.*».

Viva em Portugal, recorrem a quadros vivos nas suas visitas guiadas, como aprofundaremos adiante.

Contudo, não deixamos de considerar as recriações de grandes dimensões muito valiosas e ainda praticáveis, tendo em conta que se podem promover com a colaboração de várias entidades, numa cooperação entre Museus, Câmaras Municipais, Juntas de Freguesias, escolas e comunidades locais, empresas de recriação histórica (sendo que atualmente existem já bastantes), recorrendo também a entidades patrocinadoras, uma vez que estas ações requerem um longo período de preparação, incluindo todo o processo de sensibilização junto das diversas entidades envolvidas, a investigação e elaboração de dossiês documentais, construção de elementos cenográficos, guarda-roupa, adereços, etc., o que se traduz num elevado investimento temporal, material e financeiro.

Temos desde há cerca de trinta anos alguns exemplos, embora algo deturpados, de outras vertentes da animação histórica decorrentes da introdução da técnica de História ao Vivo em Portugal, que obrigam a uma mobilização de toda a comunidade da cidade onde se realizam, de que são exemplo as Feiras Medievais, e cujo processo desde a ideia inicial até aos dias da ação final, pode ocupar vários meses de um ano na sua criação e interpretação.

Atualmente, ao contrário do que se fazia nos primeiros anos em que o conceito foi introduzido em Portugal, existe público que assiste sem ter de encarnar uma figura de época para poder participar na ação, como acontece na visita a uma exposição. De um modo geral, a cidade, praça, monumento ou outro espaço onde se realize a ação, está aberto a todos os que queiram conhecer um pouco mais sobre a época em que aquele legado histórico fora construído e vivido na sua origem.

Porém, como meio de transmissão e de comunicação da História destinada ao público escolar, a História Viva utilizada em projetos de grandes dimensões como a recriação de feiras de época, leva a um conhecimento mais aprofundado quando os estudantes são levados a viver essa época como participantes na mesma, sendo o espaço onde esta se realiza, vedado aos que não encarnem personagens do tempo retratado, como aconteceu por exemplo num dos grandes projetos de História ao Vivo promovido pela APOM: «...e outra vez conquistemos a distância». Esta ação assentou sobre o tema dos descobrimentos com a recriação das vésperas da partida de uma armada para a Índia, realizado na Ribeira das Naus e que iremos descrever mais adiante.

A História Viva, desde há vários anos que não se destina apenas ao público escolar, sendo uma forma eficaz de promover o turismo cultural de uma determinada

região. E nestes casos torna-se muito difícil fazer com que o público participe sem ser apenas como visitante observador – apesar de, em alguns casos, como na Feira Medieval de Óbidos, grande parte do público decidir vestir-se seguindo os costumes da época retratada, embora com pouco controle no que respeita a veracidade histórica.

Do nosso ponto de vista, e tal como foi igualmente referido por Raquel Alves Coelho, ao longo dos anos que decorrem desde a introdução desta técnica de divulgação do património até aos dias que correm, houve uma evolução contínua e criaram-se novos públicos, interessados neste tipo de produto. Grande parte das novas formas de ações de História Viva não seguem exatamente o que o conceito inicialmente exigia, o que não implica que, nesta nova forma de recriar e viver a História, se esteja a corromper o conceito inicialmente defendido. O que acontece é uma evolução natural e necessária que, para que o conceito se mantenha fiel, é fundamental manter o rigor histórico na realização e concretização de novos projetos.

Com efeito, esta técnica foi desde o seu início bem-sucedida, tendo vindo a ser solicitada para um número de situações cada vez mais amplo, de modo a ter de se adaptar às necessidades daqueles que a promovem e que dela usufruem. Com esta prática mantemos viva a História e o Património, muitas vezes ignorados e olvidados e que, através desta prática, são dados a conhecer de forma lúdica e ao alcance dos mais diversos públicos, independentemente do grau de conhecimento ou nível cultural dos que dela usufruem, independentemente da faixa etária, com ela aprendem a amar e respeitar a memória cultural e tradições de um povo ou região, ou mesmo de um sítio histórico quase esquecido.

A História Vivo, seja recriação histórica, animação histórica, visitas encenadas, entre outras designações e tipos de ações que veremos adiante, são formas de tradução de factos de outros tempos, tornando o passado mais facilmente perceptível e acessível a todos os tipos de público, mesmo aos que dizem não gostar de história. Antes de passarmos às suas origens, é importante conhecer e compreender algumas denominações, utilizadas para nos referirmos a determinados termos relacionados com o «*Living History*». São termos sobre o vocabulário específico utilizado pelos ingleses e norte americanos, cuja transposição para o português pode gerar dificuldades, por não se encontrar ainda uma tradução exata para algumas designações e porque não existe ainda um dicionário específico aceite para determinar as denominações em questão.

Na bibliografia proveniente tanto de Inglaterra como dos Estados Unidos, são usados termos como «*re-enactor*», «*re-enactment*», «*first-person historical interpretation*», «*roleplay*», que surgem recorrentemente associados à «*Living History*».

O termo «*re-enactor*» é usado para referir o ator/animador que interpreta ações passadas durante acontecimentos reais, ou que encarna no tempo presente a vida de alguém de outra época, como se estivesse a viver nessa mesma época. «*Re-enactment*» é o ato de encarnar uma personagem do passado, vivendo-o.

Quando nos referimos a «*first-person historical interpretation*», ou simplesmente «*first-person interpretation*», propomo-nos a designar a ação no sentido teatral em que o ator/animador vive num tempo passado como se da sua vida se tratasse, falando na primeira pessoa. Este intérprete da história tem como objetivo primeiro o de passar a informação ao público, acerca da sua vida e da vida de quem o rodeou na sua época, através da demonstração e exposição, encarnando um personagem de um modo o mais autêntico possível, de acordo com uma profunda investigação e pesquisa. Esta designação está diretamente ligada à «*third-person interpretation*», igualmente utilizada para comunicar o passado em ações de reconstituição histórica:

*«The two major types of interactive living history interpretation are first person and third-person. Third-person interpretation is the most common form of interpreter-visitor interaction. Using this method, interpreters, often dressed in period attire, describe, demonstrate, illustrate, and compare their subject in ways that effectively communicate its meaning to visitors. Interpreters refer to the past as the past.»*¹³

Já o termo «*roleplay*» diz respeito à ação dos que praticam a recriação histórica encarnando personagens:

*«In the prototypical form of interactive historical roleplay, interpreters recreate the daily activities, thoughts, and behavior of real (or composite) historical people. Presentations may be spontaneous or built around scenarios, themes, or specific events.»*¹⁴

Note-se que todos estes termos se cruzam para definir a ação de representar personagens históricas e reproduzir circunstâncias passadas, em que os atores/animadores assumem uma outra vida durante o tempo da recriação histórica, de uma forma tão real

¹³ Cf. ROTH, Stacy F., *Past into Present – Effective Techniques for First-Person Interpretation*, The University of North Carolina Press, Chapel Hill & London, USA, 1998, p. 11 e 13.

¹⁴ *Vide idem*, p. 13.

quanto possível – reforçamos, tanto quanto nos permitam os estudos e fontes da História – sendo alguns deles sinónimos:

«The method featured in this book is recognized by several names among interpreters: first-person interpretation, roleplaying, and character interpretation. All refer interchangeably to the same style. “Interactive historical character interpretation” and “interactive historical roleplay (or roleplaying), are additional synonyms, personally concocted but descriptively literal. Incidentally, these terms are virtually unknown to the press and public, who frequently refer to character interpreters as actors, actor-historians, or guides.»¹⁵

Na língua portuguesa não existem palavras ou expressões que traduzam diretamente do inglês estas designações. Assim sendo, optámos por utilizar a expressão ator/animador para nos referirmos a «*re-enactor*»¹⁶, ao longo do próximo capítulo, onde é descrita a origem da técnica e do conceito de *Living History*, bem como as circunstâncias e motivações que proporcionaram o seu aparecimento e divulgação.

1.2. As origens, circunstâncias, motivações e divulgação do surgimento do conceito

«Historical re-enactment in Britain began by accident in the 1960's as a result of a publicity stunt by Brigadier Peter Young to publicise a book he had written about the English Civil War.»¹⁷

A recriação histórica em Inglaterra começou acidentalmente nos anos 60 do século XX, através da criação de uma peça publicitária para o lançamento de um livro de Peter Young sobre a Guerra Civil Inglesa. Partindo deste acontecimento, a Roundhead Association e a King's Army in the West sentiram o desejo de recriar, com exatidão,

¹⁵ Vide *idem*.

¹⁶ Tal como o propôs Raquel Alves Coelho na sua dissertação de mestrado (Vide COELHO, Raquel da Assunção Bernardo Alves, *op. cit.*, p. 22) e como o próprio significado original o permite.

¹⁷ Cf. PEACHEY, Stuart, *op.cit*, p. 3.

eventos históricos, recorrendo à atuação de personagens vestidas com trajes da época, incidindo, inicialmente, sobretudo nos séculos XVI e XVII.

O principal elemento da Roundhead Association, e que incentivou o arranque desta prática, foi primeiramente o Dr. Charles Kightly que, em 1976, começou a incitar os proprietários de Donnington Hall (Lincolnshire), Anthony e Vicky Jarvis, a cederem a sua mansão e espaço exterior para a recriação de uma batalha. No decorrer de uma primeira reunião, surgiu o sentimento de que retratar uma batalha se tornaria um tema algo limitado e, pelo desejo de realizarem um trabalho com um aprofundado nível de investigação, resolveram recriar o quotidiano das pessoas que viviam naquela herdade, onde entrariam todos os membros da família da casa senhorial na sua origem (século XVII).

No decorrer do processo, foi necessário criar uma organização onde fossem centradas todas as questões práticas exigidas para a concretização do projeto, nomeadamente a abertura de uma conta bancária, o que conduziu à formação da “The Practical History Society”. Um dos objetivos desta iniciativa baseava-se em mostrar e experimentar fazer pão e sopa, como se faria antigamente. Para tal, foram construídas réplicas de engenhos e materiais com base numa cuidada pesquisa e investigação, baseadas em manuais de agricultura para a reconstrução dos postos onde se recuperaram equipamentos rurais como o forno do pão. Apesar deste grupo ter tipo vago conhecimento de que já se tinha concretizado algo do género em Williamsburg, nos Estados Unidos, o conceito inicial de *Living History* teve a sua origem em Inglaterra, entre 1977 e 1978, quando os Jarvise disponibilizaram a sua casa senhorial e toda a restante propriedade em redor, fazendo deste termo e conceito algo independente.

Esta primeira ação decorreu durante uma semana, estando disponível para escolas nos dias úteis e para o público em geral durante o fim-de-semana. Participaram cerca de 500 a 600 crianças por dia, entrando divididas em grupos de 20/30 participantes. Estes pequenos grupos eram recebidos à entrada por um ator/animador (*re-enactor*) que encarnava o papel de um dos membros da família (interpretação na primeira pessoa). Nesta altura os alunos ainda não tinham acesso ao que se passava no interior murado, sendo então conduzidos por um guia que os fazia recuar no tempo até ao ambiente do século XVII, e que os levava a seguir um percurso onde se encontravam 15 postos dinamizados por 80 atores/animadores. Esta ação foi conseguida com sucesso pela Roundhead Association tendo-se cumprido o objetivo de comunicar aos visitantes a vida humilde dos agricultores e camponeses de setecentos naquela região.

Ao fim de semana, o público entrava e circulava livremente no recinto, sem visita guiada. Os mentores do projeto optaram por disponibilizar também esta opção considerando de antemão que não haveria muita afluência de visitantes num lugar remoto e pouco povoado como Lincolnshire. No entanto, ao contrário do esperado, motivados pelos relatos entusiastas das crianças que tinham percorrido o espaço durante a semana, vieram cerca de 4000 visitantes ao local só no fim-de-semana.¹⁸

No ano de 1978 repetiu-se a experiência em Donnington durante mais uma semana, seguida de uma outra iniciativa em Kentwell Hall, Suffolk, onde participaram 150 performers. Partindo destes projetos pioneiros, diversas ideias surgiram no sentido de se comprar e restaurar uma quinta abandonada em Lincolnshire, adaptando-a para a recriação de outros períodos da história, contudo estas ideias não se concretizaram por falta de apoio do governo. Só mais tarde alguns deles seriam postos em prática por organizações que se foram constituindo no sentido de implementar o conceito de *Living History*.

Em 1980, realizou-se uma outra ação na propriedade de Littlecote, em Wiltshire, recriando a vida rural de setecentos. O evento teve um enorme sucesso e repetiu-se nos dois anos seguintes. Já em 1985, pelas comemorações do 300º aniversário da rebelião de Monmouth, foram construídos um acampamento e uma aldeia nas terras de Royal Bath, para a reconstituição do facto histórico, tanto na sua vertente bélica como da vida do povo ao tempo da rebelião. Durante os cinco dias do decorrer da ação, aberta ao público, mais de 20.000 visitantes passaram pela aldeia. Outros eventos comemorativos se seguiram, assentes no novo conceito, incluindo as celebrações da Armada em Littlecote e Basing, tendo-se ali integrado as comemorações dos 300 anos da Glorious Revolution, em Guildhall Square, Londres.

A partir desta altura realizaram-se inúmeros eventos pelo país, em propriedades do English Heritage, como ainda hoje acontece. Contudo, apesar de ao longo dos anos muitos dos participantes dos projetos pioneiros terem sido substituídos, alguns deles eram ainda os mesmos, em 1997. Alguns desses elementos consideram que em certos casos, as ações de *Living History* degeneraram para um entretenimento com um tema histórico, frisando, todavia, que ainda há entidades capazes de executar as respetivas ações e projetos com o rigor desejado.¹⁹

¹⁸ Vide *idem*.

¹⁹ Vide *idem*, pp. 4 e 5.

Em Gosport, no ano de 1984, foi construída uma aldeia efémera num vale com bosques de antigos carvalhos, para se desenvolverem projetos de recriação histórica durante quase três anos. Para estas ações, os voluntários locais receberam formação no sentido de nelas participarem e de, posteriormente, darem continuidade a atividades deste género. Este conceito foi continuado noutras localidades rurais, onde se foram realizando ações inspiradas nestas primeiras, abordando a vida rural dos séculos XVI e XVII. Os grupos escolares, ao longo do percurso delineado em cada uma delas, visitavam e participavam nas tarefas dos diversos núcleos que abordavam os vários aspetos da vida rural nessas épocas: os diferentes ofícios, o cultivo das plantas, o tratamento dos animais e a confeção de três refeições que eram preparadas e distribuídas ao longo de cada dia.

Muitos destes projetos corporizados nos primórdios da *Living History* em Inglaterra eram dinamizados por voluntários que recebiam formação através de seminários sobre as mais diversas áreas a desenvolver: desde os hábitos da época até à confeção de guarda-roupa e calçado para os eventos. Os seus mentores eram habitualmente historiadores empenhados em revitalizar o interesse pelo conhecimento e estudo da História, bem como por tradições e aspetos culturais extintos. Mais tarde, começou a solicitar-se a prestação de atores/animadores profissionais para encarnar os personagens nestas ações.

Foram feitas experiências em que o público entrava e circulava livremente pelos recintos e outras em que era conduzido por guias, mas ficou claro que a segunda versão era mais viável, uma vez que se uns encarnavam personagens e mantinham longas conversas com os atores, outros inibiam-se e mal entravam nos espaços em exposição, não retirando o devido proveito da visita. Por outro lado, o fluxo constante de visitantes dificultava a introdução do tema exposto e a vertente educacional perdia cota parte do seu valor. Um outro fator negativo a considerar relativamente às visitas não guiadas era o facto de, com frequência, o ator ficar rodeado de público que ocultava o seu desempenho e dificultava a sua função, perdendo-se, entre outros aspetos, o impacto visual desejado.

Alguns elementos que já haviam criado projetos de História Viva reuniram-se no sentido de pedir apoio ao posto de turismo de Greyhill, para a obtenção de um espaço onde pudessem continuar a trabalhar nesta matéria. Não só conseguiram esses mesmos apoios como construíram as habitações idealizadas pelo grupo, segundo uma investigação rigorosa, restaurando ruínas com pedras originais. O trabalho ficou concluído em 1988.

O número de pessoas que havia participado nos primeiros projetos de *Living History* realizados entre finais dos anos 70 e inícios dos anos 80 do século XX já era

bastante razoável, entre performers, responsáveis de conservação e outros participantes. Por todo o mundo o conceito tinha sido disseminado através da Forest School Camps, da International Voluntary Service, da Bath University Archaeological Club, da Bristol Conservation Volunteers e Manchester Wildlife Trust. Todas estas entidades estiveram ligadas às primeiras ações de *Living History*.

Outro exemplo de sucesso em Inglaterra foi a recriação de Kentwell Hall, em Sufflok, onde foram realizadas ações de História ao Vivo desde 1979, dentro dos moldes atrás descritos, desta vez com a recriação da vida doméstica do Período Tudor, organizadas por Patrick e Judith Phillips. Em 1985 o evento englobava 150 participantes (atores/animadores) e a visita durava três horas e meia, percorrendo-se entre 20 a 25 postos de atividades. Até final dos anos 80, Kentwell foi um enorme sucesso em termos didáticos e em número de visitantes, tanto para escolas como para o público em geral. A partir dos anos 90, com o impulso da *Heritage Industry*, foi possível assistir-se a inúmeros eventos de recriação histórica espalhados por muitos lugares históricos, alguns deles montados em dimensões mais reduzidas do que os primeiros, e com recuso a atores profissionais.²⁰

Por volta de 2009 existiam já produções televisivas muito sofisticadas e informativas. Contudo, o que acresce na História ao Vivo em relação a estas é a possibilidade de interação entre as personagens e o público, estimulando mais diretamente as várias emoções.

As exibições constantes da “*heritage interpretation*”, como lhe chamam também os ingleses, provocou no público um nível de exigência cada vez maior no que respeita à sofisticação dos eventos, e aumentou o grau de expectativa por parte dos visitantes, que nos primórdios da *Living History* não existiam. Todavia, em 2009 as escolas continuavam a procurar este tipo de eventos e, para os professores, tornou-se um hábito ilustrarem partes dos programas escolares com estas visitas. Os alunos revelavam já uma preparação superior à que apresentavam anteriormente, mas não vivem as ações com o entusiasmo que se observava no início²¹, o que parece permanecer praticamente inalterado até 2019.

Como foi já referido, os primeiros projetos de História Viva eram dinamizados por atores/animadores que representavam cenas históricas, vestidos com trajes da época retratada e reproduzindo o modo de vida civil. Podemos acrescentar que também desde o início houve a reprodução de danças, músicas e algumas batalhas. As batalhas, a partir de

²⁰ Vide *idem*, pp. 5 a 9.

²¹ Vide COELHO, Raquel da Assunção Bernardo Alves, *op. cit.*, p. 27.

um determinado momento, passaram a ter muita adesão, sendo uma prática comum em 2009, continuando até 2019. A técnica de *Living History* tem sido empregue em muitos locais diferentes: museus, ruínas e lugares desabitados, alguns deles reconstruídos de acordo com as pesquisas feitas, sobretudo dos séculos XVI e XVII, montados com fortificações ou residências rurais. Formaram-se também pequenos grupos que se deslocaram às escolas exibindo ações de Living History, os chamados “road shows”.

Um outro passo importante na história da *Living History* em Inglaterra foi a recriação, em 1985, de uma Guerra Civil Inglesa em Lincoln, por um grupo de amigos que, entusiasmados com esta técnica, formaram a History Re-enactment Workshop. O evento envolveu cerca de 100 participantes, incluindo atores de animação histórica e foi considerado um sucesso. A BBC filmou a ação para o programa «Distracted Times». Na sequência deste projeto, foi organizado um encontro no National Army Museum, em Londres, onde se avançou com ideias para uma nova ação.²²

Durante o encontro a Napoleonic Association e a Ermine Guard fizeram apresentações dos seus métodos, o que provocou o desejo de se encontrar um novo conceito de recriação histórica, talvez inspirado nos métodos usados em Plimoth Plantation²³ tal como noutros eventos de História ao Vivo postos em prática nos Estados Unidos e no Canadá. Foi essencialmente introduzido o conceito de “first-person interpretation”, em que o interprete (ator ou voluntário formado para o efeito) se veste e encarna os gestos do seu antepassado histórico, combinando ao máximo o padrão da ocorrência histórica com uma forma de apresentação o mais realista possível – o que se pretende fazer no projeto “Viagens Históricas Interpretadas”, aplicado ao guia turístico.

Os eventos centraram-se tanto quanto possível nos locais originais, com o intuito de mostrar como vivia a gente vulgar e, através da “devolução de vida” a uma casa ou monumento histórico, o que ainda hoje acontece: «*We are a small, nationally based interpretation group, covering the Tudor and Stuart periods, specialising in domestic life. What we do best, is to take an historic house and experience history in the place it was made.*»²⁴

Esta prática deparou-se com algumas dificuldades no início, mas com o decorrer do tempo realizaram-se eventos de grande prestígio pelo History Re-enactment Workshop. Em 1986 este grupo tomou parte num evento para a Semana dos Museus, inserido no

²² Vide *idem*, pp. 27 a 28. Informação originalmente retirada de <http://www.historyreenactment.org.uk/>.

²³ Vide <http://www.plimoth.org/> in COELHO, Raquel da Assunção Bernardo Alves, *op. cit.*, p. 28.

²⁴ Cf. <http://www.historyreenactment.org.uk/>, Home Page.

Royal Festival Hall, em que se pesquisou e preparou uma recriação baseada em Southwork no ano de 1672. Esta ação foi reconhecida pelo Arts Minister e pelo Diretor do Army Museum, que convidou o grupo para realizar um longo estágio de 14 semanas, entre 1988 e 1989, a apresentar no museu. A publicidade generalizada a partir destes eventos militares gerou uma série de convites para a realização de ações assentes na história social postos em prática em casas históricas por todo o país.

Quando o History Re-enactment Workshop se formou em 1985, fixou-se um período para a recriação histórica de cem anos: entre 1585 e 1685, mas com o desenvolver dos trabalhos alargaram o período de pesquisa e recriação para o século XVIII. Os participantes nas ações organizadas pelo grupo frequentam workshops onde treinam a interpretação ao vivo com práticas regulares e onde se fixam os critérios de apresentação. Estas ações incluem formação em história, com o estudo de textos dos mais proeminentes historiadores. Estes workshops não se destinam ao público em geral, mas é frequente haver elementos exteriores ao grupo que os presenciam por partilharem o interesse pelos períodos históricos em questão. Este mesmo grupo criou os «Red Tee Shirts» que dão apoio durante as recriações históricas. Vestidos com roupas atuais, estão incumbidos de passar informação geral e histórica, ou de conduzir os grupos pelos percursos de visita, servindo também para encorajar a interação entre os atores e o público.

Entre 1985 e 1997, a History Re-enactment Workshop organizou vários eventos nos mais diversos lugares históricos entre propriedades do período Tudor e palácios reais, com o objetivo de apresentar uma visão da vida passada de gente vulgar e não apenas focada em figuras reais, o que torna as recriações mais realistas provocando no público a reação de compararem as suas próprias vidas com as dos seus antepassados.

Relacionado com o trabalho de recriação histórica desenvolvido ao longo destes primeiros anos, surge, na América do Norte, o conceito de «Living History Museums». Esta designação é usada para descrever um sítio histórico restaurado ou reconstituído onde se pratica a “first-person interpretation” para possibilitar aos visitantes um contacto intenso com uma determinada época, participando na vida quotidiana encarnada pelos atores/animadores. Em Inglaterra dá-se preferência aos nomes «open air museum», «folk museum» ou «working museum», para designar locais com estas características.

O criador deste conceito museológico foi o etnógrafo Artur Hazelius que fundou Skansen²⁵, o primeiro «open air folk museum» do mundo, em Estocolmo, aberto ao

²⁵ Vide <http://www.skansen.se/> in COELHO, Raquel da Assunção Bernardo Alves, *op. cit.*, p. 29. Consultar também o Anexo Documental, Documento 1.

público desde 1891.²⁶ A sua ideia partiu da destruição provocada pela industrialização dos anos 80 do século XIX, que apagou uma grande parte da vida rural. Skansen tornou-se o veículo de preservação de elementos materiais e culturais deste património em extinção. Por toda a Europa e América as pessoas reconheceram perdas similares e tentaram captar a ideia de Hazelius recriando o passado usando variações sobre o conceito de Skansen inserindo, em alguns casos, a interpretação na primeira pessoa como meio de comunicação com o público. Na Europa deste tempo, o conceito de «open air museum» não foi inicialmente bem acolhido, receando-se que pudesse degenerar numa banalização da História. O Welsh Folk Museum, em Inglaterra, abriu ao público em 1948 com um torneiro residente especialista em madeira, o que foi, nos anos 80, considerado importante para o desenvolvimento da nova museologia inglesa.

Tal como Hazelius compreendeu a necessidade de preservar um modo de vida e tradições destruídos pela industrialização, no Reino Unido, cem anos depois, reconheceu-se a importância deste património perdido e uma nova vaga de museus iniciou uma reflexão sobre este assunto que resultou na criação de museus ao ar livre por todo o país, dinamizados com a técnica da História Viva. O sucesso desta nova técnica museológica provocou a necessidade de se escrever e editar textos para a sua divulgação, promoção e desenvolvimento.

Em inícios dos anos 80 do século XX foi fundado o The Living History Research Group, cujos elementos fundadores vinham essencialmente da Roundhead Association, da King's Army in the West e da Kirstie Buckland. O objetivo principal era encorajar a investigação e disseminação da informação relevante sobre o século XVII através da técnica da *Living History* e a sua principal atividade foi a elaboração de um simpósio anual, sustentado pela universidade de Bristol e mais tarde pela Trent Polytechnic. Cada um deles apresentava o resultado de discussões que aconteciam durante dois dias de encontro entre membros do grupo *re-enactors* e especialistas convidados. Tratavam-se as mais diversas matérias, desde cerâmica, culinária, medicina até à descrição de *performances* memoráveis que eram publicadas juntamente com dissertações resultantes de pesquisas consideradas interessantes.²⁷ Alguns destes elementos de investigação eram

²⁶ Atualmente, sabemos que na Finlândia o mesmo tipo de museu é orientado por estudantes universitários.

²⁷ Vide COELHO, Raquel da Assunção Bernardo Alves, *op. cit.*, pp. 29 a 31.

publicados em forma de livro, por via privada ou por pequenas editoras como a Stuart Press da Historical Management Associates, Ltd²⁸.

A *Living History* provocou em vários editores o desejo de publicarem sobre temas relacionados com esta matéria, abordando alguns muito específicos como a alimentação, o vestuário, usos e costumes, assuntos militares, ofícios de épocas passadas, entre outros.

A Stuart Press foi fundada em 1992 com a política original de publicar apenas sobre temas não militares uma vez que este era o assunto mais fomentado por outras editoras. Um dos seus fundamentos era encorajar novos escritores a publicarem textos sobre temas relacionados ou interessantes para a prática da História ao Vivo.

Em 1979 surgiu a «Living History Register Newsletter», uma revista internacional destinada a todos os atores e entusiastas da História ao Vivo, fossem eles participantes ou espectadores interessados. A revista era distribuída gratuitamente e enviada anualmente para todos os registados. Começou por publicar apenas sobre o século XVII, mas houve necessidade de alargar a informação a outros períodos que, entretanto, foram sendo abordados em recriações históricas.

Surgiram muitos grupos desenvolvendo ações sobre o período romano, sobre a Idade Média, sobre a 2ª guerra mundial e a sociedade dos anos 40, e a revista viu-se obrigada a corresponder aos interesses de todas estas épocas recriadas. O editor, Roger Emmerson, definiu a *Living History* como «*an attempt to recreate the ordinary life of another period in history in real time, at an accessible level, with a view to education and revelation.*»²⁹

A revista cobre todo o tipo de eventos de recriação histórica e era a única, em 1997, que promovia o contacto com um alargado número de “historiadores ao vivo” fomentando a troca de artigos sobre as mais diversas épocas, levando à necessidade de edição de dois

²⁸ «*Historical Management Associates Ltd was formed in 1987 to utilise many years of historical academic research and hands on experience of living history and replica building construction. The initial aim was to provide a historical consultancy and project management service to museums and historical interpretation sites. At the same time work started on the restoration of an entire historical landscape at the Grayhill Historical Farm. (...) The company has travelled the world to develop sources for a wide range of historical style artefacts still being manufactured by craftsmen around the world, from coopered jugs to axe heads, skins to aromatic spices, horse harness to hand carved spoons. These items are not replicas but working objects made to be used by local populations which correspond to those used historically in England. After writing books for Partizan Press in the early years the company started its own publishing arm, Stuart Press in 1992 which now publishes around 300 volumes of historical material. Our principle is to write the books we need and nobody else has produced, concentrating on content rather than gloss. (...) Our historical expertise and equipment has been in demand by TV and Radio for many years although since 2003 demand has risen to a new level. We have worked on major projects with the BBC, ITV and Channel 4 providing historical advice, locations, props and specialist to camera.*» Cf. http://www.stuart-hmald.com/about_us.php.

²⁹ Cf. PEACHEY, Stuart, *op. cit.*, p. 21.

números anuais: um primeiro que cobria todos os eventos de História Viva e os artigos resultantes da investigação feita para cada um deles; um segundo contendo informação sobre *re-enactment Living History*, outros materiais de investigação histórica para trabalhos futuros e um diário sobre as oportunidades destinadas à educação e investigação. O conceito de *Living History* tornou-se parte integrante da interpretação histórica e ficou institucionalizado em Inglaterra em finais dos anos 90. Muitos locais históricos e museus oferecem agora esta oportunidade didática às escolas e a outros visitantes, cuja prática proporciona um máximo de benefícios através deste multissensorial meio de comunicação. Contudo, por vezes os museus ingleses tendem a usá-la como um meio de atrair um maior número de visitantes, descurando o seu aspeto primordial: a educação. O English Heritage tem sido a instituição que mais tem dinamizado projetos de história ao vivo e edições com ela relacionadas.

Atualmente o English Heritage continua com vários eventos e projetos para crianças, famílias, escolas e público em geral – como o *Blooming Gardens, Get hand on with history*, entre outros – nos vários monumentos, continuando a defender a divulgação e aprendizagem da História através de imagens vivas (e vividas):

«Gone are the days when people learned about history simply from reading books. People are increasingly looking for experiences that bring history to life in an engaging way and nothing beats standing on the spot where history happened.

We offer a hands-on experience that will inspire and entertain people of all ages. Our work is informed by enduring values of authenticity, quality, imagination, responsibility and fun. Our vision is that people will experience the story of England where it really happened.

(...) our ability to engage with millions of people is now greatly strengthened. We have identified four major priorities going forwards - Inspiration, Conservation, Involvement and Financial Sustainability.

We want to create inspiring visitor experiences that bring the story of England to life. We will also make sure our historic sites and artefacts are expertly cared for, so that they can be enjoyed by future generations. (...)»³⁰

³⁰ Cf. <https://www.english-heritage.org.uk/>.

Foi precisamente através da ação de English Heritage³¹ que, desde 1986, se deram os primeiros passos e acompanhamento por parte de membros desta instituição para a introdução da técnica *Living History* em Portugal.

1.3. Chegada a Portugal em 1986

«Tudo começou em 1986. A Associação Portuguesa de Museologia, tendo tido conhecimento da técnica “Living History”, que estava a ser posta em prática em Inglaterra, entusiasmou-se com as suas potencialidades e convidou para o seu encontro anual especialistas ingleses, procurando desde logo esboçar algumas acções de “História ao Vivo”»³²

O conceito de *Living History* tem um primeiro contacto direto com Portugal através da Associação Portuguesa de Museologia (APOM), em 1985, quando um dos membros da direção, o Doutor Fernando António Batista Pereira, tendo participado num estágio sobre museologia em Londres, traz a novidade para a APOM e para o museu em Setúbal, instituição da qual era responsável. Esta técnica despertou imediatamente o interesse de alguns membros da APOM, nomeadamente o de Maria Manuela Mota, que era na altura presidente da Associação e que se empenhou na sua introdução, divulgação e desenvolvimento em Portugal.

³¹ O The Historic Buildings and Monuments Commission for England, mais conhecido por English Heritage é uma instituição não governamental fundada em 1984, responsável por cerca de 400 monumentos e sítios históricos do património inglês abrangendo um período de presença humana de 5500 anos. Desde Windmill Hill in Wiltshire (c. 4000 a.C.), inclui alguns dos mais famosos sítios históricos ingleses desde a pré-história, passando pelos períodos romano e medieval, Tudor e Vitoriano, até às mansões do século XIX. A intenção primeira desta instituição foi a de «restaurar e dar vida a sítios e monumentos que, não sendo de primeiro plano, estavam um pouco esquecidos pelo poder central, assim como as tradições que a rapidez e o desenraizamento da vida moderna tinham feito quase esquecer.», In BÁRCIA, Paula, “História ao Vivo”, «Forma: “Sobre os Descobrimentos Portugueses”», nº 36, Direcção-Geral de Extensão Educativa - Publicação para formadores e animadores/monitores, Editorial do Ministério da Educação, Algueirão, Março de 1990, pp.27 e 28. Informação retirada de COELHO, Raquel da Assunção Bernardo Alves, *op. cit.*, p. 33.

³² Cf. BÁRCIA, Paula, *Manual de História ao Vivo*, (...), p. 3.

Em maio de 1986, sob orientação de Maria Manuela Mota, foi organizado o Colóquio APOM/86³³, colóquio de museologia realizado em Faro e que se desenrolou no Museu Arqueológico e Lapidar Infante D. Henrique, com a finalidade de dar a conhecer em Portugal o conceito de *Living History*. Com o apoio do British Council, Michael Corbishley e Patrick Redsell, do English Heritage, participaram no APOM/86 com o objetivo de nos comunicarem as bases e alicerces de que partiram até chegarem à prática desta técnica de ensino da História, os programas que decorriam na altura, e a análise dos resultados obtidos em Inglaterra. Do Brasil veio a museóloga Maria de Lurdes Barreto – que lançara uma experiência piloto no seu país, com o apoio dos técnicos ingleses –, para partilhar com conservadores de museus e monitores de Serviços os resultados da iniciativa que pusera em prática.

Ao todo reuniram-se 120 participantes: diretores conservadores e pessoal técnico superior de museus do continente e ilhas; diretores e conservadores de museus do Brasil; presidentes das Associações Brasileira de Museologia e de Museólogos da Bahia; representantes do English Heritage. A iniciativa teve os apoios da Secretaria de Estado da Cultura através do seu Delegado na Região Sul e do Gabinete de Relações Culturais Internacionais; Instituto Britânico em Portugal; Região de Turismo do Algarve; Câmara Municipal de Faro, com a participação assídua do seu Vereador dos Museus; Arquivo Distrital de Faro; Museu Almirante Ramalho Ortigão; Museu Arqueológico e Lapidar Infante D. Henrique; Universidade do Algarve; Instituto de Estudos Islâmicos do Algarve e o Coral Ossónoba.

O Colóquio APOM/86 visou promover a intensa colaboração entre os museus e as escolas, proporcionando pistas para projetos culturais adaptados aos *curricula* escolares, segundo uma técnica inovadora e atrativa para o estudo da História, sob uma planificação bem definida e estruturada dos projetos criados em parceria entre conservadores de museus e professores, incluindo igualmente o envolvimento das comunidades locais.

Com o intuito de dar a conhecer a História vivendo-a, esta técnica recorre à animação cultural e ao trabalho de atores que monitorizam os diversos núcleos de animação onde as crianças são integradas representando, também elas, personagens do tempo a recriar. A criança aprende brincando através da dramatização de uma dada circunstância histórica numa encenação tão próxima quanto possível da realidade,

³³ Associação Portuguesa de Museologia, *Actas do Colóquio APOM/86 – «Viver o Passado: Museus e Monumentos ao serviço da Comunidade»*, Faro, 1 – 4 de Maio 1987.

vivendo-a e compreendendo como era, dando-se um salto para a história – a criança percebia e aprendia porque participava.³⁴ A técnica de História ao Vivo pretendia promover a abertura do Museu à comunidade, tornando-o um ponto de encontro cultural dinâmico e vivo, criando nos jovens o gosto e interesse pelo conhecimento da História: «*Os nossos Museus teem de se tornar cada vez mais um centro de animação onde a comunidade se encontre para aprender e ensinar através do testemunho material*»³⁵.

No último dia do colóquio, nove grupos de trabalho apresentaram anteprojetos, todos eles baseados no património e tradição algarvios:

- I. *Arqueologia Romana*: reconstituição de um dia na vida dos Senhores da “Villa” romana de Milreu, com uma manhã nas termas, a vida dentro e fora da casa, finalizando com uma refeição servida ao casal, à maneira clássica;
- II. *Fortalezas Costeiras*: recriação do ataque dos corsários ingleses à fortaleza de Faro (finais do século XVI): ambiente de uma praça-forte em véspera de ataque;
- III. *O Algarve e a Expansão*: Trabalhos a realizar com escolas: estudo e elaboração de mapas históricos; construção de uma réplica de caravela; preparativos de uma viagem e estudo das técnicas de navegação; visita a um barco moderno como termo de comparação com os do século XVI.
- IV. *O Palácio de Estoi*: Reviver o ambiente festivo da inauguração dos jardins do palácio em maio de 1903, com a participação dos grupos locais dramático, coral, musical, entre outros;
- V. *Uma Povoação Rural – Santa Bárbara de Nexe*: Com base nas culturas locais os alunos de 5º e 6º anos, sob o tema “A Jorna”, participam ativamente na vida rural: apanha de frutos; o seu tratamento; a “Festa das Almas”: confeccionando e vendendo doces regionais: Destinado aos alunos entre 16 e 18 anos, o estudo da arquitetura, artesanato, folclore locais.
- VI. *A Ria Formosa*: Estudo da geografia, características físicas, meio humano, fauna e perigos que ameaçam este ecossistema, através de esquemas de visitas, passeios a pé, levantamentos de propostas de salvaguarda a serem feitas pelos alunos;
- VII. *O Convento das Clarissas*: (Museu Arqueológico Infante D. Henrique): Recriação da visita de D. Sebastião ao convento em 1573, com duas ações simultâneas: o povo, no exterior do convento, engalanando a praça para a visita régia e a entrega das chaves ao monarca; no interior o desenrolar da vida monástica, apenas

³⁴ Vide *idem*, p. 1.

³⁵ Cf. *idem*, p. 2.

perturbada pela visita do monarca. Terminaria com festejos populares em honra do rei.

- VIII. *A Cidade de Faro*: Reconstituição de dois “correios” diferentes no início do século XVIII, salientando as difíceis comunicações com o Algarve nessa época: o correio expresso, vindo por terra, com a resposta a uma petição do Reino dos Algarves e um correio normal por via marítima e a orientação de um forasteiro que pretende alcançar o terreiro da feira de Santa Iria. Estudo da malha urbana de Faro nesta época.
- IX. *A Gastronomia Algarvia*: Estudo da gastronomia em diferentes fases da história do Algarve: época romana; islâmica; séculos XVI, XVII, XVIII, XIX e 1986. Preparação dos alimentos e diferentes formas de os apresentar, servir e comer.³⁶

No final do colóquio, determinou-se que se continuaria a desenvolver o tema da História ao Vivo, como uma nova forma de ensino, no Colóquio APOM/87.

Este, por sua vez, realizou-se entre 30 de abril e 3 de maio, no Palácio Galveias, em Lisboa, sob o título «A Escola vai ao Museu». Nele participaram o Arqt.º Victor Reis – Vereador do Pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Lisboa; Dr. Bairrão Oleiro – Vice-Presidente do Instituto Português do Património Cultural; Dr.ª Natália Correia Guedes – Presidente do ICOM (International Council of Museums). Participaram também representantes do Instituto Britânico, da Fundação Luso-Americana, da Juventude e Património e também diretores de museus, Adidos Culturais das Embaixadas acreditadas em Lisboa e professores, onde se incluía Paula Bárcia, que viria a ser uma das principais dinamizadoras desta técnica em Portugal, até aos dias que correm.³⁷

No final do colóquio APOM/86 determinou-se que se continuaria a desenvolver o tema da História ao Vivo, como nova forma de ensino, no Colóquio APOM/87. Este 10º colóquio da APOM teve a particularidade de, pela primeira vez, ser aberto aos professores dos diferentes graus de ensino (educadores do ensino pré-primário e professores do ensino primário, secundário e universitário): «*Ciente do importante papel que cabe aos Museus na cultura e educação da sociedade nomeadamente ao nível escolar, a Direção da APOM desenvolveu intensa actividade para proporcionar o encontro entre Professores e*

³⁶ Vide COELHO, Raquel da Assunção Bernardo Alves, *op. cit.*, pp. 36 e 37.

³⁷ Associação Portuguesa de Museologia, *Actas do Colóquio APOM/87 – «A Escola vai ao Museu»*, Lisboa – Palácio Galveias, 30 de Abril – 3 de Maio 1987, p. 9.

Museólogos a fim de que se oiçam, se conheçam e procurem colaborar em novos métodos de ensino e de difusão cultural.». ³⁸

Com base no colóquio realizado no ano anterior (1986) para associados da APOM, onde se formaram nove grupos de trabalho que, partindo do acervo cultural, monumental e artístico de Faro e arredores, esboçaram outras tantas propostas de animação pela técnica de “História ao Vivo”, surgiu a ideia de se organizar uma exposição onde se apresentassem as propostas já formuladas. A exposição, intitulada «História ao Vivo: Propostas de Animação Cultural segundo a Técnica “Living History”», esteve aberta ao público entre 30 de abril e 23 de maio, tendo sido elaborado um catálogo dividido em 8 volumes em que a capa de cada um deles é uma peça de um puzzle que revela, quando montado, um músico de uma época passada tocando percussão.³⁹

Cada um dos volumes corresponde a um projeto apresentado na exposição: NÓS E OS ROMANOS: um dia na Vila Romana de Milreu; O PALÁCIO DE ESTOI: véspera da inauguração dos jardins do Palácio, em 1903; UMA POVOAÇÃO RURAL: Celebração da Primavera no dia 1 de Maio em Sta. Bárbara de Nexe; FARO, 1573: sobre a visita histórica de D. Sebastião ao Convento das Irmãs Clarissas; A GASTRONOMIA ALGARVIA na época romana, islâmica medieval, no séc. XVI e na atualidade; UM ATAQUE DE CORSÁRIOS AO FUNCHAL, sobre um ataque de ingleses à fortaleza de S. Tiago, no século XVI; ACORDAR A HISTÓRIA ADORMECIDA: No Museu da Fundação Ricardo Espírito Santo e Silva, a recriação da vida lisboeta em finais de setecentos; O CASTELO DE S. FILIPE DEPOIS DA RECONQUISTA, sobre a sua reorganização após a expulsão do exército espanhol, em 1640.⁴⁰

Ao longo de vários anos a APOM esteve empenhada em promover, divulgar e pôr em prática o novo conceito através de colóquios, edições, ações de sensibilização e a realização de diversos projetos de História ao Vivo. A designação *Living History* foi traduzida para o português como «História ao Vivo», segundo sugestão de Fernando António Baptista Pereira e ficou registada como uma prática com regras bem definidas: «A designação «História ao Vivo» foi adaptada pela Direção da APOM para indicar esta

³⁸ Vide *idem*.

³⁹ Vide *idem*, p. 12.

⁴⁰ Informações originalmente retiradas do Catálogo da exposição *História ao Vivo: Propostas de Animação Cultural segundo a Técnica “Living History”*, igualmente presente em COELHO, Raquel da Assunção Bernardo Alves, *op. cit.*, pp. 37 e 38.

técnica de animação e só poderá ser utilizada mediante autorização da Associação.»⁴¹

Destinava-se sobretudo, e quase exclusivamente, a crianças com idades compreendidas entre os 9 e os 12 anos de idade que, acompanhadas pelos seus professores, participavam nestas ações, encarnando personagens da época estudada, divididas em pequenos grupos, orientadas por monitores que desempenhavam os personagens principais.

De um modo geral, as ações de História ao Vivo abraçavam grandes projetos, desenrolando-se em vários meses, sendo os dias finais durante uma ou duas semanas, e abarcando um número vasto de crianças que viveriam um dia no passado. Por princípio, os espaços eram vedados ao público não participante, o que significa que quem tinha acesso ao local da recriação teria de estar vestido à época e encarnar um personagem que lhe tinha sido destinado segundo um guião. Muitos foram os temas abordados pelo país fora em projetos desenvolvidos com o apoio da APOM, à qual muitas entidades se vieram a juntar com grande dinamismo, entre elas a Câmara Municipal de Lisboa e o Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.

Em 2009, João Neto, o então Presidente da APOM e diretor do Museu da Farmácia, afirmou que esta associação viveu, entre os anos de 1980 e inícios dos anos 90 do século XX, um momento relevante da sua existência, tanto pelos elementos que dela faziam parte, como pela imperativa necessidade de renovar o papel do Museu em Portugal, ação que coube à APOM nessa altura.

A atual presidente é a museóloga Aida Rechená e podemos considerar que desde 2009, das atividades que a APOM promove, as que mais se destacam são as entregas dos Prémios Anuais de Museologia: O Melhor Museu Português; A melhor Exposição; O Melhor Catálogo; O Melhor Serviço de Extensão Cultural; a Melhor Peça Jornalística sobre a atividade museológica em Portugal, sendo que nunca mais voltou a ter contacto direto com qualquer tipo de ação relacionada com a História ao Vivo.

⁴¹ Associação Portuguesa de Museologia, *Actas do Colóquio APOM/87 – «A Escola vai ao Museu»*, Lisboa – Palácio Galveias, 30 de Abril – 3 de Maio 1987, p. 26.

2. A importância e ação da APOM, do Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses e de outras instituições precursoras na realização de ações baseadas no conceito de História ao Vivo

«O entusiasmo foi grande e os resultados profícuos: desde ataques de corsários na Madeira, até à vida de uma família romana no século I a.C., passando pela revivência da festa das maias na serra algarvia, as ideias brotaram. De tal forma que no ano seguinte (...) voltaram a estar presentes os especialistas ingleses, (...). Daqui decorreu um curso de formação para animadores de “História ao Vivo” e o arrancar de projetos alguns dos quais foram entretanto concretizados.»⁴²

O colóquio APOM/87, mencionado no ponto anterior, teve como finalidade levar cada participante a refletir sobre o conceito de Educação Patrimonial, (tradução do Heritage Education), ali apresentado, de modo a serem desenvolvidas, em cada área de ação, atividades similares, procurando uma participação pluridisciplinar frutuosa entre o Museu e a Escola para uma nova forma de ensino e motivar principalmente os Ministérios da Educação e da Cultura, assim como as Câmaras Municipais e outras entidades, públicas e privadas, com o intuito de se gerar uma maior dinâmica da ação cultural em Museus e Monumentos ao serviço da educação. Desde essa data eclodiram ideias e foram postas em prática diversas ações educativas assentes neste conceito com o objetivo de se amplificar a utilização de Museus e Monumentos na Educação:

«Os monumentos e objectos do Património cultural possibilitam uma experiência concreta, não verbal, directa. O objecto não é um recurso, mas uma realidade, por vezes única fonte sobrevivente do significado.

⁴² Cf. BÁRCIA, Paula, *Manual de História ao Vivo*, (...), p. 3.

Acresce que uma experiência vivida, participada, é uma fonte de conhecimentos indeléveis; os objectos tornam-se inteligíveis, úteis, transmitem uma mensagem maior quando deixam de ser simples informações e se tornam vivência concreta (...).

A técnica de «Living History» é um estímulo para que os Professores procurem utilizar o Património da sua área em conjunto com os Conservadores dos Museus, recorrendo à participação da comunidade (...).».⁴³

Os colóquios da APOM lançaram o conceito e a História ao Vivo em Portugal começou a tomar lugar, pelo entusiasmo de professores e museólogos que desde logo aderiram à ideia, a tornar-se prática em certos núcleos museológicos e afins convertendo-se numa ferramenta de trabalho ao dispor das escolas.

A responsável pelo Serviço Educativo da Fundação Ricardo do Espírito Santo e Silva (F.R.E.S.S.) – Margarida de Lancastre⁴⁴ - em maio de 1987, levou a cabo, sob proposta de Manuela Mota, a atividade cultural e educativa nas instalações do palácio: *Um dia no Palácio Azurara*⁴⁵, apresentada na exposição «História ao Vivo», no Palácio Galveias:

*«Na ânsia de poder demonstrar aos participantes do Colóquio APOM 87, um projecto de História ao Vivo em funcionamento, contactei em Dezembro último o Serviço Educativo da Fundação Ricardo Espírito Santo Silva a fim de tentar a sua adesão ao projecto. O entusiasmo e a adesão foram espontâneos e totais em todo o Museu e na Administração. A bola de neve começou a rolar, posso dizer que se tem mexido céus e terra mas o projecto avança e, se não é possível nem pedagogicamente aconselhável que participantes do Colóquio «assistam» ao desenrolar da acção feita com as crianças, iremos no entanto ao Museu daquela Fundação aprender «como se faz» ouvindo a Sr.^a D. Margarida de Lancastre relatar-nos os altos e os baixos desta aventura em Alfama.»*⁴⁶

Entre 25 e 29 de Maio deu-se vida a alguns espaços interiores e exteriores do palácio das Portas do Sol, reconstituindo a vida quotidiana de finais do século XVIII, dando a conhecer às crianças das escolas locais, com idades compreendidas entre os 9 e

⁴³ Cf. Associação Portuguesa de Museologia, Catálogo da Exposição: *História ao Vivo: Propostas de Animação Cultural segundo a técnica “Living History”*, 8 vols., APOM, Lisboa, 1987, p. 6.

⁴⁴ Coordenadora do Serviço Educativo da FRESS e, posteriormente, Presidente do Conselho Diretivo da Associação Acordar História Adormecida, instituição sem fins lucrativos que, partindo da ideia de História ao Vivo, levou a cabo projetos destinados à infância desenvolvendo pequenas histórias a partir da História. Esta associação foi constituída formalmente em 1989 dando, mais tarde origem à criação do Museu das Crianças, pelo qual Margarida de Lancastre é ainda responsável – Vide <https://direcaomuseudascr.wixsite.com/museudascricancas/>

⁴⁵ Consultar Anexo Documental, documento 2.

⁴⁶ Cf. Associação Portuguesa de Museologia, Catálogo da Exposição: *História ao Vivo: Propostas de Animação Cultural segundo a técnica “Living History”*, 8 vols., APOM, Lisboa, 1987, p. 12.

os 13 anos, a vida de há 200 anos atrás, através da sua participação como personagens desse tempo, vivendo um dia em finais de setecentos. Encarnaram cozinheiros, criados, marceneiros, jardineiros, cocheiros, etc., acompanhadas por monitores adultos encarregues de orientar as atividades de cada grupo.⁴⁷ Um grupo de alunos da escola do Conservatório Nacional de Dança, ensaiados por um professor coreógrafo e acompanhados pela professora de história, Paula Bárcia, assistiram a um dos dias de atividades e contribuíram dançando um minuete.

A atividade foi noticiada pela imprensa escrita, nomeadamente pelo *Diário de Notícias*, *O Século*, *Correio da Manhã* e *Diário Popular*, que divulgaram e presenciaram com entusiasmo esta ação de História ao Vivo.⁴⁸

O Serviço Educativo dos Museus Municipais do Porto, aderem também ao projeto História ao Vivo em 1987, com o apoio da APOM, recriando a chegada do rei D. João I ao Porto, em 1387, aquando do seu casamento com D. Filipa de Lencastre.⁴⁹ Durante uma semana, esteve montada uma «Oficina Medieval» com sala de banquete, copa e cozinha, onde se encenou o banquete. A animação teve início com o cortejo em que o rei foi recebido pelo Bispo D. João no Paço Episcopal. Neste cortejo, dirigido pelo capelão da rainha, participaram reis, fidalgos, pajens, escudeiros, conduzidos por um jogral que tocava adufe. Na cozinha, guarneçada de presuntos, salpicões e ramos de loureiro, os participantes (criados, escudeiros e romeiros) puderam fabricar o pão, a sopa e o queijo, fazer lume, lavar a loiça em grandes selhas, comer a sopa sem talheres, tendo de usar o pão para levarem os legumes à boca. O casal real e os fidalgos que os acompanhavam tomaram o repasto em mesas corridas. Participaram 40 personagens; crianças de escolas preparatórias do Porto que tiveram oportunidade de vivenciar o notável facto histórico que se passara há precisamente seiscentos anos, acompanhados por monitores adultos.

O jornal *Primeiro de Janeiro* noticiou a ação a 29 de novembro, cobrindo duas páginas do *Magazine* com a descrição da animação e excertos da *Crónica de Fernão Lopes*.⁵⁰

Paralelamente à realização das ações de História ao Vivo, esta técnica de divulgação do património continuou a ser difundida pelo país fora, em colóquios,

⁴⁷ Vide COELHO, Raquel da Assunção Bernardo Alves, *op. cit.*, pp. 41 e 42. Vide Anexo fotográfico, Figuras 1, 2 e 3.

⁴⁸ Vide Anexo documental, Documento 2.

⁴⁹ Vide Anexo fotográfico, Figuras 91 a 95.

⁵⁰ Vide Anexo documental, Documento 3.

conferências, cursos, encontros de professores, museólogos e outros profissionais relacionados com a História.

Entre 24 e 27 de setembro de 1987, o Centro de Recursos e Animação Pedagógica da Escola Superior de Portalegre organizou o 1º Encontro de História Regional e Local do Distrito, tendo sido, posteriormente, publicados alguns dos textos dos comunicantes, nas Atas do Encontro e no n.º 4 da revista «Aprender» daquela Escola. Um dos selecionados para publicação foi o artigo sobre História ao Vivo da comunicante Maria Manuela Mota, pela novidade e interesse que suscitou.

O Museu de Setúbal desenvolve em 1988 um dos primeiros projetos de História ao Vivo anteriormente apresentado na Exposição do Palácio Galveias: *O Castelo de S. Filipe depois da Reconquista*, dirigido por Ana Duarte, fundadora e responsável pelo Serviço de Extensão Cultural do Museu e por Fernando António Baptista Pereira, o então diretor do Museu e elemento fundamental na introdução do conceito em Portugal. Este projeto, que contou também com a participação de Patrick Redsell, foi patrocinado pelo Museu de Setúbal, Câmara Municipal de Setúbal, Região de Turismo de Setúbal/Costa Azul, pelo British Council, APOM e pela Associação de Comerciantes do Concelho de Setúbal e seguiu rigorosamente os parâmetros da História ao Vivo. Vários artigos relacionados com esta ação foram editados no jornal do Museu, em «O Curioso de Setúbal» de 1 de dezembro de 1987 e de 6 de maio de 1988.⁵¹

Esta ação realizou-se em 1640, após a Restauração, levando alunos e professores das escolas de Setúbal a participarem nas tarefas de reorganização da vida interna de um Castelo seiscentista após uma revolução nacionalista.⁵² Participaram alunos de todos os graus de ensino, integrados em 10 grupos de atividades diferentes, dirigidos por monitores: cozinhas; têxteis; latoaria; cestaria; limpeza e manutenção de armas; sentinelas e manobras militares; reparações nas linhas de fortificação; abastecimentos de víveres e outros materiais; abastecimento de água e limpezas e cavalaria. Com a duração de um mês, este projeto abrangeu 3000 alunos e 320 professores.⁵³

No seguimento deste projeto, um outro do mesmo género ficou agendado para o ano seguinte, com vista a concretizar-se no Castelo de Palmela. A intenção inicial era animar, com ações de História ao Vivo, a região dos três castelos, inserindo-se também o de Sesimbra, o que não chegou a acontecer.

⁵¹ Vide Anexo documental, Documento 4.

⁵² Vide COELHO, Raquel da Assunção Bernardo Alves, *op. cit.*, pp. 41 a 44.

⁵³ Vide Anexo documental, Documento 5.

«Um dia de Primavera de 1537 na Ribeira das Naus»⁵⁴ foi o primeiro grande projeto realizado pela APOM, assente no período dos descobrimentos portugueses, que se repetiu por vários anos consecutivos a partir de 1988, integrando-se nos programas do Grupo de trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações do Descobrimentos Portugueses. Os vários projetos realizados todos os anos sob o tema dos Descobrimentos, estavam integrados num outro cujo lema era «...e outra vez conquistamos a distância», que previa a viagem da História ao Vivo por caminhos trilhados pelos navegadores e aventureiros portugueses no período que se comemorava.

A partir desta iniciativa modelo, pretendia-se dar continuidade ao projeto pelo país fora e além-fronteiras, fazendo ações de História ao Vivo entre 1988 até 2000, seguindo o itinerário das fortalezas portuguesas e dos lugares onde a memória das viagens dos Descobrimentos se mantém viva.

Após a partida em Portugal, a viagem continuaria pelo Norte de África, caminhando para Sul, passando pela Ilha de Moçambique, Índia, Macau, Japão, completando-se este abraço no Brasil. Com o objetivo de comemorar o período das Descobertas, pretendia-se «*reviver com as crianças de um e de outro lado do mar esse momento ímpar de contacto inicial; momento único da primeira descoberta de “outros mundos” habitados, momento do espanto e da maravilha trazidos pelo mar.*»⁵⁵ Nesta primeira ação foi recriado o ambiente que rodeava a partida de uma armada, na primeira metade do século XVI e teve início com a vinda de algumas barcaças da margem sul do Tejo, carregadas com crianças das escolas e com farinha para abastecer as naus que partiriam para a Índia.

Foram criados vários grupos de trabalho ocupados na azáfama que antecedia a partida da armada. Ali se encontravam os petintais ou carpinteiros, os moços de recados, os calafates, os remolares, os cordoeiros de calabares, o oficial de cartas de marear, o boticário, o tabelião, o escrivãozinho, as biscoiteiras e as escravas que vendiam o peixe, a água ou a fruta. Cada dia começava com a distribuição de tarefas por parte do Provedor da Ribeira e da Telha com o fim de se preparar a armada para seis meses de mar. A bordo da «Galega» iria seguir um jovem que se distinguia dos outros pelo jeito para inventar histórias, desejoso de embarcar, chamado Fernão Mendes Pinto. Todos se empenharam na preparação da partida para a Índia, em 1537, da armada de cinco naus, entre as quais

⁵⁴ Vide Anexo fotográfico, Figuras 69 a 87.

⁵⁵ Vide COELHO, Raquel da Assunção Bernardo Alves, *op. cit.*, p. 45; Cf. De um excerto originalmente retirado de um texto do arquivo de Manuela Mota para a apresentação do projeto,

a «Galega», onde viajou Fernão Mendes Pinto e a «Rainha», cujo capitão foi D. Pedro da Silva da Gama, quinto filho de Vasco da Gama.

A ação envolveu cerca de seiscentas crianças, com idades compreendidas entre os 9 e os 12 anos de idade. Em cada dia, durante duas semanas, participaram duas turmas de alunos e formaram-se grupos de 5 ou 6 crianças que trabalharam sob orientação de monitores adultos. As crianças de diversas escolas primárias e preparatórias de Lisboa, Moita e Seixal, foram preparadas para integrarem o projeto nas aulas normais, pelos seus professores, com o auxílio de documentação pedagógica adequada ao efeito pelos responsáveis do projeto: a “maleta pedagógica” equipada com objetos e produtos relacionados com o tema a recriar; documentação adequada a cada disciplina; visitas de estudo ao Planetário, ao Museu de Marinha para observação de alguns navios da Armada e a locais e monumentos de Lisboa ligados à época em foco.

Através de um longo trabalho de investigação histórica e estruturação da ação: encenação, indumentária, dramatização, criação de adereços, etc., foi necessário proceder-se ao seu desenvolvimento em estreito contacto com as escolas e os museus intervenientes, bem como à realização de ações de formação de monitores e atores. Algumas das atividades destinadas a serem trabalhadas com os alunos nas escolas, para além do estudo da época a recriar (e de visitas ao Museu de Marinha para a observação dos barcos), incluiu a preparação de bandeiras e pendões, contacto com algumas das tarefas inerentes à partida de uma armada: ciência náutica, marinharia, recolha e armazenagem de alimentos, tratamento de velas, cuidados de saúde, carga e carregamento, bem como o carácter religioso e comercial da expedição.

Para a recriação da ação final, foi instalado um ambiente buliçoso de vendedores, marítimos, artesãos, frades, etc., tendo as crianças realizado tarefas encarnando marinheiros, marceneiros, calafates, cozinheiros, remadores, grumetes, feirantes, lavadeiras, vendedeiras e pescadores. Os principais papéis foram assumidos por atores que, ao enquadrarem a ação, desenvolveram o enredo previamente estabelecido através de um guião. O projeto recebeu apoios da Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses; do Estado-maior da Armada; da Fundação Calouste Gulbenkian; do Ministério da Educação Nacional; das Câmaras Municipais de Lisboa, Seixal e Moita; da Sonae e do Teatro Experimental de Cascais.⁵⁶

⁵⁶ Vide Anexo documental, Documento 6.

Em simultâneo ao evento «Um dia de Primavera de 1537 na Ribeira das Naus», o Serviço Educativo da F.R.E.S.S. avançou com o projeto «Acordar História Adormecida» sob um tema similar ao anteriormente descrito: na zona de Belém reconstituiu-se a preparação da partida de uma armada portuguesa para a Índia no ano de 1538.

Um dos métodos de sensibilização e transmissão de conhecimentos sobre uma determinada época é a utilização do Baú Pedagógico ou Maleta Pedagógica. Este equipamento de trabalho foi criado por Manuela Mota e começou a ser utilizado em 1988, no decorrer do projeto «...e outra vez conquistemos a distância», com o apoio do Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses. Foi elaborado um documento contendo sugestões para a utilização do Baú Pedagógico pelos professores, inicialmente distribuído em fotocópias e depois impresso e editado pelo Grupo de Trabalho.⁵⁷ Esta, como qualquer Maleta, tinha por objetivo reunir um conjunto de textos, imagens, objetos manipuláveis, que melhor definissem a época que se pretendia trabalhar. Com base nestas primeiras experiências de História ao Vivo, manteve-se a recorrência a este tipo de material didático tendo vindo a ser construídas outras Maletas Pedagógicas como meio de sensibilização a diversos projetos, sobre épocas distintas, promovidas em vários museus e monumentos, com grande sucesso.⁵⁸

Relativamente ao projeto de 1988, sobre os Descobrimentos, a apresentação do Baú incluía a leitura de uma carta de Pedro de Faria, distribuída durante a primeira reunião com os professores envolvidos. Neste caso específico a Maleta tinha o feitio de uma arca como as que iam e vinham da Índia com os pertences dos viajantes. Continha os materiais que fariam parte integrante da formação dos alunos sobre o século XVI e era fundamental que todos eles provassem, cheirassem e experimentassem esses materiais contidos na Maleta, registando e comentando posteriormente a sua exploração sensorial, incluindo os instrumentos náuticos (kamal, bússolas, cartas, mapas), cuja utilização correta pressupunha a consulta de uma brochura existente no interior do Baú.

Faziam igualmente parte dos materiais a observar, amostras de tecidos ricos, estampados e bordados, idênticos aos vindos do oriente na época, como os cetins, os damascos e o veludo de seda, sugerindo-se que os professores aprofundassem o assunto levando os alunos em visita ao Museu do Traje e à exposição de chitas de Alcobaça, então

⁵⁷ BÁRCIA, Paula, *Baús Pedagógicos: Utilização e Conteúdo, Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses*, Editorial do Ministério da Educação, s.d – Anexo documental, documento 7.

⁵⁸ Uma das Maletas viajou até Turim, acompanhada por Paula Coelho e Paula Bárcia, para um congresso sobre bibliotecas infantis.

patente ao público no Palácio Nacional da Ajuda. Como não podia deixar de ser, o Baú abarcava sacos com diversas especiarias e um livro de receitas da época, que poderiam ser confeccionadas. Numa pequena caixa vinham as conchas a que se chamava porcelanas (cauris), por se pensar, naquele tempo, que serviam de matéria-prima à fabricação da porcelana, através da moagem. Os alunos eram levados a descobrir a razão porque as peças de porcelana, vindas no Baú, viajavam tão bem acondicionadas, atentando na carta de Pedro de Faria que fazia referência ao gosto com que enviava peças desse material tão belo. A partir destas delicadas peças era abordada a cerimónia Japonesa do chá, introduzido na Europa pelos portugueses, naquela altura.

Em sùmula, a maleta pedagógica servia de mote para se desenvolverem os diversos temas que os alunos iriam trabalhar no decorrer de todo o processo de preparação até ao dia da ação final na Ribeira das Naus. Ainda em fase de preparação do projeto, a apresentação do Baú Pedagógico expunha os produtos que tinham levado os portugueses às suas longas viagens pelo mundo. Através dele e do que continha, os alunos aproximavam-se da realidade exterior, ou seja, a abordagem era feita de lá para cá, ao contrário do que acontecia na ação final, que se fazia de cá para lá, com os preparativos de uma armada rumo ao oriente. Com o decorrer dos vários projetos de História ao Vivo, este Baú foi evoluindo, ao longo dos anos e outros foram realizados para possibilitar a sua utilização em simultâneo pelas várias escolas a desenvolver projetos similares. O Baú acabou por se tornar autónomo como veremos mais adiante.⁵⁹

Outras instituições museológicas recorreram a esta estratégia para desenvolverem ações pedagógicas com escolas e outras entidades. O Palácio Nacional de Queluz foi um dos que recorreu ao uso da Maleta Pedagógica durante vários anos de atividades com escolas e instituições de idosos, como teremos oportunidade de referir no final deste trabalho.

Em junho de 1988 foi apresentada em Espinho a primeira Feira Medieval portuguesa. Organizada pelo Clube de Dramatização em História da Escola Secundária Dr. Manuel Laranjeira, sob orientação do professor Avelino Alves Ribeiro (professor de História e dinamizador do Clube), a iniciativa desenvolveu-se no âmbito do projeto «Escola Cultural». A abertura oficial da feira deu-se pelas 10 horas do dia 16 de junho com a proclamação da Carta de Feira de Espinho. Nela se incluíram núcleos de exposição-venda; músicas medievais interpretadas pelos coros da Academia de Música de Espinho

⁵⁹ Vide Anexo fotográfico, Figura .4.

e da Escola Secundária Dr. Manuel Laranjeira e, da parte da tarde, apresentações teatrais com fantoches pelo núcleo de teatro da Escola e do Externato Oliveira Martins; teatro de rua e saltimbancos; coros e cantigas medievais; jogos tradicionais e a intervenção do “arauto” com «notícias de outras bandas».

O jornal «Defesa de Espinho» fez a cobertura do acontecimento e publicou um suplemento alusivo ao evento no dia da feira, apoiando, desta forma, o projeto.⁶⁰ Entre 15 de maio e 13 de junho de 1989, tendo aderido ao Projeto História ao Vivo, a Câmara Municipal de Palmela, através da Divisão Sócio- cultural, com a colaboração das escolas do concelho e com o apoio da APOM, levou a cabo a ação «A Profissão de um Cavaleiro da Ordem de Santiago», no castelo da vila, onde se recriou um dia na vida do castelo no início do século XVI, ao tempo em que D. Jorge de Lencastre foi mestre da Ordem de Santiago, tendo como mote a preparação e realização da cerimónia de investidura de um cavaleiro da ordem.

Os alunos envolvidos (dos ensinos primário e preparatório) puderam viver o quotidiano dos freires no castelo, as relações da ordem e do seu mestre com as comunidades vizinhas e conhecer as beneficiações artísticas dentro da Igreja de Santiago, enquadrando-os no contexto da História da região, articulando os programas de várias disciplinas com o de História de Portugal (Estudos Sociais, Português, Inglês e Francês, Educação Visual, Educação Musical, Trabalhos Manuais, Ciências da Natureza, Religião e Moral, Educação Física e Matemática).⁶¹

Em 3 de maio de 1989, a APOM, representada por Maria Manuela Mota, apresentou a comunicação «História ao Vivo: O Museu, a Escola, a Comunidade» na Escola Superior de Educação de Portalegre, onde, novamente se promoveu esta técnica de divulgação do património e a sua importância enquanto ferramenta para o ensino da História. A comunicação foi ilustrada com um vídeo sobre a ação de «História ao Vivo – 1537 – Fernão Mendes Pinto na Ribeira das Naus», que decorreu em Lisboa em maio de 1988.⁶²

Outras ações de formação para professores e animadores culturais foram sendo propostas e solicitadas à APOM, passando o Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as comemorações dos Descobrimentos Portugueses a ter uma participação ativa no desenvolvimento de todos os projetos. Dando continuidade ao trabalho realizado

⁶⁰ Vide Anexo documental, Documento 8.

⁶¹ Vide Anexo documental, Documento 9.

⁶² Vide Anexo documental, Documento 10.

em 1988, o Grupo de Trabalho e a APOM repetiram a iniciativa, tendo podido alargar o âmbito da ação, por contar com apoios adicionais como a cedência da visita à caravela da APORVELA, o que permitiu receber diariamente 120 crianças, durante 4 semanas, das escolas primárias da Câmara Municipal de Lisboa e escolas da área da grande Lisboa contactadas pelo Ministério da Educação.

A esta iniciativa aderiu também o Serviço Educativo dos Museus da Câmara Municipal do Porto, escolhendo o momento histórico da preparação da primeira expedição a Ceuta, realizada em 1415 naquela cidade. As crianças embarcaram no Porto, num Rabelo, levando algum do abastecimento necessário aos ancorados perto do Cabedelo. Ali se descarregou, se tomaram as refeições, se realizaram trabalhos de carpintaria naval de acordo com os acontecimentos da época.

O Projeto conjunto do Grupo de Trabalho e da APOM – História ao Vivo: «...E Outra Vez Conquistemos a Distância», contou com a mesma equipa de especialistas, estando na sua execução Manuela Mota; Paula Bárcia; Teresa Viana (Técnica), com a colaboração de José Gouveia (professor e dramaturgo); Geraldo Touché (ator e animador cultural), Paula Coelho (atriz, fundamental para o sucesso do projeto) e como consultores: Patrick Redsell (consultor para a dramatização junto do Conselho escolar de Suffolk); Paulo Oliveira Ramos (especialista da Universidade Aberta); António Nabais (Técnico do IPPC e conservador do Museu do Seixal).

A preparação do projeto incluiu a formação de monitores com aulas teóricas e a participação de especialistas nas áreas de dramatização, psicologia, História, História ao Vivo e sua técnica, Museus e Património. Para tal verificou-se uma ação de formação de atores; atividades de preparação de professores participantes com a projeção comentada de um vídeo sobre a ação de História ao Vivo anteriormente realizada.⁶³ Em 1989 a ação final aconteceu junto ao Cais dos Catraeiros, ao Cais do Sodré, uma das mais animadas zonas da Lisboa quinhentista. Esta ação, projetada à imagem da concretizada no ano transato, viu, contudo, alguns melhoramentos na sua realização, nomeadamente o n.º de alunos que participaram na aventura; 2500 crianças de 40 escolas primárias e preparatórias da grande Lisboa.

O projeto da APOM e do Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, contou com os apoios da Câmara Municipal de Lisboa, do Estado Maior da Armada, da Fundação Calouste Gulbenkian

⁶³ Vide Anexo documental, Documento 11.

(Serviço de Educação), do Museu Nacional de Arte Antiga, das Câmaras Municipais do Seixal, de Almada e de Oeiras, dos Bombeiros Voluntários de Lisboa, da Transtejo, da Portucel, do Teatro Experimental de Cascais, da Agfa-Gevaert, Lda., do Museu de Marinha, dos Estaleiros José Lopes, do Instituto do Emprego e Formação Profissional, da Luselite, da Cimarron, da EPAL, da Universidade de Lisboa – Faculdade de Ciências, das Juntas de Freguesia do Stº Condestável, de Stª Catarina, dos Prazeres, da Ajuda, das Mercês e da Administração do Porto de Lisboa.⁶⁴

Para o ano letivo de 1989/1990, o Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses avança com novas propostas para a realização de ações ligadas à técnica de História ao Vivo. A primeira, a acontecer entre 17 de maio e 1 de junho de 1990 na zona da Ribeira das Naus, foi, desta vez, subordinada ao tema: «Os Corte-Reais e a Terra Nova – 1500/1502», abrangendo cerca de 2000 crianças em 17 dias de ação. No seguimento dos anteriores projetos sobre a época dos Descobrimentos, editaram-se 5000 brochuras com informação sobre esta técnica pedagógica, organizou-se um curso de formação de animadores e monitores, propôs-se a criação de um “museu vivo” sobre os descobrimentos, constituído por réplicas desta época, onde as crianças pudessem manusear os materiais expostos, observar tarefas artísticas e artesanais, visionar vídeos, diaporamas, teatro, dança relacionados com a época em foco.

A fechar os trabalhos de 1989, o Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses apresenta novo plano de atividades. Nesta proposta base prevê-se reforçar e dar continuidade ao trabalho até então realizado criando e organizando materiais científicos e didático-pedagógicos (em texto, audiovisual e informático); organização de uma biblioteca e catálogo; ações de formação de professores ao longo do ano letivo, incluindo conferências por todo o país; ações comunitárias; animação cultural (exposições, espetáculos e concursos); organização de projetos de História ao Vivo; organização de viagens; criação de um museu didático-pedagógico sobre os Descobrimentos portugueses.

Foram definidos por este Grupo de Trabalho alguns marcos da nossa História sobre os quais foi proposto realizar ações com professores e alunos até ao ano 2000: Viagem de Bartolomeu Dias (já realizado em 87/88); 500 anos sobre a expedição missionária de Rui de Sousa ao Congo (a realizar em 1991); Chegada de Cristóvão

⁶⁴ Vide Anexo documental, Documento 12.

Colombo à América (a comemorar em 1992); 450 anos sobre a chegada dos portugueses ao Japão (1993); 600 anos sobre o nascimento do Infante D. Henrique e 500 anos sobre o Tratado de Tordesilhas (1994); Descoberta do caminho marítimo para a Índia (1997/98); Viagem de Pedro Álvares Cabral e V Centenário do nascimento de D. João de Castro (2000).⁶⁵

Através relatório de atividades do Grupo de Trabalho – Projetos de História ao Vivo 1989/1990⁶⁶ - observamos a realização de uma série de etapas que passam pela preparação científica que implicou a publicação de um conjunto de documentos para professores participantes, a preparação pedagógica em que se realizaram várias reuniões de formação de professores onde foi distribuída nova documentação de apoio aos projetos, a formação de animadores, onde de novo se distribuiu documentação relativa ao século XVI, definiram-se personagens e criaram-se etapas a cumprir por cada uma delas.

À imagem do que fora realizado em 1988 e 1989, em maio de 1990 é de novo posto em prática o projeto de História ao Vivo «1501 – Lisboa: O ano de todos os encontros», na Ribeira das Naus, a ação realizou-se entre 21 de maio e 7 de junho, tendo participado 20 escolas da zona da grande Lisboa, com 1666 alunos e 140 professores. A APOM cedeu mais uma vez o seu baú pedagógico que circulou por todo o país em ações de sensibilização realizadas em diversas escolas e cedeu vestuário e adereços de sua propriedade.

Manuela Mota colaborou na organização e realização de textos bem como nas ações de formação. Promoveu o vídeo sobre a ação anterior em escolas de todo o país e participou ativamente na ação final. Foi realizado um novo vídeo com duração de 24 minutos, para continuar a formação e sensibilização de professores nos anos seguintes. Desta vez com autoria de Paula Bárcia e do Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, com o apoio da APOM, ao contrário do primeiro, realizado em 1988, totalmente produzido pela APOM. Este projeto contou com vários apoios, sendo de destacar o da Câmara Municipal de Lisboa.⁶⁷

Neste ano de 1990, Maria Cândida Proença produziu um vídeo de cerca de 20 minutos para a disciplina «Didáctica da História» da Universidade Aberta, num programa dedicado à História ao Vivo onde Paula Bárcia foi convidada a expor os traços principais desta técnica de ensino. O vídeo destinou-se à formação de professores e complementa o

⁶⁵ Vide Anexo documental, Documento 12.

⁶⁶ Vide Anexo documental, Documento 13.

⁶⁷ Vide COELHO, Raquel da Assunção Bernardo Alves, *op. cit.*, p. 53.

capítulo que Maria Cândida Proença dedicou à História ao Vivo no livro para o estudo da mesma disciplina.⁶⁸

Também em 1990, conforme o referido anteriormente, foi proposto pelas responsáveis pelo projeto «História ao Vivo», a criação de uma ação em Bruges a ser realizado com alunos das escolas locais e filhos de emigrantes portugueses nesta cidade, incidindo nas relações históricas entre Portugal e Flandres. Este projeto não chegou a realizar-se. A ação incidiria na figura do feitor português da Flandres, como representante dos interesses comerciais de Portugal e intermediário do soberano junto de artistas e artesãos flamengos, a quem eram encomendadas armas e munições, jóias e vestuário, mobiliário, têxteis, livros e objetos de arte.

Com base nestes factos foi proposto criar-se uma ação de História ao Vivo situada no porto onde estaria atracada uma caravela portuguesa (réplica) e onde se montaria uma feira para venda de produtos trazidos pelos portugueses das várias partes do mundo, e produtos locais. Sendo o capitão do navio um rico mercador madeirense, vem ali encomendar a pintura de um retábulo com a «Adoração dos Reis Magos» para oferecer à Igreja de N^a Senhora da Conceição do Machico. Para uma mais aprofundada permuta entre as duas culturas, propôs-se animar a feira com folguedos e música da época de ambos os países.

Datado de 15 de maio de 1991, encontramos um documento escrito da autoria de Maria Manuela Mota (existente no seu arquivo) intitulado «O Museu e o Ensino da História», que terá servido de base a uma comunicação apresentada nas Caldas da Rainha e publicada em 1995 em *IX Encontro de Professores de História (Caldas da Rainha, 15, 16 e 17 de maio de 1991): Comunicações*.⁶⁹

Neste texto é focada a importância fundamental das coleções dos museus ao serviço do ensino da História, sendo no entanto necessário um acompanhamento por parte ou do professor, ou do conservador, ou de um monitor do Serviço Educativo, visando a leitura e compreensão dos objetos expostos, com o fim de «*dar uma orientação afetiva ao relato, desenvolvendo a emoção, contando, por exemplo uma história centrada no tema que se quer ensinar*»⁷⁰.

⁶⁸ PROENÇA, Maria Cândida, *Didáctica da História*, Universidade Aberta, Lisboa, 1989, pp. 203-207.

⁶⁹ MOTA, Maria Manuela, «O Museu e o Ensino da História», In *IX Encontro de Professores de História (Caldas da Rainha, 15, 16 e 17 de maio de 1991): Comunicações*, Produzido por: Património Histórico – Grupo de Estudos, Gráfica da Ponte, Caldas da Rainha, 1995, pp. 99-109.

⁷⁰ *Vide idem*, p. 4.

Durante a referida comunicação são dados alguns exemplos (através de uma apresentação de diapositivos de diversas peças expostas em museus nacionais) de como através dos objetos de museu se podem analisar aspetos da vida quotidiana de outras épocas, acompanhando a evolução das mentalidades, através de uma leitura dos mesmos adequada à idade dos visitantes, proporcionando o desenvolvimento da sua imaginação. Partindo deste pressuposto são feitas algumas recomendações de como deve ser preparada uma visita ao museu para que dela os alunos retirem o maior proveito.

Num primeiro ponto deverá ser feito, pelo professor, o contacto com o museu a visitar, referindo o programa da disciplina e procurando informações sobre o material didático disponível no museu e bibliografia recomendada. Num segundo momento o professor deverá preparar a visita solicitando sessões de esclarecimento e inteirando-se da coleção do museu, para poder orientar a preparação dos alunos que devem ser levados a investigar sobre o período histórico em questão.

A visita propriamente dita deverá ser sempre temática e não exaustiva. Neste ponto é sublinhado que nunca se deverá visitar todo o museu, o que provoca o cansaço e desinteresse dos alunos e que a visita deve ser sempre temática e acompanhada. Este acompanhamento poderá ser desenvolvido de vários modos conforme a faixa etária dos alunos. A exploração pode ser feita através de uma leitura das peças, solicitando-se aos alunos que vão apresentando as suas próprias interpretações; pode ser feita à base de jogos e adivinhas, ou pode ser ilustrada com recurso à História ao Vivo, fazendo falar algumas personagens sobre uma determinada época ou um dado acontecimento através de um quadro dramatizado. É ainda sugerida a ida “do museu” às escolas através de exposições itinerantes ou das chamadas Maletas Didáticas. Aqui, mais uma vez, se regista a preocupação em estabelecer métodos eficazes nas práticas dos museus para a interpretação dos espaços e das coleções numa comunicação didática direcionada ao ensino. Considera-se que a visita ao museu só ficará completa se na sala de aula se desenvolver trabalho coma informação recolhida.

Entre 27 de maio e 21 de junho de 1991, promovido pela Câmara Municipal de Lisboa, realizou-se pela quarta vez consecutiva o projeto de História ao Vivo – «Um dia na Ribeira das Naus, em 1537...», à imagem do que acontecera nos anos anteriores. Nele participaram cerca de 3000 crianças e 140 professores da zona de Lisboa. Segundo Geraldo Touché, um dos elementos da coordenação deste projeto desde o seu início, esta

4ª edição distingue-se por se ter conseguido que a História ao Vivo se tornasse um empreendimento da autarquia.⁷¹

Em 30 de dezembro de 1991 foi realizado na ilha da Madeira o projeto de História ao Vivo denominado «Madeira, Encruzilhada do Açúcar na Europa, uma visão do Funchal no século XVI», organizado pela Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, pelo Ministério da Educação – Grupo de Trabalho para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses e pelo Governo regional da Madeira (Vice-presidência e Coordenação Económica e Secretaria Regional de Educação, Juventude e Emprego), sob a coordenação de Paula Bárcia^{72, 73}

Também as Escolas do Ensino Básico e Secundário de Montemor-o-Novo, organizaram a recriação de uma feira quinhentista (sob uma perspetiva local e regional), integrada no projeto Montemor e os Descobrimentos, em maio, com o apoio da Câmara Municipal e do Grupo de Trabalho para as comemorações dos Descobrimentos Portugueses.⁷⁴

Na Portela de Sacavém a escola Preparatória organizara, para fecho do ano letivo (28 de junho), uma rua de mercadores do século XVI, em homenagem a Gaspar Correia regressado do oriente com a mala repleta de sedas. Os professores que organizaram a atividade tiveram os apoios de diversas empresas (com dinheiro e produtos) e dos próprios pais dos alunos.⁷⁵

A proposta para a edição de 1992 do já habitual grande projeto anual de História ao Vivo para Lisboa foi apresentada por quatro dos elementos responsáveis pelo lançamento desta técnica desde o seu início: Manuela Mota da APOM, Paula Bárcia do Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Geraldo Touché e José Gouveia (dramaturgos). O desafio foi lançado ao Pelouro da Educação, Juventude e Desporto da Câmara Municipal de Lisboa, de modo a que assumisse em pleno a realização do projeto como forma da autarquia comemorar os Descobrimentos.

⁷¹ Vide Anexo documental, Documento 15.

⁷² Paula Bárcia foi a dinamizadora do projeto História ao Vivo no Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, divulgando-o por todo o país através de várias e diferentes ações de recriação histórica e promovendo formação e participando em conferências por todo o país. Licenciada em História e professora do Ensino Básico, integrou este Grupo de Trabalho entre 1988 e 2000. Note-se que mesmo depois do Grupo findar, Paula Bárcia continuou (e continua) a gerar e participar em vários projetos relacionados com História Viva, como veremos adiante.

⁷³ Vide Anexo documental, Documento 16.

⁷⁴ Vide Anexo documental, Documento 17.

⁷⁵ Vide Anexo documental, Documento 18.

Desta feita, a realizar em maio, o local escolhido foi o Castelo de S. Jorge e a data 1415, a propósito do início da expansão marítima portuguesa, abrangendo 60 escolas do concelho – cerca de 3000 crianças (4º, 5º e 6º anos) e 250 professores. A ação situou-se, por um lado, dentro do recinto muralhado, com a presença de corporações medievais: Mestres, oficiais, e aprendizes em olaria, cantaria, marcenaria, tecelagem, as vendas de hortaliças, fruta, água, vinho e toda a sorte de produtos que ao burgo chegavam. Por outro lado, no interior do castelo, encontrava-se a azáfama da casa militar em contraste com o sossego da corte, com as damas bordando, menestrelis tangendo instrumentos e donzelas dançando. No exterior, ao final da tarde, para júbilo do povo, realizaram-se momos e entremezes. Em 1992/93, a Câmara Municipal de Cascais promoveu um projeto de História ao Vivo organizado por Manuela Mota, Geraldo Touché e José Gouveia, denominado «1499: Boas novas da Índia chegam a Cascais», envolvendo cerca de 1000 alunos das escolas do concelho, com a colaboração do Teatro Experimental de Cascais.

A ação centrou-se numa figura popular – Joana Domingues, cujo marido partira do Restelo para a Índia sob as ordens de Vasco da Gama. Avista-se uma nau ancorada ao largo da Baía de Cascais. Joana Domingues, em grande alvoroço, afirma ser a nau portuguesa que lhe levara o marido, ou outra que dele lhe traga notícias. O povo reúne-se. Ao local vão chegando homens e mulheres vindos do interior para venderem produtos diversos: frutas, legumes, ovos, azeite, vinho, marmelada. Outros são artesãos, ou lavadeiras, todos eles procurando saber se a nau que avistam é portuguesa ou se se trata de piratagem. O mestre pescador resolve ir junto da embarcação recolher informações. Descobre-se finalmente que é Nicolau Coelho acabado de regressar da Índia.⁷⁶

Muitos outros projetos foram sendo realizados pelo Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses e pela APOM, através da ação e conhecimentos de Maria Manuela Mota e de Paula Bárcia. No início dos anos de 1990, a técnica de História ao Vivo tinha sido divulgada por todo o país, Continente e Ilhas.

Várias instituições museológicas tinham assimilado e adotado o recurso a esta técnica para a divulgação e conhecimento do património, incluindo diversos projetos na programação anual dos Serviços ligados à educação. Partindo deste conceito, foram sendo criadas novas estratégias complementares às visitas orientadas aos museus para grupos escolares: dramatizações históricas e oficinas. Como vimos, a partir dos exemplos

⁷⁶ Vide Anexo documental, Documento 19.

práticos aqui descritos, a ação da APOM teve início num momento fundamental de modernização da museologia para a divulgação da História e do Património em que se pretendeu criar serviços e estratégias capazes de responder às lacunas observadas tanto no ensino da História como na relação dos museus e monumentos com os diversos públicos que ali não acediam por falta de comunicação e de programas inovadores, nomeadamente direcionados às escolas. Foi por esta altura que se começaram a criar grande parte dos serviços pedagógicos capazes de acolher esses públicos, sobretudo os grupos de estudantes, com uma calendarização destinada às várias faixas etárias e às diferentes necessidades e objetivos.

A acrescentar a este facto, iniciou-se o período de comemorações dos 500 anos dos descobrimentos portugueses, tendo o Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses aderido de imediato à nova técnica de ensino e sensibilização para o estudo da História. Este Grupo de Trabalho reunia meios económicos que tornaram possível a expansão da História ao Vivo pelo território português incluindo museus e monumentos, escolas, autarquias e motivando a criação de cursos de animadores culturais que visaram a formação de técnicos capazes de manter a prática em atividade. Paula Bárcia, munida destes meios e crente nesta técnica para a revitalização do estudo da História, que faz dela uma ciência experimental, acionou um plano de atividades que se estendeu ao longo de vários anos, sobretudo empenhada em revelar às crianças que a história que estudam já tinha sido vivida por outras pessoas.

Incidiremos, de seguida, na ação do Ministério da Educação através do Grupo de Trabalho sob a perspetiva de Paula Bárcia que dedicou mais de dez anos da sua vida à dinamização de atividades de História ao Vivo, divulgação da técnica através de ações de formação e diversas publicações, tendo-nos possibilitado a consulta do seu arquivo deste longo período de desenvolvimento de projetos e concedido várias e esclarecedoras entrevistas que serviram de base para a redação do texto respeitante a este tão importante grupo. Não obstante, é importante frisar que, apesar de com menos ênfase, Paula Bárcia continuou e continua a criar e participar em projetos de História Viva, como veremos adiante, num dos próximos capítulos.

Voltando ao atual ponto da questão e conforme acabámos de referir, a adesão do grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses foi fundamental para reforçar e desenvolver a dinamização de inúmeros projetos de História ao Vivo em todo o país, não só pela motivação e ligação das escolas à nova técnica de ensino, como pela possibilidade de reunir as verbas

necessárias para a realização de cada projeto: aquisição de materiais, pagamento dos monitores envolvidos, trabalho de investigação inerente a cada projeto e elaboração de catálogos, dossiers, materiais didáticos em diversos suportes (papel, vídeo, slides) e toda a documentação necessária à boa preparação dos professores e alunos intervenientes. A ligação com a APOM complementou a ação do Grupo de Trabalho pela aproximação com os responsáveis de museus e monumentos e dos serviços educativos já existentes, e pela experiência e conhecimentos de Manuela Mota. As ações de História ao Vivo tornaram-se muito completas, começando pela sensibilização aos projetos, com a apresentação de slides e vídeos e a entrega de documentação, o trabalho de pesquisa feito nas escolas, a apresentação da Maleta Pedagógica nas escolas com alusão aos vários temas a desenvolver, as visitas aos museus onde as exposições pudessem ilustrar os textos e temas estudados e, por fim, os dias da ação final em que os grupos punham em prática os seus conhecimentos vivendo a época em foco.

Paula Bárcia, licenciada em História e professora do Ensino Básico, foi a dinamizadora do projeto História ao Vivo no Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses. Teve contacto com Manuela Mota e com a História ao Vivo no Colóquio APOM/87, no qual participou como professora da Escola Preparatória Fernão Lopes. Ainda em 1987, a APOM e a Fundação Calouste Gulbenkian promoveram o curso de «Formação de Monitores de Projectos de História ao Vivo», coordenado por Maria Manuela Mota, no qual Paula Bárcia participou aprofundando os seus conhecimentos nesta área. Nele também estiveram pessoas ligadas ao teatro e responsáveis de museus e monumentos, interessados em pôr em prática projetos baseados no novo conceito que acabara de chegar ao nosso país. O conhecimento desta técnica trouxe-lhe uma hipótese, nova em Portugal, de transmitir os conteúdos da disciplina de História recorrendo a meios criativos que sempre procurou, tentando, desde sempre, transmitir aos seus alunos a ideia de que a História é uma coisa viva.

Paula Bárcia foi destacada para o Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses em 1988, tendo aí desempenhado funções até 2000, período em que escreveu e viu editados diversos livros e roteiros para a realização de visitas de estudo e ações de História ao Vivo: *A Propósito do Século XVI* (1989), em co-autoria com Maria Manuela Mota e Teresa Viana; *Manual de História ao Vivo* (1990); *Brites e Joane vão de Aventura na Corte de D. Manuel* (1991); *Brites e Joane vão de Aventura em S. Tomé* (1996); *Lisboa à Beira-Rio – Quatro*

Percursos para Descobrir a Lisboa do Passado (1998); *Brites e Joane vão de Aventura em Macau* (2000).

A primeira ação que se realizou segundo as regras e o rigor da técnica de História ao Vivo aconteceu no Castelo de S. Filipe, em Setúbal, na qual também participaram os técnicos ingleses que estiveram envolvidos na introdução da História ao Vivo em Portugal. Partindo desta primeira experiência, Paula Bárcia e Manuela Mota começaram a reunir materiais com o intuito de criar uma lista de factos que pudessem ser explorados com as escolas através da nova técnica. Luís Albuquerque, presidente do Grupo de Trabalho, concordou com a realização destes projetos direcionados para a História dos Descobrimentos Portugueses, e a maior parte deles realizou-se, por haver vontade, mas também meios financeiros para os levar avante. Para tal, Paula Bárcia e Manuela Mota escreveram e publicaram um primeiro livro didático⁷⁷, com diversos materiais sobre a vida quotidiana em Portugal no século XVI e sobre as viagens dos portugueses no período dos descobrimentos, incluindo sugestões de trabalho a desenvolver com alunos dos diversos níveis de ensino.

Desde então começaram a criar inúmeros projetos de História ao Vivo, alguns deles descritos no ponto anterior, e, em simultâneo, a divulgar a técnica pelo país inteiro. Houve de imediato uma adesão e interesse gerais pelo novo conceito porque a História ao Vivo apareceu no momento certo: professores e museólogos estavam ávidos por qualquer coisa que viesse revitalizar o interesse e o ensino da História. Mesmo os responsáveis pelas autarquias manifestaram de imediato o desejo de cooperar com ações deste tipo e apoiaram muitas delas em vários pontos do país. Criou-se um grupo de ação intensa onde se incluía também Paula Coelho (falar com a Paula), atriz muito criativa e excelente produtora. A primeira ação organizada por este grupo recentemente formado foi a da Ribeira das Naus: «Um dia de Primavera de 1537 na Ribeira das Naus», em 1988.

Foram contactados diversos atores que estivessem dispostos a receber formação para participarem numa ação deste tipo. Compraram-se materiais que constituíssem o cenário daquela zona ribeirinha no século XVI, como um forno em alvenaria, mas ainda com poucos meios. Deram preferência, desta vez, às escolas com alunos carenciados. Mais tarde, foram convidadas crianças surdas e cegas, com resultados muito positivos. Este projeto foi-se repetindo em anos consecutivos, tendo os meios vindo a aumentar de

⁷⁷ BÁRCIA, Paula, MOTA, Maria Manuela, VIANA, Teresa, *A Propósito do Século XVI*, Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Lisboa, 1989.

ano para ano. Os fatos foram feitos pelo Grupo de Trabalho, com o auxílio de Manuela Mota. Para tal, as duas mentoras do projeto basearam-se numa análise minuciosa, que demorou vários dias, a partir da observação das pinturas expostas no Museu Nacional de Arte Antiga. Partindo dessa recolha contrataram um artista plástico que desenhou e pintou com tintas de aguarela uma série de modelos da época. Também através da observação das obras pictóricas do Museu Nacional de Arte Antiga (MNAA), foram comprados instrumentos do quotidiano como cestos, fogareiros, etc.

Criou-se um grupo de fornecedores habituais para estas ações, como a Olaria do Desterro que ainda faz peças de barro com os modelos utilizados no século XVI. As roupas foram feitas em quatro tamanhos, ainda com tecidos da Fábrica de Portalegre que fechou por essa altura. Por fim, já tinham um chafariz com uma torneira antiga que vertia água onde os participantes se abasteciam durante o decorrer das atividades e duas casas em madeira, uma para rapazes e outra para raparigas, onde se trocava de roupa, entrando por uma porta com vestes do século XX e saindo por outra já com trajes da época em estudo.

Havia sempre uma arenga que dava início às atividades. Chamavam-se os mestres (atores adultos responsáveis por cada núcleo) e as crianças eram distribuídas pelos trabalhos que já tinham escolhido previamente nas escolas. Na mesma tarefa ficavam sempre crianças de escolas diferentes para que todos participassem em experiências diversas de modo a poderem ser partilhadas com os colegas, posteriormente, nas salas de aulas. Os professores tinham reações muito distintas: uns viviam a história com entusiasmo, outros deixavam os alunos e iam passear para a Baixa, por não quererem vestir-se a rigor, nem tirar os sapatos, relógios, joalharia, etc.

As mentoras do projeto não permitiam que se usasse qualquer peça de vestuário ou adereços conotados com o século XX, à exceção dos óculos. Aliás, durante a fase de preparação do projeto, pediam sempre que nesse dia levassem o mínimo de roupa e de enfeites. Quem não levava sapatos que se adequasse ao efeito, entrava descalço para o recinto cujo chão estava forrado com palha. Havia alguns sapatos de lona para distribuir pelos participantes, mas nem sempre eram suficientes. Paula Bárcia afirma que este “autoritarismo” em relação ao figurino não acontecia em vão – só assim se conseguia que se desse a magia para que todos mergulhassem no personagem e na época recriada. Em comparação, seria o mesmo que estamos a ver um filme que retrata uma determinada época histórica, como por exemplo o século V, e uma das personagens ter um relógio de pulso moderno, ou um telemóvel.

Acrescenta que aquilo era mais do que um personagem, tratava-se de uma vivência, e tinha que ser a partir do momento em que deixavam as suas roupas e se vestiam com os trajes do século XVI. E resultava. Paula Bárcia conta que, durante anos, entrava no autocarro e era cumprimentada com um «Olá comadre!...». Aquelas crianças nunca mais esqueceriam aquele dia. Houve um ano em que tiveram a colaboração de um mestre carpinteiro naval que, com os alunos, conseguiu reconstruir um velho bote completamente destruído. Tiveram também a participação de dois irmãos gémeos que construíam velas, sobretudo para a Holanda, que acompanharam as crianças neste ofício e conseguiram igualmente obter todos os instrumentos navais em tamanho natural, o que dificultava o seu manuseamento por parte das crianças, mas ficavam assim com uma ideia real de como eram e do seu funcionamento.

As crianças tinham objetivos diversos para as manhãs e para as tardes, e o dinheiro que ganhavam era sempre muito pouco, depois de um dia de trabalho: ficavam a perceber como era difícil a vida do povo no século XVI. Nas primeiras ações realizadas na Ribeira das Naus, a Marinha deu o seu valioso apoio na confeção e distribuição dos alimentos. Ofereciam uma sopa bem consistente que traziam junto da paliçada onde os adultos responsáveis enchiam panelas de ferro, de três pés, e distribuía posteriormente por todos os participantes. Havia também pão escuro, peixe frito, queijo, chouriço e azeitonas, distribuídos durante a hora do almoço. Quanto à fruta, as crianças tinham de comprar às vendedeiras com o “dinheiro” que recebiam pelo seu trabalho, o que não chegava para muito. Havia sempre aguadeiros a distribuir água ao longo do dia.

A meio da manhã, as meninas que estavam encarregues da cozinha, cortavam e distribuía pedaços de queijo e de chouriço. Antes da hora do almoço, havia sempre atividades de artes circenses que distraía as crianças para que não se apercebessem que os alimentos chegavam no jipe da Marinha junto do recinto. Quando tudo estava preparado para a refeição, o frade gritava, afastando os artistas, dizendo que aquilo era bruxaria e coisas do diabo. Assim se passava à distribuição do almoço. Os elementos da organização tinham sempre relógios escondidos que consultavam discretamente. De seguida olhavam para o sol e diziam as horas. As crianças estavam o mínimo possível em contacto com a realidade do século XX.

Fazia-se a viagem, quão rigorosa quanto possível, até ao século XVI. A loiça era lavada com areia em selhas (barricas cortadas ao meio) e os panos eram lavados com cinzas. Os alunos aderiam completamente a todas estas tarefas. O chão do recinto era

coberto de palha, que era mudada de tempos a tempos. Havia fardos de palha espalhados pelo espaço onde os participantes descansavam.

Estabeleceu-se uma solidariedade grande com as pessoas daquela zona da cidade. As floristas, por exemplo, trocavam as flores que lhes restavam ao final do dia pela sopa que sobrava do almoço. Com essas flores, a organização enfeitava a procissão que se realizava no encerramento de cada jornada. Essa procissão servia também para a recolha das moedas que tinham sido distribuídas durante o dia. Estas moedas não eram cunhadas, na sua maioria, eram rodela de metal oferecidas por uma fábrica. No recinto fazia-se a cunhagem, com o auxílio de um maço de madeira, mas muitas nunca chegavam a ser cunhadas.

Estando este recinto completamente vedado ao público em geral, quem quisesse vestir os trajes da época podia entrar e assistir à recriação. Houve turistas e outras pessoas exteriores ao projeto que visitaram o espaço e observaram as atividades. Entre eles os atores Mário Viegas e Maria do Céu Guerra e a Dra. Maria Barroso. Mas todos entraram vestidos à época.

Paula Bárcia chegava sempre muito cedo para acender (com fósforos, que não podiam ser vistos) a grande fogueira onde se coziam os remédios, onde se fazia o chá e de onde se tiravam as brasas para o dia todo, que serviam para fazer o pão no forno e os biscoitos para a viagem, cuja receita era a original. Os alunos amassavam-nos na amassadeira de madeira e colocavam-nos em formas de barro untadas com azeite. Ficavam muito duros, depois de cozidos, para poderem durar todo o tempo da viagem, como lhes era explicado durante a ação dramática.

Desde o primeiro projeto foi preparada documentação a entregar aos professores envolvidos, focando os vários aspetos a serem abordados no decorrer do processo: desde os aspetos históricos, às possibilidades de escolha de tarefas a realizar, os nomes que podiam ser utilizados (baseados numa recolha feita a partir da obra de Gil Vicente). Era feita uma pré-ação nas escolas de modo a sensibilizar e esclarecer os professores inscritos.

A última ação de História ao Vivo realizada pelo Grupo de Trabalho aconteceu no Palácio Nacional de Sintra e centrou-se na vinda, pela primeira vez, de quatro meninos japoneses à Europa. Foi feita uma complexa investigação em torno deste facto, que originou a criação de um completíssimo dossier documental a fornecer aos professores envolvidos no projeto intitulado *A Propósito da Embaixada dos Meninos Japoneses à Europa e da sua Passagem Por Portugal (Seleção de Textos) – Documentação de Apoio ao Projecto*

de “História ao Vivo” realizado no Palácio Nacional da Vila, em Sintra, em Maio/Junho de 1993.

Trazidos por jesuítas da cidade de Hiroshima, os quatro meninos que haviam recebido uma educação europeia – sabiam português, latim, tocavam órgão, cantavam música sacra, etc. –, foram alojados na Penha Longa e apresentados ao cardeal Duque Alberto no Paço de Sintra. Em torno destes factos, o Grupo de Trabalho pediu a cedência do palácio em Sintra para a realização da ação final do projeto, onde se preparou e realizou a receção e o cortejo. Participaram crianças de diversas escolas do concelho de Sintra com bandeiras, tambores, soldados, jesuítas, as oferendas, incluindo um osso de rinoceronte conforme o que havia sucedido na época.

O projeto proporcionou aos alunos envolvidos um vasto conhecimento não só da cultura portuguesa ao tempo dos descobrimentos como de diversas tradições japonesas incluindo o culto do chá, a arte do origami, os bordados, a alimentação e a influência da cultura japonesa em Portugal e vice-versa. Este projeto foi antecedido por uma série de ações de formação para alunos e professores como o estudo de artes marciais, caligrafia oriental, construção e lançamento de papagaios de papel, realizadas num jardim japonês na Várzea de Sintra. Num segundo momento de preparação do projeto, dois elementos da organização (Paula Bárcia e Paula Coelho) deslocavam-se às escolas onde realizavam uma pequena dramatização com uma personagem da época (cozinheira do palácio que pedia às crianças que a ajudassem na grande receção que iria acontecer, pois não conseguiria preparar tudo sozinha para tanta gente), enquanto o outro elemento descodificava a dramatização que os tinha surpreendido e enquadrava os professores no projeto entregando materiais para o seu desenvolvimento.

No dia da ação final, a manhã era ocupada com a preparação da receção: havia um canteiro e um carpinteiro que se ocupavam de dois grupos de aprendizes, a ama do cardeal que bordava com outro grupo de alunas, o mordomo que dirigia as criadas que limpavam o palácio, as cozinheiras, uma série de guardas, um grupo de músicos que preparavam os cânticos para que da parte da tarde se realizasse a grande receção após o cortejo.⁷⁸

Paula Bárcia acentua a importância dos Baús Pedagógicos, idealizados por Manuela Mota desde os primeiros projetos, que eram um elemento fundamental na preparação das ações de História ao Vivo. Esses baús continham uma série de objetos que foram variando e melhorando ao longo dos tempos. Desde tapetes árabes aos pães de

⁷⁸ Vide Anexo documental, Documento 20.

açúcar com os respetivos martelinhos com que se quebravam os torrões por tradição, os paus de canela enormes para que se percebesse que se tratava de casca de uma árvore, as sedas, tecidos de algodão indiano, tecidos de Génova, leques, chapéus de sol chineses, paus de chuva, chás e especiarias diversas, até aos instrumentos de navegação construídos em madeira no Museu de Marinha.

Estes baús foram evoluindo e acabaram por se tornar autónomos, viajando por todo o país com um manual de instruções, para que os professores, museólogos e todos os que pretendessem realizar ações de sensibilização nesta área de estudos, pudessem recorrer ao que o baú trazia para ensinar. Após a extinção do Grupo de Trabalho, Paula Bárcia foi consultada diversas vezes por várias entidades como escolas e Câmaras Municipais para apoiar o desenvolvimento de projetos ligados à História ao Vivo. No caso das autarquias, pretendiam recorrentemente levar a cabo ações ligadas aos forais ou a comemorações da elevação das vilas a cidade.

Um dos casos deu-se em Rio Maior, pela festa da cebola que acontecia todos os anos. Recriaram um ambiente de século XIX – passagem da primeira diligência – com música no coreto, baile, teatro de rua, um contador de histórias. Participaram as escolas da região e lares de 3ª idade. As pessoas idosas expuseram, nas barraquinhas montadas para a feira, peças antigas que tinham, ainda daquela época, tendo-se criado uma guarda, com fardas da GNR (da época) e espingardas francesas autênticas, do tempo da invasão. Toda a cidade participou entusiasticamente.

Em Moura também se recriou a chegada de D. Manuel à cidade após uma caçada, com a montagem de uma feira no castelo, onde participaram todos os habitantes daquela terra, desde a creche, os alunos dos vários graus de ensino até ao secundário, e todos os familiares das crianças que se envolveram na criação e montagem do projeto. Paula Bárcia afirma que a partir de certa altura as pessoas sentiram-se capazes de praticar ações de História ao Vivo autonomamente, apesar de ter sido várias vezes chamada para resolver situações adversas que iam surgindo durante o decorrer da organização de alguns projetos – como numa recriação histórica do tempo de D. Dinis em que, no mercado, se queriam colocar bancas de produtos que nada tinham a ver com o tema, como acontece atualmente e que na altura não foi permitido por Paula (sendo este o rigor que escassa nos dias que correm).

Deslocava-se, fosse onde fosse – Elvas, Barcelos, Porto, Azambuja... – demorando o tempo necessário e, ultrapassados os obstáculos, as ações continuavam sem problemas. Progressivamente por todo o lado se estava em posse das ferramentas para se

ser autónomo na execução destes projetos, embora considere que posteriormente muitas destas iniciativas se tenham desvirtuado muito, como temos vindo a verificar.

Antes de passar ao próximo capítulo, consideramos extremamente interessante dar algum protagonismo a um projeto de História ao Vivo em específico, talvez o mais mágico e verdadeiro que se deu até hoje e que teve lugar numa pequena vila denominada Vale do Paraíso, para a celebração do V Centenário do encontro de Cristóvão Colombo com o Rei D. João II.

De forma sucinta, nos dias 9, 10 e 11 de março de 1493 Vale do Paraíso contou com a visita do descobridor da América, no regresso da sua viagem ao Novo Mundo. Indo cumprimentar D. João II, que ali buscara um refúgio contra o mal da peste, Colombo fez deste lugar um sítio histórico. Cinco séculos decorridos sobre esse acontecimento e as pessoas queriam ainda relembrar o encontro do navegador com o rei de Portugal. Assim, Joaquim Veríssimo Serrão, consultor do projeto, afirmou em 1993 *«Viemos em grande número para celebrar uma das mais notáveis efemérides do reinado de D. João II, o Monarca que conferiu aos Descobrimentos Portugueses uma dimensão universal. Mas viemos também a Vale do Paraíso para dizer à sua população que esta terra merece ser conhecida pelo papel que desempenhou na vida de Cristóvão Colombo.»*⁷⁹

Vale do Paraíso, desde o século XIV, pertencia à comenda de Santos-o-Velho, em Lisboa, mosteiro onde residiam as viúvas e filhas de antigos cavaleiros da ordem de Santiago. Era uma terra de bons ares e de frondosa vegetação, portanto com as desejadas condições para escapar ao flagelo da peste. Assim se entende que uma humilde aldeia tenha sido o palco do encontro que juntou o rei de Portugal e o descobridor do Novo Mundo.

Fugindo aos rigores da peste, D. João II deambulava então por terras vizinhas de Lisboa, à espera de boas notícias que tornassem possível o seu regresso à capital. Na companhia de um pequeno grupo de cortesãos e após receber más notícias sobre a peste que assolava Lisboa (e não querendo naturalmente deambular por locais com risco de contaminação) foi aconselhado a permanecer num local alto onde não pudessem chegar os receios da epidemia. Assim, quando se encontrava entre Aveiras de Cima e Aveiras de Baixo, foi aconselhado a subir à aldeia de Vale do Paraíso, onde se assinala a sua presença no dia 5 de março de 1443. A instalação nesta aldeia leva a crer que a aldeia tinha um razoável número de habitações e que assim albergaram a pequena corte joanina.

⁷⁹ Cf. SERRÃO, João Veríssimo, *Cristóvão Colombo em Vale do Paraíso (9 a 11 de Setembro de 1493)*, Edição da Junta de Freguesia de Vale do Paraíso, 1993. - (sem paginação).

Colombo tinha chegado ao Tejo, a bordo da caravela Niña, na manhã de segunda-feira, dia 4 de março de 1493. A caravela teria sofrido várias tormentas ao longo da viagem de regresso do Novo Mundo e estava em risco de naufrágio. Os Reis Católicos haviam dito a Colombo que, em caso de aflição, procurasse abrigo nos portos Portugueses e escrevesse a D. João II, porque a amizade entre os dois reinos permitiria a Colombo reparar a caravela antes de prosseguir viagem ao encontro dos Reis Católicos.

Na sexta-feira dia 8 de março chegou a resposta de D. João II, trazida por D. Martinho de Noronha, senhor do Cadaval, filho do antigo mordomo-mor D. Pedro de Noronha (que havia falecido há poucos meses). Nesta resposta, Colombo era informado que o rei de Portugal esperava a sua visita imediata. Assim, nessa mesma tarde, seguiu viagem com D. Martinho de Noronha, passando a noite em Sacavém, partindo novamente, na manhã seguinte, para Vale do Paraíso, uma penosa viagem sob chuva intensa. D. João II não quis perder tempo, portanto, iniciava-se assim o primeiro dos três encontros que o rei de Portugal manteve com Cristóvão Colombo, em Vale do Paraíso.

O Monarca fez sentar o visitante, dirigiu-lhe as boas vindas e disse que faria tudo para corresponder à amizade dos Reis Fernando e Isabel: *«y a todo lo que a su servicio complease complidamente y más que por cosa suya»*. Segundo o diário colombiano, D. João acrescentou que sentia gosto por Colombo ter efetuado a viagem com tanto êxito: *«por aver avido buen término y se aver hecho»*. No entanto, logo aproveitou o ensejo para reivindicar as terras que o almirante dizia ter encontrado: *«pues entendia que en la capitulación que avia entre los Reyes y él que aquella conquista le pertenecia»*, tornando-se evidente que se referia aos tratados de Alcáçovas – Toledo (1479 – 1480), onde ficara estipulado que as terras e ilhas ao norte do paralelo das Canárias seriam pertença da coroa de Portugal.⁸⁰

Assim terminou o encontro na noite de 9 de março, marcando-se uma nova audiência para o dia seguinte que coincidia com um domingo. Desta forma, no dia 10 de março, depois da missa, Colombo foi novamente falar com D- João II, dia no qual ficou no ar a dúvida se, através do seu discurso, o rei de Portugal tentava intimidar o almirante ou se propunha, entre dentes, que ele passasse ao serviço da coroa Portuguesa: *«Se avia menester algo que luego se lo daria, y departió mucho com el almirante sobre su viaje, y sempre le mandava estar sentado y hacer mucha honra»*.⁸¹

⁸⁰ Cf. *idem*.

⁸¹ Vide *idem*.

Na segunda-feira, dia 11 de março, depois do almoço, Colombo despede-se do Rei: *«este le dixo algumas cosas que dixese de su parte a los Reyes, mostrando le sempre mucho amor»*.⁸² É bem provável que Colombo tenha exagerado no seu Diário as provas de amizade que recebeu de D. João II, uma vez que os cronistas Rui Pina e Garcia de Resende não escondem as várias discussões que ocorreram entre o Monarca e o almirante acerca do descobrimento, até porque não tardaria que o rei de Portugal mandasse apontar uma frota com o fim de ocupar essas mesmas terras. Nesse mesmo dia, 11 de março, Colombo iniciou a sua viagem de regresso, ficando a dormir em Alhandra nessa noite, sabendo-se que foi aconselhado ao Rei por alguns dos seus cortesãos o assassinato do almirante, para que o descobrimento não revertisse para os espanhóis – ao que D. João II não cedeu, mostrando-se um homem prudente e sábio.

O que sucedeu em 1993 foi a recriação histórica deste evento tão relevante que se dera há 500 anos atrás, quando Vale do Paraíso recebeu o descobridor da América, onde D. João II protagonizou um dos mais altos momentos da sua realeza, algo visto como um título de glória para os habitantes da terra, para a vila da Azambuja e para a Junta de Freguesia de Vale do Paraíso, sendo um dos objetivos desta recriação fazer com que esta linda aldeia passasse a ser conhecida dos portugueses e estrangeiros, como uma terra histórica que se orgulha de ser.⁸³

A ideia da recriação histórica da visita de Colombo surgiu de Rosa Margarida Gomes da Silva, amiga de Paula Bárcia, que lhe sugeriu a concretização desta ação de História ao Vivo, tentando envolver e incluir toda a população de Vale do Paraíso. Sob consultadoria de Joaquim Veríssimo Serrão e através de uma cuidada investigação, iniciaram então os preparativos para que a ação decorresse nos mesmo dias que há quinhentos anos atrás e que as diferentes ações em cada dia correspondessem o mais possível ao que teria acontecido no passado. O que ninguém esperava, é que a população de Vale do Paraíso se deixasse envolver tão profundamente nesta recriação.

Por iniciativa própria, muitas das pessoas que lá viviam procuravam saber pormenores acerca de como seriam as suas casas na época, de como seriam os trajes que vestiam e de que eram feitos e, autonomamente, pintaram as suas casas, criaram as suas roupas, inclusive pequenas roupas para os mais novos e até recém-nascidos. Quem

⁸² *Vide idem.*

⁸³ Atualmente, em Vale do Paraíso, existe um edifício denominado Centro Interpretativo de Colombo, que alberga uma exposição histórica permanente sobre Colombo, a sua descoberta da América e a sua ligação a Vale do Paraíso.

chegasse a esta vila, e através de relatos de pessoas que experienciaram toda esta ação, certamente poria momentaneamente em questão se não teria feito uma viagem no tempo até 1493.⁸⁴

Pela forma como as pessoas vivenciaram a ação, pela sua entrega, pelo extremo rigor com que a ação foi conduzida, em que todos e especialmente os mais ínfimos pormenores contavam – até pequenas bancas que existiam, havia o cuidado de tapar todo o ferro visível, todas as esplanadas cenografadas, entre outros pormenores, consideramos esta, uma das Recriações Históricas mais bem conseguidas de sempre, pelo menos no que diz respeito a Portugal. Tanto quanto conseguimos averiguar, conversando com pessoas que lá vivem e que experienciaram esta ação, foi um momento inesquecível no qual sentiram ter viajado no tempo na sua própria terra, para vivenciar, experienciar e sentir o algo próximo do que teriam sentido se estivessem na pele dos seus antepassados.

⁸⁴ Chegámos a estas conclusões através de algumas entrevistas com Paula Bárcia, que gentilmente nos recebeu várias vezes, cedendo bastante documentação relacionada com o tema e contando, na primeira pessoa, o decorrer desta iniciativa. Também conseguimos recolher alguns relatos das pessoas que vivenciaram a ação na altura.

3. Consolidação de uma prática pedagógica e a evolução do conceito, desde 1986 até 2019

«Ever wish you could step into the past? (...)»⁸⁵

Como referimos anteriormente, a designação «História ao Vivo» ficou registada em Portugal segundo parâmetros muito específicos e rigorosos: tratava-se da realização de projetos direcionados ao público escolar, em que se recorria à dramatização para dar vida a factos, momentos ou lugares da História. Todos os participantes (atores, monitores, professores, alunos, etc.), tinham obrigatoriamente que mergulhar no tempo histórico a retratar, encarnando personagens de época, trajando com o maior rigor possível e vivendo, durante todo o decorrer da ação, de acordo com o período da História a recriar e com uma preparação prévia assente na pesquisa de textos e documentos históricos.

De uma forma genérica, os projetos desenvolvidos pela APOM (Manuela Mota) e pelo Grupo de Trabalho dos Descobrimentos Portugueses (Paula Bárcia) realizaram-se em espaços vedados ao público em geral, apenas acessível aos participantes através de duas construções em madeira (uma para rapazes e outra para raparigas) com duas portas, com a dupla função de camarins e de uma espécie de máquina do tempo. Quem viesse para ingressar na História ao Vivo, ali entrava com as suas roupas do século XX e dali saía encarnando o personagem que iria viver durante aquele dia, no passado. Era nesse espaço que começava a “viagem no tempo”, onde ficavam guardados, para além das roupas, todos os objetos que representassem anacronismos: relógios, ganchos de cabelo e outros acessórios, sapatos desportivos, etc.. Apenas os óculos eram permitidos por questões de saúde e da boa fruição dos participantes com problemas de visão.

As refeições eram servidas no decorrer daquele dia de trabalho. As crianças podiam comprar bolinhos ou fruta com o “dinheiro” que iam ganhando ao longo do dia pelos trabalhos que realizavam. O “dinheiro” em circulação no interior do recinto não era real, mas sim moedas reproduzidas para o efeito, que ali se ganhavam e gastavam.

Estas ações de História ao Vivo realizaram-se durante mais ou menos dez anos, sob coordenação da Associação Portuguesa de Museologia e do Grupo de Trabalho para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses. Com o fim do Grupo de Trabalho em

⁸⁵ Cf. ROTH, Stacy F., *op. cit.*, p. 1.

2000, o Ministério da Educação não deu continuidade aos trabalhos junto dos museus, feito por intermédio da APOM, passando cada instituição museológica a comunicar diretamente às escolas os programas educativos a funcionar em cada ano letivo e estas a solicitarem aos museus e monumentos as visitas que pretendiam integrar no plano letivo anual.

No decorrer dos 10 anos em que o Grupo de Trabalho funcionou em parceria com a APOM, algumas instituições museológicas adotaram esta técnica para a dinamização de projetos dos seus serviços de educação e de animação, adaptando-a às necessidades dos espaços e dos visitantes como aconteceu nos Palácios Nacionais de Queluz, de Mafra ou no Museu da Cidade de Lisboa. Estas instituições, como outras, foram dinamizando, desde então até ao presente, programas de carácter didático e lúdico na sequência deste ponto de arranque, direcionados a grupos de estudantes e a outros públicos.

Entretanto, algumas autarquias começaram também a desenvolver projetos com base em factos históricos para animarem o património do município por que eram responsáveis. Estas ações deixaram de lado alguns dos princípios da História ao Vivo, como o facto de se tornarem acessíveis ao público em geral servindo uma faixa mais larga da população e o turismo cultural, proporcionando a visita a estes eventos a um público não integrado na animação enquanto personagens.

A designação História ao Vivo, conforme ficou registada, deixou de se cumprir com os parâmetros iniciais. Assim, surgem denominações como Recriação Histórica, Reconstituição Histórica ou Animação Histórica, para designar estas atividades que se popularizaram e, em certos casos, passaram a fazer parte das iniciativas anuais de alguns municípios, criando-se uma certa tradição na realização desses acontecimentos locais – de que são exemplo a esmagadora maioria das Feiras e Mercados Medievais, Romanos, Setecentistas, entre outros.⁸⁶ Para a realização destas festas históricas as autarquias recorrem geralmente aos serviços de empresas de animação ou grupos de teatro muitas vezes repetindo o mesmo formato de terra em terra, não atentando ao rigor histórico

⁸⁶ Em 2009 Raquel Alves Coelho realizou uma cuidada e pormenorizada investigação neste sentido, chegando à conclusão que a Feira Medieval de Coimbra, a Viagem Medieval de Santa Maria da Feira, Os Dias Medievais de Castro Marim, a Feira Medieval de Silves, o Festival dos Descobrimentos de Lagos e o Mercado Medieval de Óbidos, nenhum se regia pelas regras básicas, por assim dizer, que o conceito original (ou atual, note-se) exige. Infelizmente, das iniciativas que ainda hoje se praticam, verificamos que não houve um melhoramento ou tentativa de recuperação por parte das autarquias, continuando as iniciativas a ficar muito aquém do desejado, regendo-se quase apenas pelo divertimento e retorno financeiro do que pelo ensino da História e quotidiano das determinadas épocas retratadas.

desejável, resultando numa certa banalização do conceito, sacrificando-o ao vício consumista do nosso tempo.⁸⁷

Assim, observa-se que de ano para ano, estas feiras vão reduzindo os quadros de animação – atores encarnando personagens característicos da época, trazendo à memória o património imóvel das diversas regiões, representando hábitos, costumes, tradições, profissões, pregões, alimentação, etc. –, para se observar cada vez mais a aposta em bancas que vendem todo o tipo de produtos, na maioria dos casos fora do contexto da época e da região.

Raquel Alves Coelho refere como exemplo, em 2009, a Feira Medieval em S. Pedro de Sintra (atualmente denominada “Sintra Quinhentista” – 18 a 21 de Julho de 2019), integrada no projeto «Rota das Feiras», promovido pela Câmara Municipal de Sintra (Departamento de Cultura e Turismo – Divisão de Animação Cultural), grande parte da animação assentou, em Julho de 2009, em tendas de vendas de produtos indianos, marroquinos, espanhóis e portugueses, em que os vendedores se apresentavam vestidos com trajes de aproximação medievais, e nem todos, vendendo produtos comuns em lojas e centros comerciais do século XXI, como roupa exposta em *charriots* inoxidáveis e coloridos fantoches de esponja. A animação propriamente dita foi feita por artistas circenses cuspidos fogo, jogando o Diábolo e música de tambores e gaita-de-foles, não sendo o suficiente para se criar a atmosfera da idade média. Como esta são muitas as “recriações de feiras medievais” que degeneram pelo país inteiro, deixando a grande distância os principais fins destas iniciativas: a revitalização do património cultural e do património imóvel e a transmissão de conhecimentos históricos de uma determinada época. E como no caso da Sintra Quinhentista, estas questões de escasso rigor histórico e até desrespeito do mesmo não tem vindo a alterar-se desde 2009. Desde então, infelizmente, não se deram alterações no que respeita a esta feira, apenas algumas adaptações nas atividades e alguns momentos de animação um pouco diferentes, mas continuando sem um sentido de rigor histórico na sua generalidade.

⁸⁷ Podemos afirmar que algumas autarquias são capazes de realizar este tipo de trabalho com o rigor histórico desejável, pesquisando sobre a época, sobre aspetos culturais e tradições específicos de cada região onde se realiza a ação e fatos históricos ali acontecidos, a maioria, pelo contrário, limita-se a repetir de localidade em localidade um formato de animação de época pronto a comercializar. Através da investigação realizada podemos inclusive constatar que existem, por parte das empresas que fornecem estes serviços, uma espécie de “pacote” para venda que as torna muito semelhantes umas às outras, independentemente da localidade e, por vezes, da época em questão. – Vide COELHO, Raquel da Assunção Bernardo Alves, *op. cit.*, pp. 69 a 71.

É certo que estas feiras continuam a atrair muitos visitantes, tanto portugueses como estrangeiros, e nesse aspeto cumpre-se um dos objetivos, que se prende com o turismo cultural, levando um vasto público a visitar os sítios históricos onde se realizam as ações. Contudo, parece-nos absolutamente essencial, por um lado, valorizar e dar a conhecer as tradições e história locais que particularizam cada região (com veracidade e rigor histórico), por outro, fomentar a diferença e a inovação em cada evento realizado, através da pesquisa histórica, para que de ano para ano não se desvaneça o desejo de continuar a viver estes dias em épocas passadas e para que a visita às feiras de época não se assemelhe a um simples passeio em família pelo Centro Comercial, como o compara Raquel Alves Coelho em 2009 e como o continua a afirmar, bem como Paula Bárcia, atualmente.

Em geral, grande parte das entidades continuam a usar a designação «História ao Vivo» para se referirem a este tipo de ações, ignorando certamente que esta foi registada de acordo com um conceito e regras muito específicas. Mas, independentemente do nome que se lhe dá, estes eventos deveriam estar obrigados ao cumprimento do rigor histórico inteiramente baseado num processo de investigação para a sua realização de modo a criar-se ambientes o mais próximo possível da realidade da época e do local onde são postas em prática, de acordo com os nomes que lhes são dados: Feiras Romanas, Medievais, Setecentistas, etc., integradas num espaço patrimonial com História. O público, constituído em grande parte por crianças, deve encontrar essencialmente fins didáticos e não comerciais ao visitar estas iniciativas. Certamente, o público que acaba por visitar as respetivas iniciativas acaba ou por não reter qualquer aprendizagem sobre a época retratada ou, mais grave, pode retirar informações e noções completamente erradas. Arriscamo-nos mesmo a dizer que este tipo de Feiras de época são a “*Fast Food*” da História Viva em Portugal.

O entusiasmo com que as mentoras da técnica de História ao Vivo em Portugal falam dos projetos que promoveram nos anos 80 e 90 do século XX, em que as crianças aprendiam brincando, ganhando o gosto pelo estudo da História, é, com este modo de trabalhar, deixada ao esquecimento, desiludindo quem tanto se empenhou no arranque desta prática – tendo ainda em conta que algumas dessas pessoas, como Paula Bárcia, continuam a promover ações com base no conceito de História ao Vivo, na tentativa de regenerar os seus objetivos primordiais.

Todavia, continuam a faltar as ações de sensibilização e de formação que acompanharam os primeiros anos do uso desta técnica em Portugal que, na nossa opinião, são a chave essencial para a revitalização do conceito, de modo a não se praticarem erros

que transformam estas ações em deturpação da História, tornando-as festas totalmente incompatíveis com a educação patrimonial e o ensino desta disciplina.

Partindo do conceito inicial de História ao Vivo, que temos vindo a referir, foram surgindo naturalmente novas vias para a Recriação Histórica promovidas por museus, monumentos, escolas e autarquias que foram dando continuidade a este processo, criando-se várias vertentes do mesmo. Este processo de evolução natural aconteceu tanto em Portugal como no estrangeiro.

Temos, em primeiro lugar, as recriações ligadas ao património histórico, artístico e cultural de uma localidade, como as referidas feiras medievais situadas por exemplo nas proximidades de um castelo, que oferecem ao público em geral a possibilidade de tomar contacto com usos, costumes, modos de vestir, profissões, de épocas passadas, instruindo a assistência sobre essa realidade. Estes eventos servem a educação, valorizam o património local e servem o turismo cultural da região e do país. Bem estruturadas, estas ações promovem não só o ensino da História, mas também o da cidadania nela baseada e o respeito e conhecimento da tradição, a formação de pessoas inseridas num contexto cultural herdado mas dinâmico, passível de ser recriado sobre um conhecimento sólido e afetivo que nos empenhamos hoje, mais do que nunca, em valorizar:⁸⁸

*«Afinal, o Património cultural está hoje, cada vez mais, na confluência entre herança material e imaterial, os monumentos e as tradições, os costumes e as mentalidades, e a criação cultural contemporânea – o valor acrescentado que as novas gerações acrescentam e incorporam na realidade cultural dinâmica de que somos protagonistas...».*⁸⁹

Uma outra via que partiu da técnica de História ao Vivo foi a criação de circuitos em espaços museológicos com a representação de “quadros vivos”, como explicamos inicialmente no trabalho. Neste casos, encontram-se, por exemplo, em salas ou jardins de monumentos atores/animadores trajados de acordo com a época do espaço a animar, agindo como figuras desse tempo, realizando ações representativas do que ali se poderia ter passado: por exemplo um sarau com música e danças de época num palácio do século XVIII, ou um banquete medieval com momos, jograis e danças, entre muitas outras ideias passíveis de se concretizarem e que acabam por exigir menos meios que as iniciativas de grandes dimensões, como a reconstituição de Mercados ou Feiras.

⁸⁸ Vide COELHO, Raquel da Assunção Bernardo Alves, *op. cit.*, pp. 73 e 74.

⁸⁹ Cf. MARTINS, Guilherme d'Oliveira, *Património, Herança e Memória – A cultura como criação*, Gadiva, Lisboa, 2009, p.38.

Temos ainda uma terceira via, já mais distanciada do conceito de História ao Vivo, mas que ainda mantém uma ligação com o que este nos trouxe de inovador: a dinamização de oficinas relacionadas com a História e com a Tradição. Para consolidar os conhecimentos transmitidos durante uma visita a um museu, recorre-se num momento final, a atividades em ateliers ou oficinas onde se pratica um ofício de uma época passada: pintura de azulejos com motivos usados no século XVII; oficina de olaria recriando peças em uso no período dos Descobrimentos; atelier de música ou dança, culinária, etc.

É importante frisar que consideramos todos estes meios que partiram da dinâmica que as ações de História ao Vivo vieram introduzir em Portugal, assentes na investigação e no rigor, eram, e são, muito válidos e necessários, servindo vários aspetos do conhecimento e preservação da nossa cultura e património. No entanto, para que estas práticas não se desvirtuem, seria necessário revitalizar e sistematizar os novos conceitos da recriação histórica e de História Viva. Neste sentido, existindo cada vez mais variedade de diferentes ações, ideias e iniciativas com base no conceito original de História ao Vivo (História Viva, segundo o conceito alargado que aqui propomos, tal o faz Raquel Alves Coelho em 2009), iremos num capítulo mais adiante propor uma subdivisão e organização do conceito, para que seja possível sistematizá-lo no seu sentido alargado, após 36 anos de existência em Portugal, e para que as autarquias, empresas, instituições, etc., se possam por fim [novamente] reger, sem a desculpa de que não têm acesso a informação suficiente para a criação de projetos historicamente fidedignos, como verificamos ao longo da investigação, para “desculpar” a falta de rigor histórico nas suas ações.

3.1. Estratégias de educação patrimonial e de entretenimento lúdico: A História Viva; A Recriação Histórica; Visitas com Oficina; Visitas Encenadas

«Theatre can open the senses and touch the heart and mind, challenging audiences' understanding and provoking them to rethink their own ideas. (...) Theatre is an appropriate and powerful educational and interpretative

method for museums of all shapes and sizes as they move into the twenty-first century.»⁹⁰

A iniciativa de introduzir em Portugal a técnica de História ao Vivo esteve a par de uma outra, mais abrangente, que consistiu em criar e dinamizar estratégias de acolhimento e interpretação dos espaços museológicos e de exposições para os diversos públicos, sob a orientação de museólogos ou monitores de Serviços Educativos, com projetos atrativos, em torno do conceito de “função educativa”. A ideia primordial foi a de acolher grupos de estudantes dos diversos graus de ensino com programas adequados às diversas faixas etárias. Entre estes inscrevem-se as animações históricas, mas não só.

Um dos métodos mais bem acolhidos por estas entidades – para cativar os estudantes para o ensino da História, da Arte e do Património, o respeito e conhecimento da tradição – é o recurso às visitas com oficina, onde são trabalhados os diversíssimos temas possíveis de explorar no seio de um espaço museológico. Estes espaços continuam a acolher os públicos com programas de visitas orientadas por monitores, sendo estas cada vez mais especializadas.

Desde que se iniciou a tarefa de procurar encontrar técnicas de exploração e de comunicar o património com programas adequados aos diversos públicos que se pretende acolher e conquistar, observamos que se desenvolve a preocupação de encontrar estratégias aliciantes para manter os visitantes como público fiel, criar novos públicos, tornando estes espaços acessíveis a todos os cidadãos, com programas diversificados de interpretação e comunicação. Para além do público escolar – a primeira preocupação dos museólogos na área educativa – temos atualmente programas dirigidos a idosos, a famílias (nos fins-de-semana) e ao turismo cultural, bem como a um público mais exigente, constituído por adultos que pretendem aprofundar os seus conhecimentos na área cultural e artística, observando-se a dinamização de colóquios, conferências, concertos comentados, visitas e workshops dinamizados por especialistas nas diversas matérias passíveis de se explorar nos diferentes lugares.

A oferta de produtos culturais é cada vez mais diversificada, observando-se a necessidade de desenvolvimento das competências dos técnicos que dinamizam os Serviços Educativos. Estas instituições têm, atualmente, atividades que englobam a

⁹⁰ Cf. HUGHES, Catherine, *Museum Theatre – Communicating with Visitors Through Drama*, Heinemann Portsmouth, NH, USA, 2008, p. 7.

contratação de profissionais na área da música, da dança, do teatro, como visitas orientadas a áreas específicas habitualmente não acessíveis ao público, empresas de animação histórica, incluindo o recurso à técnica de História Viva ou da Recriação Histórica. Observamos que, para além de Queluz, cujo caso desenvolveremos mais adiante, no Palácio Nacional de Mafra, Museu da Água (atualmente fechado), Museu de Cerâmica, o Museu Dr. Joaquim Manso, o Museu José Malhoa, o Museu de Lamego entre outros, em 2009, durante o evento «Noite e Dia dos Museus/Palácios 2009», recorreram à História Viva para atrair e comunicar com os seus públicos, como pudemos verificar através da programação anunciada no site do IMC em 2009, quando este ainda existia como tal.⁹¹

Através de Raquel Alves Coelho, e da entrevista que teve com João Neto, Diretor do Museu da Farmácia, tivemos conhecimento de algumas iniciativas pedagógicas ali realizadas para a comunicação com os públicos escolares. Num primeiro momento é conveniente salientar que o Museu da Farmácia foi o primeiro em Portugal a incluir, no percurso da exposição, legendas colocadas à altura das crianças, tendo também concebido um atrativo catálogo dedicado ao público infantil.

Como complemento desta adaptação do museu aos públicos mais jovens, o Serviço Educativo promove diversos programas de visitas comentadas direcionadas às várias faixas etárias, com ateliers temáticos onde a tónica é posta no espírito científico e na função didática do museu. Nestas oficinas as crianças podem aprender a fabricar uma pasta de dentes, um sabonete (Pré-escolar e 1º Ciclo); extrair o ADN de um vegetal e perceber a sua função (1º e 2º Ciclos); ou os riscos para a saúde inerentes ao consumo de tabaco (2º e 3º Ciclos), álcool e outras drogas (3º Ciclo). Através dos diversos programas dos Ateliers Educativos as crianças compreendem como as ciências fazem parte do nosso quotidiano, sendo-lhes estimulado o interesse por um conhecimento aprofundado que a Farmácia pode revelar através da sua descodificação.⁹²

O Museu de Lisboa, antigo da Cidade⁹³ é um dos casos em que se recorre à Recriação Histórica como meio de interpretação dos espaços e peças expostas, desde os

⁹¹ O Instituto dos Museus e da Conservação, I. P., era um Instituto Público português, abreviadamente designado por IMC, criado em 2007 no âmbito do Programa de Reestruturação da Administração Central do Estado (PRACE), e que unia os anteriores Instituto Português de Museus e Instituto Português de Conservação e Restauro, assim como a Estrutura de Missão Rede Portuguesa de Museus. Era dependente do Ministério da Cultura. Em 2011, foi fundido com o Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico, I. P., gerando a Direção-Geral do Património Cultural.

⁹² Anexo documental, Documento 21.

⁹³ O Museu de Lisboa, antigo Museu da Cidade, é um museu polinucleado no qual Lisboa e as suas histórias se revelam sob diferentes perspetivas. São cinco os núcleos do Museu de Lisboa: Palácio

primeiros anos em que se começou a praticar o conceito de História ao Vivo em Portugal. Em 2009 Raquel Alves Coelho entrevistou, com vista à redação da sua dissertação, a fundadora do Serviço de Animação, que participou em ações Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses e numa ação de formação realizada no Palácio Nacional de Queluz, e que desenvolveu, ao longo de cerca de 20 anos, projetos educativos de reconstituição histórica no museu.

O Museu da Cidade de Lisboa é um dos exemplos onde, desde cedo foi adotado o recurso à recriação histórica partindo do conceito de História ao Vivo, para a dinamização do antigo Serviço de Animação e Pedagogia, fundado por Edite Alberto.

Edite Alberto começou a trabalhar no museu em 1989, incumbida da função de guiar visitas. Na altura, em Portugal, havia poucos Serviços Educativos e o conceito de educação nos museus estava ainda em estado embrionário. Ao ser-lhe entregue esta tarefa, procurou encontrar estratégias novas para a interpretação das peças e dos espaços a comunicar, por considerar muito redutor dedicar-se apenas ao processo de visita guiada tradicional. Começou por adequar o discurso utilizado nas visitas aos diversos públicos e, nesta preocupação, tentou procurar recursos e formação nesta área. Entretanto, soube que existiam ações de formação para professores a decorrer no Palácio Nacional de Queluz, através de duas professoras do ensino básico que estavam muito ligadas à animação e tinham um método muito inovador de apresentar as suas aulas. Integrou-se, então, numa destas ações, dinamizadas por Carlos Coxo e Dra. Ana Flores⁹⁴, tendo o primeiro contacto com a prática da Recriação Histórica.

A formação decorria ao longo de um dia. Os participantes tinham de se preparar para serem recebidos pela “rainha”: desenhavam o fato que iriam vestir; construíam adereços em papel, que no caso dos homens era um *jabot* de renda e no das mulheres um leque; aprendiam a fazer a vénia com que iriam cumprimentar a rainha e, por fim, jogavam à cabra-cega no jardim. Pouco depois, através do Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, começou a colaborar em projetos de História ao Vivo coordenados por Paula Bárcia. Foi

Pimenta, Teatro Romano, Santo António, Torreão Poente e Casa dos Bicos. Cinco espaços distintos, com valências e objetivos complementares, que partilham uma missão, uma identidade e uma nova imagem. O propósito é o de revelar Lisboa de diferentes formas, para dar a conhecer a riqueza de uma das cidades mais antigas da Europa. Para além do Teatro, um outro monumento romano é gerido pelo Museu de Lisboa: as Galerias Romanas da Rua da Prata, descobertas no subsolo da Baixa de Lisboa, em 1771, na sequência do Terramoto de 1755. Abrem ao público duas vezes por ano. In <http://www.museudelisboa.pt/>

⁹⁴ Primeiros dinamizadores dos Serviços de Educação do PNQ, conforme descreveremos mais adiante.

cedida a colaboração do Museu para um projeto a decorrer em Alenquer – “O dia em que Damião de Góis ofereceu um relógio de sol ao convento” –, e para um outro com as Escolas da Musgueira que consistia numa feira do século XVIII. Toda a equipa do Museu participou nas reconstituições, tendo sido um trabalho prático que funcionou também como formação. No caso do projeto das Escolas da Musgueira, foram as próprias escolas que contactaram o Museu para que apoiasse o desenvolvimento da ação.⁹⁵

Houve uma outra iniciativa, pela mesma altura, com a Escola de Carnide que fez a reconstituição de uma procissão no século XVI. O Museu apoiou com a investigação: as personagens, fatos, jogos, músicas, etc. Mais uma vez a equipa participou na ação final encarnando alguns dos personagens.

Promovido pelo Museu, o primeiro projeto nesta área foi realizado com o Colégio Santa Joana e consistiu na reconstituição de uma feira do século XVI, em que todas as turmas participaram integradas no projeto Área-Escola. Cunharam moedas, fizeram as roupas, a alimentação, tudo sustentado pela base de investigação feita pelo Museu. Durante a tarde a feira foi aberta a outras escolas e à noite acessível aos pais dos alunos. Foi um projeto desenvolvido ao longo do ano letivo.

Durante os primeiros anos, Edite Alberto esteve sozinha a dinamizar o Serviço de Animação do Museu. Afirmou que nos anos 90, a única instituição que tinha animação a decorrer ao longo do ano era o Palácio Nacional de Queluz, que era uma referência em termos de Serviço Educativo. A maior parte dos outros museus e monumentos não tinham este Serviço. Havia outros casos, como o do Museu Nacional de Arte Antiga, cujo Serviço Educativo é a mãe de todos os outros em Portugal, onde se faziam visitas com uma metodologia muito inovadora para a época, através da técnica “descobrir o objeto”, mas que não recorriam a técnicas ligadas ao conceito de História ao Vivo.

Em 1994, Edite Alberto fez um estágio no Museu da Cidade de Londres onde pôde contactar com métodos inovadores, trocar ideias com muitas pessoas que organizavam projetos muito diversificados, tanto naquele museu como em outros, que comunicaram as suas estratégias de dinamização, tendo tido acesso a muita bibliografia que lhe serviu para trabalhar em Portugal. Para além da formação realizada no Palácio Nacional de Queluz, em que participou, considera ter sido muito importante o contacto com pessoas já com prática e conhecimentos na dinamização de projetos em História ao Vivo, como Paula Bárcia. Em 1990 ou 1991, quando se realizou o primeiro projeto de História ao Vivo no

⁹⁵ Vide COELHO, Raquel da Assunção Bernardo Alves, *op. cit.*, pp. 78 e 79.

Museu da Cidade de Lisboa, quando tudo isto era ainda uma autêntica novidade em Portugal.

Edite Alberto dirigira-se, nessa altura, à responsável pelo Museu, manifestando o seu desejo de pôr em prática este projeto, mas não havia verba porque não se estipulavam verbas para ações que nunca tinham sido praticadas anteriormente. Avançou então com uma ideia que pôs em prática com um grupo de recém-licenciados em «Guia de Formação Turística», que estavam naquele momento a fazer um curso no Centro Nacional de Cultura, e que se interessaram pelo projeto, participando como voluntários.

A ideia consistia em recriar três aspetos da Cidade de Lisboa: um dia na época romana; um dia na época quinhentista; um dia no século XVIII (em que era feito um pedido de namoro). Estes três momentos foram recriados pelo grupo de voluntários ao longo de uma semana para diversas escolas. O sucesso foi colossal, o que levou novamente Edite Alberto à Direção do Museu para informar que tinham uma extensa lista de espera de instituições interessadas em participar. A partir deste momento começou a existir verba para a realização de projetos de recriações de época. Chegaram a ter 21 contratados para projetos de reconstituição histórica a realizar no Museu. A primeira empresa com que o Museu trabalhou foi a *Animatis*, constituída por animadores formados em Queluz, que se desagregou em várias companhias, sendo uma delas a Câmara dos Ofícios, de Carlos Coxo.

Foram, entretanto, contratando outras empresas ao longo dos anos, tendo igualmente inúmeros voluntários a trabalhar com o museu, muitos deles recém-licenciados. Um dos grandes projetos do Museu, relacionado com a técnica de História ao Vivo, durou mais de 10 anos, começando em 1994, no âmbito de «Lisboa 94 – Capital Europeia da Cultura». O projeto consistiu na reconstituição de um jogo do século XVIII, no jardim do Museu, numa zona onde existe um campo de jogos dessa época.

Deram-lhe o nome «História a Jogar» – era um modo de cativar os alunos para o ensino da História através do jogo, o que para as crianças é sempre atrativo. Esse jogo começou por funcionar com 50% de contratados e 50% de voluntários: mais uma vez recém-licenciados, amigos dos amigos e professores de Educação Física – formou-se um grupo muito interessante. Fazia-se a reconstituição de um aspeto do lazer em setecentos que depois se alargou a outras épocas: Lisboa Romana, com os jogos romanos; Lisboa

Medieval, com jogos da Idade Média; Lisboa de Quinhentos, com jogos quinhentistas; o século XVIII com jogos setecentistas e século XIX com os jogos tradicionais.⁹⁶

Em paralelo com a animação fizeram ações de formação, durante os dez anos de desenvolvimento do projeto, primeiro para professores de História e depois, por convite da Direção Regional de Educação de Lisboa e Vale do Tejo (DREL) – Desporto Escolar, iniciaram ações de formação de Jogos Tradicionais para professores de Educação Física, durante aproximadamente sete anos, formação esta que era creditada pela DREL.

Na altura falava-se muito pouco em Jogos Tradicionais, o que em 2009 foi recorrente – quase todas as Câmaras Municipais desenvolvem projetos ou incluem nas suas festas os Jogos Tradicionais, porque por ali foram formadas dezenas de pessoas, que por sua vez vieram a desenvolver novos projetos utilizando esta componente – e que ainda hoje acontece com bastante frequência. Paralelamente à História ao Vivo foram-se desenvolvendo outras vertentes de animação relacionadas com o conceito. No antigo Museu da Cidade de Lisboa, o programa anual enviado às Escolas, incluía sempre um ou dois projetos de Reconstituição Histórica, conforme as verbas disponíveis. Esta prática foi sempre mantida no Museu.

Quanto ao guarda-roupa exigido para esse tipo de projetos, no primeiro que realizaram usaram fatos do Passeio Histórico realizado pela Câmara de Lisboa nos anos 40 do século XX que, embora muito danificados, ainda se conseguiram utilizar. Posteriormente eram as empresas contratadas que traziam os fatos: a contratação incluía a prestação dos animadores e os fatos. A partir de determinada altura houve duas funcionárias do museu que se interessaram por esta prática e fizeram-se dois fatos de senhora do século XVIII, que são do Museu. Atualmente, mesmo após a alteração dos quadros e serviços, a utilização dos fatos mais antigos ainda se mantém. O desenho dos vestidos e adereços seguiu a orientação de especialistas e os mesmos foram elaborados por costureiras. Segundo nos explicou o Dr. Paulo Cuiça, Coordenador do Serviço Educativo do Museu de Lisboa, não alugam vestidos e adereços a empresas e, quando necessário, pontualmente, o próprio Serviço Educativo pode realizar os figurinos.

Antigamente, em todos os projetos a investigação era sempre feita ou orientada pelo Museu e para a contratação de animadores, guarda-roupa e adereços recorriam a empresas especializadas nesta área. Atualmente as recriações históricas ou visitas animadas (investigação, criação e prática) são realizadas por técnicas do Serviço

⁹⁶ *Vide idem*, pp. 79 a 81.

Educativo do Museu de Lisboa. Em caso de eventos ou comemoração de efemérides de maior dimensão, companhias teatrais ou empresas de animação especializadas em recriações históricas são contratadas para o efeito. Neste momento, explica o Dr. Paulo Cuiça, não possuem protocolos de parceria estabelecidos com outras entidades.

Atualmente são muitas as instituições museológicas a fazer recriação histórica, seja pontualmente ou com frequência. Esta prática está difundida. Mas o facto de se ter generalizado, infelizmente, não significa que a qualidade tenha melhorado. Por exemplo, no Palácio Nacional de Queluz, a qualidade apresentada no início perdeu-se muito durante alguns anos, embora tenha sido uma referência de primor quando se começou a usar esta estratégia em Serviços Educativos.

Através de Raquel Alves Coelho, que teve contacto direto com Edite Alberto, entrevistando-a em 2009, sabemos que um dos exemplos que Edite cita inúmeras vezes perante os seus alunos ou formandos é o facto de ter assistido a uma animação em que o personagem que representava Vasco da Gama era encarnado por uma mulher. Considera que esta é uma falha que retira de imediato veracidade à animação, fazendo com que a imagem de Vasco da Gama fique completamente desacreditada perante as crianças. Tanto o personagem como o seu discurso perdem credibilidade. Os objetivos já não se cumprem. Além disso acrescenta que é preferível recriar figuras secundárias como criados ou filhos das figuras principais. Nesta animação em que Vasco da Gama estava a ser representado por uma mulher, deveriam ter optado por recriar a criada de Vasco da Gama, que poderia falar da vida e aventuras de seu amo e ainda da sua experiência como mulher do povo. As figuras principais da História são sempre mais difíceis de retratar porque existem muitos dados precisos sobre elas, por vezes problemáticos de reproduzir.

Um trabalho de investigação sério, como deve ser o da Reconstituição Histórica ou o da História ao Vivo, perde-se por este tipo de falhas. Houve grandes projetos de História ao Vivo realizados pelo Grupo de Trabalho durante as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, mas depois da sua extinção, poucos foram os que se concretizaram de acordo com as regras estabelecidas quando o conceito foi introduzido em Portugal – o que se manteve foi uma derivação partindo do conceito de História ao Vivo e que ainda assim deveria de cumprir, no mínimo, o cuidado, investigação e rigor histórico.

Fazem-se ainda muitas feiras, mas a qualidade continua demasiado aquém do que deveria ser aceitável. Edite Alberto considerava que Carlos Coxo, como pioneiro nesta área, merecia um destaque especial. Partindo da experiência que foi adquirindo e dos

consecutivos anos de atividades realizadas em museologia e educação, Edite Alberto recebeu diversos convites para exercer formação nesta matéria. Começou por dar formação, a convite do Instituto Português do Património Arquitetónico (IPPAR, até 2007), que durante uns cinco ou seis anos (a partir de 1998/99) promoveu cursos de formação de Técnicos de Animação Sociocultural. Deu também formação no Instituto Português dos Museus⁹⁷ (IPM, até 2007), dentro da mesma área. Também a Sociedade de Instrução e Beneficência A Vós do Operário solicitou os seus serviços num curso semelhante.⁹⁸

Mas os que decorreram durante mais tempo foram os cursos do IPPAR. Todos os anos eram formados 2 ou 3 grupos de 15 ou 20 formandos, o que significa 40 ou 60 pessoas que anualmente recebiam preparação para integrarem as equipas dos Serviços Educativos nas zonas Centro e Sul do país. Por último também deu formação em Guimarães para alunos da zona Norte. A cadeira que lecionava era de Animação Cultural, onde também transmitia técnicas de Reconstituição Histórica, História ao Vivo, interpretação das peças através dos vários métodos usados para os diversos públicos dos museus. Estes cursos serviram a formação de jovens a ingressar nesta área da museologia mas também o facto de haver falta de verba para pagar a dinamizadores de Serviços Educativos e similares. Assim, o IPPAR recorria ao Centro de Emprego, que contribuía com um subsídio para pagar aos formandos que, após a realização do curso, ficavam a trabalhar em instituições museológicas durante 18 meses assegurando o trabalho a desenvolver por esses serviços. Alguns dos formandos conseguiam, após o estágio, integrar os quadros dos museus, outros não.

Este projeto deixou de existir e com isso houve sítios que fecharam o acesso ao público, como o caso das Ruínas Romanas de S. Cucufate, que encerraram por não terem técnicos para manterem o espaço aberto. Com a reestruturação do Instituto de Gestão do Património Arquitetónico e Arqueológico (IGESPAR, IP) estes cursos deixaram de existir. O projeto de História ao Vivo, já anteriormente referido, realizado no Museu em 1998/99, que incluiu formação, foi efetivado a convite do Desporto Escolar da DREL. Este curso foi desenvolvido por Edite Alberto e o professor de Educação Física Carlos

⁹⁷ Posteriormente Instituto dos Museus e da Conservação (IMC) e atualmente, desde 2011, fundido com o Instituto de Gestão do Património Arquitetónico e Arqueológico, I. P., gerando a Direção-Geral do Património Cultural.

⁹⁸ Vide COELHO, Raquel da Assunção Bernardo Alves, *op. cit.*, pp. 82 e 83.

Dias. Ambos foram convidados para dar formação sobre Jogos Tradicionais, Animação Histórica e História do Jogo.

Na Escola Superior de Educação Almeida Garrett, Edite Alberto tem lecionado a cadeira de Metodologia do Ensino da História, onde também aborda alguns aspetos ligados à reconstituição histórica como metodologia a usar no ensino. Aí o objetivo não é a divulgação de espaços e de coleções, mas a recriação histórica do ponto de vista didático. Edite Alberto afirmou ser necessário fomentar a formação neste ramo da educação em museologia, incluindo a História ao Vivo e reconstituição histórica, porque há falta de conhecimento teórico sobre esta matéria desde sempre. As pessoas foram aprendendo através da troca de experiências umas com as outras.⁹⁹

Em Inglaterra, quem estava à frente dos Serviços Educativos eram técnicos superiores de educação. A sua formação equivalia à de um professor até um certo nível passando depois à especialização. Todos tiravam a licenciatura em educação, depois havia uma especialização nos diferentes ramos: educador de infância; professor do 1º ciclo; professor do 2º ciclo e educador de museu.

Em Portugal, podemos considerar que continuamos a ter os três primeiros ramos, mas ainda não temos educadores de museu. Há pessoas com grandes conhecimentos nesta matéria mas, de um modo geral, foram aprendendo com a experiência por não existir formação científica para o ramo educativo dos museus. A formação contínua também é necessária porque as técnicas vão variando e vão surgindo outras novas. É preciso haver atualização para se conseguir motivar os públicos dos museus.

No respeitante a esta sensibilidade de interpretação, a fundadora do Serviço Educativo do Museu Nacional de Arte Antiga, Madalena Cabral, escreveu nos anos de 1960 diretrizes (educação pela observação, pelo objeto e aprender a ver) que ainda hoje são atuais. Teve, naquela altura, uma visão que foi posta em prática no Sistema de Lei de Bases do Ensino em finais dos anos 80, vinte anos depois. Estas diretrizes ainda são novidade para algumas pessoas que trabalham em Serviços Educativos, em Portugal. Neste trabalho é essencial aprender a ver e a interpretar. O importante não é ver o museu todo, muito pelo contrário, é preferível ver uma sala e explorá-la bem, fazer sentir.¹⁰⁰

No antigo Museu da Cidade de Lisboa, para além das atividades em que se recorre à Reconstituição Histórica, existia também a dinamização de «oficinas», após a visita a uma secção específica do Museu. São oficinas de modelação em barro, pintura de

⁹⁹ Vide *idem*, pp. 83 e 84.

¹⁰⁰ Vide *idem*, pp. 85 e 86.

azulejos, partindo de peças em exposição, como os painéis do século XVIII do palácio¹⁰¹ ou as peças de cerâmica do Museu Rafael Bordalo Pinheiro.

O principal é «aprender fazendo», ou seja, consolidar determinados conhecimentos depois da observação atenta, pondo em prática o que aprenderam teoricamente. Os objetos que fazem têm sempre relação com a visita ao museu. Por exemplo, nas oficinas de origami constroem objetos segundo esta técnica com formas de flores, pássaros, que viram na visita aos jardins. Quanto aos azulejos, tiram o modelo de um dos painéis da parede do Palácio Pimenta e, no Museu Rafael Bordalo Pinheiro, partem da observação de peças de cerâmica em exposição para, posteriormente passarem ao atelier de modelagem. Neste último caso houve oficinas destinadas a crianças, adultos e idosos. Houve um projeto que decorreu durante dois anos, com a Associação de Idosos da Junta de Freguesia de Alvalade, em que todos os envolvidos aprenderam a modelar para depois fazerem um Santo António. No final realizou-se uma exposição para a qual os filhos e netos dos participantes foram convidados.

No ano seguinte os mesmos idosos fizeram um grande painel de azulejos que agora decora a Associação em Alvalade. No respeitante a novas estratégias a experiência de Londres foi muito proveitosa porque, no estágio de três semanas em que foram visitados todos os museus de Londres e os mais importantes em volta, uma das políticas apresentadas nessa altura (1994), e que se tenta implementar em Portugal, mas com dificuldade, é a autossuficiência económica do museu.

Um dos pontos que Edite Alberto frisou veemente foi que o museu tem de ser autossuficiente. Ao ser autossuficiente tem de ter público, o que dá grande importância ao trabalho desenvolvido pelos Serviços Educativos e pelas lojas dos museus. Os museus ingleses, com essa política instalada, tiveram de encontrar dinâmicas de desenvolvimento para cativar públicos. Por exemplo no Colchester Castle Museum, onde praticamente não

¹⁰¹ «Núcleo-sede do Museu de Lisboa, mostra a evolução da cidade, desde a ocupação do território durante a pré-história até ao início do séc. XX. O museu está instalado num palácio de veraneio da primeira metade do século XVIII, enquadrado pelo que resta de uma antiga quinta senhorial. Mandado construir por Diogo de Sousa Mexia, figura de relevo dos reinados de D. Pedro II e D. João V, foi edificado entre 1734 e 1746, desconhecendo-se a autoria do edifício. Desde a sua construção, o palácio teve sucessivos proprietários, entre eles Manuel Joaquim Pimenta a quem deve a designação. Em 1962 o imóvel foi adquirido pela Câmara Municipal de Lisboa, ficando decidida para este espaço, após a requalificação do edifício e jardins, a reinstalação do então designado Museu da Cidade, a funcionar no Palácio da Mitra desde 1942. O novo museu foi inaugurado a 18 de Maio de 1979. Encontra-se classificado como Imóvel de Interesse Público (Dec. 27:396, de 26 de Dezembro de 1936). O Museu de Lisboa – Palácio Pimenta compreende área de exposição de longa duração, área de exposições temporárias (Pavilhões Preto e Branco destinados respetivamente a exposições temporárias do Museu e a Galeria de Arte Contemporânea), centro de documentação e serviços.» Cf <http://www.museudelisboa.pt/equipamentos/palacio-pimenta.html>

havia visitantes, implementaram uma prática de animação que aumentou em grande número a frequência do castelo/museu. Criaram um tipo de exposição interativa em que o público pode tocar e sentir os objetos, como experimentar o peso de uma cota de malha, vestindo-a. Passaram também a fazer animação para as escolas em que as crianças participam na atuação.¹⁰²

A animação segundo o conceito de História Viva, seja qual for a técnica escolhida: Recriação histórica, saraus musicais, oficinas, etc., tem muito a ver com a interpretação, que é o modo de chegar ao público. Para chegar aos diferentes públicos são também necessárias estratégias diferentes. Não há uma melhor do que outra, o importante é que se cumpram os objetivos.

Por exemplo, no Museu da Cidade de Londres nunca se faziam visitas guiadas. O Museu é gratuito e tem fichas que são dadas aos professores de antemão e é o professor que escolhe o tema a desenvolver partindo daqueles materiais. Em acréscimo tinham atividades específicas, que eram pagas, de complementos ou exploração de determinado tema ou acontecimento. Uma das atividades consistia em reunir cortes para resolver um problema específico e real da História inglesa. As cortes eram compostas pelos alunos e o professor era o escrivão. Em conjunto eram levados a chegar à resolução do problema de acordo com o facto histórico.

Estamos a caminhar para uma situação em que os museus são tão didáticos e a exposição tão acessível, que os Serviços Educativos deixam de ter visitas guiadas. Ao ser montada a exposição, incluem-se de raiz as estratégias criadas por estes Serviços: são as tais exposições interativas em que os públicos encontram atividades lúdicas e didáticas ao longo da visita, inseridas na própria exposição.

Aqui o Serviço Educativo não tem de adaptar-se à exposição posteriormente, mas sim desde o início do processo. E, para além de participarem em todo o processo de programação e montagem da exposição, passam a ter outras funções que não a de fazer as visitas guiadas, como realizar conferências e comunicações para públicos mais específicos ou atividades de animação especiais. Aqui em Portugal a visita guiada ainda é a principal oferta dos Serviços Educativos para a descodificação das peças. Mas se a exposição já incluir o programa de interpretação e interação com o público, a visita guiada deixa de fazer sentido e o Serviço de Educação pode, mais facilmente, renovar as suas

¹⁰² *Vide idem*, p. 86 e 87.

atividades e consequentemente atrair novos públicos para as atividades complementares oferecidas.

Atualmente todo este tipo de projetos está entregue aos Serviços Educativos do Museu de Lisboa. A equipa do Serviço Educativo e a Dra. Clara Ferreira, coordenadora que sucedeu a Dra. Edite Alberto, não alteraram as principais linhas orientadoras, quanto às recriações históricas ou animação de visitas. De momento, em 2019, não existem projetos ou atividades em curso. Uma personagem, a Marquesa do Campo Grande, poderá animar determinada visita, recriando um dado momento da história de Lisboa e/ou do Palácio Pimenta. Todavia, o Dr. Paulo Cuiça considera *«os projetos que envolvam recriações históricas de grande importância, pelos testemunhos do público, que os guarda na sua memória, e pela tradição mantida em décadas de realização deste tipo de atividades. Entendemos que em qualquer projeto de longa duração, a inovação nos conteúdos, figurinos ou na formação dos técnicos é indispensável.»*¹⁰³, e não poderíamos estar mais de acordo.

¹⁰³ Cf. Paulo Cuiça, citação conseguida através da entrevista por escrito que atenciosamente nos cedeu.

4. A criação de uma indústria sobre ações de História ao Vivo, conceito alargado

«The power of theatre is its ability to reach the five-year-old as well as the eighty-five-year-old, to capture the attention of the kinesthetic and the logical/mathematical learner, to provide narrational and experiential entry points, to amuse, surprise, and impress. (...) Its takes many forms. Museums are distinctly individual places and theatre is a versatile and bendable médium for all of them.»¹⁰⁴

Como temos vindo a observar, a recriação de momentos da nossa história ou de tradições olvidadas é ainda uma prática corrente. Para além de projetos dinamizados por entidades museológicas – preocupadas em renovar os seus programas anuais e a atrair novos públicos, mantendo os visitantes habituais –, existem igualmente iniciativas promovidas por Câmaras Municipais, e, mais recentemente, por empresas de animação cultural ou mesmo especializadas em recriação histórica. Através da nossa pesquisa, foi-nos possível descobrir várias dessas empresas, analisando o trabalho de algumas delas, como a Easy Dream, entre outras que veremos no seguimento deste capítulo.

A Easy Dream é uma empresa de animação turística e eventos, que presta serviços e proporciona programas para turistas nacionais e estrangeiros, escolas, famílias e empresas. O seu objetivo é permitir aos clientes escolher soluções diferentes de turismo e mergulhar numa exploração profunda de Portugal. Promovem momentos de diversão e de felicidade, desvendando tesouros lusos, apresentando as respetivas gentes, histórias, a gastronomia, os segredos, aproveitando o mar - que consideram o maior património de Portugal.

Esta empresa surgiu na primavera de 2015, tendo por base, como ideia impulsionadora, o intuito de diversificar a oferta turística através de um produto inovador que desse a conhecer os bairros históricos de Lisboa de uma forma simultaneamente

¹⁰⁴ Cf. HUGHES, Catherine, *op. cit.*, pp. 7 e 8.

cultural e divertida.¹⁰⁵ Paula e José Belmar, fundadores da empresa, acreditavam que o teatro seria o instrumento perfeito para levar a cabo a ideia e desde o sempre apelam à defesa do património cultural e humano dos vários locais, que passaram por um turismo agressivo e sem “alma”. Procuram sempre envolver as comunidades locais e tentam que a passagem dos turistas pelas suas ruas se reverte numa experiência em que todos os envolvidos saem a ganhar.

O tipo de animação que fazem nas suas visitas guiadas, segundo nos informaram os fundadores da empresa, depende do público, sendo que «*A ideia central de qualquer um dos percursos que fazemos é resgatar a criança que há em cada um de nós e que se vai perdendo ao longo da vida*»¹⁰⁶. Contudo, acrescentam ainda: «*evidentemente temos percursos mais imaginários, carregados de lendas e estórias, direcionados às escolas e a um público mais novo, como é o caso do percurso “História de Portugal em 2 horas”.* Mesmo este percurso tem sempre por base o rigor da nossa História, “salpicado” com elementos mais imaginários que os mais jovens adoram. Já os percursos para o público mais velho retratam as curiosidades, estórias e segredos dos bairros por onde passamos e que rigorosamente aconteceram.»¹⁰⁷

Através desta informação, notamos a inovação e o interesse que este projeto tem, sendo louvável a sua criação e prática. No entanto, não podemos deixar de apontar alguma falha na coerência daquilo que se pretende realizar, sentindo a falta de uma base mais histórica com conhecimentos da prática de História Viva, que só viria a enriquecer este projeto. Mais uma vez frisamos que estas situações são mais propícias a surgir dada a falta de teorização, divulgação e formação sobre o conceito, algo que deverá com urgência passar a ser realizado e de fácil acesso.

Segundos nos explicam ainda os fundadores da Easy Dream, cada percurso que fazem é construído com base numa pesquisa exaustiva sobre os locais por onde a visita se desenvolve, conseguindo obter várias informações através de fontes da internet, literatura publicada, em bibliotecas e em muitas conversas que têm com as gentes que vivem em cada um dos locais. Todo o imenso guarda roupa que utilizam é da empresa e tenta corresponder o mais fielmente possível a cada uma das personagens retratadas. Não têm recursos humanos na Easy Dream e, por isso, recorrem a parcerias com atores que

¹⁰⁵ Vide Anexo fotográfico, Figura 68.

¹⁰⁶ Citamos José Belmar, através da entrevista escrita que nos disponibilizou.

¹⁰⁷ Vide *idem*.

após uma fase inicial de treino nas ruas (reconhecimento dos percursos) e ensaios dos textos, estão aptos para trabalhar, pondo conduzindo então as visitas.

No ano 2015 e pela mão da “Portugal Tales”, a Easy Dream deu início a originais passeios a pé com teatro, que percorrem mais de dois mil anos da história de Portugal. Ou seja, as pessoas poderão conhecer a zona de Alfama, Chiado e Bairro Alto numa viagem através do tempo, onde a história e as estórias são contadas através de pequenas e inesperadas representações teatrais que nos transportam para os tempos de outrora.¹⁰⁸ Em 2017 surge a ideia de estender o projeto à cidade de Évora (a ideia seria inclusive construir uma rede ao longo de algumas cidades de Portugal previamente estudadas), algo posto em prática em 2018 através de uma parceria com atores de Évora e um responsável local, destinado ao grande público. A Easy Dream é composta por uma equipa flexível que procura aproximar o cliente e o serviço, empenhando-se em transmitir a autenticidade da experiência que promovem.¹⁰⁹

Assim, de uma forma divertida, séria, rica, saudável e única, são contadas as lendas do povo, as histórias, segredos e curiosidades, tendo como pano de fundo a misteriosa e mágica cidade de Lisboa. Este foi e, ainda que em diferentes dimensões¹¹⁰, continua a ser

¹⁰⁸ «Em Lisboa começamos pelo percurso “Alfama”, direccionado aos turistas (nacionais e internacionais) e depois abrimos o mercado também a empresas que nos procuraram para eventos especiais de formação, team buildings ou de outra espécie. Mais tarde, pensámos que seria importante trazer as escolas, surgindo assim o desenho do percurso “História de Portugal”, especificamente pensado para os alunos que frequentavam do 3º ao 8º ano de escolaridade, adaptando a retórica e os temas em função do grau de conhecimento dos mesmos. Finalmente, porque nos perguntavam os clientes (sobretudo as agências de viagens) se só trabalhávamos Alfama, criámos o percurso Bairro-Alto, nos mesmo moldes do de Alfama e para o mesmo tipo de público (turistas nacionais e internacionais, e empresas).». Aqui citamos Jorge Belmar, um dos fundadores da Easy Dream, que obsequiosamente nos cedeu uma entrevista por escrito.

¹⁰⁹ Vide https://www.tripadvisor.pt/Attraction_Review-g189158-d8124715-Reviews-Easy_Dream-Lisbon_Lisbon_District_Central_Portugal.html. Ver Figura 5.

¹¹⁰ Este tipo de projetos, como podemos concluir ao longo do trabalho, requerem um determinado tipo de recursos para que se mantenham ativos e, neste caso, também a Easy Dream foi vítima desta dificuldade, sendo obrigada a sofrer alterações: «O projeto da Easy Dream desde o início tem um estrangulamento difícil de contornar e que se prende com os custos fixos da operação. Dado que os atores e outros pequenos custos associados a cada percurso individual (áudio guias, estacionamento, entre outros) são uma realidade incontornável, existe sempre a necessidade de haver um número mínimo de clientes pagantes para atingir o ponto crítico em cada percurso. Ora, num percurso sem garantia de quem vai participar, o risco de não aparecer suficiente número de clientes é grande e, de facto, aconteceu muitas vezes, com prejuízo assumido pela Easy Dream. Foi assim, que deixámos de realizar os percursos numa base diária e passámos a estar concentrados apenas nas agências de viagens e em empresas – e, evidentemente, nas escolas, para o percurso “História de Portugal”. Esta alternativa permitiu ter ganhos garantidos e eliminar o risco. Por outro lado, ficámos dependentes apenas destes clientes (agências, empresas e escolas), reduzindo as operações em Lisboa apenas às datas que nos pediam, sem ser numa base diária. Esta estratégia também acarretou outro lado menos positivo e que está diretamente ligado com os atores. Estes, no princípio, realizavam percursos diários, e recebiam em função de cada um realizado. Quando passaram a realizar percursos apenas em determinadas datas (quando a Easy Dream conseguia obter encomendas), a maioria dos atores com quem trabalhamos, ou não estavam disponíveis (porque, entretanto, arranjam outras ocupações) ou pediam um pouco mais de remuneração dado que já não era numa base diária. Isto passou a ser um problema. Decidimos então fazer apenas percursos diários em

um projeto inovador na área do Turismo que, logo no primeiro ano, venceu o galardão internacional “The best Unique Experience in Lisbon” atribuído pelo prestigiado guia internacional “Luxury Travel Guide”. A Easy Dream acredita que «o teatro é a arte mais completa para se comunicar a mensagem».¹¹¹

Temos também como exemplo a COOLture Tours, uma empresa de animação turística criada em 2017 por Felisa Pérez, uma historiadora com mais de 10 anos de experiência na realização de visitas guiadas, visitas animadas, atividades lúdicas e festas de aniversário em Museus, Palácios e outros locais de interesse cultural.¹¹² A sua missão é aproximar crianças e adultos da rica História de Portugal através de visitas guiadas, visitas animadas, jogos e encenações teatrais com personagens históricos inesquecíveis, sempre de forma adaptada aos interesses e idades dos visitantes. A COOLture Tours realiza, igualmente, apresentações e projetos específicos – para e nas Escolas – no âmbito do tema anual de trabalho da Escola ou de tópicos nas áreas da História, Arte, Literatura, Música e Ciências.¹¹³

Tivemos o gosto de conseguir falar com a própria Felisa Pérez, fundadora da COOLture Tours, que explica que a principal motivação para a criação desta empresa foi poder trabalhar na sua área de formação e no que realmente gosta.

Numa fase inicial, era a fundadora a fazer as visitas, a investigação¹¹⁴, a divulgação, enfim, tudo o que estas visitas implicam. Com a multiplicação das personagens e das visitas, Felisa tem trabalhado sobretudo com atores e animadores formados por ela própria. Estes, recebem um guião, estudam-no, interpretam-no e de 3/3 meses há reajustes, mais investigação e, consequentemente, novas informações que vão sendo

Évora (que, entretanto, arrancou em 2018). Assim, por razões de tempo e financeiras, a Easy Dream encontra-se agora numa fase praticamente desativada realizando apenas percursos sobre “encomenda”, mas sem qualquer investimento comercial. Sem prejuízo, este projeto revelou-se sempre junto dos seus clientes como um grande sucesso do ponto de vista da inovação e entretenimento.» - esta é uma citação de Jorge Belmar, retirada através entrevista escrita que nos cedeu. Este testemunho demonstra a dificuldade que há em manter este tipo de projetos sem apoios ou recursos mais abrangentes.

¹¹¹ Vide <https://www.easydream.pt/portugal-ales-chiado-e-bairro-alto>

¹¹² Felisa Pérez é historiadora, com mestrado em museologia. Ainda antes de terminar o mestrado, começou a trabalhar como voluntária nos serviços educativos de vários museus, nomeadamente no Museu dos Coches. Mais tarde, trabalhou no Serviço Educativo do Castelo de São Jorge, do Museu Lázaro Galdiano em Madrid e, no Brasil, integrou a equipa de criação do Serviço Educativo do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Em todos trabalhou com diferentes tipos de público, tendo preferência pelas crianças e por programas em família, que implementou em Madrid e no Brasil. Assim, em 2017 e após ter estado a trabalhar noutros projetos, como no atelier da artista Joana Vasconcelos, decidiu arriscar e criar um projeto próprio. Esta informação foi conseguida através da entrevista por escrito que Felisa Pérez gentilmente se dispôs a realizar, apoiando o nosso trabalho.

¹¹³ Vide <https://www.coolturetours.com/>

¹¹⁴ Felisa Pérez, como historiadora, afirma que a investigação que realiza para a criação e realização dos projetos da COOLture Tours, é profunda e são apenas consultadas fontes rigorosas.

incorporadas. A COOLture Tours tem recursos próprios, apenas colaboradores da empresa realizam as visitas, tendo formação, dada pela própria empresa, a vários níveis: História; Educação Infantil; encenação teatral... Consideramos esta empresa exemplar pela forma como gere e cria os seus projetos, promovendo a formação dos colaboradores com quem trabalha, algo que temos vindo a corroborar como algo extremamente importante e indispensável.

A COOLture Tours, na realidade, é uma empresa que promove e pratica projetos de História Viva, seguindo aquilo que esta defende. No entanto, não é apresentada como tal e provavelmente não haverá formação nesse sentido, sendo esta a única falha. Conquanto, cremos veemente que isto se deve ao facto de existir muito pouco informação (em Portugal) sobre este conceito e temos conhecimento do quão difícil é ter acesso a essa mesma informação. É, por isso, importante a realização do presente trabalho, para que empresas como esta, que tem um programa muitíssimo interessante e rigoroso, tomem conhecimento da sua relação com os primórdios da História ao Vivo, promovendo mais diretamente a prática e teorização deste conceito em Portugal – e os seus conhecimentos serão muito importantes naquilo que proporemos mais adiante relativamente a formação de História Viva para empresas de animação cultural, recriação histórica, entre outros relacionados.

Atualmente, o universo das visitas da COOLture Tours vai muito para além de Reis, palácios e princesas. Têm igualmente um projeto no Museu do Ar, onde a visita é centrada no Sec. XX e na aviação e sua evolução, outro projeto na Fragata D. Fernando II e Glória onde apostam na panóplia e divertida evocação de termos náuticos e aprendizagem de nós de marinha, entre outros e diversos projetos. Ainda no presente ano, 2019, estão a preparar uma nova visita com Navegador Fernão de Magalhães ao Museu de Marinha, pela comemoração dos 500 Anos da Circum-Navegação. Explica-nos Felisa que em 2020 pretendem também ir mais frequentemente a escolas com as suas personagens, no âmbito dos temas de trabalho anual e de estudo: por exemplo, o navegador pode ir fazer uma apresentação sobre descobrimentos; a rainha no âmbito do estudo de um período da história; a Marquesa de Alorna no âmbito da poesia...

Os seus projetos tanto são requeridos pelas instituições museológicas como propostos diretamente pela empresa às mesmas. Os fatos que utilizam são encomendados de raiz a costureiras e pontualmente poderão alugar fatos para reportagens de televisão ou eventos especiais.

Num momento em que proliferam projetos e iniciativas mais orientadas para o público internacional, a COOLture Tours aposta sobretudo em iniciativas destinadas a famílias nacionais, o público mais difícil de cativar para visitar o nosso rico património. Felisa considera que visitar um museu com 2/3 filhos de 3, 5 e 10 anos ou mesmo “convencer” a família a fazer este programa, em vez de ir ao cinema ou a um parque temático, pode ser difícil. *«Mas se lhes dissermos que vão ser recebidos pela rainha que outrora viveu nesse palácio, se lhes contarmos as traquinices que – como eles – os príncipes faziam, o que comiam, etc. e além disso acrescentarmos uma experiência (baile, piquenique, escrita de mensagens invisíveis como no Sec. XVIII, passeio em charreteiro, entre outros) vão recordar este momento e associa-lo a uma experiência positiva. Assim, vão gostar de visitar museus e de História, objetivo principal do projeto. Os seus heróis podem ser os da nossa verdadeira História».*¹¹⁵

Também a Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves promove as visitas guiadas com recurso à técnica de História Viva, com ideias originais, recriações históricas, quadros vivos, maletas pedagógicas, entre outros. Considera-se louvável o facto de conseguirem manter este género de visitas com regularidade e frequência. Uma das visitas que costumam realizar, sobretudo para escolas, guiada, com interpretação na primeira pessoa, por D. Eliza Casanova, empregada do Dr. Anastácio Gonçalves e interpretada por Paula Bárcia.¹¹⁶

No início da visita, o Dr. Tiago Veiga, responsável pelas visitas guiadas no CMAG, fica no interior do hall de entrada a conversar com as crianças (entre os 5 e ao 10 anos de idade) sobre os aspetos gerais da casa e a fazer perguntas sobre o Dr. Anastácio, altura em que é notável a pré-preparação das mesmas, que vêm do ATL do Colégio Galáxia Branca, para a visita.

Assim que o grupo começa a avançar para a primeira sala da casa, aparece D. Eliza a limpar o pó, iniciando uma conversa aberta com as crianças. À medida que vai avançando com o grupo pelas outras divisões da casa, vai falando sobre o Dr. Anastácio e as suas duas grandes paixões: a sua profissão (oftalmologista) e acima de tudo sobre o facto de ser colecionador. Em cada uma das salas, D. Eliza parava para ir explicando as obras e as suas funcionalidades. O Dr. Tiago ia acrescentando algumas informações relacionadas com as obras de arte em específico, com os materiais, funções etc. A visita

¹¹⁵ Aqui citamos Felisa Pérez, citação conseguida através da entrevista realizada.

¹¹⁶ À qual assistimos no dia 6 de março de 2019. Vide Anexo fotográfico, Figuras 56 a 57.

é bastante interativa, pelo que a empregada vai fazendo perguntas às crianças em relação ao que vêm.¹¹⁷

No entanto, a informação importante é passada de uma forma didática, divertida e muito interativa. As crianças mostram um grande interesse e atenção durante toda a visita. D. Eliza fala sobre o Dr. Anastácio relativamente a cada sala, ora o escritório, o quarto, a sala de jantar (falando sobre as diversas obras de arte, sobre os utensílios, as refeições e a personalidade do Dr. Anastácio).

A visita começou no piso inferior seguindo para o piso superior, o atelier. No final da visita, a caminho da porta da casa, quando descem, as crianças sentam-se nas escadas para falar um pouco sobre a visita, a casa e o Dr. Anastácio em geral, para fazer um apanhado dos conhecimentos que adquiriram. É reforçado o facto de o Dr. Anastácio ser um colecionador e de grande parte das peças nunca terem sido utilizadas (por serem obras de arte e peças de coleção). D. Eliza explica também que atualmente não se toca nas peças para preservá-las e conservá-las, daí a denominação "casa-museu", como explica às crianças, tentando incutir-lhes a importância de preservar o património. Assim se despedem da D. Eliza.

Uma outra ação realizada no museu, no dia dos Museus (18 de maio de 2019), foi o projeto “A Pintura (con)vida”. Esta ação foi bastante diferente do que até agora vimos, embora já programada frequentemente neste museu.

Inicialmente, a ideia seria começar uma visita guiada normal pelo museu, com base no título “A Pintura (con)Vida” – utilizando o trocadilho de que a pintura convida o público a conhecer o seu universo e também tem vida, uma vez que a maioria das pinturas são naturalistas e, portanto, eram pintadas na hora e no local e não em atelier. Estes foram os pretextos que argumentaram o título dado a esta visita em específico, para que o público não desconfie o que se irá passar adiante.

Após o público passar pela pintura “A Aguadeira”, de c. 1978, de Miguel Ângelo Lupi (e para a qual o Dr. Tiago Veiga chamaria, discretamente, à atenção do público) a própria aguadeira começaria a segui-los, fazendo com que, sorrateiramente, reparassem nela. Assim que o público nela reparasse, a personagem explicava que acabara de sair do seu quadro porque viu como a admiravam e que não sabiam o que ela segurava, explicando também, no seguimento da conversa, o seu ofício (que atualmente já não existe). Desta forma, fala na generalidade sobre a pintura, sempre na primeira pessoa,

¹¹⁷ Por vezes também as crianças põem questões, as quais são respondidas pela empregada, sempre em personagem.

criando paralelismos interessantes sobre como se consegue água no tempo em que o público vive e de como era na sua época.

No seguimento da conversa, acaba também por explicar como a pintura chegou ao Dr. Anastácio, contando a história da sua aquisição de forma a conseguir dar a conhecer ao público como funcionavam os negócios, trocas, compras, aquisições de obras de arte na altura e como o fazia o Dr. Anastácio. Seguindo com a visita, a Aguadeira decide acompanhar o público e falar um pouco sobre a história da casa, do Dr. Anastácio e das obras que nela se mantêm, com base no argumento de que desde que foi para a casa do Doutor que está ali sentada numa pedra, no seu quadro, e que tudo ouve. No final da visita, imediatamente antes desta terminar, a aguadeira despede-se, dizendo que vai voltar para o quadro para descansar mais um pouco e depois voltar ao trabalho.

No entanto, optou-se por fazer algumas alterações à forma como a visita seria conduzida: começou como se fosse uma visita guiada comum e no final, no atelier, no piso superior (última divisão das visitas no CMAG), *A Aguadeira* estava exposta com algum destaque, em cavalete. O Dr. Tiago Veiga faz uma breve descrição técnica da pintura e, entretanto, interrompe-o a própria aguadeira, que surge sem que ninguém se aperceba para explicar o seu ofício na primeira pessoa, como se tivesse reaparecido neste tempo futuro, através de uma linguagem o mais rigorosa possível, com expressões próprias da época em que terá sido pintada, que a pesquisa e investigação cuidada, inclusive de alguns documentos como jornais, entre outros, tornaram possível. Esta ação veio dinamizar um pouco mais a visita e foi um ponto de partida para a criação de outras ações e projetos um pouco mais complexos que se pretende continuar a realizar no CMAG.

Como temos vindo a verificar, existem atualmente várias empresas, museus, Palácios (Palácio Nacional da Pena, Palácio Nacional de Mafra¹¹⁸, Palácio Nacional da Ajuda...), instituições que praticam diversas formas e diferentes tipos de ações segundo o conceito e técnica de História ao Vivo, seguindo a necessidade de evoluir e surpreender um público que procura e espera cada vez mais deste tipo de iniciativas. Conquanto, não

¹¹⁸ Sabe-se de uma iniciativa que concretizaram em 2017 – “Um dia na construção” – na qual 100 figurantes deram vida à recriação histórica que evocou o tempo e ambiente da corte do Rei D. João V e da construção do Real Edifício de Mafra, até à Sagração da sua Basílica. Esta iniciativa da Câmara Municipal de Mafra, que decorreu durante os dias 24 e 25 de junho, cativou o público que acorreu em grande número. Segundo o site da Câmara Municipal de Oeiras, os mafrenses manifestaram o seu interesse pela história que os une – in <http://www.cm-mafra.pt/pt/municipio/revisite-recriacao-historica-atraves-de-uma-reportagem-fotografica>.

podemos deixar de mencionar dois grandes exemplos distintos: O Palácio Nacional de Queluz, um dos pioneiros em Portugal, e a empresa Sons & Ecos.

4.1. O exemplo do Palácio Nacional de Queluz

«(...) no Palácio Nacional de Queluz, os visitantes e participantes são convidados a conhecer todos os recantos do Palácio, a ouvir a sua história, a ver pessoas de outra época.»¹¹⁹

Próximo de Lisboa e de Sintra, o Palácio Nacional de Queluz e os seus jardins históricos constituem um dos exemplos mais notáveis da ligação harmoniosa entre paisagem e arquitetura palaciana em Portugal. Ilustram os ambientes e vivências da Família Real e da corte portuguesa na segunda metade do século XVIII e início do XIX, ao mesmo tempo que apresentam a evolução do gosto neste período marcado pelo barroco, rococó e neoclassicismo, remetendo para momentos de grande relevância histórica, na transição do Antigo Regime para o Liberalismo.¹²⁰

Desde que, em 2012, o Palácio Nacional de Queluz passou para a gestão da Parques de Sintra - Monte da Lua as iniciativas que lá se concretizavam passaram a ter mais ênfase e regularidade, assim como, nesse mesmo ano, o número de visitas atingiu cerca de 1.138.000, mais de 90% das quais por parte de estrangeiros.¹²¹ Um dos projetos com mais sucesso faz parte do programa interpretativo do Palácio, mais especificamente, a «Viagem à Corte do Século XVIII».

Na «Viagem à Corte do Século XVIII», no Palácio Nacional de Queluz, os visitantes e participantes são convidados a conhecer todos os recantos do Palácio, a ouvir a sua história, a ver pessoas de outra época. Vão ouvir cantar, tocar e ver dançar músicas de setecentos e seiscentos, com muitas surpresas pelo meio.¹²² Aprenderão como se realizavam grandes festas e que vestidos e outros trajes se usavam neste espaço de enorme beleza e requinte. Descobrirão também que os príncipes e infantes não iam à escola, mas

¹¹⁹ Cf. <https://www.visitlisboa.com/pt-pt/node/7203>.

¹²⁰ Vide <https://www.parquesdesintra.pt/tudo-sobre-nos/quem-somos/historia/>.

¹²¹ Vide *idem*.

¹²² Vide <https://www.visitlisboa.com/pt-pt/node/7203>.

tinham muitas matérias para aprender.¹²³ Esta é uma iniciativa já com alguns anos, com um sucesso contínuo comprovado pelos bilhetes constantemente esgotados.¹²⁴

Não obstante, as primeiras ações que deram mais tarde origem ao Serviço de Educação do Palácio Nacional de Queluz surgem em 1989, quando a conservadora da instituição na altura, Dra. Simoneta Luz Afonso, solicitou a dois jovens, um ator e uma artista plástica, que se preparassem para fazer visitas guiadas a grupos escolares, sob orientação da Dra. Ana Flores, coordenadora dos Serviços educativos desde 1989 até 2000¹²⁵. Pouco depois, também por sugestão de Simoneta Luz Afonso, estas visitas passaram a ser ilustradas com pequenos momentos de animação, realizados pelos três intervenientes acima referidos, com a colaboração das Equipas de Intervenção Artística (EIA).

Logo nesta fase inicial dos Serviços Educativos do PNQ foram organizadas ações de formação para professores, maletas pedagógicas, entre outros, sendo que entre 1989-1991 e 1992-1993, partindo desta primeira experiência, se realizaram dois cursos de animação cultural na instituição, com o fim de formar monitores a integrar a equipa e de se corresponder às necessidades dos serviços recém-criados.¹²⁶ Em 1996 estava criado um grupo de trabalho de quatro elementos fixos: coordenação e três monitores, e um grupo de mais ou menos dez atores que ali prestam serviços entre três a quatro dias semanais.

¹²³ Vide <https://www.parquesdesintra.pt/event/viagem-a-corte-do-seculo-xviii-3/>.

¹²⁴ Vide Anexo fotográfico, Figuras 6, 7, 9 e 30 a 39.

¹²⁵ Em 2000 torna-se responsável principal da instituição, tendo mantido esse mesmo cargo até setembro de 2008. Nesta altura é substituída por Isabel Cordeiro, tendo regressado ao seu antigo porto de trabalho nos Serviços Educativos. Tanto quanto se sabe não se deram alterações significativas até 2012. A partir de 2012 o PNQ passa a incluir-se na Parques de Sintra – Monte da Lua. Por esta altura continuam a ser os Serviços Educativos os responsáveis pelas atividades com História Viva no PNQ. Atualmente, estes serviços são compostos por quatro técnicos e um estagiário que dá apoio no terreno, sendo a coordenadora a Dra. Susana Morais. Em complemento, existe o serviço de *out desk* que dá resposta a reservas e informações requerida. Todos eles estão vinculados à Parques de Sintra, tal como os guias. No entanto, as ações de animação de época são realizadas não só pelo Serviço Educativo mas também pela equipa de eventos e programação cultural que realiza outro tipo de iniciativa nas quais, muitas vezes, são incorporadas estas ações com História Viva (em jantares de empresas ou situações específicas momentâneas, como a inauguração do jardim botânico do Palácio, aberturas noturnas do Jardins do Palácio, entre outros momentos em que o recurso à História Viva é utilizado).

¹²⁶ Um ano antes destes cursos de animação cultural, ainda em 1989, teve lugar um outro curso dentro dos mesmos moldes, que visava formar profissionais para o restauro dos tapetes de Arraiolos. Foram estes elementos que, a partir de 1992, começaram a fazer o guarda-roupa usado nas animações que se foram realizando ao longo de todos estes anos naquela instituição e que colaboram em quase todos os programas dos Serviços Educativos. Durante o período em que decorria o segundo curso, Ana Flores entra para os quadros do Palácio, ficando a coordenar os Serviços Educativos. Atualmente as roupas usadas nas iniciativas do PNQ fazem parte do espólio do Palácio, já não são criados novos fatos pelo staff do Palácio, as peças são sim preservadas tanto quanto possível e quando necessário arranjar ou substituir algum fato, os serviços recorrem a empresas ou entidades experientes e especializadas na área, segundo a Dra. Susana Morais, dos Serviços Educativos da Parques de Sintra – Monte da Lua.

Estavam criados e ativos três projetos que funcionavam semanalmente ao longo do ano letivo, no interior do Palácio e dois que aconteciam em momentos específicos do ano: Primavera e Verão, por se centrarem nos jardins. Segundo Raquel Alves Coelho, qualquer um destes projetos foi fruto de todo um trabalho desenvolvido durante os quatro anos de cursos que ali decorreram, tendo sido assaz importante a contribuição dos formandos para a criação dos mesmos. Estes dois cursos foram financiados pelo Fundo Social Europeu, organizados pelo Palácio Nacional de Queluz e pelo Instituto do Emprego e Formação Profissional. Do primeiro, que teve lugar entre 1989 e 1991, saíram cinco elementos formados que ali ficaram a trabalhar como empresa sob nome de *Animatis*, até 1995. Do segundo grupo formaram-se sete animadores, dos quais dois se mantiveram a trabalhar naquele serviço durante vários anos. Outros, viriam a integrar alguns projetos ocasionalmente.¹²⁷

É certo que o mais antigo e melhor sucedido de todos os programas ali postos em prática era o chamado “A Corte em Queluz: Viagem ao Quotidiano Palaciano de Setecentos” – atualmente denominado, “Viagem à Corte do Século XVII ou XVIII” – que consiste numa visita orientada por um dos monitores que, com um grupo de mais ou menos trinta crianças, percorria um conjunto de 18 salas de exposição, falando sobre história e sobretudo, sobre o quotidiano do século e local em questão.

Esta visita começava no vestíbulo que antecede a Sala do Trono, com uma introdução em que o guia fazia uma sensibilização relativa ao espaço museológico a visitar e expunha o tema da visita. Entrava-se de seguida para a Sala do Trono e Sala da Música onde se contextualizava aquele monumento na sua época histórica e se descrevia sucintamente a história de Queluz, evocando-se os temas da Festa e do Lazer na segunda metade de setecentos. Passava-se de seguida uma zona de carácter mais intimista, através das salas que se vão sucedendo ao longo do percurso da exposição, onde se explorava sobretudo o quotidiano e costumes da época: desde o ritual do vestir à alimentação e aos momentos de ócio, focando também a vida dos serviços e questões sociais e políticas.¹²⁸

A visita era animada com “quadros vivos”, ou seja, à medida que o grupo ia avançando no espaço à descoberta daquela realidade, orientado pelo monitor, iam surgindo cenas dramatizadas em determinadas salas, demonstrando realidades que ali se teriam passado, de modo a ilustrar o discurso do orientador.

¹²⁷ Vide COELHO, Raquel da Assunção Bernardo Alves, *op. cit.*, pp. 123 a 124.

¹²⁸ Vide COELHO, Raquel da Assunção Bernardo Alves, *op. cit.*, p. 124.

O primeiro quadro vivo que se encontrava neste percurso acontecia na Saleta de D. Maria Francisca Benedita¹²⁹, que teria servido de quarto de vestir a esta princesa, onde se observavam habitualmente duas personagens: a princesa e a sua aia. O papel era interpretado por uma das animadoras dos que ali prestavam estes serviços habitualmente, a princesa era uma aluna que no início da visita era retirada do grupo de estudantes e que era vestida a rigor (à moda do século XVIII) e preparada para representar esta figura perante os colegas da turma. Neste momento de animação pretendia-se transmitir alguns conhecimentos sobre o vestir no século dezoito num ambiente de corte. A menina aparecia na sala, acompanhada da sua aia, vestida com algumas peças de roupa interior, como as meias de seda, o saiote, a camisa interior e o espartilho por apertar. A aia, depois de a colocar defronte dos colegas (público), apertava-lhe o espartilho exagerando a força que fazia para que a cintura da princesa ficasse muito apertada. De seguida vestia-lhe o vestido e enfeitava-a com joias. Saíam ambas da sala por uma porta de acesso aos camarins e o guia desenvolvia o seu discurso em volta do vestuário e costumes com ele relacionados, como o facto de a princesa estar permanentemente acompanhada pelas suas damas de corte.

Passavam-se algumas salas onde eram exploradas as peças e as funções dos espaços apenas através do discurso do guia. Num segundo momento de animação surgiam na Sala de Escultura outras duas figuras que surpreendiam os alunos em visita: encontravam o príncipe e o mestre-escola. Aqui o processo era o mesmo: o príncipe era encarnado por um aluno da escola em visita ao palácio, que era vestido à época para representar o papel assistindo à lição de línguas, de geografia, de botânica, etc., sujeitando-se ao rigor do mestre que era representado por outro animador/ator. Surgia, mais adiante, um outro momento de animação que inicialmente incidia sobre a diversão através dos jogos (xadrez, jogo da Cidade de Roma), ou da música e do namoro: um par de nobres cantava uma modinha luso-brasileira enquanto namorava. Isto acontecia normalmente na Sala dos Arquivos onde se encontra exposta a mesa de jogos e a namoradeira. A animação neste espaço, com o passar dos anos e com o intuito de não se repetir sempre o mesmo quadro, começou a ficcionar-se e deturpar-se a realidade histórica da época, criando-se por vezes situações pouco didáticas.

¹²⁹ Irmã mais nova de D. Maria I, muito presente na história do palácio por ali ter permanecido por diversas vezes, durante os seus longos anos de vida.

A animação terminava sempre com um momento de festa: a dança ou o teatro, na Sala dos Embaixadores, onde se abria uma porta de acesso aos jardins e os alunos terminavam a visita orientada, em alguns anos, praticando um jogo da época (o pelelé).

Este programa destinava-se (e destina-se, porque ainda se mantém ativo, embora com pequenas alterações e adaptações) a todos os níveis de ensino desde o 1º ano do 1º ciclo até ao 12º ano e a outros visitantes que se organizassem em grupo. Era responsabilidade do guia adaptar o seu discurso aos vários níveis etários e aos diferentes públicos.

Um outro projeto com uma estrutura similar ali posto em prática desde 1997 até cerca de 2009 / 2012 (tanto quanto nos foi possível averiguar com o apoio das Dras, Susana Morais e Rita Alves dos Serviços Educativos da Parques de Sintra – Monte da Lua) foi «O Paço de Queluz no Enquadramento Histórico de Portugal: de D. Maria I a D. Pedro IV», que consistia também numa visita de exploração orientada aos espaços, coleções e vivências do paço, desta vez focando sobretudo os primeiros trinta anos do século XIX, mais uma vez com recurso a quadros vivos.¹³⁰

Aqui a visita começava com a habitual contextualização do espaço na sua época, fazendo referência à vida de corte no século XVIII, desde a construção do palácio e seus protagonistas até ao momento que se pretendia explorar: as Invasões Francesas e anos subsequentes. O primeiro momento de animação (na ala das princesas) consistia na azáfama de dois criados (um homem e uma mulher) arrumando tudo porque os franceses vinham a caminho e tinham de partir para o Brasil, levando o mais que conseguiam. Num segundo momento encontrava-se outro casal de criados que comentavam o problema da sucessão de D. João VI, já após o regresso do Brasil, enquanto simulavam limpar a sala de jantar. Na Sala do Canto, ouvia-se a leitura de uma carta (por uma animadora encarnando o papel de D. Ana de Jesus Maria, filha de Carlota Joaquina e de D. João VI). A “princesa” simulava ter acabado de escrever a dita carta (documento da época) e lia-a em voz alta para que os alunos compreendessem a sua aflição. O conteúdo da carta revelava que se encontrava em Queluz com a mãe e que desejava que o pai, a residir noutro palácio, a fosse buscar. A partir deste quadro o guia explorava as divergências a nível político que se viviam: as lutas entre liberais e absolutistas que apartavam a família real, estando a rainha a viver em Queluz, separada do rei, e as divergências entre os filhos D. Miguel e D. Pedro.

¹³⁰ Vide COELHO, Raquel da Assunção Bernardo Alves, *op. cit.*, pp. 124 a 126.

A visita terminava com o relato de uma criada que era surpreendida a limpar a Sala dos Embaixadores e que contava aos grupos de visitantes que o seu avô, que também fora criado naquele palácio, lhe falara das magnificas festas que no seu tempo ali haviam acontecido. Esta visita foi concebida para alunos entre o 5º e o 12º anos.

Houve também diversos tipos de «Visitas com Oficina», sendo as que se mantiveram ativas durante mais tempo a que incidia sobre o tema do vestuário e a que tratava o tema da higiene e da saúde no século XVIII.

A primeira, denominada «Histórias de Vestir», consiste numa visita às 18 salas que habitualmente se visitam, em que o guia vai chamando a atenção para diversos aspetos que possam ter a ver com o vestuário (como o facto de as sedas que forram as paredes serem idênticas às usadas para fazer os fatos das pessoas da nobreza) e que termina com um momento de animação em que são colocados adereços nas crianças de modo a que se sintam identificadas com o vestuário da época.

Também neste programa se retiram um aluno e uma aluna do grupo para se vestirem de príncipe e princesa. Estes dois alunos entram na Sala dos Embaixadores, onde termina a visita, após ser anunciado aos colegas da turma que vão ser recebidos por Suas Altezas Reais. Este grupo, entretanto, já tinha sido preparado por dois animadores vestidos à época que lhes tinham dito que não poderiam ser recebidos pelos príncipes vestidos daquela maneira e que a moda naquele palácio era muito diversa da que eles usavam. Entravam em acordo que todos se preparariam para a grande receção: as meninas colocariam laços no cabelo, gargantilhas e usariam leques e os meninos colocariam o jabot de rendas e a peruca.¹³¹

Por fim treinavam as vénias até ao momento em que soava uma música de Händel e se dava a entrada dos alunos que encarnavam os papéis de príncipe e princesa, dirigindo-se às cadeiras que faziam a vez do trono onde se sentavam. Todos cumprimentavam os príncipes com as vénias e a oficina terminava com uma dança que o par de nobres que os havia preparado lhes oferecia. Este programa destinava-se a alunos do 1º e 2º anos do 1º ciclo.

A segunda Visita com Oficina que referimos, chamada «Do Limpo, Do Sujo e das Maleitas», é também uma visita guiada ao palácio, mas neste caso dá-se especial atenção aos temas da higiene e da saúde no século XVIII. Termina com um jogo semelhante ao Jogo da Glória, mas aqui em grandes dimensões de modo a que as crianças possam ser os

¹³¹ Vide COELHO, Raquel da Assunção Bernardo Alves, *op. cit.*, pp. 126 a 127.

piões. A turma de cerca de 30 alunos é dividida em dois grupos formando duas equipas que se vão confrontar. O tabuleiro do jogo mostra em cada casa em que se encontram obstáculos ou ajuda, pinturas (feitas à mão sobre pano cru de que é feito o grande tabuleiro de jogo) inspiradas em imagens do século XVIII. Este jogo da glória foi adaptado ao tema da visita, ou seja, em vez da casa “morte” encontra-se a “varíola”. As outras casas mostram a faca de sangrar; as sanguessugas; o clister; o físico com a sua máscara; os piolhos e as pulgas, o defumador, etc. O animador que dinamiza o jogo vai explicando ou relembrando o significado de cada um dos obstáculos, que o guia já havia referido no decorrer da visita. Esta Oficina destina-se a alunos do 3º e 4º anos do 1º Ciclo.

Em nenhuma destas visitas o guia encarna um personagem da época, falando sempre na terceira pessoa, e todas estas visitas eram pagas pelos alunos.

Havia também um programa destinado às crianças do ensino pré-escolar (de 4 e 5 anos de idade). Este partiu da observação dos grupos desta faixa etária que ali passeavam acompanhados pelas educadoras, para os quais talvez os peixes vermelhos dos lagos fossem o único atrativo. Criou-se então um projeto para os jardins, baseado n’O Rapaz de Bronze de Sophia de Mello Breyner Andersen.

Estes projetos implicavam uma preparação prévia que envolvia os Serviços Educativos e os jardins de infância. Após uma reunião com as educadoras em que se expunham as várias fases do projeto, os monitores dos Serviços de Educação deslocavam-se às diversas instituições para uma primeira ação de sensibilização das crianças em que era feita uma abordagem ao conto, convidando as crianças a participarem na Festa das Flores. Para tal teriam de se vestir de flores diversas porque só as flores poderiam participar naquela festa no jardim do Rapaz de Bronze. Passava-se então a um segundo momento em que as crianças eram levadas a dançar e mover-se como flores, participando na oficina de movimento. Num terceiro momento os monitores construía flores de papel com os alunos e educadoras para exemplificarem o trabalho a desenvolver na sala de aula, em que cada criança faria o seu fato de flor para levar à festa. No dia da ação final, nos jardins de Queluz, as crianças chegavam todas vestidas de flores feitas de papel que tinham construído com as educadoras na instituição escolar, formando grandes canteiros coloridos que se moviam pelos jardins.

Aqui encontravam vários percursos com cores diversas sinalizados com laços de papel de seda. Cada grupo seguia a sua cor, descobrindo ao longo do trajeto personagens da história que já deveriam conhecer antes da visita. Cada personagem levava o grupo ao

passo seguinte, numa espécie de jogo de pista, até chegarem a um largo no parque onde acontecia a «Festa das Flores».

Este projeto começou por se chamar «A boneca cor-de-rosa», ainda no tempo do segundo curso de animadores, passando mais tarde a ser denominado «A Festa das Flores». Este e um outro similar foram sendo postos em prática até 1998, sendo depois levados para o interior do palácio devido às instabilidades climatéricas, que obrigavam a mudanças de datas na realização da ação final (nos jardins) o que causava grande transtorno, sobretudo às educadoras, por terem reservado o transporte que conduzia as crianças ao palácio.

Nasceu assim o programa «Queluz: Contos no Paço», a acontecer, desta feita, no interior do monumento, com o fim de promover o estabelecimento do primeiro contacto da criança com o Palácio/Museu, com base na exploração ludo-expressiva dos seus espaços e coleções. O primeiro foi denominado «Os Espelhos da Princesa», seguindo-se «A História da Chave» ; «O Mistério do Quadro Desaparecido» ; «A Princesa que Veio de Longe» ; «A Princesa sem Coração», todos eles criando o envolvimento dos grupos de nível pré-escolar, através da visita ao palácio, num jogo de exploração temática com personagens, muito idêntico ao que se fizera anteriormente nos jardins, mas agora reduzido aos espaços fechados.¹³² Este programa, a partir de 2012, deixou de existir.

Houve também, entre 1995 e 2005, um projeto anual de cariz comunitário, financiado pela Câmara Municipal de Sintra, sob diversos temas: o século XVII, os Santos Populares e a diversidade cultural no Concelho de Sintra. O primeiro a ser posto em prática, que foi aquele que mais se repetiu, foi o que consistia na recriação de uma feira do século XVIII no largo fronteiro ao palácio de Queluz. Chamou-se-lhe «Queluz – O Paço e a Vila: Um Dia na Corte, Um Dia na Feira». Estes projetos começavam com uma reunião que acontecia em outubro na qual participavam os elementos dos Serviços de Educação do Palácio e as divisões de Ação Social e de Educação da Câmara Municipal de Sintra. Para além de aí serem definidas datas para as diversas ações a que a realização do projeto obrigava, eram escolhidos centros de dia de reformados e idosos do concelho e escolas, segundo as necessidades expostas na reunião, para a participação no mesmo.¹³³

Num segundo momento convocavam-se os professores das escolas envolvidas bem como os responsáveis pelas instituições de idosos que viriam a participar no projeto. Aqui promovia-se uma ação de sensibilização ao projeto, explicava-se em que consistia

¹³² Vide COELHO, Raquel da Assunção Bernardo Alves, *op. cit.*, pp. 127 a 129.

¹³³ Vide Anexo fotográfico, Figuras 13 a 29.

e marcavam-se as primeiras atividades com os envolvidos. Estava previsto os monitores do Serviço Educativo deslocarem-se as essas instituições, em diversas fases, e realizarem ações com finalidades distintas de modo a que os participantes (alunos e pessoas idosas) ficassem conhecedores do projeto e dos objetivos da sua participação: dos costumes no século XVIII; das profissões e pregões então habituais; contrastes entre a vida do povo e a vida na corte; vestuário, etc. Na primeira ação era entregue, a cada instituição, uma pasta ou dossiê com informação escrita sobre o século XVIII (seleção de textos), que o professor ou responsável pudesse consultar, acerca de cada tema explorado nas ações “vivas” e a desenvolver pelos participantes: vestuário, alimentação e receitas, higiene e saúde, transportes, profissões, pregões, etc.

Um dos momentos mais importantes do projeto era a apresentação da Maleta Pedagógica tanto nas escolas como nos centros de dia, em que se falava e ilustrava a vida do povo.

A Maleta consistia precisamente numa mala “mágica” que, ao ser aberta, mostrava um pequeno cenário da Lisboa Pombalina: uma praça, onde, à medida que o monitor ia descrevendo a sociedade, costumes, profissões, vestuário, etc. da segunda metade do século XVIII (incidindo na vida do povo), ia preenchendo a praça com essas mesmas personagens (bonecos de madeira com cerca de 25cm de altura).¹³⁴ Por detrás da mesa onde era colocada a maleta, montava-se uma estrutura coberta com panos que escondia dois ou três animadores que iriam dar vida a alguns desses bonecos de madeira. Assim, de acordo com os bonecos que iam aos poucos povoando a praça, iam surgindo algumas “figuras vivas” que representavam tipos da época ilustrando o discurso do monitor através de cenas características do tempo em foco.¹³⁵

Num primeiro momento, quando o monitor falava do modo como os vendedores anunciavam os produtos que vendiam, começava-se a ouvir alguns pregões que os animadores entoavam por detrás do pano. Mais adiante, também no momento em que o tema era abordado pelo monitor, surgia um mercador de tecidos que ia cobrar as dividas avultadas a casa de um nobre que não as podia pagar. Numa outra cena, a propósito dos tratamentos, falava-se do médico, do boticário até que entrava a bruxa que vendia curas e receitava rezas para qualquer mal. Esta ação tinha a duração de 90 minutos aproximadamente, incluindo o momento final em que eram explorados os quadros vivos

¹³⁴ Vide COELHO, Raquel da Assunção Bernardo Alves, *op. cit.*, pp. 129 a 131.

¹³⁵ Vide Anexo fotográfico, Figura 13, 14 e 15.

com os alunos ou os idosos, conforme o caso, no sentido de os orientar na compreensão dos vários temas abordados e na escolha de uma profissão ou tarefa para o dia da feira.

Através deste material pedagógico explorava-se a vida do povo em oposição à da nobreza que vivia nos palácios, e que o grupo viria a conhecer num segundo momento quando se realizasse a visita ao monumento.

Havia também um outro momento de preparação em que se falava do vestuário da época, focando o que não se podia usar nem comer no dia da ação final (relógios, garrafas de plástico, pacotes de batatas fritas, donuts, sapatos de desporto, etc.). A maioria dos participantes, entre crianças e idosos, iriam representar figuras do povo e apregoar os produtos que nessa época se vendiam nas feiras. Também para selecionar estes produtos era realizada uma ação específica nas instituições. Estas duas últimas, no caso das escolas, exigiam a participação dos encarregados de educação que ficavam responsáveis por fazerem os fatos dos educandos e participar na aquisição dos produtos a serem vendidos. Houve um caso singular, mas muito interessante e comovente em que os avós do centro de dia fizeram os fatos para eles e para os netos, porque ambos estavam a participar no projeto. Tratava-se de um meio pequeno; um meio ainda rural do Concelho de Sintra.¹³⁶

A realização deste programa implicava vários meses de trabalho para todos, entre outubro e junho, quando finalmente se dava a ação final, em que a feira era montada com as bancas onde todas aquelas figuras iriam vender os seus produtos e pôr em prática os conhecimentos adquiridos sobre o século XVIII. Tratava-se de um projeto de História ao Vivo, embora a feira fosse aberta ao público em geral. A Câmara de Sintra cedia as bancas de venda e os bancos de madeira onde os “feirantes” podiam descansar.

O quartel fronteiro ao palácio fornecia as coberturas para criar espaços com sombra. A Junta de Freguesia ficava encarregue de sensibilizar a população de Queluz para a ação. Fazia-se também uma sensibilização especial aos habitantes do Bairro Almeida Araújo, conhecido, desde os seus primórdios por Bairro do Chinelo. Estes tinham todos os anos um convite especial para visitarem o palácio com animação, uma vez que estes projetos afetavam a zona onde calmamente residiam durante o ano e que, embora tão perto do monumento, estavam em muitos casos distantes do que ali acontecia.

Esta “invasão” do Bairro era mais notória quando se realizava um outro projeto com uma estrutura semelhante ao anteriormente descrito, mas sob o tema dos Santos Populares. Foi o segundo grande projeto de cariz comunitário a ser posto ali em prática:

¹³⁶ Vide COELHO, Raquel da Assunção Bernardo Alves, *op. cit.*, pp. 131 a 132.

«Abrir o Baú das Memórias num Dia de Santos Populares». Neste, os envolvidos participavam na recriação de uma festa de santos populares recuando no tempo até aos anos 40 do século XX, com tudo o que de tradicional implicava esta festa: as marchas; os concursos (de vestidos de chita, de quadras populares, de chapéus, de jogos tradicionais, etc.) e as banquinhas de vendas de manjericos, sardinha assada, etc. À noite, o palácio abria as portas à população onde se observava a recriação de uma festa de S. Pedro no século XVIII, muito ao gosto de D. Pedro III, que tinha o nome do santo. Tudo isto era antecedido das ações de sensibilização e formação, nos moldes das já descritas para a feira de século XVIII, de acordo com o tema.

Num dos momentos de preparação do projeto, entrevistavam-se alguns idosos que iriam participar e que relatavam as tradições relativas a estes festejos sobre a região de onde provinham, já que a maioria daquelas pessoas eram oriundas das mais variadas localidades do país, com tradições diversas. Alguns desses idosos eram selecionados pelo monitor que coordenava esta fase de preparação para com ele se deslocarem às escolas com o fim de contarem as tradições da sua terra aos jovens que as não conheciam. Este era um modo, através de testemunhos diretos, de os alunos fazerem a “viagem” até ao tempo em que a festa final iria incidir.

Um terceiro projeto construído sobre a mesma estrutura foi o «Gentes, Gestos e Linguagens». Talvez o mais original e mais rico em termos culturais e sociais, tendo em conta a diversidade de culturas que o Concelho de Sintra abarca. Partiu-se da coleção do palácio e dos vários continentes que ali estão representados através das peças em exposição: das esculturas, dos painéis de azulejos, das cerâmicas, das sedas e outros elementos e documentos com ele relacionados, para ir ao encontro das diversas culturas que, em grande número, residem no Concelho.

Entre outras ações destacamos as várias visitas que os grupos de envolvidos faziam ao palácio para descobrirem a Ásia em Queluz, através das sedas, porcelanas, e outros objetos; a África, com as esculturas dos macacos no Jardim Pênsil, os relatos sobre a anã Rosa¹³⁷; a América, mais uma vez analisando os painéis azulejares, as pinturas, os móveis e parquets fabricados com madeiras exóticas do Brasil. Para todos os casos

¹³⁷ Era uma anã escrava, muito estimada de D. Maria I, que vestia roupas idênticas às da rainha, mas feitas à sua mediada, cuja principal função era divertir a figura real. Neste caso a animação era essencial para transmitir, simplificar e descodificar os mais diversos conteúdos: animavam-se documentos históricos criando, a partir deles, diálogos entre personagens; dava-se uso a uma réplica da «Cabeça de Negra», tabaqueira cuja função, estando apenas integrada na exposição, passava despercebida à maioria dos visitantes; junto das jaulas descreviam-se os animais trazidos daquele continente, entre outras coisas.

existem painéis de azulejos e pinturas alusivos a cada um dos continentes conhecidos dos portugueses no século XVIII, que eram explorados através de um jogo de perguntas que levavam os alunos a perceber também a visão que os portugueses daquele tempo tinham dos outros povos pelo modo como os representavam.¹³⁸

No final das referidas visitas as crianças levavam para a escola uma mala (Maleta Pedagógica) contendo reproduções dos objetos mais representativos do que tinham observado em Queluz, relativos a cada um dos continentes, com os quais faziam uma exposição na sala de aulas descrevendo aos colegas o que tinham observado, porque uma mesma turma era dividida em três grupos e cada um deles “viajava” por um continente distinto.

Num outro momento os participantes faziam uma recolha das tradições e culturas de onde eram provenientes, passando pelas danças, música, vestuário e alimentação de modo a poderem, no dia da ação final, participar nesse encontro de culturas que se realizava no largo fronteiro ao palácio onde eram montados palcos para as mais diversas atuações. Para esse dia eram convidados, através do palácio ou pelas instituições participantes, grupos que iriam integrar a animação. Desde agrupamentos musicais das várias regiões do país (ligados sobretudo à realidade da população dos centros de dia) até às atuações com danças, música e representações teatrais de outros países e continentes.

Participaram diversas associações culturais e recreativas, tanto nacionais (cantares alentejanos, gigantones), como estrangeiras: Casa da Galiza e Associação de Cabo Verde (com danças, músicas, cachupa e outros aspetos representativos). A Embaixada da China também colaborou com uma exposição/venda de produtos daquele país. Estes projetos eram destinados a alunos do 4º, 5º e 6º anos e aos utentes dos Centros de Dia.

Os três projetos que acabamos de descrever envolviam cerca de mil participantes, incluindo crianças e idosos. Para a realização das ações finais, contava-se com a colaboração dos animadores/atores que enquadravam os vários núcleos das atividades.

Entre 1994 e 2000 foi havendo uma progressão nos projetos postos em prática em Queluz, sendo estruturada uma planificação anual e criação de novas ações com o fim de, em cada ano, dar a conhecer diferentes aspetos do monumento na sua totalidade incluindo o espólio ali exposto. Mas a partir de 2000 não se criou nenhum projeto novo... Em 2005 deixaram de ser postos em prática estes projetos comunitários, passando as atividades dos Serviços Educativos de Queluz a assentar nos projetos: «A Corte em Queluz: Viagem ao

¹³⁸ Vide COELHO, Raquel da Assunção Bernardo Alves, *op. cit.*, pp. 132 a 133.

Quotidiano Palaciano de Setecentos»; «O Paço de Queluz no Enquadramento Histórico de Portugal: de D. Maria I a D. Pedro IV»; «Visitas com Oficina»; «Queluz, Contos no Paço», que cumpriram com os objetivos de um Serviço Educativo dinâmico e inovador nos primeiros anos, mas que pela repetição ao longo dos dias, meses e anos, perderam o sentido e qualidade para quem os executa e para quem neles participa.

A partir de 2000 deixa-se de lado todo um trabalho de pesquisa e de inovação que estaria obrigatoriamente implícito num projeto com mais de dez anos de existência e que, no seu início, fora precursor em Portugal. De certa forma, da transmissão da História recorrendo ao lúdico, passou-se à transmissão do lúdico recorrendo a histórias, com o objetivo primordial de vender o maior número de visitas por dia, não sobrando tempo ou dinheiro para destacar elementos para a realização do trabalho de pesquisa e criação de novos projetos. As habilitações e formação dos elementos deste serviço deixam de corresponder ao que deve ser exigido nos nossos dias neste sector da museologia, e a visão meramente material sobrepõe-se ao rigor e à inovação.¹³⁹

Em 2009, Raquel Alves Coelho afirma que sem elementos incumbidos da investigação se assistiam a cenas de animação que agrediam a veracidade histórica na tentativa de se alterarem alguns dos “quadros vivos” nos programas que se repetiam desde há vinte anos. É extremamente essencial a formação contínua dos monitores dos Serviços Educativos para que acompanhem as necessidades, cada vez mais exigentes, a que este sector dos museus tem de estar preparado para responder. Seria necessário, em primeiro lugar, criar quadros nos Serviços Educativos de Queluz, o que nunca havia existido, e preenchê-los com elementos com formação adequada às funções a desempenhar naquele que é, como é sabido, um dos mais importantes legados a nível artístico e cultural da segunda metade do século XVIII em Portugal. É necessário criar projetos baseados num processo de investigação criterioso e com o rigor científico que o monumento e os públicos merecem e esperam, de modo a serem repostos os anos de estagnação a que tem sido submetido. Num lugar de memória com amplos recursos para o desenvolvimento de projetos educativos, muitas propostas poderiam ser feitas para renovar a interpretação dos espaços e comunicação daquele legado com inúmeros potenciais.

Em 2019, precisamente 10 anos depois, fomos recebidos na cede dos Serviços Educativos da Parques de Sintra – Monte da Lua, na qual o Palácio Nacional de Queluz de insere, pelas Doutoradas Rita Alves e Susana Morais, que se disponibilizaram para a

¹³⁹ Vide COELHO, Raquel da Assunção Bernardo Alves, *op. cit.*, pp. 122 a 139.

entrevista e nos explicaram em primeira mão as alterações sofridas ao longo destes dez anos.

Entre 2009 e 2012 não se deram alterações no funcionamento deste serviço. A partir de 2012 o Palácio passou a ser então gerido pela Parques de Sintra – Monte da Lua, altura em que se uniformizou o tipo de programação já existente com o dos outros monumentos geridos pela PSML, sem abdicar das atividades do Serviço Educativo que já aconteciam lá regularmente, nomeadamente as atividades com animação de época, por serem uma tipologia de visitas muito apreciada pelo público e com muita qualidade a nível dos recursos humanos que as implementam, explica a Dra. Susana Morais. Ou seja, deram continuidade ao que já existia, adequando o necessário ao modelo que a Parques de Sintra já tinha noutros monumentos.

No PNQ pretendem, através destas visitas, transmitir a mensagem e tudo aquilo que é o contexto histórico do monumento, sem nunca perder o que consideram fundamental, não só para escolas mas também para público em geral, a parte pedagógica, defendendo sempre um trabalho de qualidade com recurso a profissionais da área (frisando que a equipa com que trabalham no Palácio Nacional de Queluz é uma equipa de qualidade, mantendo-se desde 1986, entre cantores, bailarinos e animadores profissionais, que dão o seu contributo de modo a fazer jus às artes que representam, podendo transmitir a história através da representação de personagens).

A “Viagem à Corte do Século XVIII” é uma atividade que se manteve sempre e, passados dez anos desde a última descrição da visita, por Raquel Alves Coelho, assistimos à mesma, no dia três de agosto de 2019. Esta visita, direcionada para público em geral (sobretudo famílias) é destinada a grupos de 17 pessoas e a quantidade aceite foi de 40 pessoas. A visita começa perto do átrio principal, quando o guia (que não interpreta qualquer personagem histórica) conta, em suma, a história da construção do palácio.

Ao entrar na sala do trono, o público depara-se com dois marqueses, que contam, também em síntese, a história da família real e ensinam a vénia ao público dizendo que vai ser recebido pela princesa e tem de saber fazer a cortesia, a vénia, ensinando como devem fazer os homens (explica o marquês) e as mulheres (explica a marquesa). A linguagem utilizada por estes personagens é atual, ainda que cuidada. Não há uma tentativa de aproximação à antiga linguagem utilizada na época.

Ensinam igualmente outros hábitos da época, como o uso do leque para transmitir informações, como por exemplo: no próprio queixo da senhora significa que esta não confia no pretendente; com o leque aberto, se o dedo indicador da senhora passar no leque

aberto significa que precisam de falar. No decorrer da conversa com o público, explicam também o uso das moscas, os sinais usados nas várias zonas da cara e o que significa cada um deles: ao pé do olho “apaixonada”; ao pé da boca “beijocadora”; e na testa “majestade”; existe também o “encobridor” – se superassem a varíola e ficassem com marcas poriam uma mosca ou mais nessas mesmas marcas, para cobri-las. No final deste primeiro momento da visita, dançam ao som de uma música da época.¹⁴⁰

Escolhem, por fim, duas crianças do público, um rapaz e uma rapariga, que acompanham a senhora marquesa aos aposentos do príncipe e da princesa, respetivamente. Estas crianças vão igualmente acompanhadas pelo familiar que as acompanha na visita. Seguindo o marquês, o público passa então para a sala da música, onde se encontram sentadas mais duas personagens. A personagem masculina toca na viola acústica, uma música de época, acompanhado por uma cantora.¹⁴¹ Esta explica que a princesa lhe pediu que cantasse 4 modinhas, explicando o marquês do que se tratam. Vai completando o seu discurso e as informações que passa com algumas citações históricas que leva num documento. Informa, de seguida, o público que também o príncipe os vai receber por serem visitantes tão importantes. O marquês ensina igualmente o aceno¹⁴².

Nesta altura o público é dividido em dois grupos, denominados “família dos Marqueses de Borba” e “família dos Duques de Bragança”. Um dos grupos fica na sala da música com uma guia, que não interpreta qualquer personagem, e que conta toda a história daquela sala, explicando a sua arte, passando depois para a capela e fazendo o mesmo, percorrendo o restante percurso do palácio. O outro grupo seguiu à frente, fazendo o mesmo percurso, conduzido por um outro guia.

Durante a visita, nos aposentos da princesa, surge o primeiro quadro vivo, em que a marquesa está a vesti-la, ouvindo-se uma música de época, de fundo (a princesa é a criança que foi escolhida do público). É uma forma de ensinar como se vestiam e penteavam as princesas de uma forma visual e não apenas verbal. Mais à frente, na Sala da Escultura, aparece também o marquês e o príncipe (o outro menino do público) num quadro vivo, para explicar mais algumas situações do quotidiano da família real naquela época, o século XVIII.¹⁴³

¹⁴⁰ Vide Anexo fotográfico, Figuras 30 a 33.

¹⁴¹ Vide Anexo fotográfico, Figuras 34 e 35.

¹⁴² Algo que Paula Bárcia considera absurdo, uma vez que na época não se utilizaria tal aceno, em Portugal.

¹⁴³ Vide Anexo fotográfico, Figuras 6, 7 e 8. As respetivas imagens são de 2009 mas, atualmente (2019), estes quadros vivos procedem-se exatamente da mesma forma.

No final da visita, na Sala dos Embaixadores, aparecem os príncipes acompanhados pelos Marqueses. Através de música e de uma interação mais direta com o público, surge uma surpresa! Uma cantora lírica que interpreta a “Rainha da Noite”, da *Flauta Mágica* de Mozart. Foi um momento impressionante e a voz da cantora arrepiava, pela perfeição e interpretação da música. No entanto, se o que se pretende ali fazer é retratar a corte do século XVIII em Queluz, esta é uma grande falácia: a Flauta Mágica de Mozart, apesar de ter surgido no século XVIII (1791 mais especificamente) só chegou a Portugal muito depois, cerca de meados do século XIX.¹⁴⁴ O que nos parece é que aconteceu exatamente o que Raquel Alves Coelho comentava há dez anos atrás. A tentativa de inovação dentro do mesmo projeto acabou por descorar a parte do rigor histórico e embora tivesse sido um momento de entretenimento maravilhoso, a parte pedagógica, infelizmente, não se mostrou adequada neste momento final da visita.¹⁴⁵

As visitas com animação de época são atualmente realizadas em quatro tipologias diferentes, conforme o público:

1. O público escolar (adaptado ao pré-escolar e a partir do primeiro ciclo até ao 12º ano e mesmo ao ensino universitário)
2. O público família
3. Os aniversários, os grupos particulares e privados.

A atividade base é adaptada para cada uma das tipologias, não sendo sempre igual, explica a Dra. Rita Alves.

Dentro das atividades escolares, como averiguamos, manteve-se a “Viagem à Corte do Século XVIII”, havendo atualmente uma nova atividade para o pré-escolar, denominada “Árvore da Família”. Esta atividade parte de criar uma aproximação das crianças mais pequenas, ao palácio e à história, uma vez que ainda não começaram a aprender essa disciplina, mas que têm muito presente o imaginário das princesas. Em suma, o grupo de crianças recebe na escola um convite da princesa para estarem presentes

¹⁴⁴ «Completely impossible that it was sung in Portugal in the 18th century. If you have the opportunity to look better at the circulation of the Magic Flute in the 18th century, you will find, for example, that the Magic Flute had no circulation in Italy or countries linked to the Italian opera system, e.g. Spain, Portugal, England, during the 18th century. Milan and London, only in the early 19th, and in Italian translation. Spain and Portugal only much later. This is something typical of the ignorance and ingenuousness of a lot of people/performers. The Magic Flute wasn't even a court opera. It was first performed at a low-prestige public theatre in Vienna, where they produced works for the popular classes.» Aqui temos o comentário de David Cranmer, Musicólogo (com um doutoramento em Ciências Musicais na Universidade de Londres in <http://fcsh.unl.pt/faculdade/docentes/cranmer>) e Docente no departamento Ciências Musicais na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, o qual tivemos oportunidade de consultar.

¹⁴⁵ Vide Anexo fotográfico, Figuras 36 a 39.

na inauguração do retrato de família que o pintor do palácio de Queluz irá fazer da família real. Os meninos são convidados a fazer o retrato da sua própria turma, a entregar no Palácio à chegada, conhecendo igualmente o retrato da família real.

Durante esta visita, com uma dinâmica muito lúdica, existem também quadros vivos, de forma a que as crianças conheçam as várias personagens históricas ligadas ao monumento e à história, sendo uma visita muito dinâmica e com interação direta das crianças, que devem procurar e descobrir os retratos de toda a família real. São-lhes fornecidas, no início da visita, algumas telas com a reprodução das imagens das personagens do Palácio e, acompanhadas pelos guias que interpretam também personagens (normalmente um marquês ou marquesa), terão então a tarefa de ajudar o pintor a encontrar todas as pessoas da família real. A preparação prévia à visita, tirando o retrato realizado na escola e o convite recebido, fica ao critério dos educadores. Em vez da História lhes ser simplesmente contada, de certa forma, as crianças vivem a História, de modo a compreenderem e conhecerem melhor, de forma mais direta, a História e a família real.

Sabemos também que, uma vez por mês, está disponível o programa famílias, que inclui a componente lúdica na descoberta do património. Além desta atividade e das festas de aniversário (que também se mantêm desde os primórdios no Palácio), surgem também pedidos de operadores turísticos, de grupos de adultos organizados, que pretendem ter esta experiência em Queluz.

O projeto “Viagens Históricas” foi primeiramente proposto ao Palácio Nacional de Queluz e recusado pelo mesmo, com a justificação de considerarem que o supracitado projeto “não é viável nem se adequa à filosofia do programa interpretativo em curso no Palácio Nacional de Queluz”¹⁴⁶. Após a entrevista com as Dras. Susana Morais e Rita Alves, que gentilmente nos receberam nas instalações do Palácio Monserrate, compreendemos melhor a razão da recusa do projeto. Explicam as técnicas que no Palácio Nacional de Queluz não apoiam ou defendem a interpretação de personagens históricas que tenham realmente existido para não correrem o risco de não respeitar essas mesmas personagens, existindo sempre uma princesa, uma aia, num marquês ou marquesa, mas nunca especificados. Apesar de terem interpretação na primeira pessoa, não têm simplesmente um guia que interprete a personagem, existindo sempre um guia regular e os supramencionados quadros vivos.

¹⁴⁶ Palavras da Dra. Inês Ferro, antiga Diretora do Palácio Nacional de Queluz (sendo o atual Diretor o Dr. António Nunes Pereira),

É compreensível e aceitável a razão apresentada e não poderemos discordar. No entanto, a História Viva terá sempre um risco apesar da investigação cuidada, do trabalho e recurso a profissionais – o trabalho da equipa que cria um projeto de História Viva é o de minimizar ao máximo as falácias relacionadas com a distância temporal ou falta de informação. Ou seja, defendemos, por outro lado, que desde que se consiga informação suficiente sobre uma determinada personalidade ao ponto de ser possível representá-la de forma o mais rigorosa possível, respeitando a sua história e tudo o que se souber sobre a mesma, então será ousado mas compensatório criar uma visita nestes parâmetros, em que o público tem possibilidade de conhecer pessoalmente uma personalidade histórica importante e a sua relação com a família, a corte, a casa, entre outros.

4.2. O exemplo da empresa Sons & Ecos

«O seu trabalho tem-se centrado, sobretudo, no conceito e técnica da História Viva, que serve três áreas fundamentais no desenvolvimento de um país: a cultura, a educação e o turismo cultural.»¹⁴⁷

A Sons & Ecos, Lda. é uma empresa fundada em 2007, constituída por elementos com mais de vinte anos de experiência prática na área da animação histórica e dinamização cultural, com um vasto currículo de criação e produção de eventos ligados à divulgação e dinamização do património histórico e artístico nacional, nomeadamente à Educação Patrimonial e ao Turismo Cultural. Dedicam-se à criação e produção de projetos de História Viva: recriações históricas, visitas com personagens, animação sobre temas do quotidiano de épocas passadas e episódios históricos; maletas pedagógicas; animação museológica; visitas orientadas com quadros vivos; formação e oficinas temáticas. Trabalham com uma equipa de colaboradores experientes e especializados nas mais diversas áreas ligadas às artes do espetáculo (atores, músicos, bailarinos) bem como em História, História da Arte, Artes e Literatura. O seu trabalho tem-se centrado,

¹⁴⁷ Cf. <https://www.sonseecos.com/>.

sobretudo, no conceito e técnica da História Viva, que serve três áreas fundamentais no desenvolvimento de um país: a cultura, a educação e o turismo cultural.¹⁴⁸

A Sons & Ecos surgiu no seguimento de quinze anos de trabalho prático em recreação histórica e museologia que a fundadora realizou, integrada no Serviço Educativo do Palácio Nacional de Queluz. Findo o contrato com esta entidade, Raquel Alves Coelho decidiu criar os seus próprios projetos e produzi-los para entidades que os requeressem e que lhe permitissem alargar e inovar a partir de conhecimentos que havia adquirido.

A Sons & Ecos defende o rigor na conceção e execução dos produtos culturais por eles criados, visando uma componente didática na comunicação e interpretação do património histórico e artístico.

Importante será também referir a “Cantiga D’Alba”, uma associação cultural que surge no seguimento do trabalho desenvolvido pela Sons & Ecos. Com a sua formação, pretende-se alargar o âmbito do trabalho da empresa para as áreas formativa e de investigação, bem como a conceção de novos produtos, nomeadamente no domínio do teatro, da música e do som, incluindo exposições e instalações de arte.¹⁴⁹

Uma das ofertas que a Sons & Ecos apresenta, em parceria com o Palácio Marquês de Pombal, é uma visita encenada pelo Palácio, o projeto “Histórias em Cena”.¹⁵⁰ A visita inicia-se na entrada do palácio, no seu exterior, onde aparece uma primeira personagem, o criado João que vem receber o público e que brinca com o facto do Palácio estar em obras naquele momento. João utiliza a linguagem da época e fala sobre algumas das personagens que vão estar presentes durante a visita. Grita pelo nome “Jocelina” umas quantas vezes, lembrando-se que sendo sábado a pessoa em questão estaria a limpar a capela para a missa de domingo. Leva, então, o grupo até à capela, pedindo que fosse rápido que tem muito que fazer, provavelmente tentando manter o tempo de duração da visita. A visita é também acompanhada por dois membros do staff do Palácio e da Sons & Ecos.

Ao entrar na capela, vê-se a empregada Jocelina, com quem João deixa o público. A empregada pede que o grupo se sente e espera haver cadeiras para todos, já que não contava com visitas naquele dia. Esta é uma personagem bem-disposta que interage com

¹⁴⁸ *Vide idem.*

¹⁴⁹ Estas informações foram obtidas diretamente através de Raquel Alves Coelho, que nos cedeu não só material de investigação, como entrevistas, mostrando-se sempre disponível para tirar qualquer tipo de questões e ajudar no que fosse necessário.

¹⁵⁰ Atendemos a uma destas visitas no dia 16 de fevereiro de 2019 – Anexo documental, Documento 22.

o público e cria algumas brincadeiras com as roupas que o público usa, que nada tem a ver com a roupa que considera "normal"¹⁵¹, sempre com factos históricos presentes, referindo inclusive a falta de perucas nos visitantes. Através deste discurso, explica ao público que roupas os homens e as mulheres deveriam usar naquele palácio, com os nomes específicos de cada peça de vestuário.¹⁵²

À medida que informa o público que é criada, vai mencionado as partes da casa que limpa, dando a conhecer o palácio. Quando menciona a cozinha refere algumas receitas que se cozinhavam. Durante a visita as crianças iam fazendo perguntas e observações. A criada Jocelina, mantendo sempre a personagem e a linguagem de época, respondia-lhes com factos históricos, através do conhecimento e improvisação¹⁵³.

Ainda na capela, surge, uma nova personagem: André Gonçalves, o mestre pintor. No diálogo entre a criada e o mestre, é possível perceber como se faziam as tintas para realizar as pinturas (que tinham como base, explicam os personagens, pigmentos moídos e as claras dos ovos). Informam que a marquesa se estava a preparar também com pigmentos na cara (estaria então a maquilhar-se) para o seu retrato. Explicam de igual modo, brevemente, a pintura de S. Francisco Xavier, presente na capela.¹⁵⁴

Jocelina, quando o mestre André volta a sair, diz que pode mostrar o resto da casa, os jardins e a adega, uma vez que os marqueses não estão no Palácio, pois vivem mais tempo em Lisboa do que em Oeiras, para onde só vão no Verão. Menciona que os amos são muito atenciosos e generosos. Explica também que assistem à missa na tribuna e abrem a capela ao povo. De seguida, o público dirige-se para a primeira sala, que tem uma pintura no teto. A sala parece ser realizada em madeira e pedra, mas, através da arte do fingimento, é toda em estuque pintado, explica a criada. Na pintura do teto, estão representados os três irmãos: Sebastião, o Marquês de Pombal, ao centro, ladeado pelo irmão Paulo de Carvalho e Mendonça (inquisidor geral, representando o poder religioso) e Francisco Xavier de Mendonça e Carvalho (poder político) - representando o poder político, religioso e militar entre irmãos. As três figuras abraçam-se de forma a criar um

¹⁵¹ Vide Anexo fotográfico, Figura 40.

¹⁵² Explica, por exemplo, que as mulheres usavam culotes, camisa, ancas (para dar formosura), um espartilho e um saiote. Por cima desta base, um vestido aberto no peito para se verem as clavículas, mas sem um decote acentuado. Já os homens calçavam meias de seda, vestiam uma camisa branca, um jabot (espécie de lenço com renda, ao pescoço), um colete e uma casaca. Usavam também peruca – exceto em treinos e em contexto de guerra. Explica ainda que naquela época, principalmente em alturas de função (saraus, festas, banquetes etc.), o público teria mesmo de aparecer assim, bem vestido, da forma que explicou.

¹⁵³ Com pequenas falhas muito de vez em quando, mas tendo em conta que se trata de um discurso que não segue propriamente um guião, mas sim o conhecimento e a improvisação, é normal acontecer.

¹⁵⁴ Vide Anexo fotográfico, Figura 41.

8 deitado, símbolo do infinito. Jocelina pede ao público que leia a legenda na pintura, uma vez que ela não sabe ler, pois é apenas uma criada. Em conversa com o público chegam à conclusão que o que está escrito é "*Concordia Fratrum*", harmonia entre irmãos.¹⁵⁵

A visita continua, enquanto Jocelina chama constantemente a atenção do público para a azulejaria do palácio.¹⁵⁶ No Salão Nobre, o marquês receberia os encarregados da produção agrícola, para reuniões destinadas a negócios, porque nesta quinta produziam-se muitos produtos: vinho, azeite, frutas, legumes, cereais, seda... Jocelina explica que é uma gigantesca propriedade e que o marquês supervisiona todas as atividades. Na sua opinião, ele é uma pessoa muito exigente, mas gosta dele.

Seguindo-se a visita, Jocelina mostra a sala onde as visitas aguardam quando chegam a casa dos Marqueses e vai também falando um pouco sobre os azulejos e os seus temas, perguntando sempre ao público o que vê, fazendo com que este participe ativamente na visita. Após esta última sala, saem para os jardins.¹⁵⁷

Durante a visita aos jardins, na fonte das 4 estações, encontramos mais uma personagem (realizada pelo mesmo ator que interpreta João). Esta personagem é o Conde Vila Flor, que procura a Marquesa Michaela Andrade para discutir pormenores do sarau de música que se iria realizar naquela noite. O conde, troçando de Jocelina, questiona-se porque terá sido ela a receber os convidados. Durante o seu diálogo referem que a marquesa deverá estar na cascata dos poetas, porque adora o jardim, passando alguma informação histórica sobre a personalidade da marquesa e sobre o jardim.

O mesmo acontece em relação à adega, mencionando os vinhos que ali se produzem e as suas particularidades, condicionadas pelo facto de viajarem muito tempo (e por isso é que este vinho em particular leva aguardente, para conservar).¹⁵⁸ Na adega, o conde fala um pouco mais de factos sobre a produção do vinho, como a ausência de cabras na área próxima, para não destruírem os campos e as produções.

De seguida, passam ao lagar do azeite. A caminho encontram a marquesa, Michaela Andrade, íntima de D. Leonor, esposa de Sebastião José de Carvalho e Melo, o Marquês de Pombal. No lagar vêem-se os engenhos de produção do azeite.¹⁵⁹ As personagens

¹⁵⁵ Vide Anexo fotográfico, Figura 42.

¹⁵⁶ Vide Anexo fotográfico, Figura 43.

¹⁵⁷ Esta visita, como explicou Raquel Alves Coelho, estando mau tempo fica apenas pelo palácio, sendo adaptada às respetivas condições.

¹⁵⁸ Vide Anexo fotográfico, Figura 44.

¹⁵⁹ Vide Anexo fotográfico, Figura 45.

referem que o marquês valoriza o entretenimento e o lazer naquela quinta de recreio, mas que teria também o intuito de instruir os proprietários de quintas próximas e outras propriedades a conseguirem torna-las economicamente rentáveis, através da agricultura moderna, que ele próprio aplicava na sua quinta.

Entretanto, aparece novamente o mestre André para perguntar a Jocelina pelos ovos que necessita para as suas tintas, aproveitando a deixa para explicar também como funciona toda a produção de azeite naquela casa, uma vez que o conde e a marquesa não entendem muito do assunto: das azeitonas extraía-se o azeite, dos caroços combustível para as lareiras, as cinzas podiam servir de adubo e também para branquear as roupas.¹⁶⁰

Em seguida, o público é levado à cascata dos poetas. Nesta parte da visita, a marquesa e o conde descrevem a cascata e ensinam como se despedir, pedindo ao público que fizesse as respetivas vénias.¹⁶¹

Novamente com Jocelina, o grupo é levado até à casa de jantar, o último ponto desta visita guiada. A criada chama à atenção para o tema de decoração do teto¹⁶², que remetem para a alimentação, o mesmo acontecendo nos azulejos e nas paredes da sala. O público pergunta pela mobília e Jocelina salva a questão ao dizer que foi toda retirada para limpar, passando rapidamente à frente para explicar a história da sala seguinte, conseguindo sempre relacioná-la com o quotidiano da época. Nesta sala voltam a encontrar o conde, a marquesa e mais uma personagem, D. Josefa. Voltam juntos à sala de jantar, onde o conde recita um poema, a "Sátira aos Penteados Altos", de um poeta contemporâneo. A marquesa recita os versos de um minueto maroto, nada clássico. Jocelina mostra-se chocada, proporcionando um momento cómico na visita.¹⁶³

Aparece novamente o mestre André, procurando saber se a marquesa está pronta para o seu retrato. A marquesa diz estar ocupada com o sarau que irá ter lugar nessa mesma noite, sob tema "poesia clássica". Inspirado, o mestre André recita um poema de Camões, sendo convidado pela marquesa a recitar esse mesmo poema no sarau. Preocupada com o facto de os músicos ainda não terem chegado volta a sair com o conde, D. Josefa e mestre André, pedindo a Jocelina que acompanhe os convidados (o público) à saída do palácio. Assim, o público percebe que a visita chegou ao fim e aplaude aos

¹⁶⁰ *Vide idem.*

¹⁶¹ *Vide Anexo fotográfico, Figuras 46 e 47.*

¹⁶² *Vide Anexo fotográfico, Figura 48.*

¹⁶³ *Vide Anexo fotográfico, Figura 49.*

atores. Chegando à saída, despede-se de Jocelina com um aplauso, fotos, questões e conversas por parte das crianças.

Esta é uma das iniciativas relacionadas com História Viva, realizada no Palácio Marquês de Pombal e proporcionada pela Sons & Ecos. Em geral os atores conseguiram manter muito bem as respetivas personagens, boa projeção vocal e articulação do texto, o que permitiu que a informação fosse bastante perceptível. Mantiveram bem a linguagem da época e conseguiram agir naturalmente, não foi algo demasiado interpretado. Através desta visita que durou cerca de uma hora, as personagens conseguiram passar informações históricas, artísticas e funcionais sobre todo o palácio e jardins, algumas das personagens que por lá passaram e o quotidiano da altura.

Outro projeto ativo por parte da Sons & Ecos é uma outra visita encenada, desta vez em parceria com o Museu de S. Roque, e é intitulada: “Disseram-me por muito certo...”.¹⁶⁴

Aparece uma personagem (interpretada pela mesma atriz que fez de Jocelina na visita encenada no Palácio Marquês de Pombal), Adosinda, uma fiandeira que tece para Portugal e para fora. Diz ter ido rezar a São Roque, como o faz todos os dias, pelo menos uma vez, porque o esposo, o Chico, está muito doente. À medida que conversa com o público refere factos históricos, como a época da epidemia da peste no século XV, quando D. Manuel construiu uma ermida, que D. João, depois, transformou em Igreja. Em ponte à conversa da peste e da construção da igreja, explica que S. Roque ajuda nas doenças e maleitas. Leva, de seguida, o grupo a ver a relíquia deste Santo, explicando o que é uma relíquia.¹⁶⁵

À medida que público entra no museu Adosinda vai chamando a atenção as obras de arte, de forma divertida e didática, mantendo a linguagem da época e a sua personagem, como mulher do povo do século XVI.

Entretanto surge Johanna van Hargen, esposa de Damião de Góis. Sendo holandesa, tem sotaque, com o qual descreve os retratos de D. João III e D. Catarina (algo bem pensado, porque alguém do povo não conseguiria explicar as questões mais diplomáticas e das letras). Vai falando com o público e contando factos históricos sobre os reis, o seu esposo e sobre os terramotos, relacionando o seu discurso com o poder religioso sobre o povo. Salienta o facto de o retrato de Inácio de Loiola se encontrar no mesmo espaço que o dos reis. Entrega também um excerto de um texto desse Santo a

¹⁶⁴ Visita à qual assistimos a 17 de fevereiro de 2019 – Apêndice documental, documento 24.

¹⁶⁵ Vide Anexo fotográfico, Figuras 50, 51 e 52.

Adosinda que, não sabe ler, o entrega a uma pessoa do público (a duas crianças, neste caso). Aproveita para falar das dificuldades das viagens marítimas dos missionários.¹⁶⁶

Os relicários seguem-se à zona dos retratos. Adosinda fala brevemente sobre os relicários de S. Gregório e do espinho da coroa de Cristo. Passa de seguida para a zona onde fala do seu ofício, fiar. Mostra a roca e explica como funciona a arte de fiar, sempre com o discurso na primeira pessoa, em personagem.

Entretanto, aparece novamente D. Johanna. Adosinda despede-se para ir fiar os fatos da festa do Corpo de Cristo, que só acontece em maio, informa. O público fica entregue a D. Johanna, que vai falando das procissões que se dão em Lisboa, sendo a mais importante a do *Corpus Christi*. Fala da sua grandeza, dos entremeses, das danças, dos carros decorados, da participação da família real à cabeça do cortejo, explicando que todo o povo participava. Depois D. Johanna diz que tem mesmo de ir falar com o rei, que estaria na capela a rezar, mas que de caminho ajudava o grupo a encontrar as escadas. O público passa, desta forma, para a parte superior do museu.

No piso superior surge uma rapariga do povo, Rosalda (interpretada pela mesma atriz que Adosinda), criada da rainha, vestida com roupas do século XVII, cuja bisavó ou trisavó, era Adosinda. Rosalda refere que lhe dizem muitas vezes que é muito parecida com essa avó Adosinda. Pergunta ao público se já se haviam cruzado com o rei D. João V (mais um indício de que se mudara de século) e pergunta também por uma marquesa vestida de negro enquanto leva o grupo a ver o busto de D. João V.¹⁶⁷

Conta de seguida que o rei mandou construir uma capela, que ainda não está terminada, mas que ficará como se vê na maquete em exposição. Vai contando a história da sua construção, que estaria ainda em curso, mostrando as várias caixas de transporte dos materiais e decorações da capela supostamente "em construção", de forma a dar a conhecer ao público, a história de todo o edifício de S. Roque, bem como alguns traços da personalidade de D. João V.

Enquanto vai falando com o público e contando as histórias relacionadas com as peças presentes no museu (como a promessa da construção do convento de Mafra por parte do rei) volta a perguntar pela marquesa de negro e diz que precisa de lhe falar relativamente ao músico Domenico Scarlatti, que atuou na igreja no dia anterior, ao que parece. Surge, então, a Marquesa das Fontes (também interpretada pela mesma atriz que D. Johanna) e lê sobre esse concerto, um documento histórico que realmente existe.

¹⁶⁶ Vide Anexo fotográfico, Figura 53.

¹⁶⁷ Vide Anexo fotográfico, Figura 54.

Rosalda explica que o povo também gosta muito de ouvir música e por isso é muito importante ter oportunidade de ouvir estes músicos na igreja. Mais um facto do quotidiano que nos vai sendo contado pelas personagens.¹⁶⁸

Rosalda fica novamente sozinha com o público e fala sobre a relação da marquesa com a Santa Casa da Misericórdia e enquanto passam a outra parte do museu para ver a bandeira com o seu símbolo, surge um som de terramoto muito alto, com coisas a partir e pessoas ao longe a gritar. Aparece uma outra personagem que diz que estamos em 1756 e que o rei de Portugal é D. José I. Aquilo que Rosalda terá sentido, explicou a nova personagem, foi uma réplica do grande terramoto de novembro de 1755, após o qual a cidade de Lisboa foi destruída, sendo um milagre a igreja não ter caído – passam, desta forma, para o século XVIII. No decorrer do discurso, fala um pouco sobre o grande terramoto e sobre a reconstrução da cidade de Lisboa, com a ajuda do Marquês de Pombal.

A marquesa faz relação com a grande tapeçaria do ciclo da guerra de Tróia, "A Oferenda de Agamemnon à Deusa Diana" e explica a história contada na tapeçaria, afirmando que neste caso foi a natureza que provocou os estragos e não uma guerra. De seguida, pede ao público para a acompanhar à Igreja de S. Roque. Quando chegam à igreja, Rosalda fica admirada por ver a capela de S. João Batista acabada, uma vez que esta personagem seria do século passado.¹⁶⁹ A partir desta conversa, a marquesa vai explicando factos históricos e artísticos da igreja, essencialmente sobre o teto original do século XVI e a capela de S. João Batista, a sua riqueza e a história da sua construção e decoração.

Por fim, a marquesa diz estar cansada da sua vida de incertezas e mostra tristeza. Rosalda convida-a a beber um chá¹⁷⁰ e assim se despedem de nós, dizendo ao público que está livre para ver a restante igreja, à sua vontade. Nesta altura ensinam a vénia que se deve fazer, tanto mulheres como homens, que são diferentes. A vénia só se faz se for a alguém mais ilustre que nós, que é o caso! Após toda a gente fazer a vénia, a marquesa e Rosalda abandonam a igreja, o público aplaude e assim termina a visita.¹⁷¹

Nesta visita, de uma forma diferente da que falamos anteriormente, as personagens, na primeira pessoa, contam a história da igreja, do quotidiano das várias épocas e das personalidades que nelas viveram. É também um desafio diferente, uma vez

¹⁶⁸ *Vide idem.*

¹⁶⁹ Algo que não consideramos bem conseguido nesta visita, um anacronismo desnecessário.

¹⁷⁰ Um pormenor absurdo e anacrónico, porque uma criada nunca poderia convidar a marquesa para beberem chá em conjunto e conversarem sobre a vida.

¹⁷¹ *Vide Anexo fotográfico, Figura 55.*

que no museu estão expostas as várias peças de arte por ordem cronológica, sensivelmente entre o século XVI e o século XVIII. A parte final da visita, após o som do terramoto, quando ambas as personagens se juntam e o público fica com os séculos XVII e XVIII misturados temporalmente torna-se um pouco confusa mas, em geral, é uma iniciativa muito interessante e é visível a atenção do público durante toda a visita encenada – estão a aprender de forma diferente, de forma divertida.

A Sons & Ecos ao longo dos vários anos tem tido vários projetos e no presente momento tem também a peça de teatro “Cândido e o Otimismo”¹⁷², de Voltaire, que se realiza no Palácio Marquês de Pombal. É através deste conto, referido por alguns autores como a «melhor peça de teatro de Voltaire», que o autor conduz o público numa viagem ao interior do seu tempo, entre o cómico, o trágico, a política e o épico, em que somos levados a observar os meandros mais nefandos do comportamento humano no Século das Luzes, repetido e retomado ao longo da escuridão dos tempos, e de hoje. Mas «tudo vai bem no melhor dos mundos».¹⁷³

Para além da riqueza e inesgotabilidade/intemporalidade do texto, o conto revela-nos comportamentos, costumes, o pensamento filosófico e factos da época pombalina passíveis de estabelecerem um diálogo vivo com o espaço do Palácio Marquês de Pombal. Numa sucessão de acontecimentos trágicos, Cândido tropeça na maldade humana a cada passo que enceta, mas em todos eles a arte de Voltaire faz emergir o cómico e provocar o riso.¹⁷⁴

Além destas hipóteses, o público poderá igualmente assistir a Saraus Musicais e Poéticos do século XVIII no Palácio Marquês de Pombal, às Visitas Encenadas “Memórias Revisitadas” no Palácio Foz, a visitas encenadas no Teatro Romano de Lisboa e à peça de teatro “O Francês em Londres”, também no Palácio Marques de Pombal. Existem também projetos mais direcionados para as escolas, como uma peça de Fantoches (Oeiras Educa) nas escolas de Oeiras e também diferentes iniciativas, como bailes de máscaras, jogos tradicionais, entre outros.¹⁷⁵

Podemos facilmente perceber que apesar de tanto o Palácio Nacional de Queluz como a Sons & Ecos promoverem projetos de História Viva, são duas entidades bastante

¹⁷² Vide Anexo documental, Documento 25.

¹⁷³ Vide:

https://www.facebook.com/events/461278931340818/?notif_t=event_calendar_create¬if_id=1560785647607164.

¹⁷⁴ Vide *idem*.

¹⁷⁵ Vide https://docs.wixstatic.com/ugd/44c4c8_ee1e71c8ea8b40a8af3659fb7d4e516f.pdf.

diferentes entre si e cada uma consegue manter a regularidade de um programa lúdico e didático com qualidade. Não podemos deixar de referir que a Sons & Ecos tem a capacidade não só de manter um programa com projetos de História Viva como de inovar nos seus projetos, criar e cumprir com tudo o que o conceito exige. O Palácio Nacional de Queluz, todavia, perde pela falta de inovação e, tanto quanto nos apercebemos através da aprofundada pesquisa realizada, apesar da qualidade e interesse da «Viagem à Corte do Século XVIII» ser realizada com algum rigor histórico, passar as informações históricas corretas através de ações dramáticas e ter uma imensa afluência de público, fica bastante aquém daquilo que se fazia nos seus primórdios.

Raquel Alves Coelho, fundadora da Sons & Ecos, dez anos após redigir a sua Dissertação de Mestrado, diz continuar a considerar muito importante a criação e continuação de novos projetos nos Palácios e Museus Nacionais, pelo que se disponibilizou a ajudar e apoiar o nosso trabalho, no sentido também de atualizar o conceito de História Viva e o seu estado em Portugal.

5. O futuro do conceito de História Viva

«(...) acredito que é altura de partilhar o que se aprendeu, com a esperança de que se sintam motivados a criar uma acção, mesmo de pequenas proporções, reconstituindo uma época a partir de um objecto – escultura, quadro, objectos caseiros – ou fazendo reviver um personagem da vossa região, ou dando vida a um castelo, ao palácio, à feira, à aldeia, às ruínas quase ao abandono, que apenas esperam um sopro de juventude para serem olhados com outros olhos e ganharem uma nova vida.»¹⁷⁶

Ao logo do trabalho, temos vindo a verificar que existem algumas falácias no que se entende por História ao Vivo ou História Viva e o seu conceito, levando a que surjam projetos, iniciativas e ações do género com pouco rigor histórico, não seguindo sequer a regra básica que a História Viva, conceito alargado ou não, implica. Desta forma, neste capítulo pretendemos propor uma teorização, divisão e organização específica do conceito de História Viva, mencionando alguns projetos como exemplos.

Sendo a recriação histórica um veículo eficaz de divulgação do património histórico e artístico, um dos pontos que consideramos ser necessário e um dos mais importantes, é reinvestir na formação de museólogos, professores e de todos aqueles que possam estar diretamente ligados à ressurreição deste método, que mesmo após a chamada de atenção e do excelente trabalho de Raquel Alves Coelho na sua Dissertação de Mestrado, os seus princípios continuam esquecidos pela grande maioria das autarquias ou instituições que as desenvolvem – o ponto de partida essencial e único é a pesquisa aprofundada, com o apoio de museus e monumentos nacionais e com a defesa do conceito como atividade científica.

Como observámos em capítulos anteriores, a História ao Vivo dedicou-se sobretudo à criação de projetos de grande dimensão, envolvendo um grande investimento

¹⁷⁶ Cf. BÁRCIA, Paula, *Manual de História ao Vivo*, (...), p. 3.

em termos financeiros, de recursos humanos e de tempo, até se chegar à sua concretização e apresentação ao público. Partindo do conceito inicial, começaram a ser postos em prática eventos históricos, como as “feiras de época” financiadas pelas autarquias de diversos pontos do país, que assim se promovem, por se tratar de produções de grande visibilidade junto da população local, nacional e até estrangeira. É um facto que estes grandes projetos trazem benefícios em termos turísticos e são um meio de divulgação do património que não deixa de ser importante, caso a investigação que os antecede seja feita de modo a não se cair em recriações que pouco reproduzem da verdade histórica do local onde se realizam.

A etapa inicial de pesquisa – absolutamente fundamental no trabalho de recriação histórica – deixou, em muitos casos, de se cumprir com o rigor necessário devido ao sucesso desta indústria. Deste modo, consideramos que as entidades que promovem estas iniciativas, devem recorrer a técnicos com um conhecimento aprofundado nos métodos a seguir para que estas ações sejam postas em prática com o rigor que lhes é indispensável.

A História Viva em Portugal assume a sua força nas recriações históricas de feiras, mercados e cortejos promovidos pelas autarquias de várias vilas e cidades. Mas também aqui o conceito não se pratica com o rigor requerido. As entidades promotoras têm de coordenar com elevado grau de exigência a organização destes eventos. Por vezes observamos que a animação de personagens está bem conseguida, realizada por profissionais experientes e bem documentados, mas que o contexto onde se inserem foge muitíssimo à recriação de uma determinada época. Por exemplo, tivemos oportunidade de assistir a alguns casos concretos onde os atores/animadores estavam rigorosamente trajados, mantinham um discurso adequado à época, tanto no tipo de linguagem como na informação histórica que transmitiam ao público, mas observavam-se bancas de vendas expondo todo o tipo de produtos completamente anacrónicos.

É neste sentido que a entidade organizadora tem de agir eficazmente. Não se pode limitar a contratar pessoal especializado, tem de saber verificar, ponto por ponto, todos os detalhes, em todos os aspetos – não se pode deixar levar pela oferta e hábitos de consumo que se nos impõem. Os produtos vendidos têm de ser rigorosamente examinados. Se não há hamburger no pão, há pão saloio com queijo ou presunto. Não pode haver venda de joias em expositores de plástico numa feira medieval ou setecentista, nem venda de roupa indiana em *charriots* de metal, nem fantoches de esponja, quando o artesanato e gastronomia são tão ricos e esquecidos nas diversas regiões de Portugal.

Mais nos espantou o facto de observarmos que estes comerciantes estão presentes nas várias “feiras de época” do país. De Norte a Sul de Portugal, encontram-se os mesmos vendendo os mesmos produtos. Como refere Raquel na sua Dissertação, *«As Feiras medievais criaram um lugar de mercado para estes vendedores. Isto não pode acontecer, ou não lhes chamem recriações históricas.»*¹⁷⁷ As autarquias e outras entidades que organizam estes eventos têm de incorporar pessoal formado para se manter o rigor histórico que as iniciativas requerem, com capacidade de recusar o carácter comercial que acabam por assumir.

Sob o nosso ponto de vista, são os Serviços de Educação e Extensão Cultural dos Museus e Monumentos ou os Departamentos da Cultura das autarquias que devem ter pessoal especializado capaz de orientar estas práticas, por integrarem profissionais que desenvolvem estudos e conhecimentos direccionados para a região, realidade cultural, histórica e patrimonial onde se insere o museu, monumento ou instituição camarária onde trabalham. Caso, por alguma razão não tenham recursos, cabe-lhes então avaliar alternativas de companhias exteriores que tenham qualidade no sentido de seguir as regras do conceito de História Viva e respeitar sobretudo a veracidade histórica nas suas iniciativas e ações, supervisionando e acompanhando sempre o processo de criação e prática dos respetivos projetos – como acontece com o Palácio Marquês de Pombal, como verificaremos adiante. Para tal, é necessária uma sistematização e teorização do conceito atual de História Viva e é sobretudo necessário formação na área. Só com formação se poderá seguir uma metodologia adequada na criação de eventos e quadros históricos dramatizados que atinjam os fins didáticos a que se propõem e que sirvam eficazmente o turismo cultural.

São técnicos com formação compatível com as suas funções que devem coordenar todo o processo, desde a ideia inicial, para a criação de um projeto em que se recorre à História Viva, mesmo que o financiamento não seja feito através do Museu ou Monumento a que pertencem. Assim, se numa determinada localidade o município pretender promover uma feira que reproduza uma determinada época e para o efeito contrate uma ou mais empresas de animação, todo o acompanhamento do projeto deve ser feito sob supervisão permanente dessa entidade, solicitando, preferencialmente, a colaboração da entidade museológica local que acompanhará o processo de pesquisa, fornecerá informação sobre a realidade histórica da região, informará sobre as

¹⁷⁷ Cf. COELHO, Raquel da Assunção Bernardo Alves, *op. cit.*, p.111.

particularidades desse local que o singularizam em relação a outros, de forma a evidenciar as riquezas culturais e históricas, incluindo tradições, da vila ou cidade que estará exposta ao público. Este tipo de acompanhamento continua a não existir na grande maioria dos casos, sobretudo no caso das “feiras de época”, como temos vindo a compreender.

Podemos afirmar que a preparação de uma ação deste género é idêntica à preparação de uma exposição temporária e deve ser vista e tida em conta como tal, estando, assim, sujeita ao mesmo tipo de preocupações e responsabilidade, sendo necessário seguir três etapas essenciais: a investigação; a construção e a apresentação de resultados. A este processo deverá juntar-se a criação de um documento escrito idêntico a um catálogo, através do qual os visitantes adquiram os conhecimentos e orientação necessários à compreensão do mesmo. Este processo, desde a ideia inicial até à sua apresentação ao público, obrigará, assim, a vários meses de trabalho.

Embora consideremos de enorme interesse este tipo de ações de recriação histórica de grande envergadura para a divulgação da história e cultura dos diversos pontos do país, propomos, em alternativa, a criação de outro tipo de projetos, menos ambiciosos em termos de visibilidade por serem de dimensões muito mais reduzidas no respeitante ao número de pessoas envolvidas, tanto na sua execução (menos figurantes, por exemplo) como no número de pessoas que alcança de uma vez só. Desta forma, as ações tornam-se menos dispendiosas e por isso mais viáveis de serem praticadas com maior frequência. Esta proposta surge igualmente com o intuito de reforçar a importância da existência destas iniciativas, possíveis de concretizar em qualquer instituição, usando alguma criatividade: referimo-nos a projetos localizados, envolvendo poucos atores (entre um a três), que ilustrarão a descrição de um especialista em cada uma das matérias que se pretende dar a conhecer.

Todos eles incidem num tema específico, havendo a necessidade de uma contextualização da época, do local, dos factos e figuras históricas que com ele se relacionem, que será transmitida por um técnico conhecedor do tema a desenvolver, sendo a recriação uma ilustração viva do discurso do orador. A este método de comunicação dá-se o nome de interpretação na terceira pessoa com recurso à dramatização. Poder-se-á focar, por exemplo, um determinado painel de azulejos, uma pintura, uma fonte, um qualquer lugar ou objeto que encerre memórias que se “reanimam”.

Como averiguamos em capítulos anteriores, este tipo de projetos já existe e tem um enorme impacto, não só na afluência e interesse do público, mas também em termos didáticos. Um ótimo exemplo é o da Sons & Ecos, no projeto “Disseram-me por muito

certo...”, no qual apenas duas atrizes interpretam personagens e fazem a visita na primeira pessoa, de forma intercalada. No capítulo que se segue pretendemos precisamente apresentar uma proposta de projeto em que é apenas necessário um profissional, que interpreta uma personagem histórica e guia a visita na primeira pessoa.

Seja com que complexidade ou quantidade de personagens for, estes momentos de recriação são essenciais para o público estudantil, por ser um meio de cativar a população mais jovem para o estudo da história ao mesmo tempo que ajuda a fixar na memória os factos que se pretendem transmitir, estimulando e recorrendo diretamente à memória visual – que todo o público possui, facilitando, desta forma, a retenção de informação e conhecimentos a adquirir durante as visitas. Ou seja, pela aprofundada pesquisa e investigação e com a experiência que temos vindo a adquirir junto das maiores profissionais da área em Portugal, consideramos que esta estratégia também se adequa ao público em geral: turistas adultos, grupos de pessoas idosas, famílias que visitam sítios históricos nos fins-de-semana e outros grupos, tendo o orador que planear o seu discurso e adaptar estratégias de apresentação do trabalho às necessidades dos grupos que o acompanharão.

Como sabemos, o conceito *Living History* em países como a Inglaterra e os Estados Unidos da América teve uma evolução desde os anos 70 do século XX que diverge daquela que temos vindo a assistir em Portugal. Após os grandes projetos realizados nos primórdios em Portugal, ou seja, a partir de cerca de 1990 e até 2009 o conceito estagnou e foi-se esbatendo, resumindo-se muitas vezes a ações descartadas de rigor histórico (longe daquilo que a *Living History* defende), registando-se igualmente uma escassez de produção teórica¹⁷⁸. A partir de 2009 surgiram mais projetos com ações do género, algumas evidenciando bastante qualidade e rigor. No entanto, não se verifica ainda uma grande evolução e inovação, como a implementação do conceito de museu ao ar livre, que não teve adesão em Portugal. De qualquer forma, não podemos negar a existência de alguns projetos que utilizam outros espaços que não Palácios para as iniciativas de *Living History* em Portugal, inclusive espaços exteriores, como o caso da Easy Dream, que analisamos anteriormente, ou o Museu do Teatro Romano, de Lisboa.

¹⁷⁸ Em 1993, Ana Duarte define diretrizes teóricas para as práticas de dinamização museológica onde inclui uma série de metodologias que recorrem à dramatização a que nós, também por influência do desenvolvimento fora de Portugal, chamamos História Viva (*Vide* COELHO, Raquel da Assunção Bernardo Alves, *op. cit.*, p. 108). Desde então, do que tivemos conhecimento, só em 2009 Raquel Alves Coelho volta a pegar no tema e a sistematizá-lo como nunca antes feito. Até atualmente não surgiram mais publicações ou teorizações / sistematizações do conceito de História Viva, a principal razão pela qual decidimos dar seguimento a este trabalho da forma como se desenvolve.

Estas iniciativas acabam por estar diretamente relacionadas com os termos “Museum Theater” e “Open Air Museum”, apesar de não existir qualquer denominação do género, com bases específicas e fundamentais, em Portugal.

No nosso ponto de vista, afirmamos convictamente que estas questões se devem à falta de uma teorização específica do conceito (e da sistematização dos seus princípios) que defendemos neste trabalho como História Viva, uma evolução do conceito original “História ao Vivo” – que até aos dias que correm continua a evoluir, mas sem especificidade dos tipos de projetos que vão surgindo. Antes de mais, é importante frisar que o conceito deve estar diretamente ligado à museologia.

Desta forma, passamos a explicar o conceito de História Viva:

A História Viva, uma evolução da tradução original do termo “*Living History*” (“História ao Vivo”), consiste no recurso a formas lúdicas com fim didático, à dramatização e recriação de antigas personalidades e momentos históricos de determinadas épocas, de forma a representar o quotidiano dos nossos antepassados, proporcionando imagens vivas que perduram na memória de quem as vive, tornando as visitas mais dinâmicas e mais completas, tanto para público infantil, estudantil ou público em geral. Promove a divulgação, interpretação e aprendizagem da História e das artes na sua relação com o quotidiano numa determinada época, num dado contexto, com recurso ao jogo teatral, recuperando e reconstruindo uma realidade passada, a partir de fragmentos que nos chegaram, como textos, imagens, objetos, monumentos, imprimindo-lhes vida. Contudo, trata-se de um método em que se representam ou recriam personagens de tempos passados, transmitindo conteúdos históricos com base num rigoroso processo de investigação, ou seja, independentemente do tipo de ação de História Viva que se pretende apresentar ou praticar, existe uma série de metas a cumprir. Na lista de regras fundamentais na criação de projetos de História Viva, baseamo-nos na proposta de Raquel Alves Coelho¹⁷⁹:

- 1) Investigação rigorosa e persistente que recolha informação, não só da época a retratar, mas também das tradições locais. Esta pesquisa pode assentar em textos e documentos fidedignos; em pinturas e gravuras da época a recriar; em tradições que se transmitem oralmente (com as devidas salvaguardas);

¹⁷⁹ Vide COELHO, Raquel da Assunção Bernardo Alves, *op. cit.*, pp. 111 a 113.

- 2) Confeção de réplicas do vestuário, dos objetos, dos artefactos e estudo do modo como eram utilizados na época, partindo de uma rigorosa investigação através de textos e de imagens;
- 3) Contratação de atores/animadores com formação adequada ou fomentar ações de formação respeitante à época a recriar com o fim de instruir animadores, atores ou voluntários que se proponham integrar a animação. Esta formação deve incidir em diversos aspetos: história da época (facultar documentação), costumes e tradições; literatura; linguagem dos vários setores sociais; vestuário; gestos e comportamentos, etiqueta ou falta dela (conforme os estratos sociais a representar); visualização de pinturas e gravuras da época; visualização de filmes e documentários sobre a época desde que baseados em estudos cientificamente rigorosos;
- 4) A localização da animação é fundamental: deve estar perfeitamente enquadrada no legado patrimonial e não se sobrepor a ele. Por vezes observam-se ações em que se notava uma boa preparação dos animadores/atores no desempenho dos seus papéis, mas o enquadramento não era adequado: em alguns casos, a animação situava-se fora do legado patrimonial, estando este preenchido com um palco para concertos que encobria a sua riqueza histórica e a animação histórica desenvolvia-se inserida num contexto atual de prédios e galerias comerciais. Em outros casos a animação histórica estava inserida no conjunto arquitetónico da época recriada, mas as bancas de vendas eram de tal forma numerosas que o encobriam. É preciso não esquecer que a animação não é o objetivo primordial destas ações, ela existe para ilustrar, evidenciar e decodificar o que o património encerra, e este deve estar visível e em destaque;
- 5) As entidades organizadoras têm de analisar, um a um, todos os elementos que irão compor a ação: vestuário; quadros de animação (temas e personagens a recriar); tendas de vendas e produtos expostos; tudo o que estiver em desacordo com a realidade da época deverá ser disfarçado (como sinais de trânsito, casas de banho, caixotes do lixo, etc.), o mais possível, para não desvirtuar o ambiente histórico que se reconstrói;

- 6) Todo o trabalho deve ser planificado num documento onde se inclua a investigação realizada para a preparação do projeto e todas as atividades a decorrer, incluído a planificação dos vários passos a dar referida nos pontos anteriores, para que nada fique esquecido;
- 7) Regista-se, nas recriações históricas que observámos, a falta de um roteiro ou programa para orientação do público. Na maioria dos casos o público vagueia pelo espaço sem saber a que pode assistir nos vários horários e dias em que decorre o evento. Sugerimos a distribuição de desdobráveis onde venham mencionados horários e ações a que se pode assistir, ou, a distribuição pelo espaço de placas com o programa previsto;
- 8) Da mesma maneira consideramos essencial a distribuição de desdobráveis que contenham um texto para o enquadramento histórico da ação: breve contextualização histórica; factos mais relevantes a realçar como a referência a aspetos ou factos históricos, artísticos ou tradições que se relacionem com o local e a época; a descrição de alguns personagens ou personalidades em foco. Este material ajudaria por um lado a elucidar o visitante sobre a exposição, por outro subtrairia um pouco do carácter efémero inerente a estes eventos.

Estas são as regras base, que devem ser respeitadas científica e rigorosamente em qualquer ação, iniciativa ou projeto que pretenda recorrer à História Viva. Após compreendermos estas diretrizes, consideramos que existem vários tipos de projetos de História Viva, normalmente relacionados entre si, mas com especificidades únicas que devem ser distinguidas para um melhor entendimento do conceito em questão e das suas possíveis práticas:

- a) **Recriação Histórica:** consideramos uma “Recriação Histórica” um projeto em que se recorre a um número igual ou superior a cinco animadores/atores que interpretam personagens de uma determinada época, recriando um ambiente e quotidiano específico, interagindo diretamente com o público, na primeira pessoa. Note-se que qualquer visita com o recurso à História Viva, se trata de uma Recriação Histórica, no entanto, dentro dos vários tipos de projetos que existem, consideramos uma Recriação Histórica algo de maiores dimensões.

- b) **Visita Encenada:** uma Visita Encenada é uma visita guiada conduzida por atores/animadores (de um a três) que, conduzindo a visita de forma intercalada ou não, contam a história de determinado local e época na primeira pessoa, interpretando personagens da respetiva época e interagindo de forma direta com o público.
- c) **Quadros Vivos:** tendo em conta a evolução dos projetos de História Viva, consideramos que existem duas denominações para este termo. A primeira diz respeito à sua denominação original, tratando-se de pequenas dramatizações históricas que surgem durante uma visita, cujas personagens históricas não interagem com o público, permanecendo simplesmente a realizar as tarefas do quotidiano da época a representar. A segunda denominação diz respeito a figuras representadas em pinturas, esculturas, desenhos, entre outros, que ganham vida e, direta ou indiretamente, com ou sem interação com o público, demonstram as suas funções, afazeres, passando a informação da época do seu ponto de vista.
- d) **Saraus poéticos e musicais:** esta alínea diz respeito efetivamente a Saraus Poéticos e Musicais de uma determinada época histórica a retratar. Podem surgir como quadro vivo numa recreação histórica ou numa visita encenada, ou podem ser um evento único e específico, bastante completo.
- e) **Maletas e Baús pedagógicos:** São Maletas ou Baús contendo objetos da época em estudo, que servem para manipular, experimentar, cheirar, olhar, vestir, individualmente ou em grupo, que são depois comentados e registados. Estas ações pretendem motivar crianças ou adultos para futuras visitas relacionadas com uma determinada época.
- f) **História Viva na Escola:** Personagens e/ou projetos de História Viva que se deslocam às escolas no intuito de complementar as aprendizagens do programa escolar com a componente lúdica.
- g) **História Viva no Museu:** Qualquer recurso a um tipo de ação de História Viva adaptados ao espaço museológico e à visita ao mesmo.
- h) **História Viva ao ar livre:** Qualquer recurso a um tipo de ação de História Viva que tenha lugar no exterior, numas ruínas históricas, por exemplo.

- i) História Viva nas Bibliotecas: Qualquer recurso a um tipo de ação de História Viva que tenha lugar numa biblioteca.
- j) Peças de teatro em espaços históricos contextualizados: Este será o tipo de projeto que consideramos um ramo da História Viva. Tratam-se, precisamente, de peças de teatro históricas ou relacionadas diretamente com História e que tem lugar em palácios, naus, museus e/ou outros monumentos históricos que se relacionem diretamente com a peça e a história que esta conta. Serve de exemplo para esta categoria a peça que referimos anteriormente, “Cândido e o Otimismo”, de Voltaire, realizada no Palácio Marquês de Pombal, e também a peça “As Naus de Verde Pinho”¹⁸⁰, que tem lugar no Museu Nacional de Arqueologia, Mosteiro dos Jerónimos. Dedicada sobretudo ao 2.º Ciclo, é uma peça de teatro que conta a alucinante viagem de Bartolomeu Dias pela Costa Africana, baseada no texto original de Manuel Alegre. Este é um livro de Leitura Obrigatória nas Metas Curriculares de Português e assim, o Foco Lunar¹⁸¹ convida-nos a descobrir a Viagem de Bartolomeu Dias, através da junção da componente lúdica e didática, algo que a História Viva defende.¹⁸²

Note-se que os projetos de História Viva poderão recorrer a vários tipos de ações. Uma recriação histórica poderá recorrer também a um sarau musical e integrá-lo na visita, mas existem especificidades que os distinguem uns dos outros. Acreditamos que desta forma será mais fácil compreender a História Viva, não havendo tanto risco de criar projetos confusos, sem nexos ou pouco rigorosos e sendo mais seguro criar novos projetos, devidamente pensados e estruturados.

¹⁸⁰ Esta peça faz parte da produção do Foco Lunar. Encenação e Criação: Vasco Letria; Direção Musical: Gabriel Gomes; Movimento: Paula Careto – *Vide Anexo documental, Documento 27.*

¹⁸¹ O Foco Lunar é uma empresa de produção de espetáculos que põe em prática um conceito novo e abrangente, envolvendo a componente lúdica e os aspetos formativo e informativo sobre a construção do espetáculo cénico, tendo em vista o público mais jovem, mas também educadores e pais. O Foco Lunar cobre as áreas do teatro, da música e das oficinas para crianças que envolvem esses e outros setores do espetáculo e das suas linguagens. A equipa do Foco Lunar é constituída por pessoas com larga e reconhecida experiência nessas áreas e também com trabalho já realizado no domínio da formação. O projeto de arranque do Foco Lunar é a oficina de teatro “PEÇA POR PEÇA”, que valoriza de forma lúdica, participativa e original a construção de um espetáculo, designadamente através do papel da iluminação, da sonoplastia e também das técnicas de representação, com base num texto a ser trabalhado pelas crianças que participam e intervêm. In <https://www.focolunar.com/sobre-nos/>

¹⁸² Esta informação foi obtida através da visualização da peça, de uma entrevista com os atores e produtores e também da consulta dos sites do Foco Lunar: <https://www.focolunar.com/as-naus-de-verde-pinho/> e <https://www.facebook.com/focolunar>

Será ainda importante frisar que atualmente, no respeitante ao trabalho em museus e monumentos, observamos que na esmagadora maioria, este tipo de estratégias é ainda muito pouco explorado. A presença de animadores em lugares históricos não se deverá cingir ao uso de trajes da época a recriar. Estes profissionais deverão estar preparados para interpretar a época através do estudo de textos de modo a transmitirem informação relevante aos grupos que assistem à animação. Através da interpretação de uma criada, por exemplo, que exponha as dificuldades de realização de tarefas banais como lavar a roupa ou engomar a camisa de um rei; um criado que nos descreva a azafama no processo de iluminação de um palácio com velas; um homem do campo que exprima as adversidades do seu dia-a-dia para que depois as famílias mais abastadas desperdiçarem os alimentos que cultivava e que nunca chegarão à sua mesa; ou a lavadeira, que lava a roupa de uma família burguesa ajoelhada nas pedras da ribeira sob o pleno sol de Agosto.

Estas e muitas outras personagens podem transmitir uma série de informações riquíssimas partido da sua realidade social até chegar às classes de poder das quais dependem. Basta um ator/animador bem documentado e formado para animar e dar vida a uma exposição de museu ou monumento, tornando a visita muito mais atrativa através de um modo de comunicação permeável e acessível aos mais diversos públicos. É claro que o profissional que realize este tipo de trabalho não se pode cingir à informação que planeou transmitir, porque, como já foi dito, estes animadores têm de ter uma formação de base que lhes permita improvisar e corresponder às necessidades dos públicos que com ele vão dialogando e colocando questões. Neste trabalho é suposto motivar-se a interação do público com o animador, o que o obriga a um conhecimento largo sobre a matéria a interpretar.

Em vários anos de existência da História Viva (em Portugal e fora) e através da experiência de vários profissionais e mesmo do próprio público, estamos convictos de que o recurso à dramatização para a interpretação de temas históricos é mais eficaz quando se faz uso da primeira pessoa, embora seja a interpretação na terceira pessoa a mais usual. Quer isto dizer que a descrição por parte de um guia perante uma série de “quadros vivos” em que alguns atores representam cenas de uma determinada época é um método usual e que funciona como meio de ilustração de um determinado discurso, estimulando também a memória visual do público; contudo, se o grupo em visita orientada a um sítio histórico for surpreendido por um ou vários personagens que se dirigem diretamente ao grupo de visitantes, interpelando-os, expondo-lhes os seus temores, sensações, preocupações, preferências, o grupo cria laços e assume um

compromisso de cumplicidade com o personagem que, ao estimular emoções, desencadeia uma predisposição quase que automática para a aprendizagem, sem que o público se lembre desse pormenor.

Este tipo de ações adequa-se e é extremamente importante em qualquer local histórico que faça parte do património cultural. Para Stacy Roth, tal como para outros autores e profissionais da área, este método é uma disciplina indispensável nas práticas da museologia, sendo o meio mais eficaz, flexível e abrangente na comunicação com os diversos públicos: *«Role play is a vital and important educational method. It is flexible. Its content and presentation can be varied according to audience, individual, and group interests. Because it personalizes history, it creates a greater sense of empathy and emotion than lectures, guided tours, and third-person description. It tweaks the imagination and fosters a sense of play in both interpreters and their visitors. First-person complements modern trends in education that encourage multisensory learning methods, creative problem solving, familiarity with daily life and important events in the past, the understanding of differing perspectives, and the application of the past to future. It augments traditional academic skills with concrete participatory experiences that galvanize concepts and foster retention. Its scalability adapts well to the leisure learning needs of senior citizens and families, two of the most sizable museum-going populations. Famous personalities, re-created events, and specialized demonstrations provide visitor draw for heritage tourism, supplying colour and activity that reinforce the historical identity of destinations.»*¹⁸³

A História Viva poderá incluir as mais diversas técnicas em que se recorre à dramatização para dar vida à História, ao Património material e imaterial incluindo tradições, literatura, artes plásticas, as ciências – a memória coletiva nas suas mais diversas vertentes. “Educar e Divertir” é o ponto essencial onde devem assentar as estratégias da museologia, sendo o que torna o museu um lugar aprazível de utilidade, lazer e aprendizagem. É precisamente este binómio que leva os públicos a regressarem e a renovarem-se. O museu estático, ou com uma programação educativa pouco inovadora, fica visto em uma ou duas vezes que se visite, para a maioria das pessoas.

Isto, não sendo novidade, não foi ainda assimilado na generalidade dos museus e monumentos portugueses. Vamos observando que existe uma série de ofertas por parte dos Serviços Educativos destas entidades, mas muitas delas não trazem nada de novo,

¹⁸³ Cf. ROTH, Stacy F., *op. cit.*, pp. 3 e 4.

repetem-se de ano para ano, e parecem, por vezes, pouco adequadas ou ficam muito aquém do que as exposições e os espaços têm para oferecer. Esta é mais uma das razões que nos levou a considerar absolutamente indispensável teorizar e sistematizar o conceito atualizado de História Viva.

É importante que o público, para além de se divertir, deixe o local onde assistiu à apresentação dramática com a feliz sensação de ter valido a pena, de ter aprendido. A dramatização é uma estratégia que pode servir na totalidade estes programas, mas pretende-se variada e consistente. É preferível acionar vários programas de História Viva que abordem conteúdos diversos recorrendo a um ou dois atores/animadores do que manter um mesmo programa que envolva muitos recursos humanos, mas cuja informação não varie – conforme pudemos também verificar em alguns casos, ao longo dos capítulos antecedentes.

Na sua Dissertação de mestrado, Raquel Alves Coelho afirma ter compreendido, através de um trabalho que realizou, o abismo que existe na compreensão da obra de Luís Camões, *Os Lusíadas*, incluída no programa curricular do 9º ano.¹⁸⁴ Os alunos consideravam (e consideram) o poema épico enfadonho, de um modo geral não o compreendem e tratam de decorar as figuras de retórica e outros tópicos teóricos que lhes são ditados durante as aulas. No final do ano, findo o último teste, esquecem o que aprenderam, ou simplesmente decoraram.

Explica, desta forma, que se este apaixonante personagem histórico lhes revelasse os seus anseios, as suas paixões, as suas preocupações, tão atuais, relativas às políticas praticadas pelos seus contemporâneos, com base na obra em estudo, os jovens passariam à leitura do texto com outro entusiasmo e vontade de o compreenderem. Sobretudo se, para tal, se fornecessem pistas de descodificação, através da interpretação na primeira pessoa, que os levasse a compreender que o autor do poema épico fora um jovem que, como eles, sofrera as agruras próprias dos temperamentos rebeldes. Explica que abordou esta temática conforme acabámos de descrever sucintamente e os laços de afeto provocaram várias reações nos jovens que nele participaram, como o desejo de comprar a obra integral e de a lerem, depois de criada uma proximidade emocional com o poeta.

Existe uma série de medidas a tomar no que concerne a inexistência de estratégias eficazes para a aquisição de hábitos de leitura – a História Viva pode ser um meio de revitalizar algumas dessas bibliotecas. No seguimento do projeto supracitado,

¹⁸⁴ Vide COELHO, Raquel da Assunção Bernardo Alves, *op. cit.*, pp. 116 e 117.

consideramos importante dar a conhecer um projeto que se realiza em bibliotecas e que, apesar de não estar teorizado como uma ação de História Viva, acaba por sê-lo.

Referimo-nos aos “Encontros Imaginários”, um projeto à responsabilidade e organização da Associação Amadora Passado Presente e Futuro (AAPPF) e do Teatro Passagem de Nível, em parceria com o grupo de teatro *A Barraca* e com o apoio da biblioteca Municipal Fernando Piteira Santos, da Câmara Municipal da Amadora. A origem primordial do projeto remonta ao início dos anos 80 quando Joaquim Letria, mais tarde Carlos Cruz, convidaram Hélder Mateus da Costa¹⁸⁵ para participar nos seus programas televisivos com textos sobre figuras históricas. Estes convites desenvolveram a antiga convicção de ser possível uma ação pedagógica, culta e popular com temáticas universais. Em fevereiro de 2011, Hélder Costa criou no espaço teatral *A Barraca* um evento novo, mas que não transportava o peso duma peça teatral. Um evento que se baseava no texto, sem artifícios cenográficos, nem jogos de encenação. Uma espécie para-teatral, uma tertúlia com personagens à roda de uma mesa tentando provocar a atenção de um público curioso e interessado. Segundo consta, a experiência funcionou muito bem, uma vez que despertou o interesse geral da urbe e do país (e não só do “público habitual”). Por isso vários grupos e figuras isoladas decidiram reproduzir esses Encontros nos seus clubes e associações.¹⁸⁶

¹⁸⁵ Hélder Mateus da Costa é natural de Grândola é um encenador, ator e dramaturgo português, autor de peças teatrais. Estudante de Direito na Faculdade de Direito de Lisboa e na Faculdade de Direito de Coimbra, integrou o CITAC, em Coimbra, e presidiu ao Cénico de Direito, em Lisboa — sendo desse período as duas menções honrosas que este grupo de teatro obteve no Festival Mundial de Teatro Universitário de Nancy, em 1966 e em 1967. Exilado em Paris, frequentou o Institut d'Études Théâtrales da Universidade de Sorbonne e foi fundador do Teatro Operário de Paris (1970). José Afonso escreveu a primeira versão do poema “Grândola Vila Morena” após ter sido convidado por Hélder Mateus da Costa a participar nos festejos do 52º Aniversário da coletividade Sociedade Musical Fraternidade Operária Grandolense (SMFOG) em 17 maio de 1964 e ter ficado impressionado com o ambiente fraterno e solidário desta Sociedade alentejana. À meia noite e vinte minutos e dezoito segundos do dia 25 de Abril de 1974 esta canção viria a ser a segunda senha do Movimentos dos Capitães. Após o 25 de Abril de 1974, regressou a Portugal e foi um dos membros fundadores do grupo *A Barraca*, onde é encenador e diretor artístico. A companhia obteve o prémio UNESCO, em 1992, dirigiu vários espetáculos em Espanha, Brasil, Dinamarca e Moçambique. Dirigiu ações pedagógicas e participou em congressos e festivais em França, Alemanha, Suíça, Argentina, Cabo Verde, México, Colômbia, Venezuela, EUA, URSS, Chile e Itália. Esta informação foi retirada das bibliografias abaixo citadas, da internet e do conhecimento do próprio autor.

¹⁸⁶ Vide COSTA, Hélder, *Conversas com gente famosa*, 1ª Edição, Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Printio-Artes Gráficas Lda., Lisboa, 2002; COSTA, Hélder Mateus da, *Encontros Imaginários: Participação da Sociedade Civil 2012-2015*, 1ª Edição, A Barraca, Taligraf, Artes Gráficas, Lda, Lisboa, Dezembro 2015.; COSTA, Hélder Mateus da, *Encontros Imaginários: Participação da Sociedade Civil 2016*, 1ª Edição, A Barraca, Taligraf, Artes Gráficas, Lda, Lisboa, Dezembro 2016.; COSTA, Hélder Mateus da, *Encontros Imaginários: Participação da Sociedade Civil 2017*, 1ª Edição, A Barraca, Taligraf, Artes Gráficas, Lda, Lisboa, Dezembro 2017.; COSTA, Hélder Mateus da, *Encontros Imaginários: Participação da Sociedade Civil 2018*, 1ª Edição, A Barraca, Taligraf, Artes Gráficas, Lda, Lisboa, Dezembro 2018.

Em 2013 decidiu fazer-se uma nova experiência, convidar figuras públicas para a interpretação dos personagens. O desafio foi aceite tendo o primeiro Encontro Imaginário a participação da Sociedade Civil contado com a participação de Iva Delgado, Miguel Real e Otelio Saraiva de Carvalho nos papéis de Soror Mariana, António de Oliveira Salazar e Humberto Delgado, respetivamente. O êxito, pelo insólito e “impossível”, foi de tal ordem que teve uma enchente absolutamente inesperada. Nesse momento compreendeu-se que algo realmente novo podia estar em gestação. Seria possível pensar na participação da sociedade civil nestes eventos.¹⁸⁷

Jacinto Furtado, parte integrante do projeto desde 2012, considera que desde sempre que se sabe que faz parte do nosso enriquecimento social e cultural conhecer o passado do nosso mundo e também o dos “outros”. Este olhar para os dois, ou mais, lados é importante porque a história da humanidade fez-se com massacres, escravatura, roubos, manipulações místicas e bruxarias. Um mundo acarinhado pela ignorância, o medo, a crueldade, a cobardia, a codícia e a impunidade. Também pelas respostas corajosas e inteligentes que faziam o homem sair do primitivismo assustado com ventos e marés, da crença numa figura superior e divina que o apoiaria na adversidade e no seu natural representante terreno, o rei, o militar, o rico oligarca, o bispo, o esbirro e torturador e um lumpen sempre servil ao serviço das “coisas más” que poderiam ser feitas pelo seu senhor. Foi assim através dos séculos. Basta um olhar atento sobre a história da humanidade.

Os Encontros Imaginários tentam ajudar esse “olhar atento” e tornaram-se um hábito saudável para as muitas centenas de espectadores que descobrem vários segredos e mistérios da história universal num ambiente leve, descomprometido, mas rigoroso, sério, mas humorístico. Gargalhadas e sempre um sorriso amável. No que toca aos textos, o autor realiza uma exaustiva pesquisa e um aprofundado estudo sobre a vida e obra dos personagens que vai retratar tendo sempre em consideração a necessidade de juntar personalidades marcantes da história mas também personalidades que, independentemente da época em que viveram, tenham tido ideias que são entre si contraditórias, de forma a obter o necessário e enriquecedor confronto de ideias. A partir desses textos, é fornecido um guião a cada um dos atores escolhidos para representarem as personagens. Estes devem não só estudar o texto, para compreendê-lo, como deverão

¹⁸⁷ *Vide idem.*

igualmente fazer um estudo sobre a personagem e a época em que vivera, para que a experiência se torne o mais autêntica possível.¹⁸⁸

Jacinto Furtado afirma que *«Adquirida a noção que a cultura é mais que erudição, porque engloba, além da produção artística, filosófica, científica, tudo o que define a vida de um povo, na sua criatividade, no seu trabalho, na sua alegria, na sua dor, verifica-se que esses agentes culturais têm dificuldade em chegar a esse “povo” que dizem querer cultivar e “elear”. O problema parece-me simples e enquadra-se classicamente na eterna confusão entre o ser popular e não populista, e ser culto e não elitista. É evidente que quando se pensa que a cultura deve ser solene, cerimoniosa, nunca lúdica nem objeto de prazer e divertimento, se está a laborar num erro crasso.»*.¹⁸⁹

No caso específico dos Encontros Imaginários, através de entrevistas, o objetivo foi que personalidades históricas chegassem aos dias que correm, permitindo paralelismos críticos e comparações entre as ideologias e mentalidades do passado relativamente ao presente. A escrita é lúdica e acessível à compreensão de todo o tipo de público, de forma a tornar esta aprendizagem o mais aliciante possível. De forma resumida, este projeto tem o grande objetivo de combater o afastamento e guetização do nosso mundo cultural, social e político, segundo afirma Jacinto Furtado.¹⁹⁰

Este projeto considera que é cada vez mais importante fazer chegar o conhecimento e a cultura a um público cada vez mais alargado numa sociedade que a cada dia se torna mais apática, desinteressada e não participativa. Os Encontros Imaginários contribuem para que, de forma simples, lúdica e divertida, possamos conhecer o passado para melhor entender o presente e preparar o futuro.

Conforme o próprio autor os apresenta, os Encontros Imaginários são: o confronto de ideias através de personagens marcantes da história da humanidade; o percurso irregular do conhecimento e da cultura, na política, na arte, na economia, nas religiões e na ciência; uma demonstração de que a aprendizagem pode ser lúdica, agradável e de dimensão popular. Ser culto sem ser elitista e popular sem ser populista.

No teatro *A Barraca* já foram realizadas aproximadamente 300 sessões dos Encontros Imaginários com textos escritos em exclusivo, envolvendo perto de meio

¹⁸⁸ Sabemo-lo também por experiência própria, uma vez que fizemos parte dos Encontros Imaginários de 9 de março de 2015, que contava com a presença de Cleópatra, Santo Inácio de Loyola, Marquês de Pombal e Jacinto Furtado, que representa sempre a pessoa do presente (ele próprio, no caso).

¹⁸⁹ Citação adquirida através da entrevista a que Jacinto Furtado atenciosamente se dispôs a ceder.

¹⁹⁰ Vide Anexo documental, Documento 29, onde se encontram vários testemunhos e opiniões relativas a este projeto.

milhar de figuras históricas. Esta iniciativa já se alargou a outras localidades, desde logo com destaque para a Amadora onde há 6 anos a Associação Amadora Passado Presente e Futuro tem mantido mensalmente sessões dos Encontros Imaginários, mas também a outros locais como Guimarães, Braga, Porto, Coimbra, Vila Franca de Xira, Albufeira, Madrid, Barcelona entre muitos outros.

Este é um exemplo que, tal como os projetos da COOLture Tours, acaba por ser um projeto de História Viva e, na opinião de Jacinto Furtado, devia ser considerado como tal e talvez até adaptado, com os respetivos apoios, para que o rigor histórico possa ser cada vez maior, respeitando na íntegra o conceito de História Viva. No caso, este projeto está mais relacionado com a política e mentalidade das mais diversas personalidades históricas ao longo dos vários séculos. Contudo, o objetivo é que, de forma lúdica, se passem as informações e conhecimentos corretos, sobre os temas que se discutem e sobre as personagens que são representadas, para que se possam conhecer as mentalidades e as vivências das várias épocas passadas, em constante comparação com o presente. É importante a existência de projetos como estes, bem como a sua divulgação e inovação, de forma a informar sobre factos históricos de determinadas personalidades e épocas, aludindo igualmente à importância dos espaços culturais, como as bibliotecas. O mesmo acontece com a animação histórica de espaços exteriores.

Continuamos a considerar que em Portugal seria muito interessante animar espaços abertos como jardins históricos, praças, largos, ruas ou até aldeias utilizando a História Viva como meio de dignificação do património – como acontece no projeto da Easy Dream, do qual falámos anteriormente. Sabemos do interesse do Sr. Presidente da Câmara Municipal de Oeiras, Dr. Isaltino Moraes, em fazer uma parceria com a Academia Equestre João Cardiga para criar ações de animação histórica nos jardins do Palácio Marquês de Pombal, com o recurso aos cavalos e passeios equestres pelos jardins, tal como acontecia na época. Esta é uma ideia que bem estruturada e criada segundo o conceito de História Viva poderá ser extremamente interessante não só em termos lúdicos como de compreensão do quotidiano das personalidades da época nos jardins e as diversas atividades que neles decorriam.

A História Viva é uma interpretação do passado. É o nosso olhar e pensamento de pessoas deste século XXI sobre uma outra época que pretendemos representar de uma forma o mais real possível de acordo com métodos científicos. Mas é sempre uma recriação. Nesse ato de recriar está a vivência do ator, que tem de ter, acima de tudo,

formação aprofundada sobre o tempo da História a viver, que permita que o público sinta que fez uma viagem no tempo e viva realmente a História.

Reforçamos uma última vez que esta atividade requer que se criem cursos de formação para atores/animadores e para dinamizadores de projetos de História Viva. Quem está à frente de entidades museológicas, municípios e outras que se proponham organizar projetos com recurso a esta técnica, como vimos, tem de possuir as ferramentas necessárias para não deixar que se organizem feiras ou outros eventos que desvirtuem a história e o património. Consideramos ser também necessário criar ações de formação destinadas aos responsáveis por Serviços Educativos, Pedagógicos ou de Animação dos museus e monumentos para que se conheçam e discutam os recursos ao seu alcance e o meio de os pôr a funcionar sem grandes necessidades em termos de recursos humanos e materiais.

Para além da formação de pessoal especializado para a realização de projetos de História Viva, é indispensável incentivar a investigação e edição de livros destinados à recriação histórica sobre temas do quotidiano, da vida comum, das tradições dos nossos antepassados nas várias épocas e regiões do país, como se fez pelas comemorações dos descobrimentos portugueses (sobre a vida a bordo das naus, por exemplo). Partindo destes textos feitos por especialistas nas mais diversas matérias, muitas delas ainda por estudar, dar-se-ia vida não só ao passado que se investiga e reanima, como ao presente, pela diversão e conhecimento das nossas heranças, saber e educação patrimonial para um futuro culturalmente mais sólido, pelo conhecimento e valorização de nós mesmos.

Como aludimos já por várias vezes, há muita falta de material editado sobre recriação histórica, História Viva ou dramatização de cenas históricas, sobretudo em Portugal. O que se editou nos anos 80 e 90 do século XX tem grande qualidade, mas houve uma evolução – especialmente o nascimento de uma indústria – criaram-se novos mercados, novos públicos, desenvolveu-se o turismo cultural e as exigências são cada vez maiores. As pessoas responsáveis pela educação e comunicação com os públicos dos museus, na maioria dos casos, já não são as mesmas, em outros mantiveram programas com recurso à dramatização sem grande inovação, outros inclusive regrediram.

Também como solução para todas estas questões, pensamos, e propomos, a criação de uma associação da qual fizessem parte profissionais da área da História Viva – a Associação Portuguesa de História Viva¹⁹¹. Esta seria criada com o intuito de reunir

¹⁹¹ Esta Associação teria de ser gerida por profissionais da área, para garantir o sucesso dos projetos no que diz respeito, sobretudo, ao rigor científico na criação e prática dos mesmos.

vários profissionais da área, criando ações de formação sobre o conceito, disponíveis e abertas a todas as empresas ou instituições museológicas (e realizadas com frequência, fruindo de uma divulgação competente) interessadas em criar qualquer tipo de projeto segundo o conceito de História Viva, apoiando a proliferação e divulgação do seu conceito e respetivos projetos, certificando-se do rigor com que estes seriam praticados. Para isso seria importante contar com o apoio de Paula Bárcia, Raquel Alves Coelho, Felisa Pérez, Edite Alberto, entre outros profissionais relacionados diretamente com a área e com experiência na mesma (historiadores, professores, atores, animadores, etc.). Consideramos que seria igualmente importante existir, de alguma forma, contacto entre a APOM e a APHV, sem que esta deixasse de ser independente.

Igualmente importante será abrir seminários ou cadeiras de História Viva no Ensino Superior, passando a existir idealmente já algumas referências à técnica nos manuais de História e História da Arte dos segundos e terceiros ciclos e no Ensino Secundário. Este é um dos objetivos práticos a serem desenvolvidos durante o ano de 2020, para que seja possível acontecer o mais brevemente possível.

Atualmente são bastantes os projetos que se realizam, no entanto, uma grande parte deles vai-se realizando sem bases teóricas, sem discussão, sem criatividade. Por vezes, parece continuar esquecido que a História Viva não se resume a vestir réplicas de trajes de outros tempos e andar pelos Palácios ou espaços museológicos. A História Viva é um conceito que dá origem a projetos de animação histórica, frutos de um rigoroso trabalho científico de investigação em que se pretende valorizar e ensinar o património, respeitando tanto quanto possível as pessoas e épocas históricas a representar.

6. O Palácio Marquês de Pombal: breve história das iniciativas de História Viva que lá se realizam

«(...) o Palácio Marquês de Pombal e os jardins envolventes, têm sido procurados por inúmeros visitantes e palco de numerosos eventos. As várias atividades propostas pelo serviço educativo do palácio, têm enriquecido o dia-a-dia deste monumento e têm proporcionado um maior conhecimento do edifício, da família Carvalho e da sua história.»¹⁹²

Como temos vindo a verificar, a prática de projetos relacionados com teatro nas visitas guiadas pode ser muitíssimo interessante e vantajosa, não só para o público e turistas, como para as próprias instituições e equipas. Com a investigação que se tem vindo a concretizar, podemos facilmente concluir que, com o sucesso dos projetos já existentes, a procura pelos mesmos e a importância da História Viva para a educação e conhecimento cultural, se justifica aplicar iniciativas do género em mais locais históricos e mais frequentemente. Desta forma, pensou-se no Palácio Marquês de Pombal, adquirido pela Câmara Municipal de Oeiras em 2003, juntamente com os seus jardins, tendo em conta não só o elevado valor patrimonial e histórico do conjunto mas também o facto de, como veremos adiante, promover desde há alguns anos, iniciativas com História Viva, sendo um caso bastante interessante por diferir dos que até agora analisamos, algo que entenderemos de seguida.

Desde a abertura ao público, o Palácio Marquês de Pombal e os jardins envolventes, têm sido procurados por inúmeros visitantes e palco de numerosos eventos. As várias atividades propostas pelo Serviço Educativo do palácio, têm enriquecido o dia-a-dia deste monumento e têm proporcionado um maior conhecimento do edifício, da família Carvalho e da sua história. Visitar o Palácio Marquês de Pombal, é ter a oportunidade de contemplar um dos melhores conjuntos decorativos do período pombalino, rico em estuques e azulejos. Nos jardins, destacam-se as várias peças de

¹⁹² Cf. http://www.cm-oeiras.pt/pt/descobrir/Paginas/palacio_marques_de_pombal.aspx.

estatuária, os bustos de mármore, bem como os vários muretes e escadarias revestidas de azulejos.¹⁹³

A Adega do Palácio do Marquês de Pombal, disponível para visitas ao público desde junho de 2018, foi construída no século XVIII, está classificada pelo IGESPAR como Monumento Nacional, no âmbito do Plano de Salvaguarda do Património Construído e Ambiental do Concelho de Oeiras. Os trabalhos de requalificação da Adega promovidos pelo Município de Oeiras tiveram como objetivo acautelar a preservação deste importante acervo histórico, devolvido agora ao seu uso original, tirando partido das suas características naturais, excelentes para o envelhecimento do vinho de Carcavelos.¹⁹⁴

Apesar de ser um Palácio de excelência e procurado internacionalmente, não deixa de ficar um pouco na sombra do local em que se encontra, necessitando, de certa forma, de “vida”. A Dra. Elisabete Brigadeiro, chefe da Divisão da Cultura da Câmara Municipal de Oeiras, considera ser de todo o interesse que se concretizem mais projetos desta envergadura no Palácio Marquês de Pombal, uma vez que só o enriquecerá. Sabe-se também do interesse do Sr. Presidente do mesmo Município, o Dr. Isaltino Morais, em ter no Palácio, iniciativas relacionadas com teatro.

Como podemos verificar no ponto anterior, o Palácio Marquês de Pombal alberga várias iniciativas de História Viva. Graças à disponibilidade das Dras. Ana Catarina Miranda e Susana Gonçalves Pereira, que nos receberam no Palácio Marquês de Pombal para uma entrevista e que nos apoiaram igualmente com documentação, conseguimos fazer um apanhado da história da História Viva neste património imóvel.

Na opinião da Dra. Susana, estas ações tiveram início em 2003, de forma intermitente e ainda quando o palácio estava ocupado pelo Instituto Nacional Administração (INA), e a câmara tinha os jardins. Eugénio Roque tinha na altura uma companhia de teatro e fazia já em 2002 algumas iniciativas do género mas com algumas componentes em falta, em termos históricos. Então em 2003 a Câmara Municipal de Oeiras (através da divisão denominada na altura “Divisão de Cultura e Turismo”, da qual a Dra. Ana Catarina Miranda e Susana Pereira Gonçalves já faziam parte) juntamente com esta companhia de teatro, fez algumas iniciativas baseadas nas que tinham sido realizadas no ano anterior, que tinha já bastante afluência e que após estas adaptações mais rigorosas, passou a ter uma enorme procura.

¹⁹³ Vide http://www.cm-oeiras.pt/pt/descobrir/Paginas/palacio_marques_de_pombal.aspx.

¹⁹⁴ Vide *idem*.

Podemos considerar que na altura estas iniciativas (ainda que criadas pelas Dras. Ana Catarina e Susana) eram realizadas pela Câmara Municipal de Oeiras, uma vez que os serviços educativos no Palácio só surgiram por volta de 2014 (mantendo a equipa que já tratava das questões respeitantes ao que seria o Serviço Educativo), com objetivos e missões mais em concreto, e com uma programação regular, possível de concretizar e mais facilmente posta em prática por se ter tornado um organismo mais bem organizado. Portanto estas primeiras iniciativas, que surgiram entre 2002 e 2003, foram realizadas pela Câmara Municipal de Oeiras, mais especificamente pelo setor de ação cultural na altura, atual divisão de cultura. O que faziam era dinamizar o património disperso pelo conselho, ou seja, tinham ações do género não só no Palácio Marquês de Pombal como também no Paço de Caxias, no Forte de São Julião da Barra, entre outros monumentos, de forma intermitente e através de uma programação dispersa.

Independentemente de terem passado a existir Serviços Educativos, não deixou de ser a Câmara Municipal de Oeiras a dinamizar estas iniciativas, mais especificamente a divisão de cultura, a diferença que surge neste processo é que a Câmara, adquirindo o Palácio Marquês de Pombal no seu todo, passou a encará-lo como um equipamento cultural e criou e estruturou o Serviço Educativo.

Antes de se passar especificamente para as iniciativas que se realizam no Palácio, é importante compreender a orgânica do funcionamento da Câmara Municipal de Oeiras relacionada com o Palácio Marquês de Pombal:

A Câmara tem vários serviços. Dentro destes vários serviços, existe o Departamento de Artes Cultura e Turismo (DACT). Dentro deste departamento encontramos a Divisão de Cultura (DC), a Divisão de Turismo e Gestão de Eventos (DTGE) e a Bibliotecas e Equipamentos Culturais (BEC). Por sua vez, dentro destes, está o Núcleo do Palácio Marquês de Pombal, o Núcleo da Fábrica da Pólvora de Barcarena, o Núcleo do Parque dos Poetas. Dentro destes está o Serviço Educativo e de Animação que, note-se, não tem expressão orgânica, isto é, está dentro do Serviço mas não está expresso na orgânica da Câmara. O que significa que é que são os Serviços Educativos (da Câmara e não diretamente do Palácio) que propõem, criam e operacionalizam as iniciativas, mas estão sempre sujeitos à hierarquia acima descrita.

São os Serviços Educativos que fazem parte da divisão de cultura do núcleo do Palácio Marquês de Pombal, tal como os Serviços Educativos do Palácio Nacional de Queluz estão sujeitos à Parques de Sintra – Monte da Lua, que dinamizam as iniciativas com História Viva no monumento. Têm alguns recursos internos que lhes permitem tomar

iniciativas próprias e com os próprios recursos, mas normalmente recorrem a outras empresas para que haja rigor e o máximo de iniciativas possível.

A parceria, praticamente exclusiva da Sons & Ecos – Cantiga d’Alba, iniciou-se em 2012. Algumas iniciativas são criadas com outras pessoas dependendo dos temas, mas recorrem à Sons & Ecos pela seriedade e qualidade do trabalho. Em 2016 /17 tiveram uma iniciativa, os “Retratos da vida quotidiana”, relacionada com vários temas consoante as salas do palácio, onde se encontravam quadros vivos durante a visita. Não era uma visita encenada, mas sim uma recriação de como se vivia no Palácio. Terminava com um sarau musical e poético, também com uma merenda à época. Têm também “O Cândido” e “O Francês em Londres”, que são peças de teatro que se adequam a determinados espaços do palácio, estando histórica ou artisticamente relacionados.

Infelizmente, como o Palácio pertence à Câmara Municipal de Oeiras, muitas vezes as salas do Palácio estão ocupadas e não podem ser visitadas, o que condiciona as visitas e projetos. O Salão Nobre e a sala de jantar costumam estar intermitentemente ocupadas; o corredor e a capela estão normalmente livres. Esta questão tem a ver com a presidência e administração da câmara. Posto isto, as iniciativas tiveram obrigatoriamente de ser reduzidas e adaptadas. Visitas encenadas têm 1 sábado por mês para público em geral e 1 vez de 15 em 15 dias para escolas. Saraus musicais têm de 2 em 2 meses. No verão têm projetos como teatro de fantoches e jogos tradicionais, para dar resposta aos ATL.

Mais especificamente, em 2016-2017 o Palácio teve bastantes iniciativas disponíveis, sendo que atualmente o leque está um pouco mais reduzido devido às razões supramencionadas. Contudo, apresentam um programa bastante interessante, frequente e dinâmico, que pode ser consultado no Anexo documental, Documento 28.

No Palácio Marquês de Pombal defendem o rigor histórico, qualidade na passagem da informação e que se consiga transportar as pessoas para uma outra época. Também por esta razão acabam por recorrer praticamente apenas à Sons & Ecos, por confiarem no seu trabalho e recearem recorrer a alguma empresa de animação que não conheça o conceito inicial e atual de História Viva, que requer o máximo rigor histórico em todos os aspetos.

Um aspeto extremamente importante, transmitido nesta entrevista atenciosamente cedida pela Divisão de Cultura da Câmara Municipal de Oeiras, por parte dos Serviços Educativos do Palácio Marquês de Pombal, e referido pelas técnicas, é intenção da Dra. Elisabete Brigadeiro, chefe da Divisão de Cultura, implementar no Palácio Marquês de

Pombal, formação em História Viva e recriação histórica. Apesar de não se saber ainda em que moldes ou de que maneira irá funcionar, a ideia existe e estará a ser pensada de modo a ser posta em prática talvez no ano de 2020. Este ponto é algo de extrema importância, tal como temos indo a averiguar ao longo do trabalho, falta formação específica e acessível nesta área para que possam ser respeitados os seus parâmetros nas ações de História Viva, seja em que formato ou monumento for.

Por estas razões e com o apoio das Dras. Ana Catarina Miranda, Susana Gonçalves Pereira e Elisabete Brigadeiro, bem como o apoio de Raquel Alves Coelho, decidimos propor o projeto “Viagens Históricas” ao Palácio Marquês de Pombal e criar o projeto e respetivos guiões que veremos abaixo. O objetivo conjunto é o de pôr em prática esta iniciativa no Palácio e eventualmente adaptá-la, com outras personagens históricas e com a respetiva história, a outros monumentos históricos do conselho e arredores.

6.1. Proposta de visita guiada com base no conceito: Viagens Históricas

«Segundo vários viajantes que visitaram Portugal no século XVIII a família Pombal é apontada como uma família gentil e que convive com estrangeiros, contrariamente à restante aristocracia portuguesa».¹⁹⁵

Situamos o projeto “Viagens Históricas” no Palácio Marquês de Pombal, um monumento de valor patrimonial e histórico muito considerável, no seu conjunto, tratando-se do único monumento nacional de Oeiras. Através do estudo e experiência de vários autores e profissionais relacionados com todo o percurso da História Viva em Portugal, estamos convictos de que o recurso à dramatização para a interpretação de temas históricos é mais eficaz quando se faz uso da primeira pessoa, embora ainda seja um pouco mais usual a interpretação na terceira pessoa. A proposta em questão é, na verdade, muito simples: criar visitas guiadas no Palácio em Marquês de Pombal, em que as várias

¹⁹⁵ GASPAR, Ana Teixeira, *Lazer e sociabilidade da família Pombal nos finais do século XVIII*, Textos não editados, p. 2.

personagens históricas com ele relacionadas, contam a da Casa de Oeiras e da família Pombal, na primeira pessoa.

Mais concretamente, num dia específico de cada semana do mês, considere-se sábado à tarde, uma personalidade relacionada com o Palácio conta a sua história na primeira pessoa, por exemplo: Na primeira semana de março temos D. Leonor Ernestina de Daun (Marquesa de Pombal, segunda esposa do primeiro Marquês), na segunda semana Sebastião José de Carvalho e Melo (Marquês de Pombal), na terceira o segundo Marquês de Pombal, Henrique José de Carvalho e Melo e, por último, a segunda Marquesa de Pombal, D. Antónia de Menezes, na última semana do mês. Isto, repetido durante um determinado espaço de tempo, consoante também a procura.

A visita terá início na entrada do antigo solar barroco joanino, na Sala de Vaga ou Vaza (o espaço de espera e acolhimento das visitas), seguindo-se pelo Salão Nobre, salas adjacentes, terraço, corredor até à Capela, Sala das Tribunas e Sala da Concórdia. Depois, voltando um pouco atrás, pelo corredor, os visitantes, acompanhados e guiados pela personalidade histórica do respetivo dia, descem até à Copa da Sala de Jantar, Casa do Café e por fim saem para os jardins. Nesta parte exterior da visita, passarão primeiro pelo jardim das Araucárias e Jardim de Buxo, descendo para a parte de baixo onde se encontra a fonte dos Embrechados. Depois de contemplar esta fonte e de se contar a sua história, o grupo segue a visita pelo Jardim das Rosas, atravessando pela ponte que liga diretamente à Cascata dos Poetas, sendo esse o próximo ponto de paragem. Depois passam ao Lagar, ao Jardim das Merendas e à Fonte das Quatro Estações. Atravessando pelo meio do jardim, depois desta fonte, passa-se a ponte em frente, saindo pelo portão no seguimento da estrada. Por fora do palácio, o grupo entrará na capela, onde a visita terá o seu término e a personagem abandona os visitantes.

Para efeitos de uma melhor organização do presente trabalho, a informação para a prática deste projeto no que respeita o guião (no caso, o de D. Leonor de Daun¹⁹⁶), pode ser consultada no Anexo documental, Documento 30. O projeto foi criado com base numa profunda investigação não só sobre o conceito de História Viva e a sua evolução, mas também sobre o Palácio Marquês de Pombal, a família Pombal e os costumes e vivências das sociedades europeias no século XVIII, uma vez que as personalidades, atitudes e

¹⁹⁶ Optamos por começar pelo guião de D. Leonor de Daun. Decidimos, com o apoio e aval da Dra. Alexandra Fernandes (técnica da Divisão de Cultura do Palácio Marquês de Pombal), retratar a época do exílio dos Marqueses no Palácio, uma vez que as visitas no Palácio referem e representam sempre épocas anteriores. Um dos objetivos da História Viva é, através de formas lúdicas, passar novas informações e de diferentes maneiras, abordando novas e diferentes informações relativamente às visitas guiadas regulares.

maneira de estar e de ser dos Marqueses de Pombal e família, se destacavam das restantes famílias aristocráticas em Portugal – em grande parte, pelo facto de estarem em contante contacto com o estrangeiro (D. Leonor era, inclusive, austríaca).

Para que nos fosse possível esta pesquisa, foi absolutamente fundamental o apoio incondicional da Câmara Municipal de Oeiras e de toda a equipa do Palácio Marquês de Pombal. Raquel Alves Coelho, Ana Teixeira Gaspar e Alexandra Fernandes foram incansáveis e a sua ajuda permitiu que o guião criado cumprisse aquilo que a História Viva requer, ao mesmo tempo proporcionando um momento lúdico e didático ao público que embarca nestas Viagens Históricas.

7. Conclusão

«Pretendemos revitalizar uma técnica adormecida de grande utilidade à dinâmica cultural no nosso país, para a criação de laços entre os cidadãos e a sua identidade nacional»¹⁹⁷

A técnica de *Living History* foi introduzida em Portugal, em 1986, pela Associação Portuguesa de Museologia com o intuito de dinamizar e de dar novo fôlego ao ensino, à interpretação da História e à valorização da nossa memória coletiva. Nos primeiros anos, em que existiu grande empenho na divulgação desta técnica através de conferências, ações de formação, projetos de História ao Vivo realizados em todo o país, houve uma forte adesão ao conceito que se disseminou e foi posto em prática através da realização de ações sobre os mais variados temas.

Esta técnica, criada em Inglaterra nos anos de 1970, teve a sua evolução naquele país e em outros que, como Portugal, a importaram, sendo no presente uma prática indissociável da museologia, servindo a educação, o lazer e o turismo cultural desses países. Nos Estados Unidos da América o nascimento do conceito deu-se em paralelo com o que aconteceu no Reino Unido, observando-se o mesmo tipo de evolução e uso desta prática. Ambos os países fazem uso da disciplina tanto em museus ao ar livre, propositadamente (re)construídos para o efeito, como em museus tradicionais onde a História Viva é um recurso de comunicação e interpretação das exposições e lugares museológicos, realizando-se projetos sobre os mais variados temas, numa atitude dinâmica de investigação e criatividade.

Passados mais de trinta anos desde a sua introdução em Portugal, pudemos analisar o desenvolvimento que a História Viva assumiu desde que a APOM e o Grupo de Trabalho investiram na sua difusão. Estamos cientes de que o recurso à dramatização nesta área teve adesão no nosso país, contudo, carece de elementos teóricos que a suportem para que não se alheie da essência da sua razão de existir: a Educação Patrimonial com base na investigação.

¹⁹⁷ Cf. COELHO, Raquel da Assunção Bernardo Alves, *op. cit.*, p. 149.

Constatámos que a vontade de dar vida aos mais diversos legados patrimoniais de que se compõe a nossa riquíssima herança não é suficiente para que se cumpram os objetivos primordiais a que esta prática se propõe, porque muitas das vezes o objetivo primeiro assenta no aspeto comercial e de propaganda que os municípios e outras entidades colhem com a realização de grandes eventos culturais.

Estas ações atraem uma imensidão de público que procura diversão e conhecimento, porém, acontecem na sua grande maioria sem bases ou rigor histórico, e sem a supervisão de uma entidade formada e capaz para esse controlo. Desta forma, constatamos que, no que concerne o trabalho com recurso à História Viva desenvolvido pelos museus e monumentos, desde finais dos anos 90 do século XX foi decaindo.

Em 2009, Raquel Alves Coelho afirma que se regista falta de informação no que respeita às potencialidades que a História Viva encerra, tanto educativas, como lúdicas, de renovação e de fidelização dos públicos das entidades museológicas. Expressa que talvez assustasse os museólogos e as próprias instituições a execução deste tipo de projetos, uma vez que levam meses de trabalho a concretizar-se, segundo uma enorme dedicação científica para que fique de acordo com as regras da História Viva e os mínimos que esta exige – o rigor histórico e respeito pela própria História e o que esta engloba.

No entanto, e como pudemos verificar ao longo do trabalho, com um só personagem podemos levar a cabo um programa que anime milhares de visitantes durante um ano inteiro, estando ambas as componentes lúdica e educacional presentes. Integrado ou não num percurso de visita guiada, este ator/animador pode ser autónomo no que respeita aos conhecimentos que transmite, à desconstrução de ideias formatadas e caducas, ao modo de ver, questionando, apelando à observação e ao espírito crítico dos públicos que acolhe, desde que muito bem preparado para o papel que desempenha (precisamente o que se pretende fazer no projeto “Viagens Históricas”, proposto no presente trabalho).

A História Viva, como lhe chamamos – incluindo aqui a recriação histórica, os quadros vivos, as visitas encenadas, como demonstramos e explicamos durante a dissertação – é uma estratégia essencial para que se criem laços, relações de afeto entre a pessoa humana e a sua memória cultural. Só assim se pode sensibilizar a população para o cuidado daquilo que se deve entender como seu: o património material e imaterial, de que somos e seremos continuamente herdeiros. E é através destas *Viagens Históricas*, proporcionadas pelas ações/projetos/iniciativas de História Viva, que se pretende que as pessoas viajem até ao passado e possam ver de perto, sentir, compreender e conhecer personalidades Históricas e o seu quotidiano.

Em nossa opinião e como referimos anteriormente, essencialmente depois da proposta que fizemos relativamente à teorização e sistematização do conceito atual de História Viva, é urgente avançar com formação sobre esta matéria. Desde os últimos tempos em que a APOM e o Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses deixaram esta prática, pouco se fez para a sua regeneração, salvo em alguns casos pontuais – que na maioria das vezes são setores fechados aos quais dificilmente se tem conhecimento ou acesso.¹⁹⁸

Defendemos, assim, a formação de museólogos, especialmente os responsáveis pelos serviços de educação dos museus e monumentos, formação de responsáveis pelos departamentos da cultura das autarquias, formação de atores/animadores, de possíveis voluntários que se possam interessar pela recriação histórica pelas mais variadas motivações, formação de professores e de empresários que prevejam a História Viva como setor de atividade nas suas empresas, porque existe uma indústria que se destina a servir os anteriormente referidos.

Em Portugal houve uma continuidade na realização de projetos baseados no conceito original de História ao Vivo, que se encontra, hoje, carente de bases teóricas que a sustentem e que a façam cumprir com os seus propósitos. Existirá, certamente, vontade, mas, na esmagadora maioria dos casos, não existe o saber e por isso mesmo, neste trabalho, propusemos uma teorização com base na investigação realizada, referente a todos os anos da sua existência em Portugal e no estrangeiro, e propomos igualmente a criação da Associação Portuguesa de História Viva gerida por profissionais diretamente ligados a esta área, para que a História Viva ganhe finalmente a sua independência como conceito e possa singrar como tal, garantindo a formação, divulgação e disponibilização referente às suas bases teórico-práticas, bem como a proliferação de projetos rigorosos em termos históricos e o apoio às entidades que pretendem desenvolvê-los.

No presente trabalho, para além de nos debruçarmos atentamente sobre a introdução do conceito da História ao Vivo em Portugal, o seu desenvolvimento nos primeiros anos até 2009 e depois desse ponto de charneira, até 2019, com especial atenção para os projetos que foram realizados e metodologias praticadas, observámos também o desenvolvimento da *Living History* em Inglaterra e América do Norte, compreendendo que se deu um crescendo desde que surgiu até aos nossos dias, rompendo dificuldades,

¹⁹⁸ Sabemos que Raquel Alves Coelho realiza conferências, colóquios e palestras e pedido de algumas Instituições Museológicas que pretendem evoluir e incluir projetos de História Viva nos seus programas, respeitando o conceito.

sendo atualmente defendida como uma das mais importantes estratégias ao serviço da museologia e do património desses países. O que acreditamos ser possível em Portugal.

Raquel Alves Coelho, ao terminar a sua dissertação em 2009, escreveu: *«Esperamos que este trabalho sirva como ponto de partida para o florescimento, sistematizado, da História Viva em Portugal e que suscite o interesse de outros que venham a desenvolver reflexões teóricas e trabalhos práticos assentes no rigor que o conceito exige.»*¹⁹⁹. Esta frase veio dar razão e acrescentar motivação à escolha e desenvolvimento do tema sobre o qual nos debruçámos neste trabalho e agora em 2019, tal como em 2009, deixamos o nosso apelo a que a partir desta atualização e proposta de teorização do conceito atual de História Viva, se continue este trabalho, se avance com formações e com projetos supervisionados, porque não é tarde demais para recuperar e revitalizar a História Viva, um conceito científico que existe como tal e que precisa de um carinho e atenção especial nos primeiros tempos, até que se torne suficientemente conhecido, compreendido e independente em Portugal.

¹⁹⁹ Cf. COELHO, Raquel da Assunção Bernardo Alves, *op. cit.*, p. 149.

8. Fontes e Bibliografia

8.1. Bibliografia Geral:

ALLEAU, René (Dir.), *Dicionário de Jogos*, Editorial Inova, Porto, 1973.

ARTAUD, Antonin, *O Teatro e o seu Duplo*, São Paulo SP Brasil, Livraria Martins Fontes Editora Lda, 1935.

BÁRCIA, Paula, *Brites e Joane vão de Aventura na Corte de D. Manuel*, Editorial Vega, 1991.

BÁRCIA, Paula, *Brites e Joane vão de Aventura em S. Tomé*, Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Lisboa, 1996.

BÁRCIA, Paula, *Brites e Joane vão de Aventura em Macau*, Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Lisboa, 2000.

BÁRCIA, Paula, *Lisboa à Beira-Rio – Quatro Percursos para Descobrir a Lisboa do Passado*, Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Lisboa, 1998.

BÁRCIA, Paula, *O Quotidiano na História Portuguesa - Encontro Internacional, 22 a 24 de Abril de 1993*, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Departamento de História, Editorial do Ministério da Educação, Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Lisboa, 1993.

BLUM, André, *Histoire du Costume. Les Modes au XVIIe et XVIII siècles*, Librairie Hachette, 1927.

BORIE, Monique, ROUGEMONT, Martine de, SCHERER, Jacques, *Estética Teatral: textos de Platão a Brecht*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.

CIDADE, Hernâni, *O conceito do Barroco à luz da experiência Portuguesa*, Colóquio, Revista de Artes e Letras N°s 5 e 6, Lisboa, Novembro de 1959, p. 78 a 81.

GENLIS, Madame de, *De l'esprit des étiquettes*, Mercure de France, Paris, 1996.

GOMBRICH, Erwin H., *A História da Arte*, Zahar, Rio de Janeiro, 1983.

HAUSER, Arnold, *História social da arte e da cultura*, vol. 3, Vega, Lisboa D.L., 1989

HAUSER, Arnold, *O Conceito de Barroco*, Vega, Lisboa, 1997.

HELLEGOUARC'H, Jacqueline, *L'esprit de société. Cercles et «salons» parisiense au XVIIIe siècle*, Éditions Garnier, Paris, 2000.

LOPES, Maria Antónia, *Mulheres, espaço e sociabilidade – A transformação dos papéis femininos em Portugal à luz de fontes literárias*, Livros Horizonte, Lisboa, 1989.

MOLINARI, Cesare, *História do Teatro*, Lisboa, edições 70, LDA, 2010.

MOREIRA, L. M., MARANDINO, M, “O teatro em museus e centros de ciências no Brasil”, in *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 22 (2015): 1735–1748, <https://doi.org/10.1590/S0104-59702015000500011>

OLIVEIRA, M. de, STOLTZ, T, “Teatro na escola: considerações a partir de Vygotsky Theater play at school: reflections on Vygotsky” in *Educar Em Revista* 26 (2010): 77–93, <https://doi.org/10.1590/S0104-40602010000100007>

PEREIRA, José Fernandes; PEREIRA, Paulo, (dir.), *Dicionário da Arte Barroca em Portugal*, Presença, Lisboa, 1989.

RANCIÈRE, Jacques, *O Espectador Emancipado*, Lisboa, Orfeu Negro, 2010.

REDESELL, Patrick, «Proposal for ‘Living History’ Projects», The British Council, 1987.

ROCHE, Daniel, *La culture des apparences. Une histoire du vêtement (XVIIe-XVIIIe siècle)*, Fayard, Paris, 1989.

SERRÃO, Joel (Dir.), *Dicionário de História de Portugal*, Iniciativas Editoriais, Lisboa, 1982.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *História de Portugal*, vol. VI, 1750-1810, Ed. Verbo, Lisboa, 1982.

SERRÃO, Vitor, *A Cripto-História da Arte. Análise de Obras de Arte Inexistentes*, Livros Horizonte, Lisboa, 2001.

SERRÃO, Vitor, *História da Arte em Portugal. O Barroco*, vol. 4, Editorial Presença, Lisboa, 2003.

8.2. Bibliografia Específica:

AA. VV. (Coord. CRUZ, Maria Augusta Lima, JOÃO, Maria Isabel), *A Escola e os Descobrimentos – Síntese e Balanço das Comemorações (1988 – 2000)*, Grupo de Trabalho Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Lisboa, 2001.

AA.VV. (Coord. PROENÇA, Maria Cândida, PINTO, Maria José), *A Escola e os Descobrimentos – História Local*, Grupo de Trabalho Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Lisboa, 1991.

AFONSO, Simonetta Luz, DELAFORCE, Angela, *Palácio de Queluz, Jardins, IPPC*, Quetzal, Lisboa, 1989.

ARIES, Philippe; DUBY, Georges (Dir.), *História da Vida Privada, do Renascimento ao Século das Luzes*, vol. III, Ed. Afrontamento, Porto, 1889-1991.

Associação Portuguesa de Museologia, *Actas do Colóquio APOM/86 – «Viver o Passado: Museus e Monumentos ao serviço da Comunidade»*, Faro, 1 – 4 de Maio 1987.

Associação Portuguesa de Museologia, *Actas do Colóquio APOM/87 – «A Escola vai ao Museu»*, Lisboa – Palácio Galveias, 30 de Abril – 3 de Maio 1987.

Associação Portuguesa de Museologia, Catálogo da Exposição: *«Acordar História Adormecida: Museu da Fundação Ricardo Espírito Santo e Silva»*, APOM, Lisboa, 1987.

Associação Portuguesa de Museologia, Catálogo da Exposição: *«Faro 1573: O Povo Recebe o Rei»*, APOM, Lisboa, 1987.

Associação Portuguesa de Museologia, Catálogo da Exposição: *«História ao Vivo: Propostas de Animação Cultural Segundo a Técnica “Living History”»*, 8 vols., APOM, Lisboa, 1987.

Associação Portuguesa de Museologia, Catálogo da Exposição: *«Nós e os Romanos: Um Dia na Vila Romana de Milreu, Estói, Algarve»*, APOM, Lisboa, 1987.

Associação Portuguesa de Museologia, Catálogo da Exposição: *«O Castelo de S. Filipe Depois da Reconquista, 1640, Setúbal»*, APOM, Lisboa, 1987.

Associação Portuguesa de Museologia, Catálogo da Exposição: *«O Palácio de Estói: Véspera da Inauguração dos Jardins do Palácio – 30 de Abril 1909»*, APOM, Lisboa, 1987.

Associação Portuguesa de Museologia, Catálogo da Exposição: *«Uma Povoação Rural: Celebração do Maio em Santa Bárbara de Nexe»*, APOM, Lisboa, 1987.

Associação Portuguesa de Museologia, Catálogo da Exposição: *«Um Ataque de Corsários ao Funchal»*, APOM, Lisboa, 1987.

BARATA, José, *A Vida na Corte Portuguesa – Os palácios reais e a exuberância das festas, banquetes e indumentárias ao longo de 760 anos de monarquia*, Verso de Kapa, Lisboa, outubro de 2013.

BÁRCIA, Paula, *Baús Pedagógicos: Utilização e Conteúdo*, Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Editorial do Ministério da Educação, s.d.

BÁRCIA, Paula, COELHO, Paula, MOTA, Maria Manuela, (Revisão científica: CRUZ, Maria Augusta Lima), *A Propósito da Embaixada dos Meninos Japoneses à Europa e da sua Passagem Por Portugal (Seleção de Textos) – Documentação de Apoio ao Projecto de “História ao Vivo” realizado no Palácio Nacional da Vila, em Sintra, em Maio / Junho de 1993*, Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Lisboa, 1993.

BÁRCIA, Paula, “História ao Vivo”, «Forma: “Sobre os Descobrimentos Portugueses”», nº 36, Direcção-Geral de Extensão Educativa - Publicação para formadores e animadores/monitores, Editorial do Ministério da Educação, Algueirão, Março de 1990, pp.27, 28.

BÁRCIA, Paula, *Manual de História ao Vivo*, Ministério da Educação, Lisboa, 1990.

BÁRCIA, Paula, *Manual de História ao Vivo*, Terramar e Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Lisboa, 1990.

BÁRCIA, Paula, MOTA, Manuela, VIANA, Teresa (Revisão Científica do Professora Luís Albuquerque), *Trajos e Costumes Populares Portugueses do século XIX. Em Litografias de Joubert, Macphail e Palhares*, 1968.

BÁRCIA, Paula, MOTA, Maria Manuela, VIANA, Teresa, *A Propósito do Século XVI*, Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Lisboa, 1989.

BARROS, Maria de Fátima Rombouts de (2017), “A Praça Pombalina de Oeiras”, *Revista nº1, História, Cultura, Património*, Espaço e Memória: 24 – 34.

BARROS, Maria de Fátima Rombouts de (2018), “Abundância e Arte – deambulação pela Casa Marquês de Pombal em Oeiras, ao encontro das obras finais e dos tetos pintados

por Pedro Alexandrino de Carvalho”, *Revista nº2, História, Cultura, Património, Espaço e Memória*: 44 - 75.

COELHO, Raquel da Assunção Bernardo Alves, *História Viva. A Recriação Histórica como Veículo de Divulgação do Património Histórico e Artístico Nacional (1986-2009). Conceitos e Práticas.*, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2009.

COELHO, Raquel da Assunção Bernardo Alves, *Notas para uma reflexão crítica sobre Recriação Histórica e História Viva*, Massamá, Texto escrito no âmbito da participação da Sons & Ecos, Lda. no Festival 6 Continentes, Outubro de 2015, in <https://flul.academia.edu/RaquelCoelho>

COSTA, Hélder, *Conversas com gente famosa*, 1ª Edição, Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Printio-Artes Gráficas Lda., Lisboa, 2002.

COSTA, Hélder Mateus da, *Encontros Imaginários: Participação da Sociedade Civil 2012-2015*, 1ª Edição, A Barraca, Taligraf, Artes Gráficas, Lda, Lisboa, Dezembro 2015.

COSTA, Hélder Mateus da, *Encontros Imaginários: Participação da Sociedade Civil 2016*, 1ª Edição, A Barraca, Taligraf, Artes Gráficas, Lda, Lisboa, Dezembro 2016.

COSTA, Hélder Mateus da, *Encontros Imaginários: Participação da Sociedade Civil 2017*, 1ª Edição, A Barraca, Taligraf, Artes Gráficas, Lda, Lisboa, Dezembro 2017.

COSTA, Hélder Mateus da, *Encontros Imaginários: Participação da Sociedade Civil 2018*, 1ª Edição, A Barraca, Taligraf, Artes Gráficas, Lda, Lisboa, Dezembro 2018.

CRESPO, Maria Teresa, *O teto da Sala da Concórdia no Palácio do Marquês de Pombal em Oeiras – relatório analítico-descritivo sobre uma obra de arte particular*, Edição do Município de Oeiras, Taligraf, Oeiras, 2009.

DIAS, Rodrigo Alves Rodrigues, *A Quinta de Recreio dos Marqueses de Pombal*, Oeiras, Gráfica Europam, Oeiras, 1987.

DUARTE, Ana, *Educação Patrimonial: Guia para professores, educadores, monitores de museus e tempos livres*, Texto Editora, Lisboa, 1993

FERRO, Maria Inês, *Queluz, O Palácio e os Jardins*. Londres, Scala Publishers Ltd, 1997.

FERRO, Maria Inês da Franca Sousa, *O Pavilhão Robillion do Palácio Nacional de Queluz - história, arte, construção e restauro (1758-1940)*, Lisboa, (Dissertação de Mestrado em Arte, Património e Restauro, apresentada à da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa), Lisboa, 2000.

GASPAR, Ana Teixeira, *Convívio e sociabilidade da família Pombal no Palácio do Carvalhos na Rua Formosa*, Texto não editado.

GASPAR, Ana Teixeira, *Criados e serventes dos marqueses de Pombal no século XVIII*, Texto não editado.

GASPAR, Ana Teixeira, *D. Leonor de Daun, 1ª condessa de Oeiras e marquesa de Pombal*, Cadernos de História e Património 1, Espaço e Memória, Oeiras, 2015.

GASPAR, Ana Teixeira, *Lazer e sociabilidade da família Pombal nos finais do século XVIII*, Texto não editado.

GASPAR, Ana Teixeira, *Vida social dos primeiros marqueses de pombal*, Texto não editado.

Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, «A Escola e os Descobrimentos», Dossiers, Publimédia, Suplemento para distribuição com o «Expresso», Lisboa, 11 de Janeiro de 1992.

HUGHES, Catherine, *Museum Theatre – Communicating with Visitors Through Drama*, Heinemann Portsmouth, NH, USA, 2008.

LAVRADOR, Maria Helena, *Alguns aspetos da sociedade portuguesa do século XVIII através do seu teatro original e traduzido*, tese de licenciatura em Filologia Românica, Faculdade de Letras, Lisboa, 1945.

MARTINS, Guilherme d'Oliveira, *Património, Herança e Memória – A cultura como criação*, Gradiva, Lisboa, 2009.

MECO, José, BOIÇA, Joaquim M. F., *Arquitetura e urbanismo na época pombalina*, 1º Edição Espaço e Memória, Associação Cultural de Oeiras, Projeção Arte Gráfica, Lda, Oeiras, 2015.

MECO, José (2017), “Para que serve o Palácio Pombal em Oeiras?”, *Revista nº1, História, Cultura, Património*, Espaço e Memória: 4 – 8.

MIRANDA, Jorge (2017), “O Pelourinho – um símbolo da autarquia oeirense”, *Revista nº1, História, Cultura, Património*, Espaço e Memória: 34 - 38.

MIRANDA, Jorge, *Pombal e Oeiras – da história do concelho de Oeiras*, Edição Espaço e Memória, Associação Cultural de Oeiras, Agir – Produções Gráficas, Oeiras.

MOTA, Maria Manuela, «O Museu e o Ensino da História», *IX Encontro de Professores de História (Caldas da Rainha, 15, 16 e 17 de Maio de 199): Comunicações*, Produzido por: Património Histórico – Grupo de Estudos, Gráfica da Ponte, Caldas da Rainha, 1995, pp. 99-109.

PEACHEY, Stuart, *20 Years of Living History in Britain*, Stuart Press - Historical Management Associates, Ltd., Bristol, 1997.

PROENÇA, Maria Cândida, *Didática na História*, Universidade Aberta, Lisboa, 1989.

SANTOS, Francisco Ildefonso dos, *Memorial Histórico ou Colecção de Memórias sobre Oeiras, Desde seu princípio como Lugar e Cabeça de Julgado, e depois Vila, com o título de Condado e Cabeça de Concelho*, II Volume, Edição da Câmara Municipal de Oeiras, Oeiras, 1982.

SANTOS, Francisco Ildefonso dos, *Memorial Histórico ou Colecção de Memórias sobre Oeiras, Desde seu princípio como Lugar e Cabeça de Julgado, e depois Vila, com o título de Condado e Cabeça de Concelho*, III Volume, Edição da Câmara Municipal de Oeiras, Oeiras, 2000.

SANTOS, José Gomes dos (2017), “A Consagração da Capela de N. Sra. Das Mercês do Palácio Marquês de Pombal, em Oeiras”, *Revista nº1, História, Cultura, Património, Espaço e Memória*: 52 - 58.

SERRÃO, João Veríssimo, *Cristóvão Colombo em Vale do Paraíso (9 a 11 de Setembro de 1493)*, Edição da Junta de Freguesia de Vale do Paraíso, 1993.

ROTH, Stacy F., *Past into Present – Effective Techniques for First-Person Interpretation*, The University of North Carolina Press, Chapel Hill & London, USA, 1998.

8.3. Webgrafia (consultada entre outubro de 2018 e agosto de 2019):

<https://apmuseologia.org/about/orgaos-sociais/>

<https://direcaomuseudascari.wixsite.com/museudascrianças/>

https://docs.wixstatic.com/ugd/44c4c8_ee1e71c8ea8b40a8af3659fb7d4e516f.pdf

<http://fcsn.unl.pt/faculdade/docentes/cranmer>

<http://repositorio.ul.pt/handle/10451/2256>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Instituto_dos_Museus_e_da_Conservação

http://www.abarraca.com/index.php?option=com_barraca&view=emcena&Itemid=12

http://www.achale.pt/imagens/artigos/ACHALE_Helder%20Costa.pdf

<http://www.cm-mafra.pt/pt/municipio/revisite-recriacao-historica-atraves-de-uma-reportagem-fotografica>

<https://www.coolturetours.com/>

<https://www.easydream.pt/portugal-tales-chiado-e-bairro-alto>

<http://www.english-heritage.org.uk/>

<https://www.english-heritage.org.uk/about-us/contact-us/web-chat/>

https://www.facebook.com/events/461278931340818/?notif_t=event_calendar_create¬if_id=1560785647607164

https://www.facebook.com/focolunar/?_tn=%2Cd%2CP-R&eid=ARDC-Sy7XruJJFYsdLBCZBY5bJh_IN8eQnH96KXPU_RqZcVB8Q7oTh-pRs7S6DW7kR9jASVu6wF4_tlV

<https://www.focolunar.com/>

<https://www.focolunar.com/as-naus-de-verde-pinho/>

<https://www.focolunar.com/sobre-nos/>

<http://www.historyreenactment.org.uk/>

<http://www.museudelisboa.pt/>

<https://www.parquesdesintra.pt/event/viagem-a-corte-do-seculo-xviii-3/>

<https://www.parquesdesintra.pt/experiencias-e-lazer/programa-familias/a-corte-em-queluz-viagem-ao-quotidiano-de-setecentos/>

<https://www.parquesdesintra.pt/parques-jardins-e-monumentos/palacio-nacional-e-jardins-de-queluz/>

<https://www.parquesdesintra.pt/tudo-sobre-nos/quem-somos/historia/>

<https://www.sonseecos.com/>

https://www.tripadvisor.pt/Attraction_Review-g189158-d8124715-Reviews-Easy_Dream-Lisbon_Lisbon_District_Central_Portugal.html

<https://www.visitlisboa.com/pt-pt/node/7203>

http://www.cm-oeiras.pt/pt/descobrir/Paginas/palacio_marques_de_pombal.aspx

<http://www.cm-sintra.pt/viagem-a-corte-do-sec-xvii-em-queluz>

<http://www.palacioajuda.gov.pt/pt-PT/palacio/historia/ContentDetail.aspx>

<http://www.palacioajuda.gov.pt/pt-PT/palacio/hoje/ContentDetail.aspx>

<http://www.plimoth.org/>

<https://www.royalgunpowdermills.com/>

<http://www.skansen.se>

http://www.stuart-hmaltld.com/about_us.php

8.4. Registos de Áudio e Audiovisuais:

Áudios gravados durante as reuniões nas várias instituições referidas, que os responsáveis gentilmente permitiram.

8.5. Arquivos Pessoais:

Documentos de Paula Bárcia sobre as atividades da APOM, manuscritos e fotografias das várias ações de que tem feito parte, desde os primórdios da História ao Vivo em Portugal.

Documentos do arquivo do Palácio Marquês de Pombal, disponibilizados pelas Dras. Ana Catarina Miranda e Susana Gonçalves Pereira, dos Serviços Educativos do Palácio Marques de Pombal, diretamente ligados à Divisão de Cultura da Câmara Municipal de Oeiras.

Documentos pessoais e de trabalho emprestados por Raquel Alves Coelho, como Power Points de alguns dos seus colóquios, palestras, bem como informações sobre os mesmos (dentro das temáticas do conceito de História Viva e de como proceder à criação e prática correta dos mesmos).

Alguns antigos documentos de Manuela Mota, disponíveis nos apêndices documentais da Dissertação de Mestrado de Raquel Alves Coelho (2009) e que respeitosamente utilizamos no presente trabalho.

Textos não editados cedidos por Ana Maria Gaspar, respetivos à sua investigação sobre a família do Marquês de Pombal, a sua vivência, sociabilidade, lazer, sobre os criados e servidores da família e também sobre o seu convívio com estrangeiros, comparativamente às restantes famílias aristocráticas em Portugal.

9. Anexos

9.1. Anexo fotográfico

Figura 1: <i>Um dia no Palácio Azurara, 1987, «Os ofícios no Palácio»</i>	164
Figura 2: <i>Um dia no Palácio Azurara, 1987, «As criadas limpam o palácio»</i> ...	164
Figura 3: <i>Um dia no Palácio Azurara, 1987, «O acordar o príncipe»</i>	165
Figura 4: <i>Baú Pedagógico, A Escola e os Descobrimentos</i>	165
Figura 5: <i>Viagem à Corte do Século XVIII, 2003, PNQ</i>	166
Figura 6: <i>Viagem à Corte do Século XVIII, 2003, PNQ</i>	166
Figura 7: <i>Viagem à Corte do Século XVIII, 2003, PNQ</i>	167
Figura 8: <i>Viagem à Corte do Século XVIII, 2003, PNQ</i>	167
Figura 9: <i>Viagem à Corte do Século XVIII, 2003, PNQ</i>	168
Figura 10: <i>Viagem à Corte do Século XVIII, 2003, PNQ</i>	169
Figura 11: <i>Viagem à Corte do Século XVIII, 2003, PNQ</i>	169
Figura 12: <i>Viagem à Corte do Século XVIII, 2003, PNQ</i>	170
Figura 13: <i>A Maleta Pedagógica, 2004, do PNQ</i>	171
Figura 14: <i>A Maleta Pedagógica, 2004, do PNQ</i>	171
Figura 15: <i>A Maleta Pedagógica, 2004, do PNQ</i>	172
Figura 16: <i>Queluz - O Paço e a Vila: Um Dia na Corte, Um Dia na Feira, 2004</i>	173
Figura 17: <i>Queluz - O Paço e a Vila: Um Dia na Corte, Um Dia na Feira, 2004</i>	173
Figura 18: <i>Queluz - O Paço e a Vila: Um Dia na Corte, Um Dia na Feira, 2004</i>	174
Figura 19: <i>Queluz - O Paço e a Vila: Um Dia na Corte, Um Dia na Feira, 2004</i>	174

Figura 20:	<i>Queluz - O Paço e a Vila: Um Dia na Corte, Um Dia na Feira, 2004....</i>	175
Figura 21:	<i>Queluz - O Paço e a Vila: Um Dia na Corte, Um Dia na Feira, 2004....</i>	175
Figura 22:	<i>Queluz - O Paço e a Vila: Um Dia na Corte, Um Dia na Feira, 2004.....</i>	176
Figura 23:	<i>Queluz - O Paço e a Vila: Um Dia na Corte, Um Dia na Feira, 2004.....</i>	176
Figura 24:	<i>Queluz - O Paço e a Vila: Um Dia na Corte, Um Dia na Feira, 2004....</i>	177
Figura 25:	<i>Queluz - O Paço e a Vila: Um Dia na Corte, Um Dia na Feira, 2004....</i>	177
Figura 26:	<i>Queluz - O Paço e a Vila: Um Dia na Corte, Um Dia na Feira, 2004....</i>	178
Figura 27:	<i>Queluz - O Paço e a Vila: Um Dia na Corte, Um Dia na Feira, 2004....</i>	178
Figura 28:	<i>Queluz - O Paço e a Vila: Um Dia na Corte, Um Dia na Feira, 2004....</i>	179
Figura 29:	<i>Queluz - O Paço e a Vila: Um Dia na Corte, Um Dia na Feira, 2004....</i>	179
Figura 30:	<i>Viagem à Corte do Século XVIII, 2019, PNQ.....</i>	180
Figura 31:	<i>Viagem à Corte do Século XVIII, 2019, PNQ.....</i>	180
Figura 32:	<i>Viagem à Corte do Século XVIII, 2019, PNQ.....</i>	181
Figura 33:	<i>Viagem à Corte do Século XVIII, 2019, PNQ.....</i>	181
Figura 34:	<i>Viagem à Corte do Século XVIII, 2019, PNQ.....</i>	182
Figura 35:	<i>Viagem à Corte do Século XVIII, 2019, PNQ.....</i>	183
Figura 36:	<i>Viagem à Corte do Século XVIII, 2019, PNQ.....</i>	184
Figura 37:	<i>Viagem à Corte do Século XVIII, 2019, PNQ.....</i>	184
Figura 38:	<i>Viagem à Corte do Século XVIII, 2019, PNQ.....</i>	185
Figura 39:	<i>Viagem à Corte do Século XVIII, 2019, PNQ.....</i>	186
Figura 40:	<i>Histórias em Cena, 2019, Sons & Ecos, PMP.....</i>	187

Figura 41: <i>Histórias em Cena</i>, 2019, Sons & Ecos, PMP.....	187
Figura 42: <i>Histórias em Cena</i>, 2019, Sons & Ecos, PMP.....	188
Figura 43: <i>Histórias em Cena</i>, 2019, Sons & Ecos, PMP.....	188
Figura 44: <i>Histórias em Cena</i>, 2019, Sons & Ecos, PMP.....	189
Figura 45: <i>Histórias em Cena</i>, 2019, Sons & Ecos, PMP.....	189
Figura 46: <i>Histórias em Cena</i>, 2019, Sons & Ecos, PMP.....	190
Figura 47: <i>Histórias em Cena</i>, 2019, Sons & Ecos, PMP.....	190
Figura 48: <i>Histórias em Cena</i>, 2019, Sons & Ecos, PMP.....	191
Figura 49: <i>Histórias em Cena</i>, 2019, Sons & Ecos, PMP.....	192
Figura 50: <i>Disseram-mo por muito certo...</i>, 2019, Sons & Ecos, M. S. Roque.....	193
Figura 51: <i>Disseram-mo por muito certo...</i>, 2019, Sons & Ecos, M. S. Roque.....	194
Figura 52: <i>Disseram-mo por muito certo...</i>, 2019, Sons & Ecos, M. S. Roque.....	195
Figura 53: <i>Disseram-mo por muito certo...</i>, 2019, Sons & Ecos, M. S. Roque.....	195
Figura 54: <i>Disseram-mo por muito certo...</i>, 2019, Sons & Ecos, M. S. Roque.....	196
Figura 55: <i>Disseram-mo por muito certo...</i>, 2019, Sons & Ecos, M. S. Roque.....	196
Figura 56: Visita encenada à Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves, 2019.....	197
Figura 57: Visita encenada à Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves, 2019.....	198
Figura 58: Visita encenada à Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves, 2019.....	199
Figura 59: Visita encenada à Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves, 2019.....	200
Figura 60: Visita encenada à Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves, 2019.....	201
Figura 61: Visita encenada à Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves, 2019.....	202

Figura 62: Visita encenada à Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves, 2019.....	202
Figura 63: Visita encenada à Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves, 2019.....	203
Figura 64: Visita encenada à Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves, 2019.....	203
Figura 65: Visita encenada à Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves, 2019.....	204
Figura 66: Visita encenada à Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves, 2019.....	205
Figura 67: Visita encenada à Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves, 2019.....	206
Figura 68: Visita da Easy Dream, pela cidade de Lisboa.....	207
Figura 69: <i>Um dia de Primavera na Ribeira das Naus</i>, GTMECDP.....	207
Figura 70: <i>Um dia de Primavera na Ribeira das Naus</i>, GTMECDP.....	208
Figura 71: <i>Um dia de Primavera na Ribeira das Naus</i>, GTMECDP.....	208
Figura 72: <i>Um dia de Primavera na Ribeira das Naus</i>, GTMECDP.....	209
Figura 73: <i>Um dia de Primavera na Ribeira das Naus</i>, GTMECDP.....	209
Figura 74: <i>Um dia de Primavera na Ribeira das Naus</i>, GTMECDP.....	210
Figura 75: <i>Um dia de Primavera na Ribeira das Naus</i>, GTMECDP.....	210
Figura 76: <i>Um dia de Primavera na Ribeira das Naus</i>, GTMECDP.....	211
Figura 77: <i>Um dia de Primavera na Ribeira das Naus</i>, GTMECDP.....	211
Figura 78: <i>Um dia de Primavera na Ribeira das Naus</i>, GTMECDP.....	212
Figura 79: <i>Um dia de Primavera na Ribeira das Naus</i>, GTMECDP.....	212
Figura 80: <i>Um dia de Primavera na Ribeira das Naus</i>, GTMECDP.....	213
Figura 81: <i>Um dia de Primavera na Ribeira das Naus</i>, GTMECDP.....	213
Figura 82: <i>Um dia de Primavera na Ribeira das Naus</i>, GTMECDP.....	214

Figura 83: <i>Um dia de Primavera na Ribeira das Naus, GTMECDP</i>.....	214
Figura 84: <i>Um dia de Primavera na Ribeira das Naus, GTMECDP</i>.....	215
Figura 85: <i>Um dia de Primavera na Ribeira das Naus, GTMECDP</i>.....	215
Figura 86: <i>Um dia de Primavera na Ribeira das Naus, GTMECDP</i>.....	216
Figura 87: <i>Um dia de Primavera na Ribeira das Naus, GTMECDP</i>.....	216
Figura 88: <i>Um dia de Primavera na Ribeira das Naus, GTMECDP</i>.....	217
Figura 89: <i>Recriação da Ribeira das Naus na Escola Preparatória da Galiza</i>....	217
Figura 90: <i>Documentação realizada pelos alunos da EP da Galiza, Oeiras</i>.....	218
Figura 91: <i>Casamento de D. João I e D. Filipa de Lencastre, Porto</i>.....	219
Figura 92: <i>Casamento de D. João I e D. Filipa de Lencastre, Porto</i>.....	219
Figura 93: <i>Casamento de D. João I e D. Filipa de Lencastre, Porto</i>.....	220
Figura 94: <i>Casamento de D. João I e D. Filipa de Lencastre, Porto</i>.....	220
Figura 95: <i>Casamento de D. João I e D. Filipa de Lencastre, Porto</i>.....	221



Figura 1: «Os ofícios no Palácio». Animação de Século XVIII no Museu da Fundação Ricardo do Espírito Santo e Silva: *Um dia no Palácio Azurara*. 1987.



Figura 2: «As criadas limpam o palácio». Animação de Século XVIII no Museu da Fundação Ricardo do Espírito Santo e Silva: *Um dia no Palácio Azurara*. 1987.



Figura 3: «O acordar o príncipe». Animação de Século XVIII no Museu da Fundação Ricardo do Espírito Santo e Silva: *Um dia no Palácio Azurara*. 1987.



Figura 4: Baú Pedagógico: «Constituído por réplicas de instrumentos náuticos, cartas, tecidos, peças de cerâmica, pedras semi-preciosas, cestos, instrumentos musicais, utensílios de uso quotidiano, um pão de açúcar e diversas especiarias». In AA.VV. (Coord. CRUZ, Maria Augusta Lima, JOÃO, Maria Isabel), *A Escola e os Descobrimentos – Síntese e Balanço das Comemorações (1988-2000)*, Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Lisboa, 2001, p. 184.



Figura 5: Sala da Música: o monitor contextualizava o momento na sua época histórica e descrevia sucintamente as funções dos espaços, evocando-se aqui os temas de Festa e da Música na segunda metade de setecentos.



Figura 6: Saleta de D. Maria Francisca Benedita. O vestir no século XVIII: a princesa e a sua aia. Primeiro quadro com animação durante a visita “Viagem à Corte do Século XVIII”. Esta imagem foi conseguida através do Apêndice Documental da Dissertação de Mestrado de Raquel Alves Coelho (2009) mas a visita sucedesse exatamente da mesma forma atualmente (2019), com o mesmo quadro vivo na mesma altura, surgindo antes um quadro vivo com música, na Sala da Música.



Figuras 7 e 8: Sala da Escultura, A educação do príncipe. Segundo quadro com animação durante a visita “Viagem à Corte do Século XVIII”, no Palácio Nacional de Queluz. Esta imagem foi conseguida através do Apêndice Documental da Dissertação de Mestrado de Raquel Alves Coelho (2009) mas a visita sucede-se exatamente da mesma forma atualmente (2019), com o mesmo quadro vivo na mesma altura, surgindo antes do quadro vivo da princesa, um quadro vivo com música, na Sala da Música.



Figura 9: Palácio Nacional de Queluz - Sala da Tocha. A marquesa e a criada. Terceiro quadro com animação durante a visita “Viagem à Corte do Século XVIII”, no Palácio Nacional de Queluz.



Figura 10: Palácio Nacional de Queluz - Sala dos Archeiros. A diversão no Século XVIII. Quarto quadro com animação durante a visita “Viagem à Corte do Século XVIII”.



Figura 11: Palácio Nacional de Queluz - Sala dos Embaixadores. Representação de uma pequena peça adaptada do teatro do século XVIII. Quinto e último quadro com animação durante a visita “Viagem à Corte do Século XVIII”.



Figura 12: Palácio Nacional de Queluz - Sala dos Embaixadores. Representação de uma pequena peça adaptada do teatro do século XVIII. Quinto e último quadro com animação durante a visita “Viagem à Corte do Século XVIII”. Esta imagem foi conseguida através do Apêndice Documental da Dissertação de Mestrado de Raquel Alves Coelho (2009). Atualmente (2019), este quadro vivo também já não existe na visita, existindo uma ação diferente.

As Figuras 5 a 12 foram originalmente cedidas por:

Maria Leonor Amaral, professora da Escola EB 2,3 Padre Alberto Nero, Rio de Mouro (2003): Figura 5.

Maria Joana Constantino, professora na Escola EB1 nº1 de Sabugo e Vale dos Lobos (2003): Figuras 6, 7 e 8.

Fotografias de Raquel Alves Coelho, autora da Dissertação de Mestrado *História Viva. A Recriação Histórica como Veículo de Divulgação do Património Histórico e Artístico Nacional (1986-2009). Conceitos e Práticas.*, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2009.

Todas as imagens foram conseguidas através do Apêndice Documental da Dissertação de Mestrado de Raquel Alves Coelho (2009), acima referida.

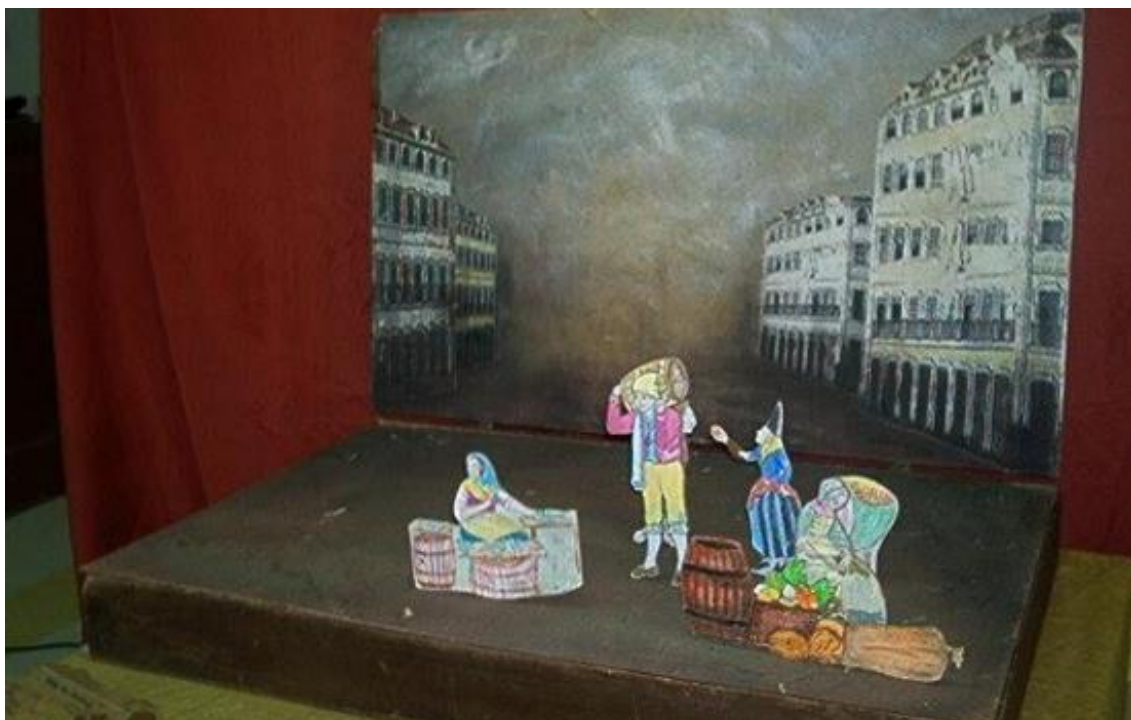


Figura 13: A Maleta Pedagógica (dos Serviços de Educação do Palácio Nacional de Queluz). Mostrava um pequeno cenário da Lisboa Pombalina: uma praça, onde, à medida eu o monitor ia descrevendo a sociedade, costumes, profissões, vestuário, etc., da segunda metade do século XVIII (incidindo na vida do povo), ia preenchendo a praça com personagens (bonecos com cerca de 25cm de altura).



Figura 14: A Maleta Pedagógica (dos Serviços de Educação do Palácio Nacional de Queluz). A intervenção do aguadeiro. Por detrás da mesa onde era colocada a maleta, montava-se uma estrutura coberta com panos que escondia dois ou três animadores que iriam dar vida a alguns desses bonecos de madeira. Assim, acompanhando o discurso do monitor, iam surgindo algumas “figuras vivas”, que representavam tipos da época, ilustrando o discurso do monitor através de cenas características do tempo em foco.



Figura 15: A Maleta Pedagógica (dos Serviços de Educação do Palácio Nacional de Queluz). A praça ia ficando preenchida de figuras que ali se juntavam com vários fins, de acordo com os parâmetros sociais de setecentos. Através deste material pedagógico explorava-se a vida do povo em oposição à da nobreza que vivia nos palácios, e que o grupo viria a conhecer num segundo momento quando se realizasse a visita ao monumento.

Figuras 13 a 15 originalmente cedidas por:

Maria Joana Constantino, professora na Escola EB1 nº1 de Sabugo e Vale dos Lobos (2003 e 2004).

Todas as imagens foram conseguidas através do Apêndice Documental da Dissertação de Mestrado de Raquel Alves Pereira, *História Viva. A Recriação Histórica como Veículo de Divulgação do Património Histórico e Artístico Nacional (1986-2009). Conceitos e Práticas.*, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2009.



Figura 16: Projeto «Queluz – O Paço e a Vila: Um Dia na Corte, Um Dia na Feira»: recriação de uma feira do século XVIII no largo do palácio de Queluz. Uma banca de vendas.



Figura 17: Projeto «Queluz – O Paço e a Vila: Um Dia na Corte, Um Dia na Feira»: recriação de uma feira do século XVIII no largo do palácio de Queluz. O projeto incluía participantes de escolas e de centros de dia que, durante este dia da ação final, encarnavam personagens que tinham escolhido durante a preparação ao longo de vários meses.



Figura 18: Projeto «Queluz – O Paço e a Vila: Um Dia na Corte, Um Dia na Feira»: recriação de uma feira do século XVIII no largo do palácio de Queluz. O projeto incluía participantes de escolas e de centros de dia que, durante este dia da ação final, encarnavam personagens que tinham escolhido durante a preparação ao longo de vários meses.



Figura 19: Projeto «Queluz – O Paço e a Vila: Um Dia na Corte, Um Dia na Feira»: recriação de uma feira do século XVIII no largo do palácio de Queluz. Os monitores do palácio deslocavam-se às escolas nas várias fases de preparação do projeto. Algumas crianças ensaiavam as danças africanas que viriam a executar na feira.



Figura 20: Projeto «Queluz – O Paço e a Vila: Um Dia na Corte, Um Dia na Feira»: recriação de uma feira do século XVIII no largo do palácio de Queluz. A precursão anunciava o momento das danças que no século XVIII se exibiam nas ruas, provocando escândalo e curiosidade.



Figura 21: Projeto «Queluz – O Paço e a Vila: Um Dia na Corte, Um Dia na Feira»: recriação de uma feira do século XVIII no largo do palácio de Queluz. As danças africanas despertam a curiosidade do público e outros participantes.



Figura 22: Projeto «Queluz – O Paço e a Vila: Um Dia na Corte, Um Dia na Feira»: recriação de uma feira do século XVIII no largo do palácio de Queluz. Na cozinha do palácio, onde atualmente funciona o restaurante «Cozinha Velha», preparavam-se as iguarias para o banquete real. A azáfama era muita e as cozinheiras não tinham descanso ao longo do dia, em que este espaço estava exceccionalmente exposto ao livre olhar do público.



Figura 23: Projeto «Queluz – O Paço e a Vila: Um Dia na Corte, Um Dia na Feira»: recriação de uma feira do século XVIII no largo do palácio de Queluz. Bairro Almeida Araújo, onde se centrava a realização do projeto. Os habitantes disponibilizavam as suas casas para se dar o concurso de janelas enfeitadas.



Figura 24: Projeto «Queluz – O Paço e a Vila: Um Dia na Corte, Um Dia na Feira»: recriação de uma feira do século XVIII no largo do palácio de Queluz. Concurso de vestidos de Chita.



Figura 25: Projeto «Queluz – O Paço e a Vila: Um Dia na Corte, Um Dia na Feira»: recriação de uma feira do século XVIII no largo do palácio de Queluz. Concurso de vestidos de Chita.



Figura 26: Projeto «Queluz – O Paço e a Vila: Um Dia na Corte, Um Dia na Feira»: recriação de uma feira do século XVIII no largo do palácio de Queluz. Concurso de Chapéus.



Figura 27: Projeto «Queluz – O Paço e a Vila: Um Dia na Corte, Um Dia na Feira»: recriação de uma feira do século XVIII no largo do palácio de Queluz. Concurso de Chapéus.



Figura 28: Projeto «Queluz – O Paço e a Vila: Um Dia na Corte, Um Dia na Feira»: recriação de uma feira do século XVIII no largo do palácio de Queluz. As marchas populares.



Figura 29: Projeto «Queluz – O Paço e a Vila: Um Dia na Corte, Um Dia na Feira»: recriação de uma feira do século XVIII no largo do palácio de Queluz. As marchas populares.

Figuras 23 a 29 originalmente cedidas por:

Maria Joana Constantino, professora na Escola EB1 nº1 de Sabugo e Vale dos Lobos (2004). Todas as imagens foram conseguidas através do Apêndice Documental da Dissertação de Mestrado de Raquel Alves Pereira, *História Viva. A Recriação Histórica como Veículo de Divulgação do Património Histórico e Artístico Nacional (1986-2009). Conceitos e Práticas.*, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2009.



Figura 30: «Viagem à Corte do Século XVIII», visita guiada ao Palácio Nacional de Queluz, com animação histórica. Depois de uma contextualização dada pelo monitor do palácio (que não interpreta qualquer personagem), surgem dois marqueses que contam curiosidades e demonstram algumas atividades do quotidiano do século XVIII no Palácio de Queluz. Neste momento, dançavam uma coreografia de época, ao som de uma música de época, na Sala do Trono.



Figura 31: «Viagem à Corte do Século XVIII», visita guiada ao Palácio Nacional de Queluz, com animação histórica. Momento em que os marqueses dançavam uma coreografia de época, ao som de uma música de época, na Sala do Trono.



Figura 32: «Viagem à Corte do Século XVIII», visita guiada ao Palácio Nacional de Queluz, com animação histórica. Momento em que os marqueses dançavam uma coreografia de época, ao som de uma música de época, na Sala do Trono.



Figura 33: «Viagem à Corte do Século XVIII», visita guiada ao Palácio Nacional de Queluz, com animação histórica. Momento em que os marqueses dançavam uma coreografia de época, ao som de uma música de época, na Sala do Trono.



Figura 34: «Viagem à Corte do Século XVIII», visita guiada ao Palácio Nacional de Queluz, com animação histórica. Quando o grupo passa para a Sala da Música, depara-se com duas novas personagens, dois músicos que, respetivamente, tocam e cantam quatro modinhas da época (século XVIII).



Figura 35: «Viagem à Corte do Século XVIII», visita guiada ao Palácio Nacional de Queluz, com animação histórica. Quando o grupo passa para a Sala da Música, depara-se com duas novas personagens, dois músicos que, respetivamente, tocam e cantam quatro modinhas do século XVIII. O marquês ia complementando o seu discurso, entre as modinhas, com um a informação constante num documento da época, que segura na imagem.



Figura 36: «Viagem à Corte do Século XVIII», visita guiada ao Palácio Nacional de Queluz, com animação histórica. Momento final em que o Marquês recebe o público na Sala dos Embaixadores, afirmando que irão em conjunto receber o príncipe e a princesa.



Figura 37: «Viagem à Corte do Século XVIII», visita guiada ao Palácio Nacional de Queluz, com animação histórica. Momento final em que o príncipe e princesa aparecem, acompanhados pela marquesa e anunciados pelo marquês, na Sala dos Embaixadores.



Figura 38: «Viagem à Corte do Século XVIII», visita guiada ao Palácio Nacional de Queluz, com animação histórica. Momento final em que, por ordem do príncipe e da princesa, os marqueses anunciam a surpresa que os príncipes prepararam para a despedida do público, aparecendo uma cantora lírica que interpreta a Rainha da Noite, da Flauta Mágica de Mozart.



Figura 39: «Viagem à Corte do Século XVIII», visita guiada ao Palácio Nacional de Queluz, com animação histórica. Momento final da interpretação da Rainha da Noite, da Flauta Mágica de Mozart.

Figuras 30 a 39:

Imagens obtidas pela autora, através das visitas que realizou no âmbito da investigação para realização do presente trabalho.



Figura 40: Projeto «Histórias em Cena», uma visita encenada ao Palácio Marquês de Pombal. Esta imagem retrata o início da visita, com Jocelina a conversar com o público na capela.



Figura 41: Projeto «Histórias em Cena», uma visita encenada ao Palácio Marquês de Pombal. Momento em que surge o Mestre pintor André Gonçalves.



Figura 42: Projeto «Histórias em Cena», uma visita encenada ao Palácio Marquês de Pombal. Teto da sala da concórdia, explicado por Jocelina com a ajuda do público, uma vez que é empregada e não sabia ler.



Figura 43: Projeto «Histórias em Cena», uma visita encenada ao Palácio Marquês de Pombal. Azulejos das salas anexas ao Salão Nobre.



Figura 44: Projeto «Histórias em Cena», uma visita encenada ao Palácio Marquês de Pombal. Momento em que Jocelina e o público encontram o Conde Vila Flor, na Fonte das quatro estações (nos jardins do Palácio Marquês de Pombal).



Figura 45: Projeto «Histórias em Cena», uma visita encenada ao Palácio Marquês de Pombal. O Conde Vila Flor continua a seguir o público pelos espaços do jardim, encontrando a Marquesa Michaela Andrade a ler junto do lagar do azeite. Todos entram, juntos, para este espaço, para melhor conhecê-lo, surgindo novamente o Mestre pintor André Gonçalves.



Figura 46: Projeto «Histórias em Cena», uma visita encenada ao Palácio Marquês de Pombal. O Conde Vila Flor e a Marquesa Michaela Andrade levam o público até à Cascata dos Poetas.



Figura 47: Projeto «Histórias em Cena», uma visita encenada ao Palácio Marquês de Pombal. O Conde Vila Flor e a Marquesa Michaela Andrade com o público, na Cascata dos Poetas.



Figura 48: Projeto «Histórias em Cena», uma visita encenada ao Palácio Marquês de Pombal. Teto da Sala de Jantar do Palácio, para o qual Jocelina chama a atenção do público durante a visita.



Figura 49: Projeto «Histórias em Cena», uma visita encenada ao Palácio Marquês de Pombal. Momento final com todas as personagens, Jocelina, Conde Vila Flor, Marquesa Michaela Andrade e D. Josefa, no qual recitam poemas e minuetes.

Figuras 39 a 49:

Imagens obtidas pela autora, através das visitas que realizou no âmbito da investigação para realização do presente trabalho.



Figura 50: Projeto «Disseram-mo por muito certo...», uma visita encenada ao Museu de S. Roque. Momento inicial, em que Adosinda recebe o público, à entrada para o Museu.



Figura 51: Projeto «Disseram-mo por muito certo...», uma visita encenada ao Museu de S. Roque. Adosinda explica a primeira obra exposta no museu, através da compreensão visual e complementando com factos históricos, de forma divertida e didática.



Figura 52: Projeto «Disseram-mo por muito certo...», uma visita encenada ao Museu de S. Roque. Adosinda explica a arte de fiar, a sua profissão.



Figura 53: Projeto «Disseram-mo por muito certo...», uma visita encenada ao Museu de S. Roque. Aparece Johanna Van Hagen, esposa de Damião de Góis e explica os retratos de D. João III e D. Catarina, contando igualmente factos históricos sobre os reis, sobre o seu esposo e sobre o terramoto, relacionando o seu discurso com o poder religioso sobre o povo no século XVI.



Figura 54: Projeto «Disseram-mo por muito certo...», uma visita encenada ao Museu de S. Roque. Na mudança de século, através das peças expostas cronologicamente pelo museu, aparece Rosalda, uma criada da rainha, e a Marquesa das Fontes. As suas roupas são já do século XVII:



Figura 55: Projeto «Disseram-mo por muito certo...», uma visita encenada ao Museu de S. Roque. Na mudança de século, através das peças expostas cronologicamente pelo museu, Rosalda permanece em cena, surgindo uma outra marquesa, já com roupas do século XVIII. Esta explica a tapeçaria exposta, "A Oferenda de Agamemnon à Deusa Diana".



Figura 56: Visita encenada à Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves. Escritório. D. Eliza, empregada do Dr. Anastácio Gonçalves, recebe as crianças e concretiza a visita pela casa-museu



Figura 57: Visita encenada à Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves. Quarto. D. Eliza, empregada do Dr. Anastácio Gonçalves, acompanha as crianças na visita pela casa-museu.



Figura 58: Visita encenada à Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves. Sala de Jantar. D. Eliza, empregada do Dr. Anastácio Gonçalves, acompanha as crianças na visita pela casa-museu.



Figura 59: Visita encenada à Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves. Atelier, piso superior. D. Eliza, empregada do Dr. Anastácio Gonçalves, acompanha as crianças na visita pela casa-museu.



Figura 60: Visita encenada à Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves. Atelier, piso superior. D. Eliza, empregada do Dr. Anastácio Gonçalves, acompanha as crianças na visita pela casa-museu e no conhecimento e compreensão das várias peças em exposição.



Figura 61: Visita encenada à Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves. Atelier, piso superior. As crianças exploram o espaço.



Figura 62: Visita encenada à Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves. Atelier, piso superior. As crianças exploram o espaço.



Figura 63: Visita encenada à Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves. Atelier, piso superior. As crianças exploram o espaço.



Figura 64: Visita encenada à Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves. Atelier, piso superior. As crianças conhecem de perto algumas das obras mais impressionantes, com a ajuda de D. Eliza.



Figura 65: Visita encenada à Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves. Atelier, piso superior. As crianças conhecem de perto algumas das obras mais impressionantes, com a ajuda de D. Eliza.



Figura 66: Visita encenada à Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves. Escadas de acesso ao corredor principal, onde se encontra a porta de casa. Momento final no qual, com a ajuda de D. Eliza, Dr. Tiago e das monitoras do ATL, as crianças fazem um apanhado de todos os conhecimentos que adquiriram durante a visita.



Figura 67: Visita encenada à Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves. Escadas de acesso ao corredor principal, onde se encontra a porta de casa. D. Eliza despede-se das crianças.

Figuras 50 a 67:

Imagens obtidas pela autora, através das visitas que realizou no âmbito da investigação para realização do presente trabalho.



Figura 68: Visita da Easy Dream, pela cidade de Lisboa. In:
<https://www.easydream.pt/portugal-tales-chiado-e-bairro-alto>



Figura 69: «Um dia de Primavera na Ribeira das Naus» (Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses). A “Pombinha”, uma falua que vinha do Seixal, com farinha e alunos das escolas.



Confeção e cozedura do biscoito

Figura 70: «Um dia de Primavera na Ribeira das Naus» (Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses). Banca de confeção e cozedura do biscoito.



Os pais de Fernão procurando o filho

Figura 71: «Um dia de Primavera na Ribeira das Naus» (Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses). Os pais de Fernão vieram de Coimbra para se despedir o filho (e perguntam às crianças se o viram).



Figura 72: «Um dia de Primavera na Ribeira das Naus» (Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses). Altura dos divertimentos.



Figura 73: «Um dia de Primavera na Ribeira das Naus» (Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses). Banca do mestre cartógrafo.

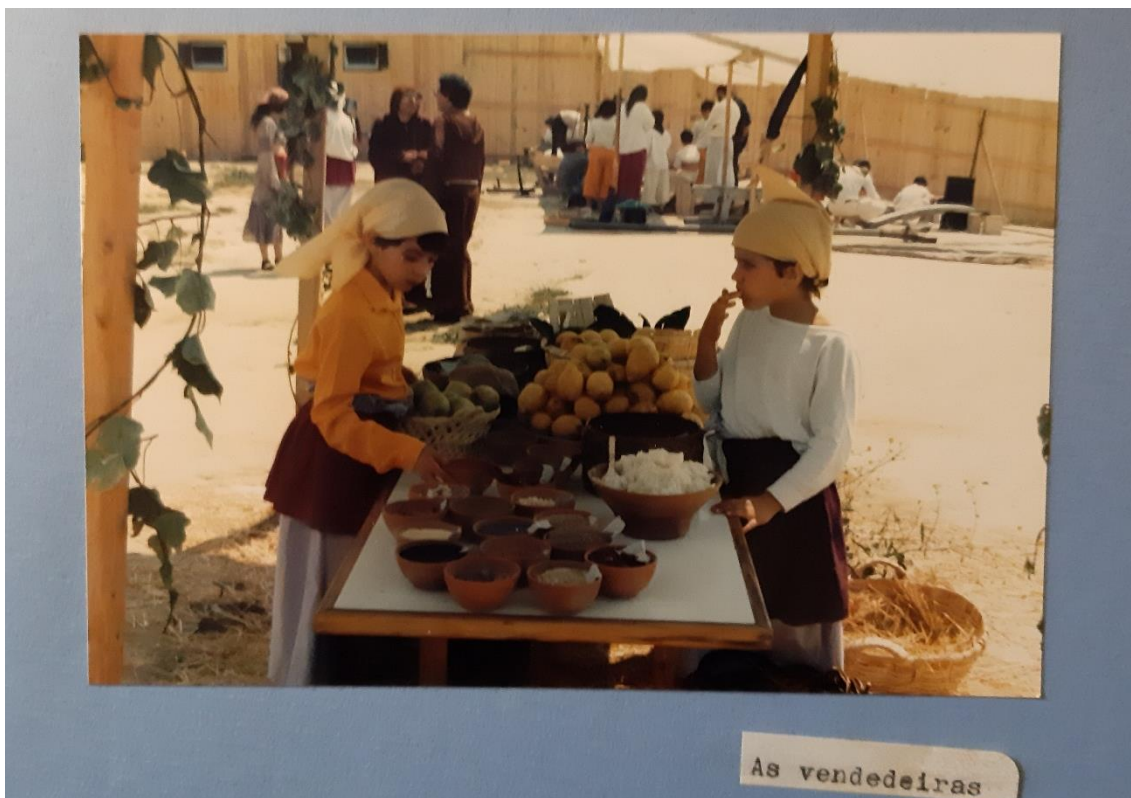


Figura 74: «Um dia de Primavera na Ribeira das Naus» (Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses). A meio da manhã, as cozinheiras cortavam e ofereciam chouriço e queijo.



Figura 75: «Um dia de Primavera na Ribeira das Naus» (Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses). Os marinheiros (as crianças) a bordo da “Pombinha”.



O desgosto da Mãe

Figura 76: «Um dia de Primavera na Ribeira das Naus» (Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses). A mãe despedindo-se de Fernão, pensando nos perigos da viagem.



Figura 77: «Um dia de Primavera na Ribeira das Naus» (Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses). As lavadeiras, tentando lavar as roupas.



Figura 78: «Um dia de Primavera na Ribeira das Naus» (Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses). Preparação da ceia (almoço).



Figura 79: «Um dia de Primavera na Ribeira das Naus» (Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses). Tratamento e processamento das Velas.



Figura 80: «Um dia de Primavera na Ribeira das Naus» (Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses). As biscoiteiras com a sua mestra (vê-se a banca e o forno de cozedura).

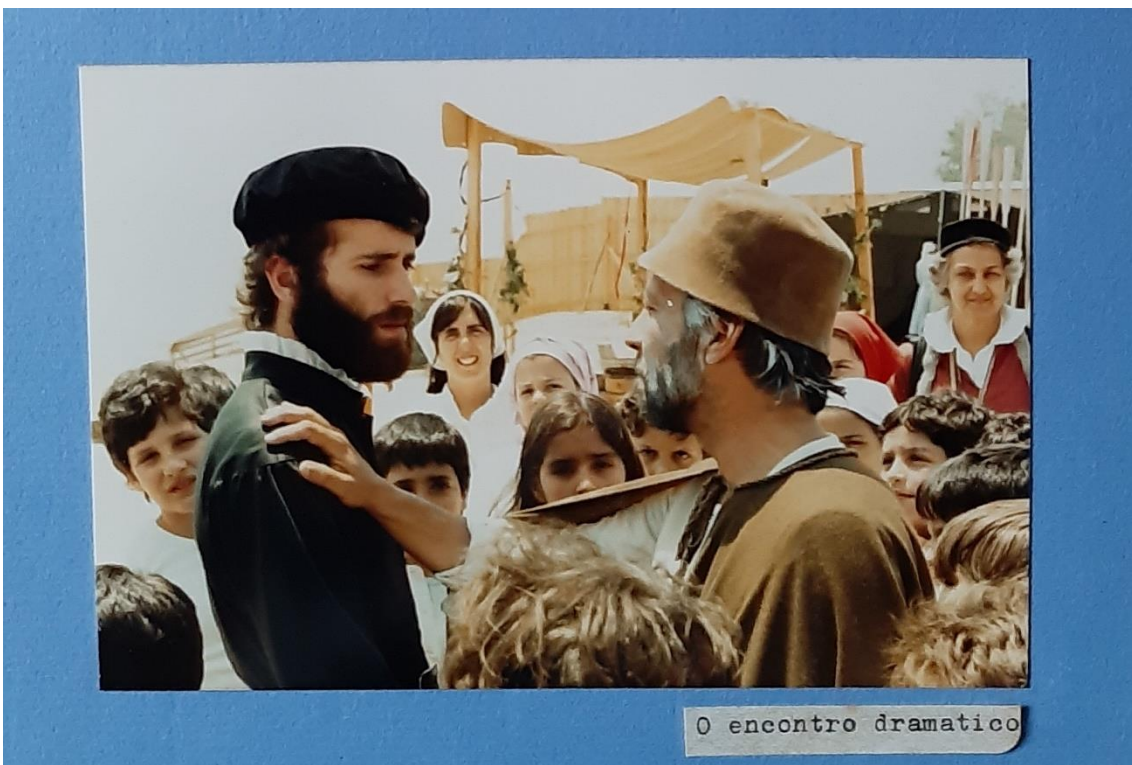


Figura 81: «Um dia de Primavera na Ribeira das Naus» (Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses). O pai despede-se de Fernão, recriminando-o pela sua viagem.



Figura 82: «Um dia de Primavera na Ribeira das Naus» (Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses). O público da ribeira assiste aos cómicos.



Figura 83: «Um dia de Primavera na Ribeira das Naus» (Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses). As crianças descarregando a farinha da "Pombinha".



Mestre cosmógrafo prepara os pilotos

Figura 84: «Um dia de Primavera na Ribeira das Naus» (Grupo de Trabalho). Mestre cosmógrafo com a sua maleta dos mapas prepara os pilotos, indicando-lhes a rota.



A Fala do Provedor no início dos trabalhos

Figura 85: «Um dia de Primavera na Ribeira das Naus» (Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses). Início dos trabalhos, a fala do provedor, dirigindo os trabalhadores para os seus mestres.



Figura 86: «Um dia de Primavera na Ribeira das Naus» (Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses). Os frades de serviço.



Figura 87: «Um dia de Primavera na Ribeira das Naus» (Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses). Os pais de Fernão desgostosos.



A calafetagem e a pintura dos barcos

Figura 88: «Um dia de Primavera na Ribeira das Naus» (Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses). A calafetagem e pintura dos barcos.



Recreação da Ribeira das Naus na Esc. Prep. da Galiza

Figura 89: Recriação da Ribeira das Naus na Escola Preparatória da Galiza, Oeiras.

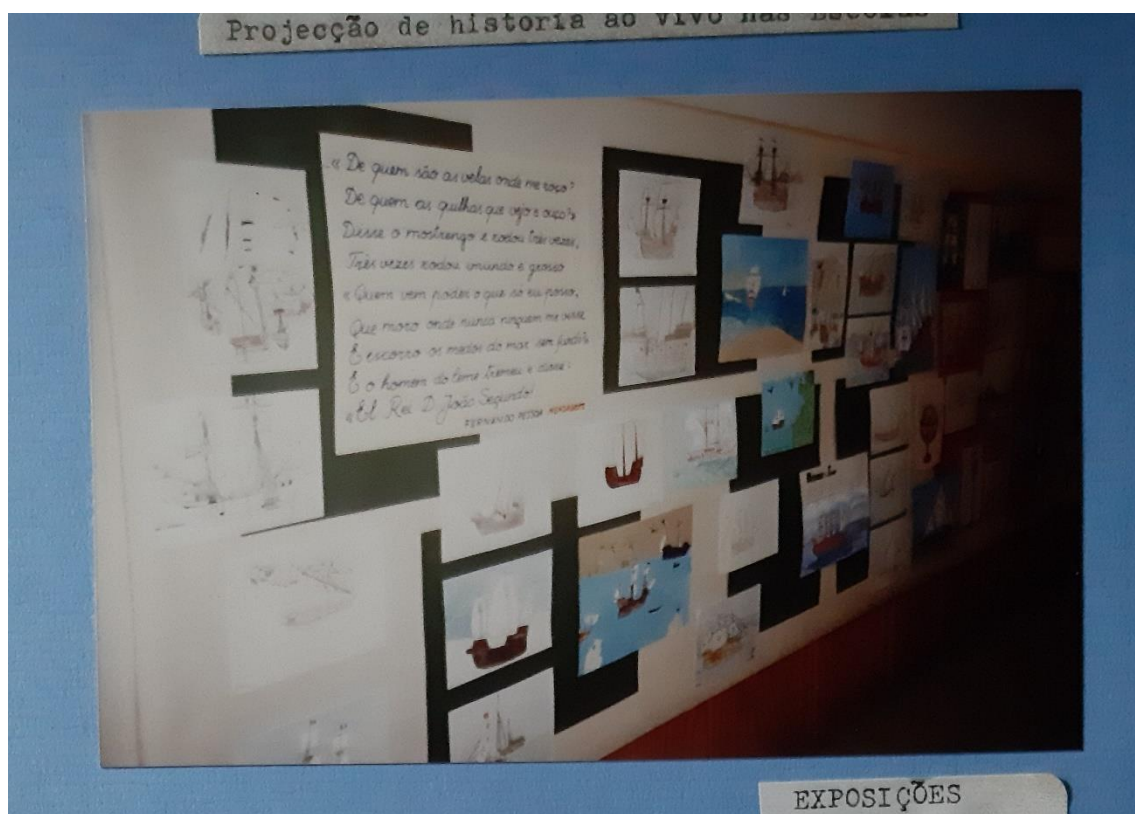


Figura 90: Documentação realizada pelos alunos da Escola Preparatória da Galiza, Oeiras,

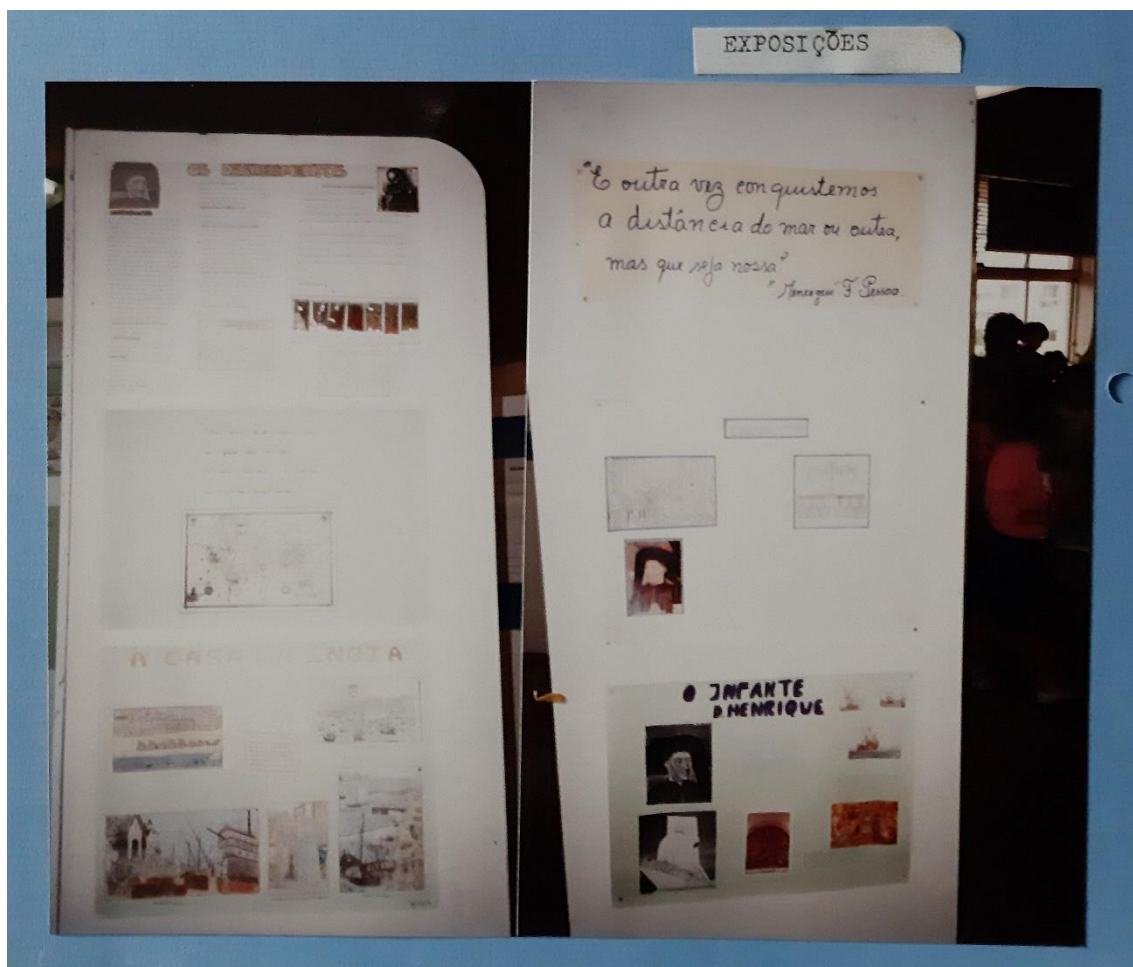


Figura 91: Documentação realizada pelos alunos da Escola Preparatória da Galiza, Oeiras,



Figura 92: «Casamento de D. João I e D. Filipa de Lencastre», na Casa Guerra Junqueiro, no Porto (Museu da Quinta da Macieirinha). Relato sobre investigação prévia.



Figura 93: «Casamento de D. João I e D. Filipa de Lencastre», na Casa Guerra Junqueiro, no Porto (Museu da Quinta da Macieirinha). Formação de professores para futuras ações – exercícios de descontração.



Figura 94: «Casamento de D. João I e D. Filipa de Lencastre», na Casa Guerra Junqueiro, no Porto (Museu da Quinta da Macieirinha). Relato sobre investigação prévia.



Figura 95: «Casamento de D. João I e D. Filipa de Lencastre», na Casa Guerra Junqueiro, no Porto (Museu da Quinta da Macieirinha). Formação e preparação de professores sobre a época em questão, século XV.

Figuras 69 a 95:

Imagens cedidas por Paula Bárcia, diretamente do seu arquivo pessoal.

9.2. Anexo Documental

Documento 1: <i>Skansen</i>.....	224
Documento 2: «<i>Um dia no Palácio Azurara</i>» - <i>Notícias</i>.....	230
Documento 3: «<i>Oficina Medieval</i>» - <i>Notícias</i>.....	241
Documento 4: <i>Museu de Setúbal</i> - «<i>O Curioso de Setúbal</i>».....	244
Documento 5: <i>História ao Vivo – Museu de Setúbal</i>.....	251
Documento 6: <i>APOM</i> - «<i>E outra vez conquistemos a distância</i>».....	256
Documento 7: <i>Maleta Pedagógica</i>.....	298
Documento 8: <i>Feira Medieval de Espinho – Notícias</i>.....	309
Documento 9: <i>História ao Vivo em Palmela - Projeto e notícias</i>.....	318
Documento 10: <i>Escola Superior de Educação de Portalegre: comunicação</i>.....	338
Documento 11: <i>APOM – Ações de Formação</i>.....	342
Documento 12: <i>Projeto de História ao Vivo na Ribeira das Naus 1989 – Notícias</i>.....	360
Documento 13: <i>Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses</i>.....	372
Documento 14: <i>Relatório de Atividades do Grupo de Trabalho</i>.....	391
Documento 15: <i>Relatório final de 1991</i>.....	406
Documento 16: <i>História ao Vivo no Funchal</i>.....	410
Documento 17: <i>Projeto História ao Vivo – Escola de Montemor-o-Novo</i>.....	413
Documento 18: <i>História ao Vivo - Escola da Portela</i>.....	416
Documento 19: <i>Projeto de História ao Vivo em Cascais</i>.....	417

Documento 20: <i>Projeto de História ao Vivo - Palácio Nacional de Sintra</i>.....	423
Documento 21: <i>Museu da Farmácia - Ateliers Educativas</i>.....	425
Documento 22: <i>Projeto de Visitas Encenadas no Palácio Marquês de Pombal (2019)</i>.....	433
Documento 23: <i>“Memórias Revisitadas” - projeto de visitas encenadas, no Palácio Foz (2019)</i>.....	434
Documento 24: <i>“Disseram-mo por muito certo...” - Projeto de visitas encenadas no Museu de S. Roque (2019)</i>.....	435
Documento 25: <i>Peça de teatro “Cândido ou o Optimismo”, com lugar no Palácio Marquês de Pombal</i>.....	436
Documento 26: <i>Documentos diversos de projetos de História ao Vivo</i>.....	437
Documento 27: <i>“As Naus de Verde Pinho”, peça de teatro que tem lugar no Mosteiro dos Jerónimos</i>.....	449
Documento 28: <i>Programa de visitas do Palácio Marquês de Pombal (2016-2017)</i>.....	452
Documento 29: <i>Encontros Imaginários</i>.....	473
Documento 30: <i>«Viagens Históricas – Projeto de História Viva»</i>.....	477

Documento 1

Skansen

Seis páginas do site de Skansen: O primeiro «open air folk museum» do mundo, em Estocolmo, aberto ao público desde 1891, onde ainda hoje se recorre a História Viva para ilustrar tempos passados, conforme era possível consultar site (In: <http://www.skansen.se/> - 2009) e é possível consultar no presente documento, retirado do Apêndice documental da dissertação de Mestrado: COELHO, Raquel da Assunção Bernardo Alves, *História Viva. A Recriação Histórica como Veículo de Divulgação do Património Histórico e Artístico Nacional (1986-2009). Conceitos e Práticas.*, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2009.



Skansen est le premier musée en plein air au monde et représente la Suède en miniature. Ici on peut aller à pied du village lapon au nord jusqu'à la ferme de Scanie dans le sud. Skansen a été fondé en 1891 par l'ethnographe Artur Hazelius. Le site est rapidement devenu très apprécié. Nous retrouvons ici la Suède représentée par 160 maisons et fermes de tous les coins du pays et de toutes les époques. Il y a des animaux domestiques et sauvages de la faune suédoise. On peut également se balader dans le beau parc, se restaurer, assister à des spectacles de danse folklorique et à des concerts, regarder travailler les artisans et acheter des produits de qualité dans les boutiques et ateliers.

Skansen est ouvert tous les jours de l'année excepté la veille de Noël.

Pour tous renseignements concernant les horaires d'ouverture et le planning de nos événements, référez-vous au calendrier sur la page anglophone.

Pour aller à Skansen

Skansen se situe à Djurgården, à Stockholm. Vous pouvez vous y rendre en bus par les lignes 44 et 47. Il y a également un ferry qui vous y amène de Slussen. Durant l'été, un ferry part aussi de Nybroplan.

Certains week-ends, un tram va de Norrmalmstorg à Skansen. Djurgården est interdit aux voitures au printemps et pendant l'été du vendredi 18h au dimanche 16h. N'oubliez pas qu'il est difficile de trouver des places de parking à Djurgården.

Funiculaire

Pendant certaines périodes de l'année, le funiculaire part d'une des entrées – Hazeliusporten (La Porte d'Hazelius) – jusqu'en haut de la colline où se situe Skansen. Pour plus d'informations, référez-vous au calendrier sur la page anglophone.

Pour les enfants à Skansen

Un petit train part de Bollnästorget et fait le tour guidé de Skansen. Au mini-Skansen se trouve un manège et une piste de voitures automatique. Le parc d'attraction Galejan se situe dans la partie inférieure de Skansen. Ces attractions sont surtout ouvertes pendant l'été.

Les chiens ne sont pas admis

Les seuls chiens admis à Skansen sont les chiens d'aveugles.

Maisons et fermes



On trouve à Skansen quelques 160 maisons et fermes, amenées là des quatre coins de la Suède. La plupart datent du XVIII^e, du XIX^e et du XX^e siècle.



Leur décor illustre comment vivaient, habitaient et travaillaient des personnes de différents milieux. Des hôtes en costumes d'époque vous accueillent, prêts à vous évoquer la vie d'autrefois dans la demeure que vous visitez. En décembre commencent les préparatifs et décorations de Noël.

Pour plus de renseignement concernant les horaires d'ouverture, référez-vous au calendrier sur la page anglophone.



Le quartier urbain

Le quartier urbain de Skansen donne une idée de l'aspect d'une ville suédoise entre le 18^{ème} et 20^{ème} siècle. Ses bâtiments viennent pour la plupart du quartier sud de Stockholm. Ateliers et logements se côtoient. On trouve ici une épicerie, une boulangerie, un atelier de soufflerie, une poterie, une usine de travaux en bois, un atelier d'imprimeur, un tôlier et d'autres petites boutiques.



La ferme d'Älvros

La ferme d'Älvros vient du nord de la Suède et se compose en plusieurs bâtiments. Cette maison accueille les visiteurs toute l'année où on peut s'installer auprès de la cheminée en écoutant l'hôte qui explique comment le travail était partagé à la ferme, comment on filait du fil de laine, séchait le fromage, pourquoi on dormait presque assis et comment les enfants s'amusaient avec leurs simples jouets.



La ferme de Delsbo

La ferme de Delsbo appartenait à un grand terrain aisé d'agriculture dans la province de Dalécarlie. Les deux maisons d'habitation sont décorées avec des peintures et de la menuiserie. A l'intérieur vous trouverez également de belles décorations peintes à la main.

La ferme de Delsbo est ouverte aux visiteurs durant l'été ainsi qu'à Noël où la maison principale propose le repas traditionnel de fête.



Le manoir de Skogholm et ses jardins

Le manoir de Skogholm est un bel exemple du style gustavien. Ici vivait une famille noble : dans les ailes se trouvent la cuisine, les chambres d'amis, la bibliothèque ainsi que le jardin d'époque qui est toujours entretenu. Il est complété par des petits parcs à la française et à l'anglaise aussi bien qu'un potager.



L'église de Seglora

L'église la plus populaire de la Suède pour se marier est située à Skansen. Construite entièrement en bois, l'église de Seglora date de 1729. Elle a été transportée à Skansen en 1916. Elle sert aussi de cadre à des baptêmes et des premières communions. La tribune de l'orgue d'origine est préservée, joliment décorée.



L'étable d'été

En été, on amenait le bétail aux pâturages d'été. Dans les champs se trouvaient des étables d'été où les laitières pouvaient habiter jusqu'en octobre lorsqu'il fallait rentrer pour l'hiver. Leur travail consistait en la production de beurre et de fromage. Vous pouvez visiter une de ces étables avec son chalet à feu à Skansen, entourée par les vaches et les moutons rustiques, comme à l'époque.



Au pays des Saamis

« Samevistet » illustre comment les autochtones du nord de la Suède, les Saamis, vivent et travaillent dans un contexte historique et social.



Le parc zoologique

Toute la faune scandinave est représentée dans le parc zoologique de Skansen. Vous trouverez ici des loups, des lynx, le glouton, l'ours brun, l'élan, la chouette lapon, l'aigle-chouette, le bison, le renard roux, des sangliers, des loutres, des phoques, etc. Il y a également des représentants ovins, caprins, porcins et bovins...



L'agriculture et l'élevage de races

Tous les animaux existant dans les fermes du passé sont également représentés à Skansen. Ici vous trouverez les poulets « fleuris » (blommehöns), les porcs « de Linde-röd », les oies et les canards, des poulets, des chevaux et des vaches, des moutons et des chèvres. À Skansen on travaille activement pour préserver les races menacées.



L'ours brun

Les ours bruns sont les plus grands prédateurs en Suède et peuvent peser jusqu'à 350 kg. Ils se nourrissent principalement des baies et des plantes maïs, avant l'hiver, le goût pour la viande se réveille. L'ours est en hibernation jusqu'au printemps. La femelle fait naître des oursons tous les deux ou trois ans. Les ours de Skansen vivent dans la Montagne des Ours, où ils sont mélangés à une souche de renards rouges.



Le loup

Le loup est un animal social qui vit en troupeau. Ils ont peur des hommes et il est rare de les voir lorsqu'ils vivent en liberté. L'introduction des loups à Skansen fait partie d'un accord de coopération afin de maintenir un troupeau sain et d'améliorer les conditions et d'informer les gens sur la façon de vivre et le comportement du loup.



Lynx

Le lynx est l'unique félin sauvage en Suède. Il pèse entre 15 et 30 kilos. Il s'agit d'un des chasseurs qualifiés et bien adaptés à la vie dans une forêt d'hiver, avec ses larges et douces pattes qui agissent comme des « raquettes ».



Le glouton

Le glouton est le plus grand animal de la famille de la belette en Suède et peut peser jusqu'à 30 kg. Il vit des proies qu'il chasse et de celles qu'il peut voler aux autres prédateurs. Le glouton est protégé en Suède, il n'en reste plus qu'une centaine.



L'élan

L'élan est le roi de la forêt en Suède. Il est le plus gros mammifère suédois et un mâle peut peser 700 kg. Pratiquement exterminé au 18^e siècle, l'élan est aujourd'hui très présent dans les forêts suédoises.



Le renne

Le renne est depuis toujours le bétail Saami. À Skansen, on les retrouve à « Samevis-tet » afin de donner une image de la façon dont vivaient les Saamis dans le nord de la Suède.



Phoque gris

Le phoque gris est le plus grand de sa famille et vit dans les eaux scandinaves. Il peut mesurer près de 3 mètres de long et peser 300 kilos. Il se nourrit de tous types de poisson. En Suède, on trouve les phoques à Kattegat, dans la mer Baltique ainsi que dans le golfe de Botnie.

Vivarium de Skansen

Au vivarium de Skansen vous trouverez des animaux exotiques – des araignées, des crocodiles, des chauves-souris, le rat nu, des singes nains, des lémurins et des perroquets, les babouins et autres animaux passionnants. Son entrée est payante.

Événements



A Skansen, il se passe tout le temps quelque chose. Toutes les grandes fêtes sont célébrées selon les traditions avec différentes activités dans les maisons et les fermes. L'été est la haute saison, à commencer par les célébrations de la Fête nationale le 6 juin. Ensuite, il est temps pour la St Jean, fêtée selon les coutumes avec les danses traditionnelles à Skansen. Le programme estival comprend de nombreux concerts, soirées de danse et des activités pour les petits et pour les grands.



L'automne amène la récolte au programme. À la fin du mois de Septembre s'installe le marché d'automne annuel. L'année à Skansen se termine avec le grand marché de Noël, qui tombe pendant les dimanches d'Avent. Pour plus d'information, référez-vous au calendrier sur la page anglophone.



Walpurgis

Après un long et sombre hiver, Walpurgis est célébrée à l'aide de grands feux, d'un discours adressé au printemps et des chœurs d'étudiants chantant des chansons printanières. La Walpurgis tombe le 30 avril et cette tradition a été retrouvée jusqu'au 14^{ème} siècle.



La fête de St. Jean

A Skansen, la St Jean se fête pendant trois jours. C'est le week-end de l'année qui attire le plus de visiteurs. Tout le monde veut participer à la danse, préparer le mât fleuri et danser avec l'équipe de danse traditionnelle de Skansen. Le soir, il y a également un orchestre qui joue.



Concerts d'été

Durant l'été il y a des divers types de concerts sur la scène Solliden, dans l'église de Seglora et sur la piste de danse de Galejan. Parmi les invités se trouvent des artistes nationaux et internationaux, des enregistrements TV, des animations pour les enfants et bien plus encore.



La saison de Noël

Noël attire toujours beaucoup de monde à Skansen. Ne manquez pas le marché de Noël avec toutes ses bonnes choses pour le repas de Noël, l'artisanat dans les maisons et les fermes, la musique et l'ambiance de Noël. Vous pourrez assister aux repas et aux autres traditions de Noël dans les petites maisons et fermes.



Sainte Lucie

La Sainte Lucie est une curieuse tradition suédoise, empruntée de la Sainte-Lucie sicilienne affublée d'une couronne de lustres. Elle est accompagnée d'une procession des filles et garçons dans la nuit d'hiver suédoise. A Skansen, la Sainte Lucie est célébrée avec la procession allant à la scène Solliden le 13 décembre.

La Saint-Sylvestre

Skansen est le meilleur endroit où se trouver si vous voulez voir les feux d'artifice dans toute la ville à minuit. De Solliden, on a vue sur toute la ville. D'ici est également retransmise en direct la lecture du poème « La cloche du nouvel An » de Alfred Tennyson à la télévision, qui suit le décompte à minuit.



Aliments et boissons



Plusieurs cafés et restaurants existent à Skansen. Certains d'entre eux sont installés dans d'anciennes maisons protégées et d'autres sont à côté de la place de Solliden avec une merveilleuse vue sur Stockholm. Tous les restaurants et cafés sont ouverts en été.



Le Gubbhyllan

Depuis le 19^{ème} siècle, Gubbhyllan a servi de restaurant. Ici se trouvent également le musée du tabac et des allumettes.



Café Petissan

Le vieux café des étudiants - Petissan (nom familial du Petit Café) se trouve dans le quartier urbain et possède une jolie cour, qui offre une pause apaisante pendant les mois d'été. Ici, nous servons du café, du thé, du chocolat, des jus de fruits, des sandwiches et des pâtisseries.



Restaurant Stora Gungan (La Grande Balançoire)

A l'extérieur du hall supérieur d'escalators se situe le restaurant Stora Gungan. Ce restaurant est décoré tel un restaurant de la fin du 19^{ème} siècle et sert des repas inspirés du terroir suédois, du café et des pâtisseries maison.



Restaurant Solliden et sa salle de banquet

Un restaurant classique à côté de la scène Solliden, joliment meublé avec une vue fantastique sur Stockholm. Profitez du buffet traditionnel suédois avec des classiques tels que le hareng, le saumon, « la tentation de Jansson », les boulettes de viande etc.



Restaurant Tre Byttor (Trois Beurriers)

Découvrez un restaurant du 18^{ème} siècle. Il est situé dans le même bâtiment que le restaurant Solliden et le café Ekorren (Café l'Écureuil). Tre Byttor est un restaurant d'été qui sert un menu inspiré du terroir suédois.



Le restaurant à Bollnåstorget (la Place de Bollnäs)

Une simple petite cantine en libre-service à Bollnåstorget avec des tables et des bancs en plein air qui sert du café, des gaufres et des saucisses.



Balderslunden (Le Bosquet de Balder)

Un café en plein air à côté de la tour Bredablick et mini-Skansen. Balderslunden sert des sandwiches, des pâtisseries, des boissons et crèmes glacées. Il est uniquement ouvert l'été.



Café Ekorren (Café l'Écureuil)

Une lumineuse et agréable cantine en libre-service pour toute la famille dans le même bâtiment que le restaurant Solliden. Ici il y a la place pour les poussettes et le menu est adapté aux goûts des enfants avec des crêpes et des boulettes de viande. En été, la grande terrasse est ouverte. Le restaurant est ouvert toute l'année.



Les filles Helin & Voltaire dans la mine de Scanie

Ici sont servis des sandwiches, des menus de midi et des pâtisseries. Pendant l'hiver vous pouvez vous installer à côté de la confortable cheminée. Ensuite en été, ils ouvrent la terrasse avec vue sur la baie de Djurgården. Le café est situé dans mine de Scanie, Rosendalsvägen 14.

Le café de Wallin

Le café de Wallin est un café en plein air qui se situe à Galejan. Ici, nous servons des plats légers, du café, des boissons, de la bière et du vin. Vous trouverez également de la crème glacée et des bonbons. Au cours de l'été, Café Wallin reste ouvert jusqu'à la dernière danse.

Boutiques et points de vente



La Boutique du Musée

La boutique du musée se situe juste devant l'entrée principale. Vous trouverez ici les métiers d'art et d'artisanat, le nouveau design, les souvenirs de Skansen, de l'artisanat textile, du verre soufflé à la main et des céramiques, des cadeaux, des livres, des CD, des cartes postales et des guides en différentes langues.



Le magasin dispose également de marchandises vendues nulle part ailleurs à Stockholm, par exemple, la céramique, des verres et de la broderie avec des modèles de maisons et fermes à Skansen. Il y a une filiale de la boutique Skansen à « la Grange » sur Bollnåstorget.



Le chalet de garde

Vous trouverez ici des livres, des souvenirs, de cartes, des guides, des cartes postales et des bonbons. Les visiteurs trouvent les renseignements sur tout ce qui se passe à Skansen, et ici vous pouvez également obtenir de l'aide si vous désirez visiter une maison qui n'est pas ouverte. Le chalet de garde est ouvert toute l'année.



L'épicerie

Dans la petite épicerie du quartier urbain vous trouverez des pinceaux, des cônes de bonbons, du thé et autres petits objets qui pouvaient être vendus dans un magasin au milieu du 19^{ème} siècle.



La poterie

Ici on fabrique et vend des pots, des plats, des bols, des tasses et bien d'autres choses en grès. La poterie est ouverte durant l'été et pendant des journées artisanat.



La verrerie de Stockholm

A la boutique de la verrerie, vous pourrez acheter des verres et différents types de verres artistiques. Ils prennent également des commandes personnalisées – tout est produit dans l'atelier juste à côté.

Une spécialité de Stockholm est le verre craquelé de Skansen fabriqué depuis 1933.

La verrerie et son magasin sont ouverts presque toute l'année.



La boulangerie

La petite boulangerie du quartier urbain est appréciée pour ses petits pains à la cannelle. Ici vous pouvez observer le boulanger en action et choisir les gâteaux de myrtilles, des chaussons aux amandes, des petits pains, des gâteaux et des pavés de pain.

En plus de ces magasins il existe également les étals du marché à Bollnåstorget, qui est ouvert pendant la saison, le marché de Noël et Björnboden, qui vend des souvenirs à la Montagne de l'Ours. Dans le quartier, il y a une quincaillerie et une petite boutique des années trente.

Swedish handicraft and
world class design.
Visit the Skansen museum shop
or shop online at
www.skansenbutik.se



Documento 2

«Um dia no Palácio Azurara» - Notícias

Recolha de notícias do «Diário de Notícias»; «O Século»; «Correio da Manhã» e «Diário Popular» que divulgaram e presenciaram com entusiasmo a ação de História ao Vivo *Um dia no Palácio Azurara*, apresentada na exposição «História ao Vivo», no Palácio Galveias, levada a cabo pela responsável pelo Serviço Educativo da Fundação Ricardo Espírito Santo e Silva (F.R.E.S.S.) - Margarida de Lancastre, sob proposta de Manuela Mota, em Maio de 1987. Esta documentação foi conseguida através do levantamento de Raquel Alves Coelho em 2009, presente no Apêndice Documental da sua Dissertação de Mestrado: COELHO, Raquel da Assunção Bernardo Alves, *História Viva. A Recriação Histórica como Veículo de Divulgação do Património Histórico e Artístico Nacional (1986-2009). Conceitos e Práticas.*, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2009.



DN 24-30/5

**esta
Semana**

Um dia no Palácio Azurara

A Associação Portuguesa de Museologia, em conjunto com a Fundação Ricardo Espírito Santo Silva, realiza, de 25 a 30 de Maio, uma semana de actividade cultural e educativa, segundo um modelo iniciado em Suffolk, Inglaterra, em 1980.

O projecto, que terá lugar no Palácio Azurara — actual Museu da Fundação Ricardo Espírito Santo Silva — contará com

a participação das escolas da zona, contemplando uma faixa de crianças com idades compreendidas entre os 9 e os 13 anos.

As escolas e a comunidade local aderiram com entusiasmo ao projecto, declarando-se prontas a recriar o ambiente histórico de um dia vivído no Palácio Azurara durante uma semana, bem como um dia na rua em Maio de 1787.

Para esta festa de rua, a realizar na tarde de 30 de Maio, conta-se com a presença de cavalos e cavaleiros cedidos pela Guarda Nacional Republicana, um espectáculo de circo de rua pela Escola de Circo de Santa Catarina, Teatro de Fantoques, Evocação dos Pregões de Lisboa por crianças, danças populares, vendedeiras e vendedores ambulantes, terminando à noite com um espectáculo a cargo das Marionetas de São Lourenço.





O SÉCULO 27MAIO 87

Crianças

revivem história do palácio

O fidalgo e desembargador João António Salter de Mendonça postula-se à porta da sala número XII do seu palácio de Lisboa — mansão enorme, e luxuosa, erguida à ilharga da muralha ou cerca moura do Castelo de S. Jorge.

Lisboa amanheceu com sol e nuvens e a cena passa-se em Maio de 1787, com o reinado de D. Maria I. Foi ontem reproduzida como a seguir se conta, em atenção a centenas de crianças das escolas e com o fio de as levar a ver como era a vida num palácio do século XVIII, mais à puridade o Palácio Azurara, hoje sede da Fundação Ricardo Espírito Santo Silva (às Portas do Sol) onde as melhores oficinas da Europa estão a preservar ofícios e mistérios tradicionais portugueses.

O fidalgo, dono do palácio, visconde de Azurara, é alto, amorenado, elegante. Pelo que se sabe, é culto e severo, poucas palavras. Está a fazer o seu papel um jovem aluno do Conservatório Nacional, vestido a rigor. Tem casaca bordada a ouro, colete idem, calção fino, arrematado com meias de cidão branco, sapatos alivados pretos. Cabelo branco, frizado na cabeça firme e aliva. De um bolso, chapado na casaca, tira uma caixinha de rapé. Cheira: espirra. Entra na quadra, mobilada a estilo, forrada a veludos e tapeçarias, o barbeiro-mestre Vicência. «Bom dia a Vossa Senhoria, Senhor Desembargador.»

Logo após dele, dois pequenos ajudantes, em hábitos de

época. Trazem, solícitos, bacia, pincel, navalha e pedra de amolar. São alunos de escolas da capital. Durante semanas a fio, com mais uns trinta colegas, andaram a ensaiar este inédito e belo entreacto histórico que faz reviver, com todo o esplendor, um quotidiano fidalgo da Lisboa pombalina do pós-terramoto. Noutras salas do palácio, à mesma hora de ontem, as crianças representavam, ao vivo, diferentes papéis, entre adultos vestidos de frades capuchinhos, confessores, mestres de armas, pagens, fidalgos de estirpe, criadagem menor, enfim: «recriar os acontecimentos no lugar onde eles se deram, trazer um local de volta à vida».



200 anos de história

O local para o regresso vivo à história, como já se viu, é o dito palácio de Azurara. O acto que também comemora os 200 anos da conclusão das obras de restauro efectuadas pelo seu primeiro proprietário, o tal fidalgo João Salter de Mendonça, após a derrocada provocada

Até sábado, cada dia de vida do palácio dará entrada em cena a 30 outras tantas crianças em idade escolar, entre os 9 e os 13 anos. Estão também envolvidos na «representação» vários organismos culturais da cidade, 30 alunos do Conservatório Nacional e alguns professores, a Associação Portuguesa de Museologia, o Centro de Arte e Comunicação Visual e a Câmara de Lisboa. Mais: o Centro de Estudos Judiciários, a Colectividade Cultural de Santa Catarina, a Escola de Circo, a Fundação Gulbenkian, a Guarda Nacional Republicana, o Instituto Britânico, o Museu dos Coches, o Museu da Marioneta, o Teatro da Ópera, o Museu do Traje, o Teatro da Graça, a Secretaria e Estado da Cultura, até uma mercearia, a União. A Fundação Ricardo Espírito Santo, essa, empenhou-se profundamente desde as instalações até à quase totalidade do seu pessoal técnico e dirigente, todos se encontram apostados em colaborar, tanto que a governanta do palácio (D. Margarida) é a secretária da direcção; a ela que ensina a bordar belos tapetes de Arraiolos a um grupo de donzelas, no pátio da mansão, é a mestre bordadeira da instituição.

As escolas que enviaram os miúdos para representarem as cenas que ontem começaram e cujos próximos capítulos terminam no sábado, frente ao palácio (com cavalos da GNR, cavaleiros, vendedores, hortaliçeiros, burros carregados de miúdos do século XVIII, pregões, fantoches, etc.) são a da Farsa



Plá, Voz do Operário, Contador-Mor e Casa de S. Vicente da Fora.

As escolas beneficentes são as de Lisboa, com grupos de alunos a irem ver o que ali se passa, ao encontro da História. Mais professores, claro.

Receber parente do Brasil

D. António Salter de Mendonça recebe o barbeiro com acrimónia e impaciência. É que reina, naquele dia, grande azáfama em todo o palácio: está a chegar do Brasil um primo considerado.

Os criados levantaram-se mais cedo, ainda escuro. Limpam metais, escovam fatos, engomam bordados e rendas, preparam refeições, tratam dos arreios. Outros, mais íntimos dos senhores, penteiam cabeleiras, barbeiam, ajudam nas joias. Na cozinha amassa-se pão, depenam-se galinhas, prepara-se sopa. Tudo segundo o livro de receitas de D. Maria I, em que as aves de criação são eleitas, logo depois enchidos, toucinho da salgadeira, caldo de carne de carneiro, sem falar nos doces. O palácio está activo e nervoso, mas a vida não deixa de fazer-se.

D. António prepara-se, sentando numa cadeira junto à janela, para ser barbeado. O barbeiro inquirir: «Voosa senhora dor-



miu bem?» D. António impacienta-se: «Sim, Vicente, mas despacha-te.» O fidalgo deixa cair o rosto para a bacia, esta assenta sobre o jabô de renda branca que assoma do petição. E oferece a barba ao mestre, com serena alvivez. Entretanto, já um aluno da escola (feito ajudante) pedira uma bacia de água ao laçao e outro alvara a navalha e fizera espuma.

D. António fica como novo. Para receber o primo do Brasil. Todo ele luz dignidade em sua cabeleira branca. Está bem disposto: foram acordá-lo como se fazia dentes, com pouco ruído. Vestiram-no a preceito. Faz as vagas abluções, com água e cheiros. O cabeleleiro amouche a cabeça com a cabeleira, previamente franzida com lenços quentes. Depois, cobriu-lhe

a cara com semente de espinafre para ficar branca, fina e etérea.

Agora, escanhado, vai ver se tudo está conforme para a visita fidalga que vem de Vera Cruz. Cenas como esta (donzelas e fidalgas a rezar frente a oratórios, criados na cozinha a acender lume ou a esquartejar carne, o vulto sombrio de um monge que passa a correr, o mestre de Francês, o pajem) estão a decorrer agora em todo o palácio.

O primo vai chegar, melido numa litera. Traz um papagaio e vem cheio de prendas: arcas, contadores, escravos negros.

Lisboa tem com que entreter-se. Naquela dia. □

Texto: Novalis Granada
Fotos: Abreu Moraes



O fidalgo Salter de Mendonça, já vestido e rigor como era no séc. XVIII, cheira rapé e vai mesmo espirrar



C.manhã 27/5/87

PALÁCIO

PALÁCIO

PALÁCIO AZURARA REVIVE DIAS DE GLÓRIA DO SÉC.XVIII



Atende a pedido da família, durante o Séc. XVIII, ao projecto de reconstituição do Palácio, a família que viveu lá.



Atende a pedido da família, durante o Séc. XVIII, ao projecto de reconstituição do Palácio, a família que viveu lá.

Numa cama de dossel, do século XVIII, um jovem do século XX boceja, espreguiça-se, abre um olho a custo e torna a fechá-lo. A sua volta, os irmãos, osaios, o camareiro e até o preceptor e o professor de Francês empenham-se na difícil tarefa de acordar o nobre dorminhoco, o peralta da família, amante da tola e das grandes notidades. E assim se acorda também a História adormecida.

Com este quadro se assistiu ontem, com efeito, ao despertar de mais um dia no Palácio Azurara, um dia de Maio de 1787, reconstituído em Maio de 1987, graças a uma iniciativa da Associação Portuguesa de Museologia em que colaboraram activamente a Fundação Ricardo Espírito Santo Silva e algumas escolas da zona.

Recriar, durante uma semana, o ambiente histórico de um dia vivido no Palácio Azurara, levando um grupo de jovens de idades compreendidas entre os 9 e os 13 anos e sentirem a História e não apenas a estuda-la, é um dos propósitos deste projecto cultural e educativo, que se prolonga até sábado, culminando com uma festa de rua reconstituindo também a ambiência do quotidiano lisboeta do século XVIII.

Projecto-piloto em Portugal, «Acordar a História Adormecida» segue um modelo iniciado numa escola inglesa de Suffolk, em 1980, e continuado depois no Brasil com enorme êxito.

«O principal objectivo desta iniciativa é abrir o museu à educação e à cultura, para que este não seja apenas um es-

paço morto, de exposição, e fazer simultaneamente com que os estudantes de História possam viver efectivamente a História, sentindo-se motivados pelo seu rico manancial de vivências e não apenas vagamente familiarizados com a abstracta memorização de datas e acontecimentos» — diz-nos Margarida de Lencastre, responsável pelo Serviço Cultural e Educativo da Fundação Ricardo Espírito Santo Silva, e uma das principais dinamizadoras desta semana cultural, juntamente com Margarida Serra.

Objectivos atingidos com resultados mais do que animadores foi no que se seguiu esta experiência, na opinião de Margarida de Lencastre, atenta secundada por nós, avaliando pelo que pudemos assistir ontem no-



quele Palácio e actual Museu da Fundação, adquirido e restaurado, após a derrocada que sofreu devido ao terramoto de 1755, pelo primeiro Visconde de Azurara, João António Sailer de Mendonça, faz agora precisamente 200 anos.

Entusiasmo e empenhamento profundo estiveram em evidência, na verdade, desde as 10 às 17 horas, através do espectacular desempenho — ou, mais propriamente, empenho — das perto de 60 pessoas (30 alunos da Escola Voz do Operário e outros 30 da Escola Superior de Teatro) que vestiram os trajes e a personalidade de outras tantas figuras que há dois séculos encheram de vida aquele palácio.

Vida restituída às paredes senhoriais de uma velha «casa» adornada no tempo, foi com efeito o que aquelas jovens conseguiram trazer, com êxito, ao Palácio Azurara, através de mil e uma pequenas tarefas cotidianas da família nobre daquela época.

«I senti const.

recia-nos Margarida de Lencastre, acompanhando-nos pelas inúmeras salas onde os jovens se ocupavam nas mais diversas tarefas. No papel de governanta, a sua atenção era permanentemente requerida: «Senhora» — dirigiu-se-lhe um pequeno pajem — «D. Francisca Luísa (prima de João Sailer de Mendonça) deseja escrever uma carta e precisa de tinta». Resposta pronta: «Ide depressa. Que esperais? Está na sala, ao lado da pena». E lá foi o pajem apressado. «Como vê» — retomamos a conversa — «isto não é representar mas viver».

Mais adiante, na cozinha, a azáfama era intensa nos preparativos para o almoço. Num outro canto, um grupo de jovens entreteinha-se na leitura de tapetes de Anais, no salão um serrafheiro ensinava os aprendizes, na sala...

franciscano rezava em latim as suas orações. Perante a nossa contínua passagem, indiscreta, D. Francisca Luísa comentava com a filha, D. Francisca Isabel: «Não compreendo esta casa hoje; está cheia de gente estranha. Peça a um criado para ver o que se passa».

A tarde, depois do almoço, o momento alto foi a chegada de um primo do Brasil. «É importante estabelecermos a relação com a História do Brasil» — explicou Margarida de Lencastre. Em face da chegada deste primo, o Palácio está em festa, segue-se um saraú de música, com cravo, flauta e violino, e canto.

Enfim, uma festa histórica graças a uma iniciativa que também se pode considerar histórica, pela entrega absoluta de dos os seus participantes. E foi, um destaque especial para professores que trabalham projecto desde Janeiro, e os de da Escola Voz do Operário, Casa Pia, Casa de S. te e Escola n.º 5 (Conte-v) que começaram a preparar há seis meses.

«I como antecedem e em desta semana, no Azurara a História se vive, porque as crianças despertam.

Texto: L.P.C.
re: Jorge Godinho





C.manhã 31 MAIO



LARGO DOSOLABRIU PORTAS
A UM DIA DE MAIO DE 1787

As janelas que espreitam sobre o Tejo, do alto do Largo das Portas do Sol, abriram-se na tarde de ontem sobre uma Lisboa diferente.

Na rua, a multidão apinhava-se buliçosa, mas sem pressa num ritmo distante e alheio ao que marca a cadência dos nossos dias. Velhos pregões de uma «Lisboa de outras eras», vendedeiras com cestinhos de flores, a voz esgançada dos fantoches em teatro de rua e os coches, as cantigas, o cheiro a castanhas assadas e a bolos, trouxeram àquele largo lisboeta a cor de um Maio florido noutros tempos. Ali, no Largo do Sol, as Portas ontem abriram-se sobre uma tarde de Maio, dia 30 precisamente, de 1787. E não foi alucinação colectiva.

Esta milagrosa viagem no tempo ficou com efeito a dever-se à Associação Portuguesa de Museologia que, conjuntamente com a Fundação Ricardo Espírito Santo Silva e algumas escolas da zona, se empenhou ao longo de uma semana, em «Acordar a História Adormecida», recordando assim toda a ambiência vivida na nossa capital no século XVIII tendo como fulcro o Palácio adquirido pelo primeiro Visconde de Azurara, João António Sotter de Mendonça, e restaurado, faz agora precisamente 200 anos, após a demolição provocada pelo terramoto de 1755.

O Palácio Azurara recordou pois durante uma semana, a vida intensa dos seus tempos áureos, graças à participação empenhada de um grupo de jovens, crianças e professores das Escolas Voz do Operário, Casa Pia, Casa de S. Vicente e Escola N.º 5 (Contador-Mor).

«Como trabalhos de escola, como trabalho educativo, como trabalhos viver a História, isto foi realmente uma experiência feliz», disse-nos Margarida de Lencastre responsável pelo Serviço Cultural e Educativo da Fundação, e uma das principais dinamizadoras desta iniciativa, que culminou ontem com uma festa de rua.

Pelas cinco da tarde no largo fronteiro ao palácio — actual Museu da Fundação Ricardo Espírito Santo Silva — e perante uma multidão fervilhante, agrupando-se aos magotes entre os fanfotes, a feira e os doces e as flores das vendedeiras, indiferente ao bulício, acabou de parar junto à entrada principal, um coche com os amigos da família Azurara. De imediato um dos criados abre as portas para dar passagem às damas ricamente ataviadas que se diri-



O teatro de fantoches prendeu a atenção de pequenos e grandes

giram logo para o Palácio.

Cá fora o bulício prossegue com os pregões das crianças vendedeiras «Pão de cáto quentinho próprio para manteiga, biscoitos, pão dos jesuítas, pastéis de nata e muitos outros, qualidade a vintém a dez reis, quem mais compra meus senhores? Quem merce espergos?»

Das janelas do Palácio, mantendo as devidas distâncias os nobres assistem interessados ao movimento, desceendo apenas para uma breve apreciação «in loco».

Enquanto na feira, se vende ao câmbio de 1 real-50500 ervas de cheiro afazendas, hortaliça, calças-surpresa, rebuçado, vantiolhas e ovos decorados. E assim pela tarde fora.

Molière também esteve presente, com a representação pelas 21 horas da sua peça «Médico à Força» logo seguida, pelas 22 horas de teatro de marionetas pelas marionetas de S.

Lourenço e ainda danças e castanets.

Um espectáculo de circo (pe Escola de Santa Catarina) também um dos pontos altos do programa durante a tarde arreada por «fres» e saltimbancos.

De destacar a presença do Centro de Observação da Acção Social da Graça (colectiv da St.ª Catarina) que ali levou um grupo de crianças com problemas de inserção social. «uma forma de enriquecer estas crianças nas actividades escolares desenvolvidas pelos outros e uma forma bastante positiva — segundo nos disse a animadora do grupo.

Positiva foi com certeza a experiência vivida ontem durante toda a semana no Palácio Azurara. Quatro escolas de Lisboa trouxeram a uma rua de capital a magia necessária para «Acordar a História Adormecida». Que amanhã em portas em mais escolas e mais ruas.





DP 28 / 5

Animar um museu morto é o objectivo das jornadas Acordar Adormecida, a decorrer até domingo no Museu da Fundação Espírito Santo, em Lisboa. Ontem à tarde realizou-se mais uma e o «DP» foi lá observar.

HISTÓRIA ADORMECIDA

ACORDAR

«**R**ECRIAR os acontecimentos do passado, no lugar onde eles de facto aconteceram, é trazer um local de volta à vida. Acontece normalmente que quando as crianças visitam um museu, este, embora mantendo uma aparência incorrupta, está morto. Quem dá vida às coisas são as pessoas. Aprender história, vivendo essa mesma história, com tudo o que ela envolve de conhecimentos práticos, políticos, morais, através dos gestos, das roupas, das palavras e dos hábitos, dos preconceitos, das ocupações, das hierarquias — é a possibilidade mágica de viver as coisas por dentro — e isso é o grande fascínio do saber.»

Com estas palavras de Margarida de Lancastre, responsável pelas actividades culturais e educativas da Fundação Ricardo Espírito Santo, começaram as jornadas intituladas Acordar a História Adormecida, a decorrer até domingo nas salas do museu daquela instituição, situada no Largo das Portas do



A chegada do «primeiro Sécuro», em pleno Largo das Portas

O levantar da cama, o barbear, o penteiar, a aula de piano e de francês, numa casa fidalga do reinado de D. Maria, estão, assim, a ser recriados, no Palácio Azuleiro, por vinte crianças de escolas da zona, entre os nove e os treze anos, vestidas à moda da época e desempenhando o papel de personagens do século XVIII a realizar tarefas que as integram no quotidiano da vida da casa.

A iniciativa, que o «DP» observou ontem ao vivo, é realizada quando se comemoram 200 anos sobre a conclusão das obras de restauro do palácio depois do terramoto de 1755, e pretende alertar de uma forma viva para a aprendizagem do ambiente social, arquitectura pombalina, topografia do bairro, trajes e hábitos das várias camadas sociais.



Tocar piano e falar francês. Também disso há no Palácio Azurara

Para animar o evento e a reconstituição há cavalos e cavaleiros cedidos pela Guarda Nacional Republicana, um espectáculo de circo, teatro de fantoches, evocação dos pregões de Lisboa por crianças, jogos infantis de rua, danças populares e vendedores ambulantes. Ontem, deu especialmente nas vistas a chegada do «primo do Brasil», que veio numa liteira transportada por lacaios, em certo percurso de rua, e até ao salão principal do palácio.

Desde segunda-feira que diversas turmas escolares se sucedem a reconstituir no palácio a vida oitocentista, todas acompanhadas dos professores que se integraram neste projecto desde há seis semanas.

Para animar estas jornadas históricas há, ainda, o concurso de alunos do Conservatório Nacional, que se juntaram aos jovens alunos das escolas da zona do palácio para confeccionarem as roupas que, na medida do possível, se basearam em vestuário dos próprios, sujeito evidentemente a adaptações.

Com este fim foram feitos desenhos simples, baseados nos usos da época, de forma a ensinar como com bocados de pano, lenços ou uma pequena adaptação das calças normais, se podem inventar trajes oitocentistas.

A iniciativa termina no fim da semana e será especialmente animada, nesse momento, pelos cavalos e cavaleiros cedidos pela GNR. Nesse altura é mais que certo que o Largo das Portas irá conhecer especial ani-

mação, fazendo acorrer a vizinhança do popular e vizinho bairro de Alfama.



Um momento passado por grupos de alunos do Palácio Nacional de Alfama



C MANHÃ 25 maio 1987

CRIANÇAS

FAZEM REVIVER O PALÁCIO AZURARA DURANTE TODA ESTA SEMANA

«Acordar a História adormecida» é a temática do projecto a realizar, a partir de hoje e até ao próximo sábado, no Palácio Azurara, actual Museu da Fundação Ricardo Espírito Santo Silva, e cuja organização pertence à Associação Portuguesa de Museologia.

Trata-se de uma iniciativa com a qual se pretende recriar os acontecimentos do passado no lugar onde eles de facto aconteceram, e aprender a História vivendo essa mesma História. Os personagens dessas momentos, que vão acontecer ao longo desta semana, são as crianças, mais concretamente as que frequentam as escolas da zona e que tenham entre 9 e 13 anos de idade.

Em foco, e assinalando os 200 anos da sua conclusão, vão estar as obras de restauro efectuadas por João Salter de Mendonça no Palácio Azurara, após o terramoto de 1755.

«Conta o reinado de D. Maria I. / Trinta anos antes, a cidade fora destruída pelo terramoto e o Marquês de Pombal erguera de novo a capital, refazendo segundo nova traça a zona ri-

berinha e a baixa lisboeta. Particulares refizeram os seus palácios ou compravam o que restava dos edifícios danificados para reconstruírem habitação / João António Salter de Mendonça adquiriu um palácio, as Portas do Sol, fazendo-lhe obras de restauro e devolveu-lhe a dignidade de habitação. Tinha chegado pouco antes do Brasil e instalava-se para aí residir, numa Lisboa fervilhante de gentes e de igrejas, onde as procissões, os sinos, os lanfios, os rebanhos de carneiros, as carruagens se moviam armados, barulhentos, numa infinidade de sons, cheiros e pregoes, a que ninguém punha cobro nem estranhava».

É precisamente este ambiente que os alunos das escolas da zona vão tentar recriar, a partir de hoje, dando assim por concluído um trabalho que têm vindo a desenvolver há já seis semanas, na companhia de professores também integrados no projecto. Com esta iniciativa, os docentes pretendem motivar as crianças, situando-as na época e incitando-as à pesquisa individual de novos dados atra-

vés de narrações orais de familiares ou pessoas que habitam a zona, com memórias de várias gerações, bem como através da investigação de textos ou objectos, e da confecção dos próprios trajes com base em documentos da época.

Portanto, a partir de hoje e até sábado, em cada dia entram em cena cerca de 30 alunos para se moverem num ambiente estruturado. Será assim: quinze adultos (profissionais ou amadores) formam a estrutura de uma, de modo a poderem encaminhar cada criança para as tarefas a desempenhar, como personagens do século XVIII. Deste modo, as crianças têm o seu papel rigorosamente definido, com objectivos a cumprir, desde o horário, conforme as tarefas, até a uma total integração na vida da casa. A acção começa pelo acordar os habitantes do Palácio e pelo desenrolar das tarefas habituais de cada um: o levantar da cama, o vestir, o barbear, o pentear, a confecção do pequeno-almoço e o tomá-lo, as orações, o trocar-se impressões com o confessor, as «or-

dens do dia», a «folheta», a moda, os enfeites, a cozinha, a confecção das refeições, o almoço, o pôr a mesa no salão da cozinha, a dança, a música, a esgrima e a aula de piano, a aula de francês, a chegada do primo do Brasil, a conversa na intimidade e o sarau.

Pretende-se, pois, recriar durante uma semana o ambiente histórico de um dia vivido no Palácio da Azurara.

A terminar esta semana, no sábado vai realizar-se a denominada «Festa de rua», em que participarão cavaleiros e cavaleiros cedidos pela Guarda Nacional Republicana. Durante esta festa haverá ainda um espectáculo de circo de rua, que a

Escola de Circo Santa Catarina vai executar; um teatro de fantoches; a evocação dos pregões de Lisboa por crianças; jogos de crianças na rua; danças e cantares, tudo isto enquanto lembranças e os vendedores ambulantes da época. A noite virá a culminar com um espectáculo de marionetas, a realizar pelas Marionetas de S. Lourenço.

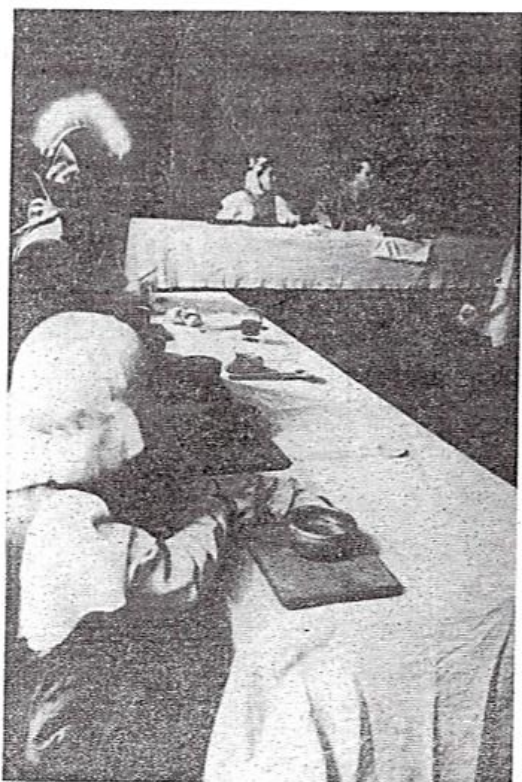
Documento 3

«Oficina Medieval» - Notícias

Em 1987, O Serviço Educativo dos Museus Municipais do Porto, aderem ao projeto História ao Vivo, com o apoio da APOM, recriando a chegada do rei D. João I ao Porto, em 1387, aquando do seu casamento com D. Filipa de Lencastre, chamando-lhe «Oficina Medieval». O «Primeiro de Janeiro» noticiou a ação a 29 de novembro, cobrindo duas páginas do Magazine com a descrição da animação e excertos da Crónica de Fernão Lopes. Esta documentação foi conseguida através do levantamento de Raquel Alves Coelho em 2009, presente no Apêndice Documental da sua Dissertação de Mestrado: COELHO, Raquel da Assunção Bernardo Alves, *História Viva. A Recriação Histórica como Veículo de Divulgação do Património Histórico e Artístico Nacional (1986-2009). Conceitos e Práticas.*, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2009.



O capelão da rainha espera no fundo da escadaria o cortejo



O casal real na mesa central saboreia a refeição na companhia do bispo e dos fidalgos que se sentam na mesa lateral

Oficina

QUASE no fim da Idade Média um acontecimento importante marcou a independência de Portugal, com a subida ao trono de D. João I, o fundador da Dinastia de Avis. A consolidação do poder deve-se em grande parte a Nun'Álvares Pereira que triunfa na Batalha de Aljubarrota.

D. João I casa em 2 de Fevereiro de 1387 com D. Filipa de Lencastre, filha do duque do mesmo nome.

São estes 600 anos volvidos sobre o casamento do rei que o Serviço Educativo dos Museus Municipais do Porto comemoraram com uma semana de reconstituição da chegada do rei ao Porto, montando na Rua de D. Hugo, 15 uma «Oficina Medieval» com sala de banquete, copa e cozinha.

Vinte anos depois da morte de D. João I entra-se na Idade Moderna, mas a reconstituição da vida do Mestre de Avis ao Porto é sempre um facto histórico que vale a pena lembrar.

A encenação do banquete medieval aproxima-se quanto possível do tempo histórico. O rei chega e é recebido pelo Bispo D. João, no Paço Episcopal. O cortejo desce as escadas do primeiro andar à frente do qual se apresenta um jogral a tocar adufe. Seguem-no os reis, os fidalgos, os pajens e escudeiros. Então, o bispo entrega os monarcas ao capelão da rainha que depois dirige o banquete.

Numa cozinha fabrica-se o pão, a sopa e o queijo. Dependurados na chaminé estão presuntos, salpicões e loureiro. Uma grande seta serve para lavar as tijelas onde é servida a sopa aos romeiros, sopa que os jornalistas comeram depois de envolverem a respectiva roupagem. Uns personagens amassam, outros cozem o saboroso pão, acolá faz-se o queijo, naquele canto arranja-se o lume.

É uma azáfama com criados e escudeiros a mexer-se, enquanto o casal real se senta na sala do banquete rodeado de fidalgos sentados em mesas laterais.

Na copa há pipas de vinho e medidas. Os escudeiros vestem calças, tabarda e capuz e nos pés calçam sapatos.

Os fidalgos trajam gibão e calças, e nos pés pontilhas.

Os romeiros vestem-se de crepe com capuz.

As cores e os tecidos estão de harmonia com a categoria social dos personagens. O branco, o vermelho e o preto são os tons dominantes.

A sopa dos romeiros é comida sem colher, chegando a verdura e o feijão à boca com a ajuda do pão.

Decorre o repasto quando o capelão da rainha entra na sala e diz ao rei se quer ver um coelho e uma galinha que o bispo de Braga tinha mandado. O rei acenou concordativamente com a cabeça. Nesse instante entram dois escudeiros com os animais. O rei sorri para a rainha. No decorrer da refeição o jogral conta histórias com que o rei se ri ligeiramente, como convém a um monarca.

Depois entra de novo em cena o confessor da rainha que lhe pergunta se ela quer ver o seu podengo. O cão, manso, recebeu então o seu olhar, após o que a dama se dirige de novo para a mesa lateral.

As ordens confundem-se no meio de todo aquele cerimonial da realeza.

— Já mataste o frango e esfolaste o coelho? O capelão anda numa roda viva para dirigir os trabalhos a preceito.

— Andai vilões, que se faz tarde!

Tem o rei o copo do vinho nos lábios quando o capelão surge de novo na porta da sala do banquete e lhe diz:

— Na Porta do Olival estão umas dezenas de javalis para Sua Mage-

tade caçar. Diz o enviado que espera por vós e pelos fidalgos que quiseris convidar.

O rei e a rainha levantam-se seguidos do cortejo enquanto os personagens que estão sentados, ao fundo da sala, se levantam e dizem em uníssono: «Mantenha-vos Deus, senhor».

Na Porta do Olival já não há javalis e, por isso, o rei não foi à caça!

A reconstituição do banquete do rei e da rainha com 40 personagens, alunos das escolas Preparatórias do Porto, mostrou como era o tempo medieval, já no período de transição para outra etapa da história. As cores, os trajos, os salpicões, tudo, enfim, apareceu ali em movimento.

D. João I fez a sua boda com D. Filipa de Lencastre em 1387, aqui no Porto, alojando-se a rainha nos Paços do Bispo, senhor da cidade, ficando el-rei no convento de S. Francisco.

Como el-rei chegou à cidade do Porto e foi recebido pelos do lugar

Fernão Lopes, «Guardador das Escrituras do Tombo», «Escrivão da Pandade», homem de talento, escritor grande e cronista a que se deve o relato dos grandes acontecimentos da História, escreveu assim na «Crónica de el-rei D. João»:

«Partiu el-rei de Coimbra para o Porto, que era dali dezoito léguas, cidade aonde nunca fora, nem a qualquer sítio donde pudesse avistá-la. Esta cidade está situada junto dum rio que chamam Douro, e nela se fazem muitas e boas naus, mais que em qualquer outro lugar do Reino. E muito profundo este rio, e corre mesmo no sopé da vila, de forma que dos bordos da nau põem prancha em terra

quando querem ir para dentro.

E os desta cidade, sabendo que el-rei havia de vir a ela, prepararam-se para o receber, dando ordem para que nesse dia ninguém trabalhasse. E ordenaram a recepção desta maneira:

Todas as naus que estavam no rio, muito cedo pela manhã foram embandeiradas e cobertas em certos lugares, onde cada qual achava melhor, com muitos ramos verdes. Os batéis delas andavam também todos enramados, com trombetas e penódes à popa e à proa, fornecidos de bons remadores, uns em camisas, outros vestidos de rosas, outros vestidos com libré de ramos e de flores, cada qual o melhor que se sabia arranjar.

As gentes da cidade, livres de toda a tristeza, com as novas e melhores vestes que cada um tinha, ferviam, andando, por toda a parte, esforçando-se cada qual por andar tão bem arranjado que ninguém tivesse nada a dizer. As ruas por onde ele havia de ir até os paços, onde havia de se hospedar, eram estradas de ramos e flores e plantas cheirosas, de maneira que do chão nada se via. As portas das casas destas ruas estavam todas abertas, enramadas de louro e de outros frescos ramos, alguns, pendentes dos sítios habituais, outros entretidos tão espessamente que não deixavam lugar que não ficasse todo coberto. Podiam-no bem fazer naquele tempo, que era o mês de Maio. E cada um esforçava-se por vencer o seu vizinho no arranjo do portal e do sobrado, fazendo e pondo às portas tantos e nobres cheiros que bem podiam afugentar qualquer mau ar corrupto.

Das janelas estendiam panos e mantas e outras peças de roupa que enfeitavam muito as ruas, pelas quais andavam cer-

(Continua na pág. seguinte)



Escudeiros e romeiros comem a sopa na cozinha

A medieval

(Continuado da pág. anterior)

tos homens com especial encargo de mandar afastar ou corrigir toda a coisa sobreja ou mingua da que pudesse estorvar a sua boa ordem e arranjo. As janelas das casas estavam todas ocupadas com formosas donas e mulheres de outra condição, com grande amor e desejo de o verem, arranjadas de tal arte que a fealdade e o mau parecer não se atravessavam naquele dia a entrar na cidade.

Em certos lugares havia bandos de mulheres que cantavam muitas cantigas; e coidas armadas para trapacearem homens que os sabiam fazer, quando el-rei chegasse. A mestrelaria e a muita outra gente estavam encomendadas danças e outras espécies de jogos, em que andavam velhos e mancebos todos com leda vontade. As mulheres também no seu bando fizeram muitas peças muito bem preparadas, as quais acompanhavam com muitas cantigas, umas feitas em louvor de el-rei, e outras acostumadas. E não somente as de condição mediana, mas muitas das melhores da cidade andavam com elas por honra da festa.

A porta por onde el-rei havia de vir estavam muitos cidadãos vestidos de gala com guarnições de ouro e prata, e muito outro povo, com a insígnia da cidade, uns com varas nas mãos para regarem as joças quando el-rei chegasse, outros para irem na sua companhia até os paços onde se havia de hospedar.

Com não menor intenção de o receber honradamente se preparou com sua clerezia o ilustre D. João, bispo da cidade, solene e ricamente vestido em pontifical, e os que iam com ele igualmente vestidos com os melhores trajes de festa.

E estando todos assim aguardando cada um em seu lugar, apareceu a gente de el-rei da parte de além de Gaia, por

onde ele havia de vir. Os batéis que andavam sulcando o rio foram logo ali muito depressa com grandes apupos e tanger de trombetas, mostrando grande alegria, e entre eles um grande e formoso batel ricamente arranjado e toldado, no qual el-rei havia de passar.

Quando el-rei entrou com esses fidalgos e da outra gente tanta quanta pôde entrar naquele e nos outros batéis, começaram todos a vogar ao longo do rio, o de el-rei à frente, muito embandeirado, e os outros atrás, coisa que dava grande prazer de ver. E à porta de Miragaia, onde o estavam esperando, como dizemos, saiu el-rei em terra por uma larga e espaçosa prancha.

Ali o beijar da mão e o

e por ela nos pomos em vosso poder e vos fazemos prelo e menagem de vos servir com os corpos e haveres até das vidas por honra do Reino e vosso serviço.

El-rei, enquanto ele disse isto, segurou e haste com as mãos e respondeu que ele estava também pronto a dar a vida e o corpo por honra do Reino e defesa deles e que os tinha por bons e leais e lhes faria muitas mercês quando lhes requeressem.

Então começaram a reger suas danças e jogos, nos quais muito amêda e em alta e clara voz bradavam: — Viva el-rei D. João Vival!

El-rei ia muito lentamente pela cidade, nem podia ser doutro modo, porque a gente era tanta

rosas e outras flores, e milho, e trigo, e outras cousas. Muitas delas, comovidas com esta festa e recebimento, regavam suas formosas caras com doces e aprazíveis lágrimas.

E assim foi el-rei levado com este prazer e alegria, aos paços onde havia de se hospedar, e as gentes tornaram-se festivamente, cada qual para suas casas.

O Porto no século XIV

Recolha de textos da autoria do Prof. José Matoso — «Identificação de um país».

«O Porto apareceu-nos assim no séc. XIV como um Município dependente de um senhoria parti-



O cortejo real desce a escadaria para se dirigir à sala de banquetes. À frente o jogral toca adufe para alertar os circunstantes.



O bispo do Porto recebe no fundo da escadaria o rei D. João I e a rainha D. Filipa de Lancastre

«mantenha-vos Deus, senhor» eram tantos que a cada um não chegava a vez de cumprir o seu desejo. Depois de um bom espaço em que se demoraram nisto, falou um cidadão, disto encarregado, e disse:

— Senhor, tomai esta insígnia nas vossas mãos

por todas as ruas para o verem que parecia que se queriam afogar. E as donas que estavam as janelas falavam em altas vozes que o mantivesse Deus muitos anos e bons e que muita fosse sua vida e boa, e outras tais palavras. E, dizendo isto, deitavam de cima muitas

cular (do bispo), no meio de uma zona muito populosa e dinâmica em que impera o regime senhorial, com todas as características da vida urbana:

«São nas cidades há ordens mendicantes, confrarias ou cabidos de cônegos seculares, só aí há escolas e mercados

permanentes, judiarias ou mourarias, banhos públicos e prostituição, ruas de mercadores especializados em certos produtos e divisão do trabalho artesanal, cambistas, almocreves e regateiros, forjas e fornos de telha ou cerâmica. Só aí se encontram nomes como Julião, Tomé ou Barliolomeu. Só aí se conhecem os pontos cardiais para marcação de confrontações. Só à volta se desenvolvem as culturas hortícolas e se especializa a plantação da vinha. Aí se encontra a mão-de-obra assalariada e o trabalho artesanal, ali se aglomeram os pobres, pedintes e marginais. Mesmo quando há muitos quintais, hortas, alminhas e ferragens no meio do tecido urbano, quando os mercadores e mestrelaria investem na terra quando a divisão do trabalho é pequena, quando os assalariados continuam a ser pagos em gêneros, quando os esquemas de autoconsumo sustentam uma economia paralela à do mercado, a cidade é um mundo diferente,

onde o tempo tem outro significado e os ritmos sazonais provocam menos alterações do que no campo. Na cidade, as estruturas do parentesco estabelecem laços menos rígidos, ou são substituídas por solidariedades artificiais como as das confrarias e associações do gênero das universidades, a mentalidade mágica convive com a racionalidade, os privilégios e exceções como os dos fidalgos estabelecem-se, os pesos e medidas uniformizam-se, a moeda calcula-se em função de um padrão universal, os sistemas de câmbio e financiamento aperfeiçoam-se, o controlo da escrita está presente em todas as relações sociais e económicas». Face a estas prerrogativas da vida urbana, recordemos as da vida rural, meio envolvente da cidade do Porto:

«O mundo rural é o espaço da sujeição às mutações climáticas e sazonais, dos ritmos cósmicos, das frágeis proteções sacrais, ou das solidariedades colectivas contra os anos maus e as chuvas demasiado tardias que apodrecem os frutos, ou contra as secas incompreensíveis e as geadas ou granizos que destroem as plantas. Por isso, é necessária a solidariedade de parentes numerosos, e, pelo menos nas regiões de habitat aglomerado, a criação de oligarquias cujos membros se protegem uns aos outros, se associam para construir e explorar moinhos, lagares e azenhas, ou armazenar as sementes, sem as quais não haverá colheitas no ano seguinte, organizar a defesa e os abastecimentos, guardar os rebanhos, cuidar do touro reprodutor, proteger os parentes menos favorecidos pela sorte, preparar as festas, manter a justiça.

A dureza do trabalho

inspira a criação de estímulos e processos competitivos nas malhadas, na ceifa e na cava, e a fragilidade das estruturas produtivas obriga a transmitir de geração em geração os hábitos e técnicas de eficácia provada para a melhoria da produção, a conservação dos alimentos, a matança do porco, a confecção do queijo, ou a poda das vinhas, a arte de jogar ao pau, ou de construir as cabanas e medas de palha, as armadilhas dos coelhos e os enxovais das noivas.

Como de tudo isso depende a fecundidade, que os caprichos da natureza tornam tão incerta e tão preciosa, é necessário multiplicar o ritual, com os seus gestos meio lúdicos, meio sagrados, onde se misturam a arte, a sabedoria e a crença numa eficácia independente de causas racionais. Por isso, mesmo quando chegam da cidade os pregadores mendicantes com ideias novas, quando existem mosteiros nas proximidades, ou quando aparece o bispo para visitar o párcou, ou ainda quando este sobrecarrega as freguesias com dízmios e cõngruas, os chefes de família não perdem por completo a sua autoridade quase sagrada, as mulheres continuam a transmitir entre si o segredo das rezas, mezinhas e encantamentos. O subtil equilíbrio entre o prescrito e a prática resulta de uma inexprimível conjugação de provérbios de sentido contrário, nos quais se condensa a sabedoria transmitida oralmente à cerca de tudo o que interessa ao homem do campo, desde a sexualidade ao trabalho, dos ritmos cósmicos às tarefas agrícolas, da autoridade ao jogo. Aqui a experiência pessoal pouco conta, o indivíduo apaga-se perante o grupo e a única forma de escapar é a emigração».



Na cozinha, enquanto os escudeiros levam a comida aos reis, a criadagem e osromeiros comem a sopa

Documento 4

Museu de Setúbal - «O Curioso de Setúbal»

Em 1988, o Museu de Setúbal desenvolve um dos primeiros projetos de História ao Vivo: O castelo de S. Filipe depois da reconquista, tendo sido editados no jornal do Museu diversos artigos relacionados com o desenvolvimento da ação em «O Curioso de Setúbal» de 1 de dezembro de 1987 e de 6 de maio de 1988. Esta documentação foi conseguida através do levantamento de Raquel Alves Coelho em 2009, presente no Apêndice Documental da sua Dissertação de Mestrado: COELHO, Raquel da Assunção Bernardo Alves, *História Viva. A Recriação Histórica como Veículo de Divulgação do Património Histórico e Artístico Nacional (1986-2009). Conceitos e Práticas.*, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2009.

QUADRO CRONOLÓGICO

- 1578 – Batalha de Alcañices-Quilbr – Morte de D. Sebastião.
1580 – Cortes de Almeirim. António Prior do Crato é entusiasmado, aclamado Rei em Setúbal. O exército castelhano, submete a população e sujeita-a a duras penas.
1581 – Em capítulo das Cortes de Tomar, Filipe II de Espanha é aclamado Rei de Portugal, jurando respeitar as condições da União Dinástica.
1582 – Filipe II está em Setúbal. Provedença a defesa da vila e seu porto de mar. Filipe Terceiro e encarregue de construir a fortaleza de S. Filipe.
1583 – Início da construção da fortaleza de S. Filipe, obra concluída por Leonardo Furrero cerca de 1600.
1598 – Reinado de Filipe III de Espanha.
1619 – A Câmara de Setúbal distribui armamento e munições pelos comandantes do Terço auxiliar d'Ordemanças.
1620 – Mudança radical na política Castelhana face a Portugal, que tende a apagar os privilégios do reino e a conduzir a unificação institucional. A Câmara de Setúbal procede ao recrutamento para as armadas, cumprindo ordens do governo para fortificar Setúbal, pondo a vila em estado de defesa.
1621 – Reinado de Filipe IV de Espanha.
1630 – Intensificação da opressão filipina sobre a população setubalense, provocada pelo alojamento, na vila de Setúbal, de uma outra "companhia do Terço da Armada".
1637 – Molins populares no Almeirim.
1640 – Queixas da Câmara de Setúbal, devido aos pesados impostos lançados pelo governo – imposto em dinheiro e gêneros.
1 de Dezembro – Aclamação de D. João IV como Rei de Portugal.
8 de Dezembro – Rendição do forte de Sant'Iago do Oulito.
14 de Dezembro – Rendição da fortaleza de S. Filipe.

ALGUNS ASPECTOS DO QUOTIDIANO

ALIMENTAÇÃO. O que se comia?

Os setubalenses do século XVII, alimentavam-se, sobretudo, do pescado do Sado, alguma carne, fritos e legumes dos pomares e hortas de Setúbal. Frutas, maçãs, peras com cascas e carvadas, porcas codornas, ameias rãs, ameias brancas e sardinhãs, albacorques, damascos, romãs, marmelos e melão.
Outros gêneros: carne de porco, lavas, trigo, pepino, rãzão, alface, cebola, couves merceanas, couves trouxadas e abóbora.

O que se bebia?

Bebia-se vinho da lavoura de Palmela, e vinho de Setúbal, de produção diminuída.



NOVO JUIZ DA ALFÂNDEGA DE SETÚBAL TOMA POSSE

Setúbal, 6 de maio de 1625

Relembro-se hoje o acto solene da tomada de posse do novo Juiz da Alfândega, Manuel Sardinha, cavaleiro fidalgo da casa de El-Rei D. Filipe.

Manuel Sardinha, vai ocupar o lugar vago por João Sardinha, Habito da Ordem de Nossa Senhora Jesus Cristo, por já passar quinze anos que serve de Juiz, e ser idoso, e ainda por suas indisposições, não poder continuar com o

exercício do dito ofício.
A posse foi dada pelo Provedor da Comarca, Damião Silva, de acordo com o mandado do Conselho de Estado, constante no traslado do alvará de nomeação, enviado à comarca desta vila.
A cerimónia começou com as figuras mais importantes de Setúbal, e na presença das quais, Manuel Sardinha jurou sobre os Santos Evangelhos cumprir e em tudo servir sua Magestade.
Alfândega de Lisboa, códice 28
Volume 3.

AGUARDEM A PROXIMA PUBLICAÇÃO, EM FEVEREIRO

O CURIOSO DE SETÚBAL

EDIÇÃO: MUSEU DE SETÚBAL / CONVENTO DE JESUS (CMS) - 1 DE DEZEMBRO DE 1987

UMA VIAGEM À SETÚBAL NOS SÉCULOS XVI/XVII

"O que escrevi, por espaço de cerca de meio século, a par de investigações trabalhosas nos arquivos, bibliotecas e milhares de livros, papéis e manuscritos, fê-lo mais, por um entranhado amor à minha terra".

Com base neste trabalho e com maior alegria e satisfação que vos tentarei contar a história desta gente laboriosa e corajosa, que fez a Setúbal do século XVII.



ALMEIDA CARVALHO

Nasci no ano de 1817, em Setúbal, na freguesia de S. Sebastião.

A minha meninice e adolescência decorreu em casa de meus avós, tendo muito cedo iniciado as primeiras letras, ensinadas por uma mestra "carancuda, prodígia em palmaris e o generoso em caridades", que me tornou

difícil a aprendizagem, por esta razão, passei a frequentar a aula de instrução primária, dirigida por D. Diogo José Godinho, o qual se limitou a ensinar-me a ler, escrever e contar.
 Aos 14 anos, frequentei a aula de Gramática Latina e Latimidade, sendo-me vedada a carreira de militar, que eu tanto desejava e a qual meu pai sempre se opôs – tal posição, era justificada pela necessidade de eu assumir o cargo de escrivão da Correcção da Comarca de Setúbal. Continuei a crescer, estudando sempre, e cedo, por concurso, fui admitido na carreira de Taquígrafo, no Palácio das Cortes.

Casé e tive três filhos, que alguns desposos me trouxeram, com a morte prematura de dois deles.
 Entretanto, sempre interessado por assuntos de carácter político, económico e administrativo, fui estudando obras divulgadas da Jurisprudência.

Assim, consegui, após estágio em escritório de advogado, ser autorizado a exercer advocacia.
 Tornei-me jornalista, escrevendo artigos para vários jornais, como "A Revolução de Setembro", e como membro do Partido Regenerador, fundei, com alguns amigos, o jornal "O Setubalense", cujo primeiro numero saiu a 1 de Junho de 1855.

Eleito em 1860 Procurador da Junta Geral do Distrito, como representante dos Concelhos de Setúbal, procurei sempre lutar pelos interesses da terra em que nasci.
 Em 1863, com o meu amigo Dr. Garcia Perez, fundamos a Sociedade Arqueológica Lusitana e, em 1878, fui nomeado Director Geral da Câmara dos Páris, até que, cansado de tantos anos de lutas, e alto até de atenções por razões políticas, pedi a minha aposentação, a qual me foi concedida.

Ao longo de toda a minha vida, tentei escrever a História de Setúbal, procurando documentar-me em Arquivos, em especial no Arquivo Histórico da Torre do Tombo e no Arquivo da Câmara Municipal de Setúbal. (1)

(1) Este Arquivo arquivou a documentação da República, em 1910 – perdendo-se um dos mais valiosos fundos documentais da História local.

O trabalho aqui publicado é resultado da pesquisa realizada no Arquivo Distrital de Setúbal – Fundo Almeida Carvalho, e Arquivos da Alfândega e Historico Militar em Lisboa.

DA BATALHA DE ALCÁCER QUBIR (1578) À PERDA DA INDEPENDÊNCIA (1581)

Com a Batalha de Alcácer-Quibir em 1578, e a morte de D. Sebastião, vivem-se em Portugal momentos de agravo, com o caminho aberto à união das duas coroas — Portugal e Castela.

Em Portugal, a nobreza e o clero "abrem-se à união", pretendendo com esta, o reforço financeiro do Estado.

Só assim se percebe o porquê da entrada do exército castelhano em terras portuguesas e o fortalecimento dos castelhanos no aparelho de Estado, correndo com António Prior do Crato, enquanto tanto já aclamado Rei de Portugal, em algumas terras, nomeadamente Setúbal.

PLANTA DA VILA DE SETUBAL NOS FINAIS DO SÉC. XVI

A vila amuralhada é atravessada por grandes ruas ainda hoje subsistentes: R. Arnonches, Junqueira, R. Paula Borba e Alvaro Castêlhos, R. António Girão e R. Augusto Cairdoso.

Bem marcado o largo da Ribeira Velha, a Rua de Santa Catarina e a Rua Direita da Guarda.

Fora das muralhas trecentistas, destaque para o arrabalde de Troiro, com o seu traçado rectilinear, com saída para o Viso, igualmente assinalada. Para o oriente, é notório o traço desenvolvimento do arrabalde de Palmás/Fonainhas.

As entradas para a Gámbia e Alentejo aparecem representadas, estando assinalado o convento de S. João, no início desta.



PLANTA DO CASTELO

FORTALEZA DE S. FILIPE

Em 1582, Filipe II, já aclamado Rei de Portugal, em Capitul das Cortes de Tomar visita Setúbal.

Da sua comitiva faziam parte não só elementos da nobreza e clero, como artistas, arquitectos e engenheiros. Desistiu para os dois irmãos de grande nomeada, todos os construtores de fortalezas: Capelo Giacomo Frattino e o engenheiro militar Filipe Terzi, um deles lra lra, nessa ocasião a mais antiga planta conhecida de Setúbal.

O objecto da execução desta planta, foi o estudo do reforço da defesa do porto de Setúbal, concluindo-se, ser necessário construir uma nova fortaleza — a de S. Filipe. O desenho desta, coube ao já mencionado engenheiro militar Filipe Terzi (que a projectou entre 1581/83). Este engenheiro e substituído, após a sua morte, por Leonardo Turrano, que da obra por concluída cerca de 1600.

A OCUPAÇÃO CASTELHANANA 1581 - 1640

Durante a governação Filipina são constantes os ataques e abusos infligidos a toda a população, nomeadamente a setubalense que é sujeita a várias e pesadas tributações:

- Várias posturas obrigando os moradores de Setúbal a fazer novas obras ou de reparação, custeando-as;
- Tributações várias como os impostos sobre o sal, pesca e navegação.

Os abusos do poder são constantes, provocando desordens, queixas e desavenças devido também ao "abotamento" das tropas castelhanas nas casas dos setubalenses, não só sujeitavam as famílias a encargos, como não cumpriam o pagamento da renda.

Tudo isto aliado à hostilidade setubalense para com os castelhanos, alimentou o ódio "adormecido" que despontou quando a conjuntura o propiciou.

A RESTAURAÇÃO 1640

GOLPE PALACIANO REORGANIZAÇÃO DO PODER

A 1 de Dezembro, uma organização conspirativa de nobres, letrados e fidalgos que sabe poder contar com a adesão popular, restaura a independência, com um golpe de mão no palácio real, restituindo o trono a quem de direito — o Duque de Bragança, que é aclamado Rei de Portugal — e "restaurando o estado a forma anterior a tirania" (V.M. Godinho).

Esta é o momento crítico num processo de longa duração que resulta da viragem estrutural desencadeada a partir de 1621, e que passou entretanto pelas alterações de Évora, Trás-os-Montes e Algarve (desencadeadas em 1637).

Em Setúbal João Gomes da Silva, capitão-mor e Governador das armas, e encarregue de proceder à aclamação do Duque de Bragança, D. João IV como Rei de Portugal, comunicando a sua missão a todos os nobres e alcaides locais, já prontos a manifestarem a sua adesão à revolução.

O povo enche as ruas e praças de Setúbal, numa euforia, aguardando o primeiro aceno para manifestar os votos a causa nacionalista.

João Gomes da Silva a frente dos oficiais e soldados do Terço de Setúbal e segundo das autoridades locais (Procurador do Concelho — Francisco de Matos e Vereadores Luísa de Láz, Velho e Luis Preto), faz a aclamação de D. João IV, no edifício da Câmara, e daqui partem em cortiços principais ruas da vila, até à Igreja Matriz.

Enquanto isto, Setúbal achava-se ainda guarnecida pelos corpos do exército castelhano, que, receosos das consequências, se haviam recolhido às fortalezas.

SABIA QUE...

Setúbal nos finais do século XVI, contava com 7 500 almas, em quatro freguesias, não incluindo os estrangeiros, mercadores ou oficiais de mercados, que eram muitos.

Portugal estava despovoado, faltando gente no Reino (para a milícia, lavoura e navegação). Muita gente tinha saído de Portugal, e por toda a Castela Velha e Estremadura, os mais dos oficiais eram naturais de Portugal.

As primeiras providências do novo governo relativas a fortificações foram tomadas a 8 de Dezembro de 1640. Consideradas importantes — Cascais, Lisboa, Setúbal e Peniche, era necessário desalojadas do poder usurador.

Era urgente, pois, em Setúbal, submeter as fortalezas — de S. Filipe, porque dominava a povoação e a de São Tiago do Quilão porque senhorava a entrada do porto. Ambas bem guarnecidas de tropas, munições e outros apetrechos de guerra, pelo anterior receio de ataque da armada francesa.

A via em si, ao contrário, achava-se carecida de recursos necessários.

O cerco por terra e mar à Fortaleza de S. Tiago do Ouro é desencadeado a 8 de Dezembro de 1640, entregando-se na pessoa do seu castelão — D. José de Victoria, no dia 10.

Rendida que foi esta, apertou-se o cerco à Fortaleza de S. Filipe, cujo castelão - D. Afonso de Castilho - rendeu-se no dia 14 de Dezembro, sendo de imediato hasteadas a bandeira portuguesa.

Passado este primeiro momento de rebelião e restauração, procedeu-se em Setúbal à semelhança do resto do Reino, à substituição dos castelhanos por portugueses nos diversos cargos evitando-se relações. Tomaram-se também medidas de precaução para que os soldados castelhanos aliçados nas fortalezas, fossem transferidos para outros lugares, onde servissem sem dar cuidado, e se preenchessem estes lugares com soldados portugueses. No ano seguinte, 1641, procedeu-se a reorganização do exército, das companhias do Terço e milícias, pois "continuavam os povos com receio dumma próxima invasão", e a 15 de Março, ordenou-se a fortificação de Setúbal, (cuja execução pertenceu a João Gillo), com o objectivo de prover a construção dos baluartes defensivos precisando a longa guerra com Castela.

A DEFESA DO TERRITÓRIO

Data do remado de D. Sebastião a criação dos Corpos Militares de Ordenanças ou 3.ª linha – que eram constituídos por divididos em Companhias, em cujas fileiras se alistavam todos os homens dos 15 aos 60 anos de idade D. João IV, depois de aclamado Rei de Portugal, criou o sistema de defesa militar de Ordenança.

As províncias foram divididas em Comarcas cada uma tendo o seu Governador, Sargento-Mor e dois ajudantes.

A População Masculina foi recensada, constituindo a tropa de primeira linha ou corpos de soldados pagos, os filhos segundatos, os filhos de vivas e os casados constituíam em

cada Comarca um Terço, chamado dos Auxiliares. O Comandante ou Capitão do Terço, era escolhido de entre pessoas nobres e mais influentes da Comarca, os Sargentos-Mor e ajudantes eram Cabalotes e Alcaides de vila, escolhidos para adotar os milicianos nos exercícios militares.

Estes Corpos eram encarregues de acudir em caso de guerra, as fronteiras, recebendo então pão e soldo.

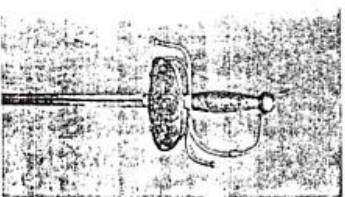
Finalmente, existiam as Companhias d'Ordenança, constituídas por homens idosos e que serviam em casos extremos para guarnição das praças.

O ARMAMENTO

O prenúncio da guerra com alguns Estados Europeus e a tensão existente entre a população Setúbalense em 1619, obrigam a Câmara a ordenar a distribuição de armamentos e munições pelos Comandantes das 10 Companhias do Terço auxiliar d'Ordenanças. Como as armas não eram em número suficiente, decidiu-se distribuí-las por todas as milícias que não possuíssem qualquer arma.

Segue a lista das pessoas a quem foram distribuídas armas:

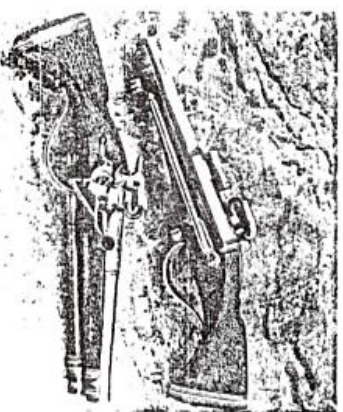
- Capitão Miguel Serião – Recebeu 20 Mosquetes, 20 arcabuzes com foscos e polvorinos
- Capitão Juan Figueira de Chaves – Recebeu 20 Mosquetes, 20 arcabuzes com foscos e polvorinos
- Capitão Jeronymo Godinho de Sousa – Recebeu 20 Mosquetes, 20 arcabuzes com foscos e polvorinos
- Capitão Diogo Lopes de Madureira – Recebeu 20 Mosquetes, 20 arcabuzes com foscos e polvorinos



POLVORINHO para guardar pólvora fina, século XVII. Cat. da XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura, P.130, Lisboa 1983.



ESPADAS DE MEIAS-TIGELAS do século XVII. Espada do fidalgo português das Guerras da Restauração. Cat. XVII Exposição, P.58, Lisboa 1983.



PISTOLAS DE FIODA – Fiais do séc. XVI. Far de Pistolas de bolso portuguesas do Arsenal de Lisboa, de tamanho pequeno, inferiormente embudidas a prata e equipadas com lombo de roda exterior Deduz-se o presente par ter sido mandado executar, talvez para o rei D. Sebastião, uma delas (aia) a vareta e a outra, a mira. Catálogo da XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura, P.138, Lisboa 1983.

QUEM É QUEM NA ADMINISTRAÇÃO LOCAL

Em 1619, o Corregedor de Almada era também Ouvidor de Setúbal e verificava as obras e suas necessidades, ocupando esse cargo em 1640, o Dr. Luiz da Cunha.

O Alcaide-Mor da vila era D. Álvaro d'Alencastre, Duque de Aveiro, a quem a população pagava Dízimo do pescado mudo.

Assim, em 1640:

O Castelhão ou General do Castelo de S. Filipe, era o escanhol D. Álvaro de Castilho tal como o Castelhão do Fortaleza do Cutilo (Odon), era D. José de Victoria.

Um e outro são substituídos e o Capitão-Mor e Governador das Armas da vila de Setúbal, João Gomes da Silva, é empossado por D. João IV.

CÂMARA, Vereadores: Luziano de Liz Velho e Luiz Preto de Retoredo.

Outros Vereadores: Ruy Dias da Cunha, Miguel Pedro de Vasconcelos e Jorge Falcão de Sousa.

Procurador do Conceito: Francisco de Matos.

Juiz de Fora, Licenciado Sebastião da Mota.

Provedor da Tabola Real ou Juiz (em 1633): Francisco Rebelo Rodovalho.

Escrito da Tabola (em 1625): Manuel Valente Vilas-Boss.

Prior-Mor do Convento de Palmela (1.ª ordem de Santia-

go) – Quando da Adamação de D. João IV, D. Diogo Lobo (que se encontrava em Espanha).

Em 1622, Setúbal confirma dentro da vila cerca de 3.000 vizinhos e no termo apenas 28, sendo o total de 3.028.

Em Setúbal, durante o verão, empregavam-se nos trabalhos das Marinhais cerca de três a quatro mil homens, que depois passavam aos Cercos da Pesca da Sardinha e Armações.

Alguns destes assalariados não eram da vila, mas vinham de fora.

CONFIRMADO NOVO GUARDA NA ALFÂNDEGA DE SETÚBAL

Setúbal, 3 de Julho de 1625

Acaba de ser nomeado o novo guarda para a alfândega desta vila.

O Conde de Faro do Conselho de Estado do Reino e Vedor da Fazenda, enviou no dia 1 do corrente mês à Comarca de Setúbal o traslado do mandado no qual determina que Francisco Nunes Texeira ocupará o cargo deixado vaigo por Miguel Coelho.

Francisco Nunes Texeira terá a propriedade do dito ofício pelo prazo de seis meses com o mantimento e proveitos pertencentes ao respectivo cargo.

O acto da cerimonia solene da tomada de posse nos termos do mandado do Conselho da Fazenda, decorre hoje na presença tua mas altas dignidades e será dada pelo Juiz da Comarca.

Pertante o Juiz Manuel Sardinha, Francisco Nunes Texeira juízo sobre os Santos Evangelhos em ludo cumprir e servir Sua Magestade.

Alfândega de Lisboa, Codice 28
Volumne 3.

SABIA QUE...

Em 1599, aquando da delimitação da Peste Portuguesa em Setúbal, Filipe II de Espanha sumiutou a tributação, pagando ainda mais a população – ordenou pois, aos oficiais da Câmara, que lançassem mais um real em cada arrabal de carne e em cada canaça de vinho, cujo produto revertia no tratamento dos doentes e empestados.

Em 1614, delibeiou a Câmara através de Postura, que os moradores e vizinhos de Setúbal comprassem cousa alguma aos soldados castelhanos ou portugueses que se achassem na vila, ou quemecando as Fortalezas e taberneiros ou tendeiros.

Por esta época, os habitantes de Setúbal ainda não se haviam habituado ao convívio com Castelhanos, pelo que arcaavam com o encargo do abastecimento da tropa em suas casas, encargo cada vez mais odioso.

Constantemente, o povo Setúbalense se envolvia em rixas com os soldados espanhóis aqui alojados, os quais muitas vezes moviam propriedades rurais, entrando nas vinhas e hortas, destituindo-as e agridendo os proprietários.

O Abastecimento das tropas castelhanas nas casas setúbalenses, para além de provocar mais castigos, obrigava aqueles que pertenciam ao Castelo de S. Filipe a pagar renda, o que também era cumprido.

SOPAS DE QUEIJO DE CALDO DE VACA

Sopas de queijo de caldo de vacca.

Coza-se com vacca hum payo, e depois de cozido, ponha-se a esfriar. Iça-se nu, pó em fatias grossas, ponha-se em hum prato unido de manteiga de vacca, e por cima della o payo frito em fatias, e por cima das fatias ponha-se outras fatias de pão, e fobre ellas tuberos de vacca, e effim fe va enchendo o prato: como effim chero, lancem-se o caldo, efficado primeiro meya duza de ovos niole, os quales fe coza a cozar, e finalmente fobre tudo ponha-se duas caçapas de lodos os cheros, e por cima dellas lancem-se a gordura, para que torne o fabor dos cheros: fica hum bom prato deha forte, e mado-fe a meia.

Ira ser confeccionada uma versão desta receita, no decorrer das Actividades do Projecto História ao Vivo, que terá lugar no Castelo de S. Filipe, durante o mês de Maio.

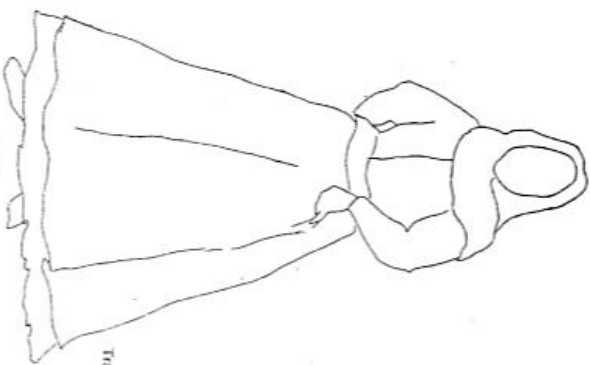
ARTE DE COZINHA Domingos Rodrigues 1.ª ed. 1680

HUMOR

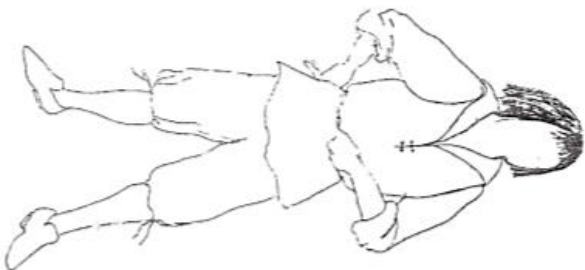
Quando da morte do Cardeal D. Henrique, os 'razares de Lisboa, Santarém e outras vilas, carinhavam pelas ruas esta quadra:

"Viva El-Rei D. Henrique
Nos infernos muitos anos,
Pois devou com lastimato
Portugal aos Castelhanos."

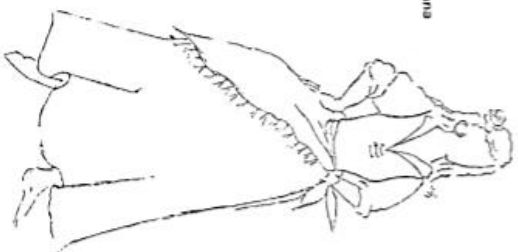
Troje Popular Masculino



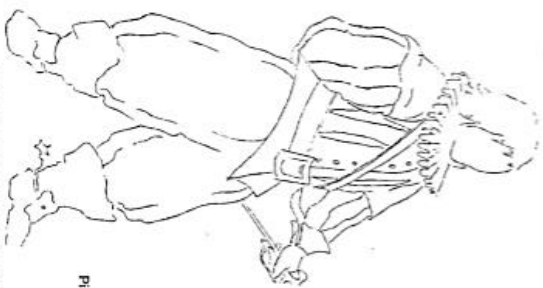
Troje Popular Feminino



Cigana



Pintassilgo Militar



Modelos desenhados por Celestino Costa, baseado num estudo feito pelo próprio ao Troje Popular do séc. XVII. Estes serão os fatos que os jovens participantes irão vestir em Maio de 1988 na Fortaleza de S. Filipe.

O CURIOSO DE SETÚBAL

EDIÇÃO: MUSEU DE SETÚBAL/CONVENTO DE JESUS (CMS) - 6 DE MAIO DE 1988



Ilustração de João de Deus
"A Batalha de S. Filipe, 1640" - Museu de Setúbal

MUSEU
de
SETÚBAL

Convento de Jesus
monastery



Vista do Castelo de S. Filipe

1640
DEZEMBRO
no CASTELO
de S. FILIPE
de maio 1988

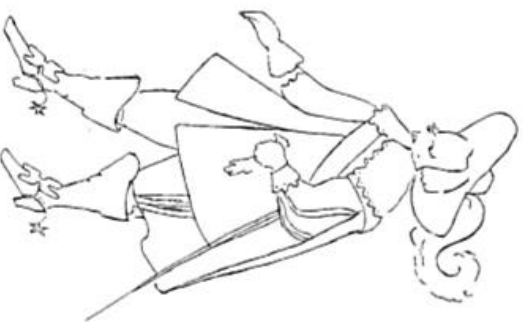
um projecto
História ao Vivo

MUSEU DE SETÚBAL
CLÍNICA MUNICIPAL DE SETÚBAL
BOLSA DE TRABAJO DE SETÚBAL - TORRE AZUL
APVSA
FUNDACIÃO DE S. FILIPE DE SETÚBAL

Desdobráveis publicados pela Câmara Municipal de Setúbal, por ocasião do Projecto de História ao Vivo, a realizar em Maio de 1988 no Castelo de São Filipe.

IMP. C. H. PALMELA

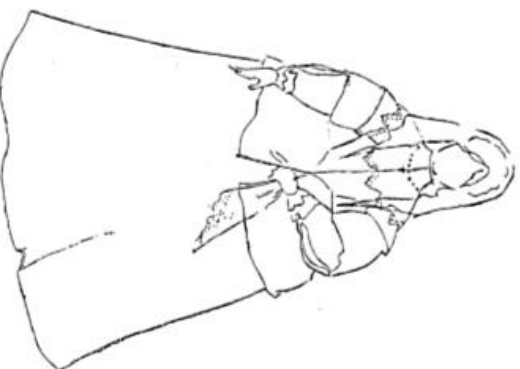
MODELOS DE VESTUÁRIO A SER UTILIZADO NO PROJECTO DE HISTÓRIA AO VIVO



Governador Gomes da Silva



Meninos Gomes da Silva



S.ª Gomes da Silva

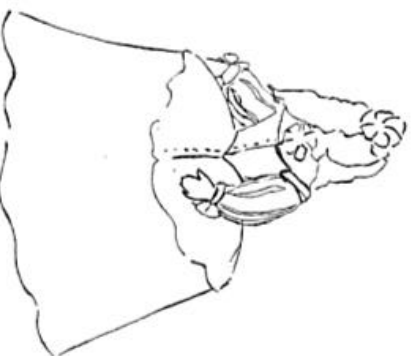


TABELA DE PREÇOS (OSILAÇÕES) DE GÊNEROS/PRODUTOS ALIMENTARES

Em 1565, vendia-se:
Uma arroba de **Aroz** 566 réis
Um cântaro de **Azeite** 510 réis
Uma Quarta de **Acafrão** 337 réis

Em 1568, vendia-se:
Pão de 8 1/2 onças 8 réis
Pão de 10 onças 9 réis
Pão de 8 onças 8 réis
Azeite (canadi) 62 réis
Azeite (aquele, no papoi) 80 réis
Trigo (aquele, no papoi) 240 réis
Trigo (aquele, fora do papoi) 260 réis

Em 1592, vendia-se:
Carne de Porco (arro) 20 réis
Pernas com cabras e cavalhais (maiores) 2 a 1 Real
Pernas com cabras e cavalhais (médias) 3 a 1 Real
Pernas com cabras e cavalhais (menores) 1 1/2 Real
Pernas codornas d'estremo (maiores) 1 Real
Pernas codornas d'estremo (pequenas) 1 Real
Ameixas Riscões, duras 1 Real
Ameixas Riscões, brancas e saraçocas 3 a 1 Real
Albercoques 3 a 1 Real
Damascos grandes 1 a 1 Real
Melão (o melhor) 1 a 20 réis
Pepino (o melhor) 1 a 1 Real
Alface (a melhor) 2 réis
Cebola (grande) 1 Real
Couve mercenária (grandes) 1 a 9 réis
Couve mercenária (médias) 1 a 5 réis
Abóbora (até fim de Junho), arratel 4 réis
Abóbora (até fim de Junho), arratel 2 réis

Em 1598, vendia-se:
Trigo (aquele) 450 réis
Centeno (aquele) 320 réis
Vinho (Almude) 187 réis
Mel (Almude) 720 réis

Nesta época, em Sevilha, as Jornais dos Trabalhadores eram pagas a 80 Réis, ao dia, incluindo comida e bebida.

Oscilações de preços do **Trigo**, Alqueire:

Trigo	1611	140 Rs.
Alqueire	1614	240 Rs.
	1620	300 Rs.

Em 1630, o **Pão** (do 11 a 12 onças), custava 10 Réis.
Em 1631, o **Pão** (de 13 onças), custava 10 Réis.

Oscilação de Preços de vários gêneros,
entre 1621/1640:

De 1621 a 1640	Canada de vinho oscilou entre 20 e 50 Réis
De 1621 a 1640	Canada de Azeite oscilou entre 72 e 120 Réis
De 1621 a 1640	Alqueire de Cevada oscilou entre 100 e 240 Réis
De 1621 a 1640	Joieira de Palha oscilou entre 6 e 13 Réis

Oscilação de Preços de vários gêneros
entre 1629/1640

1629 a 1640	Arratel de Carne de Carneiro , oscilou entre 21 e 26 Réis
1629 a 1640	Arratel de Carne de Vacca , oscilou entre 15 e 18 Réis
1629 a 1640	Arratel de Carne de Chibo , oscilou entre 11 e 13 Réis
1629 a 1640	Arratel de Carne de Cabra , oscilou entre 9 e 10 Réis.

FORMAS DE TRATAMENTO DA ÉPOCA

Ao Rei: – Vossa Magestade
Ao Senhor: – Senhor
Ao Ordem de Santiago: – Senhoria
Ao Embaixador ou Governador: – Senhoria
– Vossa Mercê

A MOEDA

PRINCIPAIS OFÍCIOS E ACTIVIDADES

Bom Porto Marítimo e águas ricas em peixe, as actividades principais em Setúbal estavam relacionadas com o mar e com a salinagem.

Assim, pescadores, mareantes, cordoeiros e caboeiros, calafates e vendedores de peixe, abundavam.

Havia também em Setúbal vendedores de frutos, vinhos e leguminas.

Alcoforados, moleiros, barbeiros, carneiros, espanteiros, cerreiros, canstereiros, sapateiros, tipeiros, marceneiros, curtidores, tacedeiros e carpinteiros de casas, abundavam por esta Setúbal.

Para além destas artes e ofícios, outras actividades abasteciam como a salinagem, cordoaria, amaria e saboaria.

Setúbal era grande consumidora de sabão — em 1514 consumiam-se 400 arrobas, adquiridos a 530 e a 600 réis, cada arroba, em 1622, o Artil de sabão custava 32 réis, e em 1629 custava 40 réis —, pelo que a saboaria dobrava-se em duas espécies, sabão branco e preto, pertencentes a António de Oliveira d'Azevedo e seus descendentes.

Em Setúbal fabricava-se também boca de Barro, vendida no Mercado e Feira, para abastecimento da população, proveniente dos Sítios de Santos e Cabeço de Bacia.

Em pleno século XVI, a Câmara de Setúbal decide que o melhor barro para o tapete de boca, é o do Sítio da estrada que lá para a Cruz dos Memórios, Vale de Cobre e Poço Moura.

Séculos XVI e XVII

Em Setúbal, a semelhança de outras vilas do país, existiam "trocoadores" da Moeda "Cruzado", a qual se tinha dado o valor de 300 réis, no entanto, quando era necessário trocá-la apenas se recebia 350 réis, perdendo-se cinco réis em cada.

Com D. Manuel, a Agitação acabou, atenuando-se o valor de 400 réis a cada cruzado.

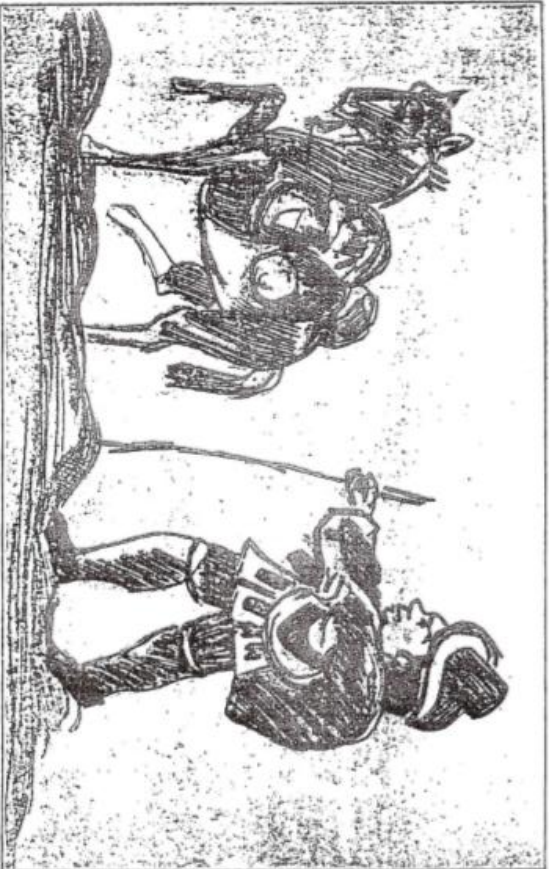
Quando da aclamação de António Prior do Crato como Rei em Setúbal, foi curtiada Moeda — o cruzado, descontinuando-se a existência de Casa da Moeda nesta Vila.

Após a aclamação de D. João IV como rei de Portugal (Dezembro 1640), este determinou apenas a mudança do nome do Monarca curtiado na Moeda, continuando a usar-se o sistema monetário dos Filipes (não foi encontrado qualquer exemplar destas moedas).

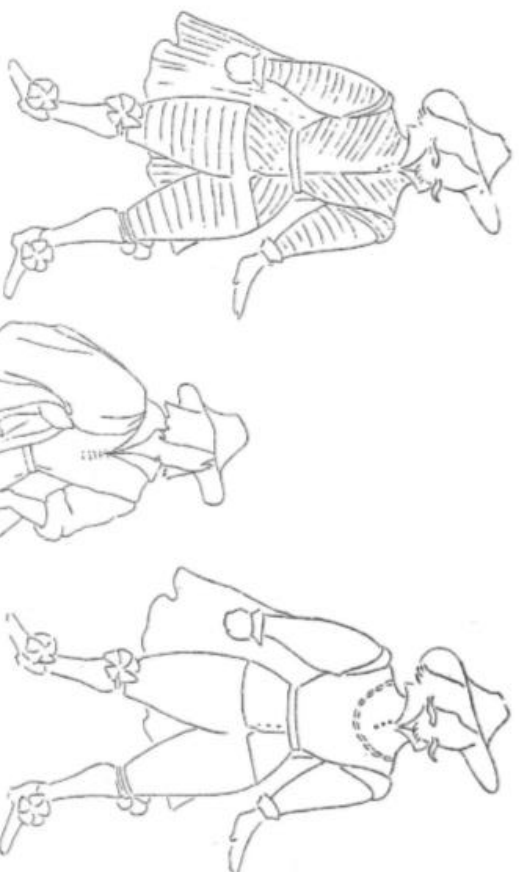
A 14 de Fevereiro de 1641, D. João IV manda fazer losões e meios losões (ignoramos se se chegou a curtiar, pois não foi encontrado qualquer exemplar).



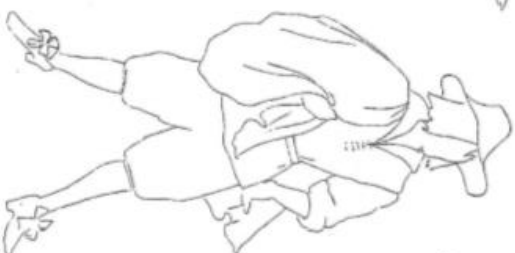
MOEDA — JOANNES IIII DG REX
1641, Torralba - 65000 réis



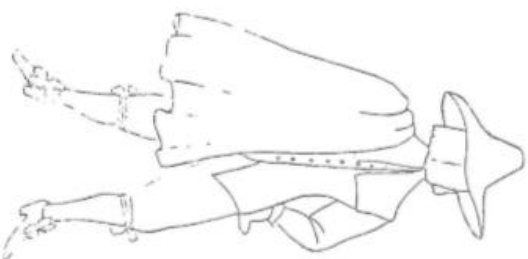
Almoço, séc. XVI



Vendedor da Câmara



Lingua



Mercador Inglês



Sargento-Mor

Documento 5

História ao Vivo – Museu de Setúbal

Capítulo 13 do livro de Ana Duarte: Educação Patrimonial: Guia para professores, educadores, monitores de museus e tempos livres, Texto Editora, Lisboa, 1993, pp. 70-77, sobre «Animação de Monumentos - «História ao Vivo», onde o projeto do Museu Setúbal ilustra o que deve ser uma ação deste tipo.

DUARTE, Ana, Educação Patrimonial: Guia para professores, educadores, monitores de museus e tempos livres, Texto Editora, Lisboa, 1993.

13. ANIMAÇÃO DE MONUMENTOS — «HISTÓRIA AO VIVO»

O Projecto História ao Vivo — Setúbal/Maio de 1988, «Um dia de Dezembro 1640 no Castelo de São Filipe» nasceu no Colóquio APOM 1986, que teve lugar em Faro. Na sequência da apresentação e discussão dos projectos *Living History* realizados em Inglaterra e no Brasil, os participantes no Colóquio elaboraram oito diferentes propostas de animação de monumentos ou espaços de interesse histórico ou patrimonial da cidade de Faro e arredores. Findo o Colóquio, e no rescaldo do impacto produzido pela riqueza e variedade das propostas — muitas das quais foram apresentadas numa exposição —, a equipa inglesa que se havia deslocado a Faro para apresentar os projectos *Living History* e a APOM chegaram à conclusão de que seria de todo o interesse implementar um projecto dessa envergadura próximo de Lisboa, num monumento histórico que estivesse ligado a acontecimentos relevantes da História Nacional e com hipótese de ligação à conjuntura internacional da época. Por outro lado, considerava-se que a experiência de animação educativa do Museu de Setúbal — que havia sido apresentada no Colóquio — garantia a capacidade de organização indispensável para a concretização de um projecto dessa envergadura. Escolhida a entidade organizadora e definida, por extensão, a região em que se iria operar, seguiu-se a escolha do monumento. A **região dos três castelos** (Palmela, Setúbal, Sesimbra) é, de há longa data, itinerário turístico consagrado e ponto de passagem obrigatória de visitas escolares da região de Lisboa e Setúbal. Todavia, o grau de aproveitamento cultural e educativo das visitas feitas aos três núcleos monumentais que dão nome ao circuito turístico é praticamente nulo, reduzindo-se quase sempre ao passeio e desfrute acrítico da paisagem envolvente e dos monumentos visitados à pressa.

Dai que se impusesse a repensagem dessas vistas no quadro de um projecto de tipo *Living History* que, por fases a estabelecer ao longo de vários anos, viesse a abranger os três Castelos, com programas distintos: a ocupação muçulmana e a Reconquista Cristã (Sesimbra), a investidura de um cavaleiro de Santiago no século XVI (Palmela), a Restauração da Independência Nacional em 1640 (Setúbal).

Por comodidade de meios, começou-se por Setúbal, o que implicou igualmente o tratamento de uma época histórica que, para além de mais próxima, permitiu a abordagem das ramificações internacionais dos acontecimentos evocados. Este factor foi decisivo na escolha do ponto de partida, uma vez que se pretendia um relacionamento mais estreito entre comunidades portuguesas e inglesas que estivessem envolvidas em projectos análogos. O Projecto de Palmela teve lugar em 1989; só não se realizou o de Sesimbra.)

Apresentado o projecto ao British Council, à Câmara Municipal de Setúbal — que

assegura a gestão do Museu de Setúbal — e à Região de Turismo de Setúbal, foi o mesmo aprovado de imediato, seguindo-se diversas diligências para concretizar as formas de apoio prometidas por outras entidades, como a Fundação Calouste Gulbenkian.

A 26 de Outubro de 1986, numa sessão de apresentação de experiências *Living History* organizada nos Paços do Concelho de Setúbal, para a qual foram convidadas todas as escolas da cidade, tendo estado presentes mais de trezentos professores, foi anunciado publicamente o projecto. A Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal integrou-o no seu programa de actividades para o biénio de 1987-88, associando à iniciativa os Núcleos do Meio Físico e Social e de Movimento e Drama.

Professores de todos os graus de ensino da cidade de Setúbal integraram os grupos de trabalho que levaram a cabo o projecto.

Entrando mais especificamente na sua caracterização, importa agora definir a época histórica «revisitada», bem como o monumento que foi palco do acontecimento.

O **Castelo ou Fortaleza de São Filipe** foi mandado construir por Filipe II, em 1562, quando o monarca, durante a sua estada em Portugal, visitou a então vila de Setúbal.

A visita do rei de Castela e de Portugal à progressiva povoação da foz do rio Sado destinava-se, por um lado, a desarticular a oposição existente na vila ao seu governo (Setúbal fora um dos centros que aclamaram o Prior do Crato) firmando a autoridade da Coroa e dos seus partidários e, por outro lado, a assegurar a defesa do principal porto de exportação de sal. Um dos engenheiros militares que acompanharam Filipe II — o Capitão Giacomo Frattino ou Filipe Terzi — executor, na ocasião, a mais antiga planta conhecida de Setúbal. Nele se mostra que o objectivo era o estudo das defesas da barra do Sado. Pensava-se, então, na construção do Castelo de São Filipe à beira do estuário (onde, mais tarde, se implantaria a Fortaleza de Albarquel). Contudo, pouco tempo depois, optou-se pela actual implantação, certamente para assegurar a dupla função de fortaleza de reforço da defesa da entrada do Sado («dobrando» a fortaleza do Oulão) e de Castelo da Vila, onde se instalava o poder militar que controlava Setúbal.

É de 8 de Junho de 1594 o desenho de Filipe Terzi que representa a planta do Castelo de São Filipe, hoje no Arquivo de Simancas, em Espanha. Nele e no corte executado na mesma época mostra-se, com nitidez, a planta do edifício e a sua implantação no acidentado terreno: uma estrela irregular de seis pontas, com um avançado sobre a linha da margem, tendo ao centro as dependências destinadas à guarnição, servidas por uma complexa rede de subterrâneos. Apesar das vicissitudes sofridas pela fortaleza no século passado e da sua adaptação presente a Pousada, o monumento conserva notavelmente as características originais.

Não foi a época de fundação e construção do Castelo que se procurou reconstituir, mas sim um período fundamental na transferência de poderes de que o Castelo foi palco: a Restauração de 1640, período em que a Fortaleza mantinha ainda perfeita operabilidade.

Durante o período filipino, Setúbal cresceu em termos de alargamento do espaço urbano e de importância comercial. Dai que, logo após a Restauração, se tenha procurado dotar a vila de novas defesas para a construção das quais o povo se prontificou a contribuir. O engenheiro militar francês João Giliot desenhou uma planta da vila, em 1641, com o estudo de implantação da nova cintura de muralhas. Nota-se o enorme

crescimento da povoação para Ocidente, aproximando-se do morro em que se implantou o castelo de São Filipe, o de mais antiga fundação em Setúbal.

Logo após a notícia da queda do governo filipino, em Lisboa, a população da vila de Setúbal, cuja hostilidade ao poder usurpador não tinha sido abafada e, pelo contrário, ganhara largos apoios ao longo da década de 30 (apesar das razias feitas pelo Santo Ofício na «gente da Nação», nos primeiros meses de 1640), cercou o Castelo e obrigou à rendição da guarnição inimiga, substituindo-a depois por tropas fiéis ao poder restaurado.

Foi neste ponto — alguns em Dezembro de 1640 — que tomamos «surpreender» a História, transportando alunos e professores das escolas de Setúbal de 1988 para as tarefas de reorganização da vida interna de um Castelo seiscentista após uma revolução nacionalista.

Acompanhado este processo de «aprender fazendo», em que as crianças do 1.º ano do Ensino Primário e dos dois anos de Ciclo Preparatório foram integradas (dez grupos de actividades diferentes, cada um com dez crianças dirigidas por monitores que podiam ser professores ou estudantes de História do Ensino Complementar), um enredo unificou as distintas acções e tornou mais explícitas as relações políticas, sociais e económicas que estavam em jogo na época, na cidade, no país e no mundo com que Setúbal estava em ligação directa (Holanda, Inglaterra, Brasil).

Os dez grupos definidos foram:

1. Cozinha/Gastronomia
2. Têxteis (confeção de estandartes e bandeiras)
3. Latoaria
4. Cestaria
5. Escrita de missivas
6. Sentinelas e manobras militares
7. Carpintaria
8. Abastecimento de víveres e de outros materiais
9. Abastecimento de água e limpezas
10. Olaria

Equipas responsáveis e suas tarefas:

Foram três as equipas responsáveis que se organizaram a partir de um plenário de professores realizado no Museu de Setúbal, em que esteve presente a Escola Superior de Educação, através de alguns dos seus membros.

A 1.ª equipa, cujo responsável foi o Conservador do Museu, trabalhou nos arquivos de Setúbal e Lisboa, a fim de ser feito um levantamento cientificamente correcto que nos mostrasse a sociedade setubalense e a rede de relações económicas e políticas entre Setúbal e o exterior, no século XVII, além dos cargos políticos e a hierarquia dos mesmos dentro da cidade e, consequentemente, esclarecesse sobre o seu poderio económico e político.

A 2.ª equipa, cuja responsável foi a Chefe do Serviço de Extensão Cultural do Museu de Setúbal, teve a seu cargo fazer o levantamento do vestuário, gastronomia, actividades artesanais, armaduras, armas de guerra, têxteis, manobras militares, latoaria,

cestaria, etc., nas bibliotecas de Lisboa e Setúbal especializadas em alguns dos temas, como é o caso do Museu Militar, Museu do Traje, Biblioteca Nacional, etc. Este grupo também tratou da dramaturgia da cena que as crianças vivenciaram, contactando para isso com o TAS e a ADC de Setúbal. Por fim, contactaram as empresas locais e Bancos a fim de recolher os subsídios, quer em material quer em dinheiro, para a execução do projecto.

O 3.º grupo, cujos responsáveis foram os professores da Escola Superior de Educação da área do Meio Físico e Social e de Movimento e Drama, coordenou a elaboração de materiais de apoio para os professores e crianças das escolas baseados em dados recolhidos pelos outros grupos. Materiais esses que se destinaram à fase de preparação da visita e à fase de pós-visita (avaliação).

Além destas três equipas, tivemos a colaboração privilegiada do grupo de especialistas ingleses que tem levado a cabo os projectos de *Living History* em Inglaterra e no Brasil, que de toda a realização elaboraram, no final, um diaporama, à semelhança do que foi feito para os casos anteriores.

Deu o seu apoio à formação de monitores o Centro Artístico Infantil da Fundação Calouste Gulbenkian.

Patrocinadores:

Os patrocinadores deste projecto foram: o Museu de Setúbal e a Câmara Municipal de Setúbal; a Associação Portuguesa de Museologia (APOM); a Região de Turismo de Setúbal/Costa Azul; o British Council; a Associação de Comerciantes do Concelho de Setúbal, o TAS, a ADC, e as empresas da região.

Guião do projecto:

09h30 — Chegada das crianças participantes — 100 (3 turnos, aproximadamente)

— Vestem-se e integram-se nos grupos de trabalho

10h00 — O Sargento-Mor recebe-os, divide-os por tarefas domésticas e militares e anuncia o trabalho do dia:

1 — reorganizar a vida do Castelo e preparar a instalação do novo Governador Militar e da sua família;

2 — preparar o envio de bandeiras e de uma mensagem para o Brasil acompanhando um carregamento de saí.

Os grupos iniciam os trabalhos, de acordo com o elenco de tarefas já definido.

11h00 — Chegada do novo Governador Militar, João Gomes da Silva, e de sua família, que são recebidos pelo Sargento-Mor, pelo Comandante do Terço, por um Vereador da vila de Setúbal e pelos soldados e criados. Dança de Ciganas à chegada (participação da Academia de Dança Contemporânea).

Entretanto, decorre um mercado exterior (participação dos alunos do Curso de Teatro Unificado) para venda de produtos e abastecimento do Castelo.

Até 12h30 — J. Gomes da Silva inspeciona as instalações, os trabalhos e o Mercado.

12h30 — Almoço

(Dois ou três tipos de refeição foram confeccionados — para a família do novo Governador, para os soldados e para a criadagem).

13h00 — Após o almoço, rotação das crianças nos grupos de trabalho.

O mercador inglês chega à porta do Castelo e pretende falar com J. Gomes da Silva. Traz consigo um língua (intérprete). G. da Silva está muito ocupado e não o quer receber. O língua tenta subornar os guardas para chegar a Gomes da Silva.

O inglês clama ter sido enganado na Alfândega de Setúbal. Silva ouve-o e manda-o para o Castelo; pede para ouvir o Juiz de Alfândega e consultar os registos.

14h15 — Julgamento, com a presença dos representantes das autoridades e do queixoso, com decisão favorável a este e condenação dos corruptos ao serviço dos interesses castelhanos.

14h45 — Um capitão português de partida para o Brasil, com um carregamento de sal, recebe as bandeiras e os documentos oficiais que têm de ser entregues no Brasil.

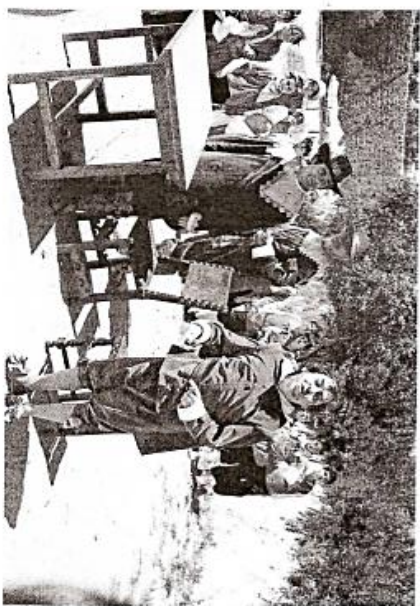
15h00 — Partida do Capitão.

15h15 — Partida da Família de João Gomes da Silva para Setúbal, porque o Castelo ainda não está pronto para os receber.

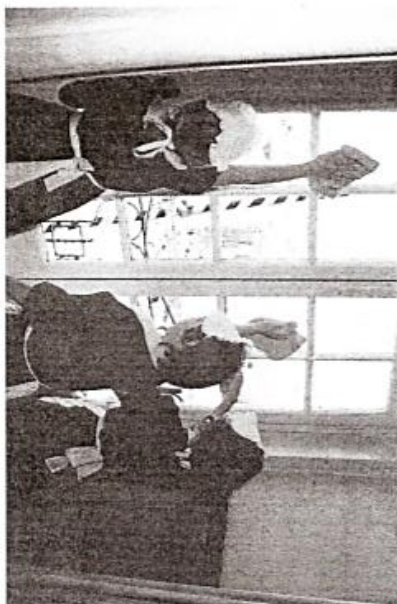
15h30 — Falando aos criados e soldados, Silva agradece a colaboração e pede para regressarem.

16h00 — Depois de se despiem e arrumarem os adereços, as crianças e os jovens regressam a Setúbal.

O projecto teve a duração de um mês e participaram nele 3.000 alunos de todos os graus de ensino e 320 professores, numa vivência diária média de 120 crianças e jovens.



16 de Dezembro de 1640 na Fortaleza de S. Filipe (Setúbal). Projecto «História ao Vivo», 1988)



Anos 20 em Setúbal
(Projecto «História ao Vivo», 1991)



Anos 20 em Setúbal
(Projecto «História ao Vivo», 1991)

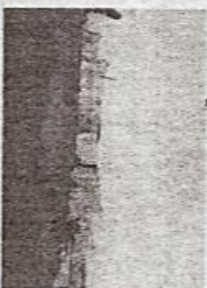
No seguimento deste projecto, muitos outros se realizaram, tomando alguns as características de animação comunitária e não de História ao Vivo, porque houve a participação da população. Salientamos aqui alguns exemplos de projectos que cumpriram, em pleno, a metodologia do projecto de «História ao Vivo» (espaço histórico adequado ao facto histórico sem vestígios ostensivos e perturbadores de contemporaneidade; rigor no vestuário, materiais e actividades a desenvolver; relações confectionadas no local por professores e alunos, tendo em atenção a gastronomia da época, e santários adequados à vivência histórica; ausência de espectadores): a investidura de um cavaleiro da Ordem de Santiago no Castelo de Palmela; o terceiro casamento de D. Manuel I, no Crato; a integração da vila de Campo Maior no reino de Portugal, no tempo de D. Dinís, e uma Matiné Dançante nos anos 20/30, em Setúbal.

O CURIOSO DE SETÚBAL

EDIÇÃO: MUSEU DE SETÚBAL/CONVENTO DE JESUS (CMS) - 6 DE MAIO DE 1988



There is a lot of information in this book, and it is well organized. The book is a good reference for anyone who is interested in the history of the United States.



Vallejo, Claudio and S. Vallejo

1640
DEZEMBRO
no CASTELO
de S. FILIPE
maio 8.

MUSEU
de
SITUBAL

Convento de Jesus
Innovative Monastery

Desdobráveis publicados pela Câmara Municipal de Setúbal, por ocasião do Projecto de História ao Vivo, a realizar em Maio de 1988 no Castelo de São Filipe.

um projecto História ao Vivo

MINISTRE DE L'ÉDUCATION
CANADA NATIONAL DE L'ÉDUCATION
PROJET COOPÉRATIF
BUREAU DE L'ÉDUCATION DE L'ÉTAT - CÔTE NORD
ARCTIC

Sra. Gomes da Silva

Governador Gomes da Silva

Em 1590, quando da expulsão da Peste Plague em Gênova, Plague II da Espanha aumentou a fiscalização, ligando-a ainda mais a população — ordenando, por exemplo, que oficiais da Câmara, que fizessem malícia em cada análise de carne e em cada canoa de vinho, cujo produto serviria ao tratamento dos doentes e empestados.

Em 1614, deliberou a Câmara Atenda de Postura, a os moradores e vizinhos de São Paulo, “compensem-se os moradores e vizinhos de São Paulo, os portugueses e alguns outros notáveis castelhanos ou portugueses, que se retiraram na vila, ou quisessem as fortalezas e habitações ou tendões”.

Em 1590, quando da expulsão da Peste Plague em Gênova, Plague II da Espanha aumentou a fiscalização, ligando-a ainda mais a população — ordenando, por exemplo, que oficiais da Câmara, que fizessem malícia em cada análise de carne e em cada canoa de vinho, cujo produto serviria ao tratamento dos doentes e empestados.

Em 1614, deliberou a Câmara Atenda de Postura, a os moradores e vizinhos de São Paulo, “compensem-se os moradores e vizinhos de São Paulo, os portugueses e alguns outros notáveis castelhanos ou portugueses, que se retiraram na vila, ou quisessem as fortalezas e habitações ou tendões”.

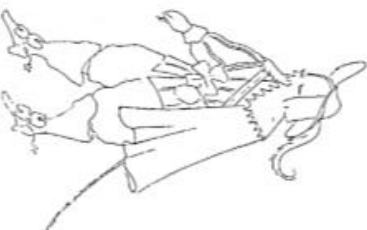
Por essa época, os nobreiros de seniores arru-
do se haviam habituado ao convívio com Castelnha-
da, pelo que acabavam com o encargo do abastecimen-
to local em suas casas, encargo cada vez mais

O Abolimento das tropas castelhanas nas Ca-
s silibutanas, para além de provocar mau esta-
do de espírito nos soldados, também deu lugar a
alguns ataques contra os castelos de S. Estevão,
pagando aqueles que pertenciam ao Castelo de S. Estevão,
a pagar, ainda, o que tinham em dívida.

SOPAS DE QUEIJO DE CALDO DE VACA

Sopas de queso de caldo de vaca

Lingua



Sargento-Mor

Quando da morte do Cardeal D. Henriques, os rapazes de Lisboa, Sarilhem e outras vilas, cantavam pelas ruas esta quadrinha:

"Viva El-Rei D. Henrique
Nós internos muitos anos,
Pois deixou em testamento
Portugal aos Castelhanos."

Documento 6

APOM - «E outra vez conquistemos a distância»

Documentos do arquivo de Maria Manuela Mota

1. Descrição do projeto “Um dia na ribeira das naus em 1537”;
2. Resumo da ação;
3. Guião da ação;
4. Grupos de trabalho;
5. Dramatização;
6. Descrição das personagens;
7. Horários de trabalho;
8. Relatório sobre o projeto;
9. Cartas relacionadas com a preparação do projeto;
10. Notícia de «A Capital», de 23 de maio de 1988.

Esta documentação foi conseguida através do levantamento de Raquel Alves Coelho em 2009, presente no Apêndice Documental da sua Dissertação de Mestrado: COELHO, Raquel da Assunção Bernardo Alves, *História Viva. A Recriação Histórica como Veículo de Divulgação do Património Histórico e Artístico Nacional (1986-2009). Conceitos e Práticas.*, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2009.

HISTÓRIA AO VIVO



*"E OUTRA VEZ CONQUISTEMOS A DISTÂNCIA
DO MAR OU OUTRA, MAS QUE SEJA NOSSA."*

(-PRECE- "MENSAGEM"- FERNANDO PESSOA)

PROJECTO DA
ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE MUSEOLOGIA



PROJECTO DE HISTÓRIA AO VIVO
"...e outra vez conquistamos a Distância"

Responsabilidade e execução: MANUELA SOARES OLIVEIRA MOTA

(Presidente da APOM e Conservadora Principal do
Museu Calouste Gulbenkian)

PAULA BÁRCIA

(Professora de História da Esc. Preparatória
Fernão Lopes)

TERESA VIANA

(Secretária Executiva)

Colaboradores: JOSÉ GOUVEIA (Professor de História da Escola da Pareda e
Dramaturgo)

GERALDO TOUCHÉ (Actor e Animador Cultural)

Consultores: PATRICK REDSELL (Consultor p/Dramatização junto do Conselho
Escolar de Suffolk)

ANTÓNIO NABAIS (Conservador do Museu do Seixal e Técnico do
I.P.P.C.)

Comte. MALHÃO PEREIRA (Cinciberlant)

RESUMO DA ACÇÃO



Um dia da Primavera de 1537 na Ribeira das Naus

Entre o dia 21 de Maio e 1 de Junho de 1988, o lisboeta que frequenta a zona ribeirinha da baixa, vai estranhar a azáfama que subitamente vai aperceber para lá de um tapume provisório ao longo da Avenida da Ribeira das Naus.

A Acção deste ano, do projecto de "História ao Vivo", vai decorrer, nestas datas, na Ribeira das Naus, no verdadeiro local onde, nos séculos XV e XVI, eram construídas as naus e os galeões que tanta gente, tanta curiosidade, aventura e esperança de enriquecer levaram para a Índia.

Nesta zona das mais animadas de Lisboa de quinhentos (mais precisamente em 1537), vai reconstituir-se o ambiente que rodeava a partida dos barcos; trabalha-se afanosamente no apresto da armada que levará para o Oriente D. Pedro da Silva da Gama, 5º filho do grande almirante do Mar das Índias, Vasco da Gama.

As naus, algumas das melhores do seu tempo (a Frota de la Mar, a Galega, a Rainha, a S. Roque e a Stª. Bárbara), estão ancoradas mais a Sul, em S. José de Ribamar, onde a profundidade do rio e a calma das águas as deixa varar perto da terra. Mas aqui, na Ribeira das naus, há todo o afã das vésperas da partida: chegam continuamente barcos do outro lado do Tejo - fragatas, varinos, catraios - com produtos que irão abastecer os navios: lenha, sal, farinha, biscoito, queijos, louça do Seixal e da Moita, vidros de Coima, etc.

Mestres carpinteiros, calafates, remolares e seus aprendizes, trabalham com entusiasmo em reparações de cascos ou construção de novas embarcações. Os sons são variados: cantos de trabalho, pregões, discussões, chamamentos, gritos de gaivotas atraídas pelos cheiros que se evolvem da zona onde as biscoiteiras e as cozinheiras preparam o "jantar" para toda aquela gente.

O Provedor da Ribeira e da Telha, no começo do dia, reúne os trabalhadores e exorta-os a dedicarem-se às suas tarefas, pois é grande a responsabilidade de preparar uma armada para seis meses de mar. Depois de uma oração entoada em coro, todos se dirigem aos seus postos. Vão ser cosidas velas, é arrolado, pesado e medido o que se guarda no entreposto da Casa da Índia, moças com cântaros, dão de beber aos esforçados operários e aprendizes. O velho mestre cartógrafo prepara a bitácula de bordo e completa os mapas da viagem; noutro lugar amassa-se e coze-se o biscoito e amanha-se o peixe. No mercado há venda de fruta, queijo fresco, hortaliça e



enchidos para quem tiver dinheiro. Uma cigana, em língua estranha, lê a sina, a troco de um "cinquinho" ou de um naco de pão, aparecem saltimbancos às cambalhottas, com grande irritação dos mestres, pois lhes distraem os pequenos aprendizes.

À hora da refeição, um jovem, com vestimenta estranha (à maneira dos "reinois" em Goa), circula de grupo em grupo - diz ir partir na "Galega" e chama-se Fernão Mendes Pinto; o seu desejo de embarcar é tal, que não resistiu a ir ver com que avanço se faziam os prepartaivos - o seu jeito para inventar histórias chamou a atenção de muitos. E quando, depois de recomeçados os trabalhos, chega à Ribeira um casal idoso à sua procura, muitos já sabem quem ele era, e facilmente o indicam aos pais.

O encontro entre pais e filho vai ser comovente: não se veem há 17 anos, quando Fernão veio para Lisboa trabalhar. A mãe chora, com receio de não o tornar a ver; o pai, por seu lado, recrimina o filho por escolher o caminho da Índia, em vez de voltar com ele para Montemor, cultivar as terras que estão ao abandono. A discussão alastra aos observadores, que tomam partido uns por Fernão, outros pelos pais.

Mas o trabalho aperta, e todos voltam às suas tarefas. Às quatro horas toca o sino e forma-se uma pequena procissão para abençoar a ossada de um navio em construção e se rezar pela boa sorte dos que vão partir em breve.

•

Nesta acção, vão participar cerca de 600 crianças (60 em cada dia), das escolas primária nº 88, das preparatórias Fernão Lopes, Delfim Santos, Sacavém, Parede, Galiza e Externato da Torre. Assumem os papéis principais os actores do Grupo 2 de Chelas.

Estas crianças têm vindo a ser preparadas pelos seus professores, nas aulas normais, com o auxílio de documentação pedagógica realizada pelos responsáveis do projecto; de uma maleta pedagógica com objectos e produtos que os alunos podem observar e manipular à sua vontade e também com visitas de estudo, por exemplo, uma sessão no Planetário, a navios da Armada, a locais e monumentos lisboetas ligados à época da acção.

Após esta vivência no século XVI, as crianças farão na Escola uma reflexão aprofundada sobre tudo o que descobriram e aprenderam, trocando impressões com os seus colegas e os professores.



Nada disto teria sido possível sem o apoio gentil e esclarecido de várias entidades oficiais e privadas, que desde o início se entusiasmaram com este projecto, compreendendo os eu alcance pedagógico:

Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses

Estado Maior da Armada

Fundação Calouste Gulbenkian

Ministério da Educação Nacional

Câmaras Municipais de Lisboa, Seixal e Moita

Sonae

Teatro Experimental de Cascais



GUIÃO

"E OUTRA VEZ CONQUISTEMOS A DISTÂNCIA"

"E OUTRA VEZ CONQUISTEMOS A DISTÂNCIA"



AMBIENTE

Numa manhã de primavera de 1537, encostam, junto à Ribeira das Naus algumas barcaças vindas da margem sul do Tejo, trazendo carga vária para abastecer as naus que em breve irão partir para a Índia. O sal, a farinha, os queijos do Alentejo, as louças do Seixal ou da Moita são descarregadas e arrumadas no cais.

Naquele areal a azáfama e o barulho são sempre grandes: por entre o martelar dos pregos no madeiramento dos barcos ouve-se a vozeria grave dos homens que se interpelam ou cantarolam, as risadas agudas da miudagem que por ali faz recados e trabalha de aprendiz, os pregões das vendedeiras, chamando a atenção dos fregueses e o grito das gaivotas brancas que alargam as suas asas em voos circulares envolvendo terra e mar.

Vão partir este mês cinco naus para o Oriente. As mais belas são a "Froi de la Mar" que já várias vezes cruzou os oceanos e tem por capitão Lopo Vogado e a nau "Rainha" comandada por D. Pedro da Silva da Cama, 5º filho do almirante do Mar das Índias e conde da Vidigueira, Dom Vasco da Cama. As outras três naus são: a "S. Roque" comandada por D. Fernando de Lima; a "Stª. Bárbara" sob o comando de Jorge de Lima, primo de D. Fernando e finalmente a "Galega" sob o comando de Martim de Freitas natural da ilha da Madeira. As naus estão ancoradas em S. José de Ribamar.

Aprestar esta armada para aguentar seis meses no mar até chegar a Goa é tarefa complicada: o Provedor da Casa da Índia e o Mestre



da Ribeira são responsáveis por toda esta azáfama. Não só todos os barcos tem de ser abastecidos dos alimentos necessários a tão longa viagem como teem de ser revistos desde os porões às cobertas e da popa à proa, reforçados e calafetados de novo, pois essa é a grande segurança contra as infiltrações da água do mar, como os longos cabos e as enormes velas são feitos de novo e destas há três andainas em bom pano lavrado nas terras da Maia. Os pendões, as bandeiras e os estandartes que se rasgaram em anteriores viagens são novamente bordados, que neles se espelha o orgulho do navio, como igualmente se espelha nas armas e arneses dos soldados, no bom funcionamento e brilho dos meios canhões, esferas e colubrinhas das baterias da amurada e nos berços, águias e falcões que guarnecem o castelo de vante e a ré. No rasto dos nossos barcos e farejando-lhes as riquezas vem muitos corsários estrangeiros. Só com uma boa artilharia é possível afastá-los.

A câmara do capitão e os camarotes dos oficiais são limpos e alindados. A tripulação e os passageiros dormem na coberta, ao sol, ao frio e à chuva, isolando-se cada qual no seu "gasalhado" junto à sua fazenda.

Na coberta inferior, bem protegido e amarrado irá um armário especial - a bitácula - guarda um recheio precioso: a bússula, a ampul baléstillha, o astrolábio, o quadrante, as cartas de marear e os portulanos, que garantem o rumo certo ao navio, tantos meses isolado entre céu e mar. Neste trabalho se ocupa o oficial das cartas de marear.

Se por acaso o navio é aprisionado o primeiro cuidado é destruir todo o armário e o seu conteúdo, não deixando estes documentos secretos e preciosos cair nas mãos do inimigo.



Na Ribeira, quando os operários chegam de manhã, o Provedor da Casa da Índia toca a sineta e reúne todo o pessoal. São feitas as orações da manhã e cada contra-mestre recebe do Provedor as instruções sobre as tarefas a executar.

GRUPOS DE TRABALHO

- 1/2 Junto à ossada de uma nau, os petintais ou carpinteiros sob as ordens do Mestre da Ribeira, que traçou na areia o risco do barco, trabalham as várias madeiras com que vão querenar e dar pendor à nau em construção. Vêm-se ali obreiros e sargentos acompanhados de aprendizes e de moços pequenos - os "ganha-dinheiros" que prestam ajuda a fazer recaços.
- 3 Enquanto os calafates acendem as fogueiras em que vai ser derretido o pez, os moços trazem a lenha, acendem o lume e cardam a estopa.



4 Ali perto alguns remolares preparam a feitura dos remos que lhes foram encomendados pelos bargueiros e estes, enquanto esperam fazem redes de pesca ou deitam o anzol ao rio.

5 Noutra zona da praia os cordoeiros de calabres, enrolam nos seus engenhos as várias idas de cabos de linho cânhamo que irão constituir todo o cordame da mastreação e as grossas e longuíssimas amarras para as embarcações.

6 Perto do armazém, em suas mesas, vê-se um oficial de cartas de marear tendo junto de si vários instrumentos de navegação ensinando aos mais novos como se usam.

Acompanha-o o piloto da "Caleta" para se certificar do rumo que a armada vai levar e preparar a bitácula do seu barco.

7 Um boticário com seus ajudantes selecciona e prepara as plantas medicinais para a farmácia de bordo.

8 Um tabelião também na sua banca, toma nota do material que entra e sai do armazém, mandando os ajudantes pesá-lo quando necessário e arrumá-lo, conforme se destina às naus ou seguirá para a Casa da Índia. Junto está um escrivaninho pronto a escrever cartas, petições e outros documentos.

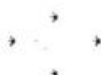
9 A feitura das velas também ocupa grande espaço e para as cortar e coser é necessário muito pessoal.

S 10/11 Junto às barcaças que entretanto chegaram vindas da Moita e do Seixal, afadigam-se os homens sob as ordens do arrais a descarregar os sacos de sal das salinas do Sul e os da farinha moída nos

moinhos de maré do Seixal, os pipos de vinho e os tabuleiros com queijos do Alentejo, a lenha cortada e os cestos com a louça de barro que servirá a bordo das naus. Às costas, em varas ou de burro vão transportando e arrumando as mercadorias.



- 12 Lavadeiras e ensaboadeiras em torno de grandes celhas lavam a roupa da marinhagem na barrela de cinzas e estendem-na.
- 13/14 Moços e mulheres acendem o lume e preparam em caldeiros o caldo que será servido ao pessoal e o peixe frito que irão comer sobre grandes fatias de pão, enquanto alguns frades mais gulosos rondam por ali.
- 15 As biscoteiras amassam a farinha com água e açúcar para a confecção dos biscoitos que vão ser cozidos no forno e serão a base da alimentação a bordo.
- 16/17 Das tendas dos vendilhões, saem mulheres escravas para irem vender peixe ou água ou fruta no arraial.



DRAMATIZAÇÃO

Uma mulher do povo lamenta-se com graça de que ali se não encontra vinho barato a vender, como dantes era costume, e vai folgazã e pitoresca contando como é seu hábito visitar as tabernas de Alfama e Mouraria e beber bom e barato.

Vai falando (o Pranto de Maria Parda) com uns e outros pedindo novas do seu homem que por lá anda - lá pelos Orientes e Índias, ou quem sabe, no Brasil ! - Há tantos anos que não sabe dele ! Primeiro ainda



lhe mandou notícias, alguns panos ricos e uma arqueta linda de madeira bem cheirosa cheia de pimenta e canela. Depois foi o silêncio e com ele a pobreza e a miséria em que se vê agora.

Ó desgraçada como tantas sem saber se é casada ou viúva! lamentam-se as outras mulheres. Mas o seu espírito folgazão vai tirando partido da situação e lá vai ganhando a vida como alcoviteira e vendedeira. Pede a uma cigana que lhe esconjure o maligno e lhe faça benzeduras, e vai ter com o escrivãozinho para lhe escrever uma carta ao seu Antão que só Deus sabe onde andar. Aparece um bando de saltimbancos, que, ao som de gaitas de foles e pandeiretas, faz monices e entremeses, distraíndo quem trabalha e ganhando assim a vida.

Num pequeno cercado, estão as galinhas e os coelhos, vindos na fragata para serem embarcados nas naus.

Por entre operários e vendedeiras passam frades e vadios, cães e um ou outro cavaleiro das ordens militares (a cavalo?).

Ao meio dia tange o sino das Ave-Marias e todos param para rezar o "Angelus", desbarretando-se em sinal de respeito e parando a faina para comer o jantar.

Aproxima-se entretanto das fogueiras onde se frita o peixe para os operários, um homem ainda jovem de 25 ou 27 anos com ar decidido e folgazão que pede lhe seja servido de comer, pois vai embarcar na "Galega" e pela primeira vez cruzar os mares. Traz um fato diferente dos outros, que mandou fazer para usar nos climas quentes, tal como o alfaiate lhe dissera que era uso naquelas paragens.



Diz-se natural de Montemor-o-Velho tendo vindo para Lisboa muito novo talvez com dez anos e desde menino sempre que podia vinha até à beira-rio contemplar os barcos que o chamavam para a aventura, para o desejo de longes e distâncias, para viver ele histórias que outros contavam. Já tinha feito uma experiência -infeliz- numa nau para Setúbal, mas medo era coisa que não conhecia.

Agora chegara o momento de ele também partir para longe ! Era simpático, conversador, e os homens foram-se juntando em volta dele, enquanto comiam, para ouvir as muitas aventuras que já em Portugal tinha vivido.

Chamava-se Fernão e no que contava com tanta vivacidade, ficava sempre uma dúvida: seria verdade tudo aquilo ? Embora moço de câmara do Mestre da Ordem de S. Tiago, o Senhor D. Jorge de Lencastre filho bastardo e muito amado de El-Rei D. João o segundo, que Deus haja - não o satisfazia o pouco ganho que conseguia em casa de tão nobre Senhor.

Convivendo com os freires de S. Tiago nos seus castelos de Setúbal e Palmela ouvia entusiasmado contar muitas das proezas que os portugueses realizavam pelo Oriente e de como, por acção dos missionários se convertiam à fé cristã tantos gentios.

Antes de D. Jorge havia servido, durante vários anos e com muito agrado, a Francisco de Faria que tinha numerosos parentes em Goa e Malaca. Fez este boas recomendações a seus primos que aceitaram Fernão ao seu serviço em Goa.

E assim vai finalmente partir, a bordo da nau "Calega". Tanta aventura, num homem tão novo, espantava quem o ouvia. Seria tudo verdade ?



Depois de comer, andou Fernão pelo arsenal investigando os trabalhos e as mercadorias que se descarregavam dos barcos até que se senta junto ao tocador de alaúde(?) cantando tristes romances que falam de naufrágios e tragédias e entristecem os de ânimo mais dócil ou inflamam de maior gosto pela aventura aqueles que já de si são bravios, valentes ou brigões.

Um alarido grande num dos extremos do arsenal chama a atenção de todos: atrás de um aldeão de meia idade, vem uma mulher em pranto acompanhada de duas meninas e de dois moços de camara que correm atrás dos pais.

O aldeão procura o filho mais velho que já não vê há muito e que segundo lhe disseram está em vésperas de partir para a Índia, na "Calega".

Lamenta-se e condena toda a cidade de Lisboa e o seu luxo, aquela azáfama intensa que vai levar para longe tantos homens necessários aos trabalhos do campo. Todos vem para a cidade em busca de ganho fácil, deixando mais pobre a terra, por lavrar e sem dar fruto. Todos querem partir para longe abandonando os pais velhos e sem forças, as noivas, as mulheres e até os filhos que choram e rezam pelos ausentes. A Índia das especiarias, o Oriente do ouro e da prata, a África dos escravos, são só sonhos de grandeza e de vaidade



inútil e vão deixando Portugal mais pobre.

A guerra contra o mouro infiel não precisa ser feita lá tão longe, pois aqui bem ao pé da porta está Marrocos, de onde os infiéis outrora expulsaram os cristãos. Também aqui se podem colher vitórias e indulgências e não despo-voar o reino.

Malditos barcos, malditas aventuras, maldita vaidade, maldito consumo de fazendas, reinos e impérios !

Suplica: - Fernão, meu filho fica junto de nós que de Montemor te viemos procurar. Vê tua mãe como se lamenta.

Se partes também teus irmãos querem partir. Já vieram para Lisboa servir em casas fidalgas e nós ficamos mais sós, mais pobres e mais envelhecidos.

Fernão abraça a família e diz-lhe que o seu desejo e partir é tão grande como as saudades que vai ter deles; Mas já tem lugar certo na "Calega", vai servir os Farias de Tentúgal, que o pai conhece, peregrinar por esse oriente fabuloso. Há-de voltar rico e de enriquecer a família, que o que ganha em Portugal é fraco. Pede ao pai que lhe dê a benção e que deixe partir os irmãos mais moços pois eles também trarão lustro e riqueza para a família . Promete que às irmãs dará do que trouxer e ficarão ricas.

Que o pai veja bem a grandeza desta empresa em que vão partir tantos bravos que já foram mais de uma vez barra fora e voltaram cheios de riqueza e fama, e aumentaram a honra e a autoridade do Rei de Portugal, e espalharam a



fé de Cristo entre os gentios.

O pessoal vai-se juntando em redor desta cena de família, uns tomando partido pelos pais velhos e desamparados e pela terra abandonada, outros pela gente nova que anseia glórias e riqueza, aventuras, conversão dos gentios e poderio para Portugal.

Às 4 horas volta a tocar o sino das vésperas e os frades iniciam o seu cantochão chamando todos para rezar as ladainhas que diariamente são ditas por alma dos que morrem nesta empresa e por salvação de quantos por lá andam. Juntam-se alguns cavaleiros da ordem de Cristo.

Organiza-se uma procissão com a imagem de N^a. Sr^a da Conceição que dando a volta ao terreiro se aproxima da nau em construção sobre a qual é lançada a benção, com o hissope e água benta. Todos os trabalhadores, mareantes, frades e demais povo participam na cerimónia com devoção, respondendo às ladainhas, rezando e cantando.

MENDO PINTO (José Gouveia)



Idade: 50 anos

Naturalidade: Montemor-o-Velho

Estado Cível: Casado, pai de 5 filhos (3 rapazes, Fernão o mais velho e
2 raparigas)

RETRATO:

- Rendeiro do Alcaide de Montemor-o-Velho
- Vive com dificuldades
- Sofre com o despovoamento e com o abandono das terras e considera Lisboa um sítio de perdição.
- A rogo da mulher, que receava não mais ver o filho, acede vir a Lisboa para dissuadir Fernão de correr o risco da viagem e de levar atrás os filhos mais novos. Ele que tanto lutou para arrendar mais terras para os filhos cultivarem e continuarem a servir os alcaides como sempre foi tradição da família.
- Fora informado da partida de Fernão pelos Farias que estavam unidos ao alcaide por laços familiares.

INÊZ CATARINO (Conceição Santos)



Idade: 45 anos

Naturalidade: Viseu, vive em Montemor-o-Velho desde criança

Estado Civil: Casada, mãe de 5 filhos (3 rapazes, Fernão o mais velho e
2 raparigas)

RETRATO:

- Fala "axim" e troca os vês pelos bês
- Gasta e cansada, nem lhe resta o consolo de ter junto de si os seus filhos que fugiram às fomes e à penúria. (Ver cap. IV Estrofe XC - Lusíadas"
- * A mãe diz a chorar com o desespero de não o tornar a ver:
 - Oh filho meu que não torno a ver-te tão cedo ! Oh filho, que eu esperava fosses a minha força e amparo na velhice ! Assim acabarei em choro amargo e negro abandono. Porque me deixas mísera e mesquinha. Oh filho querido porque te afastas de mim para que sejas dos peixes mantimento.

PROVEDOR

AFONSO DE SOUSA (Geraldo Touché)



Idade: 40 anos

Naturalidade: Lisboa, 2º filho de Tomé de Sousa

Estado Civil: Viúvo, 2 filhos

RETRATO:

- Foi em criança para S. Salvador da baía de onde voltou para o Colégio da Cotovia (no Príncipe Real). Frequentou a Corte e era da confiança do Rei (D. João III)
- Em atenção aos feitos do pai, 1º capitão-mor do Brasil, deram-lhe o cargo de Provedor da Ribeira e da Telha.
- Tem dois filhos, um deles é bandeirante em S. Paulo o outro é militar em Diu e está em risco de ser cercado pelo "Turco"



MESTRE ANRIQUES SOEIRO (Manuela Mota)

Idade: 55 anos

Naturalidade: Lisboa, Alcântara

Estado Civil: Casado, com filhos e netos. Uma filha é freira Clarissa
em Faro

RETRATO:

- Estudou em Coimbra no Colégio das Artes e depois em Lisboa fez amizade com Abraão Zacuto que lhe ensinou astronomia. Com Bartolomeu Colombo aprendeu a desenhar e a ler cartas no que se tornou mestre respeitado.
- Já viajou para a Índia com a armada de Pedro Álvares Cabral
- Tem como amigos e colegas os melhores cartógrafos e navegadores do reino, foi nomeado cosmógrafo-mor por D. João III
- Fala com Fernão, não lhe dá elementos científicos mas fala da vida a bordo
- Ensina o grupo a utilizar os instrumentos, a traçar a rota, a montar a bitácula e os cuidados a ter com estes bens preciosos.



PERO FERNANDES (José Barreiros)

Idade: 52 anos

Naturalidade: Santarém

Estado Cível: casado

RETRATO:

- Fora criado em casa de el-rei.
- Toma nota em dois livros de tudo o que chega ou parte do seu armazém.
Toma nota do material pedido pelos mestres dos navios para o seu trabalho.
- Assiste à pesagem dos materiais
- Não pode emprestar nada sem autorização do provedor
- Tem de ordenado 120 000 reis
- Passa a vida a implicar com o fiel temendo ache menos nas contas
- Pesa: Especiarias; fardos de algodão; pipas de vinho; sacas
- Pedem-lhe emprestada a caixa dos pregos e arcos de ferro e ele depois de os contar vai junto do provedor saber se os pode fornecer ao mestre dos navios e quantos este pode gastar.



DAMIÃO MONTALTO (João Paulo)

Idade: 30 anos

Naturalidade: Córdova e fugiu para Portugal quando da expulsão dos judeus pelos reis católicos

RETRATO:

- A família foi queimada pelo Santo Ofício em Évora. Ele converteu-se mudou o seu nome de Samuel para Damião (padroeiro dos boticários) e estudou em Coimbra.
- Obteve o cargo de boticário desta armada, como recompensa por ter curado o rei de uma chaga numa perna com aplicações de urina.



COMADRE CREMILDE (Cremilde Barreiros)

Idade: 35 anos

Naturalidade: Lisboa, Alfama

Estado Civil: Viúva. Numerosos filhos

RETRATO:

- Trabalha de padeira e biscoiteira pois dela depende o sustento da família.
- Sua filha Brites está no recolhimento de Santos, onde as boas freiras lhe ensinam as artes da costura e da doçaria com o que ela espera poder-lhe arranjar um bom casamento dali a dois anos.



BRÁZIA DIAS (Lina)

Idade: 28 anos

Naturalidade: Lisboa, St^a. Catarina

Estado Civil: Casada, com filhos

RETRATO:

- Serviu em casa de um nobre, mas quando soube daquele trabalho pediu para ficar no lugar porque era mais bem pago e em dinheiro enquanto que em casa de D. Jorge raramente recebia soldada, era a comida (para ela e mesmo assim ia chegando para a casa e alguma roupa velha que nem os algibebes da Ribeira a queriam para vender)
- Mal dava para aguentar a casa tanto mais que o marido, arrais das fragatas do Tejo não tem ganho certo.
- Um dos filhos com 9 anos era ganha-dinheiros no cais da Telha e outro com 8 anos anda com o pai a bordo da fragata o que lhe faz trazer o coração apertado sempre em susto, não vá cair e ser levado pelas correntes do rio.

BLANCA DENISA (Conceição Santos)



Idade: 29 anos

Naturalidade: Granada

RETRATO:

- Nasceu em Granada e veio para Portugal atrás de um marinheiro que acabou por abandoná-la.

FREI BENTO DOS MÁRTIRES (Fernando Nôia)



RETRATO:

- Frade franciscano do convento de S. Francisco da Cidade em St^a. Catarina.
- Irá como capelão da armada, pelo que acompanha já os cuidados espirituais aos mareantes e trabalhadores
- É acompanhado por dois irmãos noviços no mesmo convento: Vicente e João.



Fernão Mendes Pinto (João Paulo)
Pai do Fernão - Mendo Pinto (José Gouveia)
Mãe do Fernão - Inêz Catarino (Conceição Santos)
Provedor da Ribeira - Afonso de Sousa (Geraldo Touchê)
Cosmógrafo-mor - Mestre Anríques Soeiro (Manuela Mota)
Almoxarife - Pero Fernandes (José Barreiros)
Cirurgião - Damião Montalto (João Paulo)
Biscoiteira - Comadre Cremilde (Cremilde Barreiros)
Cozinheira - Brázia Dias (Lina)
Cigana - Blanca Denisa (Conceição Santos)
Padre - Frei Bento dos Mártires (Fernando Nóia)

H O R Á R I O

9.50 h - Chegada dos alunos, que se dirigem ao local onde vão mudar de roupa.

Deverão guardar todos os seus pertences num saco identificado. Ao chegar, devem já saber qual vai ser o seu grupo da manhã e da tarde, e se vão fazer de rapaz ou rapariga. Ao sair, vão imediatamente para junto do seu monitor da manhã.

10 h - Os alunos, enquadrados pelos seus monitores, reúnem-se junto do Provedor da Ribeira das Naus.

Aí, para começar o dia de trabalho, será rezada uma oração em conjunto. Depois, o provedor dirige-se-á aos trabalhadores, exortando-os a trabalharem bem, sob as ordens dos seus mestres, pois o sucesso daquela armada depende, em boa parte, de todos eles.

11 h - Aparecimento de saltimbancos e de uma cigana, que lê as sinas.

10.30/12 h - GRUPO 1 - descarga do barco

GRUPO 2 - trabalhos de calafetagem; acender o lume e derreter o pês

GRUPO 3 - carregar água para o biscoito e para as lavadeiras; dar de beber a quem tem sede

GRUPO 4 - trabalhos de carpintaria

GRUPO 5 - trabalhos de cozinha: amanho do peixe e confecção

GRUPO 6 - confecção de biscoito

GRUPO 7 - trabalho com velas

GRUPO 8 - trabalho com cordas e nós

GRUPO 9 - lavagem de roupa

GRUPO 10- trabalhos de carpintaria ou boticário

GRUPO 11- estudo dos instrumentos e das cartas

de marear; montagem da bitácula

GRUPO 12- trabalho no armazém, junto do tabelião:

pesagem e arrumação do material

12/14 h - Oração da tarde; jantar; aparece Fernão Mendes Pinto.

14.30 h - Aparecem os pais de Fernão.

14/15.30 h - GRUPO 1 - confecção de biscoito

GRUPO 2 - trabalhos de carpintaria ou boticário

GRUPO 3 - trabalho no armazém

GRUPO 4 - conclusão da descarga do barco

GRUPO 5 - lavagem da louça

GRUPO 6 - trabalhos de calafate

GRUPO 7 - lavagem e estender de roupa

GRUPO 8 - estudo das cartas de marear

GRUPO 9 - vendedores ambulantes

GRUPO 10- trabalho com velas

GRUPO 11- carregar água

GRUPO 12- trabalho com cordas e nós

15.30 h - Oração do fim do trabalho. Reunião para a organização da procissão. Procissão.

16 h - Fim da acção. os alunos regressam ao local onde guardaram as suas roupas e vestem-se para sair.

RELATORIO SOBRE O PROJECTO

"HISTORIA AO VIVO"

UM DIA NA RIBEIRA DAS NAUS EM 1537



Este projecto surgiu da descoberta em mais profundidade da técnica "Living History", durante o seminário da APDM "A Escola vai ao Museu", em Maio de 1987.

1. Os professores de História há muito sentem a desadequação do actual programa as condições de ensino:

1.1. a sua extensão (não podemos esquecer que temos mais de 600 anos de História!) leva a que, por pouco que se queira aprofundar este ou aquele aspecto, é impossível chegar sequer a meio da matéria, com a esperança que os alunos tenham compreendido, fixado e interiorizado alguma coisa.

1.2. E muito difícil para crianças de 9/12 anos, sem grande treino mental trazido da primária, vivendo em condições precárias, muitas delas sem a língua portuguesa como língua-mãe, conceptualizar conceitos tão difíceis como passado, cronologia, classes sociais, problemas económicos e sua articulação com os políticos, equivalência espaço-temporal de vários acontecimentos; isto para já não falar em conceitos tão abstractos como fé, mentalidades, etc.

Por estas razões, o estudo da História através da vida quotidiana tem sido a forma mais eficaz de contornar esses obstáculos: as visitas de estudo a sítios onde os acontecimentos se passaram, a observação de obras de Museus em que esses aspectos da vida quotidiana estão representados, a dramatização, são técnicas utilizadas com bons resultados. Se a isso juntarmos uma organização, o verdadeiro sítio onde os factos se passaram, e pusermos as crianças a viver a vida como ela era na época, pensamos ter encontrado o caminho para a interiorização de uma época, por parte dos alunos.



1.3. A escolha de uma acção passada na época dos Descobrimentos é natural no tempo que atravessamos, por pensarmos que esta seria a forma de 600 crianças de Lisboa terem uma noção mais viva dos desafios, das dificuldades e do entusiasmo desse período da História nacional, parte importante do seu programa de estudos.

1.4. Para além disso, a escolha da Ribeira das Naus adveio da preocupação de chamar a atenção dos jovens e da cidade para uma zona histórica, carregada de significado e completamente abandonada, na esperança de que a acção servisse também para chamar a atenção para mais um elemento do nosso património em plena degradação, e onde, durante 15 dias, foi possível fazer reviver os sons, os cheiros, os ruídos, a animação, a azáfama dos estaleiros de 500.

2. Um projecto destes, para ser viável, tem de implicar uma parte muito considerável da Escola - Conselho Directivo, funcionários, professores, pais. Sem a colaboração destes elementos, muito dificilmente se poderá levar a cabo um trabalho destes. Por isso:

2.1. foram feitos contactos para motivar os professores, e em alguns casos também os pais. Mais próximo da data da acção, foi feito um pequeno curso de formação para todos os adultos participantes, o que incluiu professores, funcionários e actores.

2.2. Os professores foram forçados a refrescar ou completar os seus conhecimentos sobre diversos temas em

estudo, embora lhes fosse fornecida documentação de base. Para muitos, esse estudo foi uma ocasião agradável de renovar conhecimentos, e trabalhar de uma forma interdisciplinar com colegas com quem habitualmente não teria tanto contacto.

2.3. O facto de os professores terem de preparar os alunos para a acção, e de uns e outros virem a ser actores dela, levou a uma maior ligação entre professores e alunos, ainda nesta fase de preparação.

3. A preparação dos alunos, que foi feita de forma muito activa, entusiasmou-os muito, tendo-os levado a trabalhar com entusiasmo e vontade de descobrir; as próprias datas, sempre tão detestadas, foram consideradas elementos preponderantes para a compreensão do "antes", do "durante" e do "depois"... Como materiais de preparação da acção foram utilizados os seguintes: trabalhos de grupo com apresentação aos colegas dos resultados, seguido de críticas; visitas de estudo a locais donde fosse possível extrair informação sobre a matéria em estudo; debates baseados em passagem de slides; exploração de uma maleta pedagógica preparada expressamente para o efeito; organização e/ou visita a uma exposição temática, enquadrada por apresentações de danças, música e teatro da época.

A acção em si foi um sucesso, e mesmo algumas falhas apresentadas pelos alunos, como a dureza do trabalho ou a pequena paga, são resultados que queríamos conseguir - a vivência das condições da época.

Os alunos sentiram-se verdadeiramente no

sec.XVI,viveram com entusiasmo a descoberta de sons desconhecidos (latim,sinos,pregoes),sentiram na pele as duras condições de trabalho e a impossibilidade,para a gente do povo,de comprar certos bens,perceberam a necessidade de utilizar correctamente os instrumentos,sentiram a fome e o cansaço do trabalho manual,o valor da entre-ajuda,a separação das classes,a importancia da religião e a riqueza que é a água.

Nos trabalhos de reflexão feitos a seguir,nos contactos com os pais e professores,na avaliação final do ano (V.anexos)ficámos com a noção de como os alunos sentiram aquele dia,como foram capazes de transmitir as experiencias recolhidas,como dominavam a epoca.No fim do ano,quase não houve negativas em provas de avaliação de História.Ao que sabemos,não houve um só que não tivesse gostado de participar na acção (V.anexos).

4. Em algumas escolas,o sucesso desta acção levou a vontade de organizar projectos autónomos,um pouco mais circunscritos,mas igualmente interessantes.

Levou tbem os professores a conhecerem-se melhor e a perceberem com quem podem contar dentro da Escola,para acções que ultrapassem o dar aulas;deu-lhes uma certa autoconfiança,uma certa capacidade de falar ou trabalhar em temas que não são da sua estrita especialidade.A pequena "representação" a que foram obrigados - trajos,portugues do sec.XVI,formas de tratamento,tarefas e gestos fora do habitual,levaram professores,alunos e funcionários a testar as suas possibilidades e a ganhar o desafio.

Por tudo o que ficou dito, consideramos que projectos deste tipo tem um enorme valor pedagógico, e que são de repetir, espalhar e dar a conhecer, não só através da escola, como da comunidade, de forma a envolvê-la toda em projectos de salvaguarda do património, que serão ao mesmo tempo verdadeiras aulas de História.

Felizmente, com o estímulo deste projecto, tanto um aspecto como o outro estão já em curso, o que consideramos um dos melhores resultados do nosso trabalho.

Lisboa, 26 de Agosto de 1988

As responsáveis pelo projecto



T. VIANA

M. Manuela Mota

Paula Bácia

Teresa Viana



Associação Portuguesa de Museologia

Museu de Arte Popular — Avenida de Brasília — 1300 Lisboa/Portugal

Exm^o. Senhor

Dr Serra Brandão

M.II. Presidente da Comissão Nacional
para as Comemorações dos Descobrimen-
tos

Casa dos Bicos

LISBOA

Lisboa, 22 de Dezembro de 1987

N.º Ref.º 159/87

Exmo Senhor,

Junto temos o prazer de enviar o projecto de orçamento para a concretização da acção "...e o mar começa" à qual a Associação Portuguesa de Museologia dá o seu patrocínio e apoio técnico.

Esta acção visa levar crianças entre os 8 e os 12 anos a viver a preparação da partida de uma armada para o Oriente, segundo a técnica de "História ao Vivo". A armada escolhida foi a de D. Garcia de Noronha que largou de Lisboa em meados de 1538, incluindo a nau "Santo António" de que era capitão D. Cristóvão da Gama, figura principal deste projecto.

Já se encontra neste momento recolhido numeroso material e bibliografia para a preparação didáctica dos Professores e alunos que vão participar. A escola Ferbão Lopes tem já este projecto aceite como trabalho da Escola e vão ser contactados próximamente escolas primárias da zona de Belém, Algés e Dafundo, para se seleccionarem as que podem e querem participar.

Este projecto, que consideramos experimental é, conforme nos foi já dado explicar a V.ª Ex.ª, o primeiro de uma série de acções similares que pretendemos levar a efeito em diversas localidades do litoral português (continental e insular) estendendo-o depois progressivamente para todos os países aonde chegaram as caravelas de Portugal. O projecto poderá assim estender-se até ao ano 2000. (ver documentação anexa)

A primeira experiência, irá ter lugar durante duas semanas em final de Maio/princípio de Junho de 1988, junto à Torre de Belém,

500

tendo-nos já sido prometido o apoio da nau S. Gabriel (ou Trindade) pelo actor António Vilar.

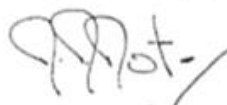
Estamos neste momento a trabalhar com o Museu de Marinha que aderiu com muito interesse ao nosso projecto e nos vai facultar visitas preparatórias aos Professores das Escolas seleccionadas.

Procuramos igualmente apoio de outras entidades como - Ministro da Educação, A.G.P.E., Câmara Municipal de Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Aporvela, etc...

Contamos com o apoio que a nível de secretariado nos possa ser dado pela Comissão Nacional para a Comemoração dos Descobrimentos portugueses e aguardamos a vossa decisão sobre o financiamento para as numerosas despesas envolvidas neste projecto, cientes de que nos estamos a empenhar numa acção complexa mas de um grande alcance cultural quer a nível nacional quer nas relações internacionais.

Certa do vosso inestimável apoio, enviamos os nossos melhores cumprimentos

Pela Direcção



Maria Manuela Mota
Presidente



Associação Portuguesa de Museologia
Museu de Arte Popular — Avenida de Brasília — 1300 Lisboa/Portugal

Exm^a. Senhor
Director do "EXPRESSO"
Rua Duque de Palmela, 37-2^{da}
1296 LISBOA codex

Lisboa, 7 de Setembro de 1988

Exm^a. Senhor Director

"Afim há uma Comissão dos Descobrimentos que funciona"

Com este título e assinada com as iniciais J.Q.M. publicou o Expresso em 3 de Setembro corrente, um interessante artigo que dá a conhecer a actividade, de certo modo discreta, da Comissão para as comemorações dos Descobrimentos Portugueses do Ministério da Educação, orientada logicamente para a população escolar. A sua actividade iniciou-se em 1988 e vir-se-á a desenvolver principalmente em 1989 e anos seguintes, sob a presidência do Prf. Dr. Luis de Albuquerque apoiado numa dinâmica equipa de professores.

Porque no entanto nos chocámos com uma inexatidão contida no referido artigo, vimos pedir a V. Ex^a. seja publicada a sua correcção que em nada afecta a credibilidade da Comissão a qual temos em grande apreço - mas que dá, a quem de direito, a autoria e a realização de um projecto experimental para uma acção de grande fôlego e do mais profundo alcance pedagógico e cultural.

Trata-se da responsabilidade do programa de "História ao Vivo", que movimentou cerca de 600 alunos no decorrer de dez dias : esta acção foi projectada, programada e realizada pela Associação Portuguesa de Museologia (A.P.O.M.), dentro do seu programa de dinamização cultural de Museus, Monumentos, sítios arqueológicos, lugares históricos e acervos patrimoniais.

A técnica de "História ao Vivo" procura abranger em ac-

APOM

-2-

ções conjuntas o museu , a escola ea comunidade, num pleno aproveitamento das suas capacidades didáticas.

Relacionando esta técnica com as comemorações dos Descobrimentos, levou a Apom a efeito um projecto-piloto na Ribeira das Naus sob o lema "... e outra vez conquistemos a Distancia"; comprovado o êxito e o interesse desta iniciativa irá agora a Apom trabalhar com a Comissão do Ministério da Educação para alargar progressivamente a outras localidades e a maior numero de alunos accções similares e repetindo todos os anos o projecto de Lisboa.

Mas o nosso sonho ainda é maior : as naus que partiam de Portugal chegavam.... a Áfricas, a Isias e a Brasis ! Vamos viver a festa do encontro inicial levando as nossas crianças a conviver com "outras" crianças, ano após ano, num abraço que se poderá prolongar até ao ano 2.000, conquistando a Distancia.

Foi este o programa que a APOM apresentou em 1977 ao Dr Serra Brandão, então Presidente da Comissão Nacional. O seu apoio foi franco, entusiástico e generoso.

Pelo seu alcance didático transitou em 1988 este projecto para o âmbito do Ministerio da Educação, tendo sido aprovado e recebido luz verde para prosseguir, o que muito nos encorajou. Com apoios logísticos, financeiros e humanos de numerosas entidades entre as quais salientamos a Camara Municipal de Lisboa e a da Moita, o Estado Maior da Armada, a Fundação Calouste Gulbenkian, o grupo do Teatro Amador de Chelas e outros elementos da comunidade que se deixaram encantar pelo nosso projecto e entusiasmo, levamos a bom termo o nosso sonho. (Não passou este tão despercebido que não fosse publicado em alguma imprensa e projectado na TV mais de uma vez.)

Estamos certos que procurará V. Ex^{ta}. esclarecer os seus numerosos leitores dando á APOM a responsabilidade do que realmente lhe pertence e dando á Comissão do Ministerio da Educação a certeza de que temos o maior gosto no futuro trabalho conjunto, dando às comemorações dos Descobrimentos um projeto de fôlego com real interesse nacional e internacional.

Maria Manuela Mota
Presidente da APOM

91

HISTÓRIA AO VIVO EM BELÉM E RIBEIRA DAS NAUS

CRIANÇAS DAS ZONAS RIBEIRINHAS RECRIAM UM DIA DO SÉC. XVI

UMA centena de crianças de escolas da zona ribeirinha de Lisboa têm hoje um dia de actividade escolar bem diferente do habitual. À beira-Tejo, na Ribeira das Naus e em Belém, elas são protagonistas de uma lição de História ao vivo, participando em todas as tarefas que antecedem a partida das naus para a Índia. Na Ribeira das Naus vive-se um dia de 1537 e, em Belém, as mesmas circunstâncias, mas um ano depois.

Em ambiente de grande excitação, fomos encontrar, esta manhã, 60 alunos das escolas preparatórias Fernão Lopes e Delfim Santos, vestidas à época, de vendedores, artesãos, marinheiros e frades, atrás de um tapume, a partir do qual se vive em pleno século XVI. Vedado ao público, «pois não se trata de teatro mas de uma aula ao vivo», como nos referiu a dr.^a Paula Bárcia, os jovens alunos completam desta forma uma acção escolar desenvolvida ao longo do ano lectivo, acção esta para a qual foram minuciosamente preparados.

A ideia, patrocinada pela Associação Portuguesa de Museologia, conforme nos revelou a

docente, foi importada de Inglaterra e tem por objectivo fazer reviver museus e edifícios públicos pouco vivos. «Escolhemos porém um espaço vazio, que é em si um monumento, a Ribeira das Naus», explica a docente. E é desta forma que os jovens serão hoje personagens vivas de uma época gloriosa da História de Portugal, os Descobrimentos.

Paralelamente, em Belém, numa acção idêntica, de grande impacto visual, vive-se a partida de uma nau, neste caso cedida pelo actor António Vilar. Esta segunda aula de História foi levada a cabo pelo Serviço Educativo da Fundação Ricardo Espírito Santo Silva e prossegue uma acção desenvolvida por aquela instituição, no ano passado. Margarida Lancaster

disse ao nosso jornal que as crianças de escolas da zona ribeirinha e da escola de teatro vão carregar a nau tal como se fazia no século XVI, vivendo desta forma a história dessa época. Trata-se de uma acção pedagógica, disse-nos, que só foi possível graças ao contributo de muita gente, que deve ser seguida em todos os pontos do País.



Vestidos à época, alunos das escolas ribeirinhas recriaram hoje um dia do séc. XVI, quando as naus partiam para a Índia, na gloriosa época dos Descobrimentos. Foram aulas de História ao vivo levadas a cabo em Belém e na Ribeira das Naus

Documento 7

Maleta Pedagógica

Arquivos de M. Manuela Mota e de Paula Bárcia

A Maleta Pedagógica foi criada por Manuela Mota e começou a ser utilizada em 1988, no decorrer do projeto «...e outra vez conquistemos a distância», com o apoio do Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses. Foi elaborado um documento com sugestões para a utilização do Baú Pedagógico pelos professores, inicialmente distribuído em fotocópias e depois impresso e editado pelo Grupo de Trabalho.

1. Primeiro documento distribuído em fotocópias;
2. Cópia do documento impresso pelo Grupo de Trabalho.

Esta documentação foi conseguida através do levantamento de Raquel Alves Coelho em 2009, presente no Apêndice Documental da sua Dissertação de Mestrado: COELHO, Raquel da Assunção Bernardo Alves, *História Viva. A Recriação Histórica como Veículo de Divulgação do Património Histórico e Artístico Nacional (1986-2009). Conceitos e Práticas.*, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2009.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Estado da Reforma Educativa

Grupo de Trabalho do Ministério da Educação
para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses

*SUGESTÕES PARA A UTILIZAÇÃO
DA MALETA PEDAGÓGICA PELOS PROFESSORES*



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Estado da Reforma Educativa

Grupo de Trabalho do Ministério da Educação
para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses

1. Sucere-se, antes de mais, a leitura atenta da carta de Pedro de Faria, que acompanha a maleta, mas que já foi distribuída durante o segundo encontro de professores.

2. A maleta reproduz o feitio das arcas que iam e vinham da Índia com os pertences dos viajantes abastados. Os mais ricos usavam baús ainda mais reforçados, para se defenderem dos ratos e das baratas que a bordo atacavam tudo.

3. Todos os materiais contidos na maleta são para ser manipulados, experimentados, provados, cheirados, individualmente ou em grupo, e depois comentados e/ou registados sob qualquer forma. Esta exploração sensorial faz parte integrante da formação dos alunos sobre o século XVI.

4. Para a utilização correcta dos instrumentos náuticos ver a brochura "A propósito do séc. XVI". Os instrumentos rectangulares, mais pequenos, são os KAMAL, usados pelos árabes para calcular a latitude. Segurando o cordel com os dentes, apontava-se a base superior do rectângulo à estrela; contando os nós entre a placa de madeira e a boca, podia-se calcular a latitude, através de uma tabela. Era um processo utilizado no Oceano Índico, mais rudimentar e falível que os dos portugueses, pelo que em pouco tempo depois da nossa implantação no Oriente caiu em desuso.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Estado da Reforma Educativa

Grupo de Trabalho do Ministério da Educação
para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses

5. As bússolas ou agulhas de marear serviam para saber onde estava o Norte, e ajudar a encontrar o rumo nas cartas e mapas. Com esta bússola e os mapas que vão na maleta podem fazer-se exercícios de orientação, reconhecimento, traçado de rotas, estudo dos conhecimentos geográficos da época, etc.

6. Na Europa do séc. XVI não havia tecidos de fantasia. Eram de cores lisas, de um modo geral pouco delicados, com excepção dos que eram produzidos ou importados pelas repúblicas italianas, das breitanhas francesas e das rendas belgas. Por isso, o aparecimento dos tecidos indianos, a preços competitivos, estampados, bordados, às riscas, com fibras novas e delicadas, e com diferentes formas de tecer - o brocado, o cetim, o damasco, os veludos de seda - foi um deslumbramento.

Para quem tiver interesse em aprofundar o assunto, sugere-se uma visita ao Museu do Traje, para observar as técnicas de estamparia das chitas - palavra de origem indiana - importadas no séc. XVIII do Oriente, assim como uma visita à exposição de chitas de Alcobaça, ainda (?) no Palácio da Ajuda.

7. A faixa dourada, que era usada pelos homens como cinto, e pelas mulheres na cabeça (e foi adoptada pelos portugueses no Oriente) é um exemplo da riqueza dos tecidos indianos e da diferença entre os conceitos europeus e orientais de estética do vestuário.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Estado da Reforma Educativa

Grupo de Trabalho do Ministério da Educação
para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses

8. As especiarias nos sacos são uma amostra da variedade que os portugueses introduziram em grandes quantidades e baixos preços na Europa. Era luxo na época, em vez dos alimentos cozidos ou crelhados vulgares, apresentar banquetes com grande número de especiarias condimentando cada prato.

Desenhadas e pintadas, juntamente com um comentário ao seu sabor, poderão resultar num registo original e difícil de esquecer. Ver receitas no livro citado.

9. A caixa pequena contém conchas originárias das ilhas Maldivas, a que se chama CAURIS. No séc. XVI estas conchas eram moeda corrente desde a Península Arábica até à China. A sua textura macia e brilhante levou alguns europeus a pensar que eram elas a matéria-prima de que se fazia a porcelana, matéria frágil e ao mesmo tempo sólida, de que os chineses tinham o segredo. Daí se chamar porcelanas a estas conchas na Europa, e se ter tentado moê-las para, com o pó assim obtido, se produzir a pasta de porcelana. Sem êxito, claro, porque a base da porcelana é o caulino.

Por vezes os alunos conseguem descobrir a razão por que o baú contém essas conchas tão bem acondicionadas.

10. Conforme relata Pedro de Faria na sua carta, a porcelana é conhecida e muito apreciada pelos portugueses, os primeiros na Europa a a considerá-la mais limpa que as baixelas de estanho, mais económica na substituição das peças e esteticamente mais agradável. Assim, os ricos portugueses encomendavam baixelas, por vezes com o número de peças a dobrar, por causa das



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Estado da Reforma Educativa

Grupo de Trabalho do Ministério da Educação
para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses
obras, com a decoração a gosto.

Convém chamar a atenção dos alunos para o que distingue a porcelana da faiança: o translúcido, o som cristalino quando percutida, a cor e a fractura, que é sempre arredondada.

A porcelana relaciona-se com a cerimónia do chá, o qual foi introduzido na Europa pelos portugueses na mesma época, e levado pela infanta D. Catarina, noiva de Carlos II de Inglaterra para esse país, juntamente com um bolo de especiarias a que hoje se chama bolo inglês e com os queques (cakes), com o sucesso que se conhece até aos nossos dias...

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

SECRETARIA DE ESTADO DOS ENSINOS BÁSICO E SECUNDÁRIO
Grupo de Trabalho do Ministério da Educação
para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses

BAÚS PEDAGÓGICOS

Utilização e Conteúdo

Com o apoio da Comissão Nacional



UTILIZAÇÃO DOS BAÚS PEDAGÓGICOS

As maletas pedagógicas têm sido usadas pelos Museus como forma prática e eficaz de levar o público a ter um contacto mais directo com materiais, peças ou objectos.

Utilizando peças de segunda escolha ou réplicas de outras, com a realização de materiais de exposição e documentação de apoio, levam o Museu até onde ele, de outra maneira, não poderia chegar.

A possibilidade de ver de perto, manipular, experimentar como funciona, sentir texturas e odores diferentes cria uma relação afectiva com as peças, relação essa que se mantém e desenvolve na posterior visita ao Museu.

Estas maletas podem ser feitas a propósito de um tema específico, como, por exemplo, a porcelana, o sal, a gastronomia de uma região (todas existentes), uma época ou local determinado — a ocupação romana em Milreu, a vida quotidiana no Palácio de Queluz, por exemplo — ou como complemento de uma exposição temporária e/ou itinerante,

Texto e conteúdo do Baú

Paula Bártia

Execução gráfica



Editorial do Ministério da Educação

Colagem

Comp. de Trabalho do Ministério da Educação
para os Formadores dos Professores

ou ainda como motivação — ou justificação, por si próprio — de um projecto da área escola sobre um tema local ou regional.

As maletas têm também provado as suas potencialidades no ensino de crianças (ou adultos) excepcionais, desde cegos a pacientes de paralisia cerebral, por exemplo; como se compreende, a possibilidade de manipular os materiais torna muito mais fácil a percepção do objecto e a compreensão do assunto estudado.

Partindo dos mesmos pressupostos, a maleta pedagógica sobre os descobrimentos leva até aos alunos das escolas, do 2.º ao 12.º ano, e mesmo aos adultos interessados, uma visão completamente nova desta época.

Os Descobrimentos saem assim dos livros para se transformarem em gosto e cheiro de especiarias, toque de sedas ou plumas, armas originais, peso e textura de objectos do quotidiano, instrumentos náuticos, mapas, bússolas e compassos para recriar viagens apenas imaginadas.

O próprio feito da maleta é inspirado nas arcas que iam e vinham nas viagens dos portugueses, por esse mundo, tanto maiores e mais protegidas quanto mais importantes fossem os seus possuidores.

A maleta pode ser explorada de variadíssimas maneiras, tendo em conta os objectivos perseguidos: simples manipulação dos objectos com registo, descoberta dos materiais encadeada numa história, dramatização dos textos de apoio (ou outros) com utilização dos materiais como adiverços, uso seleccionado de objectos, com escolha temática, base documental para uma exposição, entre outras.

DESCRIÇÃO DOS OBJECTOS

Acompanham a maleta alguns documentos escritos: uma carta de um avô em Goa a seus netos que ficaram em Lisboa, em que são relatados alguns factos da vida dos portugueses na Índia; o texto é baseado em Linshott; ou a carta do enviado do duque de Ferrara a Lisboa, relatando em pormenor a chegada dos primeiros «índios» à Europa.

De África aparecem reproduções de animais em pau preto; esses animais eram desconhecidos na Europa e causaram grande alvoroço quando pela primeira vez aí foram vistos. Juntam-se também um pente de madeira, sementes, várias conchas e corais do oceano Índico (costa de Moçambique) como os turpos, as lígus, a arquitectónica, o nautilus e os cauris, que serviram de moeda de troca por muitos séculos, e um instrumento de ritmo feito com miolo de palmeira e bagos de arroz. Pode ser curioso explorar e tentar identificar os nomes das conchas, tão diferentes das que estamos habituados a encontrar no oceano Atlântico. A isto poderão acrescentar-se, na aula, produtos alimentares menos

conhecidos e que, naturalmente, a malaeta não pode transportar, como óleo de palma, inhame, quiabo, malagueta, tâmaras.

Da América aparece apenas o açúcar candi e algumas armas dos índios do Brasil. Podem mostrar-se produtos como mandioca, milho grosso (comparando com o painço, por exemplo), caju, batata e batata doce, abóbora, amendoim, papaia, amamás, tomate, pimento, chuchu, pepino. Algumas pedras semipreciosas, vulgares no continente americano, aparecem também, como a obsidiana, a ágata, o jade, o quartzo rosa, a amazonite e a ametista.

Da Ásia surgem produtos que, originários de várias zonas, se concentravam em Goa ou em Macau, para serem expedidos para a Europa, que não parava de ser surpreendida com novidades.

Há a sombrinha de papel oleado a óleo de linho, que protegiam a alvura da cúis das senhoras europeias, tal como faziam com as chinesas e japonesas. Na Ásia também eram usadas, tanto por homens como por mulheres, não só para proteger do sol pouco clemente, como para mostrar estatuto social, já que era necessário um escravo para a transportar e manter aberta sobre a cabeça do senhor, mal pusesse o pé na rua.

Depois, os legues, em fibra vegetal, são os parentes pobres desse novo adereço recém-chegado da China, em materiais muito mais nobres. O seu uso, logo adoptado pelas europeias, expandiu-se rapidamente, dando origem, no séc. XVIII, a uma linguagem codificada, através da qual «peraltas» e «sécies» podiam comunicar sem serem descobertos. Estes são feitos em folhas de palma, leves e fincos.

Aparecem as especiarias variadas, que devem ser comparadas no aspecto, textura e, principalmente, gosto. As surpresas serão, certamente, muitas. Há ainda caixas chinesas em metal esmaltado, algumas, na forma de um peixe, propiciadoras de felicidade.

Na Europa do séc. XVI, não existiam tecidos estampados. Eram de cores lisas, de um modo geral pouco delicados, salvo os que eram produzidos ou importados, a preços proibitivos, pelas repúblicas italianas. Por isso, o aparecimento dos tecidos persas, chineses e indianos, a preços competitivos, estampados, bordados, de cores variadas, em fibras novas e delicadas, foi um deslumbramento. As amostras apresentadas são exemplares aproximados dos tecidos que se poderiam obter no Oriente.

A tira de lamé, que era usada pelos homens como faixa, na cintura, e pelas mulheres na cabeça, em ocasiões solenes, é um exemplo da riqueza dos tecidos orientais e das diferenças de estética entre uma e outra cultura, assim como da capacidade dos portugueses de se adaptarem às sociedades em que viviam.

Há pequenas caixas que contêm conchas originárias das ilhas Maldivas, a que se chama cauris. No séc. XVI, estas conchas eram moeda corrente desde a Península Arábica até à China. A sua textura, macia e brilhante, levou alguns europeus a pensar que eram elas a matéria-prima da porcelana, matéria que desde logo atraía o interesse dos portugueses, mas cujo segredo de fabricação os chineses ciosamente guardaram. Daí que, na Europa, estas conchas se chamassem «porcelanas» e se tentasse, com o pó obtido da sua trituração, produzir a pasta de porcelana. Sem êxito, é claro, pois o caulino só seria descoberto, em Meissen, já em pleno séc. XVIII.

Conforme relata Pero de Faria na sua «carta», a porcelana é conhecida e apreciada pelos portugueses desde a sua chegada ao Oriente, pois consideram-na mais limpa que as baixelas de estanho, mais económica na substituição das peças e esteticamente mais agradável. Assim, os ricos portugueses encomendavam baixelas, por vezes com o número de peças em duplicado, por causa das quebras durante a viagem para Portugal. A decoração era a gosto, e podia incluir frases em português, brasões, cores especiais, etc. Poderá chamar-se a atenção dos alunos para o que distingue a porcelana da faiança, que já era conhecida há muito tempo por ser fabricada pelos toscanos, entre outros: o translúcido, o som cristalino quando percutida, a cor e, finalmente, a fractura, que é sempre arredondada.

Os instrumentos náuticos são réplicas à escala, feitas no Museu de Marinha, dos instrumentos usados na navegação durante o séc. XVI. Kanal, quadrante, astrolábio e balesilha. São acompanhados por bússolas, mapas e compassos, para que se possa ter uma ideia da forma de orientação no mar. Estes podem ser utilizados para exercícios e orientação, traçado de rotas, estudo dos conhecimentos geográficos da época, etc.

Finalmente, apresentam-se alguns exemplos de utensílios empregues na vida quotidiana do séc. XVI. Muitos deles são visíveis na pintura portuguesa da época, como os pequenos cestos de vime, usados para guardar ovos, pães ou biscoitos. Os cestos maiores podem ser utilizados para frutas, hortaliças e legumes. Os cestos mais pequenos para frutos secos, legumes secos, ervas aromáticas ou *macha maris*.

De barro, estão incluídas tigelas para o caldo, canecas para a água e o vinho, cabaças e bilhas para servir o vinho, taças para servir guisados e pequenos recipientes usados para guardar unguentos, líquidos, pomadas e ervas do boticário.

Esperamos que, com estes materiais, se consiga tomar aliciente o estudo do séc. XVI, despertando o interesse para o conhecimento desta época da nossa História.

Documento 8

Feira Medieval de Espinho - Notícias

Em junho de 1988 foi apresentada em Espinho a primeira Feira Medieval portuguesa organizada pelo Clube de Dramatização em História da Escola Secundaria Dr. Manuel Laranjeira, no âmbito do projeto «Escola Cultural». O jornal «Defesa de Espinho» apoiou o projeto fazendo a cobertura do acontecimento e publicando um suplemento alusivo ao evento no dia da feira. Esta documentação foi conseguida através do levantamento de Raquel Alves Coelho em 2009, presente no Apêndice Documental da sua Dissertação de Mestrado: COELHO, Raquel da Assunção Bernardo Alves, *História Viva. A Recriação Histórica como Veículo de Divulgação do Património Histórico e Artístico Nacional (1986-2009). Conceitos e Práticas.*, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2009.

Feira Medieval em Espinho

PELA PRIMEIRA VEZ, UMA INICIATIVA QUE DESAFIA AS LEIS DO TEMPO. RECUANDO AO PASSADO QUE SOMOS, ESPINHO TERÁ UMA EXPERIÊNCIA INÉDITA: ENTRE OS BLOCOS DE CIMENTO E OS ESCAPES DOS AUTOMÓVEIS, A IDADE MÉDIA VOLTARÁ A SER VIVIDA!

COM TODA A COR POSSÍVEL DA VIDA DO SÉCULO XIV, REALIZAR-SE-Á A PRIMEIRA FEIRA MEDIEVAL PORTUGUESA. UM PROJECTO AMBICIOSO QUE IRÁ RECRIAR UM PASSADO REMOTO ESCONDIDO NAS SOMBRAS DO TEMPO!

NÓS ORGANIZAMO-LA PARA SI.

NÃO PERCA A OPORTUNIDADE, CONHEÇA AS SUAS RAÍZES HISTÓRICAS!

VENHA REVIVER A IDADE MÉDIA!

A 16 DE JUNHO DE 1988, O PARQUE JOÃO DE DEUS SERÁ PALCO DO NOSSO PASSADO!...



ORGANIZAÇÃO DA ESCOLA SECUNDÁRIA DO DR. MANUEL LARANJEIRA, NO ÂMBITO DA ESCOLA CULTURAL, A CARGO DO CLUBE DE DRAMATIZAÇÃO EM HISTÓRIA. COLABORAÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL DE ESPINHO

Primeira Feira Medieval Portuguesa

Apoio

DEFESA DE ESPINHO

EM DESTAQUE

BREVE NOTA EXPLICATIVA

«Todo aquele que se ativer (apenas) ao presente, ao actual, não compreenderá (nunca) o actual...» - Michelet (séc. XIX).

Estas palavras de Michelet que, para os pensadores do seu tempo, traduziam um princípio aceite, indiscutível e natural, parecem hoje aos olhos de muitos desprovidas de sentido, toleradas com um sorriso de complacente ironia: «o Passado, para quê se o que importa é o Presente?»

Ostraciza-se pois o passado, catalogado no rol das coisas inúteis, passatempo de historiadores de balanta e estéril erudição. Ao contrário, exaltam-se os campeões do sensacionalismo, as habilidades competitivas dos noticiários «em primeira mão», as reportagens arrojadas e «em directo», as sondagens, as previsões, as apostas, enfim, o que está a acontecer e ainda não aconteceu, o que ainda não veio e está para vir...

Todavia, se este íronismo é perfeitamente compreensível numa época de mutações alucinantes e de acotovelamentos para se chegar à primeira fila das Actualidades, já se nos afigura bastante estranha a atitude assumida por muitos espíritos muito engenhosos e modernistas, para quem o passado está «morto e encerrado», inapelavelmente! Nada da modernidade terá a ver com um passado bem mais longínquo do que a distância temporal. Como explicar este distanciarismo bem maior nas consciências que o tempo cronológico que para o Presente do Passado? A resposta poderá encontrar-se no sentimento exclusivista triunfante de progresso e de presente, alimentada no turbilhão das novidades, da evolução incontida que caracterizam os dias de hoje. Mas o mais preocupante, nesta atitude de ceticismo e desvalorização do passado, são as consequências irreparáveis que se projectam na consciência colectiva, na própria identidade nacional. A crise de ideais que atinge a juventude actual passa também por aí. Como poderão estes jovens identificar-se com valores culturais que des-

conhecem? Como poderão valorizar algo que vêem desvalorizar ou mesmo vilipendiar no quotidiano pelas gerações instaladas?

Mas, se é certo que consideramos o conhecimento do passado fundamental para a compreensão do presente, consideramos igualmente fundamental o conhecimento do presente para a compreensão do passado. Efectivamente, que importa conhecer o passado, se nada sabemos do presente? Teriam então razão todos aqueles que descreem da utilidade da história... Mas nós somos daqueles que continuamos a apostar na sua actualidade, no seu papel determinante na construção do presente.

E nesta perspectiva que pensamos enquadrar a iniciativa que o Clube de Dramatização em História vai promover em 16 de Junho. Vamos recriar o passado, ainda que longínquo no tempo, vamos dar-lhe presente, aproximá-lo de nós porque ele faz parte de todos. Enquadrado num espaço ajardinado segundo os gostos e conceitos do séc. XX, de 1988, a recriação de uma feira medieval vai reencontrarmos com alguns aspectos civilizacionais de há 600 anos tal como os perspectivamos no presente, com os olhos que temos e não com pretensos «olhos» de um passado que enquanto realidade será sempre inalcançável: não podemos ressuscitar os mortos... e mesmo que o pudéssemos fazer eles comportar-se-iam de modo diferente, a experiência vivida e as lacunas de memória modificar-lhes-iam as atitudes, os comportamentos...

Por isso, quem for à Feira Medieval em Espinho naquele dia festivo para a cidade, não vai encontrar a reconstituição de um evento, de grande importância económica e sócio-cultural do séc. XIV, mas uma perspectiva de um grupo de pessoas que se empenhou em marcar encontro, num lugar aprazível, do presente com o passado e do passado com o presente. Preparem-nos para ele!

Avelino Alves Ribeiro, prof. de História e dinamizador do Clube de Dramatização em História do Esc. Sec. Dr. Manuel Laranjeira

PORQUÊ UMA FEIRA MEDIEVAL EM ESPINHO?

Culturalmente, a cidade de Espinho é pobre; talvez não tanto como a generalidade das vilas e cidades portuguesas, mas, mesmo assim, a cultura em Espinho é escassa para uma população de vários milhares de indivíduos.

Verdade nem sempre recebida com bons olhos, a constatação deste facto foi um dos primeiros incentivos ao nosso projecto.

Esta Feira Medieval, apesar de durar um único dia, tem desde logo duas ou três características interessantes:

Em primeiro lugar, permite recriar um espaço socio-económico que, apesar de distinto do actual, lhe esteve na base; esta será uma sua vertente «cultural» que permitirá a cidadãos pacatos do dia-a-dia «saborear» o estilo de vida de há seis séculos atrás.

Por outro lado, esta nossa feira servirá (ou poderá servir) para provocar um «boom» de outras actividades igualmente

válidas e acessíveis a toda a população. É precisamente aqui que reside o aspecto mais importante desta nossa recriação: destina-se a uma mancha heterogénica da população espinhense, contemplando todos os possíveis escalões etários e sociais - é um fenómeno de massas que, a meu ver, consegue escapar ao negativismo (sempre contestável) da expressão.

Mas, enriquecer a cultura da cidade não foi o primeiro e único impulso que nos levou a organizar uma Feira Medieval; houve e continua a haver outros factores.

Como membros da Escola Secundária do Dr. Manuel Laranjeira fomos, desde logo, influenciados pelo projecto piloto da «Escola Cultural» (a que a nossa Escola tem o privilégio de pertencer). Letra e espírito do projecto apontam para um objectivo claro: inserir a Escola na comunidade envolvente; Escola deve deixar de ser um mero edifício de passagem e constituir uma entidade cada vez mais activa e interventiva.

Mas, por outro lado, como jovens que somos, sentimos também a necessidade de contribuir objectivamente para a comunidade, realizando algo de concreto e palpável.

Queremos ultrapassar a missão tradicional do estudante, aplicando os nossos conhecimentos teóricos a realidades humanas.

A Juventude na actualidade encontra-se mergulhada na indecisão em que, desmotivada por um sistema rígido e limitador, prefere nada fazer, a ter de arrostar com as dificuldades e obstáculos. Precisamente a superar este problema foi essencial o papel do Dr. Avelino Ribeiro que soube motivar todas as pessoas.

Em época de comemoração do Meio Milénio dos Descobrimentos tornava-se obrigatório relembrar (e porque não recriar) algo do nosso passado. Ao invés da opção mais óbvia que apontaria para o século XVI, decidimos atentar nos condicionalismos que



Um bispo benze uma feira medieval

provocaram ou favoreceram a Expansão; por isso, e também pelo carácter misterioso e alucinante da época, sentimos a necessidade de optar pela recriação de uma estrutura complexa mas importante (ao nível social, cultural e económico) como foi a Feira durante a Idade Média.

O dia 16 de Junho provará duas coisas importantes: em primeiro lugar que a cultura é mais que uma palavra, ela é um acto consciente e construtivo; por outro lado, que a juventude não é apenas uma esperança de futuro, mas também uma realidade presente.

Todos nós estamos a viver o presente, todos nós iremos conhecer o futuro, mas quem conhece, quem viveu o passado longínquo? Se quiser viver e conhecer a Idade Média marque um encontro com ela. Onde e quando? No Parque João de Deus aos 16 dias de Junho próximo. Nós estaremos lá. E você?...

LUÍS BOTELHO

12.º ano da Esc. Sec. Dr. Manuel Laranjeira

70

EM DESTAQUE
DE 2-6-88

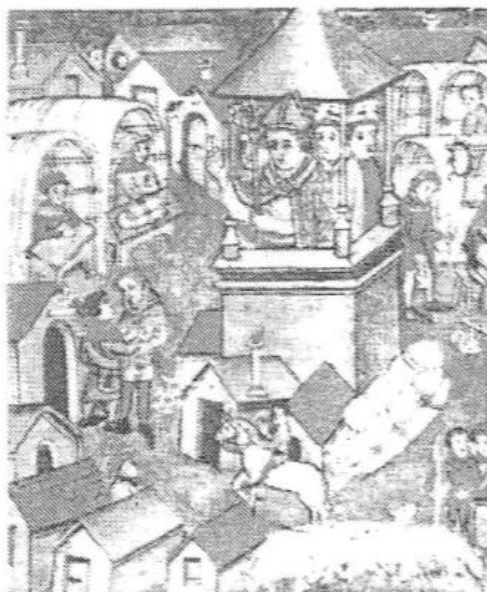
AS FEIRAS SEMANAL E Medieval

Hoje, em «Defesa de Espinho» vamos falar sobretudo de feiras. Vamos, com efeito, pôr *em destaque* a feira semanal actual – a maior do País, reza a propaganda – e a feira medieval que a Escola Secundária Dr. Manuel Laranjeira leva a efeito dia 16 (Dia da Cidade), no Parque João de Deus.

Na feira dos nossos dias, cuja origem remonta a finais do século passado, falámos com os protagonistas – os vendedores – sobre mudanças profundas que ali estão a acontecer. Mudanças se calhar noutros sentidos, mas também nestes: nas taxas de ocupação do terrado, que subiram substancialmente; e no grau de exigência das autoridades em matéria de higiene, que cresceu bastante.

Sobre a feira de outros tempos, que vamos reviver nos nossos dias, damos o programa completo, as razões desta iniciativa e apontamentos sobre as feiras medievais.

Fique, entretanto, a saber que à feira dos nossos dias voltaremos para a semana; e à feira de outros tempos, voltaremos de hoje a quinze dias – precisamente no dia «D».



DE 23-6-88

Em tempo de balanço

A RECRIAÇÃO DE UMA FEIRA MEDIEVAL EM ESPINHO

□ Pelo DR. AVELINO ALVES RIBEIRO ★

Em termos globais, e tendo em conta os objectivos perseguidos, o Clube Dramatização em História, promotor da iniciativa, pensar poder afirmar que a experiência constituiu no cómputo geral um êxito, ainda que tenhamos consciência de que mais e melhor se poderia ter conseguido.

No que respeita à sua preparação e divulgação junto das entidades e do público em geral, julgamos ter feito um bom trabalho. Seria difícil fazer muito mais: esclarecemos a população através de textos publicitários, informativos e de análise histórica, com o que contamos com a colaboração total do jornal «Defesa de Espinho» e da Junta de Freguesia de Espinho, que patrocinou a emissão de uma série de cartazes de fósforos, apoiada ainda pela Fosteira Portuguesa, bem como com a receptividade e estímulo do Concelho Directivo, professores e alunos da nossa escola. Todavia, a animação cultural da Feira ficou efectivamente à quem do que pretendíamos e seria desejável. Alguns apoios e participações que reputávamos de fundamentais falharam, a maior parte deles por razões justificadas e humanamente compreensíveis, mas que não deixaram naturalmente de se reflectir no ritmo que pretendíamos dar às actividades teatrais, musicais e lúdicas. Este era o sector no qual mais apostávamos, dentro aliás das concepções historiográficas que perfilhávamos e que apontam para a valorização da história dos comportamentos, das mentalidades, da história total. De qualquer forma, julgamos ter recriado dentro de parâmetros aceitáveis, a vivência social e cultural de uma feira medieval. As pessoas interiorizaram-no, os vendedores também, ainda que um ou outro dentro do seu voluntarismo intuitivo, compreensível até, se tenha mostrado relutante em aceitar o convite a despir trajes regionais dos finais do séc. XIX que por sua auto-recriação preparam, convencidos de que «assim é que devia ser.» Ou ainda aquele que, preocupado com as suas alfaces que murchavam, não hesitou em recor-

rer a um balde de plástico, porque o plástico já se usava no «tempo do seu pai»...

Alguns alunos-vendedores cansaram-se depressa dessa actividade e alguns não dispunham de grande â-vontade... mas fizeram o seu melhor, entregaram-se dentro das suas capacidades, viveram com alegria esses momentos. Também para eles vai o nosso aplauso, pois serão no futuro, estamos certos, melhores e mais entusiastas estudantes da História.

No final, houve também uma situação que por momentos esteve incontrolável e que constituiu um aspecto infeliz, a ter em conta em próximas realizações deste género, protagonizado por uma rádio local. Apesar de compreendermos as explicações que nos deram, não podemos aceitar que no recinto onde se tenta recriar uma vivência medieval, se enquadrem manifestações populares muito típicas e respeitáveis de Espinho, como pregões e cantigas de raiz vareira, porque se em termos de rádio é possível fazê-lo, desde que introduzidas correctamente, já em termos de local tais anacronismos não são possíveis, nem admissíveis. Demos então por terminada a feira.

Finalmente, ao nível da adesão da comunidade, consideramos que ela excedeu as nossas melhores expectativas, quer no período de preparação, quer no próprio dia da feira. As entidades públicas e privadas de Espinho compreenderam desde a primeira hora o alcance desta iniciativa, apoiaram-na, acarinham-na, tornaram-na a sua.

Muitos até desejariam apoiar e não o puderam fazer. Alguns ofereceram inclusive os seus préstimos sem mesmo os solicitarmos. Ficarão para outra oportunidade. Permitam-me agora que sublinhe o entusiasmo da Câmara Municipal, particularmente na pessoa com quem nos relacionamos directamente, a vereadora do pelouro da cultura, D. Elsa, as firmas Hgulo, Ronocar, Casa Mourão, Restaurantes Concha do Mar, Ripolim, Varina, Forno, Coop. Nascente, Ac. de Música, Ext. Oliveira Martins, para além das já citadas Junta de Freguesia de Espinho, «Defesa de Espinho», Fosteira Portuguesa e Conselho Directivo da nossa escola, bem como todos aqueles que de uma forma ou outra colaboraram na recriação de um passado que é de todos nós.

O povo de Espinho espera, agora que foi dado mais um passo, que as pessoas e os organismos colectivos se empenhem no enriquecimento cultural de uma cidade que deseja muito mais do que apagar velas e receber parabéns nos dias de aniversário.

★ Dinamizador do Clube Dramatização em História da Esc. Sec. Dr. Manuel Laranjeira

O seu a seu dono

O professor Mendes Moreira foi o coordenador do suplemento da última edição sobre a feira medieval e não coordenador da feira em si, como poderia transparecer da legenda inserida no próprio caderno. O seu a seu dono.

A MOEDA PORTUGUESA NOS SÉCULOS XII E XIII

Os cambistas procediam à troca de moedas estrangeiras, como também dispunham de capitais próprios e de créditos em praças estrangeiras que lhes permitiam fazer pagamentos à distância mediante a emissão de ordens escritas (cartas de câmbio)



A vivência de um povo, as lutas travadas na defesa do território e a estabilidade ou agitação política reflectem-se na emissão monetária de um país. Uma das épocas da história de Portugal que melhor espelha e documenta a influência desses factores na cunhagem da moeda é precisamente a que respeita à época medieval.

Neste período, as principais espécies circulantes foram o morabito, o dinheiro e, a partir dos fins do século XIII, o soldo ou tornês de prata. Nos inícios da primeira dinastia, os nossos monarcas fizeram uso das moedas árabes para os negócios internacionais ou serviram-se delas para recrutar novas unidades. Assim, o dinheiro foi a primeira e única moeda cunhada por D. Afonso Henriques que, obtendo moeda áurea muçulmana nos saques e resgates, não teve

necessidade de emitir moeda própria em ouro e prata. D. Sancho I e D. Afonso II representam a persistência da tradição monetária islâmica, ao mandarem cunhar morabitos à semelhança dos dinheiros muçulmanos. É de assinalar no reinado de D. Sancho II, uma alteração no peso da moeda, facto que é plenamente justificado pela escassez de metais preciosos no nosso subsolo, pelas reduzidas exportações e pelas despesas que uma guerra de reconquista sempre acarretava.

Compreende-se, deste modo, a necessidade da quebra da moeda que, segundo D. Sancho II, era o melhor processo de debelar a crise existente.

No reinado de D. Afonso III, introduz-se uma grande inovação em matéria monetária: a adopção do sistema francês de contagem por libras (1 libra = 12 soldos = 240 dinheiros). Então, a participação do nosso país no comércio internacional permite-lhe obter grande quantidade de moedas

estrangeira, o que vai originar a ausência de cunhagem portuguesa durante quase um século. Esta situação caracteriza toda a época de D. Dinis que, graças à prosperidade do reino, pode cunhar moedas em prata. Já com D. Afonso IV, introduz-se em Portugal o costume espanhol de quebrar a moeda em cada 7 anos. Face às dificuldades económico-financeiras que o país atravessava, o monarca publica uma «carta de lei» que proíbe as exportações de ouro e de prata, ao mesmo tempo que desvaloriza a moeda de 25 para 36%.

Não se pense, no entanto, que a circulação monetária foi uma constante no território nacional deste tempo. Durante toda a Idade Média, trocas e pagamentos de serviços em géneros agrícolas foram vulgares numa parte considerável do nosso país. Em boa verdade, apenas uma moeda de bolhão (liga de cobre e prata) era utilizada regularmente nas transacções internas, enquanto as moedas estrangeiras serviam normalmente nas relações comerciais com o estrangeiro.

MARIA DO CÉU LEÇA
PATRICIA CARVALHO
COELHO
MARIA MANUEL MIRANDA

O TRAJE NA IDADE MÉDIA

O conceito actual de «moda» surgiu no decorrer do século XIII. Antes dessa época, embora houvesse a registar modificações no vestuário, dificilmente poderíamos interpretá-las como tradutoras de novas modas. Neste contexto surge-nos a «Linha X» que caracterizou a moda masculina na Idade Média. Em oposição a estes hábitos de modas nobiliárquicas, situa-se o vestuário das massas populares.

O vestuário rural, devido à condição económica e social dos populares ser precária, era mais simples e muito prático. O camponês ou mesmo o pequeno burguês itinerante e os artesãos usavam na cabeça a tradicional touca ou colfa, às vezes um sombreiro de abas largas para resguardar do sol. Era também frequente ver-se o chapéu de palha. Como vestes usavam um saio até ao joelho provido de mangas largas e apertadas com um pequeno decote no pescoço. Nos pés usavam sapatos, sandálias ou botas, geralmente de cabedal. No Verão, o camponês usava, em vez do saio, uma simples blusa. Devido à ausência de aligeiras, eram usados os cintos que serviam de suporte a armas e outros objectos. Em tempo de Inverno usavam um manto com capuz.

Quanto à moda feminina, impôs-se a «Linha S», cuja evolução foi inferior à da moda masculina.

A mulher do povo, habituada ao trabalho, teria de ter um vestuário bem mais simples. Os tecidos de que eram feitas as suas vestes eram geralmente lisos, de pouca valia e grosseiros. Sobre uma camisa interior de linho, vestiam uma cota com mangas largas e compridas e sobre esta uma cpa mais curta e sem mangas. A cabeça era coberta pela touca ou colfa assim como capuzes ou sombreiros. A criadagem não podia vestir mais que saias, pelotes e capuzes ou ceromes, tudo enfim de baixa valia.

Como conclusão, Portugal, como país tradicionalmente receptivo a novas ideias, regista no seu vestuário uma enorme influência estrangeira, a qual contribuiu para uma maior distinção social.

Carla Couto/Elisio Pereira (alunos do 11.º F)



Linha X - caracteriza-se pelo acentuar das formas verticais e horizontais do corpo



Linha S - a mulher elegante inclinava a cabeça, esperando a bairra exageradamente para a frente



Bolhão de D. Afonso III; **Tornês** de D. Dinis, de prata. Este tornês foi também atribuído ao infante D. Dinis, filho de D. Pedro e pretendente ao trono, em 1383.

É a primeira moeda de boa prata lavrada em Portugal. Nela notamos a influência do tornês de Luis IX, de França. O uso de versículos de salmos na legenda é uma novidade na numismática portuguesa: **Bolhão** de D. Dinis. D. Dinis acrescenta ao seu título de rei de Portugal o do Algarve. Além disso, fixa os besantes em cinco e dispostos em aspa, ou sautor, ou cruz de Santo André. As armas reais permanecerão inalteráveis até ao reinado de D. João II, altura em que os dois escudetes laterais deixam de se apresentar deitados e aparecerão de pé; **Bolhão** de D. Afonso IV.

AS FEIRAS MEDIEVAIS

O AMBIENTE E A SUA ORGANIZAÇÃO ESPACIAL

Os séculos XIII e XIV correspondem a um período áureo da expansão das feiras do nosso país. Realizadas, normalmente em espaços intramuros (nos castelos, praças, nos «chãos dos povoados»), quando de festividades religiosas locais, as feiras medievais preenchiam duas funções na vida dos Estados — uma função económico-social (comercialização dos produtos e fomento das relações sociais entre comunidades) e uma função antropológica de diversão (a festa, a romaria, a divulgação de «notícias»). A realização das feiras, em prazos e termos determinados, gozava de uma jurisdição privilegiada. Quando do seu

funcionamento, vigorava a «paz de feira» que proibia qualquer acto de hostilidade e punia os transgressores com penas severas. Do mesmo modo, os diplomatas régios ou senhoriais garantiam protecção aos feirantes e suas mercadorias, mentando-os de penhora e perseguição. De igual modo, todos os demais frequentadores das feiras gozavam de segurança pessoal e de bens. Mas, interessa-nos sobretudo saber qual era o ambiente próprio das feiras medievais? Que papel desempenhavam os seus frequentadores para além do interesse económico? As feiras eram frequentadas, fundamentalmente, pelas massas populares — camponeses, pescadores, homens de mestres, jograis,

«mulheres de segre», mas também por membros da nobreza e do clero. Por entre tendas e alpendres, ao longo de filas de barracas de «corões e babas», o homem medieval mercadejava, divertia-se e distraía-se, procurando aproveitar os dias ou semanas da feira para conviver com outros homens de outras aldeias, de outros

importantes — para além de transportarem mercadorias, eram portadores de recados de terras distantes,



lugares e, por vezes, mesmo da Galiza e de Castela. Nesta perspectiva, o papel dos almocreves era deveras

estabelecendo relações entre povoados, divulgando notícias e até costumes alheios. De igual modo, os comerciantes de paragens distantes contavam histórias das suas aventuras em países longínquos, enquanto os moradores de lugares mais próximos davam conta do resultado das colheitas ou falavam das suas condições

de trabalho e tributos que pagavam aos seus senhores; por sua vez, os mais jovens entravam em disputas amigáveis e estabeleciam relações de namoro com as moças do lugar.

Quando à feira se associava a romaria, o que acontecia muitas vezes (por exemplo, as que se realizavam em honra de Santa Mafalda, em Arouca), a festa era uma constante: os lavradores traziam o gado enfeitado com rolos de cera amarela e fitas muito vistosas, dando com os animais três voltas em roda da Igreja; os jograis cantavam, dançavam e, até, vendiam remédios e falsas relíquias; as «mulheres de segre» (meretrizes ou soldadeiras) acantonavam-se num local reservado do espaço da feira, onde em tendas próprias recebiam os seus clientes; os bailes e as cantigas ao desafio animavam igualmente as feiras tradicionais. Assim, é inegável que, para além da sua função estritamente económica, a feira medieval serviu como importante agente de intercâmbio social e cultural. Numa sociedade relativamente fechada, as feiras constituíam um local de encontro, um centro de divertimento, um local de cultura, enfim, um pólo centralizador e divulgador de comunidades económico-culturais distintas.

Isabel N. Moreira/
Miguel A. Brandão
(11.ª F)

CARTA DA FEIRA

DA «VILA

DE AVEIRO»

Extractos

«... Nós mandamos que todos aqueles que à dita feira vierem comprar e vender não paguem mais que a metade da sisa posto que os que às ditas coisas comprarem e venderem sejam moradores na dita vila de Aveiro ou em seu termo ou em outras quaisquer partes que sejam e isto se não entenda em vinhos que se vendam atavernados nem carne que se venda a talho que mandamos que destas duas coisas se pague sisa em cheio. Outro sim mandamos que os que às ditas feiras vierem lhes não sejam tomadas suas bestas de sela nem de albarda para nenhuma carga que sejam contrangidos... enquanto à dita feira vierem e nela andarem e para suas casas tornarem. E outro sim mandamos que nenhuns que à dita feira vierem não sejam presos nem acusados nem demandados por nenhuns malefícios em que sejam culpados... salvo se estes malefícios forem feitos no dito lugar ou seu termo ou forem feitos novamente na dita feira que por tais malefícios como estes mandamos que sejam presos... Outro sim mandamos que os que à dita feira vierem não sejam situados nem demandados por nenhuma dividas que devam nem por heranças nem por nenhuma outra coisa... salvo se forem dividas que devam de coisas que aí comprarem ou venderem na dita feira. Outro sim mandamos que os que à dita feira vierem, enquanto... durar, possam trazer suas armas... Outro sim possamos andar na dita feira em quaisquer bestas que lhes prover... Outro sim mandamos e defendemos aos nossos corregedores e merinhos assim da nossa corte como dos nossos reinos que não vão à dita feira para fazer correição nem a façam na dita feira e se eles quiserem ir vão comprar e vender se lhes prover e não por nenhuma outra coisa... E em testemunho disto mandamos ser feita esta carta assinada por nós e selada... em Santarém a 27 dias de Fevereiro.»

(in Livro de Registos da Câmara da Vila de Aveiro)

CLÍNICA DENTÁRIA

DR. CARLOS RAMOS PEREIRA

Av. 8, n.º 784-1.º
ESPINHO • TELEF. 723472
Rua Elias Garcia, 55-1.º
OVAR • TELEF. 52401

MANUEL PEREIRA FONTES & CA., LDA.

— FÁBRICA DE TAPEÇARIAS —
Importação - Exportação

Tapetes e carpetes manuais — Paus-de-lima, tapetes, carpetes e socalitas merinicas «Wilson» e «Admiral» com desenho «REALCE».
Telex: 22255 — Fontes-P • Telef.: 721316/7/8
SILVALDE — ESPINHO

PARA COMPRAR BOM CAFÉ

Casa ALVES RIBEIRO

TORREFACTOR DE CAFÉ
ESTABELECIMENTO DE VENDA AO PÚBLICO
RUA 19, N.º 294 • ESPINHO

PRECISA-SE

EMPREGADO DE ESCRITÓRIO

COM CONHECIMENTOS DE EXPEDIENTE

SIMON, S. A.

COMPRA E VENDA DE PROPRIEDADES

RUA 28, N.º 574 — TELEF. 725454 — 4500 ESPINHO

Fernando Rodrigues Lima

Distribuidor dos papéis Colowall e outras marcas.
pavimentos de cortiças.

Travessa da Rua 5 (Traseiras da Garagem Sousa)
Telefone 72 17 39 — ESPINHO

FONSECA

MODAS — TECIDOS

RUA 19, N.º 275 — Telefone 720413 — ESPINHO

CLÍNICA DE MEDICINA DENTÁRIA DE ESPINHO

DR. ILÍDIO D'OLIVEIRA SANTOS

MEDICO DENTISTA

Acordo com as Entidades:
ACASA, CGD, ADSE

Rua 16 (esquina Rua 19), n.º 545-1.º Dt.ª
Telef. 722931 — ESPINHO

LUSOTUFO

TAPETES - CARPETES - ALCATIFAS

Telefone 72005 — CORTEGAÇA

A VIDA MATERIAL

NO QUOTIDIANO DA IDADE MÉDIA

A CASA

O casebre camponês de um andar e 2 ou 3 compartimentos mostra pobres paredes de barro amassado com palha, onde se abrem uma porta e muito raramente uma janela; o telhado, por sua vez, é de colmo. Os chãos são de terra batida ou de argila e aquecidos por lareiras abertas ou por chaminés de pedra ou madeira. O mobiliário reduz-se ao indispensável: cadeiras, mesas, leitos, cubos, cubas.

As casas aristocráticas exibem, por vezes, tecidos de seda com bordados ricos, objectos de prata ou prata dourada, raras vezes de ouro, tapetes e outros móveis. Certas peças chamadas agulhas talvez fossem usadas nas coberturas das camas. Podiam ver-se aqui e ali objectos de valor, deslocados sobre mesas tocas ou no canto de um aposento desguarnecido.

A ALIMENTAÇÃO

O pão nosso de cada dia, ontem como hoje, não é igual para todos. Afirmar banal que não deixa de ser insistentemente uma verdade. A alimentação medieval era pobre, a quantidade supria a qualidade, levando-a a uma deficiência especial em vitaminas.

Os «frutos selvagens», os «pães», bem como a caça, a pesca, os cereais e o vinho eram os alimentos básicos dessa época.

A carne era extremamente variada graças à criação, mas sobretudo à caça, o que se justifica, uma vez que Portugal era um País de coutadas e baldios.

O peixe era outra das fontes de alimentação medieval, não só entre as classes mais desfavorecidas mas também entre a nobreza e o clero, pois a Igreja estipulava uma abstinência obrigatória de carne de 78 dias no ano. O ló do peixe fresco, a Idade Média fez grande uso do peixe seco, salgado e defumado. Nas casas mais ricas, onde a culinária era requintada, as ervas de cheiro eram indispensáveis ao bom tempero, bem como a pimenta (frequentemente, mas não a pimenta-do-reino), o gengibre, o alho, os portugueses da Idade Média, tal como hoje, utilizavam várias matérias gordas.

O leite era muito utilizado, mas sempre transformado nas chamadas «viandas de leite» (como acompanhamento ou substituição): o queijo, as natas, a manteiga e ricotas de leite. Os legumes e hortaliças não eram muito apreciados pelas classes superiores, mas o povo utilizava-os frequentemente.

A fruta desempenhava igualmente um papel relevante na dieta medieval, não só «crua», mas também em forma de compotas, frutas secas, doces e conservas. Com efeito, conheciam-se quase todos os frutos da actualidade, com excepção da banana doce que só seria trazida

para Portugal na viagem de Vasco da Gama. A hierarquia das pessoas define-se pela cor do seu pão e a qualidade da sua bebida. O pão era de trigo, grande e de forma circular, crescendo pouco. Como os solos eram pouco férteis era necessário importar trigo daí que, especialmente no campo, o cereal fosse substituído por castanha ou bolota (o pão alho, só de trigo, tornava-se guloseima de pobres em dias festivos). Ainda por esta razão, o pão era também feito à base de milho, centeio e até cevada. Às vezes, fazia-se uma mistura dos três cereais no mesmo pão. Grande parte da população fabricava, ela própria, o pão nos fornos. Na cidade, porém, existiam padarias que o coziam e vendiam em lendas ou ao domicílio.

O número de bebidas era muito limitado: água e vinho. Produziam-se vários vinhos brancos e tintos, exportados para todo o Norte da Europa, donde se destacam os vinhos palhetos e o vinho de Açú.

Antes das refeições, era hábito lavar as mãos. Servidores traziam «justas» ou «gomis», de prata

ou de outro metal consoante a abundância da mesa; em banquetes de especial requinte, a água simples podia ser substituída por água de rosas ou de outro perfume.

Sobre a mesa dispunham-se peças de ourivesaria com fins decorativos mas também utilitários.

A comida, trazida em terrinas de prata que chegavam a pesar 1 a 2 kg, vinha em porções, até à sala de jantar, antecedida pelos porteiros e cocheiros.

O receio dos envenenamentos, aliado à superstição do tempo, levava ao emprego de «chifres de unicórnio», encabados em ouro ou prata «linguets» (suportes donde se suspendiam línguas de serpentes). Ao contacto com alimentos impuros, os amuletos mudariam de cor, manchando-se e começariam a sangrar, segundo acreditavam as gentes de então.

Durante muito tempo, na Idade Média, não se utilizavam pratos, mas comia-se em grandes pedaços de pão, postos em frente de cada

conviva e de forma redonda. Nas casas ricas, o pão estava embebido em molho, que depois se distribuía aos mendigos ou aos cães que rodeavam a mesa. Mais tarde, começou-se a usar o prato, o «talhador», que servia para dois convivas, sentados lado a lado. Não havia garfos, mas utilizavam-se colheres. Daí se compreende a necessidade imprescindível de lavar as mãos antes e depois da refeição. A faca era levada pelo próprio conviva, limpando-se o objecto à toalha. Para beber usavam copos, muito variados e muito maiores que os de hoje, denominados de «vatos».

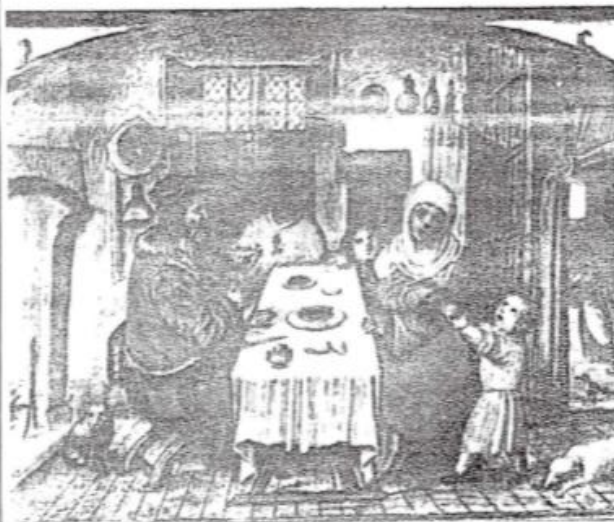
A VIDA COLECTIVA

O essencial da vida colectiva dependia fundamentalmente da vida religiosa. As reuniões dos membros das comunidades ocorriam na Igreja da aldeia ou da paróquia urbana, nos claustros dos conventos ou no meio dos adros. A população manifestava também o seu fervor religioso participando na construção ou na conservação de uma capela, nas cerimónias das grandes festas da Páscoa e do Natal ou nas procissões da Semana Santa.

Assim, não admira que as confrarias enquadrassem toda a vida social na Idade Média. Estas associações de socorros mútuos prestavam auxílio monetário aos seus membros mais pobres ou doentes, mandavam rezar missas pelos mortos e, ainda, indenizavam os emigrados por qualquer catástrofe (quintas incendiadas, colheitas danificadas pela mau tempo, etc.).

Nas cidades, eram as confrarias que organizavam e/ou participavam nos jogos, nas competições desportivas — corridas de cavalos, tiro ao arco, justas — e nas festas e mascaradas que animavam os grandes dias das urbes.

MÓNICA PEREIRA
SANDRA RESENDE (11.º F)



FÁBRICA DE ARTIGOS DE CELULOÍDE E PLÁSTICOS LUSO-CELULOÍDE

— DE —

HENRIQUES & IRMÃO, LDA.

APARTADO 22 — TELEFONE 722193

ESPINHO

JOVEM!

NÃO COMPROMETAS O TEU FUTURO

- Completas 15 anos este ano? Então podes inscrever-te no 9.º ano, mesmo que não tenhas o 8.º.
- Fazes 17 anos, até 31 de Dezembro? Aceitamos a tua inscrição para o 11.º ano, sem que tenhas o 10.º.

Externato Oliveira Martins
ESCOLA DE QUALIDADE COM ENSINO PERSONALIZADO
Rua 19, n.º 786 (praceta) em ESPINHO ☎ 721468

FÁBRICA DE ESTORES DE ESPINHO

COLOCAÇÃO DE TOLDOS EM ESTABELECIMENTOS

CARLOS MARICATO

EXECUTAM-SE REPARAÇÕES EM ESTORES E PERSIANAS DE TODOS OS TIPOS
COLOCAÇÃO DE ESTORES DE PLÁSTICO, ALUMÍNIO, LAMINADOS E VERTICAIS
— REPRESENTANTES DE ESTORES VITÓRIA E ARSOL —
Estrada do Golf, 1921-2.º D.º — 4500 ESPINHO
TELEFONE 724786 (a partir das 9 da noite até às 9 da manhã)

O FORNO DE ESPINHO

GOMES & PEREIRA, LDA.

Rua 19, n.º 1.278 — ESPINHO — Telef. 725338

Especialidades em:

PÃO D'ÁGUA, PÃO CENTEIO, PÃO HOLANDÊS

PARTE
INTEGRANTE
DA EDIÇÃO
NÚMERO 2932
DE 16 DE JUNHO
DE 1988.
NÃO PODE SER
VENDIDO
SEPARADAMENTE
DO CORPO
PRINCIPAL.

2º CADVERNO

DEFESA ESPINHO

Feira Medieval em Espinho

dia: 16 de Junho.

Local: parque João de Deus.

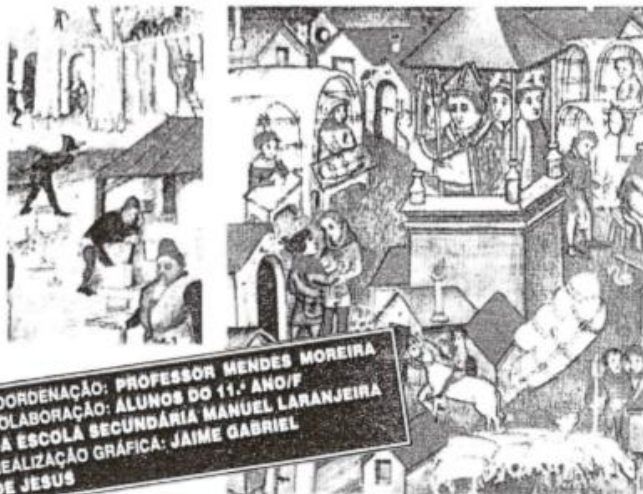
Acontecimento: primeira feira medieval portuguesa.

Organização: Escola Secundária do Dr. Manuel Laranjeira, no âmbito da Escola Cultural, a cargo do Clube de Dramatização em história.

Colaboração: Câmara Municipal de Espinho, Junta de Freguesia de Espinho, Cooperativa Nascente, Academia de Música de Espinho, Externato Oliveira Martins, diversas firmas comerciais e industriais, rádios Nova Onda e Comercial/Norte, Centro Hípico de Espinho, Caixa de Pandora, Associação de Moradores do Formigueiro, vendedores da feira de Espinho.

Apoio

DEFESA ESPINHO



COORDENAÇÃO: PROFESSOR MENDES MOREIRA
COLABORAÇÃO: ALUNOS DO 11.º ANO/F
DA ESCOLA SECUNDÁRIA MANUEL LARANJEIRA
REALIZAÇÃO GRÁFICA: JAIME GABRIEL
DE JESUS

O PROGRAMA

MANHÃ

Pelas 10 horas, abertura oficial com a presença de individualidades da vida política e cultural do País e de Espinho, seguindo-se a proclamação da carta de feira de Espinho (outorgada por D. Dinis (apócrifa)).

Depois iniciam-se as actividades económicas – exposição-venda – e, mais tarde, as actividades culturais e recreativas, com músicas medievais interpretadas pelos coros da Academia de Música de Espinho e da Escola Secundária do Dr. Manuel Laranjeira.

TARDE

Prosseguem as actividades económicas – exposição-venda e abre a taberna «comes e bebes» D. Dinis.

Prosseguem também as actividades culturais e recreativas com o seguinte:

Teatro – Fantoches pelo núcleo de teatro da Escola Secundária do Dr. Manuel Laranjeira e do Externato Oliveira Martins; teatro de rua (saltimbancos e pantominas pela Cooperativa Nascente e Caixa de Pandora Porto); habilidades e acrobacias olímpicas.

Teatro – Coros e cantigas medievais interpretadas por Cooperativa Nascente, Academia de Música de Espinho e Escola Secundária do Dr. Manuel Laranjeira.

Jogos – Dinamização a cargo da Associação de Baimo do Formigueiro (Porto), promotores de jogos tradicionais.

Notícias de «outras bandas» – ditas por um arauto do fim do mundo.

DO ANO 1000 AO SÉCULO XIII

PORTUGAL NA EUROPA

DO SEU TEMPO

A CONJUNTURA EUROPEIA

A época que decorre do ano 1000 ao século XIII corresponde a um forte índice de crescimento demográfico na Europa. Este aumento populacional é causa e efeito de uma poderosa renovação agrícola marcada por grandes movimentos de arroteias em que pântanos, polders e bosques são ganhos para a exploração agrícola. Então, graças ao apoio de vários melhoramentos e inovações – a charrua de rodas, a atrelagem do cavalo, o afilhamento trienal e a difusão do moinho – a produção aumenta, proporcionando excedentes agrícolas que vão animar e activar o comércio interno (mercados, feiras). De igual modo, tal como o aumento da produtividade gera o crescimento populacional também o desenvolvimento da agricultura ocasiona uma forte procura de alfaias e de ferraduras para os cavalos, o que inegavelmente conduz ao fomento da actividade dos mineiros e dos ferreiros. Deste modo, pode-se afirmar que este período da história medieval europeia regista uma série de fenómenos que, funcionando em interacção recíproca, desencadeia um poderoso processo de crescimento e desenvolvimento expansivos.

PORTUGAL EM TEMPO DE FORMAÇÃO E POVOAMENTO

No século XII, grande parte do nosso país cobria-se de florestas e matagais, apenas interrompidos aqui e ali por pequenos grupos de casas e minúsculos campos arroteados.

A escassa população, cerca de um milhão de habitantes, distribuía-se irregularmente de norte a sul, aglomerando-se sobretudo nas cidades herdeiras das tradições romana e islâmica como Leiria, Santarém, Tomar, Lisboa, Évora, etc.; a norte da linha do Tejo, apenas Braga, Guimarães, Porto e Coimbra sobressaíam como cidades.

As comunicações entre as diversas regiões do país eram escassas – apenas os rios navegáveis e algumas zonas costeiras permitiam transportes regulares e rápidos. Por terra, as ligações entre aldeias, vilas e cidades estavam totalmente dependentes das condições do solo – atalhos e veredas de terra batida surgiam ali e além quando a planura caracterizava a paisagem. A agricultura era o principal modo de vida dos portugueses: cereais, vinho e azeite constituíam as grandes produções da terra nacional e, em grande parte, a base das nossas exportações. Também o sal de Aveiro e Salubal e a fruta do Algarve eram expedidos para os países do Norte da Europa.

A manufatura era inexistente, limitando-se o próprio artesanato às necessidades de consumo: fabrico de peças de vestuário, calçado, objectos de ferro, madeiras e barro, alfaias e pouco mais. No Portugal agrário dos séculos XII e XIII distinguem-se várias ordens sociais, cada uma delas com estratos diversos: a nobreza e o clero, privilegiados, não eram homogêneos – entre os ricos – homens e os escudeiros ou entre os bispos e os curas eram bem diferentes os códigos de comportamento, riqueza e poderes. Contudo, todos gozavam da isenção de impostos e do direito de impor tributos e serviços aos populares. O povo, que mantinha as outras ordens pelo trabalho, dividia-se em inúmeros grupos – os homens-bons, os rendeiros e os colonos nos campos, os burgueses mercadores, os mestrais e os assalariados nas cidades constituíam algumas das camadas populares medievais. Toda esta gente vivia de maneira muito diferente da nossa. A sua alimentação, vestuário e divertimentos tal como a habitação, o mobiliário e a mentalidade nada ou pouco tinham de semelhante ao dos nossos dias. Até a contagem do tempo era diferente – a dos anos fazia-se pela era de César (adiantada 38 anos em relação à era de

Cristo, só em 1422 se deu a mudança); os próprios dias seguiram até meados do século XII o sistema romano das calendae, nonas e idos com contagem para trás (por ex., 4 das calendae de Janeiro corresponde a 29 de Dezembro, visto que o 1.º dia das calendae era o 1.º dia de cada mês); as divisões básicas do dia e da noite correspondiam a cerca de um terço das actuais (4 horas de dia e 3 horas de noite). Um outro aspecto revelador dos tempos medievais era, por exemplo, a morte – a par das carpideiras que choravam e se lastimavam em altos gritos, a família enlutada celebrava a morte com banquetes ou repastos ligeiros. Este esboço, necessariamente breve, caracteriza genericamente os séculos XII e XIII no nosso país. É neste contexto histórico que devem ser enquadrados e entendidos os artigos/estudos a seguir publicados.

Trabalhos de responsabilidade de um grupo de alunos de Turma F, 11.º ano (coordenação do Prof. Mendes Moreira)

O PROGRAMA

Está já definido programa da Feira Medieval em Espinho, a realizar em 16 de Junho - dia da cidade - pela Escola Secundária do Dr. Manuel Laranjeira, no âmbito do projecto «Escola Cultural», e com o apoio de «Defesa de Espinho».

E o seguinte o programa:

MANHÃ

Pelas 10 horas, abertura oficial com a presença de individualidades da vida política e cultural do País e de Espinho, seguindo-se a proclamação da carta de feira de Espinho (outorgada por D. Dinis (n.p.c.r.f.)).

Depois iniciam-se as actividades económicas - exposição-verdade - e, mais tarde, as actividades culturais e recreativas, com músicas medievais interpretadas pelos coros da Academia de Música de Espinho e da Escola Secundária do Dr. Manuel Laranjeira.

TARDE

Prosseguem as actividades económicas - exposição-verdade e abre a taberna - «comer e beber» - D. Dinis.

Prosseguem também as actividades culturais e recreativas com o seguinte:

Teatro - Fantoches pelo núcleo de teatro da Escola Secundária do Dr. Manuel Laranjeira e do Externato Oliveira Martins; teatro de rua (saltimbancos e pantominas pela Cooperativa Nascente e Caixa de Pandora Porto); habilidades e acrobacias gímnicas.

Teatro - Coros e cantigas medievais interpretadas por Cooperativa Nascente, Academia de Música de Espinho e Escola Secundária do Dr. Manuel Laranjeira.

Jogos - Dinamização a cargo da Associação de Bairro do Formigueiro (Porto), promotores de jogos tradicionais.

Notícias de «outras bandas» - ditas por um arauto do fim do mundo.

Nota - A organização aguarda ainda a confirmação de outras colaborações.

Informação - O jornal «Defesa de Espinho» publicará um suplemento alusivo ao evento no próprio dia da feira; será colocada à disposição dos interessados uma colecção de quatro cartelas de fósforos com gravuras medievais, intitulada «Série Feira Medieval», patrocinada pela Junta de Espinho e com o apoio da Foseireira Portuguesa (Espinho).

Colaborações e apoios - Câmara Municipal de Espinho, Junta de Freguesia de Espinho, jornal «Defesa de Espinho», Cooperativa Nascente, Academia de Música de Espinho, Externato Oliveira Martins, Forno de Espinho, Carnes Hgulo (São João de Ver), Ronocar, restaurantes Concha do Mar, Varina e Ripolim, Unicef (Porto) Casa Mourão, Adega vinícolas UVA, FA Balona, AR Soares, Rádio Nova Onda, Rádio Comercial Norte, Centro Hípico de Espinho, Caixa de Pandora (Porto), Associação de Moradores do Formigueiro, vendedores da feira de Espinho, muitas vontades...

Organização - Núcleo de Dramatização em História da Escola Secundária do Dr. Manuel Laranjeira, em Espinho.

AS FEIRAS MEDIEVAIS PORTUGUESAS

As Feiras são um dos aspectos mais importantes da organização económica da Idade Média. A sua função económica - no dizer do prof. Amzalak - consistia fundamentalmente na localização, em prazos e termos determinados, de produtores e consumidores, corrigindo assim a falta de comunicações fáceis e rápidas. As Feiras geralmente coincidiam com festas litúrgicas. No local onde se faziam existia uma paz especial, a paz da Feira, que proibia toda a disputa ou vingança, ou todo o acto de Hostilidade, sob pena severa em caso de transgressão.



A feira medieval de Lendit

A primeira referência de uma Feira portuguesa diferenciada do mercado local é a que vem referida no Foral de Castelo Mendo de 1229, e que se realizava três vezes no ano e durante oito dias de cada vez. Todos os que a ela concorressem teriam segurança durante oito dias antes até oito dias depois da Feira, na ida e volta. As Feiras eram uma fonte de receita para o Fisco, pelos vários impostos que sobre elas incidiam. As mercadorias trazidas para vender na Feira pagavam portagens e todos os outros direitos que pertenciam à coroa. Eram estes os direitos:

- 1 - Os que incidiam sobre a circulação de mercadorias, como a peagem e portagem;
- 2 - Os que incidiam sobre as transacções, como dízima e a sisa;
- 3 - Os que provinham do aluguer de lojas, da licença de venda paga pelos vendedores ambulantes;
- 4 - Os que resultavam das penas pecuniárias pagas pelas contendas e delitos que directamente se relacionavam com a Feira.

No entanto, havia Feiras que isentavam os feirantes do pagamento de direitos fiscais (portagens e custumagens) o que favorecia o seu desenvolvimento. A estas Feiras deu-se o nome de Feiras Francas.

Na evolução das Feiras medievais portuguesas podemos considerar duas fases princi-

pais: uma, de Formação, que decorreu até meados do séc. XIII; outra, de incremento e pujança, que se alonga por mais dois séculos e que termina para além do reinado de D. Afonso V. Na primeira fase define-se a protecção jurídica aos feirantes e a pouco e pouco surge a isenção de penhora e aumenta a composição do couto régio. Na segunda fase, que se inicia com o reinado de D. Afonso III, multiplica-se o número das Feiras, aumentam as garantias e os privilégios jurídicos concedidos aos feirantes e às mercadorias e o couto régio fixa-se em 6.000 soldos, além de se estabelecer que qualquer roubo feito acarretava a pena de restituir em dobro aquilo que tivesse sido roubado.

As Feiras funcionavam também como um meio de aproximação entre os povos, numa época em que praticamente toda a população europeia vivia para a agricultura, o instinto de sociabilidade inerente a todo o homem, deve ter encontrado nessas reuniões a única oportunidade de se expandir. D. Afonso III, ao facilitar e fomentar o comércio interno por meio da instituição de Feiras, teve também a preocupação de aumentar, graças a elas, os recursos populacionais de determinadas localidades e engrandecer os réditos da coroa.

O impulso e a protecção dispensados ao comércio interno, no reinado de D. Fernando, diminuiu como consequência das guerras com Castela o que prejudicava o comércio ambulante dos feirantes.

Com D. João I os feirantes alcançam vantagens consideráveis durante o período em que se efectuam certas Feiras Francas. Eram-lhes concedido andarem armados, não serem constrangidos a qualquer serviço, nem seus animais serem tomados para cargas - nem que fosse para serviço do Rei - durante a Feira e para quando ela iam ou quando dela regressavam. Os mercadores e feirantes não seriam acusados ou presos por qualquer crime, a não ser que praticado na povoação, no seu termo ou na Feira.

Nos reinados seguintes o prestígio das Feiras ainda se mantém, notando-se no entanto a partir de meados do séc. XV certos indícios de uma próxima decadência. O povo atribuía tal decadência aos abusos praticados pelos rendeiros das sisas. Esta decadência foi também motivada pela evolução natural de um comércio que perdía o seu carácter periódico e efémero. É difícil determinarmos a época em que a importância das Feiras portuguesas declinou. No entanto, parece poder considerar-se o fim do séc. XV como o período de diminuição da importância das Feiras em Portugal, porque elas haviam deixado de ser os únicos, ou os mais importantes centros de tráfico. As cidades e vilas desenvolvendo-se e prosperando, serviam mais adequadamente os interesses e as necessidades económicas da comunidade. Este declínio acentou-se mais no séc. XVI quando Portugal brilhou como potência marítima, quando o grande comércio se concentrou definitivamente nas cidades - portos do Litoral.

- Marco António Stanislaus
- Meneses Cruz
Alunos do 10.º G

ARAUTO NOTÍCIAS

• Mui nobre e sempre leal cidade de Espinho: D. Dinis pela graça de Deus rei de Portugal e do Algarve, e por plada do destino marido da va Santa, declara aberta e franca esta feirinha de truz!

• Milagre! Milagre! Milagre!
A rainha transformou vinho em vinagre!
Viva a rainha! Abaixo a vinha!
• El-rei é poeta! A poesia senta-se no tronco.
-Ai flores ai flores de verde pino-
Se sabedes novas do meu reiinho
Ai Deus, onde ele é?
• Pinhal! Pinhal! Pinhal!
Por D. Dinis rei de Portugal.
Em Leiria mandou plantar
Arraial que mui há-de durar.
Pinhal! Pinhal! Pinhal!
Por D. Dinis rei de Portugal!
• Sinegiro mata o mouro
A rainha tempera os mochos.
Portugal gasta o ouro,
E o rei caça os piochos!
• Estudos Gerais em Coimbra
D. Dinis ora criou
Universidade para todos
O Barreto numerus clausus
• O Instituto Real de Estatísticas
Tem o prazer de anunciar
Inflação de zero por cento.
(Olha o Cavaco já a imitar!)
• Bombinha tem o seu Casino
para as obras assistenciais;
E para espalhar o seu carinho
Cria a rainha os Hospitais.
• Nostradamus disse a el-rei
Que o mundo lá amanhã acabar
Aquele logo fez uma lei:
Todos com o Vínho deltar.
• D. Dinis, o lavrador
Rei, poeta, cantor
A Trancoso foi casar
Com uma santa do altar.

Luis Botelho - 12.º ano



Artistas no trabalho (séc. XIII)

Documento 9

História ao Vivo em Palmela - Projeto e notícias

1. Cópia do caderno do projeto de História ao Vivo no Castelo de Palmela, maio de 1989.
2. Cópia da brochura do Museu Municipal sobre o projeto de História ao Vivo.
3. Notícia de «Diário de Notícias» (maio de 1989), de «O Jornal» (25 de maio de 1989), de «DN Regional» (11 de junho de 1989), de «O Independente» (7 de julho de 1989).

Esta documentação foi conseguida através do levantamento de Raquel Alves Coelho em 2009, presente no Apêndice Documental da sua Dissertação de Mestrado: COELHO, Raquel da Assunção Bernardo Alves, *História Viva. A Recriação Histórica como Veículo de Divulgação do Património Histórico e Artístico Nacional (1986-2009). Conceitos e Práticas.*, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2009.



O Projecto de um Castêlho da Ordem de Santiago

INTRODUÇÃO

Patrocinado pela Câmara Municipal de Palmela, terá lugar em Maio de 1989 um projecto "História ao Vivo", aplicado ao Castelo de Palmela, que evocará um dia na vida desse Castelo nos inícios do século XVI, ao tempo do Mestre da Ordem D. Jorge de Lencastre.

Além da preparação de cerimónias de investidura de Cavaleiros da Ordem, estarão em causa: o quotidiano dos freires no Castelo; as relações da ordem e do seu mestre com as comunidades vizinhas, suas dependentes; as beneficiações artísticas dentro da Igreja de Santiago (como a execução do Retábulo, por ex.), etc..

Este projecto, ao enquadrar alunos da 2ª fase do Ensino Primário e o Ensino Preparatório no contexto da história da região, procura fazer a ligação com os acontecimentos nacionais numa perspectiva global, para o período 1500-1530, em articulação com o programa de História de Portugal.

Integrado nesta época, pretende-se desenvolver com os alunos, um trabalho de descoberta sobre o que representou a Ordem de Santiago:

- no plano nacional (século XVI);
- para a população do concelho de Palmela.

Quanto ao primeiro aspecto, o desenvolvimento de uma trama dramática em torno da figura de D. Jorge de Lencastre levará os alunos a aperceberem-se:

- do seu papel na reestruturação das várias ordens militares, principalmente da de Santiago;
- da sua crescente importância na Corte;
- das funções de uma Ordem religiosa-militar desde a Reconquista até ao século XVI;
- de que modo a Expansão se reflectiu na vida local.



A Sinopse de um Cavaleiro da Ordem de Santiago

Em relação ao segundo, procurar-se-ão realçar a dependência da população em relação à Ordem de Santiago que regulava a vida do Concelho.

Os alunos irão viver esse quotidiano, o mais fielmente possível, partindo de todos os aspectos que envolviam o cerimonial da investidura de um cavaleiro daquela ordem, encarnando vários personagens/figurantes populares, nos vários trabalhos que lhes competiam.

É através dessa vivência que poderão compreender a diferenciação social existente na vila e os aspectos económicos e culturais que, de outra forma, dificilmente seriam integrados numa aprendizagem significativa.

GUIA DA ACÇÃO

Durante a acção, que decorrerá ao longo de quinze dias, desenvolver-se-ão paralelamente, por um lado, as actividades quotidianas próprias de um núcleo castelão de uma Ordem Militar; por outro a preparação e execução da cerimónia de investidura de um novo cavaleiro.

Quotidiano, que será reconstituído por 17 grupos de crianças que realizarão outras tantas tarefas e/ou funções da vida do castelo. Grupos liderados por professores e/ou actores, que cumprirão funções de chefia, por exemplo: o Mestre de Pintura e os seus aprendizes (grupo 5).

Os actores profissionais representarão as personagens mais importantes, não devendo o seu número exceder 10 elementos.

Atribuir-se-á à figura de D. Jorge de Lencastre um maior destaque, criando para este personagem um enredo mais rico e complexo.



A Profissão de um Cavaleiro da Ordem de Santiago

GRUPOS

1. Cozinha
2. Tecelagem
3. Cestaria
4. Tanoeira
5. Pintura do Retábulo
6. Abastecimento e víveres
7. Feitura do pão
8. Armaria
9. Carpintaria
10. Criadagem do Mestre (Aios)
11. Reparação de muralhas
12. Cavalaria
13. Coro
14. Preparação e execução do cerimonial
15. Chegada de azulejos importados de Sevilha
16. Cobrança de tributos à população da vila
17. Chegada dos novos estatutos e regra da Ordem, já impressos.

PERSONAGENS PRINCIPAIS - REPRESENTADAS POR ACTORES

1. D. Jorge de Lencastre
2. Cavaleiro investido
3. 1º padrinho do cavaleiro
4. 2º " "
5. 3º " "
6. Sacerdote que preside à cerimónia
7. Letrado
8. Mestre de pintura estrangeiro
9. Cobrador de tributos
10. Personagem do povo que vem pagar tributos
11. Personagem importante da administração local



A Profissão de um Cavaleiro da Ordem de Santiago

PREPARAÇÃO/EXECUÇÃO DO PROJECTO

- AS EQUIPAS: seus objectivos e tarefas

O elevado número e diversidade de tarefas que um projecto desta natureza acarreta, exige que se constituam várias equipas de trabalho especializadas.

Neste sentido, pensamos ser necessário constituir, no mais breve espaço, de tempo, três equipas de trabalho:

- Investigação histórica;
- Guarda-roupa, cenários e adereços;
- Ligação às escolas.

- EQUIPA Nº 1: Investigação histórica

Através do estudo da bibliografia e da documentação disponível, recolherá elementos que permitam reconstituir fielmente e a todos os níveis, o quadro histórico em que se desenrolará a acção. Ou seja:

- a) Tendo em conta os limites temporais definidos (1500-1530), realizar o levantamento de factos de interesse para a trama a construir;
- b) Reconstituição do quadro mental da época;
- c) Reconstituição do quadro social e económico, por exemplo, relacionamento da Ordem com as populações suas dependentes, impostos cobrados pela Ordem (tipo, quantidade e forma de



A Profissão de um Cavaleiro da Ordem de Santiago

cobrança), etc...

- d) Estudo do vestuário utilizado por cada grupo social e personagens envolvidas no enredo;
- e) Reconstituição rigorosa da vida quotidiana no castelo;
- f) Reconstituição das refeições a consumir por cada um dos grupos sociais envolvidos, incluindo: técnicas de confecção; alimentos e temperos usados; utensílios...
- g) Estudo, tanto quanto possível minucioso, da biografia das principais personagens - principalmente D. Jorge de Lancaestre.

Esta equipa deverá ainda colaborar na redacção do guião final e na dramatização. De momento, decorre a investigação no Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

- EQUIPA Nº 2: Guarda-roupa, Cenários e Adereços

Equipa que trabalhará em íntima ligação com a anterior; os seus objectivos fundamentais serão:

- a) Estudar a adaptação dos modelos e materiais das roupas da época, tendo em conta critérios como: preço, facilidade de obtenção dos materiais, custo da mão-de-obra, simplicidade de confecção, desgaste dos materiais;
- b) Encontrar os meios mais adequados para confeccionar o vestuário, e adquirir materiais com esse fim;



O Professor é um Cavaleiro da Ordem de Santiago

- c) Armazenar todo o guarda-roupa, colaborar na sua distribuição pelas crianças (e adultos) e recuperar ou substituir os fatos que se deteriorarem durante ou no fim do projecto.

Quanto aos cenários e adereços:

- a) Adaptação do espaço disponível para o desenrolar da acção, instalando no local mais conveniente todos os grupos: cozinha, armaria, etc.;
- b) no seguimento da alínea anterior, deverá projectar as obras de adaptação que forem necessárias e, evidentemente, possíveis de concretizar;
- c) Condeber e realizar todas as operações de camuflagem, de forma a ocultar ou disfarçar elementos anacrónicos;
- d) Recheiar todos os espaços, em que tal se torne necessário, com o mobiliário e adereços adequados;
- e) no seguimento da alínea anterior, este grupo fica ainda responsável por obter, pela forma que considerar mais conveniente todos esses materiais, para além de ficar também responsável pela manutenção e armazenamento desses materiais.

- EQUIPA Nº 3: Ligação às escolas

Do trabalho deste grupo dependerá em muito o sucesso de todo o projecto.

Numa primeira fase será necessário divulgar o projecto junto das escolas primárias, preparatórias e secundárias do concelho - o que se iniciará no ano lectivo transacto - e, simultaneamente, motivar todo o corpo docente para uma participação activa e empenhada na preparação, execução e avaliação do trabalho realizado.

Este grupo terá ainda um papel fundamental na ordenação do trabalho desenvolvido pelos outros grupos.



A Profissão de um Cavaleiro da Ordem de Santiago

PLANO DE ACTIVIDADES

- NOVEMBRO
- Reuniões em várias escolas do concelho com os seguintes objectivos:
 - * reforçar a intervenção nas escolas primárias
 - * criar grupos de trabalho
 - * eleger órgão coordenador
 - * planificar rigorosamente as actividades até à conclusão do projecto
 - Acções de promoção da iniciativa junto das escolas (alunos e professores):
 - * elaboração de ficha-guia para o Castelo e planificação de visitas guiadas ao local da acção
 - * contactos com a equipa técnica prevista (gastrónomo, TAS - Teatro de Animação de Setúbal -, cenógrafo, artesãos, técnicos ingleses)
 - Fim de semana de trabalho com todos os interessados para apreciação do trabalho desenvolvido e planificação de actividades futuras.
- DEZEMBRO
- Preparação de monitores
 - * acções de formação dos professores
 - * 2ª reunião de balanço e planificação antes das férias escolares



A Profissão de um Cavaleiro da Ordem de Santiago

JANEIRO-ABRIL - Preparação dos alunos para a acção

- * recolha e tratamento de material informativo sobre a época (séc.XVI)

15 a 30 de MAIO - Vivência da acção pelos alunos e professores

MAIO - JUNHO - Avaliação da acção

- * troca de experiências/debates
- * produção de materiais
- * relatório final



A Profissão de um Cavaleiro da Ordem de Santiago

SUGESTÕES DE TRABALHO PARA ALUNOS DO ENSINO PRIMÁRIO E PREPARATÓRIO- HISTÓRIA

- reconstituição da vida no castelo, igreja, casas particulares, ruas... de acordo com os vários grupos a constituir
- estudo das actividades profissionais que existiriam na vila
- elaboração de árvores genealógicas dos intervenientes na acção e dos próprios alunos
- pesquisa acerca da importância da região de Setúbal e da vila de Palmela durante os Descobrimentos

- ESTUDOS SOCIAIS

- estudo dos diversos tipos de vestuário, mobiliário, adornos,...através do tempo e, mais concretamente, nesta época
- enquadramento geográfico da vila de Palmela
- as práticas agrícolas e comerciais, na região, no séc. XVI

- PORTUGUÊS

- leituras da época feitas por alguns grupos sociais
- tipo de ensino ministrado nas escolas, conventos...
- abordagem e trabalho com lendas da região
- glossário de termos a utilizar nos diálogos no decorrer da acção
- a difusão da língua portuguesa durante os Descobrimentos
- jogos de palavras cruzadas
- publicação de jornal da escola com textos relativos à pesquisa levada a cabo pelas várias disciplinas, no âmbito da descoberta do quotidiano do castelo no séc.XVI

- INGLÊS/FRANCÊS

- elaboração de textos relativos ao projecto nas respectivas línguas, quando tal for considerado fundamental por professores e alunos



A Profissão de um Cavaleiro da Ordem de Santiago

- EDUCAÇÃO VISUAL

- desenho da planta dos acessos ao castelo, com base em visitas à vila; desenho de plantas de habitações da época, com referência a vários termos arquitectónicos
- exploração/descoberta da escrita do séc. XVI (suportes, tintas...); feitura de iluminuras...
- introdução à pintura da época, incluindo referências ao Retábulo da Vida de Santiago

- EDUCAÇÃO MUSICAL

- estudo dos instrumentos da época
- exploração/descoberta de músicas e letras da época, nomeadamente daquelas que se destinavam à prática religiosa dos conventos, ao rito de investidura de cavaleiros da Ordem, ou à animação de espaços públicos, festividades profanas...

- TRABALHOS MANUAIS

- elaboração de utensilagem em barro a ser utilizada nas cozinhas, no decorrer da acção; vestuário; instrumentos de escrita...

- CIÊNCIAS DA NATUREZA

- descoberta dos tipos de alimentação da época, de acordo com os vários níveis sociais
- descoberta de práticas medicinais
- preparação de refeições

- MORAL E RELIGIÃO

- descoberta das religiões existentes na vila no séc. XVI
- descoberta das religiões hoje praticadas



A Profissão de um Cavaleiro da Ordem de Santiago

- EDUCAÇÃO FÍSICA

- descoberta de jogos e danças do séc. XVI que pudessem ter sido praticados na região e, mais concretamente, na vila e no local da acção
- trabalhos teóricos sobre práticas desportivas do séc. XVI

- MATEMÁTICA

- cálculo da área do local da acção
- resolução de problemas ligados às actividades económicas
- desenho das formas geométricas do castelo

NOTA: as sugestões aqui apresentadas destinam-se à integração nos respectivos programas e planificações de cada disciplina ou área temática - dos ensinos primário e preparatório. Ficam ao critério dos docentes outras hipóteses de actividades de acordo com as possibilidades de integração ou não destas propostas nas referidas disciplinas.

Os dados a que os docentes não tenham acesso poderão ser facultados pelo grupo "Investigação Histórica", que está a estudar a época com base em documentação relativa à Ordem, depositada no Arquivo Nacional da Torre do Tombo.



HISTÓRIA AO VIVO PALMELA

Palmeira, fundada em 18 de fevereiro de 1907, é a cidade mais antiga do Estado do Rio de Janeiro.

A "História ao Vivo" é um projeto que visa preservar e divulgar a história da cidade de Palmeira, através de exposições, palestras e atividades culturais.

O projeto foi desenvolvido por um grupo de voluntários, liderados por Maria da Glória, e tem como objetivo principal a preservação da memória da cidade.



ARQUEOLOGIA

A necessidade do estudo e defesa do patrimônio arqueológico do município, de que são exemplo esta coleção de documentos da Câmara e as listas de Arqueólogos da Câmara de Arqueólogos do Estado do Rio de Janeiro, são de grande importância e de caráter científico, pois a arqueologia é a ciência que estuda os vestígios da civilização humana, desde o período pré-histórico até o contemporâneo.

Constatando a necessidade de se criar o Museu Municipal de Arqueologia, o Conselho Municipal de Arqueologia, órgão responsável pelo planejamento e execução das atividades de arqueologia no município, decidiu criar o Museu Municipal de Arqueologia.

No período em que o trabalho de arqueologia e estudo da história (Quilata de 1907/1907, Rua de Moura/1907), está a ser efetuado no levantamento (128 imóveis) em 1907 no município de Arqueologia, o que irá permitir obter um conhecimento profundo da realidade do município, bem como, definir as áreas de trabalho e as atividades de defesa do patrimônio.



1907/1907/1907

MUSEU

MUNICIPAL

A criação do Museu Municipal de Arqueologia e do Museu Municipal de História, é uma iniciativa que visa a preservação e divulgação da história da cidade de Palmeira.

O Museu Municipal de Arqueologia, criado em 1907, é o primeiro do gênero no município, e tem como objetivo principal a preservação da memória da cidade.

A criação do Museu Municipal de História, é uma iniciativa que visa a preservação e divulgação da história da cidade de Palmeira.

O Museu Municipal de História, criado em 1907, é o primeiro do gênero no município, e tem como objetivo principal a preservação da memória da cidade.

HISTÓRIA AO VIVO PALMEIRA

Realizada
a partir de um conjunto de
dados de caráter histórico,
a partir de 1980

A "História ao Vivo" é um
projeto de caráter histórico,
que visa a apresentar a história
e o desenvolvimento da
cidade de Palmeira, através de
uma série de exposições,
documentos, fotografias e
outros materiais históricos.

O projeto de criação do
Museu Municipal de História
foi iniciado em 1980, e
foi a partir de 1981, a partir
de um conjunto de dados
históricos, que se iniciou a
realização do projeto.

O projeto de criação do
Museu Municipal de História
foi iniciado em 1980, e
foi a partir de 1981, a partir
de um conjunto de dados
históricos, que se iniciou a
realização do projeto.

O projeto de criação do
Museu Municipal de História
foi iniciado em 1980, e
foi a partir de 1981, a partir
de um conjunto de dados
históricos, que se iniciou a
realização do projeto.



ARQUEOLOGIA

A necessidade do estudo e defesa do
patrimônio arqueológico do município, de
que são exemplo as descobertas e
provações de Caldeirão e as ruínas
Arqueológicas do Dileto do Anjo, fazem da
Arqueologia uma das componentes do
projeto do Museu Municipal, mais
importante e de maior responsabilidade
para a cidade, pelas inúmeras riquezas
de descobertas e que está constantemente
sujeito.

Comentários dessa responsabilidade, dada a
cidade Municipal tem vindo a promover,
através do seu Serviço de Patrimônio e em
colaboração com técnicos e entidades
especializadas nesta área, um conjunto de
ações com o objetivo de estudar e
preservar os vestígios de toda a história
cultural e econômica da presença
humana na área do município, desde o
Paleolítico Inferior até à Revolução
Industrial.

Em paralelo com os trabalhos de
escavação e estudo de materiais (Dileto
do Caldeirão/1987, Rua de Mourões/1988),
está a ser efectuado um levantamento (já
iniciado em 1985 no Freguesia de
Navegantes), através da Carta
Arqueológica, o que irá permitir obter um
conhecimento profundo da realidade do
município nesta área e, definir assim a
trabalho e medidas de defesa deste
valioso património.



Mapa do Município

MUSEU MUNICIPAL

A criação do Museu Municipal de História e
Arqueologia Municipal, através de um
conjunto de dados históricos, que se iniciou a
realização do projeto.

O projeto de criação do
Museu Municipal de História
foi iniciado em 1980, e
foi a partir de 1981, a partir
de um conjunto de dados
históricos, que se iniciou a
realização do projeto.

O projeto de criação do
Museu Municipal de História
foi iniciado em 1980, e
foi a partir de 1981, a partir
de um conjunto de dados
históricos, que se iniciou a
realização do projeto.

O projeto de criação do
Museu Municipal de História
foi iniciado em 1980, e
foi a partir de 1981, a partir
de um conjunto de dados
históricos, que se iniciou a
realização do projeto.

O projeto de criação do
Museu Municipal de História
foi iniciado em 1980, e
foi a partir de 1981, a partir
de um conjunto de dados
históricos, que se iniciou a
realização do projeto.

O projeto de criação do
Museu Municipal de História
foi iniciado em 1980, e
foi a partir de 1981, a partir
de um conjunto de dados
históricos, que se iniciou a
realização do projeto.

O projeto de criação do
Museu Municipal de História
foi iniciado em 1980, e
foi a partir de 1981, a partir
de um conjunto de dados
históricos, que se iniciou a
realização do projeto.

O projeto de criação do
Museu Municipal de História
foi iniciado em 1980, e
foi a partir de 1981, a partir
de um conjunto de dados
históricos, que se iniciou a
realização do projeto.

O projeto de criação do
Museu Municipal de História
foi iniciado em 1980, e
foi a partir de 1981, a partir
de um conjunto de dados
históricos, que se iniciou a
realização do projeto.

O projeto de criação do
Museu Municipal de História
foi iniciado em 1980, e
foi a partir de 1981, a partir
de um conjunto de dados
históricos, que se iniciou a
realização do projeto.



«História ao vivo» pretende sensibilizar os jovens estudantes de diversos graus do ensino para o ambiente que se vivia no Castelo de Palmela no século XVI

Iniciativa de interesse pedagógico

Castelo de Palmela aberto a um milhar de estudantes

Alberto Machado

corresponsável em Setúbal

CERCA de 1100 alunos do ensino primário, preparatório e secundário do concelho de Palmela estão a participar numa iniciativa sociocultural, de reconhecido interesse pedagógico, subordinada ao título «História ao vivo».

A iniciativa, que decorre no Castelo de Palmela, até ao próximo dia 13 de Junho, pretende sensibilizar crianças e jovens para o ambiente que se vivia no castelo em pleno século XVI.

Assim, todos os dias, das 9 às 15 horas, sob a coordenação dos professores, os alunos são distribuídos pelas secções de cozinha, olaria e carpintaria. Ali preparam as refeições, que são servidas ao meio-dia, e fabricam os objectos de forma análoga à de há quatro séculos.

Diariamente, também, tem lugar a investidura de um cavaleiro da Ordem de São Tiago, cerimónia que é presidida por «meestre Di. Jorge de Leucastre», uma alusão ao facto de, no século XVI, a Ordem estar sediada no Castelo de Palmela.

Para que esta reconstituição histórica seja o mais rigorosa e fiel possível, os professores envolvidos nesta iniciativa participam em acções de formação específica ministradas por técnicos do Museu de Setúbal.

Regista-se que, ao fim-de-semana, decorrem visitas guiadas aos cenários de «História ao vivo».

E de referir que esta iniciativa é promovida pela Divisão Sociocultural da Câmara Municipal de Palmela, que conta com o apoio do Museu de Setúbal.

Autarquías

"História ao vivo" no Castelo de Palmela

Ann Goggin

Em Palmela, o Castelo regressou ao século XVI. Crianças vestidas de gibão vivem um dia do ano de 1505. É o projecto «História ao Vivo — Palmela 89», que vai decorrer até 13 de Junho.

São 80 crianças, dos 8 aos 12 anos, que, diariamente, svestem a rigor para desempenharem várias tarefas que aconteceram no Castelo de Palmela a 15 de Maio de 1505. Restauram o convento, preparam a recepção ao Mestre D.Jorge e a cerimónia de investidura do Cavaleiro.

Usando materiais e ferramentas dessa época, crianças de todas as escolas do concelho durante um dia estão numa escola diferente. A reconstituição abrange também a linguagem usada, por isso as crianças aprendem e usam o português dessa época.

Este projecto levou perto de vinte meses a ser preparado, desde a fase de investigação até ao momento presente, e irá custar 2500 contos, suportados pela Câmara e vários patrocinadores.

A iniciativa «História ao Vivo», que tem estado a decorrer um pouco por todo o país, desde o ano passado, pretende revitalizar ensino da História através da reconstituição rigorosa dos ambientes do passado. Deste modo, as crianças aprendem o quotidiano da época revisitada e os monumentos retomam anteriores funções que os preservam e valorizam. Paralelamente, no mesmo local, decorre uma representação teatral de um acontecimento característico desse tempo.



Castelo de Palmar
 Para saber mais sobre o projeto

Em Lisboa, no Cais do Sodré, outras tantas crianças vivem diariamente um dia do século XVI, falam com Fernão Mendes Pinto e ajudam a preparar a nau. Vêm de escolas oficiais e particulares e no fim do dia têm «de regressar outra vez ao século XX», como dizia uma delas.

Também o Porto, Sevilha, e, brevemente, a Póvoa do Varzim, aderiram à «História ao Vivo». A ideia deste projecto «é chegar até onde os portugueses chegaram e durar até ao ano 2000», disse a «O Jornal» Maria Manuela Mota, uma das responsáveis pela sua introdução em Portugal.

Esta ideia, que veio de To-

glacierra, integra três equipes de trabalho. Uma é responsável pela investigação histórica, outra pela adaptação e confecção das vestimentas e uma última que faz a ligação às escolas. Cada iniciativa é complementada com sugestões de trabalho interdisciplinar, que são discutidas com os professores.

Todos os projectos recebem o apoio do Ministério da Educação e das respectivas Câmaras e desde Dezembro que, nas escolas, crianças e professores são preparados para o DfA, através de visitas a museus, idas ao teatro, preparação de pequenos trabalhos sobre a época e conferências.

26. DN Regional. 11 Jun 89

Mais de mil jovens participam em «odisseia» ao século XVI

História estudada ao vivo no concelho de Palmela

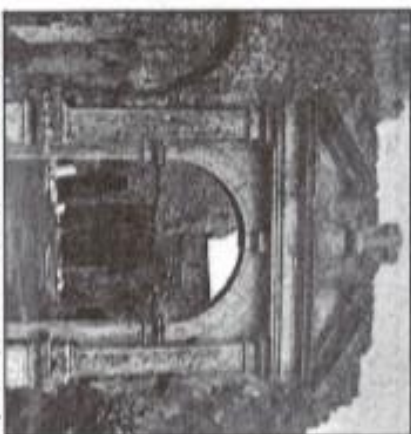
Nelson Fernandes

No final

Mais de mil alunos de diversas escolas do concelho de Palmela vão fazer uma viagem única ao século XVI e ao seu castelo.

É O PROBLEMA de história ao vivo, que está a decorrer no castelo de Palmela desde 15 de Maio e que se prolongará até ao próximo dia 11, numa organização da Câmara Municipal de Palmela, através da sua divisão socio-cultural e com a colaboração das escolas do concelho.

A primeira etapa histórica a autarquia pretende atingir quadros deparados. Tendo em vista as potencialidades do castelo enquanto espaço cultural e educativo, de importância histórica para a vila e para o concelho, é um objecto



Palmela quer mostrar a história ao seu concelho através

desta «odisseia» ao século XVI. O objecto de estudo é o castelo de Palmela, que se encontra no topo da colina que dá origem ao concelho. O castelo foi construído no século XVI e é um dos melhores exemplos de arquitectura militar da época. O projecto de história ao vivo é uma iniciativa da Câmara Municipal de Palmela, em parceria com as escolas do concelho. O objectivo é proporcionar aos alunos uma experiência única e educativa, permitindo-lhes conhecer a história do concelho e do país de uma forma diferente.

Segundo os responsáveis do projecto, a ideia do castelo de Palmela surgiu com o objectivo de proporcionar aos alunos uma experiência única e educativa, permitindo-lhes conhecer a história do concelho e do país de uma forma diferente. O projecto é uma iniciativa da Câmara Municipal de Palmela, em parceria com as escolas do concelho. O objectivo é proporcionar aos alunos uma experiência única e educativa, permitindo-lhes conhecer a história do concelho e do país de uma forma diferente.

proprietário de uma casa e

Teófilo de história ao vivo, investigação histórica, estudos entre professores, alunos e pais, participação em actividades de história, construção civil, cultura, artesanato, construção de objectos de história, que ao longo do projecto se vão desenvolvendo. O projecto é uma iniciativa da Câmara Municipal de Palmela, em parceria com as escolas do concelho. O objectivo é proporcionar aos alunos uma experiência única e educativa, permitindo-lhes conhecer a história do concelho e do país de uma forma diferente.

HISTÓRIA

HISTÓRIA DA CAROCHINHA

Para os mais pequenos adultos aprender História é uma chatice. Com certeza que não foram os ingleses os primeiros a descobrir este facto, mas se não fossem eles talvez fosse inexistente a fórmula mais engraçada de aprender sobre o nosso passado.

Por aí, digamos lá para que serve a História? Quer seja a gente de olhos vivos e fugaz memória ou um bom estudante de olhos cansados de desfolhar livros velhos e apertados com o velho fôlego com a pele dos animais. O conhecimento por si só não tem utilidade, nem mesmo a história. O conhecimento só tem utilidade se for usado para explicar o mundo e para mudar o mundo. A História é o conhecimento do mundo que nos ajuda a entender o mundo e a mudar o mundo. A História é o conhecimento do mundo que nos ajuda a entender o mundo e a mudar o mundo. A História é o conhecimento do mundo que nos ajuda a entender o mundo e a mudar o mundo.



Exatidão de medidas no Iguaçu (Museu das Nações, 1900)



A linguagem das praias costeiras no Rio de Janeiro

Depois de muitos anos de estudo da História, não se pode dizer que seja uma ciência exata. A História é uma ciência que se preocupa com o passado, mas não com o futuro. A História é uma ciência que se preocupa com o passado, mas não com o futuro. A História é uma ciência que se preocupa com o passado, mas não com o futuro.

Se a História é uma ciência, como transformar esta palavra mágica numa realidade?

Esta obra foi desenvolvida pela Associação Portuguesa de História (APH), que surgiu em 1986 e 1987 para promover a história e a cultura.



Aspecto geral das instalações do Museu do Castelo de São Jorge, 1900

Depois de muitos anos de estudo da História, não se pode dizer que seja uma ciência exata. A História é uma ciência que se preocupa com o passado, mas não com o futuro. A História é uma ciência que se preocupa com o passado, mas não com o futuro.



Reconstrução do Castelo de São Jorge do Castelo de São Jorge

Depois de muitos anos de estudo da História, não se pode dizer que seja uma ciência exata. A História é uma ciência que se preocupa com o passado, mas não com o futuro. A História é uma ciência que se preocupa com o passado, mas não com o futuro.

Depois de muitos anos de estudo da História, não se pode dizer que seja uma ciência exata. A História é uma ciência que se preocupa com o passado, mas não com o futuro. A História é uma ciência que se preocupa com o passado, mas não com o futuro.

Depois de muitos anos de estudo da História, não se pode dizer que seja uma ciência exata. A História é uma ciência que se preocupa com o passado, mas não com o futuro. A História é uma ciência que se preocupa com o passado, mas não com o futuro.

Depois de muitos anos de estudo da História, não se pode dizer que seja uma ciência exata. A História é uma ciência que se preocupa com o passado, mas não com o futuro. A História é uma ciência que se preocupa com o passado, mas não com o futuro.

Depois de muitos anos de estudo da História, não se pode dizer que seja uma ciência exata. A História é uma ciência que se preocupa com o passado, mas não com o futuro. A História é uma ciência que se preocupa com o passado, mas não com o futuro.

Depois de muitos anos de estudo da História, não se pode dizer que seja uma ciência exata. A História é uma ciência que se preocupa com o passado, mas não com o futuro. A História é uma ciência que se preocupa com o passado, mas não com o futuro.

Depois de muitos anos de estudo da História, não se pode dizer que seja uma ciência exata. A História é uma ciência que se preocupa com o passado, mas não com o futuro. A História é uma ciência que se preocupa com o passado, mas não com o futuro.

Depois de muitos anos de estudo da História, não se pode dizer que seja uma ciência exata. A História é uma ciência que se preocupa com o passado, mas não com o futuro. A História é uma ciência que se preocupa com o passado, mas não com o futuro.

Depois de muitos anos de estudo da História, não se pode dizer que seja uma ciência exata. A História é uma ciência que se preocupa com o passado, mas não com o futuro. A História é uma ciência que se preocupa com o passado, mas não com o futuro.

Depois de muitos anos de estudo da História, não se pode dizer que seja uma ciência exata. A História é uma ciência que se preocupa com o passado, mas não com o futuro. A História é uma ciência que se preocupa com o passado, mas não com o futuro.

Depois de muitos anos de estudo da História, não se pode dizer que seja uma ciência exata. A História é uma ciência que se preocupa com o passado, mas não com o futuro. A História é uma ciência que se preocupa com o passado, mas não com o futuro.

O INDEPENDENTE

A PUBLICIDADE, DIRECTAMENTE NO TELEFONE

571895

Documento 10

Escola Superior de Educação de Portalegre: comunicação

Arquivo de Maria Manuela Mota

Em 3 de maio de 1989, a APOM, representada por Maria Manuela Mota, apresentou a comunicação «História ao Vivo: O Museu, a Escola, a Comunidade» na Escola Superior de Educação de Portalegre.

Documento conseguido através da cópia do documento datilografado, obtido através de Raquel Alves Coelho e presente no Apêndice Documental da sua Dissertação de Mestrado: COELHO, Raquel da Assunção Bernardo Alves, *História Viva. A Recriação Histórica como Veículo de Divulgação do Património Histórico e Artístico Nacional (1986-2009). Conceitos e Práticas.*, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2009.

"HISTÓRIA AO VIVO "

O Museu - A Escola- A comunidade

Preocupada em desenvolver junto das escolas uma acção esclarecida que permita aos professores uma melhor utilização da grande capacidade didáctica dos nossos museus, a Associação Portuguesa de Museologia com o apoio inicial de peritos da "English Heritage" lançou em Portugal uma técnica de ensino da história que se baseia na vivência de um momento histórico, precedida por um profundo trabalho de investigação e culminando numa análise e reflexão de grupo.

Esta técnica tanto pode ser desenvolvida em grande escala tendo por cenário um monumento ou local histórico e a intervenção de numerosos personagens, como pode ser realizada por um pequeno grupo dentro de um museu, interpretando, por exemplo os personagens de um quadro e sendo levados a reflectir sobre o seu modo de vestir, de andar, de comer, de se distrair, sobre os condicionalismos da época, o comércio, a indústria, a cultura etc. Partindo de um móvel, de uma peça arqueológica, de um painel de azulejo, de uma peça de artesanato, quantas sugestões de história ao vivo se podem recrear, mantendo sempre os mesmos parâmetros: investigação prévia; vivência; reflexão em grupo.

A apetência lúdica criada por este tipo de aprendizagem é um dos principais elementos do seu sucesso entre os jovens, desenvolvendo simultaneamente a criatividade e a imaginação. Não se põem no entanto de lado os sistemas tradicionais da leitura e da investigação: estes tornar-se-ão mais inteligíveis após uma vivência correcta, à qual um fio de dramatização dará unidade e perspectiva.

./.

A montagem de uma acção de História ao Vivo baseia-se em tres vectores essenciais :

- o Museu e/ou o Monumento, através dos quais actua o objecto/testemunho na compreensão do tempo histórico
- a Escola - na qual deve ser realizado um amplo trabalho interdisciplinar com um objectivo comum
- a comunidade - levando os pais, as autarquias, os comerciantes, as associações, os grupos dramáticos, musicais, culturais e outros organismos a participar num projecto de profundo alcance pedagógico e social

Na organização de um projecto didático deste tipo, devem os coordenadores prever os seguintes tempos:

- 1- escolha do local e do tema - com um mínimo de seis a sete meses de antecedência
- 2- investigação cuidada sobre a época histórica em foco: a sociedade, os usos e costumes, a indumentária, a alimentação, a habitação, a linguagem, os meios de transporte, os ofícios, a higiene, os hábitos, as hierarquias, o comércio, etc...
- 3- procura de apoios financeiros, em espécies e em pessoal
- 4- primeiros contactos com as escolas e o professores cerca de 4 meses antes da acção
- 5 definição do guião: elaboração da dramatização e do perfil de cada actor
- 6 - preparação do material didático a enviar às escolas - estojos pedagógicos, exposições desmontáveis, livros, roteiros, cartas, etc..
- 7 - aquisição e confecção do material necessário durante a acção: indumentaria, utensílios, cenário, etc.
- 8 - escolha da equipa de actores e monitores
- 9 - segunda reunião com professores sobre aspectos

teóricos do momento histórico e sobre as colaborações efectivas de cada escola, dos pais e da comunidade; sugestões de carácter interdisciplinar, visitas de estudo e outras actividades. (cerca de tres meses antes da acção)

10- Preparação dos monitores e dos actores.

Cada grupo de trabalho orêntado por um monitor, não deve ter mais de 6 a 8 aprendizes e o monitor deve providenciar para que lhe seja fornecido todo o material de que necessita.

11- visitas às escolas com o material didático e sempre que possível com um actor ou um artezão (monitor).

12- terceira reunião com os professores (que serão os auxiliares dos monitores) para que se orientem nas tarefas escolhidas e para que aprendam a falar e a movimentar-se. Esta reunião deve ser dirigida pelos actores.

13- Montagem dos cenários e ensaios

14- vivencia da acção - que se repetirá tantos dias quantos os necessários para abranger todas as turmas num máximo recomendável de tres turmas em cada dia.

15- na escola, reflexão e análise feita com o professor sobre a experiência vivida e os vários pontos de vista dos alunos. Promoção de trabalhos, exposições, dramatizações, etc.

. . .

Ao definir-se o guião deve ter-se em atenção que se não procura contar histórias de reis e rainhas mas sim de reviver a vida quotidiana, nos seus officios e nas suas ocupações.

Maria Manuela Mota

Nota: esta comunicação será ilustrada com um vídeo sobre a acção de "História ao Vivo" - 1537 - Fernão Mendes Pinto na Ribeira das Naus, que teve lugar em Lisboa em Maio de 1988 e de 1989.

Documento 11

APOM – Ações de Formação

Arquivo de Maria Manuela Mota

1. Propostas para ações de formação;
2. Listas de escolas e professores participantes;
3. Sugestões de visitas de estudo para preparação de alunos e professores;
4. Carta do Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses ao Diretor Regional de Educação do Norte onde é solicitada a participação de professores em ações de formação para o desenvolvimento de projetos de História ao Vivo.

Esta documentação foi conseguida através do levantamento de Raquel Alves Coelho em 2009, presente no Apêndice Documental da sua Dissertação de Mestrado: COELHO, Raquel da Assunção Bernardo Alves, *História Viva. A Recriação Histórica como Veículo de Divulgação do Património Histórico e Artístico Nacional (1986-2009). Conceitos e Práticas.*, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2009.



Associação Portuguesa de Museologia

PROJECTOS DE "HISTÓRIA AO VIVO"

PROPOSTA

No âmbito dos projectos de "História ao Vivo" estão previstas acções de formação dos professores participantes. Nesse sentido foram programadas sessões, conforme o plano já aprovado.

No presente ano lectivo, e após selecção das escolas envolvidas, foram agendadas as seguintes datas:

26 de Janeiro de 1989 - Sala de conferências do Museu Nacional de Arte Antiga, das 14h00 às 17h30.

Objectivos:

.Visionamento do vídeo da acção realizada em Maio de 1988, para esclarecimento dos novos participantes sobre o que é a técnica de "História ao Vivo".

.Envolvimento activo das Escolas no projecto, através da sensibilização para visitas de estudo e outras técnicas de motivação dos alunos.

Fins de Fevereiro de 1989 - Local a determinar. Duração: dois dias

..../..



Associação Portuguesa de Museologia

PROJECTOS DE "HISTÓRIA AO VIVO"

../..

Objectivos:

.Actualização científica dos professores envolvidos, contando com a participação de especialistas sobre diversos temas ligados ao séc.XVI, nomeadamente História, alimentação, vida a bordo, religião, música, linguagem, etc.

Fins de Abril de 1989 - Local a determinar. Duração: uma tarde.

Objectivos:

.Concretização das tarefas indispensáveis ao arranque da acção.

Maio e Junho de 1989 - acção propriamente dita.

Nestas acções estarão envolvidos os professores das escolas seleccionadas, cuja lista se anexa, de estabelecimentos do ensino primário, preparatório e secundário de escolas oficiais e particulares, que deverão nesses períodos estar ausentes de serviço.

Considerando o interesse que estas acções representam para a formação dos professores e para uma mudança do modo de ensinar e estar na escola, propomos que estas faltas sejam consideradas como serviço oficial.

../..

Av. 24 de Julho, 140 - 5º (Sala 840) - 1391 Lisboa Codex Tel. 676212



Associação Portuguesa de Museologia

PROJECTOS DE "HISTÓRIA AO VIVO"

ESCOLAS E PROFESSORES PARTICIPANTES NAS ACÇÕES:

1. OFICIAIS

1.1. LISBOA

1.1.1. Primárias

Escola Primária nº. 6

Ma. Teresa Frade
Ma. Rita Pereira
Ma. Helena Carmo
Ma. Emília Tomé
Ma. Luisa Gouveia
Ma. Leonor Duarte
Alice Matos

Escola Primária nº. 8

Assunção Ferraz
Célia Adelaide Lopes
Isilda Lopes Ferreira

Escola Primária nº. 24

Ma. da Graça Nogueira
Ercília Rosa Cruz
Ma. de Fátima Pichel

Escola Primária nº. 30

Belarmina

Escola Primária nº. 41

Ma. Olívia Lopes
Ma. Lourenço Oliveira

Escola Primária nº. 60

Ma. da Conceição Carvalho
Ma. Manuela Tavares
Ma. Luisa Bordalo
Ana Paula Martins



Associação Portuguesa de Museologia

PROJECTOS DE "HISTÓRIA AO VIVO"

Escola Primária nº.83	Ma. das Mercês Amaro
Escola Primária nº.88	Violeta Morais Ma. da Luz Martins Ma. Georgina Morais
Escola Primária nº.91	Ma. Manuela Duque Ma. de Lurdes R. Ouro
Escola Primária nº.117	Ma. José Roma Ma. da Luz Vieira Ma. Natália Marques Ma. de Fátima Viegas Ma. da Purificação Rodrigues Clementina Moura Etelvina Pinto Laura Baptista Lucília Gonçalves Leolina Baptista Coelho
Escola Primária nº.118	Ma. Helena Pereira
Escola Primária nº.124	Alda Pimenta Ma. Helena Monteiro Ma. de Lurdes Sousa
Escola Primária nº.125	Ma. de Jesus Ferreira Carlos Simões Clarinda Alves Manuela Costa Arlindo Barradas Fernanda Soares



Associação Portuguesa de Museologia

PROJECTOS DE "HISTÓRIA AO VIVO"

Escola Primária nº.128	Álvaro Ribeiro Baptista Ma. Helena Sousa Filipe Ma. Zulmira Vicente
Escola Primária nº.132	Ma. Teresa Gaspar
Escola Primária nº.156	Ma. Helena Toledo Pires
Escola Primária nº.157	Emília Pires Marques Ma. da Conceição Avelar Ma. de Fátima Ramos Luis Pires Marques
Escola Primária nº.175	Ma. Isabel Saraiva Ma. Rosa F.S. Castro Ma. de Lurdes Fernandes
Escola Primária nº.183	Noémia Campbell Ma. Francisca Santiago Ma. Rosa Seabra Natália Figueiredo Deolinda Poiares
Escola Primária nº.193	Irene Gonçalves Ma. Alzira Brito Ma. Angelina Fernandes Ma. Adélia Lourenço
Escola Primária nº.201	Ma. Helena Machado Simões Carla Fonseca

Av. 24 de Julho, 140 - 5º (Sala 840) - 1391 Lisboa Codex Tel. 676212



Associação Portuguesa de Museologia

PROJECTOS DE "HISTÓRIA AO VIVO"

Escolas anexas à Esc. do

Mag. Prim. de Lisboa

Sílvia Cardoso

Eduarda Ma. S. Martins

Ma. de Fátima dos Santos

Ma. Salette Lindeza

Professores da 4ª. Delegação

Escolar de Lisboa

Luisa Valente Gamboa

Ma. Helena Pereira Gomes

Ma. Helena Pereira Gonçalves

1.1.2. Escolas Preparatórias

Escola Preparatória Fernão Lopes Margarida Santos Carvalho

Margarida Guimarães

Carmen Rios

António Vasconcelos

Judite Castel-Branco

Escola Preparatória Luís A. Verney João A. J. Paulo

Escola Preparatória Paula Vicente Fátima Silvério Marques

Clara Frazão

Margarida Leão

Fátima Cardoso

Marília Mateus

Manuela Costa

Hermengarda Neves

Ma. João Vale

Ma. da Conceição Rolo



Associação Portuguesa de Museologia

PROJECTOS DE "HISTÓRIA AO VIVO"

1.1.3. Escolas Secundárias

Escola Secundária D. Maria I Ma.Filómena M.Rodrigues

2. PARTICULARES

2.1. Primárias

Jardim-Escola João de Deus

Ma.Fátima Amaral
Ma. Luisa Henriques
Ma. Lurdes Leitão
Pedro Oliveira
Sofia Roque
Paula Tavira

Colégio Valsassina

José A.Reis Garcia
Ma.Gertrudes Matias
Ma.Gonzaga Saraiva
Alexandra Fêria
Ma.Manuela Valsassina
Isabel Montalvão
Ma. da Luz Melo
Teresa Onofre
Ma.Adelaide Azevedo

Instituto Adolfo Coelho

Rosália Cunha

Queen Elisabeth's School

Isabel Marcos
Júlia Moreira
Ana Ma. Nunes
Susan van den Berg



Associação Portuguesa de Museologia

PROJECTOS DE "HISTÓRIA AO VIVO"

Cooperativa A Torre

Cristina Estrela

Teresa Franco

Luisa Abranches

3. FORA DE LISBOA

3.1. Oficiais

3.1.1. Primárias

Escola Primária nº.2 (Mira-
flores)

Ana Rosa Magalhães

Emília Varejão

Filomena Serralha

Escola Primária nº.1
(Trafaria)

Mã. José Pimenta

Mã. Isabel Assis

Mã. Teresa Santinhos

Helena Sousa

Margarida Moreira

Anabela Salas

Ana Elisa Santos

Mã. Vicência Serra

Escola Primária nº.2
(Trafaria)

Mã. de Lúrdes Penedo

Escola Primária de
Porto Brandão

Ana Rocha

Leonor Guia



Associação Portuguesa de Museologia

PROJECTOS DE "HISTÓRIA AO VIVO"

Escola Primária nº.1

(Amora)

Joaquim Marques

Rosa Duarte

Mã.Manuela Afonso

Mã.de Fátima Remédios

Mã.José Godinho

Escola Primária nº.3

(Amora)

Mã.Helena Vicente

Almerinda Terceiro

Elisete Agostinho

Ana Cristina Jorge

Mã.Fernanda Jacinto

Ester Caramelo

Otilia Coelho

Irene Silva

Armando Teixeira

Escola Primária nº.4

(Fogueteiro)

Mã.Amélia Lopes

Olímpia Monteiro

Isabel Gandum

Mã.Palmira Ferreira

Escola Primária do

Casal do Marco

Amália Carvoeiras



Associação Portuguesa de Museologia

PROJECTOS DE "HISTÓRIA AO VIVO"

Horácio Nery

Dina Sousa

Gabriela Martins

António Tracana

Ondina Monteiro

3.1.2. Preparatórias

Escola Preparatória
da Galiza

Mã. Amália Tomás
Gracinda Pereira
Casimira Baeta
Conceição Oliveira
Fernanda Salgueiro
Helena Gradim
Graciana Andrade
Regina Velhinho
Jorge Assunção
Luis Leite
Ana Quintino
Luisa Cestro
Inês Oliveira
Teresa Fernandes

Escola Preparatória

da Parede

Av. 24 de Julho, 140 - 5º (Sala 940) - 1391 Lisboa Codex Tel. 676272

Gertrudes Silva



Associação Portuguesa de Museologia

PROJECTOS DE "HISTÓRIA AO VIVO"

Ma. José Ilharco
Ma. dos Remédios Amaral
João Faria
José António Gouveia

Escola Preparatória de
Carnaxide

Ma. Judite Dias
Isabel Jacinto
Raquel Brito
Ma. do Rosário Andrade
Ma. Palmira Casanova
Rui Reis
João Pedro Moura
Ma. do Céu Cravo

Escola Preparatória da
Póvoa do Varzim

M. José Moreira Lima
Ma. Amália Calafate
Ma. Manuela Bacelar
Ma. Filomena Barbosa
Ma. Odete Gomes
Ma. Etelvina Flores
Bernardino dos Santos
Liana Lucinda V. Marques
Dulce Ma. Ribeiro



Associação Portuguesa de Museologia

PROJECTOS DE "HISTÓRIA AO VIVO".

Mã. Leonor Alves Rebelo

Carlos Alberto Midões

Mã. das Dores M. Freitas

Mã. José Bronze

Mã. Filomena C. Santos

Margarida Mã. Pinto Almeida

Manuel da S.G. da Ponte

Lisboa, 6 de Dezembro de 1988



Associação Portuguesa de Muscologia

PROJECTOS DE "HISTÓRIA AO VIVO"

SUGESTÕES DE VISITAS DE ESTUDO

1. Museu Nacional de Arte Antiga - tem várias possibilidades de visitas ligadas ao tempo dos Descobrimentos
2. Museu de Marinha - esta visita tem de ser previamente organizada pelos professores, já que o Museu não tem serviço educativo nem visitas guiadas. Tipos de barcos da época dos Descobrimentos e sua eventual comparação com alguns dos posteriores
3. Museu da Cidade - especialmente a maquete de Lisboa quinhentista, para as crianças tomarem consciência do tamanho e da configuração da cidade na época da acção. Este museu também não faz visitas guiadas, pelo que é necessário os professores informarem-se antes de levar os alunos.
4. Planetário Gulbenkian - a sessão sobre os astros pode ser interessante para facilitar aos alunos a compreensão da orientação a bordo.
5. Igreja da Conceição Velha / Rua dos Bacalhoeiros / Casa dos Bicos - a igreja foi uma das sedes da Ordem de Cristo, que tinha como uma das suas principais tarefas acudir aos feridos e mortos que eram desembarcados antes de o navio entrar em Lisboa; lá está N.ª S.ª do Rastelo, à qual rezou Vasco da Gama.
6. Chafariz d'el-rei - já existia em 1537, e é um bom tópico para recordar a constante falta de água em Lisboa, e as aguadas para bordo dos navios a partir.



Associação Portuguesa de Museologia

PROJECTOS DE "HISTÓRIA AO VIVO"

7. Jerónimos/capela de S.Jerónimo / capelinha
8. Zona ribeirinha de Belém: Tv. dos algarves, do Cais da Alfândega Velha, dos Escaleres, etc.
8. Alfama
10. Museu Militar - tem algumas armas do tempo
11. Torre de Belém - a importância estratégica da defesa da entrada do Tejo; o estilo manuelino



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Estado da Reforma Educativa
Grupo de Trabalho do Ministério da Educação
para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses

Exm^o Senhor
Dr. Adalmiro Castro
M.I. Director Regional de Educação do Norte
R. Clemente Meneres, 54-1^a Dt^a
4000 PORTO

Sua referência: Sua comunicação de: Nossa referência: Data:
Proj. 09-A/89 89-02-14
Of^o n^o 20/89

ASSUNTO

Ações de formação dos professores participantes
nos projectos de "História ao Vivo".

1. Este Grupo de Trabalho, em colaboração com a Associação Portuguesa de Museologia, está a organizar dois projectos de "História ao Vivo", um em Lisboa e outro na Póvoa do Varzim.

"História ao Vivo" é uma técnica de ensino que procura recriar uma época histórica, integrando os jovens em tarefas, hábitos e linguagem coevos, de modo a compreenderem-na melhor. Estas acções são levadas a efeito num museu, edifício, zona ou monumento histórico, contribuindo assim para despertar nos jovens e na comunidade o interesse pela preservação do património cultural.

O projecto de Lisboa vai recriar a actividade do Arsenal da Ribeira das Naus, e engloba 2500 crianças, dos ensinos básico e secundário.

O da Póvoa do Varzim, a realizar em meados de Junho, engloba 600 crianças do 6^o ano do ensino básico, e tem por objectivos recriar um estaleiro de construção naval do Séc. XVI, aproveitando a circunstância da construção de uma lancha poveira, na qual se inserem os termos, instrumentos e técnicas de trabalho semelhantes aos de "Quinhentos".



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Estado da Reforma Educativa

Grupo de Trabalho do Ministério da Educação
para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses

-2-

2. Incluídas na preparação dos professores participantes nos projectos, estão várias acções de formação. A primeira decorreu na Câmara e no Museu da Póvoa do Varzim, em Novembro p.p., para sensibilização dos professores e da comunidade.

A próxima, feita em conjunto com os professores participantes no projecto de Lisboa, vai ter como temas alguns aspectos teóricos sobre o séc. XVI.

O encontro vai realizar-se em Lisboa no auditório do Museu Nacional de Arte Antiga, no próximo dia 27 do corrente, das 9h30 às 17h30, com a seguinte agenda:

Horário	Tema	Prelector
9h30	Recepção	
9h45	Aspectos religiosos do séc. XVI	P ^a António Ambrósio do Seminário do Cacém
9h15	A alimentação no Séc. XVI	Senhor Virgílio Gomes da ENATUR
15h15	Intervalo	
11h00	Debate	
12h30	Almoço	
14h00	As doenças e a assistência em Lisboa no início da época dos Descobrimentos	Dr ^a Anastácia Salgado, dos Hospitais Cíveis
14h30	Lisboa e o seu porto no Séc.XVI	Dr. Paulo Oliveira Ramos, da Universidade Aberta
15h15	Intervalo	
15h30	Debate	
16h30	Esclarecimentos sobre o material de apoio e sua distribuição	
17h30	Fechamento	

152



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Secretaria de Estado da Reforma Educativa

Grupo de Trabalho do Ministério da Educação
para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses

-3-

3.ª As professoras

M^ã Leonor Alves Rebelo
M^ã Manuela Araújo Tavares
M^ã Filomena Barbosa

da Escola Preparatória da Póvoa do Varzim mostraram-se muito interessadas em participar na acção, pelo que se solicita a V. Ex^ã que as convoque para o referido Encontro.

4. Mais informo V. Ex^ã de que nesta data foi enviada proposta a Sua Excelência o Secretário de Estado da Reforma Educativa a solicitar a dispensa das mencionadas professoras:
5. As professoras participantes, serão reembolsadas dos gastos efectuados na deslocação, e pagas as respectivas ajudas de custo, conforme a legislação vigente, pelo que deverão apresentar prova das despesas, bem como uma declaração da letra do vencimento.

Com os melhores cumprimentos

O PRESIDENTE DO GRUPO DE TRABALHO,

(Prof. Doutor Luís Albuquerque)

Documento 12

Projeto de História ao Vivo na Ribeira das Naus 1989 – Notícias

1. «Correio da Manhã», 10/05/1989;
2. «A Capital», 13/05/1989;
3. «Correio da Manhã» - Revista, 21/05/1989;
4. «Diário de Notícias», 25/05/1989;
5. «O Século», 25/05/1989; 6. «Expresso», 3/06/1989

Documentos conseguidos através de Raquel Alves Coelho e presentes no Apêndice Documental da sua Dissertação de Mestrado: COELHO, Raquel da Assunção Bernardo Alves, *História Viva. A Recriação Histórica como Veículo de Divulgação do Património Histórico e Artístico Nacional (1986-2009). Conceitos e Práticas.*, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2009.

Correio da Manhã
10/05/1989

**Crianças
foram
experimentar
como se partia
para
a Índia**

pág. 10



ALUNOS VIVERAM AVENTURA DE UMA VIAGEM DO SÉC. XVI

Um dia no século XVI. Para alguns alunos da Escola de Engenharia de São Carlos, a aventura começou há mais de 400 anos. Os alunos, vestidos com roupas de época, participaram de uma viagem simulada ao Brasil, recriando a jornada dos primeiros navegantes portugueses.

Na verdade, os alunos foram convidados a participar da "Viagem do Séc. XVI", uma iniciativa da Escola de Engenharia de São Carlos, que visa proporcionar aos alunos uma experiência histórica e cultural. A viagem foi realizada em um barco de madeira, com o objetivo de recriar a jornada dos primeiros navegantes portugueses.

Os alunos foram divididos em grupos e receberam instruções detalhadas sobre a viagem. Eles foram informados sobre a importância da viagem e o papel de cada um dos participantes. A viagem foi realizada em um barco de madeira, com o objetivo de recriar a jornada dos primeiros navegantes portugueses.

A viagem foi realizada em um barco de madeira, com o objetivo de recriar a jornada dos primeiros navegantes portugueses. Os alunos foram divididos em grupos e receberam instruções detalhadas sobre a viagem. Eles foram informados sobre a importância da viagem e o papel de cada um dos participantes.

Depois de um longo dia de viagem, os alunos chegaram ao destino. Eles foram recebidos por uma equipe de profissionais e receberam uma recepção calorosa. A viagem foi considerada um sucesso e os alunos foram elogiados por sua participação.

Na foto: o barco de madeira, a Escola de Engenharia de São Carlos.



Os alunos se preparando para a viagem.



Uma viagem no tempo.

Para muitos alunos, a viagem foi uma experiência única. Eles foram capazes de viver a história e aprender sobre a importância da viagem. A viagem foi considerada um sucesso e os alunos foram elogiados por sua participação.

A viagem foi realizada em um barco de madeira, com o objetivo de recriar a jornada dos primeiros navegantes portugueses. Os alunos foram divididos em grupos e receberam instruções detalhadas sobre a viagem.

Depois de um longo dia de viagem, os alunos chegaram ao destino. Eles foram recebidos por uma equipe de profissionais e receberam uma recepção calorosa. A viagem foi considerada um sucesso e os alunos foram elogiados por sua participação.

Com a ajuda dos professores, os alunos foram capazes de aprender muito sobre a história e a importância da viagem. A viagem foi considerada um sucesso e os alunos foram elogiados por sua participação.



Os alunos se preparando para a viagem.



Preparando o barco para a viagem.

No rio Tejo

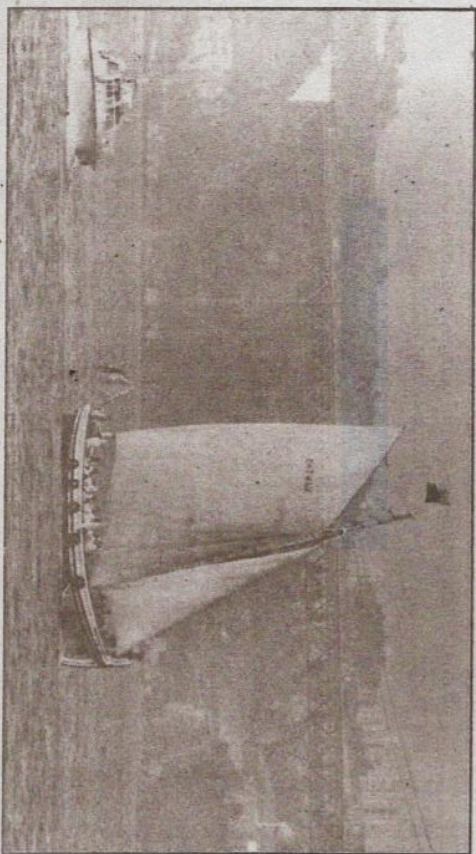
ALUNOS VIVERAM AVENTURA DE UMA VIAGEM DO SÉC. XVI



No calis dos Cateiros, a Cruz de Aviz



Clero, nobreza e povo embarcaram juntos



Preparando a saída para a Índia

puderam ficar nos pulcos.

Saias, sub-saias, camisas, aventais, lenços, coletes e sapatos de pano (que não chegaram para todos, pelo que alguns tiveram mesmo de virar pé-descalço) de tons coloridos foram suficientes para dar um aspecto quinhentista ao núcleo feminino da geração do computador e da televisão que momentos antes havia transposto a cerca. Para eles ainda foi mais simples: umas calças de bafo, uma camisa e uma boina foi quanto bastou.

Cá fora, a falua que há pouco mais de meia hora se distinguia no horizonte vinda do Seixal, iniciava a manobra de atracagem com a segunda parte da comitiva a bordo, a quem competiu trazer os utensílios e respectivos géneros destinados ao almoço.

O resto imaginam os leitores: uma grande luta-lua, todos os miludos em movimento, cada um representando o seu papel nesta "aventura" das Descobertas.

CRIANÇAS REVIVEM AVENTURA QUINHENTISTA

Descobrimientos de faúna em águas do Tejo

TERRA À VISTA, PÉ EM LISBOA



A fogueira, o banquete e o primeiro contato com o mar, dia 14 de setembro

TERRA À VISTA! — gritos que ecoaram no dia 14 de setembro de 1492, quando os portugueses chegaram à costa brasileira. A aventura dos descobrimentos é sempre revivida em Portugal, e a cidade de Lisboa, capital do país, não é exceção. No dia 14 de setembro, as escolas de Lisboa comemoram o descobrimento do Brasil, e as crianças revivem a aventura dos descobrimentos.

A festa, que ocorre no dia 14 de setembro, é uma das mais importantes da cidade. As crianças, vestidas com roupas de época, participam de jogos e brincadeiras que remetem ao século XVI. A festa é organizada pelas escolas e pelas autoridades locais. As crianças são divididas em grupos e recebem instruções sobre a viagem. Elas são levadas a um local que simula o porto de Lisboa, onde há uma fogueira e uma fogueira. As crianças são levadas a um local que simula o porto de Lisboa, onde há uma fogueira e uma fogueira.

Este evento de comemoração é realizado em Lisboa, capital de Portugal, e é uma das mais importantes da cidade. As crianças, vestidas com roupas de época, participam de jogos e brincadeiras que remetem ao século XVI. A festa é organizada pelas escolas e pelas autoridades locais. As crianças são divididas em grupos e recebem instruções sobre a viagem. Elas são levadas a um local que simula o porto de Lisboa, onde há uma fogueira e uma fogueira.

Quilômetros de litoral

O dia 14 de setembro é uma das mais importantes da cidade. As crianças, vestidas com roupas de época, participam de jogos e brincadeiras que remetem ao século XVI. A festa é organizada pelas escolas e pelas autoridades locais. As crianças são divididas em grupos e recebem instruções sobre a viagem. Elas são levadas a um local que simula o porto de Lisboa, onde há uma fogueira e uma fogueira.



Estudantes de escola matriculada e crianças gritam "Terra à Vista!"



Uma criança ajuda a preparar o banquete no dia 14 de setembro

As crianças são divididas em grupos e recebem instruções sobre a viagem. Elas são levadas a um local que simula o porto de Lisboa, onde há uma fogueira e uma fogueira.

Em todo 2500 crianças

Para além das crianças e das professoras que as acompanham, há também os pais. As crianças são divididas em grupos e recebem instruções sobre a viagem. Elas são levadas a um local que simula o porto de Lisboa, onde há uma fogueira e uma fogueira.

As crianças são divididas em grupos e recebem instruções sobre a viagem. Elas são levadas a um local que simula o porto de Lisboa, onde há uma fogueira e uma fogueira.

Em todo 2500 crianças

Para além das crianças e das professoras que as acompanham, há também os pais. As crianças são divididas em grupos e recebem instruções sobre a viagem. Elas são levadas a um local que simula o porto de Lisboa, onde há uma fogueira e uma fogueira.

As crianças são divididas em grupos e recebem instruções sobre a viagem. Elas são levadas a um local que simula o porto de Lisboa, onde há uma fogueira e uma fogueira.

Em todo 2500 crianças

Para além das crianças e das professoras que as acompanham, há também os pais. As crianças são divididas em grupos e recebem instruções sobre a viagem. Elas são levadas a um local que simula o porto de Lisboa, onde há uma fogueira e uma fogueira.

As crianças são divididas em grupos e recebem instruções sobre a viagem. Elas são levadas a um local que simula o porto de Lisboa, onde há uma fogueira e uma fogueira.

Em todo 2500 crianças

Para além das crianças e das professoras que as acompanham, há também os pais. As crianças são divididas em grupos e recebem instruções sobre a viagem. Elas são levadas a um local que simula o porto de Lisboa, onde há uma fogueira e uma fogueira.

As crianças são divididas em grupos e recebem instruções sobre a viagem. Elas são levadas a um local que simula o porto de Lisboa, onde há uma fogueira e uma fogueira.

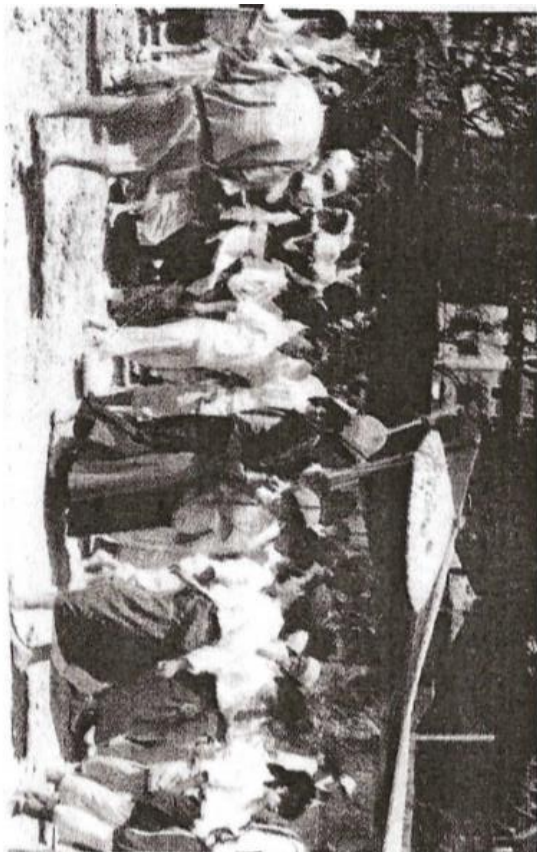
Em todo 2500 crianças

Para além das crianças e das professoras que as acompanham, há também os pais. As crianças são divididas em grupos e recebem instruções sobre a viagem. Elas são levadas a um local que simula o porto de Lisboa, onde há uma fogueira e uma fogueira.

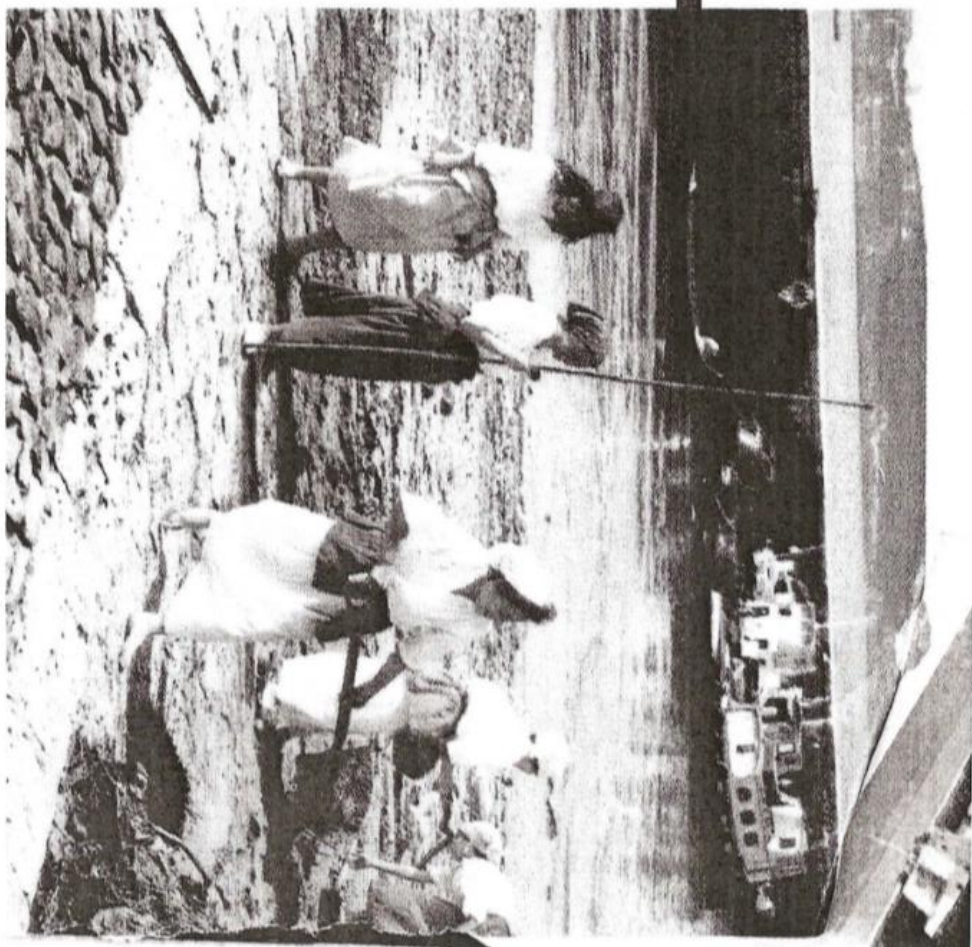
As crianças são divididas em grupos e recebem instruções sobre a viagem. Elas são levadas a um local que simula o porto de Lisboa, onde há uma fogueira e uma fogueira.

Em todo 2500 crianças

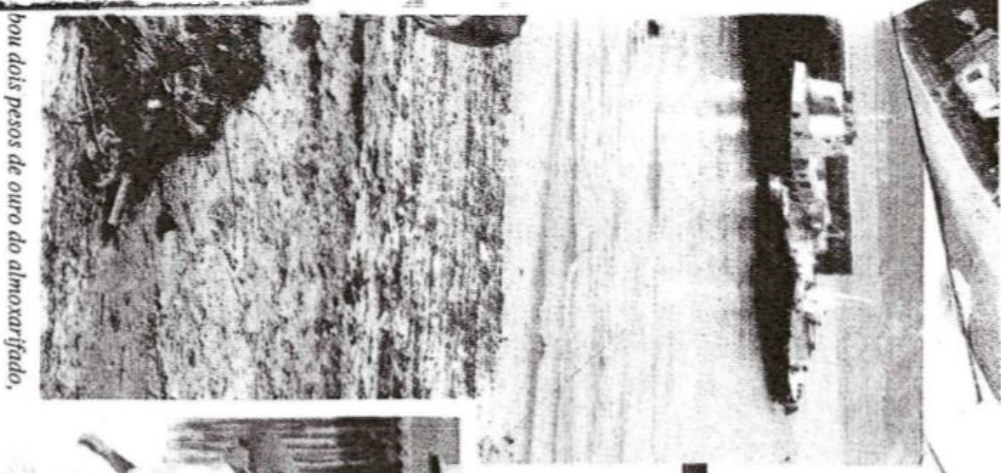
Para além das crianças e das professoras que as acompanham, há também os pais. As crianças são divididas em grupos e recebem instruções sobre a viagem. Elas são levadas a um local que simula o porto de Lisboa, onde há uma fogueira e uma fogueira.



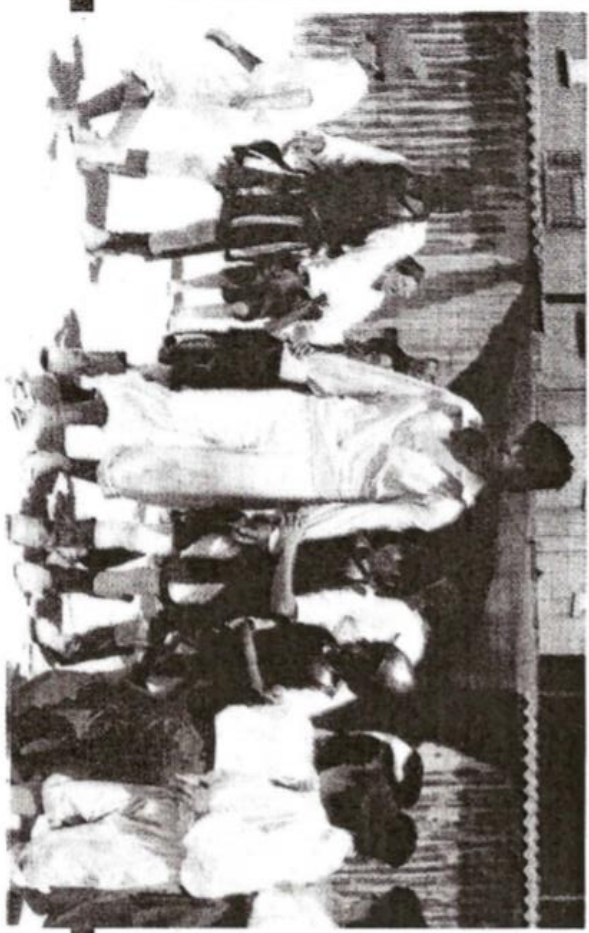
Procissão do Bom Jesus dos Navegantes. O cortejo encerrou o dia de trabalho quinientista



*A limpeza da praia, a carpintaria naval, o transporte da lenha e a prisão do "ladroão" que rou-
foram algumas das tarefas que os jovens tiveram de executar*



bou dois pesos de ouro do almoxarifado,



barraca de apoio onde deixaram tudo o que era sinónimo de século XX, para vestir a pele do século XVI. Rapazes para um lado, raparigas para o outro. A azáfama foi grande e não parou enquanto não saiu do vestiário o último "candidato" a elemento do povo da era quinhentista.

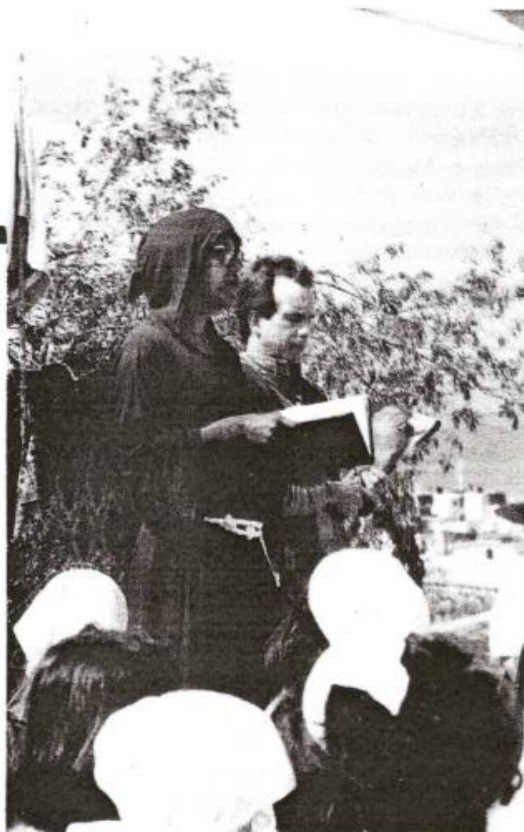
Cá fora, a falua que trazia o resto da comitiva da outra margem com o almoço do dia, já havia lançado amarras, deixando sair uma autêntica "multidão" de pés descalços. E que não foram só os relógios que tiveram de ser deixados no vestiário. Os sapatos também não puderam entrar. E como não havia sapatos que chegassem para todos, a solução foi mesmo meter o pé no

chão de terra branca onde decorre toda a "acção". As normas são para cumprir e o regulamento é implacável. Nenhum vestígio do século em que vivemos pode ser levado para dentro do recinto.

Depois... Bom, depois houve mesmo que trabalhar a sério.

Espalhados pelas várias oficinas ao cuidado dos respectivo mestre (na sua maioria actores de teatro que ao mesmo tempo que representam têm a função de levar as crianças à época em questão) e depois de devidamente rezada a oração da manhã, os jovens instruem-se em artes tão diversas como a cartografia ou a pintura de barcos. No fundo é tal como o nome da acção o determina, tudo o que no século XVI era necessário para pôr uma armada com destino a terras da Índia no mar.

Cartografia, botica, almoxarifado, latim, fabrico de biscoito, cozinha, pintura de barcos com breu, carpintaria e calafetagem naval, sapateiro, vendedores, guardas, fabricantes de velas e aguadeiros, foram as "peles" vestidas pelos alunos das duas escolas, que tiveram ainda de executar outras tarefas "extras", como prestar assistência ao provedor e limpar a praia



A oração da manhã assinalou o início das tarefas

(por sinal bem mais suja do que muitos areais da linha em fim de época alta). E tudo foi feito com o máximo de perfeição.

Afinal, não é todos os dias que se tem oportunidade de fazer uma viagem no tempo e viver um dia no século dos Descobrimentos!...

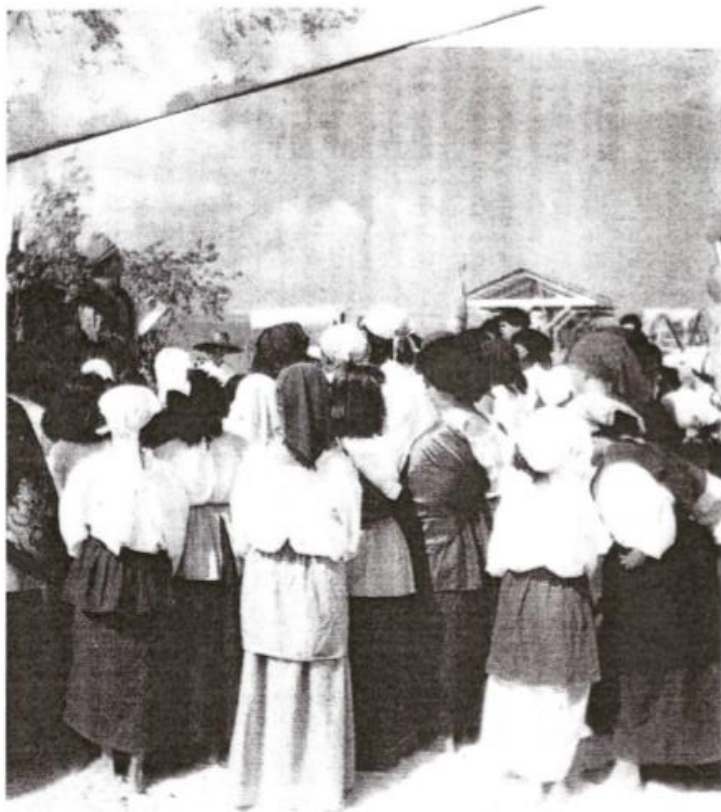
Texto: Inês Bastos
Fotos: Carlos Almeida



O fabrico do biscoito. Uma tradição centenária que os jovens relembrou



A inoportuna cigana não deixou fugir a oportunidade de ler a "sina"



*O exército
sempre
"presente"*



Um porta-estandarte zeloso da sua missão



25 Mai 89. DN Informação Geral. 21

Por uma centena de crianças e adolescentes Partida de Fernão Mendes Pinto reconstituída no Cais do Sodré

Mais de 120 crianças e adolescentes participaram ontem, no Cais do Sodré, na reconstituição histórica da partida de Fernão Mendes Pinto para o Oriente, a que assistiram os ministros da Educação e Adjunto e da Juventude, respectivamente Roberto Carneiro e Couto dos Santos, e o secretário de Estado da Reforma Educativa, Pedro d'Orey da Cunha.

ALUNOS de várias escolas da região da Grande Lisboa e da zona ribeirinha do Tejo viveram ontem, de facto uma experiência aliciante.

Trata-se de uma iniciativa organizada pela Associação Portuguesa de Museologia, em colaboração com o Ministério da Educação subordinada ao tema «Um dia da Primavera de 1537 na Ribeira das Naus». Vem a decorrer já desde o dia 5, prolonga-se até 2 de Junho e procura reconstituir, tão fielmente quanto possível, o ambiente que rodeava a partida dos barcos.

Ao longo das três últimas semanas, com efeito, o lisboeta que frequenta a zona ribeirinha da baixa tem estranhado, decerto, a azáfama que apercebe para lá de um tapume provisório, montado junto ao cais do Catraeiros ao Cais do Sodré.

Era precisamente naquele local que, nos séculos XV e XVI, se construíam as naus e galeões, grande parte das quais seguiam o rumo das Índias.

A «encenação histórica» a que o DN assistiu, ao princípio da tarde de ontem, procurou recrear todos os preparativos inerentes à partida, em 1537, da Armada que levava para o Oriente D. Pedro da Silva da Gama, quinto filho do grande Almirante do mar das Índias, Vasco da Gama.

Três tipos de participantes se envolveram na sessão seguinte, aliás, a regra estabelecida para todos os restantes dias deste plano de realizações. A esmagadora maioria, segundo referiu ao nosso jornal José Gouveia, da organização, «são alunos do 4.º e do 6.º anos de escolaridade, que têm aulas de História de Portugal».

Professores e actores participam

Vários professores dos respectivos estabelecimentos de ensino participaram, de igual modo, na reconstituição. Quer a um nível prévio, no que respeita à preparação do «papel» que cada aluno encarna, quer mesmo como personagens na história que ali se procuravam, de algum modo, recriar. Participaram, ainda, alguns actores profissionais, todos jovens, que já se encontraram ligados (ou ainda o estão) a grupos como os *Sete Ofícios* ou a *Máscara*.

Na Armada cuja partida se procurou recriar — apesar de não se ter visto no local nenhuma «cópia» dessas embarcações — integravam-se as naus *Frol de la Mar*, a *Rainha*, a *S. Roque*, a *Santa Bárbara* e a *Galega*. Foi precisamente a bordo da última que seguiu Fernão Mendes Pinto.

Com fatos da época — e procurando, de certa forma, utilizar uma linguagem que não se desviasse muito da que se falava então — todos os «actores», desde os mais jovens aos mais velhos, souberam situar-se nos seus papéis, com um grande entusiasmo: mestres calafates, carpinteiros, remolares, aprendizes, boticários, cozinheiras, biscoiteiras, vendedeiras. E a presidir ao trabalho de todos, o «provedor da Ribeira e da Talha», acompanhado do almoxarife, não faltando ali os frades convidando à oração.

Uma exigência era comum, por parte dos elementos afectos à organização, a todos os que pretendessem inserir-se naquele recinto: a de que não podiam permanecer ali sem estarem com um ou outro tipo de indumentária, das disponíveis ainda para o efeito. A regra não escaparam os ministros Roberto Carneiro e Couto dos Santos que tiveram de vestir cada um o seu «balandrau», cópia das vestimentas dos frades da época, com as quais percorreram o recinto e assistiram a uma parte do cerimonial.



Um dos «sketches» da reconstituição histórica da partida de Fernão Mendes Pinto para o Oriente, que foi assistida pelo ministro da Educação, Roberto Carneiro

25.05.989

TUDO E TODOS

Fernão faz-se ao mar em aventura de crianças

Ribeira das Naus, ano da Graça de 1989. Tal como há cerca de cinco séculos atrás realizou-se ontem a reconstituição histórica da partida de Fernão Mendes Pinto, em demanda de "outros mundos" habitados, que a aventura dos Descobrimentos permitiu descobrir, com espanto e maravilha, aos portugueses de então. Ao acto, que se realizou no Cais do Sodré, esteve presente Roberto Carneiro, ministro da Educação,

assim como outras individualidades.

Sob o lema "ensinar o Passado é dar raízes ao Futuro", tem-se vivido na Ribeira das Naus, no Cais do Sodré, desde o dia 5 de Maio e até 2 de Junho, a azáfama dos preparativos e o ambiente que rodeava a partida dos barcos nesta zona ribeirinha da cidade de quinhentos, tudo numa acção em que vão participar e ser actores cerca de 2500 crianças, de 40 escolas pri-

márias e preparatórias da Grande Lisboa.

Este inovador projecto de "história ao vivo" é promovido pela Associação Portuguesa de Museologia, em colaboração com o Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses e com o apoio da Câmara Municipal de Lisboa e de muitas outras instituições e empresas.



Um dia no século XVI

A ASSOCIAÇÃO Portuguesa de Museologia (APOM) tem organizado e apoiado nos últimos dois anos, um pouco por todo o país, acções de «História ao Vivo», com fins didácticos. Esta técnica de ensino teve origem em Inglaterra com o método «Living Story», que tenta ser um estímulo para que os professores procurem utilizar o património da sua área em conjunto com os conservadores dos museus e recorrendo à participação da comunidade, em particular das escolas.

Esta técnica foi introduzida em Portugal pela APOM porque, e segundo Manuela Mota, presidente desta associação, «a APOM está interessada em levar as escolas aos museus para que os professores saibam que neles têm um grande auxiliar de ensino através dos objectos reais, o que faz com que as crianças tenham mais facilidade em aprender a história do que se estudarem só através de livros e de imagens. O que interessa no fundo é que a criança e o professor venham ao museu e se sirvam do museu».

O projecto que a APOM apoiou mais de perto este ano foi o que decorreu no Cais do Sodré, em Lisboa, durante o mês de Maio, envolvendo 2500 crianças, em colaboração com a Comissão do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, escolas da Grande Lisboa e autarquias. Na acção desenvolvida este ano procurou-se recriar o ambiente que se vivia na Ribeira das Naus no século XVI, encenando a preparação da partida de uma armada para a Índia, e facultando às crianças de escolas primárias e preparatórias a participação activa e o contacto directo com os instrumentos de trabalho da época, a comida, o vestuário, a linguagem e outras situações do quotidiano.

A entrada neste ambiente faz-se através de um compartimento onde as crianças deixam as suas roupas e envergam roupas semelhantes às usadas na época que se pretende retratar. Depois, no interior do recinto, em grupos de 120, vivem um dia no século XVI orientadas por monitores e actores de teatro. O enredo é entrecortado por uma série de acontecimentos, entre os quais a presença de uma figura conhecida dos livros de História, Fernão Mendes Pinto, retratado por um actor.

Actores e crianças

Os actores foram escolhidos sobretudo por terem experiência em trabalhar com crianças, e eles próprios escreveram os textos que dão vida às personagens que interpretam.

Para Geraldo Tutché, que interpreta a figura do provedor da Ribeira, «a experiência, para nós, actores, é muito positiva, pois também aprendemos enquanto ensinamos, mas o aproveitamento que a criança faz é espectacular. Elas levam isto mais a sério do que nós, e o mais interessante não é bem o trabalho de actor, é a experiência em si, que é um misto de actor e de animador pois é mais importante saber conviver com as crianças do que saber representar».

E, na verdade, são as crianças que dominam o terreno. Depois do primeiro impacto com um ambiente estranho, apesar da preparação prévia feita pelos professores nas escolas, elas integram-se com muita facilidade e pouco depois de entrarem no recinto já o percorrem apregoando a boa voz as frutas, as especiarias e a água, não de maneira muito diferente daquela que se fazia na época. Uns aprendem trabalhos de calafetagem num pequeno barco, outros mexem pela primeira vez numa panela ou num marte, alguns aprendem a usar os instrumentos da época de cartografia e cosmografia, como o sextante e o astrolábio, enquanto algumas meninas aprendem a



confeccionar o tradicional biscoito, que constituía o principal alimento das armadas portuguesas na época dos Descobrimentos.

«As crianças tiveram todo um trabalho de preparação anterior», explica Manuela Mota, «elas não são apanhadas de surpresa para irem fazer um piquenique à beira do Tejo, e quando voltarem para a escola devem ser levadas pelos professores a reflectir sobre o ambiente que viveram através de trabalhos escritos, desenhos ou dramatizações».

Paula Bárcia, da Comissão do ME para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, acrescenta que «o contacto directo com as coisas e a possibilidade de interiorizar as várias situações são muito importantes para as crianças numa idade em que os conceitos de passado, de tempo e de contagem de tempo são muito difíceis de adquirir. Depois disto é mais fácil a criança fazer comparações entre os séculos XVI e XX, pois fica com uma maior capacidade de se orientar para outro tipo de noções».

«Este projecto ultrapassa os próprios condicionamentos das aulas de História», refere José

Gouveia, um dos monitores, «o sistema educativo tem lacunas de tal ordem que as crianças com 10-12 anos chegam aqui sem nunca terem pegado num machado, sem nunca terem pregado um prego e, inclusive, alguns não sabem distinguir um pinto de um pato, como nos foi dado observar. O que aqui se tenta complementar é todo um aspecto lúdico de que a escola se está a esquecer».

Situações e personagens

Toda a acção de «História ao Vivo» é orientada por actores e monitores previamente preparados através de cursos de formação, porque uma das regras a que os organizadores fizeram por obedecer foi ao rigor histórico das situações e das personagens, partindo de uma investigação levada a efeito pelas historiadoras Manuela Mota e Paula Bárcia sobre o modo de vida do século XVI, com a posterior análise e opinião do professor Luís de Albuquerque.

«Procurámos o maior rigor possível», diz Manuela Mota. «Todo o contexto do aparecimento do Fernão Mendes Pinto é historicamente certo,

mas onde nos esforçamos para ser mais rigorosos foi na indumentária, naquilo que se come, na maneira de falar, na procura da saúde e da doença, com a presença do boticário, foi na criação da figura do piloto-mor que tem os instrumentos certos pois foram feitas miniaturas de objectos do próprio Museu de Marinha».

No entanto, Manuela Mota acrescenta, com base nas mesmas investigações que «o quotidiano no século XVI era muito mais rígido do que aquele que se conseguiu retratar. A vida a bordo nas naus era muito mais dura, pois os viajantes viviam na coberta, não tinham camarotes nem dormiam em baixo pois aí eram os porões para a carga. E era ali na coberta, à chuva, ao frio e ao vento, junto com os animais vivos, que as pessoas comiam e dormiam, num ambiente de total promiscuidade».

No século XVI os dias de trabalho na Ribeira das Naus começavam com uma missa rezada em latim à qual assistia o provedor da Ribeira, que exortava os trabalhadores a executarem bem as suas tarefas sob as ordens dos seus mestres.

Os frades eram um elemento característico da Lisboa de 1500. «Cuidavam das almas e dos corpos», diz um dos monitores, Fernando Santos, que encarnou a figura de Frei Bento dos Mártires na acção de «História ao Vivo». «Eles tinham por missão reunir o povo para as missas e orações em conjunto. Aliás, o aspecto religioso estava presente em quase tudo o que se fazia. Não se dava um passo sem que houvesse uma bênção, uma oração, uma influência da Igreja. Mas também havia frades de moralidade menos vertical que deixavam mão à fruta que as mulheres carregavam e eram atrevidos com as moças».

As refeições do povo na época dos Descobrimentos eram compostas por um caldo de manhã, caldo com peixe frito ou caldeirada ao jantar (que nessa época era por volta das onze horas) e a ceia, quando a havia, era uma refeição mais leve. «Nessa época, o cheiro pestilento a peixe frito em azeite rançoso era uma constante da zona do mal-cozinhado, na parte baixa de Lisboa», explicou Paula Bárcia. «A zona do mal-cozinhado, que também incluímos na acção de «História ao Vivo», seria mais tarde frequentada e muito do agrado de Camões».

A indumentária das gentes do povo consistia numa roupa simples, de lã grosseira e linho.

Os luxuosos tecidos coloridos vinham do Oriente e só estavam ao alcance da nobreza.

Na Ribeira das Naus as pessoas ocupavam-se das mais diferentes tarefas: havia os que trabalhavam na calafetagem e na descarga dos barcos, havia os que trabalhavam nas velas, cordas e nós, havia os que carregavam água para as lavadeiras e para a confecção do biscoito. Outras actividades eram desempenhadas pelos cosmógrafos, pelos cartógrafos, pelos boticários e pelos soldados que mantinham na ordem aqueles que não queriam trabalhar. E foram estes o roteiro, o cenário e as personagens de um dia no séc. XVI vivido no actual Cais do Sodré.

O futuro de acções de «História ao Vivo» parece estar assegurado pois o interesse que escolas e professores têm manifestado pode conduzir à criação de laboratórios de História em algumas escolas. «Esta acção não é uma coisa isolada», comenta Paula Bárcia. «É o resultado de um trabalho muito longo e exaustivo, pois as crianças não se preparam num dia para irem aqui numa excursão. Tudo isto é o culminar do trabalho de um ano lectivo inteiro. Dá muito trabalho, mas vale a pena!»

José Alex Gandum

Documento 13

*Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos
Descobrimentos Portugueses*

Projetos

Arquivo de Paula Bárcia

1. Projetos de História ao Vivo;
2. «"História ao Vivo": Uma nova forma de ensinar»;
3. «Proposta de projetos de ações ligadas à técnica de "História ao Vivo" para o ano letivo de 1989/1990».



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Estado da Reforma Educativa

Grupo de Trabalho do Ministério da Educação
para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses

-1-

PROJECTOS DE HISTÓRIA AO VIVO

1. Objectivos dos projectos

- 1.1. Estes projectos têm como primeiro objectivo levar os alunos do ensino básico e secundário a viver, durante um dia, uma época da História, no local em que os acontecimentos se deram, de modo a facilitar-lhes a compreensão mais profunda da época em apreço, através de uma técnica inglesa de animação de espaços do património cultural, denominada "Living History".

Esta técnica foi introduzida e divulgada em Portugal pela Associação Portuguesa de Museologia, que é co-responsável, com o Ministério da Educação, dos projectos actuais, que são, para Lisboa, a recriação da Ribeira das Naus, nas vésperas da partida da armada de 1537, em que embarcou Fernão Mendes Pinto; e para a Póvoa do Varzim, a recriação do ambiente da construção naval dos estaleiros de 500, com a efectiva construção de uma lancha poveira, pelos métodos e com os materiais antigos.

- 1.1.1. Além disso, estes projectos têm também como objectivo estabelecer uma maior ligação entre os Museus e a Escola, e levar as crianças a um contacto mais estreito com o objecto museológico.
- 1.1.2. Finalmente, estes projectos preocupam-se também em desenvolver nas crianças e nos jovens a preocupação pela preservação do património cultural.

2. Acções para atingir os objectivos

- 2.1. Formação dos professores participantes (cerca de 200), de modo a poderem transmitir o máximo de informações aos seus alunos (cerca de 2500) sobre a época em estudo, de uma forma interdisciplinar.
- 2.1.1. Distribuição de material didáctico: textos, diapositivos, sugestões de bibliografia e discos, de visitas de estudo e de outras actividades complementares.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Estado da Reforma Educativa

Grupo de Trabalho do Ministério da Educação
para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses

-3-

4.2. Janeiro/89

4.2.1. Primeira reunião com os professores participantes

4.2.2. Compra e organização do material

4.3. Fevereiro/Março/89

4.3.1. Formação de professores, monitores e alunos

4.3.2. Compra e organização do material

4.4. Abril/89

4.4.1. Apoio às escolas

4.4.2. Preparação do local da acção

4.5. Maio/Junho/89

4.5.1. Acção na Ribeira das Naus e na Póvoa do Varzim

4.5.2. Avaliação final do projecto

5. Identificação dos intervenientes na execução do projecto

5.1. Maria Manuela Soares de Oliveira Mota - presidente da Associação Portuguesa de Museologia e conservadora principal do Museu da Fundação Calouste Gulbenkian

5.2. Paula Bárcia - professora efectiva da Escola de Dança de Lisboa, destacada na Direcção-Geral do Ensino Básico e Secundário e responsável pelo projecto da parte do Ministério da Educação.

5.3. Teresa Viana - secretária, para tudo o que diz respeito à APOM

5.4. José Gouveia - professor efectivo da Escola Preparatória da Parede e responsável pelos aspectos de encenação

5.5. Geraldo Têché - actor e responsável pela formação de actores e parte dos professores.

5.6. Grupo de Teatro e intervenção cultural "Grupo 2" de Chelas



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Estado da Reforma Educativa

Grupo de Trabalho do Ministério da Educação
para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses

-3-

4.2. Janeiro/89

4.2.1. Primeira reunião com os professores participantes

4.2.2. Compra e organização do material

4.3. Fevereiro/Março/89

4.3.1. Formação de professores, monitores e alunos

4.3.2. Compra e organização do material

4.4. Abril/89

4.4.1. Apoio às escolas

4.4.2. Preparação do local da acção

4.5. Maio/Junho/89

4.5.1. Acção na Ribeira das Naus e na Póvoa do Varzim

4.5.2. Avaliação final do projecto

5. Identificação dos intervenientes na execução do projecto

5.1. Maria Manuela Soares de Oliveira Mota - presidente da Associação Portuguesa de Museologia e conservadora principal do Museu da Fundação Calouste Gulbenkian

5.2. Paula Bárcia - professora efectiva da Escola de Dança de Lisboa, destacada na Direcção-Geral do Ensino Básico e Secundário e responsável pelo projecto da parte do Ministério da Educação.

5.3. Teresa Viana - secretária, para tudo o que diz respeito à APOM

5.4. José Gouveia - professor efectivo da Escola Preparatória da Parede e responsável pelos aspectos de encenação

5.5. Geraldo Trêché - actor e responsável pela formação de actores e parte dos professores.

5.6. Grupo de Teatro e intervenção cultural "Grupo 2" de Chelas



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Estado da Reforma Educativa

Grupo de Trabalho do Ministério da Educação
para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses

-2-

2.1.2. Maletas pedagógicas a circular pelas escolas, com textos e materiais que os alunos podem manipular e explorar.

2.2. Formação dos actores (cerca de 10) e monitores participantes (cerca de 10), nos aspectos históricos, pedagógicos e logísticos.

2.3. Formação dos alunos:

2.3.1. Nos programas das várias disciplinas com algumas, e muito ligeiras, adaptações.

2.3.2. Através de actividades complementares (por exemplo, sessões de teatro relativas à época, propiciadas pela Câmara Municipal de Lisboa).

3. Escolas abrangidas

Amora nº.1 - 5 professores	40 alunos
Amora nº.3 - 9 professores	73 alunos
Fogueteiro nº.4-4 professores	70 alunos
Casal do Marco-5 professores	80 alunos

De salientar o entusiasmo, empenhamento e espírito de iniciativa dos professores destas escolas, verdadeiramente exemplares!

4. Calendarização

4.1. De Setembro/88 a Janeiro/89:

4.1.1. Fecho e avaliação da acção de Maio 1988

4.1.2. Revisão e organização da documentação e textos de apoio

4.1.3. Procura de financiamento

4.1.4. Selecção das escolas



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Estado da Reforma Educativa

Grupo de Trabalho do Ministério da Educação
para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses

-4-

5.7. Consultores:

5.7.1. António Nabais - IPPC

5.7.2. Paulo Oliveira Ramos - Universidade Aberta

5.7.3. Patrik Redsell - English Heritage e Living History

5.7.4. Comandante Malhão Pereira - CINCIBERLANT

6. Momentos de avaliação

6.1. Em cada reunião com os professores participantes

6.2. Para os alunos, em data a acordar com os professores, possivelmente Abril

6.3. Avaliação final, para todos os agentes participantes, no final dos projectos
(Junho/89)

Paula Baicis



Ministério da Educação

SECRETARIA DE ESTADO DA REFORMA EDUCATIVA

GRUPO DE TRABALHO DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
PARA AS COMEMORAÇÕES DOS DESCOBRIMENTOS PORTUGUESES

"HISTÓRIA AO VIVO":

UMA NOVA FORMA DE ENSINAR

"História ao Vivo" é uma forma de reconstituição dramática do passado, feita com crianças; foi desenvolvida por técnicos de expressão dramática e animação cultural, ligados a uma organização não-governamental inglesa, a "English Heritage", que no Reino Unido se esforça por re-construir, manter e dar vida a edifícios que façam parte do passado e da História do país.

Baseadas na constatação, por um lado, do aspecto "morto" de alguns edifícios e monumentos que, embora em bom estado de conservação, não atraíam os jovens para além de rápidas e descuidadas visitas de estudo; e por outro lado, da falta de interesse das populações pelo seu património cultural (que não só o construído), estes técnicos decidiram dar vida às tradições, às casas, castelos ou mansões à sua guarda, e implicar nisso toda a comunidade.

Como se processa uma acção de "História ao Vivo" ?

Esta técnica faz principalmente apelo a três entidades, fundamentais para o sucesso de qualquer acção: a Escola, o Museu ou o Monumento, e a Comunidade.



Ministério da Educação
SECRETARIA DE ESTADO DA REFORMA EDUCATIVA
GRUPO DE TRABALHO DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
PARA AS COMEMORAÇÕES DOS DESCOBRIMENTOS PORTUGUESES

Antes do mais, tem de se escolher um tema histórico adaptado ao local que se deseja fazer reviver; em seguida, encontrar a época mais adequada aos objectivos pedagógicos a atingir, não esquecendo a exequibilidade do projecto. O tema pode variar, desde a vida numa vila romana, à festa das Maias entretanto caída em desuso, à problemática da 1ª. Guerra Mundial vista através das diferentes classes sociais em Cascais, quando o Conde de Castro Guimarães entretinha o povo com recitais de órgão...

Em qualquer dos casos, será muito mais sensato reconstituir alguns aspectos da vida do povo (que quase não tem cabimento nos programas, mesmo nos novos...) do que fazer custosas reconstituições de aspectos mais espectaculares que, embora com grande impacte visual, não proporcionam a vivência sentida que é uma das primeiras preocupações destas acções.

Escolhido o local e o tema, passa-se à pesquisa histórica sobre a época em apreço.

Esta pesquisa, tão completa e aprofundada quanto possível (dadas as lacunas da nossa investigação) vai servir de base ao guião da acção e a toda a preparação de alunos, professores, actores e todos os outros participantes. Nela devem ser levados em conta o aspecto social, económico, político e cultural da época em estudo.

**Ministério da Educação**

SECRETARIA DE ESTADO DA REFORMA EDUCATIVA

GRUPO DE TRABALHO DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
PARA AS COMEMORAÇÕES DOS DESCOBRIMENTOS PORTUGUESES

Com estes pressupostos resolvidos, é altura de contactar escolas da zona e de as motivar a participar. Pela nossa experiência, não tem sido difícil, pois os professores aderem com facilidade.

Segue-se a formação dos professores participantes, os quais se encarregarão da dos alunos, apoiados pelos responsáveis pelo projecto e com a ajuda de todo o material didáctico de que estes podem dispor: diapositivos, vídeos, esquemas de aulas, roteiros de visitas a Museus e a zonas da terra directamente ligadas com a época em estudo, bibliografia escolhida, sugestões de actividades interdisciplinares e lúdicas, material para os alunos manipularem, desenvolvendo o gosto, o tacto, textos para pequenas teatralizações sobre a época, etc.

Com este material, que pode ser pobre, mas historicamente tem de ser rigoroso, pretende-se que tanto professores como alunos fiquem com a melhor e mais completa informação acerca da época em que vão "viver" por um dia, de modo a sentirem-se integrados no tempo e na acção.

Por exemplo: o nosso guião das acções sobre a Ribeira das Naus compreendia uma cena em que os pais de Fernão Mendes Pinto, vindos expressamente de Montemor para o efeito, tentavam convencer o filho a não partir para a Índia, argumentando (tendo-nos nós baseado na fala do Velho do Restelo) com os perigos e duração da viagem, assim como com os desregramentos de que se ouvia falar; Fernão respondia com a sua ânsia de ganho e independência, farto que



Ministério da Educação
SECRETARIA DE ESTADO DA REFORMA EDUCATIVA
GRUPO DE TRABALHO DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
PARA AS COMEMORAÇÕES DOS DESCOBRIMENTOS PORTUGUESES

— “ —

A comunidade foi para nós da maior importância: a Câmara de Lisboa, desde o princípio estimulou e apoiou os projectos de várias formas; as Juntas de Freguesia facilitaram o transporte das crianças no dia da acção, e a curiosidade foi tanta que vários autarcas por lá andaram, vestidos a rigor, para ver como era...; o Porto de Lisboa cedeu o local e a água gasta; a PSP, além de fazer a vigilância do local durante a noite, ainda aparecia de dia, para espreitar a animação; os pais das crianças confeccionaram roupa, adereços, bolinhos para depois do jantar, segundo receitas fornecidas ou aquelas, da bisavó, que já ninguém fazia há muito tempo; pequenos comerciantes (os únicos que ainda tinham objectos semelhantes aos da época, em barro, madeira ou palha), ao saberem a que se destinavam as compras, ofereciam-nas ou arranjavam descontos especiais. Todos sentiram no coração estes projectos.

O facto de termos escolhido uma das zonas mais activas da cidade para situar a acção também contribuiu para que pescadores, peixeiras, vendedeiras de flores, taxistas, e os que apanhavam barcos, eléctricos, autocarros e comboios, catraeiros e guardas-fiscais, se sentissem curiosos, e depois enternecidos, ao se aperceberem do que se passava para lá do tapume que isolava a acção das vistas mais curiosas. Para todos eles foi uma tristeza quando a acção acabou.



Ministério da Educação

SECRETARIA DE ESTADO DA REFORMA EDUCATIVA

GRUPO DE TRABALHO DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
PARA AS COMEMORAÇÕES DOS DESCOBRIMENTOS PORTUGUESES

estava de ser "criado de donos e donas",apontando a Índia como solução,não só de todos os seus problemas pessoais,mas os de todo o país. Ora se as crianças não tivessem prévio conhecimento da situação social e económica do país no séc.XVI,difícilmente compreenderiam todo o alcance do diálogo que,embora forjado,respeita,no essencial,a verdade histórica,com toda a sua complexidade.

— " —

No caso dos nossos projectos "A azáfama dos estaleiros da Ribeira das Naus nas vésperas da partida da armada de 1537",os vários Museus serviram-nos de apoio inestimável à formação de alunos e professores,tal como de monitores.

Por exemplo,os itinerários traçados no Museu de Arte Antiga a respeito dos Descobrimentos,permitiram tomar contacto com objectos,testemunhos da época em questão;a reconstituição da Lisboa quinhentista do Museu da Cidade,uma cautelosa visita aos Museus de Marinha e Militar,permitiram às crianças visualizar aspectos que até aí lhes eram desconhecidos.

Podem considerar-se também acções de "História ao Vivo" dentro dos próprios edifícios de um Museu,num ambiente mais limitado,proporcionado pelos mesmos objectos em exposição.

No nosso caso,porém,escolhemos um espaço aberto dentro da cidade,espaço esse votado ao esquecimento e ao abandono dos lisboetas - quem se lembra,ao arrumar o carro no parque de estacionamento do Cais do Sodré,que foi ali o maior estaleiro naval da Europa do seu tempo,onde se construíram e repararam os maiores navios que então sulcavam os mares?



Ministério da Educação
SECRETARIA DE ESTADO DA REFORMA EDUCATIVA
GRUPO DE TRABALHO DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
PARA AS COMEMORAÇÕES DOS DESCOBRIMENTOS PORTUGUESES

Os actores que participam nestes projectos têm de ser pessoas muito especiais, pois o que se espera deles é muito diferente daquilo a que estão habituados: não há público, nem palco, nem queremos que eles "representem", mas sim que tornem vivo um personagem, à luz do dia, sem maquilhagem nem outros artifícios, de modo que as crianças entre as quais vão trabalhar apenas se lembrem deles como "a cigana", "o Provedor", "o boticário", e não como a Lena, o Luís ou o Rui.

É um trabalho extenuante, não só na composição e manutenção do personagem, que tem um passado estruturado e historicamente correcto, ao qual não se deve fugir, como na enorme atenção à linguagem e atitudes da época; na verdade as crianças, pelo facto de estarem totalmente mergulhadas no passado, não estão menos atentas a todos os pormenores, e são capazes de perguntas que obrigam a improvisações constantes. Para fazer face a isso, os actores têm de ter uma boa formação histórica, pedagógica e dramática, para além de uma enorme resistência e paciência evangélica...

— // —

Chega finalmente o dia da acção: as crianças vestem-se e passam imediatamente do séc. XX para o séc. XVI.

Numa reunião inicial, são encaminhados para as diferentes tarefas em que monitores especializados as vão orientar, durante o dia de trabalho. Comem, trabalham, conversam, fazem compras, discutem, participam em acontecimentos emocionantes. O seu empenhamento é total, e, durante o dia, eles sentem-se verdadeiramente noutro século.



Ministério da Educação
 SECRETARIA DE ESTADO DA REFORMA EDUCATIVA
 GRUPO DE TRABALHO DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
 PARA AS COMEMORAÇÕES DOS DESCOBRIMENTOS PORTUGUESES

Passado o entusiasmo da acção, é-lhes pedida na escola uma reflexão sobre os acontecimentos vividos. Pode ser uma simples conversa, ou um relatório, desenho, gravação, etc.

— “ —

Não só pela nossa experiência, que é de mais de 3000 crianças, mas também pela de outros que já se abalancaram a "aventuras" deste tipo, podemos afirmar, sem a menor dúvida, que estes projectos valem a pena.

Para muitas crianças, aquele foi, no seu dizer, "o dia mais feliz das suas vidas"; o fim da acção é uma tristeza, com pedidos de repetição constantes. Crianças com quem trabalhamos no ano passado, ainda hoje se referem ao dia passado no séc. XVI como uma das melhores recordações da sua escolaridade básica, acompanhada da memória dos conhecimentos então adquiridos; professores e alunos, participantes na mesma aventura, descobrem afinidades nunca exploradas; a História deixa de ser um papão, para se tornar uma coisa viva, de que se pode falar com conhecimento de causa: é muito diferente escrever no caderno "as classes sociais do antigo regime eram muito estratificadas", ou ser repreendido por um guarda, pelo facto de se estar a aproximar demasiado de uma senhora nobre...; crianças de comportamento problemático são, na acção, das mais activas, colaborantes e dispostas a ajudar, a ponto de nunca termos tido conhecimento de qualquer problema disciplinar no decorrer de uma acção deste tipo (o que também constitui óptima matéria de reflexão para os professores).



Ministério da Educação
SECRETARIA DE ESTADO DA REFORMA EDUCATIVA
GRUPO DE TRABALHO DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
PARA AS COMEMORAÇÕES DOS DESCOBRIMENTOS PORTUGUESES

O aproveitamento dos alunos nos aspectos ligados à época estudada também tem sido muito satisfatório, demonstrando as qualidades pedagógicas deste tipo de vivência histórica, quando feito com o cuidado suficiente para se adequar à idade dos participantes.

Isto não quer dizer, contudo, que se infantilize o que quer que seja: pelo contrário, todas as ferramentas utilizadas são verdadeiras e em tamanho natural, e as técnicas ensinadas, no nosso caso de construção naval, calafetagem, pintura de barcos, etc., ensinadas com o rigor que fomos aprender a velhos artesãos, que não brincam com estas coisas...

— " —

Entendemos que um projecto de "História ao Vivo" é uma técnica eminentemente pedagógica, que ensina e responsabiliza as crianças, os professores e a comunidade, criando-lhes o gosto pelo passado, pela investigação e preservação desse mesmo passado, que é da responsabilidade de todos.

Lisboa, 16 de Outubro de 1989

Paula Bárcia

Maria Manuela Mota



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Estado da Reforma Educativa

Grupo de Trabalho do Ministério da Educação
para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses

PROPOSTA DE PROJECTOS DE ACÇÕES LIGADAS À TÉCNICA DE
"HISTÓRIA AO VIVO" PARA O ANO LECTIVO DE
1989/1990

1. ACÇÃO DE "HISTÓRIA AO VIVO" SOBRE O TEMA "OS CORTE-REAIS E A
TERRA NOVA" (1500/1502)

1.1. Acção a realizar entre 17 de Maio e 1 de Junho, na zona da
Ribeira das Naus.

1.2. 17 dias de acção, a 120 crianças por dia = 2050 crianças
abrangidas.

1.3. CUSTOS: formação de professores.....500.000\$00
actores e monitores.....2.500.000\$00
alimentação e despesas
diárias..... 400.000\$00
vestuário..... 300.000\$00
cenários e adereços..... 300.000\$00
vídeo..... 600.000\$00
policiamento..... 200.000\$00
vários..... 300.000\$00

TOTAL 5.300.000\$00



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Estado da Reforma Educativa

Grupo de Trabalho do Ministério da Educação
para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses

2. ADAPTAÇÃO DAS MALETAS PEDAGÓGICAS AO NOVO PROJECTO

2.1. Fornecimento das maletas com material vindo da Terra Nova.

2.2. CUSTOS: 30.000\$00 x 10 maletas

TOTAL 300.000\$00

3. PUBLICAÇÕES

3.1. Manual de "História ao Vivo", a ser distribuído pelos partici-



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Estado da Reforma Educativa

Grupo de Trabalho do Ministério da Educação
para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses

4. CURSO DE FORMAÇÃO DE ANIMADORES/MONITORES

4.1. O objectivo do curso é de alargar o conhecimento e a prática destas técnicas pelo país, aproveitando os recursos locais, e de animar Museus e Monumentos.

Curso de acções de animação de Museus, Monumentos, Escolas e Comunidade, através de projectos baseados na técnica de "História ao Vivo".

4.2. Previstos 30 participantes, vindos das ESEs, Serviços Educativos e de Conservação de Museus, autarquias, animadores culturais, professores e actores.

4.3. A acompanhar o curso, prevê-se a realização de uma exposição sobre as acções de "História ao Vivo" já levadas a efeito em Portugal.

4.4. CUSTOS: organização da exposição.....30.000\$00
pagamento a conferencistas.....300.000\$00
material.....30.000\$00
sala (prevê-se cedência)
ajudas de custo aos alunos
(conforme tabelas em curso)

TOTAL 360.000\$00



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Estado da Reforma Educativa

Grupo de Trabalho do Ministério da Educação
para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses

5. APOIO A UM PROJECTO DE COREOGRAFIA SOBRE OS DESCOBRIMENTOS

5.1. Financiamento do projecto.....2.500.000\$00

JÁ APROVADO

5.2. CUSTOS: Vídeo da acção ao longo do ano...700.000\$00

TOTAL 700.000\$00

6. MUSEU VIVO SOBRE OS DESCOBRIMENTOS

6.1. Museu onde as crianças, tanto de Lisboa como as que visitam a zona monumental ligada aos Descobrimentos, poderão manipular materiais da época, ver como se trabalha em tarefas artísticas e/ou artesanais, ver vídeos, diaporamas, teatro, dança ou outros espectáculos "da época". Esta actividade decorreria durante todo o inverno, com o material habitualmente utilizado nas acções de "História ao Vivo". Seria um museu de réplicas, com peças manuseáveis, ao dispor das crianças em idade escolar, bem como de toda a população.

6.2. Obtenção de um espaço: decorrem diligências junto do E.M.A. para a cedência de um edifício da Marinha no Cais do Sodré.

6.3. Limpeza, consolidação e adaptação do edifício

6.4. Estudo do projecto para o Museu

6.5. Manutenção de edifício

6.6. Pessoal para manter o Museu em actividade

6.7. CUSTOS: Impossíveis de determinar no momento, quando ainda não há sequer
edifício.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Estado da Reforma Educativa

Grupo de Trabalho do Ministério da Educação
para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses

7. PROJECTO DE PARTICIPAÇÃO NA EUROPÁLIA/91

7.1. Tendo recebido um convite para participar numa acção de "História ao Vivo" destinada a belgas e filhos de emigrantes portugueses, a quando da Europália dedicada a Portugal, proponho que ela se desenrole nas seguintes condições:

7.1.1. Tema: as relações entre Portugal e a Flandres, no séc. XVI.

7.1.2. Patrocínio do Grupo de Trabalho: definido através da cedência da técnica, do empréstimo do material e da supervisão científica do prof. Luis de Albuquerque.

7.1.3. Data da acção: Setembro a Dezembro de 1991

7.2. CUSTOS: nenhuns

8. SUBSÍDIO

Atendendo à diversidade e ao número de projectos que pretendo realizar, proponho-embora me custe tal situação-
- o subsídio de 250.000\$00 pelo trabalho de um ano.

9. CUSTOS TOTAIS:

8.160.000\$00

Lisboa, 27 de Novembro de 1989

A responsável

(Paula Bárcia)

Documento 14

Relatório de Atividades do Grupo de Trabalho

Arquivo de Paula Bárcia

1. «Projeto "História ao Vivo" - 1989/1990 - Relatório das atividades, por Paula Bárcia.



Ministério da Educação

SECRETARIA DE ESTADO DA REFORMA EDUCATIVA

GRUPO DE TRABALHO DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
PARA AS COMEMORAÇÕES DOS DESCOBRIMENTOS PORTUGUESES

PROJECTO "HISTÓRIA AO VIVO"

1989/1990

RELATÓRIO DE ACTIVIDADES



Ministério da Educação
SECRETARIA DE ESTADO DA REFORMA EDUCATIVA
GRUPO DE TRABALHO DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
PARA AS COMEMORAÇÕES DOS DESCOBRIMENTOS PORTUGUESES

1. Preparação científica

A bibliografia consultada para a preparação da acção de "História ao Vivo" de 1989/90 foi publicada em conjunto com a documentação fornecida aos professores participantes no projecto. Começou a ser consultada em Setembro de 1989, ao mesmo tempo que eram feitas outras leituras, sobre a mesma época, para outras actividades ligadas ao projecto e discriminadas adiante. (V. anexo 1).

A medida que essa bibliografia foi sendo consultada, fui chegando à conclusão que o tema inicialmente previsto - os Corte Reais e a Terra Nova - não era suficientemente atractivo para os fins pedagógicos que o projecto pressupõe; assim, e depois de ouvir a opinião de outros participantes, especialmente os encarregados das dramatizações, decidimos alargar um pouco o âmbito da acção, tendo solicitado a opinião do Prof. Luis de Albuquerque acerca do ano de 1501. Tendo sido a resposta do Professor que "se eu tivesse a certeza de que tudo aquilo se passara naquele ano ele não via nenhum impedimento", avancei para o tema mais alargado, sem contudo abandonar a ideia primitiva, pois os Corte Reais eram constantemente citados durante a acção, especialmente pela figura do "Manuel da Calheta", açoreano que teria navegado com Gaspar, e que mostrava às crianças produtos trazidos dessa viagem: bacalhau, um cesto Índio e uma pele de rena.



Ministério da Educação
SECRETARIA DE ESTADO DA REFORMA EDUCATIVA
GRUPO DE TRABALHO DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
PARA AS COMEMORAÇÕES DOS DESCOBRIMENTOS PORTUGUESES

2. Preparação pedagógica

2.1 O primeiro convite de participação feito às escolas teve lugar na reunião do CASE, por sugestão da Câmara Municipal de Lisboa, a 24/10/89. Depois de ponderados os pedidos de participação, as datas da acção e as disponibilidades existentes, em 4/1/90 foram enviados convites a outras escolas. De salientar que anteriormente se havia convidado uma escola espanhola, outra francesa e outra americana (em Lisboa), mas que nenhuma delas respondeu.

2.2. Preparação dos professores participantes - a primeira reunião com os professores realizou-se a 23 de Fevereiro (anexo 2). Nessa reunião passou-se o vídeo da acção anterior, de forma a motivar as pessoas para participarem activamente; esclareceram-se dúvidas sobre o modo de participação e o decorrer de todo o processo e distribuiu-se documentação (anexo 3). Participaram 65 professores. A segunda acção de formação realizou-se a 23 de Março (anexo 4). Participaram 91 professores e foi distribuída documentação de apoio, de que junto alguns exemplos (anexo 5). Também se distribuiu um questionário final, cujos resultados se apresentam em resumo (anexo 6):

Nº. de inquéritos..... 36

Pergunta nº.1.....sim..30...não...0.....não respondem 6

" nº.2.....A vida a bordo....média..... 4

A alimentação.... "5

Os índios....."5.

Pergunta nº. 3.....exemplos : vestuário

relações dos índios com europeus

divertimentos da época

construção naval



Ministério da Educação
SECRETARIA DE ESTADO DA REFORMA EDUCATIVA
GRUPO DE TRABALHO DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
PARA AS COMEMORAÇÕES DOS DESCOBRIMENTOS PORTUGUESES

Pergunta nº. 4.....sim...32....não....1...

Pergunta nº. 5.....exemplos...mais.docu-
mentação e ~~ma~~is tempo de acção

Nesta acção de formação esteve presente a Vice-Presidente do Grupo de Trabalho.

A terceira acção de formação realizou-se a 3 e 4 de Maio, nas instalações da Companhia de Dança de Lisboa, que nos cedeu as 3 salas necessárias (anexo 7). Nesta reunião foi distribuída mais documentação (anexos 1 e 8).

2.3. Acção dos professores nas escolas - Foram várias as escolas participantes por onde os baús circularam; muitos foram também os professores que, ao longo dos meses, me procuraram no Grupo de trabalho para discutir ideias ou pedir ajuda. Outras escolas, além disso, desenvolvem outras actividades, como o Instituto António Feliciano de Castilho, que dá apoio a invisuais, que não só fez todas as visitas de estudo por nós sugeridas, como leu boa parte da bibliografia alto aos alunos como, finalmente, organizou um almoço com pratos, música, danças, fatos e cenários da época. A Escola Preparatória de Carnaxide treinou as 14 turmas participantes a tocar músicas do séc. XVI em flauta, o que os alunos fizeram todos os dias em que participaram (todos, menos o último), tocando à hora do jantar. Isto são aspectos pontuais, porque me pude aperceber, pelas atitudes das crianças durante a acção e pelos



Ministério da Educação

SECRETARIA DE ESTADO DA REFORMA EDUCATIVA

GRUPO DE TRABALHO DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
PARA AS COMEMORAÇÕES DOS DESCOBRIMENTOS PORTUGUESES

relatórios entregues (anexo 9) que estas estavam, de um modo geral, bastante informadas sobre o séc.XVI, talvez mais do que no ano passado, o que prova que os professores compreenderam bem o que lhes era pedido e dedicaram-se com entusiasmo à tarefa. Além disso, muitos professores, respondendo ao apelo que lhes foi feito na 2ª. reunião, conseguiram que a escola e muitos encarregados de educação participassem na acção, com a confecção de coletes, barretes, aventais, bolsas e lenços, ou de biscoitos compotas e doces, estes consumidos pelas crianças no dia da acção.

2.4. Papel dos professores antes e durante a acção - Como do que atrás ficou dito facilmente se infere, o papel dos professores, antes da acção, foi o de veículos da formação mais geral das crianças sobre os vários aspectos do séc.XVI, assim como o de elo de ligação entre o projecto, a escola e a comunidade, nomeadamente as famílias, as juntas de freguesia e o comércio local. Durante a acção, na Ribeira das Naus, as atitudes variavam: desde os que se integraram e trabalharam entusiasticamente (a maioria) aos que se puseram de parte e consideraram aquele como um dia de recreio, em que apenas lhes competia "vigiar". Fomos um pouco directivos para com estes últimos.

3. Formação dos animadores

A preparação científica dos animadores (dos quais alguns são formados em História) foi feita através da sua participação nas acções de formação de professores, e de reuniões específicas em que foram debatidos aspectos mais de pormenor. Foi-lhes distribuída a mesma



Ministério da Educação

SECRETARIA DE ESTADO DA REFORMA EDUCATIVA

GRUPO DE TRABALHO DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
PARA AS COMEMORAÇÕES DOS DESCOBRIMENTOS PORTUGUESES

documentação que aos professores (anexo 1). De acordo com os papéis que tinham de representar foram-lhes distribuídas biografias, quer baseadas em documentação - casos de Pedro Álvares Cabral, Mestre João Faras, Cantino - quer inventadas, a partir de dados conhecidos - a cigana a partir da Farsa das Ciganas, de Gil Vicente, os nomes retirados também de peças do mesmo autor. Baseada nos mesmos conhecimentos, fiz alguns documentos de apoio, como os pregões dos pregoeiros, a carta em que se faz parte da vinda de Tristão da Cunha à Ribeira ou as cartas que a cozinheira recebia do marido (anexo 10). Os próprios animadores se preocuparam em encontrar apoio documental, que nem sempre é fácil de encontrar (anexo 11). Foi também fornecida orientação mais pormenorizada às figuras principais (exemplos anexo 12), assim como, a todos, um roteiro/horário do dia (anexo 13) e indicações de quais as atitudes a tomar perante dadas situações (anexo 14), estes últimos organizados pelos responsáveis pela dramaturgia. Ao todo, houve 4 reuniões só com os animadores.

4. Realização da acção

4.1. A acção decorreu, sem incidentes de maior nem acidentes, entre 21 de Maio e 7 de Junho de 1990, segundo o calendário previsto (anexo 15), com a participação de 20 escolas, num total de 1666 alunos e 140 professores (anexo 16). Não compareceu a escola nº. 4.

4.2. Fomos visitados:

dia 21 de Maio: rádios

vários jornais

RTP-1



Ministério da Educação
SECRETARIA DE ESTADO DA REFORMA EDUCATIVA
GRUPO DE TRABALHO DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
PARA AS COMEMORAÇÕES DOS DESCOBRIMENTOS PORTUGUESES

vereador da C.M.L. eng. Rego Mendes

dra. Lurdes Rabaça da mesma Câmara

dia 22 - Jornal O tempo

RTP-2

dia 23 - RTP. programa Ponto por Ponto

dia 24 - dr. Paulo Crretas, dra. Maria João, da Comissão Nacional

e presidente da Câmara de Arcos de Val de Vez

dia 25 - RTP-2

dia 29 - Guillaume Tosbasch, da Europália belga

dia 30 - Maria do Ceu Guerra e Mario Viegas

(anexo 17)

5. Apoio da APOM

A APOM tem apoiado, dentro das suas reduzidas possibilidades, as acções de "História ao Vivo" do Grupo de Trabalho. Cedeu, pelo segundo ano consecutivo, o bau pequeno, que já deve ter participado em mais de 50 acções de dinamização. Do mesmo modo pôs à disposição os seus 60 fatos, que continuam a ser utilizados, misturados com os do Grupo de Trabalho. Comprou material de apoio, como máquina de escrever, e as fotografias do livro editado o ano passado "A propósito do sec. XVI". Adquiriu também bastante bibliografia sobre esta época, que sempre pôs à disposição do projecto. Conseguiu a cedência, grátis, do auditório do Museu Nacional de Arte Antiga para as acções de formação, assim como a preferência dada aos professores participantes nas visitas guiadas do Museu sobre a mesma época. Promoveu o vídeo da acção do ano passado em quase todas as suas sessões de sócios, desafiando-os para acções semelhantes, com o apoio do Grupo de Trabalho.



Ministério da Educação
SECRETARIA DE ESTADO DA REFORMA EDUCATIVA
GRUPO DE TRABALHO DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
PARA AS COMEMORAÇÕES DOS DESCOBRIMENTOS PORTUGUESES

6. Apoio da dra. Maria Manuela Mota

A dra. Manuela Mota, para além das tarefas específicas que lhe foram atribuídas de acordo com o contrato que assinou com o Grupo de Trabalho, colaborou activamente na organização e realização da toda a documentação e de todas as acções de formação de professores e de animadores. Levou o vídeo da acção do ano passado a acções para que foi convidada, fazendo a sua propaganda, como por exemplo na ESE de Portalegre. Como especialista que é, fez a leitura crítica do "Manual de História ao Vivo", tendo-me sempre apoiado com a sua experiência nos momentos complicados com os editores; colaborou mais activamente ainda na elaboração da documentação entregue aos professores, assim como nos itinerários sobre Lisboa. Acompanhou e criticou a redacção de "Brites e Joane"; encontrou e emprestou bibliografia; facilitou contactos com pessoas suas conhecidas, que muito facilitaram algumas das actividades realizadas (por exemplo, o armeiro, quem desenhou textos na louça, quem escreveu à mão as cartas, mestres e especialistas). Colaborou a fundo na organização da acção, tendo participado em toda ela sem faltar um dia, encarregando-se das actividades que lhe foram cometidas e das compras diárias, assim como da arrumação final do material, de que não me pude encarregar, por estar a trabalhar noutra tarefa.

7. Outras actividades

Ligadas ao projecto "História ao Vivo" estiveram outras actividades, como por exemplo:



Ministério da Educação
SECRETARIA DE ESTADO DA REFORMA EDUCATIVA
GRUPO DE TRABALHO DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
PARA AS COMEMORAÇÕES DOS DESCOBRIMENTOS PORTUGUESES

7.1. Acções de sensibilização de professores:

I Seminário de Professores de História - Fund.Cal.Gulbenkian

Esc Secundária Homem Cristo -Aveiro

Esc. Preparatória do Feijó

" " de Corroios

Externato Frei Luís de Sousa - Almada

" O Bosque - Lisboa

Escola Secundária de S.Maria - Sintra

" C+S Vasco da Gama-Sacavém

" C+S S.Iria da Azóia

" Secundária S.João do Estoril

Escolas Primárias da zona da Benedita

7.2. Apoio a outras iniciativas:

Dramatização de uma feira de quinhentos na Semana do Coração

da Fundação Portuguesa de Cardiologia (anexo 17)

Apoio à realização do orçamento e pedido de subsídio do projecto de Sintra (em curso)

7.3. Formação de professores

Convite para participação em duas acções descentralizadas, uma em Vila Real (melhores resultados nos inquéritos efectuados, contactos com autarquias locais, para possibilitar a realização de outras acções - o que efectivamente veio a acontecer) e Viseu.

Convite para uma emissão da Universidade Aberta sobre a Didáctica da História - acções de História ao Vivo.



Ministério da Educação

SECRETARIA DE ESTADO DA REFORMA EDUCATIVA

GRUPO DE TRABALHO DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
PARA AS COMEMORAÇÕES DOS DESCOBRIMENTOS PORTUGUESES

7.4.. Convite para a participação na Europália 91 com uma acção de História ao Vivo que focasse as relações entre Portugal e a Flan - dres.Primeiro orçamento entregue em Dezembro de 1989.Reformulação de orçamento e escolha definitiva de tema em Abril 1990 (anexo 18). O projecto foi recusado em fins de Junho de 1990.

7.5. Organização de dois baús e respectivo recheio para enviar às comunidades portuguesas em França,para festejos comemorativos dos Descobrimientos (anexo 19)

7.6. Empréstimo de vídeo de História ao Vivo

Os vídeos foram enviados com uma nota explicativa e um prazo de devolução e respectivas normas (anexo 20).

Foram emprestados a 23 instituições:

Esc. Sec.Vale de Cambra

" " António Sérgio -Vª.Nova de Gaia

" " Oliveira Martins - Porto (anexo 21)

1 " " Santa Maria - Sintra

" " Vasco da Gama

" " Fernão Mendes Pinto - Pragal

" C+S de Aljustrel

" " S.Iria da Azoia

" Prep. Bombarral

" " Odivelas

" "Eugénio dos Santos



Ministério da Educação
SECRETARIA DE ESTADO DA REFORMA EDUCATIVA
GRUPO DE TRABALHO DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
PARA AS COMEMORAÇÕES DOS DESCOBRIMENTOS PORTUGUESES

Esc. Prep. de Corroios

" " Avelar Brotero

" " nº. 1 de Tomar

" " António Sérgio - Cacem

" " Padre Francisco Álvares - Torres Vedras

" Sec. de Sintra

Faculdade de Letras da Univ. Clássica de Lisboa

7.7. Empréstimo de material para outras acções:

Esc. Prep. de Odivelas

Instituto António Feliciano de Castilho

Externato Frei Luis de Sousa

Câmara Municipal de Sabrosa

Externato Atlântico de Peniche

Esc. Prep. de Vouzela

Esc. C+S de Avelar

Instituto D. João V do Lourical

Esc. C+S S. Iria da Azóia

" " Francisco Arruda (anexo 22)

" " Colares

" Prep. de Benavente

" C+S António Sérgio

" " Almodôvar

" Prep. de Lagos

" " Manuel T. Gomes de Portimão



Ministério da Educação
SECRETARIA DE ESTADO DA REFORMA EDUCATIVA
GRUPO DE TRABALHO DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
PARA AS COMEMORAÇÕES DOS DESCOBRIMENTOS PORTUGUESES

Esc. C+S da Amoreira - Estoril

Extern. Camilo Cast. Branco

" Picapau de Odivelas

Esc. Prim.nº. 33 de Lisboa

Esc. Sec. Fernão Mendes Pinto do Pragal (anexo 23)

Fundaç~ao Calouste Gulbenkian - Serviço educativo (anexo 24)

7.8. Itinerários históricos de Lisboa

Com a colaboração da dra. Manuela Mota para o texto e de João Paulo nas fotografias, fizeram-se dois itinerários históricos de Lisboa (anexo 25) a pedido dos professores participantes. A ideia foi a de facilitar a estes professores a organização de passeios de estudo pelas zonas de Lisboa que foram importantes na época quinhentista, e dar notícia do que resta delas. Existem slides de outros dois roteiros, um da zona de Alfama e Castelo, outro do Calvário a Belém, para os quais falta apenas o texto. Completa-se assim o estudo de toda a zona ribeirinha da cidade, ao se estudar finalmente a área da Casa dos Bicos a Marvila. Com os mesmos objectivos foram feitos slides de quase todas as iluminuras do Livro de Horas de D. Fernando, com uma explicação de cada, da autoria de Fernando António Baptista Pereira.

7.9. Livros

Ao longo do ano foram ainda escritas as pequenas obras "Manual de História ao Vivo" e "Brites e Joane vão de aventura na corte de D. Manuel", que aguardam publicação por problemas com editores. Igualmente está para ser publicada uma segunda edição de "A propósito do séc. XVI",



Ministério da Educação
SECRETARIA DE ESTADO DA REFORMA EDUCATIVA
GRUPO DE TRABALHO DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
PARA AS COMEMORAÇÕES DOS DESCOBRIMENTOS PORTUGUESES

cuja primeira edição esgotou em Outubro de 1989.

Lisboa e Grupo de Trabalho, 1 de Julho de 1990

A coordenadora

(Paula Barcia)



Ministério da Educação

SECRETARIA DE ESTADO DA REFORMA EDUCATIVA

GRUPO DE TRABALHO DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
PARA AS COMEMORAÇÕES DOS DESCOBRIMENTOS PORTUGUESES

cuja primeira edição esgotou em Outubro de 1989.

Lisboa e Grupo de Trabalho, 1 de Julho de 1990

A coordenadora

(Paula Barcia)

Documento 15

Relatório final de 1991

Arquivo de M. M. Mota

1. Relatório final do projeto realizado entre maio e junho de 1991 - História ao Vivo na Ribeira das Naus, por Geraldo Tuche.

Esta documentação foi conseguida através do levantamento de Raquel Alves Coelho em 2009, presente no Apêndice Documental da sua Dissertação de Mestrado: COELHO, Raquel da Assunção Bernardo Alves, *História Viva. A Recriação Histórica como Veículo de Divulgação do Património Histórico e Artístico Nacional (1986-2009). Conceitos e Práticas.*, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2009.

Relatório/Análise final /1991

"HISTÓRIA AO VIVO - UM DIA NA RIBEIRA DAS NAUS"

QUARTA EDIÇÃO: De 27 de Maio a 21 de Junho de 1991

LOCAL: Cais dos Catraeiros (Ao lado da Estação do Cais do Sodré)

PARTICIPARAM: 42 Escolas Primárias e 12 Escolas Preparatórias da
Cidade de Lisboa, num total de cerca de 3.000
crianças e 140 professores;

PROMOÇÃO: CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

PRODUÇÃO E REALIZAÇÃO: Equipa sob a responsabilidade de Geraldo
Tuche;

COORDENAÇÃO: José Gouveia // Manuela Mota // Geraldo Tuche

APOIOS: Associação Portuguesa de Museologia - APOM -
Administração do Porto de Lisboa - Transtejo

A importância desta quarta edição revestiu-se principalmente por termos conseguido, finalmente, caracterizar este Projecto de "HISTÓRIA AO VIVO" como um projecto autárquico, com o objectivo de se inserir e enquadrar-se como mais uma estratégia pedagógica em apoio ao ensino e aprendizagem da nossa História, dando ao mesmo tempo a um número considerável de crianças, a possibilidade de se sentirem - a maioria pela primeira vez -, como "agentes culturais" da vida da "sua" cidade.

A PREPARAÇÃO DO TRABALHO

A Comunicação Social noticia o acontecimento no terreno. No entanto, a preparação de três mil alunos e centena e meia de professores (com sessões de trabalho específicas sobre a época, sobre o dia que vai "ser vivido", as formas de comportamento, as linguagens, etc.) acaba por ser - para todos os que acompanham o trabalho no terreno, a parte fundamental dos objectivos deste tipo de realização. Por um lado a preparação científica e técnica dos professores e tudo o que devem, daí, transmitir aos alunos; por outro lado, a ida às escolas de animações teatrais especificamente preparadas para o efeito, o diálogo com os alunos, a sua preparação, com o convite às famílias para colaborarem na preparação do "acontecimento". As famílias interessadas recebem, através do aluno, receitas da época e na véspera, preparam bolos e biscoitos e embalam - tudo como se fazia no século XVI! - para serem "vendidos" na feira da Ribeira das Naus.

E este ano, pela primeira vez, apenas crianças de Lisboa participaram no projecto: bairros de lata, periféricos, crianças isoladas da vida da cidade, viveram de forma surpreendente estes três meses de preparação e finalmente a sua deslocação ao Cais dos Catraeiros, para viverem um dia no século XVI.

No plano económico, as futuras edições do projecto irão sempre beneficiar da produção que já possuímos. E a experiência nos ensinou que convém preparar tudo atenciosamente para que esta parte não "atranque" o calendário de trabalho com as Escolas.

A registar ainda, o factor negativo da RTP não ter dado cobertura alguma ao acontecimento... Fizemos todos os possíveis. Mas temos a realização em Vídeo, que está a ser montada e que, eventualmente, servirá para o futuro.

Também para a edição do próximo ano estamos a estudar os factos e acontecimentos históricos, mas, sinceramente, é difícil encontrar uma situação tão propícia a este género de acção como a da Ribeira das Naus. Vamos estudar o espaço, a época e a História, para encontrar uma nova situação.

Caso surja algum local ideal e propício para uma acção do género em Lisboa, poderemos alterar o projecto. Mas, por informações que recebemos, este nosso projecto da Ribeira das Naus, foi, até agora, um dos mais bem conseguidos - principalmente por reconstituir a vida de um espaço AO AR LIVRE.

Aguardamos assim, um encontro pessoal, para melhor orientarmos as possibilidades da realização da "HISTÓRIA AO VIVO" -1992.

Sem mais, com os melhores cumprimentos,

Atenciosamente,

Gerardo Tunhe / / /

Documento 16

História ao Vivo no Funchal

Arq. de M. M. Mota

Cópia da brochura elaborada para o projeto de História ao Vivo denominado «Madeira, Encruzilhada do Açúcar na Europa, uma visão do Funchal no século XVI», realizado em 30 de dezembro de 1991, na ilha da Madeira. Esta documentação foi conseguida através do levantamento de Raquel Alves Coelho em 2009, presente no Apêndice Documental da sua Dissertação de Mestrado: COELHO, Raquel da Assunção Bernardo Alves, *História Viva. A Recriação Histórica como Veículo de Divulgação do Património Histórico e Artístico Nacional (1986-2009). Conceitos e Práticas.*, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2009.

GUIÃO DA ACÇÃO

Há festa no Funchal No dia seguinte, de madrugada, irá embarcar para Roma a embaixada que o capitão-donatário Simão da Câmara envia ao Papa como preito de homenagem da Ilha ao Sumo Pontífice.

A população, desejava de assistir ao embarque da vistosa equipagem, veio para a rua, observando e participando nos últimos arranjos: acabam-se as caixas para acondicionar as figuras dos cardais, confectionadas com apúcar, ultimam-se as bocetas para as conservas de frutas e recortam-se papéis de seda para as embelezar, vendedeiras de castanhas, de flores, de pão, de fruta, aguadeiras, tancoiros, apoiam os trabalhadores, ajudando a apressar os trabalhos; músicos e salimbancos animam os espíritos; castanhas assadas e foguetes aquecem o ambiente, que a noite vai fria.

Atráctos pela animação, pouco usual naquela hora da noite, alguns mercadores estrangeiros residentes na Madeira decidem aproveitar para uma boa conversa à volta de um copo de malvasia, enquanto observam o movimento.

Entretanto, o artista dá os últimos retoques de dourado às estátuas dos cardais, feitas em apúcar.

Rufam os tambores; chega Simão da Câmara, acompanhado dos seus enviados, familiares e corte, com vontade de inspecionar a conclusão dos trabalhos. Depois de visitar as bancas em actividade, o capitão-donatário dirige-se ao povo, mencionado a importância da embaixada, e o renome que ela irá trazer às Ilhas.

Alguns dos mercadores estrangeiros, interessados, fazem perguntas, a que Simão responde gostosamente.

Os salimbancos, pagos por tão nobres senhores, redobram de energia e entusiasmo.

Surge um martheiro, informando que o barco estará prestes a zarpar dentro em pouco, e é necessário organizar a partida.

O vigário sai da igreja, abençoando todos os que vão partir. Tocam os sinos. Soam foguetes.

Organiza-se o cortejo, com Simão da Câmara e os enviados à frente, carregadores transportando as estátuas decoradas a preceito. Músicos marcam o ritmo, o povo dança contente à luz das tochas.

Ação Educativa no âmbito do Programa das Comunidades da Tomada de Posse da Presidência Portuguesa das Comunidades Europeias na R. A. M.

ORGANIZAÇÃO:

- Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses
- Ministério da Educação-Grupo de Trabalho para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses
- Governo Regional da Madeira
- Vice- Presidência e Coordenação Económica
- Secretaria Regional de Educação, Juventude e Emprego

COORDENAÇÃO-Paula Bártica

Apolo-Fernando Santos
Helena Macedo
João Vieira
Paula Coelho
Rui Pisco

COORDENAÇÃO NA REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA

- Margarida Camacho
- Ricardo Veloso
- GRUPO DE TRABALHO DA SECRETARIA REGIONAL DA EDUCAÇÃO, JUVENTUDE E EMPREGO
- Ana Isabel Figueira
- Elsa Freitas Gomes
- Jorge Branco Camacho

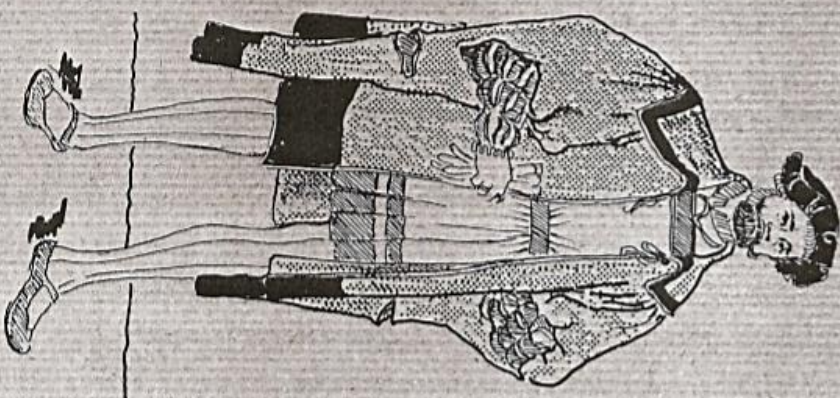
COLABORAÇÃO-REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA

- Bombeiros Municipais do Funchal
- Câmara Municipal da Calheta
- Câmara Municipal do Funchal
- Centro Integrado de Formação de Professores
- Colégio de Santa Teresinha
- Companhia Insular de Molinos
- Coro da Câmara da Madeira
- Escola Primária do Lombo Segundo São Roque
- Escola Primária do Muro da Coelhoa
- Escola Primária da Pena
- Escola Primária de São Filipe
- Escola Primária do Tanque-Monte
- Escola Preparatória da Achada
- Escola Preparatória do Estreito de Câmara de Lobos
- Escola Preparatória Dr. Herculano Banto de Gouveia
- Escola Preparatória da Ponta do Sol
- Escola Básica e Secundária Bartolomeu Perestrelo
- Escola Básica e Secundária de Santa Cruz
- Escola Básica e Secundária Gonçalves Zarco
- Escola Básica e Secundária Padre Manuel Álvares
- Escola Secundária do Machico
- Escola Secundária Dr. Angelo Augusto da Silva
- Escola Secundária Francisco Franco
- Escola Secundária Jaime Moniz
- Externato de Apresentação de Maria
- Gabinete de Apoio à Expressão Musical e Dramática
- Instituto do Vinho da Madeira
- Jovens Músicos da Ponta do Sol
- Orquestra de Música Antiga da Madeira
- Polícia de Segurança Pública
- Secretaria Regional dos Assuntos Sociais
- Secretaria Regional da Economia
- Secretaria Regional de Turismo, Cultura e Emigração
- Secretaria Regional do Equipamento Social

Execução Gráfica: IRMop

Edição: Governo Regional da Madeira-1991

MADEIRA ENCRUZILHADA DO AÇÚCAR NA EUROPA UMA VISÃO DO FUNCHAL NO SÉCULO XVI



"HISTÓRIA AO VIVO" FUNCHAL, LARGO DO MUNICÍPIO

30 DE DEZEMBRO DE 1991

19.00 - 24.00 HORAS

"HISTÓRIA AO VIVO" UMA NOVA FORMA DE ENSINAR

"História ao Vivo" é uma forma de reconstituição dramática do passado, feita com crianças; foi desenvolvida por técnicos de expressão dramática e animação cultural, ligados a uma organização não-governamental inglesa, a "English Heritage", que no Reino Unido se esforça por reconstruir, manter e dar vida a edifícios que fazem parte do passado e da História do país.

Baseadas na constatação, por um lado, do aspecto "morno" de alguns edifícios e monumentos que, embora em bom estado de conservação, não atraíam os jovens para além de rápidas visitas de estudo; e por outro lado, da falta de sensibilização das populações pelo seu património cultural, estes técnicos decidiram dar vida às tradições, às casas, castelos ou manêses à sua guarda, e implicar nisso toda a comunidade.

Em Portugal, esta técnica foi introduzida pela Associação Portuguesa de Museologia. A ela aderiram numerosas organizações, como Escolas, Câmaras Municipais e Museus, os quais já deram vida a muitas dezenas de projetos, pelos quais terão passado mais de 30.000 jovens.

Já se evocou a vida na Ribeira das Naus, em Lisboa, a visita de D. Manuel a Moura, o seu 3º casamento no Crato, o trabalho nos moinhos de mós e em Corroios, o desembarque dos liberais no Mindelo. Tudo isto com manifestas vantagens de aprendizagem para os alunos e professores participantes, assim como para a comunidade envolvente.

Como se processa uma acção de "História ao Vivo"?

Esta técnica apela principalmente a três entidades fundamentais para o sucesso de qualquer acção: a Escola, o Museu ou o Monumento, e a Comunidade.

Primeiramente deverá ser escolhido um tema histórico adaptado ao local que se deseja fazer reviver; seguidamente situar a época mais adequada aos objectivos pedagógicos a atingir, não esquecendo a exequibilidade do projecto. Escolhido o local e o tema, passa-se à pesquisa histórica sobre a época, em apreço.

Esta pesquisa, tão completa e aprofundada quanto possível servirá de base ao guião da acção e à toda a preparação de alunos, professores, actores e todos os outros participantes. Nesta devem ser levados em conta o aspecto social, económico, político e cultural da época em estudo.

Resolvidos estes pressupostos deverão ser contactadas as escolas da zona e motivá-las a participar.

Segue-se a formação dos professores participantes os quais se encarregam da formação dos alunos que, apoiados pelos responsáveis do projecto e com a ajuda de todo o material didáctico de que possam dispor (diapositivos, vídeos, sequências de aulas, roteiros de visitas a Museus e a zonas da terra directamente ligadas com a época em estudo, bibliografia escolhida, sugestões de actividades interdisciplinares e lúdicas), desenvolverão nos alunos o gosto pela História, pela elaboração de textos para pequenas dramatizações sobre a época, etc.

Com este material, que pode ser escasso, mas historicamente rigoroso, pretende-se que quer professores quer alunos obtenham uma melhor e mais completa informação sobre a época em que vão "viver" por um dia, de modo a sentirem integrados no tempo e na acção.

SIMÃO GONÇALVES DA CÂMARA E A SUA EMBALXADA AO PAPA LEÃO X - UMA VISÃO DO FUNCHAL NO SÉCULO XVI

Simão Gonçalves da Câmara nasceu em 1483 na vila do Funchal, sendo filho do segundo capitão-donatário João Gonçalves Zarco, da Câmara e de Maria de Noronha e neto de João Gonçalves Zarco. A morte do pai em 1508, tornou-se no 3º capitão-donatário do Funchal, até 1528, quando se retirou para Matosinhos onde faleceu em 1530.

Merceceu o epíteto de Magnífico porque, segundo Gaspar Frutuoso: "... nunca pessoa alguma se chegou a ele pedir alguma coisa que lhe negasse, por ser muito grandioso e de singular condição, sem nunca saber poupar o que tinha, despendendo tudo comunmente com muita prudência em serviço de Deus e de seu Rei".

Ao referir-se a Simão Gonçalves da Câmara, o autor de "Saudades da Terra" diz ter sido aquele capitão "... tão solícito e diligente que nove vezes foi a África (...) com socorro (...) tendo dado sempre o seu auxílio (...) com muita gente e navios a todos os rebeldes e cercos, que em seu tempo houve nos lugares de África (...) no Castelo Real, e do Cabo Guale e Aguz, Mazagão, Cepta, Tanger, Alcecor Caguer...".

De facto, esta foi uma das facetas de maior destaque da vida daquele neto de Gonçalves Zarco e que se iniciou mesmo antes de tomar a dianteira dos destinos da capitania. Como se refere no Elogiário Madeirense, "ainda em vida de seu pai, encontrando-se no reino, pediu-lhe D. João I (...) que socorresse a praça de Azila, acudindo prontamente com um tupo de trezentos homens armados, equipados e sustentados à sua custa durante os seis meses que permaneceram em África. Outro importante socorro foi o que prestou a Diogo de Azambuja, governador de Salim, quando depois de ser tomada esta praça, se viu em imminente risco de a perder". Com efeito, quando em 1488 tornou conhecimento da ameaça em que se encontrava Salim logo em três dias enviou para lá 300 homens em 13 navios. Desembarcou aquela esquadra no Natal e por lá ficaram três meses a expensas do Capitão de modo a assegurar a posição vitoriosa.

No ano seguinte Salim sofreu novo ataque mas, uma vez que D. Simão se encontrava na Corte, em Évora, foi a própria Capitania, D. Joana Valente, quem organizou a companhia que, sob o comando do seu cunhado Manuel de Noronha, haveria de partir em auxílio daquela praça norte-africana.

Em 1508, falecendo seu pai, Simão Gonçalves da Câmara substituiu-o no cargo de capitão-donatário. Nesse mesmo ano a vila do Funchal foi elevada a cidade e Gaspar Frutuoso pretendeu mesmo atribuir esse benefício sobretudo aos feitos do Capitão: "... el-Rei D. Manuel (...) mandou uma provisão aos moradores do Funchal, que havia por seu serviço, por respeito que a isso moviam e por fazer mercê ao capitão Simão Gonçalves da Câmara e moradores de fazer cidade a vila do Funchal...".

É porém em 1515, um ano após a elevação do Funchal a Diocese e um ano após a chegada da famosa embarcada do elefante Annone enviada pelo Venturoso a Roma, que se dá um dos episódios mais fantásticos da vida de Simão Gonçalves da Câmara.

Ciente da grandiosidade dos seus feitos militares em África, ciente da grandiosidade e do brilhantismo que o Funchal, por vias de aquêr, granjeara durante o período do seu governo e do de seu pai, o 3º Capitão Donatário tomou a decisão arrojada de, tal como o soberano, enviar a Leão X a sua própria Embalxada.

Esta atitude pomposa do 3º Capitão-Donatário do Funchal trai-lhe-a, no entanto, alguns dissabores.

Pode reconhecer-se, por exemplo, no envio de um corregedor, Diogo de Taveira, para a capitania do Funchal, em 1516, uma atitude retaliatória de D. Manuel para com aquele sumptuoso subdito.

A verdade é que, segundo Gaspar Frutuoso, Simão Gonçalves da Câmara sentindo-se lesado "... determinou de se ir com toda a sua gente para Castela, porque, pelos serviços que tinha feitos a el-Rei, não lhe merecia meter-lhe corregedor na sua jurisdição, sendo ele governador da justiça em toda e sua capitania...".

Nesse mesmo ano segue viagem e durante uma paragem forçada toma conhecimento do cerco a Azila em cujo auxílio acorre, uma vez mais, prontamente.

Este acto de patriotismo do Capitão, mereceu-lhe o reconhecimento do monarca que lhe prometeu mercês e honras, regressando assim de novo à Ilha.

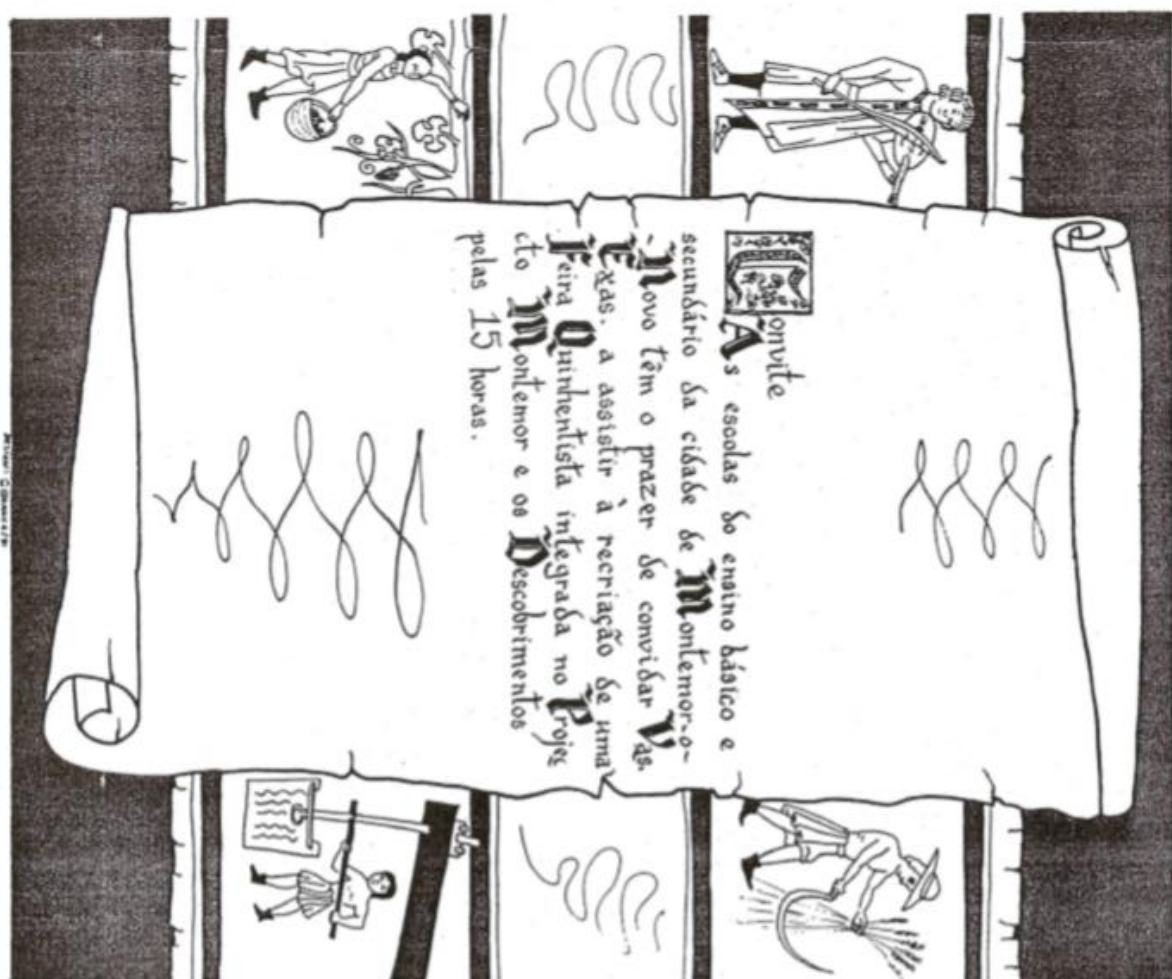
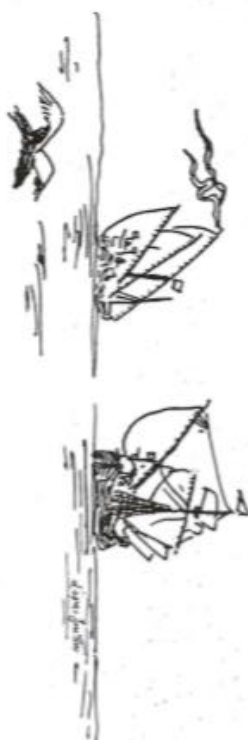
Documento 17

Projeto História ao Vivo – Escola de Montemor-o-Novo

Arq. de M. M. Mota

1. Cópia do convite elaborado pelos alunos envolvidos no projeto de História ao Vivo na escola de Montemor-o-Novo.

Esta documentação foi conseguida através do levantamento de Raquel Alves Coelho em 2009, presente no Apêndice Documental da sua Dissertação de Mestrado: COELHO, Raquel da Assunção Bernardo Alves, *História Viva. A Recriação Histórica como Veículo de Divulgação do Património Histórico e Artístico Nacional (1986-2009). Conceitos e Práticas.*, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2009.



SS

Aos 24 dias do mês de Maio do ano mil quinhentos e dez do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo, na Praça Velha da Vila de Montemor-o-Novo, agrupam-se os regatões e vendedores, chegados com os primeiros alvares da matagorda. Das carroças descarregam-se sacas, fardos e cestos. Montam-se as bancas, expondo os legumes, frutos, aves, coelhos, ovos, vinhos das cercanias.

De Alácer-do-Sal, o sal. Da corte e cidade de Lisboa chegam mercadores de panos e produtos exóticos.

Aqui e além os artesãos exibem as suas artes e expõem os seus produtos. Entre os artistas mecânicos e vendedores passam fidalgos, damas, frades, criados, escravos, cigarras, aguadeiras, viúvas e pedintes. Há gritos, alterações, animação. Um grupo de teatro ambulante e de saltimbancos detêm-se na vila. Correm rumores de que El-rei caça nas redondezas.

SS



SS

Realiza-se no dia 24 de Maio, na Praça Cândido dos Reis [antiga Praça Velha] uma Feira Quinhentista recriando historicamente a época dos Descobrimentos, na perspectiva local e regional, despertando o interesse pela história.

Para a concretização deste projecto, trabalharam as Escolas do Ensino Básico e Secundário, com o apoio da Câmara Municipal e do Grupo de Trabalho para os Descobrimen-
tos Portugueses.

SS



Documento 18

História ao Vivo - Escola da Portela

Arquivo de M. M. Mota

1. Notícia do «Diário de Notícias», de 30 de julho de 1991.

22 SOCIEDADE DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 30 DE JUNHO DE 1991



De negro vestidos, de aspecto «sinistro», estavam os banqueiros atentos a todos os negócios dos mercadores. Mas havia também muitas outras coisas, como os funileiros reparando diversas peças. Não longe, a tenda dos comestíveis, onde cada um comprava o que quisesse. © DN-António Aguiar

Alunos e professores foram mendigos, aguadeiros e frades do século XVI

Regresso ao passado em escola da Portela

Alunos e professores da Escola Preparatória Gaspar Correia, da Portela de Sacavém, recuaram quatro séculos na história. Anteontem, vestiram-se à época para reconstituírem uma rua de mercadores do século XVI. Tudo a rigor, sem intrusos no terreno, nem mesmo jornalistas que delicadamente, e em termos rebuscados na gramática de há 400 anos, foram «postos na rua» porque a vestimenta destoava do conjunto!

NO ESPAÇO regularmente utilizado como recreio havia de tudo. Viúvas, mulheres do povo, ciganas «vindas» não se sabe de onde, mendigos, frades e burgueses. Refira-se que uma das mendigas, não fora os sapatos bem 1991, (todos os outros calçavam à moda de 1500), era a mostra fiel de como se andrajava na-

quele tempo e, se os farrapos que cobriam o corpo da jovem aluna eram capazes de meter dó, a cor dos seus cabelos, de um grisalho profundo, baços e a revelarem descuido, conseguiram uma nota mais triste que todo o restante conjunto.

Criteriosamente distribuídas estavam as tendas dos ce-

reais, legumes, flores, criação, queijaria, botica com ervas medicinais, carvoaria, taberna e produtos orientais, caso das especiarias. Numa área mais recuada, a zona dos mesteiros (artesãos) onde desenvolviam a sua actividade os latoeiros, cesteiros, oleiros e tanoeiros. Num banco improvisado, os personagens envolvidos na reconstituição trocavam os seus escudos por moedas do século XVI, como o vintém (duzentos escudos); meio vintém (cem escudos); cruzado (dez escudos) e centil (vinte e cinco tostões).

Por todo o lado se viam cenas de rua, com destaque para os aguadeiros e apregoadores de sabão e bananas. Os

saltimbancos não faltaram, assim como os malabaristas, trovadores e jograis. Também se dançava e praticavam os jogos tradicionais, e enquanto as horas passavam, mais rapidamente do que muitos desejariam, crescia e intensificava-se o interesse pela iniciativa em que colaboraram cerca de 300 pessoas, entre mestres e alunos.

Uma oração em latim

Lá para o meio da manhã, os frades reuniram-se no centro do terreiro e iniciaram uma oração em latim que, de forma melhor ou pior, todos acompanharam, principalmente no ámen. Uma repre-

sentante da nobreza passou numa liteira, viu o que se passava lá pelo burgo, e seguiu a sua rota. Pouco depois surgia Gaspar Correia (não esquecer que a escola tem o seu nome) regressado que era do Oriente, transportando entre a bagagem a mala recheada de sedas.

Depois, quando a actividade começou a denunciar o desgaste e os doces e pães, além do arroz-doce e queijos frescos, já não compensavam as calorias perdidas, foi tudo para a taberna almoçar e recarregar baterias para prosseguir, ao longo da tarde, aquele quadro quase teatral carregado de significado, que inicialmente não deveria ter ultrapassado o meio-dia.

Não se imagine, no entanto, que esta reconstituição de uma rua de mercadores portugueses há 400 anos não custou algumas dores de cabeça. Foram muitos dias de trabalho árduo que só terminou quando a festa chegou ao seu termo.

Os professores, esses, fizeram questão de agradecer os apoios que tiveram de várias empresas, que, além de dinheiro, tiveram a gentileza de dar tudo o resto, e também dos pais dos alunos que se empenharam a fundo para que tudo resultasse bem, pese embora o facto das horas tardias da deita, para completar quadros, construir tendas, organizar as pessoas e costurar os trajes.

Documento 19

Projeto de História ao Vivo em Cascais

Arquivo de M. M. Mota

1. Folha de divulgação do projeto "1499 ... Boas Novas da Índia Chegam a Cascais.", maio e junho de 1993;
2. Guião do projeto.

Esta documentação foi conseguida através do levantamento de Raquel Alves Coelho em 2009, presente no Apêndice Documental da sua Dissertação de Mestrado: COELHO, Raquel da Assunção Bernardo Alves, *História Viva. A Recriação Histórica como Veículo de Divulgação do Património Histórico e Artístico Nacional (1986-2009). Conceitos e Práticas.*, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2009.

CÂMARA MUNICIPAL DE CASCAIS

ASSOCIAÇÃO DE HISTÓRIA AO VIVO

HISTÓRIA AO VIVO 1993



"1499 ...

BOAS NOVAS
DA INDEJA
CHEGAM A
CASCAIS."

PRAIA DO PEIXE
24 MAIO A 8 JUNHO
DAS 10H. ÀS 14H.



CONTINENTE
CASCAIS

AMICA ESTUÁRIA

FUNDAÇÃO
ORIENTE

Mobil


BANCO COMERCIAL PORTUGUÊS
Um Banco com Respostas.

ASSOCIAÇÃO HISTÓRIA AO VIVO

Projecto CASCAIS /92

" BOAS NOVAS DA ÍNDIA CHEGAM A CASCAIS "----- Quiço

Desde a madrugada que se ouve pela vila notícias de certo modo alarmantes : ao largo, na baía de Cascais, encontra-se ancorada uma nau. Desconhece-se ainda qual o país a que pertence e quais serão as suas intenções. Podem ser corsários preparados para o saque ou qualquer nau estrangeira, Veneziana, por exemplo, que vem comerciar a Lisboa, aguardando as marés favoráveis ou um piloto experiente que conduza o navio por entre os baixios do Tejo.

A verdade é que os rumores fizeram acorrer ao largo do Rossio mais gente do que é habitual. Para isso contribuíram as conversas da JOANA DOMINGUES , que, desde cedo tem andado a espalhar a notícia de que aquela nau é portuguesa e que se deve tratar das naus da Índia, pois como ela diz " o coração não se engana... " e o seu nome poderia muito bem vir a bordo ou pelo menos dela haver notícias, já que dois anos são passados desde a partida do Restelo, onde ele embarcou sob as ordens de Vasco da Gama.

Ao local vão chegando homens e mulheres vindos do interior para vender os produtos que trazem : frutas, legumes, criação e ovos, vinho, azeite , marmelada...enquanto,

procuram também saber das novas que correm pela vila.

No local, e, como é hábito já se encontram os que vivem mais perto do litoral e que se dedicam a pesca e ao fabrico de redes, à reparação naval, à salga de peixe ou ainda artesãos com oficina própria de cantaria, cestaria ou olaria.

Há ainda mulheres lavando roupa, cozendo o pão ou tratando de aprontar o jantar para aqueles que o encomendaram. Tudo vigiado e bem de perto pelo almotacé, responsável pela limpeza do local, pelo controle de pesos e medidas e pela cobrança da sisa, sobre os produtos transacionados. Os soldados e o sargento preparam os fogareus para a noite, limpam as armas e procuram evitar as tradicionais confusões. Por indicação de Frei Bento, da Ordem dos Carmelitas, a Guarda deve estar atenta para evitar roubos ou discussões, sobretudo provocadas pelas ciganas ou até por qualquer estrangeiro que por ali apareça desejoso de fazer negócio ou entabular conversa sobre viagens e costumes de outras terras.

Devido à insistência de alguns, o mestre pescador resolve ir aproximar-se da nau e saber quem são e ao que vêm. Piratas não devem ser pois já teriam desembarcado pela noite e, navios estrangeiros fazem-se sempre anunciar... de resto, a forma e o tamanho, as próprias cores avistadas da

Torre da Guia são semelhantes as portuguesas, logo nada melhor que ir confirmar para descanso de todos.

A meio da manhã vem a confirmação, pois, no regresso, o pescador vem acompanhado por dois outros homens que desembarcam na praia. E para espanto ^{e fúria} de todos, trata-se de Nicolau Coelho, comandante da nau Bérrio, e do seu escrivão Alvaro Braga. Com grande alarido, todos procuram saber novas da viagem e o próprio Senhor de Cascais, Pedro de Castro vem à praia para os saudar. Com ele Nicolau Coelho conversa mais detalhadamente, enquanto lhes é servido de comer e de beber. Entretanto, Mestre Afonso de Cadiz, boticário, natural de Andaluzia, vem prestar os seus serviços.

Para satisfazer a curiosidade do povo ali presente, Alvaro Braga conta com grande abundância de pormenores a viagem até terras de Calecut, a estadia e o regresso. Das outras naus desconhece ele o paradeiro, pois, em Cabo Verde uma grande tempestade dispersou-os. Entretanto, Nicolau Coelho, informado por Pedro de Castro que el-rei se encontra em Sintra, decide de imediato ir dar a boa nova a D.Manuel, levando consigo um pequeno baú com alguns produtos vindos da Índia, especiarias, loiças, pedras preciosas e o esboço da nova rota finalmente conhecida. O Senhor de Cascais apressa-se a arranjar cavalos e, para comemorar tais novas, faz anunciar que o jantar será oferecido a todos, e,

aos mestres vindo das suas casas.

Precisando depois uma oração de agradecimento ao que se
acompanhado por todos os presentes que se despedem de
Nicolau Coelho com grandes manifestações de regozijo.

As comadres, que, entretanto, prepararam os cantos,
lazzinhos e orações para a festa do Senhor Espírito Santo,
passam pelos locais de trabalho, cantando e dançando.

Os mestres e vizinhos dão por bem empregue o dia e arrumam
os instrumentos e locais de trabalho. Recompensam os
ajudantes com as sobras do mercado e da cozinha e
acompanham-nos até ao caminho, de regresso a suas casas.

Faz-se então a condução do Senhor Espírito Santo
da Santa Louça, com a organização (com tanto e feliz)
deimada velha. ^(Substituição de produtos) de aquisição por todos
quanto possível de se fazer de
fazer de "pieço" para que a festa
seja feita de forma a ser feita
com a ajuda de todos para
regresso de casa de Nicolau Coelho
com tão felizes voltas.

Documento 20

Projeto de História ao Vivo - Palácio Nacional de Sintra

Arquivo de Paula Bárcia

1. Convite e desdobrável informativo impresso no âmbito do projeto *A Embaixada Japonesa a Europa e sua Estada em Sintra (1584)*, realizado entre maio e junho de 1993.



GUIÃO DA ACÇÃO

Entre o fim de Maio e os primeiros dias de Junho de 1993, vai-se recriar na Sala das Colunas do Palácio Nacional de Sintra a audiência concedida pelo Vice-Rei de Portugal, Cardeal Arquiduque Alberto, aos quatro jovens japoneses que em 1584 vieram à Europa testemunhar a sua fé e educação católica recebidas através da acção evangelizadora da Companhia de Jesus e, ao mesmo tempo, conhecer o grande poder que representavam os países católicos da Europa do fim do Séc. XVI.

O povo de Sintra, entusiasmado com o cerimonial do Paço e a novidade de cristãos tão exóticos, congrega-se para os ver passar nos seus trajes tradicionais, vindos do Mosteiro da Penha Longa, onde jornadeavam.

A feira logo se organiza, com a animação e a algazarra habituais e as oportunidades de boas compras.

Os meninos japoneses, após a audiência solene, ultrapassaram um pouco o protocolo e descem às cozinhas e aos jardins, encantados com esta cultura

O QUE É UMA ACÇÃO DE "HISTÓRIA AO VIVO"

"História ao Vivo" é uma técnica de animação cultural baseada em factos históricos.

Com essa técnica, além de transmitir conhecimentos, procura-se "reviver" com os alunos uma época ou um acontecimento histórico, dar vida a uma personagem da História no seu enquadramento habitual, reviver um monumento, recriando as ocupações para que foi concebido.

Assim, acaba por se ensinar História "revivendo-a", sentindo na pele as dificuldades e alegrias do quotidiano. Esta técnica de animação cultural de espaços históricos e museológicos foi criada em Inglaterra pela Associação "Living History" e trazida para Portugal pela Associação Portuguesa de Museologia, que patrocinou o primeiro curso para monitores de História ao vivo e também algumas das primeiras acções realizadas em Portugal, em 1981.

Desde então, esta técnica tem sido aplicada com grande sucesso por todo o país, envolvendo milhares de alunos e professores e entusiasmando as comunidades, que têm colaborado activamente.

ESCOLAS PARTICIPANTES

- Bolembre — 1.º Ciclo
- Prep. D. Fernando II
- C + S Mem-Martins
- C + S Sarrazola
- C + S Lourel
- Colégio D. Afonso V
- Colégio S. João de Brito
- Instituto Jacob Rodrigues Pereira, da Casa Pia de Lisboa

REALIZAÇÃO

Projecto da responsabilidade do Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.

Coordenação e responsabilidade pedagógica:
PAULA BÁRCIA

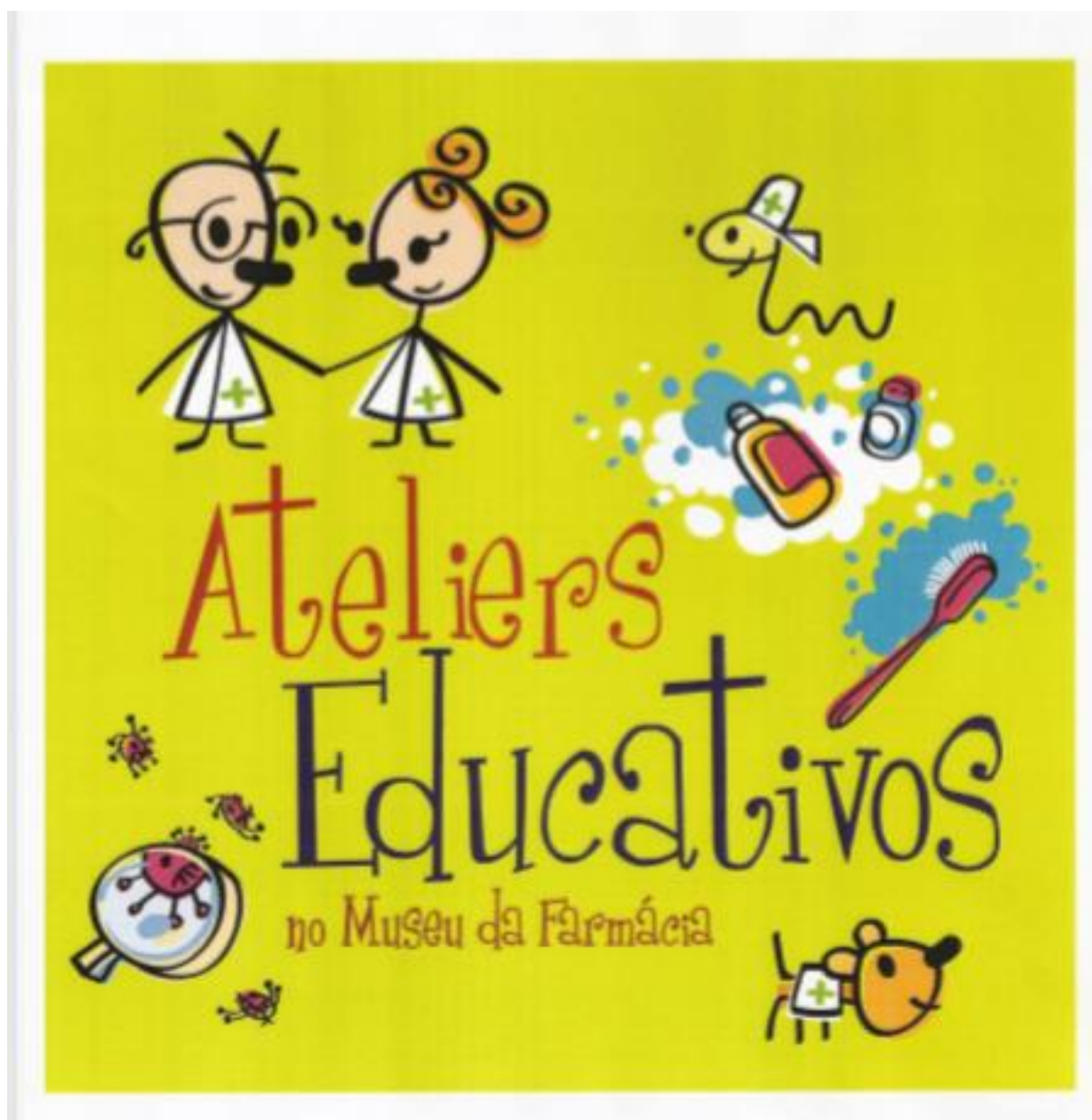
PRODUÇÃO — Paula Coelho e Paula Bárcia
ACTORES — Rui Pisco; João Ricardo; Ávila Costa; João Carneiro; Alfredo Gomes; William West; José Carretas; Helena Macedo; Adelino Tavares; Pedro Ornelas; Abílio de Almeida; Pedro Alpiarça; Paulo Oom; João Melo; Paula Coelho; Paula Bárcia.
MÚSICOS — Isabel Monteiro; José Paulo Galvão.
CENOGRRAFIA — Pedro Alpiarça

O Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses tem o prazer de convidar encarregados de educação, familiares e público interessado a visitar esta acção, no dia 29 de Maio de 1993, das 14H30 às 16H00.

Documento 21

Museu da Farmácia - Ateliers Educativas

Apresentação dos projetos pedagógicos realizados pelo Serviço Educativo do Museu (2009). Esta documentação foi conseguida através do levantamento de Raquel Alves Coelho em 2009, presente no Apêndice Documental da sua Dissertação de Mestrado: COELHO, Raquel da Assunção Bernardo Alves, *História Viva. A Recriação Histórica como Veículo de Divulgação do Património Histórico e Artístico Nacional (1986-2009). Conceitos e Práticas.*, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2009.



Atelier 1



Higiene Oral

DENTÍFRICO CORAJOSO

Vamos conhecer a composição dos dentes, aprender a importância da utilização da pasta de dentes e do fio dental. Depois, vão tornar-se verdadeiros cientistas e fabricar uma pasta de dentes que podem levar para casa.

Destinatários: Pré-Escolar e 1º Ciclo



Atelier 2

SABONETE DIVERTIDO

As crianças vão perceber a importância de ter as mãos bem lavadas e que tipo de microrganismos podem ter nas mãos sujas. Vão verificar que, para que as mãos fiquem bem limpas também têm de usar sabonete e de seguida vão produzir um cheiroso sabonete, que levam para casa.

Destinatários: Pré-Escolar e 1º Ciclo





Atelier 3

FÁBRICA DE AROMAS

O que são aromas? E os perfumes como são feitos? Nesta fábrica vamos desvendar alguns destes segredos e saber como se cheira à cientista... muito importante! Vamos aprender a fazer champô e a fabricar uma hiper-cheirosa espuma de banho. Todos estes fabulosos cosméticos cheios de aromas serão para levar para casa.

Destinatários: Pré-Escolar e 1º Ciclo

Atelier 4

PROCURAM-SE: VIVOS OU MORTOS

Os piolhos, insetos indesejáveis de muitas crianças, vão merecer um conhecimento mais aprofundado.

Vão perceber como é que eles aparecem, o seu ciclo de vida, como se eliminam e como se deve actuar para evitar o contágio. No final, irão fazer um piolho especial para levarem para casa com um folheto informativo.

Destinatários: Pré-Escolar e 1º Ciclo

Piolhos

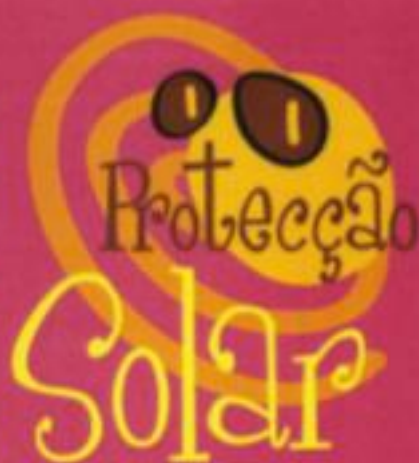


Atelier 5

O MEU AMIGO SOL

Vamos demonstrar que o sol é indispensável à vida na terra, mas que a radiação solar em excesso pode prejudicial. Vamos reconhecer algumas medidas preventivas para reduzir os riscos associados à exposição solar. No final será feita uma pulseira que vai medir os raios UV, para que nunca se esqueçam de se proteger da radiação solar excessiva.

Destinatários: **Pré-Escolar, 1º e 2º Ciclos**



Atelier 6

APRENDIZ DE FEITICEIRO

Aventura maravilhosa pelo universo encantado de magos e alquimistas. Por entre reações químicas e poções mágicas, aromas e sabores as crianças vão desvendar segredos perdidos no tempo e descobrir que muitas vezes aquilo que parece magia não é, é ciência.

Destinatários: **3º Ciclo**

a Farmácia é Tua Amiga



Atelier 7

UMA AVENTURA NA FARMÁCIA

Com certeza que já todos estiveram doentes e já tomaram medicamentos. Mas afinal para que servem e quais os cuidados que se devem ter com os medicamentos? Os vossos amigos Cãoprimido e a serpente Sara vão acompanhá-los na viagem do medicamento no vosso corpo e mostrar-lhes como estes actuam. O Cápsula e a Ampola vão esclarecer os benefícios e os riscos do medicamento e quais as actividades que decorrem numa farmácia.

Destinatários: 1º e 2º Ciclos

Atelier 8

À DESCOBERTA DO MUNDO INVISÍVEL

Os microrganismos estão em todo lado, mas são invisíveis. Uns são importantes para nos mantermos saudáveis e outros pelo contrário transmitem-nos doenças. As crianças irão conhecer algumas destas formas de vida e perceber a diferença entre um vírus e uma bactéria. Irão também compreender que as regras básicas de higiene são muito importantes para a saúde.

Destinatários: 1º e 2º Ciclos

Microbiologia



Biologia Celular



Atelier 9

VIAGEM AO MUNDO DAS CÉLULAS

Esta vai ser uma viagem super científica! Vamos começar por introduzir as crianças no método científico e no estudo da estrutura celular dos organismos vivos, explicando que são como blocos de um edifício. Vamos identificar uma célula vegetal, extrair o ADN de um vegetal e perceber a sua função. Será uma viagem fascinante!

Destinatários: 1º e 2º Ciclos

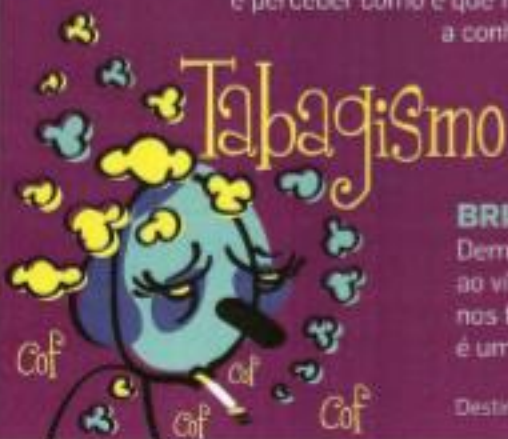
Atelier 10

Alergias

AAATCHIMMM E COMPANHIA

Espirros, nariz congestionado, falta de ar, comichão, dores de cabeça, ... alguns dos sintomas das alergias que se podem revelar de várias formas. Os participantes serão capazes de identificar o tipo de alergia pelo sintoma e perceber como é que funcionam no nosso sistema imunitário. Vão ficar a conhecer alguns alérgenos e como os podem evitar.

Destinatários: 1º e 2º Ciclos



Atelier 11

BRIGADA ANTI-TABACO

Demonstração dos riscos para a saúde inerentes ao vício do tabaco e os problemas que estes causam nos fumadores passivos. Os jovens vão perceber o que é um vício e a dificuldade das pessoas se libertarem.

Destinatários: 2º e 3º Ciclos

atelier 12

Alcoolismo

DIZ NÃO AO ÁLCOOL

Demonstrar aos jovens que o consumo e abuso do álcool é um factor de degradação humana.

Perceber como o álcool actua no nosso organismo e os seus efeitos. Vão conhecer alguns dos mitos relacionados com o álcool.

Destinatários: 3º Ciclo



Droga

atelier 13

VIAGENS PERIGOSAS

Compreender como funciona o sistema nervoso e como os neurónios podem deixar de funcionar; conhecer os efeitos nocivos do consumo de estupefacientes no organismo. Será construído um modelo que permitirá visualizar alguns dos efeitos produzidos pela inalação de drogas. Mitos e lendas.

Destinatários: 3º Ciclo





Cuidados de Saúde

no museu da farmácia



MUSEU da FARMÁCIA

Rua Marechal Saldanha, n.º 1
1249-008 Lisboa

em colaboração com:



LOCAL

Museu da Farmácia / Escolas

As marcações e o pagamento dos ateliers são efectuados pelo Museu.

Inclui os distritos de Aveiro, Castelo Branco, Coimbra, Leiria, Lisboa, Porto, Setúbal, Viseu e Região Autónoma dos Açores.

PREÇOS

No Museu da Farmácia

Atelier 1 a 10 - 5€/criança

Atelier 11 a 13 - 6€/criança

Nas Escolas

Atelier 1 a 10 - 5.50€/criança

Atelier 11 a 13 - 6.50€/criança

As escolas que não pertençam aos distritos referidos, ser-lhes-á cobrada a deslocação.

HORÁRIOS

Início às 10h30 e 15h00

DURAÇÃO DOS ATELIERES

Atelier 1 a 10 - 55 minutos

Atelier 11 a 13 - 90 minutos

N.º MÍNIMO DE PARTICIPANTES

20 crianças

RESERVAS E INFORMAÇÕES

2.º a 6.º, das 9h30 às 18h00

T. 213 400 680/88 museudafarmacia@muf.pt

Destinados a uma turma de 25 alunos, com a presença de 2 monitores.

Documento 22

Projeto de Visitas Encenadas no Palácio Marquês de Pombal (2019)

Folheto informativo do projeto de visitas encenadas no Palácio Marquês de Pombal. Este cartaz foi-nos enviado por email pela Sons & Ecos, uma vez que nos encontramos na *Mailing List* da empresa.

VISITAS ENCENADAS

Palácio Marquês de Pombal [Oeiras]



20 DE JULHO

Horário: das 15:00 às 16:30

Público-alvo: Jovens e Adultos
Valor do Ingresso: 5€ (sujeito a reduções em casos específicos)
À venda em:
<https://ticketline.sapo.pt/evento/historias-em-cena-43502>

Informações e reservas: servicoeducativo.palacio@cm-oeiras.pt
Receção/bilheteira do Palácio: 21 443 07 99

Documento 23

“Memórias Revisitadas” - projeto de visitas encenadas, no Palácio Foz (2019)

Folheto informativo do projeto de visitas encenadas no Palácio Foz. Este cartaz foi-nos enviado por email pela Sons & Ecos, uma vez que nos encontramos na *Mailing List* da empresa.



VISITA GUIADA
COM MOMENTOS
ENCENADOS
PALÁCIO FOZ

27 DE JULHO
ÀS 11 HORAS

CONDIÇÕES
Nº de participantes:
mínimo **30**
máximo **40**

Valor por participante: **8€**
As inscrições deverão
ser efectuadas até oito dias
antes do evento.

Reservas:
cantigadalba@gmail.com
Informações: 914 466 019

**CANTIGA
D'ALBA**

“MEMÓRIAS REVISITADAS”

“Estamos em 1889. A marquesa de Castelo Melhor acaba de vender o seu palácio a Tristão Guedes, futuro marquês da Foz. Sucedem-se alguns anos de fausto e de festa, até ao final de novecentos. Nos alvares do século XX, é adquirido pelo 1º Conde de Sucena, que o arrenda para vários fins. Nesta viagem, partimos de finais do século XIX para percorrermos os momentos áureos de uma das casas mais emblemáticas da Baixa lisboeta, que viu celebrados os “loucos anos 20”, mas também a Revolução de Abril.”

palácio foz

PRÉSIDÊNCIA DO GOVERNO DA REPÚBLICA
Secretaria de Estado

Documento 24

“Disseram-mo por muito certo...” - Projeto de visitas encenadas no Museu de S. Roque (2019)

Folheto informativo do projeto de visitas encenadas no Museu de S. Roque. Este cartaz foi-nos enviado por email pela Sons & Ecos, uma vez que nos encontramos na *Mailing List* da empresa.



“Disseram-mo por muito certo...”

Visitas encenadas com recriação histórica: são as personagens que conduzem o grupo numa viagem que decorre entre o século XVI e o século XVIII, assente numa narrativa através da qual se vai desvelando a história de São Roque, a partir das peças em exposição no Museu.

LOCAL: Museu de São Roque

PÚBLICO EM GERAL (marcação prévia)
Dom. 7 Julho - 15h

GRUPOS ORGANIZADOS
Marcação de segunda-feira a domingo mediante disponibilidade

VALOR/PARTICIPANTE
8 € - PÚBLICO EM GERAL
6 €/ALUNO - GRUPOS ESCOLARES
6 € - COLABORADORES DA SCML
Nº de participantes:
mínimo: 30 | máximo: 40

INFORMAÇÕES | RESERVAS
Cantiga D'Alba Associação Cultural
Tel. 916 020 883
cantigadalba@gmail.com

ÚLTIMA DATA

DIGM | NÚCLEO DE DESIGN | 2019



Documento 25

Peça de teatro "Cândido ou o Optimismo", com lugar no Palácio Marquês de Pombal.

Folheto informativo da peça de teatro "Cândido ou o Optimismo", com lugar no Palácio Marquês de Pombal (um projeto da Sons & Ecos). Este cartaz foi-nos enviado por email pela Sons & Ecos, uma vez que nos encontramos na *Mailing List* da empresa.

19 - JULHO

SEXTA - 21h30
duração 180 minutos

Local
Palácio Marquês de Pombal

Público-alvo
Jovens e adultos

Valor de Ingresso
12,00€

Descontos:
25% bilhete de grupo (a partir de 4 pessoas)
M12
(Não é permitida a entrada de crianças menores de 6 anos)
Não existe marcação de lugar nas salas
Lotação: Máx. 60

Entrada condicionada após o início do espetáculo

Cul
tura
Ra oeiras

CAN
DIDO ou o
OPTI
MISMO

de Voltaire

Documento 26

Documentos diversos de projetos de História ao Vivo

Arquivo de Paula Bárcia

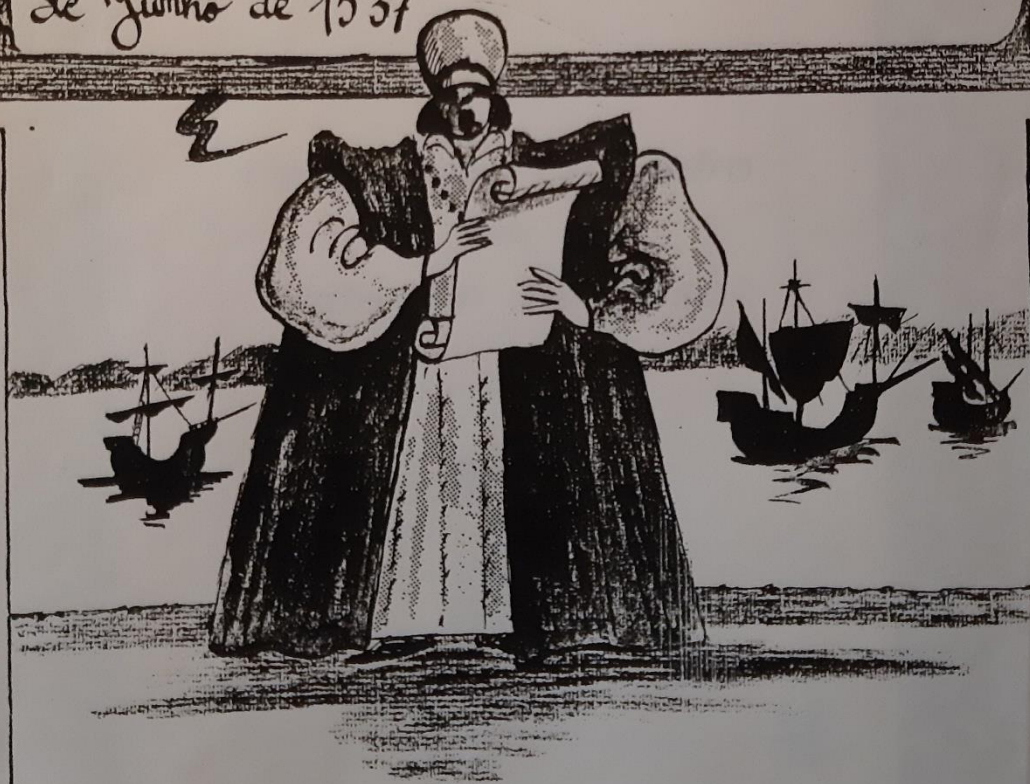
Estes são vários documentos (essencialmente recortes de jornais, soltos) sobre algumas das iniciativas de História ao Vivo que tiveram lugar nos primórdios do conceito em Portugal.

Eu Afonso de Sousa, Provedor do Arsenal da Ribeira
das Naus, por mandado do nosso Rey Senhor
D. João o terceiro de seu nome, declaro que

trabalhou afineadamente neste Arsenal no
mês de Maio de 1537 preparando a partida
para a India das naus "Rainha", "Inol de
la Mar", "S. Roque", "S. Barbara" e "Galega"

Afonso de Sousa
Provedor

Dado aos 20 dias do mês
de Junho de 1537



No rio Tejo

ALUNOS VIVERAM AVENTURA DE UMA VIAGEM DO SÉC. XVI

Um dia no século XVI.
Este quase podia ser o nome da original iniciativa que, desde a passada segunda-feira e até ao próximo dia cinco de Junho, está a ser levada a cabo pelo grupo de trabalho do Ministério da Educação para as comemorações dos Descobrimentos, em colaboração com a Comissão Nacional dos Descobrimentos e com a Associação Portuguesa de Museologia.

Na verdade, os organizadores preferiam chamá-lo "Projecto História ao Vivo", designação que embora seja menos sugestiva, não deixa de ser correcta.

Mas o que vem a ser afinal este "projecto", cujo nome inclui ainda a frase "Partida para a Índia - 1537"? Isso mesmo: uma "viagem" que dura pouco mais de sete horas, durante as quais são revividas as vãs tarefas que no século XVI, mais concretamente no ano da graça de 1537, precediam a partida de uma armada portuguesa para terras da Índia.

Os protagonistas são crianças de várias escolas primárias e preparatórias da cidade e arredores que, na companhia dos respectivos professores de história e das cerca de duas dezenas de pessoas que compõem o grupo de trabalho e onde se contam vários actores de teatro, reconstituem fielmente num recinto montado no cais dos Gaieteiros, ao Cais do Sodré, todos os trabalhos que eram necessários para as longas (e por vezes perigosas) viagens marítimas.

E não faltam sequer os trajes "à maneira" porque, dentro do espaço reservado à "acção", tudo tem de ser mesmo à época XVI, o que deixa de imediato antever algumas limitações.

Segundo nos relatou Paula Bárco, uma das organizadoras e também participante na iniciativa, o "Projecto História ao Vivo" baseia-se numa técnica inglesa de ensino da história, que é simultaneamente uma chamada de atenção para a necessidade de preservação do património histórico-cultural, cabendo a responsabilidade da sua introdução no nosso País à própria Associação Portuguesa de Museologia.



O transporte dos viveres para o almoço



Uma viagem no tempo

Para perceber melhor o funcionamento do projecto, acompanhámos ontem a visita de duas escolas ao recinto da primária Adolfo Coelho e a preparatória Paula Vicente. E foi um autêntico "sonho" aquilo que os alunos viveram.

A primeira parte da "comitiva" escolar já se encontrava às 9 e 30 horas à porta da cerca de madeira nova, instalada no Cais do Sodré, pronta a entrar. Rapazes para um lado, raparigas para outro, os primeiros "acolhidos" por traves e as seguintes por generosas "serviças", foi então dado início à "transformação". Tudo o que era século XX, ficou pendurado nos pregos da balança da madeira da instalação de apoio e nem sequer os relógios puderam ficar nos pulsos.

Saias, sub-saias, camisas, aventais, lenços, coléres e sapatos de pano (que não chegaram para todos, pelo que alguns tiveram mesmo de virar pé-descaço) de tons coloridos foram suficientes para dar um aspecto quinhentista ao núcleo feminino da geração do computador e da televisão que momentos antes havia transposto a cerca. Para eles ainda foi mais simples: umas calças de balão, uma camisa e uma boina foi quanto bastou.

Cá fora a falta que há pouco mais de meia hora se distinguia no horizonte vindo do Setúbal, iniciava a manobra de atracagem com a segunda parte da comitiva a bordo, a quem competia trazer os utensílios e respectivos generos destinados ao almoço.

O resto imaginam os leitores: uma grande fufu-fufu, todas as mãos em movimento, cada um representando o seu papel nessa "aventura" dos Descobrimentos.



Clero, nobreza e povo embarcaram juntos



No cais dos Gaieteiros, a Cruz de Aviz



Preparando a saída para a Índia

"História ao vivo" no Castelo de Palmela

Ana Gouveia

Em Palmela, o Castelo regressou ao século XVI. Crianças vestidas de gibão vivem um dia do ano de 1505. É o projecto «História ao Vivo — Palmela 89», que vai decorrer até 13 de Junho.

São 80 crianças, dos 8 aos 12 anos, que, diariamente, se vestem a rigor para desempenharem várias tarefas que aconteceram no Castelo de Palmela a 15 de Maio de 1505. Restauram o convento, preparam a recepção ao Mestre D.Jorge e a cerimónia de investidura do Cavaleiro.

Usando materiais e ferramentas dessa época, crianças de todas as escolas do concelho durante um dia estão numa escola diferente. A reconstituição abrange também a linguagem usada, por isso as crianças aprendem e usam o português dessa época.

Este projecto levou perto de vinte meses a ser preparado, desde a fase de investigação até ao momento presente, e irá custar 2500 contos, suportados pela Câmara e vários patrocinadores.

A iniciativa «História ao Vivo», que tem estado a decorrer um pouco por todo o país, desde o ano passado, pretende revitalizar ensino da História através da reconstituição rigorosa dos ambientes do passado. Deste modo, as crianças apreendem o quotidiano da época revisitada e os monumentos retomam anteriores funções que os preservam e valorizam. Paralelamente, no mesmo local, decorre uma representação teatral de um acontecimento característico desses tempos.



Castelo de Palmela
Bom cenário para reviver a história

Em Lisboa, no Cais do Sodré, outras tantas crianças vivem diariamente um dia do século XVI, falam com Fernando Mendes Pinto e ajudam a preparar a nau. Vêm de escolas oficiais e particulares e no fim do dia têm «de regressar outra vez ao século XX», como dizia uma delas.

Também o Porto, Setúbal, e, brevemente, a Póvoa do Varzim, aderiram à «História ao Vivo». A ideia deste projecto «é chegar até onde os portugueses chegaram e durar até ao ano 2000», disse a «O Jornal» Maria Manuela Mota, uma das responsáveis pela sua introdução em Portugal.

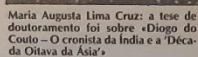
Esta ideia, que veio de In-

glaterra, integra três equipas de trabalho. Uma é responsável pela investigação histórica, outra pela adaptação e confecção das vestimentas e uma última que faz a ligação às escolas. Cada iniciativa é complementada com sugestões de trabalho interdisciplinar, que são discutidas com os professores.

Todos os projectos recebem o apoio do Ministério da Educação e das respectivas Câmaras e desde Dezembro que, nas escolas, crianças e professores são preparados para o DIA, através de visitas a museus, idas ao teatro, preparação de pequenos trabalhos sobre a época e confecções.

Comemorar nos Descobrimentos
o relacionamento entre os povos

Da forma como se refere aos Descobrimentos, já se pode inferir das



Não há entendimento
na comunidade científica

«O que mais me atrai nos Descobrimientos é a descompartimentação da terra através da viagem marítima», diz-nos, e para ela o que há para co-

os melhores geralmente não têm
os melhores, estamos a começar
a meditar, e quanto a isso, em car-
do século XVI, estado. Ali não
mais os homens de armas, e sim
em armas do que os de antes.
Cito-lhe o exemplo do Bartolomeu
Dias. Ele teria sido um homem
que os homens de letras escreve-
ram sobre ele. Verifiquei que, desde
o século XVI até aos nossos dias,
tanto o Bartolomeu Dias como o
Enes foram praticamente igno-
rados pelos historiadores. E os
pelos historiadores. O Cancioneiro, de
poemas de Resende, os Poemas Lusí-
tas, do António Ferreira, o Sá de Mi-
randa nas suas cartas e sonetos, o
Dias.

Ela morava longe, não dava, que a gasolina está cara, ainda lá fui duas vezes, mas à terceira cortei-me e desculpei-me, com uma coisa qual

admitiu que tivera sido verdade. Primeiro, ele estava de facto no Algarve, naquela altura. E depois também soube como certo que uma

nem pensei! Seu canalha! Talvez não tivesse levado a melhor com ele que era mais forte do que eu, se entretanto, com o barulho, não tivesse aparecido mais gente, meteu a



O sonho foi premonitório. Estava algures, à beira de uma grande auto-estrada...

Explorar a via de comunicação e aproximação entre os povos

(Continuação da pág. anterior)

de Caminha têm epítetos e epigramas em que são louvados certos homens, considerados heróis do tempo, mas são quase todos guerreiros. Valoriza-se o soldado que quebrou tranqueiras de mouros. No Vínico da Cama valoriza-se não o descobridor, mas o guerreiro. E o militar. Aparecem vários poemas ao João de Castro, mas ao homem do tempo. O mesmo em relação ao Duarte Pacheco Pereira. Aparecem poemas dedicados ao herói de Cochim e não ao que escreveu Esmeraldo de Situ Orbis. As vezes até me perguntam se é o mesmo homem.

Comemorar os descobridores

«Esta é a primeira vez que se comemora a viagem de Bartolomeu Dias, e isto tem a ver com a paula dos valores da época. Tem a ver com a estrutura social do tempo e a mentalidade. O que valorizava os homens e os enobrecia eram os feitos de armas, daí que os cronistas valorizassem os feitos guerreiros, como lhes chamavam.»

Como historiadora, acha fundamental neste período da comemoração dos Descobridores se faça o levantamento de todos os textos manuscritos de viagens e, paralelamente, uma análise crítica das edições existentes de textos de viagens. Referindo-se ao Departamento de Estudos Portugueses da Universidade Nova, declara:

«Neste momento, temos preparado um colóquio, que vai realizar-se de 2 a 4 de Novembro próximos, na Fundação Gulbenkian. O colóquio vai tratar das fontes da literatura de viagens e seu estado editorial; da tipologia da viagem, e da cosmologia mítica à cosmologia científica.»

Quanto à investigação na área da literatura de viagens, informa-nos que está licenciada em História e Estudos Portugueses e está a fazer um levantamento numa perspectiva meramente editorial. Acrescenta:

«Vamos fazer indicações para publicação. Tudo depende das verbas. Temos quatro investigadores na Biblioteca Nacional a trabalhar com os manuscritos, com as fontes narrativas.»

Se lhe fosse pedido que desse uma sugestão para as comemorações dos Descobridores, que proposta faria Maria Augusta Lima Cruz?

«A proposta de se explorar a via

de comunicação e aproximação entre os povos, de explorar a via que os portugueses e continuados por outros povos. Acho que essa via não foi suficientemente explorada. Então, a viagem feita pela caravela Bartolomeu Dias, que aportou em Mossel Bay — interdita aos negros — e em que os brancos se mascararam de negros, enfim, isto parece-me o avesso do sentido que deviam ter as comemorações. Como desenvolver isso na prática, seria um assunto a reflectir, mas não é deste modo. Evidentemente, que se eu estivesse integrada em qualquer comissão, daria atenção muito especial à conservação e divulgação das fontes, porque as considero um património cultural importante e é a partir delas que se pode fazer história. Eu tenho a perspectiva de historiadora, mas as comemorações podem-se concretizar em diversas perspectivas, de outras formas de aproximação cultural, incluindo um aspecto, que não se tem atendido muito, que é a cultura popular.»

Que influência tiveram os Descobridores nas mulheres?

«Para já, tiraram-lhes os maridos e trouxeram-lhes responsabilidades, uma vez que tiveram de assumir, sozinhas, a responsabilidade familiar e o governo da casa. No aparelho administrativo não há mulheres que tenham exercido responsabilidades de chefia. Só D. Catarina, a avó de D. Sebastião, que foi regente. Até 1750, o vice-rei não levava consigo a mulher. Só conheço um caso, em meados do século XVI, de um vice-rei que levou a mulher. A partir do século XVII, as mulheres passaram a ir para o Brasil, mas isso tem a ver com a forma de ocupação. No Brasil, era mais ocupação da terra, grandes plantações. Encontram-se portuguesas nas praças do Norte da África, a mulher do capitão da fortaleza e o chamado grupo dos casados ou mulheres vindas do reino.»

Diferenças tendem a desaparecer

Introduzida a questão mulheres, perguntamos-lhe: já que tem um contacto frequente e directo com mulheres do Norte, que diferenças lhes conhece?



A emigração abriu as mentalidades

«As diferenças são muito a ver com a cultura, e ao nível a que me situo, as diferenças tendem a desaparecer. Realmente acho que a mulher do Norte é um pouco mais independente que a do Sul. Isto no âmbito familiar. Não sei se tem a ver com a grande influência da cultura muçulmana no Sul, em que a mulher é mais recolhida. Nos meios urbanos, porém, tendem a desaparecer as diferenças entre regiões.»

Já agora, como viveu algum tempo em França, qual a sua opinião acerca da mulher francesa?

«A parisiense é extremamente chata! As francesas estão muito marcadas pela vida que levam na grande cidade. E uma vida a correr, com horas marcadas, exaustivas, gritam à mínima coisa, não sei como também a notar isto em Lisboa. As mulheres também começam a gritar, e isto verifica-se, sobretudo, nas que acumulam o trabalho profissional com o trabalho doméstico. Um aspecto marcante é que os portugueses têm um ritmo de vida diferente dos Franceses, deitam-se tarde e, quando aparece um amigo, há sempre de co-

mer para ele. E isso não se pode fazer com uma francesa, mesmo quando ela é casada com um português. Eu penso que isto tem mais a ver com o meio urbano do que propriamente com o país, porque também começo a encontrar estas características em Lisboa. Salvo horrosas excepções, o Lisboa nunca nos convidava para ir a sua casa. Isto não acontece no Norte. Mesmo para a casa mais miserável convidam-se os amigos. Aqui convidam-se para ir ao restaurante, com a agenda aberta. Eu sinto-me deslocada. Parece-me que isto tem a ver com o grande desenvolvimento da cidade, que não é acompanhado com as competentes estruturas.»

E sublinha: «Uma coisa que me assusta em Lisboa é o problema da terceira idade. Na aldeia, uma mulher da terceira idade senta-se à porta da casa ou vai para o adro da igreja, tem com quem conviver...»

As vantagens da emigração

Referindo-se à mulher do Norte, reconhece que houve uma grande mu-

dança de mentalidades, sobretudo devido à emigração, «que a nível da paisagem deixou muito coisa, mas a nível das mentalidades foi muito bom, abriu muito.»

Em relação à sua condição de mulher diz:

«Eu nunca senti na carne a discriminação pelo facto de ser mulher. Possivelmente, porque sou muito teimosa. Quando se tem um marido na família, isso sente-se mais. Em certas famílias, o rapaz é ainda visto como um estorço especial.»

E acrescenta:

«Houve um estorço na minha geração. O grande passo que a mulher deu foi tornar-se independente economicamente. Na geração da minha mãe, a mulher era dependente economicamente do homem. Quando o casamento resultava, tudo bem, mas quando não resultava, a mulher só tinha a alternativa de aguentar ou deixar a família. Na minha geração, a relação tornou-se mais saudável. As pessoas vivem em conjunto o tempo que querem e sabem isso. É muito bom saber-se que se as coisas correm mal as pessoas podem aguentar-se independentemente do marido. Este sentimento é muito importante. Eu penso estar numa terra e nunca sair de lá, mas posso sair. Se eu não puder sair, isso cria ansiedade. Impressiona-me muito quando vejo que na geração a seguir à minha há raparigas que casam e deixam o trabalho e ficam na dependência económica. Sei que as vezes não há outra solução, mas é algo a evitar, sempre, sempre, sempre!»

Quer dizer que, mesmo na província, há agora uma maior aceitação do divórcio?

«Sim, já se começa a aceitar. Então, não é tão vulgar como aqui. Aliás, penso que as pessoas se divorciam muito depressa, mas admito que mesmo aqui em Lisboa isso vá mudar.»

A terminar, Maria Augusta Lima Cruz reconhece que o apoio da família é indispensável à estabilidade do casal. Também o ritmo da vida tem influência nessa estabilidade. Afirma:

«Conheço casais em Lisboa que, praticamente, só se veem ao fim-de-semana. Nunca almoçam em casa! Em Braga, são a maior parte dos brancos, que têm apenas uma hora para comer, vão almoçar a casa!»

Antónia de Sousa

25.05.989

TUDO E TODOS

Fernão faz-se ao mar em aventura de crianças

Ribeira das Naus, ano da Graça de 1989. Tal como há cerca de cinco séculos atrás realizou-se ontem a reconstituição histórica da partida de Fernão Mendes Pinto, em demanda de "outros mundos" habitados, que a aventura dos Descobrimentos permitiu descontinuar, com espanto e maravilha, aos portugueses de então. Ao acto, que se realizou no Cais do Sodré, esteve presente Roberto Carneiro, ministro da Educação,

assim como outras individualidades.

Sob o lema "ensinar o Passado é dar raízes ao Futuro", tem-se vivido na Ribeira das Naus, no Cais do Sodré, desde o dia 5 de Maio e até 2 de Junho, a azáfama dos preparativos e o ambiente que rodeava a partida dos barcos nesta zona ribeirinha da cidade de quinhentos, tudo numa acção em que vão participar e ser actores cerca de 2500 crianças, de 40 escolas pri-

márias e preparatórias da Grande Lisboa.

Este inovador projecto de "história ao vivo" é promovido pela Associação Portuguesa de Museologia, em colaboração com o Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses e com o apoio da Câmara Municipal de Lisboa e de muitas outras instituições e empresas.



20 Cm 16.12.88

JOVENS DO PRINCÍPIO DO SÉCULO SURPREENDERAM OS ANOS 80 ONTEM NO CHIADO

O Chiado viveu ontem uma tarde à moda antiga. Foi o reverter do ano 1900, numa zona chique da nossa capital. Ricos e pobres, nobres e plebeus, eles e elas, vestiram-se a rigor e passearam-se calmamente, perante o olhar surpeendo dos lisboetas dos anos 80.

Vários casais, eles de canto-lá, elas de chapéu emplumado, iam mirando as montras. Algumas senhoras transportavam pequenos embrulhos, enquanto, as criadas, alguns passos mais atrás, carregavam com as restantes compras.

Três donzelas, devidamente acompanhadas por uma "miss", que a todo o custo fazia "cara de poucos amigos", passeavam junto à Brasileira. Na esplanada (que não existia naquela época) três janotas fizeram-lhes "olinhos", que elas discretamente correspondiam com sorrisinhos.

Depois, com mestria de "Dom Juans", eles entregavam-lhes bilhinhos, com promessas de amor eterno, recheados de palavras doces. Mas a "miss" estava atenta e os bilhinhos, para grande desgosto das donzelas enamoradas, foram confiscados, pela tirana inglesa, insensível ao amor.

Apesar da má cara da "miss" conseguimos chegar à fala com as meninas. "É fino vir ao Chiado. As pessoas do nosso estrato social, fazem aqui as compras e passeiam", disseram. Quase em segredo, acrescentaram: "Há por aqui uns mancebos bem jeitosos" - risos distendidos não fosse a "miss" rependê-las, ou fazer queixa aos papás, o que era pior.

Um pouco mais abaixo dois guardas municipais zelavam pela segurança de todos e pela manutenção da ordem. "É fácil manter a ordem. Não temos ocorrências a assinalar", afirmaram enquanto batoçavam o "cassetele".

Palavras ditas e eis que três operários no desemprego, começam a "mandar bocas" aos janotas que bebiam sossegadamente o seu "capilé". Os guardas "foram-se": a eles, de cassetele em rate e só não foram parar à esquadra porque



As vendedeiras contribuíram com o produto da sua venda para a reconstituição do Chiado

isso iria dar muita maçada aos janotas.

A vida em 1900 é cara. A riqueza está mal distribuída. Não há justiça social. Temos que lutar contra o capitalismo e a monarquia", afirmaram os operários, em entrevista "exclusiva" ao nosso jornal.

Tivemos três meses na cadeia a quando da primeira tentativa de implantação da República em 1899 - acrescentaram. Passamos muita fome na cadeia, mas mesmo assim comíamos mais do que agora...

Uma vendedeira apregoejava flores. "São só 150 (escudos). Olhem as minhas flores tão bonitas, tão vivazes". Eram rosas e cravos em pequenos bouquets. "Isto está mau, prô negócio", lamentava-se. No entanto, muitas senhoras, andavam de raminho de flores na mão. "Óra, é a concorrência. Porque eu ainda não vendi quasi nada", adiantava.

Ontem à tarde o Chiado foi

igual ao de Eça de Queiroz. Faltavam apenas as colchecas à rodar, rua acima, trazendo e levando passageiros. O resto estava lá.

Ajudar o Chiado

A reconstituição do Chiado de 1900, prende-se com uma solicitação do presidente da Câmara Municipal de Lisboa para a animação desta zona dramaticamente marcada pelo incêndio de Agosto - afirmou Sérgio Stchine, da Junta de Freguesia de Santa Catarina.

Solicitamos a colaboração da Escola Secundária D. Maria I que prontamente se ofereceu para participar nesta iniciativa, que aliás teve grande aceitação por parte dos jovens", adiantou.

Nesta acção da Junta de Freguesia de Santa Catarina participaram ainda a Associação Portuguesa de Museologia que forneceu aos jovens docu-



Três donzelas, passearam-se ontem pelo Chiado, acompanhadas pela "miss"

mentação diversa sobre a época.

"A associação fez um excelente trabalho junto dos jovens, não só os introduziu na época, como lhes apurou o gosto por tudo com ela relacionado", explicou Sérgio Stchine.

Com esta acção ficaram a ganhar a escola, pela formação cultural e histórica dada aos alunos, a Junta de Freguesia de Santa Catarina, pela dinamização da cultura na sua área e o Chiado porque isto faz o reverter saliente. O produto obtido pela venda das flores e frutos, reverteu integralmente a favor da reconstituição do Chiado, segundo esclareceu aquele elemento da Junta de Freguesia de Santa Catarina.

Texto: Fernanda Bueno
Fotos: Carlos Almeida

Os janotas, na Brasileira, enquanto aguardavam a chegada dos capilé





Ribeira das Naus, Lisboa. Um dia de Primavera. O sol ainda não apareceu e corre uma aragem leve. As águas do Tejo batem suavemente nas pedras e as gaivotas gritam ao longe. A azáfama é grande junto ao rio. Não há mãos a medir e tudo tem de estar a postos para a partida de uma armada de cinco naus com destino à Índia. Fogueira acesa, biscoitos no forno, peixe a secar. Raparigas num rodopio oferecem água fresca e maçãs perfuma-

das aos artesãos. Os mestres dão ordens e ensinam os aprendizes. Uns mariclam, outros cosem velas, outros pintam as madeiras na reparação ou construção de embarcações. No mercado, vende-se fruta, feijão seco, ovos, especiarias variadas. Fernão Mendes Pinto observa ansiosamente todos estes preparativos da viagem. O Provedor da Casa da Índia inspeciona o andamento dos trabalhos.

Um dia da Primavera de 1537 na Ribeira das Naus

Clara Vieira • Fotos José Frade

É este o ambiente animado vivido diariamente por alunos e professores de algumas escolas primárias e preparatórias de Lisboa, numa reconstituição histórica dos preparativos das expedições para o Oriente no ano de 1537.

Tudo está pensado até ao mais pequeno pormenor e, apesar do ruído do trânsito local, todos se conseguem embrenhar no quotidiano quinhentista. Protegidas por um grande tapume de madeira, as crianças são transportadas para o passado e personificam admiravelmente as gentes do século XVI, assumindo em pleno os seus papéis: ora de artífices, ora de cozinheiros, ora de boticários, ou de vendedores.

«História ao vivo»

Esta iniciativa, que constitui uma nova forma de aprender e ensinar a História, foi lançada pela Associação Portuguesa de Museologia, com base numa técnica inglesa. Depois de contactadas algumas escolas e, dada a receptividade ao projecto, iniciou-se agora em Lisboa, aproveitando a conjuntura de comemoração dos Descobrimentos.

«História ao vivo»

«História ao vivo» é o nome deste projecto, já desenvolvido noutras localidades do País, que está a ter o melhor acolhimento. Paula Bárcia, uma das professoras dinamizadoras desta acção, considerava que «os alunos nunca mais vão esquecer este dia e vão saber mais de Descobrimentos que quaisquer outros». Deste projecto abrange cerca de 600 crianças, dos 9 aos 12 anos, que vão em grupos de 60 diariamente para a Ribeira das Naus, onde o cenário está montado.

Tudo isto requereu uma preparação de meses nas escolas, num trabalho interdisciplinar — Português, História, Ciências, Educação Visual e Trabalhos Manuais — que pôs as escolas completamente envolvidas no projecto. Após este dia passado num ambiente do século XVI, as crianças têm de fazer um relatório, onde traduzem as suas experiências e aquilo que aprenderam. Também as provas de avaliação finais serão essencialmente sobre os vários aspectos da vida quinhentista. Certamente, o sucesso escolar terá níveis bastante animatórios.

Um dia em 1537

«Oremos, Agradecemos ao Senhor mais um dia de trabalho», foi assim que o Provedor da Ribeira e da Telha, no começo do dia, exortava os trabalhadores reunidos ao cumprimento das suas tarefas. Descalços ou com alpercatas juntavam-se aos seus mestres para iniciar mais um dia de preparativos para a partida da armada, que levará ao Oriente D. Pedro da Silva da Gama. As moças vestidas com saias coloridas bastante compridas e lenços



O provedor régio dando indicações aos trabalhadores no começo de mais um dia de trabalho. Duas simpáticas moças oferecendo maçãs aos artífices para tomar mais energia as suas tarefas.



A preparação da viagem é rodeada de todo o cuidado — o velho cartógrafo ensina as técnicas de marinar, enquanto o mestre é ajudado, com um pequeno intervalo para morder a sede.

na cabeça preparavam o pão, o chouriço e o queijo para distribuir aos artesãos durante a manhã; outras cozinham biscoitos de farinha, azeite e sal para os maritheiros levarem na viagem; enquanto outras, lavavam a roupa ou andavam de cântaro à cintura oferecendo água fresca aos trabalhadores.

O velho cartógrafo ensinava pacientemente os pilotos-aprendizes a estudar as cartas de marrear e a utilizar os instrumentos náuticos — a bússola, o astrolábio, o quadrante. O mercado está cheio de ervilhas e favas secas, vários tipos de feijão, peixe salgado e variadíssimas especiarias da Índia que custam muitos dinheiros.

Doutro lado, o almoxarife ins-

pecciona os pesos e medidas e o boticário faz remédios em frascos, utilizando muitas ervas e especiarias nas suas misturas. Outro grupo cose velas, calafeta os cascos, pinta os lemes e alisa madeiras para a construção. Os instrumentos utilizados são o mais possível parecidos com os da época e as crianças partilham com os antigos carpinteiros e marceneiros todo o esforço despendido no trabalho.

Ninguém pode usar roupas actuais e nós somos obrigados a entrar, onde existe um sino para chamar, a vestir uma capa para entrar naquele espaço à beira rio.

— É servido peixe frito e sopa, tal como noutros tempos. Dizia uma professora que as crianças se es-

quecem completamente que estão em 1588. No fim do dia, já regateiam os preços e sentem que é injusto a recolha dos impostos feita pelo provedor régio.

Para animar ainda mais o ambiente, está a colaborar neste projecto um grupo de actores amadores. Assim, uma cigana, falando algo entre o Português e o Castelhanho, corre de um lado para o outro pedindo esmola e querendo ler a sina e logo todos a enxotam, dizendo que não é cristã. Claro que aqui também não faltam os frades que ajudam nas orações e organizam uma procissão final.

Fernão Mendes Pinto, que embarcaria daí a dias na nau «Galega», passeia pelo meio dos artífices contando histórias maravilho-

sas do Oriente. À tarde, chegam os seus pais que lhes pedem para não partir, lembrando-lhes as terras que estão por cultivar na sua província — é o papel do Velho do Restelo.

E, sem dúvida, uma acção extremamente conseguida. As crianças aprendem com prazer e têm uma noção diferente do que foram aqueles tempos das caravelas e das naus.

Para que hoje se comemore a glória e o espírito audaz e aventureiro dos portugueses dos séculos XV e XVI, muitos outros que não ficam nas páginas da História contribuíram para isso. Talvez estas crianças compreendam mais o que foi a época dos Descobrimentos que muitos agora tão empenhados em os comemorarem.

Faltam-lhe a sanfona e a charamela

Maio Moço na rota das Descobertas

Quando pegam no cavaquinho, no bandolim, na flauta ou na viola braguesa, eles têm um objectivo: recriar a tradicional música portuguesa, sem lhe alterar a raiz mas tornando-a mais universal, para ser mais ouvida, nomeadamente pela camada jovem. E eles são meia dúzia, formando o grupo Maio Moço, há quatro anos nascido.

O TRABALHO não é fácil. Para recriar sem trair é necessário estar por dentro de tudo. É como se fosse preciso viajar até à alma, remexer a terra, escutar as fontes e acompanhar o amadurecimento dos frutos para se fazer a colheita.

Essa aposta é feita pelos componentes de Maio Moço, que são Sérgio Contreiras, Vitor Reino, Ana Rita Reino, Mário Gamero, João Lima e João Patrício. A maior parte deles andou já por outras paragens, tocando e cantando no Almanaque ou na Ronda dos Quatro Caminhos. Decidiram-se, porém, a juntar os «trapinhos» musicais para darem corpo e força a um projecto que tem já a seu favor dois LP: o primeiro editado em 1987, com o título *Inda Canto Inda Danço*, e o segundo trazido em Julho deste ano pela rota das Descobertas.

Razão por que se chama *Cantigas de Marear*. Os textos das canções foram extraídos e adaptados dos cancionários e romanceros tradicionais portugueses e falamos da Nau Carineta, do romance de Dona Infanta, de São Gonçalo de Amarante e do barco à vela, de um barco à vela cheio de poesia lírica. Já lá vem o barco à vela. Só o meu amor não vem. Não se lembra aquele ingrato/Desta rosa que aqui tem!

Ao comemorarem-se 500 anos sobre a época das Descobertas, pensaram os elementos de Maio Moço que a música tinha uma palavra a tocar. E se bem o pensaram, melhor o fizeram. Na ausência de qualquer trabalho criterioso e

deste conjunto), antes de se penetrar num universo musical em que as raízes tradicionais funcionem como ponto de partida para uma música partilhada pela sensibilidade actual.

Este anseio é igualmente realçado por Sérgio Contreiras, em casa de quem se fazem os ensaios duas vezes por semana. Temos uma atitude, que é a de tentar recriar, integrando sonoridades antigas com modernas. É uma linha muito comum na Europa (França, Irlanda, Inglaterra), permitindo alargar o interesse do público, sem distorcer as origens.

De apoios, o Maio Moço tem o que ganha na venda dos discos, cassetes e realização de espectáculos. Por diversas vezes recebeu já convites para actuar no estrangeiro, mas nenhum se concretizou, a excepção, em 1985, da sua participação no Festival Internacional de Música Folclórica de Galt, onde estiveram grupos de todo o mundo.

Por que não se têm concretizado esses convites?

Supõe-se que seja por ser mais dispendioso fazer deslocar um grupo do que um só artista.

Mas ânimo não falta aos Maio Moço. Acreditam no casamento, por exemplo, da música tradicional com a música popular. Já vai adiantado o namoro e falta agora encontrar instrumentos musicais dos séculos XV e XVI. Vejamos, para que este casamento de certo, a festa precisa de ter por acompanhamento a charamela (uma espécie de flauta com palheta, proporcionando sons agudos, meio arranhados), o cromorne (parecido com um clarinete, em forma de cachimbo), e a sanfona (instrumento de arco, tocado à manivela, com sons apelativos).

Em Portugal só existem duas sanfonas, uma no Museu de Etnologia e outra no Museu José



A recriação da música portuguesa tradicional é a grande aposta do Maio Moço, dizem Vitor Reino e Sérgio Contreiras

Leite de Vasconcelos. Mas estes instrumentos podem ser construídos e aí reside a esperança de Maio Moço. Tencionam bater à porta da Secretaria de Estado da Cultura para apresentar este projecto, enquanto aguardam que a Comissão das Descobertas concretize todo o estímulo prometido para a saída do LP *Cantigas de Marear*, adquirindo um determinado número de discos.

Nesta edição de *Cantigas de Marear*, os seis intérpretes de Maio Moço já fazem sentir, de algum modo, a influência da música medieval, todavia acham que há muito para bravar em defesa de um património riquíssimo que se foi perdendo. Não trilharam caminhos pioneiros, nem têm essa pretensão. Desejam, no entanto, dar também, o seu contributo, sem nos limitarmos a uma reprodução passiva dos canções reco-

O aspecto instrumental é, sem dúvida, a faceta em que o Maio Moço mais empenhado está de momento, embora não descuide o trabalho das vozes que afinam por uma vontade de qualidade: evidenciando todos os trechos gravados.

A música popular confessa ao DN Vitor Reino e Sérgio Contreiras, e ainda toda como parente pobre da arte, mas vai sendo tempo de despertarmos as pessoas para a riqueza dessa cultura, dando-lha a sentir de uma forma agradável e, se possível, contagiante.

Se ouvirmos *Cantigas de Marear*, dar-nos-emos conta de que Maio Moço está, de facto, apostado em recriar a música tradicional portuguesa, arrancando ao abandono velhas rap-sodias que, de uma maneira geral, são desconhecidas do público.

M. A. S.



Seis elementos integram o grupo musical Maio Moço, que acaba de lançar no mercado discográfico «Cantigas de Marear»

20 cm 18.12.88

JOVENS DO PRINCÍPIO DO SÉCULO SURPREENDERAM OS ANOS

DIRECTOR: VITOR DIREITO

CORREIO da manhã

SEXTA-FEIRA, 16 DE DEZEMBRO DE 1988 - ANO X - N.º 3526 - PREÇO 50\$00



**Jovens
à moda
dos anos 10
alegraram
o Chiado
dos anos 80**
pág. 20

A Capital 16/11/88

...a que giro", declarou Nuno Viana, de
...a bengala. "Queda particular, porque é uma in-
...a única e porque é um acto que vos
...a do novo o Chiado no nosso Chiado".

A burguesia lisboeta do início do século voltou ao Chiado
através dos alunos da Escola Secundária D. Maria I

GO

santa Catarina, pela dinamiza-
...o Chiado porque isto lá o re-
...o. O produto obtido
...a venda das flores e frutos
...a integralmente o favor
...a do Chiado. O
...a esclareceu aquele
...a da Junta de Fregue-
...a de Santa Catarina.

Texto: Fernanda Bueno
Fotos: Carlos Almeida

Os jovens, na Brasileira, gr-
...a e acabaram a chi-
...a dos capéis



Sérgio Stchine, da Junta de
Freguesia de Santa Catarina,
...a dos alunos da
...a Secundária D. Maria
...a que prontamente se iniciou,
...a para participar nesta iniciativa,
...a que aliás teve grande aceitação
...a por parte dos jovens. - adan-

Nesta acção da Junta de
Freguesia de Santa Catarina
participaram ainda a Associa-
ção Portuguesa de Museologia
que forneceu aos jovens docu-

Uma vendeladora apanhava
flores. São só 150 (escudinhos)
...a e os alunos da
...a. Eram
...a bonitas, tão vivazes. Eram
...a rosas e cravos em pequenos
bouquets. "Isto está mau, p'ró
negócio", lamentava-se. No
entanto, muitos alunos da
...a deram o dinheiro de flores na
...a. "Ora, é a concorrência.
Porque eu ainda não vendi
quasi nada", adiantava.

Onem à tarde o Chiado foi

manutenção da ordem. "É fácil
manter a ordem. Não temos
ocorrências a desobedecerem
...a. Quanto baloçavam o
"cassete".
Palavras ditas e eis que três
operários no desemprego,
começas a "malhar bocas"
...a nos jardins que os
...a guardas "foram-se" e eles de
cassetele em riste e só não fo-
ram parar à esquadra porque



CHIADO RENASCIDO

O Chiado está a ser animado por várias iniciativas de índole artística e cultural, como ontem aconteceu com alunos da Escola Secundária D. Maria I, que fizeram reviver os bons velhós tempos. Graça, simpatia e solidariedade foram as características desta reconstituição da vida no Chiado de outras eras

Págs. 20 e 21



Documento 27

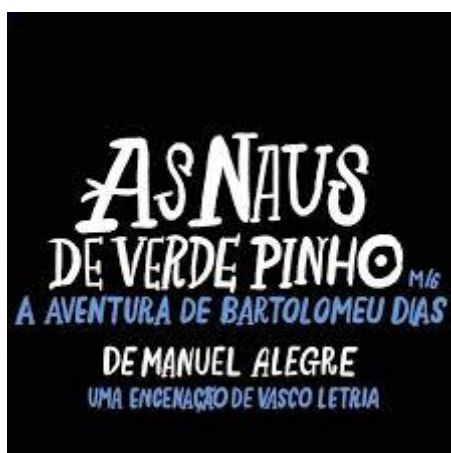
“As Naus de Verde Pinho”, peça de teatro que tem lugar no Mosteiro dos Jerónimos.

Folhetos informativos da peça de teatro “As Naus de Verde Pinho”, que tem lugar no Mosteiro dos Jerónimos. In:

<https://www.facebook.com/focolunar/posts/1522572437841304/> (2019)

<https://pumpkin.pt/passatempos/passatempo-as-naus-verde-pinho/> (2019)

<https://www.focolunar.com/as-naus-de-verde-pinho/> (2019)





AS NAUS DE VERDE PINHO ^{M/6} A AVENTURA DE BARTOLOMEU DIAS

DE MANUEL ALEGRE
UMA ENCENAÇÃO DE VASCO LETRIA

Em cena no Museu Nacional de Arqueologia, Mosteiro dos Jerónimos.
Um espectáculo baseado no livro homónimo, recomendado pelo
Plano Nacional de Leitura.



SESSÕES ESCOLA
terça a sexta 10h30 e 14h30
SESSÕES FAMÍLIA
domingos 16h

TEXTO ORIGINAL Manuel Alegre **CRIAÇÃO E ENCENAÇÃO** Vasco Letria
ACTOR Zé Pedro Ramos **ACTRIZ E SOPRANO** Beatriz Costa
DIRECÇÃO MUSICAL Gabriel Gomes **MOVIMENTO** Paula Careto
CENOGRAFIA E FIGURINOS Bruno Guerra
VIDEOS Carlos Felgueiras e Edgar Alberto
OPERAÇÃO DE LUZ E SOM Filipa Marecos
DIRECÇÃO DE PRODUÇÃO Inês Sá Ribeiro

reservas@focolunar.com
916 762 706 | 931 764 975
www.focolunar.com



PATRIMÓNIO CULTURAL



SPAUTORES



ANTENA 1



publiTaxis emPark

Documento 28

Programa de visitas do Palácio Marquês de Pombal (2016-2017)

Arquivo da Divisão de Cultura do Palácio Marquês de Pombal

1. Levantamento de visitantes e atividades SEAPMP (2016-2017)
2. Programa SEAPMP 2017
3. “Venha viver o século XVIII” – Recriação histórica, divulgação

Palácio Marquês de Pombal

Uma Casa, Muitos Mundos

2016 – 2017

O concelho de Oeiras conta entre os seus bens patrimoniais com um espaço singular e representativo da arquitetura e da paisagem setecentista: a Quinta de Recreio do Marquês de Pombal, em Oeiras.

Em 2016 foi criado o Serviço Educativo e de Animação do PMP e a proposta de programação emanou da missão e objetivos desenhados para este Serviço.

Missão do PMP

Gestão, conservação, investigação e dinamização, sensibilizando para a importância da preservação da memória e do património enquanto valores intrínsecos para a construção e passagem de conhecimento.

Missão do SEA PMP

Sensibilizar o público para a importância do Palácio Marquês de Pombal e da sua preservação enquanto repositório de memória e conhecimento de uma época. Estimular novas formas de fruição desta casa propondo relações com a contemporaneidade, num programa norteado em três áreas de atuação: **Educação, Reflexão e Animação.**

Objetivos do SEA PMP

- Estímulo ao conhecimento e à interpretação de narrativas, códigos e linguagens das componentes: iconográfica, artística, decorativa, arquitetónica e histórica do Palácio e Jardins
- Sensibilização para a valorização e preservação do património
- Estímulo à reflexão crítica, à discussão e ao debate com vista à formação de públicos
- Promoção de uma oferta diversificada e emergente do espaço e potenciadora de uma identidade programática de carácter *site specific*, expressa na:
 - Promoção de uma oferta educativa, regular e contínua :
 - num programa de exposições de arte contemporânea, subordinadas ao tema programar o vazio
 - numa programação de animação de carácter informal e lúdica, potenciadora de novos hábitos de fruição do espaço e de novos públicos

A programação desenvolveu-se através da seguinte tipologia de ação:

- Exposições de arte contemporânea
- Oficinas, ou visita-oficina de artes plásticas, arquitetura, expressão corporal, desenho científico e contos.
- Visitas: orientadas, circuito, encenadas e temáticas;

- Espetáculos de fantoches, de música e de dança
- Cursos e Conferências

Programação de 2016-17

Áreas de atuação: Educação, Reflexão e Animação

Programação

A Avaliação feita ao programa de 2016, constatou:

- Visitas Encenadas: Procura superior à oferta, com uma taxa de participação sempre superior a 100%.
- Programação Escolas: ótima receção, principalmente no que diz respeito às visitas encenadas;
- Oficinas: não registaram procura esperada, nomeadamente ao fim de semana
- Recriação histórica: revelou-se a principal motivação dos visitantes deste espaço;
- O programa expositivo: revelou ser uma motivação secundária na procura do espaço

Neste seguimento, em 2017 o programa regular foi alvo de alguns ajustes, que se traduziram na redução da área expositiva, no número de oficinas para público familiar e reforço do enfoque da recriação histórica com o desenvolvimento do programa complementar – Venha Viver o Século XVIII.

Através deste programa procuramos promover, de uma forma lúdica, conhecimentos sobre aspetos da vida da figura do Marquês de Pombal, a história desta casa, de quem nela habitou e o contexto histórico e social do século XVIII.

Programa regular e de continuidade

- Exposições – Faculdade de Belas Artes
- Visitas: Orientada ao Palácio e jardins
 - Circuito Palácio, Adega e Lagar
 - Encenada Histórias em Cena
 - Encenada Pela Mão de Leonor Daun
 - Temática No Palácio com José Meco
- Oficinas - Artes plásticas, arquitetura e dança criativa
- Edições: Visita Jogo [a operacionalizar em março de 2018]
Guia para visita autónoma [a operacionalizar em março de 2018]
- Cursos, conversas e conferências:
 - Curso Livre – Em Torno do Mobiliário do Século XVIII – O caso do Palácio Marquês de Pombal.
 - Ciclo de Conferências - Arquitetura e Urbanismo da época Pombalina (parceria Espaço e Memória)

Público-alvo

Escolas, Famílias, Jovens e adultos

Programa complementar

- Recriação Histórica – Venha Viver o Século XVIII
- Retratos da Vida Quotidiana do século XVIII
- Visitas encenadas
- Saraus Musicais e Poéticos do século XVIII
- Teatro – O Francês em Londres

Público-alvo

M12, Jovens e adultos (Teatro); Crianças a partir dos 6 anos, jovens e adultos (Retratos da vida Quotidiana), crianças jovens e adultos (visitas encenadas)

2016**Programa regular e de continuidade**

Ação	Nº. de ações	Nº. participantes	Publico alvo
Visitas (orientada, circuito e temática)	73	2073	Jovens, adultos e Escolas
Visitas encenadas (Histórias em Cena e Pela mão de Leonor Daun)	27	707	Crianças, jovens, adultos e Escolas
Espetáculos	9	347	Famílias e Escolas
Oficinas	14	331	Famílias e Escolas
Exposição	3	5414 (valor correspondente ao numero total de visitantes durante o período em que as exposições decorreram)	
total	126	8872	

2017**Programa regular e de continuidade**

Ação	Nº. de ações	Nº. participantes	Publico alvo
Visitas (orientada, circuito e temática)	90	2470	Jovens, adultos e Escolas
Visitas encenadas (Histórias em Cena e Pela mão de Leonor Daun)	37	1005	Crianças, jovens e adultos e Escolas
Oficinas	14	403	Escolas e Famílias
Exposição	1	1122 (valor correspondente ao numero total de visitantes durante o período em que as exposições decorreram)	
Total parcial	142	5000	

Programa complementar

Programa de Recriação Histórica – Venha Viver o Século XVIII			
Ação	Nº. de ações	Nº. participantes	Publico alvo
Teatro O Francês Em Londres	5	337	M12
Retratos comentados da Vida Quotidiana do Séc. XVIII +Sarau musical e poético	7	360	Crianças a partir dos 6 anos, jovens e adultos

Retratos da vida quotidiana do século XVIII (composto por duas visitas encenadas)	7	435	Crianças, jovens e adultos
Total parcial	26	1132	

Total 2017	6132
------------	------

algumas imagens ...



Oficina banquete dançante (2016)



Mini opera – A Vida de Josefina (2016)



Oficina Era Uma vez na casa do Marquês (2016)



Teatro – O Francês em Londres (2017)



Recriação Histórica - Retratos da vida quotidiana do século XVIII (2017)



Visita encenada – Histórias em cena (2017)



Conferência – Cultura política na época pombalina
(2016)



Lançamento de livro A Vida e Obra de Marquês de Pombal
(2016)



Recriação Histórica – Sarau musical e poético (2017)



Visita temática (2016)



Visita encenada (2016)



Jogos Tradicionais (2016)



Recriação histórica – Sarau musical e poético (2017)



Musica e histórias – Embalos (2016)



Recriação histórica – Retratos da Vida quotidiana do século XVIII (2017)



Oficina – Presépio no arvoredado (2016)



Exposição- Becoming water (2016)



Exposição – O Palácio vai Nú (2016)



Exposição – O Palácio vai Nú (2016)



Teatro de fantoches – Alfeu e Aretusa (2016)



Espetáculo – Sustenida (2016)



Espetáculo – Sustenida (2016)



Visita orientada (2017)



Visita orientada (2017)

Palácio Marquês de Pombal

Uma Casa, Muitos Mundos

Programação do Serviço Educativo e de Animação 2017

VISITAS ORIENTADAS

Palácio e jardins

Visita que propõe um percurso pela história e arquitetura deste Palácio, através da qual será feito, também, destaque ao extraordinário conjunto de artes decorativas que o compõem e o singularizam. E porque o jardim constitui um verdadeiro salão ao ar livre, indissociável da imponência desta casa, também será feito um percurso pelos seus principais eixos, com destaque para a Cascata dos Poetas.

Conceção e orientação: Alexandra Silva, Alexandra Fernandes e Sara Duarte.

TERÇA-FEIRA – 14h30-16h00

3,10,17,24 e 31 de janeiro
7,14,21 de fevereiro
7,14,21 e 28 de março
4, 11 e 18 de abril
9, 16, 23, 30 de maio
6, 13, 20 e 27 de junho
4, 11, 18 e 25 de julho
1, 8, 15, 22 e 29 de agosto
5, 12, 19 e 26 de setembro
3, 10, 17, 24 e 31 de outubro
7, 14 e 21 e 28 de novembro
5, 12 e 19 de dezembro

Público- alvo: Jovens e adultos
Lotação: Min. 10 – Máx. 25
4,00€

Sujeito às condições de acesso.
Não sujeito a marcação prévia

QUINTA-FEIRA – 10h30-12h00

5, 12, 19 e 26 de janeiro
2, 9, 16 e 23 de fevereiro
2, 9, 16, 23 e 20 de março
20 e 27 de abril
11, 18, 25 de maio
8, 15, 22 e 29 de junho
6, 13, 20 e 27 de julho
3, 10, 17, 24 e 31 de agosto
7, 14, 21 e 28 de setembro
12, 19 e 26 de outubro
2, 9, 16, 23 e 30 de novembro
7, 14, 21 e 28 de dezembro

Público-alvo: Escolas - 2º. e 3º. Ciclo e Secundário e grupos organizados.
Lotação: Min. 10 – Máx. 25/
Escolas - 1 turma
Escolas - 4,00€ / gratuito

Sujeito a marcação prévia e às condições de acesso.

SÁBADO – 11h00 – 12h30

7 de janeiro
4 de fevereiro
4 de março
1 de abril
3 de junho
1 de julho
5 de agosto
2 e 23 de setembro
7 de outubro
4 de novembro
2 e 9 de dezembro

Público-alvo: Jovens e adultos
Lotação: Min. 10 – Máx. 25
€4,00

Sujeito a marcação prévia e às condições de acesso.

Circuito – Palácio, Adega e lagar

No decorrer desta visita será possível conhecer a história desta Casa, através de um percurso pelas suas principais salas, passando para o exterior, onde serão visitados alguns dos equipamentos relacionados com a produção da quinta, que constitui uma vasta propriedade planeada e desenvolvida para a produção agrícola e para recreio. O Palácio, o jardim, o Lagar de Azeite, a Adega e o Celeiro constituem as estruturas principais da designada Quinta de Baixo. A visita terminará na Adega com uma prova do vinho generoso que aqui se produzia, hoje o *Villa Oeiras*.

Conceção e orientação: Sara Duarte

SÁBADO - 14h30 – 16h30

28 de janeiro

25 de fevereiro

25 de março

29 de abril

27 de maio

24 de junho – 10h30-12h30

29 de julho

26 de agosto

30 de setembro

28 de outubro

25 de novembro

9 de Dezembro

Público-alvo: Jovens e adultos

Lotação: Min.10 – Máx. 25

8,00

Sujeito a marcação prévia e às condições de acesso.

VISITAS ENCENADAS

Histórias em Cena

Jocelina, uma criada, atrevida e curiosa, é surpreendida com a chegada de convidados que não esperava. Mais dada à conversa do que ao trabalho que a sujeita, conduz o grupo através dos diversos espaços da casa, que tão bem conhece, desvelando a vida e histórias de seus amos, que se encontram fora. Mas há quem esteja ocupado a preparar um serão dedicado aos donos da casa. Entre a poesia e os jogos nos jardins, o público é chamado a testemunhar e até a participar nestas diversões próprias das quintas de recreio do século XVIII.

Conceção e orientação: Sons e Ecos

TERÇA-FEIRA – 10h30 -12h00

17 e 31 de janeiro

14 de fevereiro

21 de março

16 e 30 de maio

16 e 30 de maio

20 de junho

19 de setembro

3 e 17 de outubro

7 e 21 de novembro

SÁBADO – 15h00-16h30

14 de janeiro

18 de fevereiro

11 de março

22 de abril

17 de junho

15 de julho

19 de agosto

16 de setembro

21 de outubro

12 de dezembro

Público-alvo : Escolas –1º, 2º, e 3º. Ciclo e Secundário

Lotação: 1 Turma

Gratuito

Sujeito a marcação prévia.

18 de novembro

Público-alvo: Crianças a partir dos 6 anos, jovens e adultos

Lotação: Min. 10 – Máx. 40
5,00€

Sujeito a marcação prévia e às condições de acesso

Pela Mão de Leonor Daun

Visita encenada, acompanhada por D. Leonor Daun, mulher do marquês de Pombal e mãe dos seus filhos. Será uma oportunidade única para dar a conhecer este espaço pelos olhos iluminados de uma senhora estrangeira. Na visita será dado maior enfoque às diferenças entre cortes por ela vivenciadas, à vida familiar progressista e amorosa que promoveu até ao fim, aos elementos decorativos que definiu para esta casa, aos seus gostos particulares, desde o jogo, ao Vinho de Oeyras, passando por todas as alterações sociais que defendeu.

Conceção e orientação: Sara Duarte.

QUARTA-FEIRA - 15h00 - 16h30

1 de março

10 e 24 de maio

7 e 28 de junho

5 e 19 de julho

23 de Agosto

6 e 20 de setembro

4 e 18 de outubro

8 e 22 de novembro

6 e 20 de dezembro

Público-alvo: Jovens e adultos

Lotação: Min. 10 – Máx. 25

5,00€

Sujeito a marcação prévia e às condições de acesso

SEXTA-FEIRA – 18h30 - 20h00

26 de maio

30 de junho

21 de julho

25 de agosto

29 de setembro

SÁBADO – 15h00 - 16h30

21 de janeiro

11 de fevereiro

8 de abril

10 de junho

9 de setembro

14 de outubro

11 de novembro

CONVERSAS TEMÁTICAS

No Palácio com José Meco

Visitas orientadas em torno do Palácio Marquês de Pombal, que procurarão dar a conhecer todo este espaço monumental do Palácio, dos jardins e da antiga Quinta de Cima (onde se situam algumas joias artísticas, como o jardim e cascata da Casa da Pesca, a Fonte do Ouro ou o impressionante pombal) ainda hoje forma um extraordinário conjunto arquitetónico, paisagístico e decorativo que ocupa uma posição primordial dentro do património artístico e histórico português.

Conceção e orientação: José Meco

QUARTA-FEIRA – 11h00 – 13h00

7 de junho — O Património Azulejar no Palácio

DOMINGO – 15h00 – 17h00

12 de fevereiro – Os azulejos do Palácio

9 de abril - o plácio na Vila – Urbanismo e Arquitetura

9 de julho – Os Estuques no Palácio

10 de setembro – A Quinta de Cima

12 de novembro – a pintura e a escultura no Palácio

Público-alvo: Jovens e adultos

Lotação: Min. 10 – Máx. 25

5,00€

Descontos: 25% Estudantes, bolseiros, investigadores e mais de 65 anos (mediante apresentação de comprovativo)

sujeito a marcação prévia

OFICINAS

Artes plásticas

Desenhar no Palácio

Oficina de desenho que propõe a partir de uma leitura dos vários elementos do Palácio Marquês de Pombal, trabalhar o desenho como uma ferramenta de expressão e linguagem individual. Os exercícios desenvolvidos nesta oficina exploram várias técnicas e materiais básicos do desenho através do qual, o participante explora a sua capacidade criativa, cognitiva e intelectual.

Conceção e orientação: Sílvia Gonçalves

TERÇA-FEIRA – 10h30 – 12h00

27 de junho

18 de julho

Público-alvo: 1º e 2º Ciclo

Lotação: 1 turma

Gratuito

sujeito a marcação prévia

SÁBADO – 11h00-12h30

22 de abril

27 de maio

22 de julho

Público-alvo: crianças a partir dos 8 anos, jovens e adultos

Lotação: Min. 10 – Máx. 25

€3,00

Descontos: 25% Bilhete Família (1 adultos para cada duas crianças)

Mobilar o Palácio

Oficina de escultura que parte de um desafio proposto aos participantes através de uma pequena história e que lhes propõe a experiência de, partindo do vazio de mobiliário, pensar e construir o espaço do Palácio Marquês de Pombal. Foi descoberto o último descendente vivo do Marquês de Pombal e está para chegar ao palácio dentro de uma semana...não existe mobiliário e ele vai querer saber porquê. Pensar o espaço, pensar o objeto, experienciar o confronto da ideia, do desenho, do esboço com a obra concretizável e concretizada.

Conceção e orientação: Sílvia Gonçalves

TERÇA-FEIRA – 10h30 – 12h00

12 de setembro

24 de outubro

5 de dezembro

Público-alvo: 1º e 2º. Ciclo

Lotação: 1 turma

Gratuito

sujeito a marcação prévia.

SÁBADO – 11h00 12h30

30 de setembro

Público-alvo: crianças a partir dos 8 anos, jovens e adultos

Lotação: Min. 10 – Máx. 25

€3,00

Descontos: 25% Bilhete Família (1 adultos para cada duas crianças)

Visita à casa do Marquês – a Biblioteca

Na casa do Marquês há muitas salas diferentes e todas elas têm histórias para contar. Nesta visita/oficina vamos conhecer a sala do conhecimento, onde em tempos, se diz ter existido uma biblioteca muito singular. Vamos conhecer as Musas que ali habitam e falar dos livros especiais que ali existiam e depois inspirados por estas histórias vamos também nós criar uma obra coletiva. Recorrendo a diferentes materiais e técnicas simples vamos pensar o objeto livro a partir do ponto de vista das artes plásticas e criar um verdadeiro “livro de artista”. Uma atividade onde aprendemos com “as mãos” enquanto reflectimos sobre o que é um livro de artista, ou se um livro poderá também ser uma escultura?

Conceção e orientação: Carla Rebelo

TERÇA-FEIRA – 10h30 – 12h00

24 de janeiro
7 e 21 de fevereiro
23 de maio
6 de junho

26 de setembro
31 de outubro
14 de novembro

Público-alvo: 1º e 2º Ciclo

Lotação: 1 turma

Gratuito

Sujeito a marcação prévia

SÁBADO – 11h00 – 12h30

25 de fevereiro
28 de outubro

Público-alvo: famílias com crianças dos 6 aos 12 anos

Lotação: Min. 10 – Máx. 20

3,00€

Descontos: 25% Bilhete Família (1 adulto para cada duas crianças)

Dança Criativa

A dançar e a rodopiar, um jantar na casa do Marquês vamos inventar

Oficina dança criativa inspirado/concebido na simbologia do Palácio Marquês de Pombal, que pretende dar a conhecer o espaço através do movimento, potenciando sensações, emoções, risos, gargalhadas, entusiasmo, brincadeira e diversão.

Os participantes são convidados a observarem performances ilustrativas de alguns dos vários espaços percorridos, mas também a entrarem no mundo do movimento, a interpretar/ler o espaço através do da dança.

Conceção e orientação – Ana Santos e Hugo Silva

TERÇA-FEIRA – 10h30 – 12h00

28 de março
9 de maio
13 de junho
4 e 25 de julho

5 de setembro
10 de outubro
19 de dezembro

Público-alvo: Escolas - 1º Ciclo

Lotação: 1 turma

Gratuito

SÁBADO - 11h00-12h30

25 de março
24 de junho
25 de novembro

Público-alvo: Famílias com crianças dos 6 aos 9 anos

Lotação: Min. 10 – Máx. 20

€3,00

Descontos: 25% Bilhete Família (1 adultos para cada duas crianças)

sujeito a marcação prévia.

CURSO

Em torno do Mobiliário do Século XVIII – o caso do Palácio Marquês de Pombal

Conceção e orientação: Isabel Mendonça

Formadores: José Meco, Graça pedroso e David Lopes

Com a venda do palácio do marquês de Pombal e do seu recheio, em 1939, dispersou-se todo o mobiliário que durante quase dois séculos decorou os seus interiores. Pretende-se com este curso livre, não só reconstituir algumas dessas peças, a partir da documentação, mas também caracterizar o mobiliário de uma casa senhorial portuguesa em meados do século XVIII.

14 e 21 de outubro (SÁBADO) – 10h00 – 13h00 / 14h30 – 17h30

Público-alvo: jovens e adultos

Lotação: 50

Valor de ingresso: 20,00€ - o pagamento pode ser efetuado na Loja do Palácio Marquês de Pombal, Largo Marquês de Pombal, Oeiras. Das 10h00 às 18h00, de terça-feira a domingo ou por Transferência bancária (desde que seja previamente confirmada pelo serviço a existência de vagas e que no ato da transferência seja enviado o respetivo comprovativo para ana.miranda@cm-oeiras.pt, acompanhado com o nome, a morada, o número de contribuinte e a designação do curso em que se inscreve)

CONFERÊNCIAS

Ciclo de conferências - Arquitetura e Urbanismo na Época Pombalina

Contributos e reflexões em torno dos projetos e iniciativas arquitetónicas do iluminismo português, que teve a sua figura de referência, enquanto intérprete político, na pessoa do 1º Conde de Oeiras e 1º. Marquês de Pombal, Sebastião José de Carvalho e Melo. Um percurso no tempo do pós terramoto de 1755, que começa em Lisboa e nas terras próximas de Oeiras e Paço de Arcos, que depois se estende para o resto do país.

Conceção e orientação: Associação Cultural Espaço e Memória

QUINTA-FEIRA – 18h30-20h00

12, 19 e 26 de outubro

2, 9, 16, 23 e 30 de novembro

7 e 14 de dezembro

Público-alvo – jovens e adultos

Lotação: 15 – 50

gratuito

sujeito a marcação prévia.

MÚSICA

Concerto didático

O compositor e a sua obra

DOMINGO- 11h00 – 12h30

21 de maio -SCHOSTAKOVICH

18 de junho - MENDELSSOHN

16 de Julho - L. V. BEETHOVEN

17 de Setembro – J. BRAHMS

1 de Outubro - A. VIVALDI

19 de Novembro - FR. SCHUBERT

17 de Dezembro – A. PIAZZOLA

Direção Artística e Comentários: Maestro Nikolay Lalov; Solistas da OCCO

Público-alvo: a partir dos 6 anos

Gratuito, sujeito a levantamento de senha 1 hora antes do espetáculo

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES

A participação nas atividades requer inscrição prévia.

Recepção | bilheteira do Palácio Marquês de Pombal (terça a domingo, 10h00 às 18h00)

tel. 214430799 | servicoeducativo.palacio@cm-oeiras.pt

EDIÇÕES

Guia familiar

Descobrir e colorir – O Património dos jardins - Como se brincava no Palácio Marquês de Pombal

Um Mapa, muitas pistas e várias surpresas. Este é o mote para o jogo de pista que se propõe e que permitirá conhecer de forma divertida o jardim do Palácio.

Conceção: Alexandra Fernandes, Joana Dias e Lisete Carrondo

Público-alvo : famílias com crianças dos 7 aos 11 anos

2,00€

Disponível na Loja do Palácio

EXPOSIÇÕES

Do Convento para o Palácio

alunos de escultura da Faculdade de Belas Artes de Lisboa

Inaugurada a 11 de Março no Palácio Marquês de Pombal, a exposição Do Convento ao Palácio, surgiu do convite da Câmara Municipal de Oeiras à Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, dando continuidade a uma parceria já longa que potencia uma dinâmica de apoio e incentivo aos alunos finalistas de escultura.

À semelhança do ano anterior o Palácio Marquês de Pombal e Jardins, é uma vez mais, o local escolhido para a apresentação dos trabalhos desenvolvidas pelos alunos, ao longo de dois semestres, num exercício de reflexão e reinterpretação desta casa. São várias as leituras propostas e a materialização no espaço ocorre ao longo do circuito visitável e jardins, com a apresentação de trinta e quatro peças.

Esteve projeto é, pela sua natureza, um desafio que nos é proposto, enquanto fruidores deste espaço, a descobri-lo de outras formas. Num exercício de desconstrução e reinterpretação a exposição Do Convento Ao Palácio habita o vazio desta casa até 9 de Abril 2017.

PROGRAMA DE RECRIAÇÃO HISTÓRICA Venha Viver o Século XVIII

O Palácio do Marquês de Pombal encerra um dos mais valiosos legados históricos da segunda metade de setecentos. Das artes decorativas, que nos dão uma visão detalhada da vida e dos costumes naquele período, aos hábitos de uma família única no contexto português.

No programa – Venha Viver o século XVIII, que decorrerá ao longo do ano, através da representação de uma peça de teatro – **O Francês em Londres**, dos **Retratos da Vida quotidiana do século XVIII** e dos **Retratos comentados e Sarau musical e poético do século XVIII**, propomos uma viagem a uma das casas onde mais se promoveu a cultura e a sociabilidade na época.

TEATRO - O FRANCÊS EM LONDRES de M. Boissy

A peça *O Francês em Londres*, de Louis de Boissy, foi levada à cena inúmeras vezes durante o século XVIII e representada no Palácio Marquês de Pombal, em Oeiras, no dia do aniversário do Marquês a 13 de Maio de 1767. Trata-se de uma comédia em um

ato, que dá ênfase a características sociais e culturais da época, pondo em confronto a cultura e os costumes franceses e ingleses, no século XVIII, através da tipificação das figuras. O enredo simples revela-nos um precioso retrato deste período, em que os usos e a moda franceses dominavam a Europa, não sem soberba. É entre a cortesia francesa e o bom senso inglês que o texto e as figuras se debatem. Através do cómico gerado pelo confronto entre costumes muito distintos, esta peça oferece uma valiosa lição sobre aspetos culturais e sociais do século XVIII, que, também em Portugal, geraram controvérsia.

Encenação: Alfredo Pereira Nunes / **Interpretação:** Alfredo Pereira Nunes; Flávia Lopes; Inês Carvalho; João Mais; Cláudio Pereira; Miguel Brás; Miguel Moisés / **Cenografia e figurinos:** Sons & Ecos, Lda. / **Tradução e adaptação:** Raquel Alves Coelho / **Som:** Anaïs Le Saux / **Produção:** Sons & Ecos, Lda. / **Coordenação do projeto:** Raquel Alves Coelho

SÁBADO – das 21h30 às 23h00

13 MAI | 26 AGO | 25 NOV

QUARTA-FEIRA – das 21h30 às 23h00

7 JUN

DOMINGO – das 21h30 às 23h00

9 DEZ

Público-alvo: Jovens e adultos

Valor de ingresso: 12,00€

Descontos: 25% bilhete de grupo (a partir de 4 pessoas)

M 12 (Não é permitida a entrada de crianças menores de 6 anos)

Não existe marcação de lugar na sala

Sujeito à lotação da Sala

Entrada condicionada após o início do espetáculo

RETRATOS DA VIDA QUOTIDIANA DO SÉCULO XVIII

Os - "Retratos da vida quotidiana do século XVIII" - consistem na recriação de cenas, às quais os atores darão vida, abordando algumas das temáticas ilustrativas das vivências no palácio na segunda metade deste século das Luzes.

A família, os amigos, os criados encontram-se pelos vários espaços da casa, ocupados nas suas atividades quotidianas. O que fazem? - O que dizem? - Em que se ocupam e como se divertem? Quais as suas preferências e incumbências no quadro social e cultural do seu tempo?

DOMINGO – das 15h00 às 18h00

14 MAI | 25 JUN | 30 JUL | 27 AGO - O

Amor e o casamento

24 SET | 29 OUT | 26 NOV - Vestuário e etiqueta

25 FEV 2018 - Festas e alimentação

Conceção: Sons & Ecos

Público-alvo: Crianças, jovens e adultos

Valor de ingresso: 3,00€

RETRATOS COMENTADOS E SARAU MUSICAL E POÉTICO DO SÉCULO XVIII

Alguém está atento a quem chega ao palácio. Será esta a personagem que, num percurso comentado pelas salas com os retratos, revelará os segredos, os costumes, as conversas, o espírito da casa e da época do marquês de Pombal. Deixe-se levar nesta viagem, que culminará com um sarau musical e poético tão em voga no século das Luzes.

Os saraus, as partidas e as assembleias constituíam as principais manifestações de mundanidade e cultura nos palácios portugueses deste tempo. Ao longo do ano, serão três as temáticas a explorar: - "O Amor e o casamento"; - "Vestuário e etiqueta"; - "Festas e alimentação".

DOMINGO – das 15H30 às 18H30

14 MAI | 25 JUN | 30 JUL | 27 AGO - O Amor e o casamento

24 SET | 29 OUT | 26 NOV - Vestuário e etiqueta

28 JAN | 25 FEV - Festas e alimentação

Conceção e orientação: Sons & Ecos

Com a participação do Sintra Estúdio de Ópera

Público-alvo: Crianças a partir dos 6 anos, jovens e adultos

Valor de ingresso: 8,00€

Descontos: 25% bilhete de grupo (a partir de 4 pessoas)

Sujeito à lotação do espaço

RETRATOS COMENTADOS, SARAU MUSICAL E POÉTICO DO SÉCULO XVIII + TEATRO O FRANCÊS EM LONDRES 15,00€

INFORMAÇÕES

Ligue 1820 (24 horas)

Receção | bilheteira do Palácio Marquês de Pombal (3ª. Feira a domingo, das 10h00 às 18h00). tel. 214430799 | servicoeducativo.palacio@cm-oeiras.pt e www.cm-oeiras.pt. Morada: Largo Marquês de Pombal, 2784-501 Oeiras.

LOCAIS DE VENDA: Receção/Loja do Palácio Marquês de Pombal (Tel. 214 430 799): 3ª. Feira a domingo, das 10h00 às 18h00;

CAMB – Centro de Arte Manuel de Brito (214 111 400); **CCPE** – Centro Cultural Palácio do Egipto (214 408 781);

Receção/Loja da Fábrica da Pólvora de Barcarena (210 977 420).

Ticketline (Sede): 2ª a 6ª Feira, das 11h00 às 20h00; Sábados, das 13h00 às 20h00;

www.ticketline.sapo.pt, Fnac, Worten, El Corte Inglés, C. C. Dolce Vita, Casino Lisboa, Galerias Campo Pequeno, Ag. Abreu, A.B.E.P., MMM Ticket e C. c. Mundicenter, Fórum Aveiro, U-Ticketline, C.C.B, Time Out Mercado da Ribeira, Shopping Cidade do Porto, Lojas NOTE, SuperCor – Supermercados e ASK ME Lisboa.

VENHA VIVER O SÉC.XVIII



RECRIAÇÃO HISTÓRICA

O Palácio do Marquês de Pombal encerra um dos mais valiosos legados históricos da segunda metade de setecentos. Das artes decorativas, que nos dão uma visão detalhada da vida e dos costumes naquele período, aos hábitos de uma família única no contexto português.

No programa – Venha Viver o século XVIII, que decorrerá ao longo do ano, através da representação de uma peça de teatro – O Francês em Londres, dos Retratos da Vida quotidiana do século XVIII e dos Retratos comentados (visita encenada) e Sarau musical e poético do século XVIII, propomos uma viagem a uma das casas onde mais se promoveu a cultura e a sociabilidade na época.

TEATRO - O FRANCÊS EM LONDRES de M. Boissy

A peça *O Francês em Londres*, de Louis de Boissy, foi levada à cena inúmeras vezes durante o século XVIII e representada no Palácio Marquês de Pombal, em Oeiras, no dia do aniversário do Marquês a 13 de Maio de 1767. Trata-se de uma comédia em um ato, que dá ênfase a características sociais e culturais da época, pondo em confronto a cultura e os costumes franceses e ingleses, no século XVIII, através da tipificação das figuras. O enredo simples revela-nos um precioso retrato deste período, em que os usos e a moda franceses dominavam a Europa, não sem soberba. É entre a cortesia francesa e o bom senso inglês que o texto e as figuras se debatem. Através do cómico gerado pelo confronto entre costumes muito distintos, esta peça oferece uma valiosa lição sobre aspetos culturais e sociais do século XVIII, que, também em Portugal, geraram controvérsia.

Encenação: Alfredo Pereira Nunes / **Interpretação:** Alfredo Pereira Nunes; Flávia Lopes; Inês Carvalho; João Mais; José Redondo / Rúben Dias; Miguel Brás; Miguel Moisés / **Cenografia e figurinos:** Sons & Ecos, Lda. / **Tradução e adaptação:** Raquel Alves Coelho / **Som:** Anaïs Le Saux / **Produção:** Sons & Ecos, Lda. / **Coordenação do projeto:** Raquel Alves Coelho

SÁBADO – das 21h30 às 23h00

13 MAI | 26 AGO | 16 DEZ

QUARTA-FEIRA – das 21h30 às 23h00

7 JUN

DOMINGO – das 21h30 às 23h00

17 DEZ

Público-alvo: Jovens e adultos

Valor de ingresso: 12,00€

Descontos: 25% bilhete de grupo (a partir de 4 pessoas)

M 12 (Não é permitida a entrada de crianças menores de 8 anos)

Não existe marcação de lugar na sala

Sujeito à lotação da Sala

Entrada condicionada após o início do espetáculo

RETRATOS DA VIDA QUOTIDIANA DO SÉCULO XVIII

Os - "Retratos da vida quotidiana do século XVIII"- consistem na recriação de cenas, às quais os atores darão vida, abordando algumas das temáticas ilustrativas das vivências no palácio na segunda metade deste século das Luzes.

A família, os amigos, os criados encontram-se pelos vários espaços da casa, ocupados nas suas atividades quotidianas. O que fazem?- O que dizem? - Em que se ocupam e como se divertem? Quais as suas preferências e incumbências no quadro social e cultural do seu tempo?

DOMINGO – das 15h00 às 18h00

14 MAI | 25 JUN | 30 JUL | 27 AGO - O Amor e o casamento

24 SET | 29 OUT | 26 NOV - Vestuário e etiqueta

17 DEZ - Festas e alimentação

Conceção: Sons & Ecos

Público-alvo: Crianças, jovens e adultos

Valor de ingresso: 3,00€

RETRATOS COMENTADOS E SARAU MUSICAL E POÉTICO DO SÉCULO XVIII

Alguém está atento a quem chega ao palácio. Será esta a personagem que, numa visita comentada pelas salas com os retratos, revelará os segredos, os costumes, as conversas, o espírito da casa e da época do marquês de Pombal. Deixe-se levar nesta viagem, que culminará com um sarau musical e poético tão em voga no século das Luzes.

Os saraus, as partidas e as assembleias constituíam as principais manifestações de mundanidade e cultura nos palácios portugueses deste tempo.

DOMINGO – das 15H30 às 18H30
14 MAI | 25 JUN | 30 JUL | 27 AGO - O Amor e o casamento
24 SET | 29 OUT | 26 NOV - Vestuário e etiqueta
17 DEZ - Festas e alimentação

Conceção e orientação: Sons & Ecos
com a participação do Sintra Estúdio
de Ópera

Público-alvo: Crianças a partir dos 6 anos, jovens e adultos
Valor de ingresso: 8,00€
Descontos: 25% bilhete de grupo (a partir de 4 pessoas)
Sujeito à lotação do espaço

RESERVAS/INFORMAÇÕES: Ligue 1820 (24 horas)

RETRATOS COMENTADOS, SARAU MUSICAL E POÉTICO DO SÉCULO XVIII + TEATRO O FRANCES EM LONDRES 15,00€

INFORMAÇÕES: Recepção | bilheteira do Palácio Marquês de Pombal (3ª. Feira a domingo, das 10h00 às 18h00).
tel. 214430799 | servicoeducativo.palacio@cm-oeiras.pt e www.cm-oeiras.pt. Morada: Largo Marquês de Pombal, 2784-501 Oeiras.

LOCAIS DE VENDA: Recepção/Loja do Palácio Marquês de Pombal (Tel. 214 430 799); 3ª. Feira a domingo, das 10h00 às 18h00;

CAMB – Centro de Arte Manuel de Brito (214 111 400); **CCPE – Centro Cultural Palácio do Egipto** (214 408 781);

Recepção/Loja da Fábrica da Pólvora de Barcarena (210 977 420).

Ticketline (Sede): 2ª a 6ª Feira, das 11h00 às 20h00; Sábados, das 13h00 às 20h00;

www.ticketline.sapo.pt, Fnac, Worten, El Corte Inglés, C. C. Dolce Vita, Casino Lisboa, Galerias Campo Pequeno, Ag. Abreu, A.B.E.P., MMM Ticket e C. c. Mundicenter, Fórum Aveiro, U-Ticketline, C.C.B, Time Out Mercado da Ribeira, Shopping Cidade do Porto, Lojas NOTE, SuperCor – Supermercados e ASK ME Lisboa.

Documento 29

Encontros Imaginários

Testemunhos sobre os Encontros Imaginários, recolhidos e atenciosamente cedidos por a ajuda de Jacinto Furtado, com a finalidade de integrarem a presente dissertação.

Sobre os Encontros Imaginários, a opinião de:

Álvaro Laborinho Lúcio (ex-ministro da justiça):

«Vem de longe a minha ligação ao teatro e, por via dele, à Barraca. Quando dirigi o Centro de Estudos Judiciários, levaram à cena perante futuros juízes, essa peça magnífica, suportada numa encenação exemplar, um dia na capital do império. Eram textos históricos da A Barraca. Era já o teatro como lugar de encontro. E o encontro como tópico ou tema. Enquanto isso, Hélder Mateus da Costa, levava mais longe a ideia e o conceito, abrindo o pano para estes exemplares Encontros Imaginários. Interrogava-se, ele próprio, indagando se “com esse pequeno passo seria possível combater o afastamento e guetização do nosso mundo cultural, social e político”. Foi desse modo que, pelos estrados de A Barraca foram passando, cruzando-se entre si e cruzando tempos, pensamentos, palavras, dezenas de figuras da história interpretadas pela sociedade civil. Estes textos, trabalhados de forma transversal no cortejo das várias disciplinas escolares, constituirão, por certo, uma pérola no mar da pedagogia. É este, afinal, mais um contributo de A Barraca e do Hélder, para o avivar da relação íntima que sempre se firmou entre o teatro e a cidadania. Oxalá seja entendido também assim.»

Ricardo Sá Fernandes (advogado):

«São várias as razões que me fazem sentir orgulhoso e feliz por o Hélder me ter escolhido para estas participações nos Encontros Imaginários. Primeira porque são um lugar de cultura num país que a trata tão mal. Segunda porque se trata duma verdadeira acção da sociedade civil, onde gente de todas as profissões e credos, políticos, religiosos ou ideológicos, é chamada a intervir numa festa onde reina a alegria, a boa camaradagem e o conhecimento. Terceiro porque dão aos participantes, actores e

público, a possibilidade de se sentirem melhores pessoas e mais uteis que os outros. Quarta e não menos importante, porque a malta se farta de aprender com aquilo que o Hélder nos ensina.»

Carlos Matos Gomes (Coronel)

«Às vezes lamentamos que estes encontros sejam imaginários, quer os encontros com os nossos personagens quer com os personagens com que nos encontramos à mesa. As conversas são sem censura nem azedume, com a ideia que a História não tem marcha atrás. Pode ter portas e janelas, mas as paisagens de ontem nunca serão as que vemos desfilar. E há também o mestre da conversa que não deixa repintar o que foi feito, nem julgar quem borrou a pintura. Lá apresentar bons exemplos, há sempre um em palco, isso sim. Há uma moral, como em todas as histórias e alguém bom. Ou, no mínimo, que tenha existido no lado bom da História.

Por fim, a Barraca e o Hélder, estão a criar diante das pessoas que são muito diferentes de um público um mundo de interpretações e de interrogações sobre o percurso que a humanidade tem feito até chegarmos ao ponto em que estamos.

Julgo que a cultura é também a que se passa à mesa dos encontros imaginários e diante dela, dos textos ditos pelos que de uma vez se senta nela e noutras diante dela.»

Maria Emília Brederone Santos (Presidente do Conselho Nacional de Educação)

«Uma festa! Acho que os encontros imaginários são, tornaram-se, acima de tudo uma fantástica festa. Uma festa convival, cultural e pedagógica, como são as melhores festas. Com ideias, com debate, com imaginação e com humor.

Os encontros imaginários são também um “work in progress”.

Com o meu vício pedagógico, sugiro também o envolvimento das escolas secundárias, dos grupos de teatro das universidades e politécnicos ou dos centros culturais abertos a todas as idades e onde tão necessário restabelecer o contato, a polémica, a opinião. O debate de ideias para desenvolver o pensamento e educar a cidadania.»

Jacinto Furtado (Presidente da Associação Amadora Passado Presente e Futuro):

«Os Encontros Imaginários, já o tinha confessado a alguns amigos, são o meu santuário, o meu quinzenal retiro espiritual, o espaço onde sinto que carrego baterias, carrego baterias e conhecimento. Através da cuidada escrita do Hélder que, de forma leve mas cuidada, divertida mas muito séria, despretensiosa mas com enorme conteúdo, somos levados numa viagem que é um turbilhão e um constante confronto de ideias esgrimidas sem filtros pelas personagens marcantes da nossa história.

Os textos do Hélder Mateus da Costa têm a virtuosa característica de, mesmo após dias menos bons, conseguirem mudar o meu humor e deixar-me pronto para o próximo desafio.

Têm ainda uma enorme vantagem acrescida nestes Encontros, olhando para o Passado, vê-se Presente e podemos antecipar o Futuro.»

Adelino Gomes (Jornalista, ex-provedor do ouvinte da RDP):

«Que mil Cortes na Aldeia Floresçam...

Este convite permite-me verbalizar em público uma ideia em que batalho desde as primeiras edições desta inspirada iniciativa made in Hélder Costa: a transformação destes encontros numa gigantesca máquina de serões da aldeia. José Saramago num pequeno texto escrito online numa terça-feira (24 de Março de 2009, um ano antes de morrer), foi buscar a Júlio Dinis a evocação desses serões de província, que definia como histórias contadas normalmente pelo avô da família “não como simples divertimento dos inocentes infantes, mas como peça fundamental de um bom sistema educativo, percursora, de alguma forma, do juramento com que as testemunhas se comprometem, ou comprometiam, a dizer a verdade, toda a verdade e só a verdade”. O que parece central, é o cruzamento de biografias e destinos históricos diferenciados e desejavelmente contraditórios e conflituantes, e a sua representação a cargo de gente comum – letrados, doutores, padres, estudantes, conhecidos e menos conhecidos. E, por fim, que tais encontros nos proporcionem aprendizagens e consciencializações. É tudo isto que agradeço ao Hélder, julgo que todos te agradecemos, e que penso que os nossos concidadãos te devem agradecer. Sendo que a melhor forma de agradecer é aproveitar-te a inspiração e seguir-te o exemplo.»

Maria Helena Carvalho dos Santos (Historiadora):

«Diderot, no Século XVIII, empenhou-se enormemente na elaboração da sua Enciclopédia – quando terminou tinha deixado um monumento de A a Z... o primeiro volume apareceu em 1751 e contém o discurso preliminar escrito por D'Alembert. Os dois últimos volumes apareceram já em dificuldade em 1772. Mas Hélder Costa inventou outra aproximação da Filosofia, do Conhecimento, da Política. Sobre um tema que se mantém filosoficamente interessante, ele senta à mesma mesa três criaturas teatralmente vestidas à moda de várias épocas e tempos e coloca-as em situação de defenderem as suas opiniões ou atitudes, por norma contraditórias entre si e aptas para destruírem as ideias dos outros, num colóquio coloquial, grotesco ou exaltado, que também nos oferece, à plateia, as diferenças que uma boa discussão filosófica deve apresentar. Este é o Hélder Costa que vou revendo como construtor da Filosofia e da História, mas não queria deixar de lembrar também o Hélder que me fazia aulas na Universidade Nova de Lisboa, pelos anos 80 do outro século e explicava aos meus alunos quem fora Fernão Mendes Pinto. E mais! Que não cabe tudo nesta nota, mas que lha envio com um abraço muito fraterno.»

Documento 30

Documento respetivo à proposta do guião de D. Leonor de Daun, do projeto «Viagens Históricas», a ser posto em prática no Palácio Marquês de Pombal.

Viagens Históricas

Descrição do Projeto:

Situamos o projeto “Viagens Históricas” no Palácio Marquês de Pombal, um monumento de valor patrimonial e histórico muito considerável, no seu conjunto, tratando-se do único monumento nacional de Oeiras. Através do estudo e experiência de vários autores e profissionais relacionados com todo o percurso da História Viva em Portugal, estamos convictos de que o recurso à dramatização para a interpretação de temas históricos é mais eficaz quando se faz uso da primeira pessoa. Assim, propomos a criação de visitas guiadas no Palácio em Marquês de Pombal, em que as várias personagens históricas com ele relacionado, contam a história da Casa de Oeiras e da família Pombal, na primeira pessoa.

Mais concretamente, num dia específico de cada semana do mês, considere-se sábado à tarde, uma personalidade relacionada com o Palácio conta a sua história na primeira pessoa, por exemplo: Na primeira semana de março temos D. Leonor Ernestina de Daun (Marquesa de Pombal, segunda esposa do primeiro Marquês), na segunda semana Sebastião José de Carvalho e Melo (Marquês de Pombal), na terceira o segundo Marquês de Pombal, Henrique José de Carvalho e Melo e, por último, a segunda Marquesa de Pombal, D. Antónia de Menezes, na última semana do mês. Isto, repetido durante um determinado espaço de tempo, consoante também a procura.

O discurso de cada uma das personagens é adaptado consoante as mesmas, integrando factos históricos relacionados diretamente com cada uma das personalidades históricas individualmente. Num só guião nunca estarão implícitas todas as informações, estas serão distribuídas de forma sentida pelas diversas personagens, de forma a motivar os públicos a visitarem o palácio mais vezes e conhecerem novos factos e novas personalidades históricas. No presente documento, propomos o guião de D. Leonor de Daun.

Condução da visita:

A visita terá início na entrada do antigo solar barroco joanino, na Sala de Vaga ou Vaza (o espaço de espera e acolhimento das visitas), seguindo-se pelo Salão Nobre, salas adjacentes, terraço, corredor até à Capela, Sala das Tribunas e Sala da Concórdia. Depois, voltando um pouco atrás, pelo corredor, os visitantes, acompanhados e guiados pela personalidade histórica do respetivo dia, descem até à Copa da Sala de Jantar, Casa do Café e por fim saem para os jardins. Nesta parte exterior da visita, passarão primeiro pelo jardim das Araucárias e Jardim de Buxo, descendo para a parte de baixo onde se encontra a fonte dos Embrechados. Depois de contemplar esta fonte e de se contar a sua história, o grupo segue a visita pelo Jardim das Rosas, atravessando pela ponte que liga diretamente à Cascata dos Poetas, sendo esse o próximo ponto de paragem. Depois passam ao Lagar, ao Jardim das Merendas e à Fonte das Quatro Estações. Atravessando pelo meio do jardim, depois desta fonte, passa-se a ponte em frente, saindo pelo portão no seguimento da estrada. Por fora do palácio, o grupo entrará na capela, onde a visita terá o seu término e a personagem abandona os visitantes.

Algumas informações-chave sobre a família:

O Palácio Marquês de Pombal foi sempre uma Quinta de Recreio, para o Marquês e os seus dois irmãos.

Teresa de Noronha foi a primeira esposa de Marques (era 13 anos mais velha e nos 16 anos de casamento não tiveram filhos. A senhora morreu.), sendo Leonor de Daun a segunda esposa de Marquês em 1745, que ele conheceu enquanto embaixador de Portugal na Áustria. D. Maria Ana de Áustria, mulher de D. João V, favoreceu o casamento, dando igualmente a sua bênção.

D. Teresa partiu sem deixar descendência a Sebastião, mas deixou-lhe uma grande extensão de fortuna. O casamento com Leonor foi uma catapulta na posição do poder do Marquês, principalmente quanto ao seu conhecimento e aumento dos contactos internacionais. Tinham também uma importante relação de confiança entre si, pais de sete filhos e senhores de uma proximidade pelas pessoas, que partiu muitas vezes de Leonor.

Segundo vários viajantes que visitaram Portugal no século XVIII a família Pombal é apontada como gentil e que convive com estrangeiros, contrariamente à restante aristocracia portuguesa. Conheciam a língua francesa, inglesa e italiana e alemã.

D. Leonor terá influenciado fortemente toda a decoração do Palácio Marquês de Pombal.

Informações extra:

Existem projetos para a construção de um edifício específico para albergar os serviços e a própria a Câmara Municipal de Oeiras, para que o Palácio fique livre. É igualmente intenção desta Câmara Municipal comprar e recuperar a casa da pesca, reconstituindo todo o caminho entre a mesma e o Palácio. Nesse caso, seria possível adaptar o guião e respetiva visita ao Palácio na sua totalidade, através de uma nova investigação que permitisse colmatar a visita com factos históricos relacionados com as novas salas disponíveis.

A visita terá a duração de uma hora e será realizada para todo o tipo de público, podendo ter que se adaptar o discurso da personagem consoante o público em questão (público em geral, escolas, centros de dias, entre outros).

Bibliografia a consultar para estudo da personagem e compreensão do contexto em que viveu:

- ARIES, Philippe; DUBY, Georges (Dir.), *História da Vida Privada, do Renascimento ao Século das Luzes*, vol. III, Ed. Afrontamento, Porto, 1889-1991.
- BARATA, José, *A Vida na Corte Portuguesa – Os palácios reais e a exuberância das festas, banquetes e indumentárias ao longo de 760 anos de monarquia*, Verso de Kapa, Lisboa, outubro de 2013.
- BARROS, Maria de Fátima Rombouts de (2017), “A Praça Pombalina de Oeiras”, *Revista nº1, História, Cultura, Património*, Espaço e Memória: 24 – 34.
- BARROS, Maria de Fátima Rombouts de (2018), “Abundância e Arte – deambulação pela Casa Marquês de Pombal em Oeiras, ao encontro das obras finais e dos tetos pintados por Pedro Alexandrino de Carvalho”, *Revista nº2, História, Cultura, Património*, Espaço e Memória: pp. 44 - 75.
- DIAS, Rodrigo Alves Rodrigues, *A Quinta de Recreio dos Marqueses de Pombal, Oeiras*, Gráfica Europam, Oeiras, 1987.

- CRESPO, Maria Teresa, *O teto da Sala da Concórdia no Palácio do Marquês de Pombal em Oeiras – relatório analítico-descritivo sobre uma obra de arte particular*, Edição do Município de Oeiras, Taligraf, Oeiras, 2009.
- GASPAR, Ana Teixeira, *Convívio e sociabilidade da família Pombal no Palácio do Carvalhos na Rua Formosa*, Texto não editado.
- GASPAR, Ana Teixeira, *Criados e serventes dos marqueses de Pombal no século XVIII*, Texto não editado.
- GASPAR, Ana Teixeira, *D. Leonor de Daun, 1ª condessa de Oeiras e marquesa de Pombal*, Cadernos de História e Património 1, Espaço e Memória, Oeiras, 2015.
- GASPAR, Ana Teixeira, *Lazer e sociabilidade da família Pombal nos finais do século XVIII*, Texto não editado.
- GASPAR, Ana Teixeira, *Vida social dos primeiros marqueses de pombal*, Texto não editado.
- LAVRADOR, Maria Helena, *Alguns aspetos da sociedade portuguesa do século XVIII através do seu teatro original e traduzido*, tese de licenciatura em Filologia Românica, Faculdade de Letras, Lisboa, 1945.
- LOPES, Maria Antónia, *Mulheres, espaço e sociabilidade – A transformação dos papéis femininos em Portugal à luz de fontes literárias*, Livros Horizonte, Lisboa, 1989.
- MECO, José, BOIÇA, Joaquim M. F., *Arquitetura e urbanismo na época pombalina*, 1º Edição Espaço e Memória, Associação Cultural de Oeiras, Projeção Arte Gráfica, Lda, Oeiras, 2015.
- MIRANDA, Jorge (2017), “O Pelourinho – um símbolo da autarquia oeirense”, *Revista nº1, História, Cultura, Património*, Espaço e Memória: 34 - 38.
- MIRANDA, Jorge, *Pombal e Oeiras – da história do concelho de Oeiras*, Edição Espaço e Memória, Associação Cultural de Oeiras, Agir – Produções Gráficas, Oeiras.
- SANTOS, Francisco Ildefonso dos, *Memorial Histórico ou Colecção de Memórias sobre Oeiras, Desde seu princípio como Lugar e Cabeça de Julgado, e depois Vila, com o título de Condado e Cabeça de Concelho*, II Volume, Edição da Câmara Municipal de Oeiras, Oeiras, 1982.

- SANTOS, Francisco Ildefonso dos, *Memorial Histórico ou Colecção de Memórias sobre Oeiras, Desde seu princípio como Lugar e Cabeça de Julgado, e depois Vila, com o título de Condado e Cabeça de Concelho*, III Volume, Edição da Câmara Municipal de Oeiras, Oeiras, 2000.
- SANTOS, José Gomes dos (2017), “A Consagração da Capela de N. Sra. Das Mercês do Palácio Marquês de Pombal, em Oeiras”, *Revista nº1, História, Cultura, Património*, Espaço e Memória: 52 - 58.

Imagens de D. Leonor de Daun:





Notas sobre D. Leonor de Daun:

- Uma senhora vestida com arte e gosto, plena de espírito;
- Atenciosa, recebe sempre bem os seus convidados, boa anfitriã, simpática;
- Inteligente, dedicada, aristocrata;
- Pela altura da visita, D. Leonor estaria em Portugal há 27 anos (desde o final do ano de 1749), portanto falaria com pouco sotaque;
- Teria, pela altura da visita, 55 anos e 7 filhos;
- Uma mulher forte, com um “Espírito natural”;
- Era feliz e extremosa, sobretudo relativamente à família.
- No entanto, pela altura representada, afirma ter feito calo, ser endurecida, mas já sem gosto, com pouco ânimo e cuja saúde a isso padece (deve ser encontrado, por isso, um compromisso na representação desta personalidade histórica).
- A ter em conta que D. José I morreu a 24 de fevereiro de 1777 e a sucessora, D. Maria I, não tardou a condenar o Marquês de Pombal ao ostracismo, tendo este e a sua esposa, D. Leonor, partido para o exílio em Pombal no dia 9 de março de 1777, onde chegaram dia 15 de março do mesmo ano.

Documentos históricos a ter em conta / a apresentar na visita:

Porém, a grande preocupação dos marqueses de Pombal e dos restantes membros da família consistia na necessidade de assegurar a descendência da casa, o que levou D. Leonor a suplicar um neto à nora, em sucessivas cartas. Assim, de Pombal, a 14 Fevereiro de 1775, escreve que: *“Estas duas regras, são acompanhadas de mil abraços; e parabéns do dia que tanto a mim como a Você toca; Deus nos conserve este gentil Rapaz; e lhe dê as fortunas que eu e você desejamos; e você / garba dona / dá me a luz; já, já um bambino / que o quero galantino e bem feito; (...) e me faça nomear avó que da minha casa não sou ainda”*¹⁸⁵ e ainda noutra carta: *“eu a amo; a estimo dentro do meu coração e lhe desejo tanto bem; que mo devia agradecer em me dar hum neto a toda a pressa; mas você é uma preguiçosa”*¹⁸⁶.

Carta 1: Carta de D. Leonor de Daun à Condessa, 14 de fevereiro de 1775 (in GASPAR, Ana Teixeira, *D. Leonor de Daun, 1ª condessa de Oeiras e marquesa de Pombal*, Cadernos de História e Património 1, Espaço e Memória, Oeiras, 2015.).

Pombal e 3^{me} Avril 1777

Ma belle Condesse, Notre attention Mobliya
de jour En jour: je ne puis répondre toutes
fois y je ne desire; il faut faire plus d'une
lettre. Vous estes beaucoup, & j'y n'ay pas le
temps à mon loisir; mon roman est seule
e je dois l'accompagner, je tremble pour la vie
il me donne de l'inquiétude; il est mal porté
ces jours: aujourd'hui il a vomie & n'a pas
eu de l'indigestion, il a jetté plus de
glaise q' de Manger: & nous sommes sans
medecin; bon Dieu secour nous; je ne puis
encore Comter un jour sans inquiétude
e sans Verser des larmes plus ou moins,
je suis fache de Vous l'amentes toujours
e n'ay rien En gaieté. A Vous dire bon
je laisse à Mariette le soin de Vous amuser
mais la pauvre elle j'ay pitié d'elle. Elle parta

Carta 2: Carta de D. Leonor de Daun à Condessa, 3 de abril de 1777 (Biblioteca Nacional Portuguesa, Coleção Pombalina, Códice 711, fl. 4, in GASPAR, Ana Teixeira, *D. Leonor de Daun, 1ª condessa de Oeiras e marquesa de Pombal*, Cadernos de História e Património 1, Espaço e Memória, Oeiras, 2015.).

Dombal 22 d'Agosto
1779
Parmanie Comtesse; Non me di q'k'vous
Etes; grace; Belle, e bien portante; je Vous
En felicite; e Vous en fait mes Complimens
La Deu; il ne Vous manque qu'un petit
Enfant; q'j'espere les Bains e les Auro
q'Vous Vus feroient le miracle; e q'
C'est-à-dire si l'air de Dombal influra
sur Vötre imagination e q'Vous Engendrer
un Dombaliste; a l'exemple de Maria
Amalia; Anime Vous ma Belle, e Vötre
Mari aussi e donnez vous cette satisfaction
a Dieu tres chere. Comtesse je ne Vous di
rien de plus; mes sœurs ne me permettent pas
encore beaucoup d'application; je Vous embrasse
e suis Vötre Mama de
tout coeur

Carta 3: Carta de D. Leonor de Daun à Condessa, 22 de agosto de 1779 (Biblioteca Nacional Portuguesa, Coleção Pombalina, Códice 711, fl. 16, in GASPAR, Ana Teixeira, *D. Leonor de Daun, 1ª condessa de Oeiras e marquesa de Pombal*, Cadernos de História e Património 1, Espaço e Memória, Oeiras, 2015.).

Pombal em 14 de Junho de 1778.
 Meu Filho de. Meu Coração. ¹¹⁶
 Achei de l. docemente me trouxer dois grandes
 p. l. y. Num ceder Córputa em Oeyras; Dito
 Ater sua. Sua existência porcausa o Remé-
 dio dos banhos applicados a Minha Querida
 Filha a Senhora Condessa. Remedio com
 que Entendo hum grande esperanca de
 que a Nossa Larã tenha a felicidade de ser
 continuada pela dita Senhora.
 Omito narreis da Leferida Villa machão
 com castigador da sua Negra ingratitude à
 Minha Quencia, com a probreza a que
 depois della se acham Educados.
 He preciso que logo rememante dizen
 queres são os Procatórios e Ordens de fora que

Carta 4: Carta mandada escrever pelo Marquês de Pombal, a 14 de junho de 1778, ao primogénito Henrique, congratulando-se pelos Condes de Oeiras se encontrarem a residir em Oeiras, mas também pela nora, D. Antónia, estar a tomar banhos de mar para garantir a descendência. (Biblioteca Nacional Portuguesa, Coleção Pombalina, Códice 714, fl. 116, in GASPAR, Ana Teixeira, *D. Leonor de Daun, 1ª condessa de Oeiras e marquesa de Pombal*, Cadernos de História e Património 1, Espaço e Memória, Oeiras, 2015.).

Embal em 9 de Agosto de 1778.
147
Meu Filho de Mulheração. Faço
esta resposta às tuas duas Cartas de 31.
de Julho e do 1.º do corrente, as quaes lueby com
todos os Papéis que as acompanharam:
Agradando-me com acerteza de que Minha
querida Filha a Senhora Condessa te-
nha achado nos banhos e Ares de Oeiras
tudo o beneficio que me dizes; desejando, que
os banhos do Estoril produzão os melhores
effeitos. Eu fico naturalisa da Reporta do
infame Libello do malvado Francisco José
Soares. Creyo que a mesma Reporta

Carta 5: A 9 de agosto de 1778 o marquês de Pombal volta a escrever ao primogénito congratulando-se com a sua permanência e da nora em Oeiras, onde esta última toma banhos de mar (Biblioteca Nacional Portuguesa, Coleção Pombalina, Códice 714, fl. 147, in GASPAR, Ana Teixeira, *D. Leonor de Daun, 1ª condessa de Oeiras e marquesa de Pombal*, Cadernos de História e Património 1, Espaço e Memória, Oeiras, 2015.).

Decorridos dois anos de exílio, a 16 de Abril de 1779, novamente em carta dirigida à nora D. Antónia, a marquesa lamenta-se desta forma: *"estes dois anos continuados que aqui me acho em Pombal; tenho feito calo; sou endurecida; mas sou sem gosto; até para os meus próprios filhos; pois não sei já que lhes dizer; nem me achei d'animo escrever a Henrique de mão própria; e a minha saúde por isso padece"*¹³¹.

Os invernos rigorosos de Pombal são igualmente referidos, pelo marquês em carta dirigida ao primogénito Henrique, a 6 de Março de 1778: *"ficamos porém confinados ao canto da chaminé para resistirmos aos rigorosos frios, que nos não permitem sair de casa, e daquela mesma solidão, em que nos vistes"*¹³² e, mais tarde, a 3 de Dezembro de 1778, à condessa de Oeiras, sua nora: *"A nossa [saúde] não tem padecido até agora as impressões dos rigorosíssimos frios, e tormentos, que há meses fazem a residência do Campo desagradável e incómoda."*¹³³ Também a marquesa em carta escrita à filha Maria Amália

faz referência aos rigores de Pombal: *"aqui temos uns frios insuportáveis; não há cheminés que basta; e não me sei mexer, estou toda encolhida e com luvas calçadas escrevo esta que me custa infinita"*¹³⁴.

Carta 6: A 16 de abril de 1779, a marquesa escreve à condessa sua nora, sobre as condições nas quais tem vivido. A 6 de março e, mais tarde, em dezembro, de 1778, o marquês havia já referido ao seu primogénito e à sua nora, respetivamente, essas mesmas condições. (in GASPAR, Ana Teixeira, *D. Leonor de Daun, 1ª condessa de Oeiras e marquesa de Pombal*, Cadernos de História e Património 1, Espaço e Memória, Oeiras, 2015.).

Guião de D. Leonor Ernestina de Daun:

Estamos na primeira semana de março de 1777. O grupo visitante chegará ao Palácio e será acompanhado pela monitora do Palácio até à sala de espera (ou sala vaza), onde aparecerá por D. Leonor de Daun, que dá as boas-vindas aos convidados, fazendo questão de lhes mostrar pessoalmente a sua casa de veraneio de Oeiras.

D. Leonor de Daun: Sois muito bem-vindos a esta casa. Sou Leonor de Daun, Marquesa de Pombal, e irei eu mesma levar vossas excelências a conhecer a nossa casa, minha, de meu esposo Marquês de Pombal, Sebastião José de Carvalho e Melo, e da família Pombal. Não era hábito que cá estivesse a um sábado, exceto no Verão, mas dadas as circunstâncias do mandato do nosso exílio, estamos a tratar de alguns assuntos, usufruindo, pelo menos, dos ares, tão agradáveis, dos jardins que esta casa possui. O meu esposo encontra-se, por ora, a descansar, pois está um pouco doente. Os criados tratam de arrumar e limpar a cozinha, pois acabamos de jantar faz pouco tempo, tendo ainda muito trabalho pela frente, pois precisam de continuar a arrumar as nossas coisas. Assim, poderei mostrar-vos calmamente a casa, aproveitando para salientar vários pormenores que eu própria, como estrangeira, acho interessantes. Onde estais de momento, é o corpo central do solar original barroco joanino, edifício herdado pelo meu esposo quando ainda não era conde nem marquês (ou meu esposo), através do seu tio. As alterações e extensão do edifício foram feitas a mando do marquês, por Carlos Mardel, o mesmo arquiteto da reconstrução da cidade de Lisboa, após o terrível terramoto que a assolou.

Nesta sala onde recebemos os nossos convidados, podeis a toda a volta ver azulejos que representam cenas de caça, uma atividade que era bastante apreciada por todos nós, mais durante o inverno. Mas não vos deixeis deslumbrar, pois no Salão Nobre (*segue o grupo até ao Salão Nobre*) podeis apreciar não somente os azulejos, desta vez com temas de guerra, de batalha, como o teto em estuque, também encomendado por meu esposo. Como amantes de *chinoiserie* que somos (e está muito na moda), este salão, por costume, está repleto de porcelanas chinesas, papel de parede com motivos asiáticos, mobiliário, pinturas chinesas, enfim... pena que não possais vê-los, pois tratamos agora das mudanças para Pombal, tendo em conta o mandato que vos referi. Ainda em relação ao teto, podeis notar a representação da abundância, através de cornucópias e outros elementos que a representam. A execução é fantástica e o local onde melhor se apreciam os estuques, é na capela de Nossa Senhora das Mercês, vinde comigo.

(na passagem do salão pelas salas anexas, refere as mesmas como salas de receção aos visitantes, ligadas entre si e ao Salão Nobre, mostrando igualmente os azulejos que têm a toda a volta, com elementos cómicos repetidos numa espécie de padrão mas com pequenas diferenças entre si, Decide, então, fazer uma paragem no terraço, para conseguir mostrar as infraestruturas adjacentes ao palácio - tudo o que se vê nas proximidades fazia parte do projeto pombalino).

Em frente, mais à direita, podeis observar as cocheiras, que o Marquês mandou edificar em c. de 1760. No frontão ao centro, no corpo principal da cocheira, vemos o brasão da nossa família, mais ornamentado até que o da entrada do palácio, por ser o mais visto da estrada Real que por ali passa. O Pelourinho (*aponta*), local público onde se aplicam as penas aos infratores (punidos pelas autoridades locais), está construído por cima da Casa da Câmara (*prisão*). Ali, é o fontanário, onde as pessoas que passam se abastecem de água para as suas casas. O marquês assim o permite sem limites, pois é um homem bondoso, de grande poder, e gosta de mostrá-lo. A sua bondade é também uma forma de poder. (*O fontanário, a água da casa e do riacho que passa pelos jardins era água que vinha diretamente da fonte do ouro, mais um aspeto inovador, proporcionado pelo Marquês*)

(Saindo do terraço e entrando novamente no edifício pelo mesmo sítio, temos a última sala do solar e passamos para o corredor, sendo esta uma das primeiras casas a ter um corredor, tanto quanto se sabe).

Notais alguma diferença nestes azulejos em relação aos que já vimos? (*diferenças decorativas, nos azulejos por exemplo, que são mais baixos e de motivos mais abstratos com padrões repetidos, ao contrário do que se observa no antigo solar e na sua decoração.*) Eu gosto muito de estar nesta casa porque gozo uma privacidade que nem na Áustria existia, estais a ver? Aqui, há um corredor que afasta os criados do nosso convívio, uma grande inovação do marquês.

Agora entremos na capela (*fazendo o sinal da cruz ao entrar*). Fiz eu questão de pedir ao marquês que incluísse na decoração, motivos do culto mariano, do qual sou muito devota (*em que se vê um A e um M de ave Maria, o sol e a lua no altar...*). Amanhã a capela deverá estar cheia, pois a população de Oeiras acode aqui à missa, gostamos de ver como o povo é religioso. Esta capela é dedicada à padroeira da nossa família, nossa Senhora da Mercês (*no altar lateral está a representação da preparação do martírio de S. Sebastião, por ser o homónimo do Marquês, o santo do seu nome. Do outro lado, estão*

também representados numa pintura da capela São Paulo sobre uma nuvem e são Francisco Xavier, homónimos dos irmãos do Marquês) e as belas pinturas são da autoria do famoso pintor régio, André Gonçalves. Olhai agora S. João Nepomuceno, mártir de origem germânica, remetendo às minhas origens, assim fez questão o Sr. Marquês de demonstrar a importância da nossa relação.

(Percorrem o corredor até à Sala das tribunas).

Esta é a sala da tribuna, de onde eu e o marquês, ou mesmo os seus irmãos, assistíamos às celebrações, com uma vista um tanto privilegiada para o altar. Do vosso lado direito, a sala que fazia parte do antigo solar, onde estais e à vossa esquerda, o edifício novo. Mais de metade desta sala seria do antigo solar e a outra parte, onde a parede foi quebrada, temos o corredor e consequentemente a tribuna para a capela. A estrutura antiga funde-se com a nova. Os motivos florais dos azulejos, em ligação com o do teto que eu tanto gosto, foram todos refeitos depois de 1755, aquando da extensão do edifício original, que o meu marido herdou do seu tio Paulo de Carvalho e Ataíde.

(fala mais baixo) Por aqui são os aposentos do Sr. Marquês, que estão fechados, pois ele descansa. Depois da morte do nosso Rei D. José I e desde que nos condenaram ao exílio – a Rainha D. Maria I, que lhe sucedeu e que tanto odeia meu esposo, e o Rei D. Pedro III – o marquês tem estado combalido e de saúde trémula, tal é o nosso desgosto por não podermos mais usufruir da mesma liberdade de outrora, dando festas, fazendo convívios, saraus, jogos, convidados tantas vezes aqui presentes, enfim... uma profunda tristeza *(e vai seguindo caminho para a Sala da Concórdia)*. Em frente, a Sala da Concórdia, atentai o teto. Vede como meu marido e os seus irmãos, Paulo e Francisco, se davam bem. Chamamos, por isso, a esta sala, a da “Concórdia”, vede como estão abraçados, formando o símbolo do infinito.

Ali por detrás, a figura da fraternidade, segura três feixes de varas unidas, que assim se revelam mais difíceis de quebrar, reforçando a união entre os irmãos e a força das vertentes política, militar e religiosa juntas.

(Voltam atrás, novamente para o solar da época de D. João V. Descendo as escadas, chegam à Copa da Sala de Jantar)

Descei agora comigo à sala de jantar. Esta é a copa, que separa a cozinha da sala de refeições. Eu tenho o costume de lavar as mãos nesta bacia com água canalizada, uma inovação do meu marido, que eu muito aprecio, pois a forma antiga era muito complicada.

Estais espantados? Pois este é o primeiro palácio em Oeiras com água canalizada. Olhai outra novidade. Uma casa para as refeições, em que a mesa está sempre posta. Foi ideia do Sr. Marquês, que achou que seria importante ter um local para as refeições, onde existisse convívio entre a nossa família e entre os convidados também.

Eu aprecio muito chocolate quente, que na Áustria não conhecia. Com um pouco de açúcar e bem misturados, é uma poção dos deuses (*apontando para os azulejos que representam a prova do chocolate, algo que só os mais ricos e poderosos teriam acesso. Vemos também provas de vinho, chá, café e gelado*). Também sou amante de gelados, mas já os conhecia da Áustria, embora aqui sejam mais frescos e saborosos.

Nestas duas bacias, refrescávamo-nos nos dias mais quentes de Verão. Bons tempos os de outrora... A condenação ao ostracismo, pelos reis, foi um golpe duro para a nossa família. Mas enfim, nos bons tempos, (*seguindo para a Casa do Café*) quando os cavalheiros queriam mascar tabaco, vinham para esta sala, para conversarem, demoradamente, como o meu esposo tanto aprecia. Por vezes, nos serões que aqui fazíamos, juntávamos todos os convivas para umas partidas, ora de damas, de bilhar, ora de whist... revelo-vos que as senhoras eram as mais fortes jogadoras! Não posso deixar de chamar a vossa atenção para o teto, onde podeis encontrar Flora, deusa da Primavera e das flores e Zéfiro, um vento tempestuoso que, por amor, se transforma em leve brisa, polinizadora dócil das flores da sua amada. Desta vez, um tema de amor aqui presente.

(*Saindo desta sala temos a sala com temas mais rurais ao centro e à esquerda. sala mais a direita era a pequena sala chinesa. D. Leonor passa por lá para mostrar a decoração e o jardim*).

Nesta pequena sala fiz questão que se representasse novamente *chinoiserie*. Olhai a fauna, a flora, a arquitetura... todas elas representadas desta forma chinesa que tanto apreciamos. Desta janela, podeis ver o jardim francês, inspirado no de Versalhes, muitíssimo agradável para passear. Vinde.

(*Vai direta aos jardins de baixo*)

Aqui, observai atentamente esta fonte de embrechados. Foi oferecida por meu esposo, ainda hoje um dos meus sítios favoritos nesta casa. Vede as letras que decoram esta fonte? (*Toda ela é decorada com conchas, e com pedaços de loiça partida, com L e S., muito romântico*).

(Passam diretamente para a Cascata dos Poetas e pelo caminho, D. Leonor vai conversando).

Por estes jardins gostávamos de passear depois do jantar, trazendo os nossos convidados a pé, ou a cavalo. Gostávamos de jogar ao jogo da Pela, do lançamento do Pião ou do Jogo do Pelelé. *(Chegando à Cascata dos Poetas)* Outro dos meus recantos favoritos neste palácio, onde sempre gostei de passar serões a ler alguns poemas, acompanhada, de certa forma, por Tasso, Camões, Homero e Virgílio que vedes aqui representados, na chamada Cascata dos Poetas.

(Passam, depois, ao Lagar)

Nesta quinta produz-se ainda vinho, cenouras, nabos, melões, maçãs, enfim... o que não podíamos comer, vendíamos, até mesmo os frutos do laranjal. O vinho de carcavelos tem sido muito apreciado pelos nossos convidados.

(Passando pelo Jardim das Merendas e pela Fonte das Quatro Estações).

Mais uma vez, atentai à presença da água nesta quinta, um bem essencial à nossa vida e que não nos contemos em mostrar a abundância com que aqui passa.

(Atravessando pelo meio do jardim na parte desta última fonte, passa-se a ponte em frente, passando também pela adega).

Esta é uma das maiores adegas do país, onde o meu esposo mantém o vinho produzido, em pipas de grande qualidade.

(saindo pelo portão no seguimento dessa estrada, por fora do palácio, em direção à capela)

Quando recebíamos também convidados para as nossas festividades, no final destes passeios, poderiam contar com saraus musicais e poéticos, por vezes até bailes.

(Entram, então, na capela, onde a visita terá o seu término e a personagem abandona os visitantes)

Já aqui estive, de manhã, a rezar para que a minha estimada nora me faça nomear avó, que da minha casa não sou ainda, de um “galantino e bem feito bambino”²⁰⁰. Tenho-lhe escrito que me devia dar um neto a toda a pressa, mas é uma preguiçosa... *(diz com carinho).*

²⁰⁰ Vide Carta 1.

Aproxima-se a hora de me retirar aos meus aposentos no Palácio, deixo-vos aqui para que possam rezar à padroeira da nossa família e para que possais apreciar também toda a decoração de perto, cheia de significado e requinte. Sempre um gosto receber-vos, em tamanha quantidade, fazendo lembrar os tempos de outrora. Um bem-haja a todos vós.

Nota: Este texto deve ser interpretado de forma o mais rigorosa possível, através do estudo da personalidade de D. Leonor de Daun, que pode ser conhecida e compreendida através da leitura dos vários textos e monografias acima citados. O texto pode ser adaptado consoante o público e consoante o decorrer da visita, sendo importante uma profunda investigação, também da parte da atriz, sobre a vida de D. Leonor, a sua relação com a família, sobre a sua vida e sobre o Palácio Marquês de Pombal (de modo a estar preparada para qualquer questão que seja colocada no decorrer da visita). A caracterização deve ser o mais realista e aproximada da imagem que nos chega de D. Leonor, algo que terá influência na escolha da atriz.